

LEANDRO SILVEIRA DE ARAUJO

A EXPRESSÃO DOS VALORES
“ANTEPRESENTE” E “PASSADO ABSOLUTO”
NO ESPANHOL: Um olhar atento a variedades
diatópicas da Argentina e da Espanha



ARARAQUARA – SP
2017

LEANDRO SILVEIRA DE ARAUJO

**A EXPRESSÃO DOS VALORES
“ANTEPRESENTE” E “PASSADO ABSOLUTO”
NO ESPANHOL: Um olhar atento a variedades
diatópicas da Argentina e da Espanha**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Silveira de Araujo, Leandro

A expressão dos valores "antepresente" e "passado absoluto" no espanhol: Um olhar atento a variedades diatópicas da Argentina e da Espanha / Leandro Silveira de Araujo – 2017

410 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Pretérito Perfeito. 2. Temporalidade. 3. Variação Linguística. 4. Gramaticalização. 5. Espanhol. I.
Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Leandro Silveira de Araujo

**A EXPRESSÃO DOS VALORES
“ANTEPRESENTE” E “PASSADO ABSOLUTO”
EM ESPANHOL: Um olhar atento a variedades diatópicas
da Argentina e da Espanha**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Data da defesa: 27/04/2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
UNESP/FCL Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Fátima Aparecida Teves Cabral Bruno
USP

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold
UFRJ

Membro Titular: Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos
UNESP/IBILCE

Membro Titular: Profa. Dra. Angélica T. Carmo Rodrigues
UNESP/FCL Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Certa vez, perdido em uma aula de eletrônica, ouvi um professor que defendia matematicamente que nossas maiores ambições profissionais nos exigiria um esforço estratégico por aproximadamente dez anos. Mesmo nutrindo desde aquela época um desapeço pelos números, me vi somando os dias, meses e anos para chegar até aqui. Assim, a tese desse professor me levou a experimentar o tempo, vivendo diariamente o poder de escolher e alcançar um sonho estabelecido há aproximadamente dez anos, quando inocentemente dizia o que queria ser, sem saber ao certo o caminho que trilharia.

Deixei minha cidade-natal e fui buscar meu sonho na morada do sol – Araraquara-SP. Nessa querida cidade encontrei meu segundo lar: a UNESP, onde me formei em Letras, me tornei Mestre e, agora, Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Essa casa ainda me abriu as portas para iniciar efetivamente meus passos na docência, além de me presentear com grandes amizades.

De fato, entre as muitas experiências que essa jornada me concedeu, os relacionamentos, sem dúvida, foram os melhores presentes recebidos. Devo o mérito deste trabalho aos queridos que se somaram e se aproximaram a mim, mais e mais com os anos, tornando esse caminho mais ameno e agradável. A vocês o meu mais profundo agradecimento! Houve dias de choro, muitos mais de alegria, de ansiedade, de viagens no tempo, no espaço, no interior de mim. Dias de amor, dias de luta, mas também de conquistas. Tantas experiências que não apenas se cumpriram no tempo, mas que também marcaram este trabalho.

Agradeço a Deus, porque, como se não fosse o bastante dar-me o fôlego de vida, ainda me nutriu com sua proteção, inteligência, sabedoria, paciência, saúde, felicidade, sucesso e muito mais do que um dia desejei. Em meio aos desafios, Ele me fez forte e corajoso, abriu-me o caminho e me trouxe, de forma magnífica, até aqui. *Yahweh*, muito obrigado porque seu amor e amizade são eternos, sou feliz e seguro com a certeza diária de sua companhia e porque não há um lugar sequer em que não possa me encontrar. Que nossa amizade cresça e que eu reconheça sempre seus propósitos em minha vida.

Agradeço aos meus pais, pelo orgulho que têm de seu filho. Porque há pouco mais de 10 anos se despediam de mim, quando me lancei ao interior do país para estudar “Letras”. Deixaram-me voar, enxergando em mim o cumprimento de um sonho que tiveram ao se lançar no mundo, ainda jovens, para mudarem o destino de apagamento que esse país, até então, lhes reservava. Obrigado porque, em meu desbravamento, foram a força que muitas

vezes me faltou, a palavra que muitas vezes esquecia, o exemplo que muitas vezes me animou, a determinação necessária para subir o último degrau. Apesar de essa jornada ter nos distanciado, ela também nos fez mais fortes. Saibam que os amo muito, vocês ainda são meu alicerce, força diária de determinação e amor. Obrigado pelo amor incondicional.

Agradeço à Natália, essa flor que chegou para colorir os anos finais dessa caminhada. Quando a tempestade do doutorado começava a se incorporar, Deus me mandou você. E desde então sou feliz todos os dias. Sorrio com seu sorriso pela manhã e pela noite, adoro transformar meus planos em nossos planos. Obrigado por me permitir construir a vida junto a sua. Obrigado por ter a paciência e o manejo necessário nesses últimos dias de escrita da tese.

Agradeço aos meus irmãos, Jônatas e Vinícius, porque são meus olhos na minha ausência na casa de nossos pais. Porque mesmo escolhendo caminhos diferentes para trilhar, sabemos exatamente onde nos encontrar. Obrigado por poder lhes dizer tudo o que quero, mesmo não sendo ouvido como “devo”. Amo vocês e torço pela sua felicidade.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, por todo o conhecimento cuidadosamente e afavelmente compartilhado. O amor que você tem pela profissão tornou o doutoramento mais agradável, instigador e envolvente. Agradeço por me mostrar como é possível ser ético, comprometido e profissional no ensino superior através de uma orientação que não se limitou ao conhecimento linguístico. Obrigado por se preocupar comigo e com meu (nosso) trabalho. Sempre a terei como um modelo profissional.

Agradeço à família *Silveira e Araújo* (tios, avós e primos), porque me assistem e torcem pelo meu sucesso. Por me divertirem nos encontros, agora não tão mais frequentes. Também aos que foram se somando com os anos: a minha cunhada Lilian – que contém os exageros de meu irmão (rs) – e a família *Bisio*, que me adotou como filho e igualmente acompanharam e torceram por esse sonho.

Agradeço, de modo muito especial, aos grandes amigos que a vida me presenteou durante esses anos. Não sei se seria capaz de mencionar todos. De modo especial, não posso deixar de agradecer às minhas primas, Gabriela e Karine, pelos momentos tão felizes que passamos e pelo apoio e torcida desde nossa infância. Obrigado por me inserir em suas famílias e me darem novos primos: Rubner e Renan, e seus bebês, Gigi e Ben. Estar com vocês é algo muito prazeroso e me faz feliz.

Agradeço aos amigos de Cubatão, Karol, Leo, Helo, Bea, Luana, Keyla, Dayse, Guilherme, Tito, Manuel e Silveli, Geovani, Iara, Monique, Elbiana, que na inocência de nossa amizade também me preparam e incentivaram a enfrentar os desafios da vida acadêmica. Apesar da distância, levo-os comigo não apenas na memória, mas no modo como

sou hoje. Vocês me moldaram de um jeito que jamais poderei deixar de ser. Obrigado por cada momento em que estivemos juntos.

Também agradeço aos amigos que os anos na universidade me possibilitaram encontrar. Em especial, à Rafaela, à Natalia Grecco, à Patrícia e à Natalia Wiechmann, grandes amizades conquistadas desde o primeiro dia de aula na UNESP, as quais vêm sendo reforçadas a cada dia, à medida que enfrentarmos juntos os desafios profissionais. Nossa amizade resistiu também ao doutorado e torço para que se estenda ao infinito. Vocês são muito especiais e inspiradoras.

Agradeço aos amigos presenteados pela cidade de Araraquara. Em especial à Jéssica, Évelin, Cláudia, Karenn, Régis, Débora, Simone, Bia, Naiara, Andrea, Lívia, Sueli, Rodrigo, Diulie, Smirna e Miriã pela companhia, amizade e por serem minha família enquanto vivi em *Neverland*. Durante meus anos naquela cidade, vocês foram o suporte que tanto necessitei na vida fora da academia. Sinto a ausência de cada um de vocês e espero poder compartilhar momentos como aqueles novamente.

Agradeço aos amigos “mineiros”, minha nova família em terras estrangeiras. Wendel, Cristiane, Ana Clara, Renato, Esley, Shirley, Weverton, Leidy, Gabriel, Raquel, Leonardo, Ana Luísa, Rafael, Salete, Eliezer, obrigado por me acolherem e me concederem momentos tão felizes em Uberlândia. Que nossos filhos possam ter a oportunidade de comer a comida do tio Wendel.

A todos los amigos que me ha brindado la estancia doctoral en Madrid. Cinthia, Esther, Luis, Estefanía, José, Estera, Dani, Vanessa, muchas gracias por el aguante, por el sueño que hemos compartido y por la fuerza en las horas menos dulces. Ojalá podamos reencontrarnos pronto y repetir los buenos momentos.

Agradezco a la Profesora Doctora Inés Fernández-Ordóñez por haberme recibido en la Universidad Autónoma de Madrid. Sus clases y charlas me han aportado muchas contribuciones a este trabajo y a mi formación general. Igualmente, agradezco a los profesores doctores Azucena Palacios Alcaine, Elena de Miguel Aparicio y Javier Elvira González por permitirme acompañar sus clases y discutir algunos temas relacionados a este trabajo. Han sido muy importantes en mi formación en lingüística hispánica.

Agradeço também aos meus colegas professores e funcionários da Universidade Federal de Uberlândia, Ariel Novodvorski, Heloísa Mara, Cintia C. Vianna, Karla Cipreste, Rosemira M. Souza e Carolina Afonso. Muito obrigado pela compreensão durante essa etapa e pela torcida pelo meu afastamento e conclusão do doutorado. Espero poder retribuir minha ausência com muito trabalho para que essa equipe se fortaleça mais e mais.

Agradeço a todos os alunos que ao longo de minha breve experiência na docência se sentaram para me ouvir, compartilhar e construir conhecimento. Estar com vocês me faz feliz e seguro do caminho profissional que escolhi. Em especial, agradeço a minhas orientandas de Iniciação Científica, Laura Coradi e Carolina Salvino, pela confiança e descobertas compartilhadas.

Agradeço, de modo geral, a todos os professores que de alguma maneira contribuíram para que eu chegasse onde estou hoje. Aos professores do Colégio Adventista de Santos, da FORTEC e do IFSP de Cubatão, da UNESP/Araraquara, da UNCuyo/Mendoza-Argentina, da UAM/Madri-Espanha. Em especial, agradeço os meus grandes mestres no hispanismo que, desde antes da graduação, me apresentaram essa língua e cultura tão fascinante. Professores, obrigado por compartilhar os conhecimentos que carrego comigo e por serem referências na minha vida profissional.

Às professoras que compuseram os exames de qualificação e defesa, Angélica Rodrigues, Egisvanda Sandes, Fátima Cabral Bruno, Mercedes Sebold, Sandra Gasparini Bastos, agradeço pelas leituras atenciosas feitas nessas etapas avaliativas. Obrigado pelo cuidado e generosidade nos comentários e contribuições.

Agradeço a CAPES, pela bolsa de pesquisa no início do curso de doutorado e pela bolsa doutorado-sanduíche no exterior (PDSE).

Agradeço ao ILEEL/UFU pelo afastamento concedido para cursar os dois anos finais do doutorado.

Enfim, agradeço a todos vocês que me trouxeram até aqui. O meu EU já não cabe mais em mim porque já não me vejo existindo sem vocês.

Muito obrigado!!!

Muchas gracias!!!

“A arte nunca está terminada, é apenas abandonada”
Leonardo da Vinci

“Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu.
Tempo de nascer,
e tempo de morrer;
tempo de plantar,
e tempo de arrancar a planta.
Tempo de matar,
e tempo de curar,
tempo de destruir,
e tempo de construir.
Tempo de chorar,
e tempo de rir;
tempo de gemer,
e tempo de bailar.
[...]
Tempo de amar,
Tempo de odiar;
tempo de guerra
e tempo de paz.”
(BÍBLIA, Eclesiastes, 3, 1-4 e 8).

RESUMO

Este trabalho visa à descrição da expressão do **antepresente** (**AP** – *Este año se han tirado trescientos millones de litros de agroquímicos*) e do **passado absoluto** (**PA** - *El Ministerio de Seguridad difundió ayer la identidad de las víctimas*) em Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán. O interesse decorre da variação observada entre as formas do *pretérito perfecto compuesto* (PPC – *han tirado*) e *simple* (PPS – *difundió*) na expressão desses sentidos e das descrições ainda limitadas, que proporcionam um conhecimento incipiente sobre o uso do PPC e do PPS expressando tais valores nas regiões noroeste e bonaerense da Argentina e na região denominada castelhana da Península. Em complemento, o estudo diacrônico dessas formas indica a existência de um processo de mudança que opera sobre a forma composta – originalmente marcada por valores aspectuais (resultado/continuidade) –, transformando-a em uma construção temporal que expressa valor de anterioridade à fala, isto é, **antepresente** e, mais adiante, **passado absoluto**. Consequentemente, a mudança no PPC ocasionou um rearranjo no uso do PPS. A fim de proceder ao estudo desse comportamento heterogêneo do *pretérito perfecto*, valemo-nos do referencial teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista e da Gramaticalização, isso para identificar o encaixamento dessa variação nas três variedades diatópicas e avaliar se os estados descritos em cada uma delas correspondem a diferentes estágios de mudança. Nossa análise de dados pautou-se em um *corpus* constituído por enunciados pertencentes a entrevistas radiofônicas das três variedades, pois esse gênero discursivo propicia um contexto adequado para a recorrência desses valores, além de resgatar uma fala mais espontânea. Finalmente, procedemos a uma análise multivariada que, com auxílio do *Goldvarb Yosemite*, indicou, por meio de dados estatísticos, fatores que ajudam a explicar o encaixamento dessa variação nas variedades diatópicas da língua. Os resultados finais apontam um uso mais recorrente da forma composta em Madri, variedade que é seguida por San Miguel de Tucumán e, mais distante, por Buenos Aires. Em especial, Madri apresenta um uso categórico do PPC no âmbito de **AP** e um pequeno uso dessa forma no **PA**. San Miguel de Tucumán aponta um percentual ligeiramente maior que Madri no uso do PPC no **PA**, porém apresenta um uso bastante variável do PPC e do PPS no **AP**, aumentando o percentual da forma composta, conforme se amplia a referência temporal de **AP**. Comportamento que também se observa em Buenos Aires. Contudo, a exceção dessa última variedade reside no uso categórico do PPS no **AP imediato** e no menor percentual de PPC no **PA**. Documentamos também um uso do PPC marcado pelos valores de **resultado**, **continuidade** e **passado genérico** nas variedades argentinas. Como conclusão, demonstramos que (i) conforme a variedade diatópica, PPS/PPC estão em variação em um ou mais âmbitos temporais; (ii) o tipo/abrangência da referência temporal é um fator determinante no comportamento do PPS/PPC; (iii) o estado de uso do PPS/PPC em cada variedade corresponde a diferentes estágios de gramaticalização das formas do *pretérito perfecto* no espanhol e, finalmente, (iv) que há uma limitação entre a literatura existente e o uso que efetivamente observamos nessas variedades.

Palavras-chave: Pretérito Perfeito. Temporalidade. Variação Linguística. Gramaticalização. Espanhol.

ABSTRACT

This thesis aims to describe the expression of the **ante-present** (**ANT** – *Este año se han tirado trescientos millones de litros de agroquímicos*) and the **absolute past** (**ABS** - *El Ministerio de Seguridad difundió ayer la identidad de las víctimas*) in Madrid, Buenos Aires and San Miguel de Tucumán. The interest comes from the variation observed between the forms of the *pretérito perfecto compuesto* (PPC – *han tirado*) and *pretérito perfecto simple* (PPS – *difundió*) in the expression of these meanings and still limited descriptions, which provide an incipient knowledge about the use of PPC and PPS expressing such values in Buenos Aires and northwest of Argentina and in the Peninsula's region called Castilian. In addition, the diachronic study of these forms indicates the existence of a process of change that operates on the compound form – originally marked by aspectual values (result/continuity) –, transforming it into a temporal construction expressing anteriority to speech, that is, **ante-present** and, later, **absolute past**. Consequently, the change in the PPC caused a rearrangement in the use of the PPS. In order to study this heterogeneous behavior of the *pretérito perfecto*, we used the theoretical-methodological framework of Variationist Sociolinguistics and Grammaticalization. Thus, we identified the “embedding” of this variation in the three diatopic varieties and evaluated if the states described in each of them correspond to different stages of change. The data analysis was based on a corpus consisting of statements belonging to radio interviews of the three varieties, since this discursive genre provides a suitable context for the recurrence of these values, besides registering a more spontaneous speech. Finally, a multivariate analysis was performed with the help of *Goldvarb Yosemite*, indicated, through statistical data, factors that help to explain the “embedding” of this variation in the diatopic varieties of the language. The final results showed a more recurrent use of the compound form in Madrid, variety that is followed by San Miguel de Tucumán and, more distantly by Buenos Aires. In particular, Madrid presents a categorical use of PPC within the scope of **ANT** and a small use of this form in **ABS**. San Miguel de Tucumán indicates a slightly higher percentage than Madrid in the PPC use in **ABS**, but presents a very variable use of PPC and PPS in the **ANT**, increasing the percentage of the compound form, as the temporal reference of **ANT** increases. Performance that is also observed in Buenos Aires. However, the exception of this last variety lies in the categorical use of PPS in the **immediate ANT** and in the lower percentage of PPC in the **ABS**. It was also observed a use of the PPC marked by the values of **result**, **continuity** and **generic past** in the Argentinean varieties. In conclusion, it is demonstrated that (i) according to the diatopic variety, PPS / PPC are in variation in one or more temporal scopes; (ii) the type/extent of temporal reference is a determining factor in the behavior of the PPS / PPC; (iii) the state of use of the PPS/PPC in each variety corresponds to different stages of grammaticalization of the *pretérito perfecto* forms in Spanish, and finally (iv) there is a limitation between the present literature and the use that it was effectively observed in these varieties

Keywords: Present perfect. Temporality. Linguistic Variation. Grammaticalization. Spanish.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo la descripción de la expresión del **antepresente** (**AP** – “Este año se han tirado trescientos millones de litros de agroquímicos”) y del **pasado absoluto** (**PA** – “El Ministerio de Seguridad difundió ayer la identidad de las víctimas”) en Madrid, Buenos Aires y San Miguel de Tucumán. El interés se debe a la variación observada entre las formas del **pretérito perfecto compuesto** (PPC – “han tirado”) y **simple** (PPS – “difundió”) en la expresión de dichos valores y a las descripciones todavía limitadas que proporcionan un conocimiento incipiente sobre el uso del PPC/PPS expresando tales valores en las regiones bonaerenses y noroeste de Argentina y en la región llamada castellana de la Península. Además, se ha apuntado, con los estudios diacrónicos sobre esas formas, la existencia de un proceso de cambio que sufre la forma compuesta – inicialmente marcada por valores aspectuales (resultado/continuidad) –, convirtiéndola en una construcción temporal que expresa valor de anterioridad al habla, es decir, **antepresente** y, más tarde, **pasado absoluto**. Por consiguiente, el cambio en el PPC ha causado un reordenamiento en el uso de PPS. Con el fin de realizar el estudio de ese comportamiento heterogéneo del “pretérito perfecto”, hemos hecho uso del marco teórico y metodológico de la Sociolingüística Variacionista y de la Gramaticalización, ello para identificar la incorporación de esa variación a las tres variedades diatópicas y evaluar si los estados descritos en cada una de ellas corresponden a diferentes etapas de cambio. Nuestro análisis se basa en datos de un *corpus* que se constituye por enunciados recogidos de entrevistas radiales de las tres variedades, ya que este género discursivo nos ha brindado un contexto adecuado para la recurrencia de esos valores, además de recuperar un discurso más espontáneo. Finalmente, se ha realizado un análisis multivariante que, con la ayuda del *Goldvarb Yosemite*, ha indicado, por medio de datos estadísticos, los factores que ayudan a explicar la incrustación de este cambio en las variedades diatópicas de la lengua. Los resultados finales han mostrado un uso más recurrente de la forma compuesta en Madrid, variedad a la que sigue San Miguel de Tucumán y, luego, Buenos Aires. En particular, Madrid ha presentado un uso categórico del PPC en el ámbito de **AP** y un pequeño uso de esa forma en el **PA**. San Miguel de Tucumán ha señalado un porcentaje ligeramente más alto que Madrid en el uso del PPC en el **PA** y un uso muy variable del PPC y del PPS en el **AP**, así es que el porcentaje de la forma compuesta aumenta con la ampliación de la referencia temporal de **AP**. Comportamiento que también se ha observado en Buenos Aires. Sin embargo, la excepción de la última variedad radica en el uso categórico del PPS en el **AP inmediato** y el porcentaje más bajo de PPC en **PA**. También hemos documentado un uso PPC marcada por los valores de **resultado**, **continuidad** y **pasado genérico** en las variedades argentinas. En conclusión, hemos demostrado que (i) según la variedad diatópica, PPS/PPC están en variación en uno o más ámbitos temporales; (ii) el tipo/alcance de la referencia temporal es un factor determinante en el comportamiento del PPS/PPC; (iii) el estado de uso del PPS/PPC en cada variedad corresponde a diferentes etapas de gramaticalización de las formas del “pretérito perfecto” en español y, finalmente, (iv) que hay una limitación entre la literatura existente y el uso que hemos observado efectivamente en esas variedades.

Palabras-claves: Pretérito Perfecto. Temporalidad. Variación Lingüística. Gramaticalización. Español.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.1: DA RELAÇÃO MR E MF.....	50
FIGURA 1.2: DA RELAÇÃO ME E MR.....	50
FIGURA 1.3: DOS <i>TEMPORA</i> DA LÍNGUA INGLESA.....	50
FIGURA 1.4: DA ORGANIZAÇÃO DOS <i>TEMPORA</i> DA LÍNGUA NA LINHA DO TEMPO ..	52
FIGURA 1.5: DAS POSSÍVEIS ORIENTAÇÕES DOS ACONTECIMENTOS EM RELAÇÃO AO PONTO ZERO.....	53
FIGURA 1.6: DA ORIENTAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS EM RELAÇÃO A OUTRO ACONTECIMENTO.....	53
FIGURA 1.7: DA EXPRESSÃO DA TEMPORALIDADE VERBAL NO ESPANHOL	56
FIGURA 1.8: DO SISTEMA TEMPORAL SEGUNDO FIORIN	57
FIGURA 1.9: DA EXPRESSÃO DO PASSADO ABSOLUTO EM ESPANHOL SEGUNDO GUILLERMO ROJO	62
FIGURA 1.10: DA CATEGORIZAÇÃO DO PASSADO ABSOLUTO NA LÍNGUA SEGUNDO REICHENBACH.....	63
FIGURA 1.11: DOS <i>TEMPORA</i> INSERIDOS NO MR PRETÉRITO: O CASO DO PASSADO ABSOLUTO.....	64
FIGURA 1.12: DA SÍNTESE DO VALOR DE <i>PASSADO ABSOLUTO</i>	66
FIGURA 1.13: DA CATEGORIZAÇÃO DO <i>ANTEPRESENTE</i> NA LÍNGUA SEGUNDO REICHENBACH.....	70
FIGURA 1.14: DA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE NO ESPANHOL SEGUNDO GUILLERMO ROJO	71
FIGURA 1.15: DO SISTEMA ENUNCIATIVO: O CASO DO ANTEPRESENTE	72
FIGURA 1.16: DOS VALORES DE ANTEPRESENTE ESPECÍFICO E ANTEPRESENTE IMEDIATO (HODIERNO).....	75
FIGURA 1.17: DO VALOR ANTEPRESENTE AMPLIADO.....	77
FIGURA 1.18: DO <i>TEMPUS</i> NAS FORMAS VERBAIS DO INDICATIVO	79
FIGURA 1.19: DO VALOR RESULTATIVO.....	86
FIGURA 1.20: DO VALOR DE CONTINUIDADE.....	87
FIGURA 1.21: DO VALOR DE PASSADO ABSOLUTO SOB A PERSPECTIVA REICHENBACHIANA	88
FIGURA 1.22: DO VALOR DE PASSADO ABSOLUTO SOB A PERSPECTIVA DE GUILLERMO ROJO	89
FIGURA 1.23: DO VALOR DE PASSADO ABSOLUTO COM RELEVÂNCIA PRESENTE ..	90
FIGURA 1.24: DO VALOR DE ANTEPRETÉRITO COM RELEVÂNCIA PRESENTE	91
FIGURA 1.25: O PASSADO ABSOLUTO E O ANTEPRESENTE NA LINHA DO TEMPO ...	93
FIGURA 2.1: DA LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE MADRI.....	97
FIGURA 2.2: DA LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE BUENOS AIRES E SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	100

FIGURA 3.1: DO CONTINUUM DE MUDANÇA FUNCIONAL DA FORMA COMPOSTA NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS SEGUNDO HARRIS (1982)	134
FIGURA 3.2: DA VARIAÇÃO SINCRÔNICA COMO EFEITO DA GRAMATICALIZAÇÃO QUE SOFRE O PERFEITO COMPOSTO	140
FIGURA 3.3: SÍNTESE DO PERCURSO DA MUDANÇA FUNCIONAL DA FORMA COMPOSTA.....	143
FIGURA 3.4: ETAPAS DA MUDANÇA DO FUTURO ROMÂNICO.....	153
FIGURA 3.5: ALGUNS CANAIS INTER-RELACIONADOS DE GRAMATICALIZAÇÃO DE CATEGORIAS VERBAIS	154
FIGURA 3.6: DIACRONIA E DIATOPIA DA OPOSIÇÃO PPS/PPC	158
FIGURA 3.7: FASES DA GRAMATICALIZAÇÃO	164
FIGURA 3.8: CLINE DA GRAMATICALIZAÇÃO.....	165
FIGURA 3.9: DO DESENVOLVIMENTO DO AUXILIAR <i>BE GOING TO</i>	171
FIGURA 3.10: DO DESENVOLVIMENTO DO <i>PRETÉRITO PERFECTO COMPUESTO</i>	172
FIGURA 3.11: A MUDANÇA SEMÂNTICA DO PPC	176
FIGURA 3.12: SALTOS ASSOCIATIVOS DO PPC: A MUDANÇA FUNCIONAL	177
FIGURA 3.13: DOS MECANISMOS FUNCIONAIS E MORFOSSINTÁTICOS NA FORMAÇÃO DO PPC	179
FIGURA 4.1: DA ISOGLOSSA DO <i>PRETÉRITO PERFECTO COMPUESTO</i> NA ARGENTINA.....	191
FIGURA 4.2: DA ABORDAGEM ONOMASIOLÓGICA E SEMASIOLÓGICA NO ESTUDO DAS FORMAS VERBAIS DE ANTERIORIDADE E PRESENTE	194
FIGURA 4.3: DA MUDANÇA FUNCIONAL PELOS ÂMBITOS TEMPORAIS.....	201
FIGURA 4.4: DO DIÁLOGO NA ENTREVISTA RADIOFÔNICA	233
FIGURA 4.5: DO MODELO DE COMPOSIÇÃO ESTRUTURAL DA ENTREVISTA RADIOFÔNICA	235
FIGURA 4.6: DO AUDACITY 1.3.....	237
FIGURA 4.7: DA INTERFACE DO TROPES 7.2.3.....	238
FIGURA 4.8: DA EXPOSIÇÃO DA MODALIZAÇÃO TEMPORAL NO TROPES.....	245
FIGURA 5.1: SALTOS ASSOCIATIVOS DO PPC: A MUDANÇA FUNCIONAL	375
FIGURA 5.2: SÍNTESE DO PERCURSO DA MUDANÇA FUNCIONAL DA FORMA COMPOSTA.....	383

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 5.1: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DO FATOR “ÂMBITO TEMPORAL” SOBRE O USO DO PPC NO ÂMBITO GERAL DE ANTEPRESENTE NAS TRÊS VARIEDADES DIATÓPICAS.....	303
GRÁFICO 5.2: DOS “MARCADORES TEMPORAIS” MAIS RECORRENTES NO ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE BUENOS AIRES	307
GRÁFICO 5.3: DOS GRUPOS DE FATORES REFERENTES À “FORMA BASE DO VERBO” E O PPC NO ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE BUENOS AIRES.....	308
GRÁFICO 5.4: DO FATOR “PLURALIDADE” NO CONTEXTO ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE BUENOS AIRES	309
GRÁFICO 5.5: DA INCIDÊNCIA DO “TIPO DE ORAÇÃO” NO USO DO PPC EM CONTEXTO DE ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE BUENOS AIRES	310
GRÁFICO 5.6: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DA VARIÁVEL “GÊNERO/SEXO” SOBRE O USO DO PPC NO ÂMBITO DE ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE BUENOS AIRES.....	312
GRÁFICO 5.7: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DO GRUPO DE FATORES “IDADE” SOBRE O USO DO PPC NO ÂMBITO DE ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE BUENOS AIRES.....	313
GRÁFICO 5.8: DOS “MARCADORES TEMPORAIS” MAIS RECORRENTES NO ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE SAN MIGUEL DE TUCUMÁN.....	316
GRÁFICO 5.9: DOS FATORES “DURATIVO” E “ATELICIDADE” NO ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE SAN MIGUEL DE TUCUMÁN.....	318
GRÁFICO 5.10: DO GRUPO DE FATORES “MODO DE AÇÃO” NO ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE SAN MIGUEL DE TUCUMÁN.....	319
GRÁFICO 5.11: DO FATOR “PLURALIDADE” NO CONTEXTO ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE SAN MIGUEL DE TUCUMÁN.....	320
GRÁFICO 5.12: DA INCIDÊNCIA DO “TIPO DE ORAÇÃO” NO USO DO PPC EM CONTEXTO DE ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	322
GRÁFICO 5.13: DAS PESSOAS GRAMATICAIS NO ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE SAN MIGUEL DE TUCUMÁN.....	325
GRÁFICO 5.14: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DA VARIÁVEL “GÊNERO/SEXO” SOBRE O USO DO PPC NO ÂMBITO DE ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	327
GRÁFICO 5.15: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DO GRUPO DE FATORES “IDADE” SOBRE O USO DO PPC NO ÂMBITO DE ANTEPRESENTE, SEGUNDO OS DADOS DE SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	328
GRÁFICO 5.16: DO COTEJAMENTO DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DO FATOR “GÊNERO/SEXO” SOBRE O USO DO PPC NO ÂMBITO DE ANTEPRESENTE, NAS VARIEDADES DE BUENOS AIRES E SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	331
GRÁFICO 5.17: DO COTEJAMENTO DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DO FATOR “IDADE” SOBRE O USO DO PPC NO ÂMBITO DE ANTEPRESENTE, NAS VARIEDADES DE BUENOS AIRES E SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	332

GRÁFICO 5.18: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DO GRUPO DE FATORES “ÂMBITO TEMPORAL” SOBRE O USO DO PPC NAS TRÊS VARIEDADES DIATÓPICAS.....	339
GRÁFICO 5.19: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DOS GRUPOS DE FATORES QUE FAVORECEM A LEITURA DE CONTINUIDADE NO ÂMBITO DE PASSADO ABSOLUTO, SEGUNDO OS DADOS DE MADRI	342
GRÁFICO 5.20: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DO GRUPO DE FATORES “IDADE” SOBRE O USO DO PPC NO ÂMBITO DE PASSADO ABSOLUTO, SEGUNDO OS DADOS DE MADRI	346
GRÁFICO 5.21: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DOS GRUPOS DE FATORES QUE FAVORECEM A LEITURA DE PERFECTIVIDADE NO ÂMBITO DE PASSADO ABSOLUTO, SEGUNDO OS DADOS DE BUENOS AIRES	349
GRÁFICO 5.22: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DO GRUPO DE FATORES “IDADE” SOBRE O USO DO PPC NO ÂMBITO DE PASSADO ABSOLUTO, SEGUNDO OS DADOS DE BUENOS AIRES	352
GRÁFICO 5.23: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DOS GRUPOS DE FATORES QUE FAVORECEM A LEITURA DE CONTINUIDADE NO ÂMBITO DE PASSADO ABSOLUTO, SEGUNDO OS DADOS DE SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	355
GRÁFICO 5.24: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DO GRUPO DE FATORES “IDADE” SOBRE O USO DO PPC NO ÂMBITO DE PASSADO ABSOLUTO, SEGUNDO OS DADOS DE SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	359
GRÁFICO 5.25: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DO GRUPO DE FATORES “IDADE” SOBRE O USO DO PPC NO ÂMBITO DE PASSADO ABSOLUTO, NAS TRÊS VARIEDADES DIATÓPICAS.....	361
GRÁFICO 5.26: DA INCIDÊNCIA PERCENTUAL DO GRUPO DE FATORES “ÂMBITO TEMPORAL” SOBRE O USO DO PPC NAS TRÊS VARIEDADES DIATÓPICAS.....	363

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.1: DAS CONCEPÇÕES DE TEMPO SEGUNDO BENVENISTE	40
QUADRO 1.2: DAS RELAÇÕES TEMPORAIS DE REICHENBACH	49
QUADRO 1.3: DOS <i>TEMPORA</i> DA LÍNGUA ESPANHOLA SOB A ÓTIMA REICHENBACHIANA	51
QUADRO 1.4: DOS <i>TEMPORA</i> DO MODO INDICATIVO DA LÍNGUA ESPANHOLA PELA ÓTICA DE ROJO.....	55
QUADRO 1.5: DOS VALORES ATRIBUÍDOS AO PPS PELA NORMA GRAMATICAL	67
QUADRO 1.6: DOS VALORES ATRIBUÍDOS AO PPC PELA NORMA GRAMATICAL.....	81
QUADRO 1.7: DA SÍNTESE DOS VALORES ATRIBUÍDOS AO PPS E AO PPC	94
QUADRO 2.1: DO MAPEAMENTO DA PROGRESSÃO DA MUDANÇA	115
QUADRO 3.1: MUDANÇA DIACRÔNICA DO PERFEITO	137
QUADRO 3.2: ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO DO PERFEITO COMPOSTO E SIMPLES NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS	139
QUADRO 3.3: NOMENCLATURA VERBAL NA NORMA GRAMATICAL DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS.....	144
QUADRO 3.4: MUDANÇAS AO LONGO DO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DE VERBOS AUXILIARES	150
QUADRO 3.5: SÍNTESE DO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS DE ANTERIORIDADE	162
QUADRO 4.1: DOS TIPOS DE MARCADORES TEMPORAIS.....	203
QUADRO 4.2: DA DIFERENÇA ENTRE ESTADO E AÇÕES	208
QUADRO 4.3: DA ATIVIDADE, DO <i>ACCOMPLISHMENT</i> E DO <i>ACHIEVEMENT</i>	209
QUADRO 4.4: DA SÍNTESE DOS MODOS DE AÇÃO.....	209
QUADRO 4.5: DA PROPORÇÃO ENTRE OS DADOS ENCONTRADOS NA TRÊS FAIXA ETÁRIAS.....	223
QUADRO 4.6: DOS INDICADORES DE INOVAÇÃO NO USO DO PPC	223
QUADRO 4.7: DOS GRUPOS DE FATORES.....	225
QUADRO 4.8: DA DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS RADIOFÔNICAS QUE COMPÕEM OS <i>CORPORA</i> DIATÓPICOS.....	242
QUADRO 4.9: DO CODIFICAÇÃO DE REFERÊNCIA DAS ENTREVISTAS QUE COMPÕEM O <i>CORPUS</i>	243

LISTA DE TABELAS

TABELA 3.1: ÍNDICE DA FREQUÊNCIA DE <i>HABER</i> E <i>SER</i> COMO AUXILIARES DOS TEMPOS COMPOSTOS DE ANTERIORIDADE	146
TABELA 3.2: FREQUÊNCIA DO PPS E PPC AO LOGO DO TEMPO.....	156
TABELA 3.3: PORCENTAGEM DE PPS E PPC NOS DOCUMENTOS DO NOVO MUNDO HISPÂNICO	157
TABELA 3.4: VALORES DO <i>PERFECTO COMPUESTO</i> NO SÉCULO XX. ESPANHOL PENINSULAR VS. ESPANHOL MEXICANO.....	158
TABELA 5.1: DA TOTALIDADE DE DADOS POR ÂMBITO TEMPORAL.....	250
TABELA 5.2: DA EXPRESSÃO GERAL DO ANTEPRESENTE	251
TABELA 5.3: DOS MARCADORES TEMPORAIS NO ANTEPRESENTE IMEDIATO	254
TABELA 5.4: DA TELICIDADE NO ANTEPRESENTE IMEDIATO	254
TABELA 5.5: DOS MODOS DE AÇÃO NO ANTEPRESENTE IMEDIATO	255
TABELA 5.6: O SUJEITO GRAMATICAL NO ANTEPRESENTE IMEDIATO: PESSOAS DO DISCURSO	256
TABELA 5.7: DA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE IMEDIATO NAS TRÊS VARIEDADES DIATÓPICAS.....	256
TABELA 5.8: DA ANÁLISE MULTIVARIADA NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE IMEDIATO EM SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	257
TABELA 5.9: DO CRUZAMENTO DO FATOR “MARCADOR DE TEMPO” E DO GRUPO DE FATORES “MODO DE AÇÃO” NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE IMEDIATO EM SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	259
TABELA 5.10: DA TELICIDADE NA CATEGORIA GERAL DE ANTEPRESENTE EM SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	261
TABELA 5.11: DOS MARCADORES TEMPORAIS NO ANTEPRESENTE ESPECÍFICO ..	265
TABELA 5.12: DA TELICIDADE NO ANTEPRESENTE ESPECÍFICO	267
TABELA 5.13: DOS MODOS DE AÇÃO NO ANTEPRESENTE ESPECÍFICO	267
TABELA 5.14: O SUJEITO GRAMATICAL NO ANTEPRESENTE ESPECÍFICO: PESSOAS DO DISCURSO.....	268
TABELA 5.15: DA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE ESPECÍFICO NAS TRÊS VARIEDADES DIATÓPICAS.....	269
TABELA 5.16: DA ANÁLISE MULTIVARIADA NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE ESPECÍFICO EM BUENOS AIRES	271
TABELA 5.17: DO CRUZAMENTO DO FATOR “MARCADOR TEMPORAL DURATIVO” E DO GRUPO DE FATORES “MODO DE AÇÃO” NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE ESPECÍFICO EM BUENOS AIRES	273
TABELA 5.18: DA ANÁLISE MULTIVARIADA NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE ESPECÍFICO EM SAN MIGUEL DE TUCUMÁN.....	276
TABELA 5.19: DO CRUZAMENTO DO FATOR “MARCADOR TEMPORAL DURATIVO” E DO GRUPO DE FATORES “MODO DE AÇÃO” NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE ESPECÍFICO EM SAN MIGUEL DE TUCUMÁN.....	278

TABELA 5.20: DO CRUZAMENTO DO GRUPO DE FATORES “PESSOA GRAMATICAL” COM O GRUPO DE FATORES “NÚMERO DO SUJEITO” NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE ESPECÍFICO EM SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	280
TABELA 5.21: DOS MARCADORES TEMPORAIS NO ANTEPRESENTE AMPLIADO	285
TABELA 5.22: DA TELICIDADE NO ANTEPRESENTE AMPLIADO	286
TABELA 5.23: DOS MODOS DE AÇÃO NO ANTEPRESENTE AMPLIADO	286
TABELA 5.24: O SUJEITO GRAMATICAL NO ANTEPRESENTE AMPLIADO: PESSOAS DO DISCURSO	287
TABELA 5.25: DA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE AMPLIADO NAS TRÊS VARIEDADES DIATÓPICAS.....	287
TABELA 5.26: DA ANÁLISE MULTIVARIADA NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE AMPLIADO EM BUENOS AIRES	291
TABELA 5.27: DO CRUZAMENTO DO FATOR “MARCADOR DE TEMPO INDETERMINADO” COM O GRUPO DE FATORES “DURAÇÃO” NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE AMPLIADO EM BUENOS AIRES.....	292
TABELA 5.28: DO CRUZAMENTO DO GRUPO DE FATORES “PESSOA GRAMATICAL” COM O GRUPO DE FATORES “TELICIDADE” NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE AMPLIADO EM BUENOS AIRES	293
TABELA 5.29: DA ANÁLISE MULTIVARIADA NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE AMPLIADO EM SAN MIGUEL DE TUCUMÁN.....	296
TABELA 5.30: DO CRUZAMENTO DO FATOR “MARCADOR DE TEMPO INDETERMINADO” COM O GRUPO DE FATORES “DURAÇÃO” NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE AMPLIADO EM SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	298
TABELA 5.31: DO CRUZAMENTO DO FATOR “PRIMEIRA PESSOA” COM O GRUPO DE FATORES “MODO DE AÇÃO” NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE AMPLIADO EM SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	299
TABELA 5.32: DAS CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS ÂMBITOS DE ANTEPRESENTE.	302
TABELA 5.33: DA ANÁLISE MULTIVARIADA NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE GERAL EM BUENOS AIRES.....	306
TABELA 5.34: DA ANÁLISE MULTIVARIADA NA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE GERAL EM SAN MIGUEL DE TUCUMÁN.....	314
TABELA 5.35: DO CRUZAMENTO DO GRUPO DE FATORES “TIPO DE ORAÇÃO” COM O GRUPO DE FATORES “TELICIDADE” NA EXPRESSÃO GERAL DO ANTEPRESENTE SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	322
TABELA 5.36: DOS MARCADORES TEMPORAIS NO PASSADO ABSOLUTO.....	336
TABELA 5.37: DA TELICIDADE NO PASSADO ABSOLUTO.....	337
TABELA 5.38: DOS MODOS DE AÇÃO NO PASSADO ABSOLUTO	337
TABELA 5.39: O SUJEITO GRAMATICAL NO PASSADO ABSOLUTO: PESSOAS DO DISCURSO	337
TABELA 5.40: DA EXPRESSÃO DO PASSADO ABSOLUTO NAS TRÊS VARIEDADES DIATÓPICAS.....	338
TABELA 5.41: DA ANÁLISE MULTIVARIADA NA EXPRESSÃO DO PASSADO ABSOLUTO EM MADRI	340

TABELA 5.42: DO CRUZAMENTO DO GRUPO DE FATORES “PESSOA GRAMATICAL” COM O GRUPO DE FATORES “TELICIDADE” NA EXPRESSÃO DO PASSADO ABSOLUTO EM MADRI	345
TABELA 5.43: DA ANÁLISE MULTIVARIADA NA EXPRESSÃO DO PASSADO ABSOLUTO EM BUENOS AIRES	348
TABELA 5.44: DA ANÁLISE MULTIVARIADA NA EXPRESSÃO DO PASSADO ABSOLUTO EM SAN MIGUEL DE TUCUMÁN.....	353
TABELA 5.45: DA DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS DO <i>PRETÉRITO PERFECTO</i> SEGUNDO O FATOR “ÂMBITO TEMPORAL” NAS TRÊS VARIEDADES DIATÓPICAS	363
TABELA 5.46: DA RELAÇÃO ENTRE O PPS E O PPC DESCONSIDERANDO OS CONTEXTOS TEMPORAIS.....	366
TABELA 5.47: DO PESO RELATIVO DO GRUPO DE FATORES “VARIEDADE DIATÓPICA”	367
TABELA 5.48: DA SÍNTESE DA INCIDÊNCIA DOS GRUPOS DE FATORES SOBRE O USO DO PPS E DO PPC EM CADA VARIEDADE DIATÓPICA E RESPECTIVOS ÂMBITOS TEMPORAIS.....	368

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP	Antepresente
ME	Momento do Evento
MF	Momento da Fala
MR	Momento de Referência
PA	Passado absoluto
PPC	<i>Pretérito Perfecto Compuesto</i>
PPS	<i>Pretérito Perfecto Simple</i>
TF	Tempo do foco
TS	Tempo da situação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	29
1. A EXPRESSÃO DO <i>TEMPUS</i> EM ESPANHOL: O “ANTEPRESENTE” E O “PASSADO ABSOLUTO”	37
1.1 A LINGUAGEM E O TEMPO.....	37
1.1.1 <i>Tempus</i> : dêixis temporal e combinações referenciais.....	40
1.1.2 <i>Tempus</i> e o verbo.....	43
1.1.3 O sistema reichenbachiano.....	46
1.1.3.1 O sistema verbal da língua espanhola pela ótica reichenbachiana	51
1.1.4 A teoria temporal de Guillermo Rojo	52
1.1.4.1 O sistema verbal da língua espanhola pela ótica de Guillermo Rojo	55
1.1.5 A teoria temporal de Fiorin.....	56
1.2 O PASSADO EM ESPANHOL	59
1.2.1 O passado absoluto	61
1.2.1.1 O <i>pretérito perfecto simple</i> : entre o passado absoluto e outros valores	66
1.2.1.1.1 Antecipativo.....	68
1.2.1.1.2 Antepretérito	68
1.2.1.1.3 Experiencial	69
1.2.2 O antepresente	69
1.2.2.1 O antepresente específico	70
1.2.2.2 O antepresente imediato.....	74
1.2.2.3 O antepresente ampliado	75
1.2.2.4 O <i>pretérito perfecto compuesto</i> : entre o antepresente e outros valores	78
1.2.2.4.1 Relevância Presente	82
1.2.2.4.2 Resultativo	84
1.2.2.4.3 Continuidade.....	86
1.2.2.4.4 Passado absoluto	87
1.2.2.4.5 Antepretérito	91
1.2.2.4.6 Prospectivo	92
2. O ESTUDO DA LÍNGUA EM USO: A VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS DO PRETÉRITO PERFECTO EM VARIEDADES DIATÓPICAS DO ESPANHOL	95
2.1 A VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS DO <i>PRETÉRITO PERFECTO</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO DA ARTE.....	95
2.1.1 A variação na Península: um olhar atento à variedade madrilenha.....	96
2.1.2 A variação na Argentina: um olhar atento às variedades bonaerense e tucumana..	99
2.1.2.1 Buenos Aires	103

2.1.2.2 San Miguel de Tucumán	106
2.2 O ESTUDO DA LÍNGUA EM USO: CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGÜÍSTICA PARA O ESTUDO DA VARIACÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICAS.....	109
2.2.1 Objetos da sociolinguística variacionista	113
2.2.1.1 A heterogeneidade ordenada	113
2.2.1.2 A mudança linguística.....	114
2.2.1.2.1 Agentes impulsionadores da mudança	117
2.2.1.2.2 Princípios empíricos para uma teoria da mudança linguística.....	119
2.2.1.3 A identidade social.....	121
2.2.2 Variável linguística.....	121
2.2.3 Norma linguística	127
3. PERCURSO E HISTÓRIA DO PASSADO EM ESPANHOL.....	131
3.1 BREVE HISTÓRIA DOS PASSADOS: DO LATIM AO ESPANHOL CONTEMPORÂNEO.....	131
3.1.1 Os pretéritos no latim.....	133
3.1.2 Do latim às línguas românicas: a mudança funcional da forma composta.....	134
3.1.3 Do latim ao espanhol: o percurso da mudança funcional da forma composta.....	141
3.1.4 Classificação formal do perfeito composto nas línguas românicas: um olhar atento à definição da auxiliaridade dos tempos compostos de anterioridade em espanhol	144
3.1.5 O desenvolvimento da oposição <i>perfecto simple</i> e <i>perfecto compuesto</i> no espanhol.....	155
3.2 A GRAMATICALIZAÇÃO E OS PRETÉRITOS NO ESPANHOL: FUNDAMENTOS PARA A COMPREENSÃO DOS PROCESSOS DE MUDANÇA.....	159
3.2.1 Origem e escopo dos estudos de gramaticalização.....	161
3.2.2 Mecanismos de gramaticalização	169
3.2.2.1 Reanálise e analogia (mecanismos morfossintáticos).....	169
3.2.2.2 Metáfora e metonímia (mecanismos funcionais).....	173
3.2.2.3 Os mecanismos de Heine (2003).....	180
3.2.3 Indicadores de gramaticalização.....	182
4. ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA O ESTUDO DA EXPRESSÃO DOS VALORES DE ‘ANTEPRESENTE’ E ‘PASSADO ABSOLUTO’ EM ESPANHOL ..	189
4.1. DAS CONTRIBUIÇÕES DAS ABORDAGENS SEMASIOLOGICA E ONOMASIOLOGICA PARA A DELIMITAÇÃO DA VARIÁVEL DEPENDENTE	189
4.2 POR UMA ANÁLISE MULTIVARIADA DA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE E PASSADO ABSOLUTO: DELIMITAÇÃO DOS GRUPOS DE FATORES.....	200
4.2.1 Grupos de fatores linguísticos	201
4.2.1.1 Âmbito temporal.....	201
4.2.1.2 Marcadores temporais	202
4.2.1.3 Forma base do verbo	204

4.2.1.3.1 Telicidade	205
4.2.1.3.2 Duração	206
4.2.1.3.3 Modo de ação.....	208
4.2.1.4 O sujeito e o complemento verbal	211
4.2.1.4.1 Sujeito sintático.....	211
4.2.1.4.2 O complemento verbal	212
4.2.1.5 O tipo de oração.....	214
4.2.2 Grupo de fatores extralinguísticos.....	215
4.2.2.1 O espaço.....	215
4.2.2.2 Gênero/sexo.....	219
4.2.2.3 Idade.....	221
4.3 GOLDVARB YOSEMITE.....	226
4.4 A ELABORAÇÃO DE UM <i>CORPUS</i> PARA A ANÁLISE DA EXPRESSÃO DA ANTERIORIDADE NA LÍNGUA ESPANHOLA	228
4.4.1 O gênero discursivo entrevista radiofônica.....	230
4.4.2 Ferramentas tecnológicas para o estudo da linguagem.....	237
4.4.3 Composição do <i>corpus</i>	240
4.4.4 Esclarecimento sobre a eliminação de alguns dados encontrados no <i>corpus</i>	247
5. A EXPRESSÃO DOS VALORES ‘PASSADO ABSOLUTO’ E ‘ANTEPRESENTE’ NO ESPANHOL: UMA ANÁLISE MULTIVARIADA DO COMPORTAMENTO DAS FORMAS DO <i>PRETÉRITO PERFECTO</i> EM MADRI, BUENOS AIRES E SAN MIGUEL DE TUCUMÁN	249
5.1 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DO PPC E PPS NO ANTEPRESENTE	251
5.1.1 A expressão do antepresente imediato.....	252
5.1.1.1 Análise multivariada da expressão do antepresente imediato em San Miguel de Tucumán	257
5.1.2 A expressão do antepresente específico.....	264
5.1.2.1 Análise multivariada da expressão do antepresente específico em Buenos Aires	271
5.1.2.2 Análise multivariada da expressão do antepresente específico em San Miguel de Tucumán.....	276
5.1.3 A expressão do antepresente ampliado.....	283
5.1.3.1 Análise multivariada da expressão do antepresente ampliado em Buenos Aires	291
5.1.3.2 Análise multivariada da expressão do antepresente ampliado em San Miguel de Tucumán	296
5.1.4 Considerações gerais sobre a expressão do valor de antepresente nas três variedades diatópicas.....	301

5.1.4.1 Contribuição da análise multivariada para o estudo da expressão do antepresente em Buenos Aires	306
5.1.4.2 Contribuição da análise multivariada para o estudo da expressão do antepresente em San Miguel de Tucumán	314
5.1.4.3 Síntese contrastiva da contribuição da análise multivariada para o estudo da expressão do antepresente nas variedades de Buenos Aires e San Miguel de Tucumán	329
5.2 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DO PPC E PPS NO PASSADO ABSOLUTO	334
5.2.1 Análise multivariada da expressão do passado absoluto em Madri	340
5.2.2 Análise multivariada da expressão do passado absoluto em Buenos Aires	347
5.2.3 Análise multivariada da expressão do passado absoluto em San Miguel de Tucumán	353
5.2.4 Síntese contrastiva da contribuição da análise multivariada para o estudo da expressão do passado absoluto nas três variedades diatópicas	359
5.3 CONCLUSÕES SOBRE A EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE E PASSADO ABSOLUTO NAS VARIEDADES DA ARGENTINA E ESPANHA.....	363
5.3.1 Da incidência do “tempo” e do “espaço” sobre o uso do PPC e do PPS.....	363
5.3.2 Da incidência dos demais grupos de fatores sobre o uso das formas do pretérito perfecto	368
5.3.3 Sobre os estágios do processo de mudança das formas do pretérito perfecto nas variedades diatópicas investigadas.....	374
5.3.4 Diálogos com o estado da arte.....	386
CONCLUSÃO	390
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	398

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da expressão dos valores de **passado absoluto** (PA) e **antepresente** (AP) no espanhol decorre, acima de tudo, da aparente dissonância entre a descrição apresentada por parte da norma gramatical da língua castelhana e o emprego efetivamente observável das formas simples (*escribí*) e composta (*he escrito*) do *pretérito perfecto* nas diferentes variedades diatópicas da língua.

Por um lado, alguns estudos da língua afirmam que “no espanhol moderno baseado na melhor prática e nas melhores normas” (KANY, 1970, p.199) emprega-se o *pretérito perfecto simple* (PPS) para referir-se ao **passado absoluto**, isto é, “designar um fato sucedido no passado e que teve um limite neste mesmo passado” (ALARCOS LLORACH, 1980, p.33), sem manter, portanto, relação “com o momento de fala ou com a pessoa que fala” (LENZ, 1920, p.440). Na mesma direção, atribui-se ao *pretérito perfecto compuesto* (PPC) a expressão do **antepresente**, pois com essa forma faz-se referência a situações passadas que mantêm relação com algo que ainda existe (BELLO, 1972, 2004), isto é, “uma forma do passado que se projeta em direção ao presente” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p.428), porque a situação passada é contemplada a partir de uma perspectiva de presente, com a qual mantêm uma relação de coexistência (CARTAGENA, 1999). Em síntese, a distinção categórica proposta mais comumente pela *norma-padrão* defende que o PPS e o PPC coincidam em significar ação pretérita, diferenciando-se entre si, contudo,

[...] *por marcar el primeiro perfectividad y falta de conexión con el presente y el segundo la realización de dicha acción como un proceso, imperfectivo, que perdura (objetiva o subjetivamente) en un espacio de tiempo que [...] incluye al hablante* (DE GRANDA, 2003, p. 203)¹.

Ambos os comportamentos das formas verbais podem ser observados nos enunciados (1) e (2), em que os advérbios “*ayer/hoy*” evidenciam a leitura de PA e AP, respectivamente.

¹ <Tradução nossa> [...] por marcar, o primeiro, perfectividade e falta de conexão com o presente e, o segundo, a realização da referida ação como um processo, imperfectivo, que perdura (objetiva ou subjetivamente) em um espaço de tempo que [...] inclui o falante (DE GRANDA, 2003, p. 203). Neste trabalho, adotaremos o padrão de colocar a tradução das citações em língua estrangeira maiores de três linhas em nota de rodapé. No entanto, quando se tratar de citações menores de três linhas inseridas, por isso, no corpo do texto, apresentaremos diretamente a tradução e, em nota de rodapé, o original.

(1) *La niña que ayer tocó con él "Get Back" y protagonizó uno de los momentos más lindos del recital, habló con varios medios [...]*².

A menina que tocou "Get Back" ontem com ele e protagonizou um dos momentos mais lindos do show, falou com vários meios de comunicação [...]

(2) *La ópera prima del director indio ha ganado hoy la Butaca de oro del Premio Principado de Asturias [...]*³.

A ópera-prima do diretor indiano ganhou hoje a poltrona de ouro do Prêmio Príncipe de Astúrias.

Por outro lado, como tem demonstrado uma série de estudos descritivos, à qual também se alinha esta proposta, o uso efetivo das formas do *pretérito perfecto* nas variedades diatópicas do espanhol nem sempre se comporta de maneira tão categórica como retrata parte da norma-padrão. Tanto é assim que a observação do emprego dos pretéritos em algumas variedades da língua revela-nos um comportamento diferente do descrito por muitas gramáticas, posto que se encontra tanto a forma simples coocorrendo em contextos de **antepresente** (*hoy*), como a forma composta no âmbito de **passado absoluto** (*durante los años anteriores*), tal qual apontam os enunciados (3) e (4), respectivamente:

(3) *[...] también habla de la nota que salió en perfil hoy revelando la reunión que tuvo De Narváez con Aranda del Clarín.*⁴

[...] também fala da nota que saiu no perfil hoje, revelando a reunião que teve De Narváez com Aranda, do Clarín.

(4) *Durante los dos años anteriores he tenido una buena relación con el Mister. He trabajado muy bien.*⁵

Durante os dois anos anteriores, tive uma boa relação com o Mister. Trabalhei muito bem.

Considerando essa divergência entre parte da norma gramatical e o uso efetivamente observado em algumas variedades do espanhol, tencionamos com este trabalho analisar e descrever as variedades de Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán no que se refere ao comportamento do PPC e do PPS nos âmbitos de **AP** e **PA**.

Espera-se, desse modo, que o contraste entre essas três variedades diatópicas da língua revele-nos não apenas que a diversidade no comportamento das formas do *pretérito perfecto* é uma realidade que caracteriza seu funcionamento no sistema da língua espanhola, mas também possibilite-nos entender como a referida heterogeneidade caracteriza-se e se estrutura no sistema de cada uma dessas comunidades de fala.

²Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal argentino *La Nación*, de 18/05/2016. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1899897-leila-lacaze-sobre-cantar-con-paul-mccartney-me-dio-muchos-nervios>>. Acesso em 18/05/2016.

³Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal espanhol *El país*, de 29/11/2014. Disponível em: <http://cultura.elpais.com/cultura/2014/11/29/actualidad/1417288689_075919.html>. Acesso em 16/05/2016.

⁴ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio Cooperativa, de Buenos Aires/Argentina (04/08/2013).

⁵ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio COPE, de Madri/Espanha (10/09/2013).

Em complemento, os dados finais obtidos neste estudo, em comparação com o que já se conhece sobre a história dos pretéritos nas línguas neolatinas, devem ainda possibilitar a percepção de que esse dinamismo é consequência de um comportamento histórico que ainda está em desenvolvimento nas variedades do espanhol. Isso se deve a que, conforme nos mostra a abordagem diacrônica, o PPC percorre um *continuum* de mudança que o conduz de uma base de funcionamento exclusivamente aspectual, de valor resultativo (5), até a expressão de anterioridade (6), passando, assim, a veicular o valor de **antepresente** e, finalmente, o de **passado absoluto** (HARRIS, 1982). Por conseguinte, a observação diacrônica do PPS revela-nos um rearranjo histórico de seu uso à medida que a forma composta avança por contextos temporais antes reservados exclusivamente a ele.

(5) *Grant cosa as perdida*.⁶

*Grande coisa tens perdida.

(6) *Este año han tirado trescientos millones de litros de agroquímicos*.⁷

Este ano jogaram trezentos milhões de litros de agrotóxicos.

A opção pela análise da **variedade castelhana** (Madri) deve-se a que normalmente ela é tomada como referência para composição da norma-padrão⁸ da língua espanhola, de modo que ao considerá-la neste trabalho, não só encontramos oportunidade para refletir sobre a referida aproximação, mas também sobre a possibilidade de considerá-la como uma espécie de grupo de controle. Por sua vez, a opção pelas **variedades da Argentina** (Buenos Aires e San Miguel de Tucumán) deve-se, em primeira análise, à necessidade de reavaliar um discurso pouco preciso e equivocado sobre o comportamento das formas do *pretérito perfecto*, segundo o qual haveria uma norma comum de uso para todo o país e que o uso do PPC seria cada vez mais escasso.

Em acréscimo, observamos ainda a pertinência de examinar uma segunda tendência investigativa que afirma haver comportamentos quantitativamente avaliados como antagônicos entre as duas variedades argentinas aqui estudadas, pois a região portenha tenderia a favorecer o PPS ao passo que na variedade tucumana o PPC seria mais frequente. É muito comum encontrarmos nesse grupo de trabalhos propostas que fixam sua análise apenas na comparação quantitativa entre a ocorrência das duas formas verbais, sem considerar

⁶ Enunciado coletado por Alarcos LLorach (1980), do *Libro de Alexandre*, uma obra em verso da primeira metade do século XIII, que narra a vida de Alexandre Magno, rei da Macedônia.

⁷ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio Cadena 3, de Córdoba/Argentina (13/06/2010).

⁸ Embora reconheçamos que a língua espanhola viva uma era relativamente “policêntrica”, isto é, sujeita ao surgimento de muitas norma regionais (FANJUL, 2011), parece que os manuais gramaticais ainda não recuperam ou explicitam efetivamente essa diversidade normativo-diatópica, apresentando, por isso, uma norma que ainda reproduz, direta ou indiretamente, um ideal normativo pan-hispânico.

previamente os valores particulares que cada uma das formas possa vir a aportar. A fim de corrigir os equívocos provenientes desse tipo enviesado de abordagem, o presente estudo parte de uma consistente análise semasiológica do *pretérito perfecto compuesto* (ARAUJO, 2012a, 2013), estendida, neste trabalho, para o *perfecto simple*. A partir dessa informação prévia, foi possível identificar que as formas do PPC e do PPS podem expressar muito mais do que os valores de **antepresente** e **passado absoluto**, de modo que se faz necessário direcionar nossa análise especificamente às ocorrências que se definem semanticamente pela expressão desses valores temporais.

Havendo selecionado os dois contextos de análise, damos início ao tratamento onomasiológico das formas verbais que ocorrem especificamente nos âmbitos de AP e PA. Em outras palavras, dentro desse enfoque e recorte metodológico, conseguimos definir quais formas do *pretérito perfecto* compõem efetivamente uma variável linguística, permitindo-nos, assim, avaliar, por meio de uma análise multivariada, de que modo essas formas estariam competindo pela expressão de um ou mais âmbitos temporais nas variedades investigadas.

Torna-se imprescindível destacar que nosso estudo parte de um *corpus* especialmente compilado para os propósitos pautados, de modo que a opção pelo gênero “entrevistas radiofônicas” se deve a que enunciados próprios desse gênero apresentam uma variedade linguística relativamente próxima à realidade cotidiana de fala das comunidades investigadas, além, é claro, de, possibilitar uma diversidade temática e de tipologia textual que favorece o estudo dos fenômenos em pauta. Isso porque, para descrever eventos (descrição), ordená-los temporalmente (narração), explicar e analisar situações (expositivo), bem como para contrapor ideias (argumentativo), parece ser necessário, dentre outras, formas verbais que estejam vinculadas à fração temporal que engloba do pretérito até o presente – segmento temporal em que se acomodam os valores **passado absoluto** e **antepresente**. Em complemento, ao recorrermos às entrevistas radiofônicas não apenas garantimos o acesso remoto a um material autêntico e valioso, mas também viabilizamos a obtenção das informações sociolinguísticas que necessitamos.

O cenário delineado pela conclusão da análise dos dados revela-nos, entre outras informações, que, conforme a variedade diatópica, a relação de variação entre o PPS e o PPC modifica-se. Assim, no que se refere ao âmbito de **antepresente**, observamos um uso aparentemente categórico do PPC na variedade madrilenha e diferentes graus de variação conforme o subâmbito de **antepresente** considerado nas variedades argentinas. Quanto ao **passado absoluto**, observamos em Buenos Aires um uso quase categórico da forma simples, ao passo que em Madri e San Miguel de Tucumán, a forma composta apresenta maior

recorrência – apesar de ainda assim permanecer menos recorrente que o PPS. Contudo, como apontaremos com o avançar de nossa discussão, o estado dessa variação entre o PPC e o PPS assume características particulares em cada uma das três variedades diatópicas.

Em síntese, a problemática orientadora de nosso estudo procede não apenas do desencontro entre a norma-padrão e o uso efetivamente observado das formas do *pretérito perfecto* em espanhol, mas também do reconhecimento de um complexo e extenso processo de mudança histórica das formas do *pretérito perfecto* nas línguas românicas, de modo geral, e nas variedades do espanhol, mais especificamente. Além, é claro, da observação sincrônica da variação existente entre o PPS e o PPC sob as diferentes dimensões extralinguísticas de análise, com especial destaque à dimensão diatópica – muitas vezes abordada de modo impressionista e generalizador.

Desse cenário decorre nosso interesse em descrever como as formas do *pretérito perfecto* atuam na expressão dos valores temporais de **antepresente** e do **passado absoluto** nas variedades de Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán. Isso para avaliarmos a dimensão da variação existente entre o PPC e o PPS nessas variedades diatópicas, quando for o caso, e identificarmos se os estados descritos nas três variedades diatópicas correspondem a diferentes estágios de mudança do uso dos *pretéritos perfecto simple* e *compuesto*. Assim, as seguintes perguntas delineiam os objetivos deste trabalho:

- Como o PPS e o PPC atuam na expressão dos valores temporais de **antepresente** e do **passado absoluto** nas variedades espaciais observadas?
- Os estados descritos sobre o uso do PPS e do PPC na expressão do **antepresente** e do **passado absoluto** nas três variedades espaciais observadas permitem-nos observar, de alguma maneira, um ou mais *continua* de mudança do PPC?

Devido ao interesse em estudar o comportamento dessas formas temporais, avaliando seu caráter variável e a relação do uso atual com o percurso histórico de formação, este trabalho recorrerá a pressupostos teóricos sobre (i) temporalidade linguística (REICHENBACH, 2004; BENVENISTE, 2006; COMRIE, 2000; ROJO, 1974, 1988, 1990, 1999), (ii) variação e mudança linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, (2006 [1968]); LABOV, (2008 [1972], 1996 [1994], 2006 [1994])) e (iii) gramaticalização (HOPPER, 1991; LEHMANN, 2002; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). A fim de orientar o desenvolvimento deste trabalho e dar resposta aos objetivos traçados, elaboramos três hipóteses primárias:

- i. O tipo e/ou abrangência da referência temporal de anterioridade é um fator determinante no comportamento das formas do *pretérito perfecto* nas três variedades diatópicas analisadas.
- ii. Conforme a variedade diatópica, o PPS e o PPC operam conjuntamente, isto é, estão em variação em um ou mais contextos temporais analisados.
- iii. O estado de uso do PPS e do PPC descrito em cada uma das variedades corresponde a diferentes estágios de um processo de gramaticalização das formas do *pretérito perfecto* na língua espanhola.

Secundariamente, nosso percurso metodológico nos permite ainda avaliar uma quarta hipótese:

- iv. Há desacordo entre o estado da arte que descreve/prescreve o funcionamento das formas do *pretérito perfecto* e o uso que efetivamente observamos nas três variedades diatópicas.

Por fim, ao estabelecer como objetivo fundamental a descrição do comportamento do PPC e do PPS na expressão dos valores de **antepresente** e **passado absoluto** nas variedades de Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán, a conclusão deste trabalho acarretará consequentemente outras contribuições, tais como:

- O conhecimento sobre a dimensão da variação entre essas formas nas três variedades diatópicas investigadas.
- A percepção de que as formas do *pretérito perfecto* caracterizam-se no sistema da língua espanhola por um comportamento sincrônico heterôgeno e que esse dinamismo é consequência de um comportamento que ainda está em desenvolvimento nas variedades do espanhol.
- A divulgação das três variedades da língua espanhola apreciadas e a reavaliação do que já se tem afirmado sobre o comportamento das formas verbais nessas variedades.
- Um substrato tanto para estudos futuros sobre outros funcionamentos dessas formas, que escapam aos âmbitos de **antepresente** e **passado absoluto**, como para ensino de Espanhol como Língua Estrangeira/Língua Materna.
- A compilação de um *corpus* diatópico oral do espanhol com informações extralinguísticas que permitem estudos sociolinguísticos e dialetológicos.

Com o propósito de alcançarmos os objetivos expostos, esclarecendo importantes fundamentos para a compreensão de nossos dados, este trabalho desenvolve-se em cinco

seções. Na primeira delas, **I – A expressão do tempus em espanhol: o “antepresente” e o “passado absoluto”**, discutimos a categoria de tempo (*tempus*) e como ela se constrói na linguagem, observando, em especial, a temporalidade linguística estruturando-se no sistema da língua espanhola. Finalmente, definimos os âmbitos de **antepresente** e **passado absoluto** e observamos como o *pretérito perfecto simple* e o *compuesto* podem se relacionar tanto a esses âmbitos temporais como a outros valores. Figuram, portanto, na discussão presente na seção I, fundamentos importantes para a compreensão do comportamento polissêmico das duas formas verbais, bem como sobre a concepção dos dois âmbitos temporais aos quais nos ateremos no estudo.

Com a segunda seção, **II – O estudo da língua em uso: a variação entre as formas do pretérito perfecto em variedades diatópicas do espanhol**, nos aproximamos ainda mais da problemática impulsionadora deste trabalho, isso porque iniciamos a discussão resenhando como o estado da arte descreve, sob diferentes perspectivas e objetivos, a variação entre as formas do PPC e do PPS nas variedades do espanhol, com especial atenção às variedades de Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán. Em seguida, introduzimos a concepção de linguagem que adotamos, isto é, de um instrumento comunicativo com profunda e indispensável vinculação social. A partir dessa definição, procuramos associar o estado variável do comportamento do PPC e do PPS com a característica mutável e heterogênea da língua e de sua comunidade de fala. Desse modo, estabelecemos os pressupostos necessários para descrever a variação entre as formas do *pretérito perfecto* como um comportamento encaixado na estrutura da língua e da sociedade, permitindo verificar que os fatores relativos à informação temporal e origem diatópica, entre outros, são importantes para compreender o funcionamento do PPC e do PPS nas três variedades diatópicas investigadas. Para sermos concisos, a discussão desenvolvida nesse espaço auxilia-nos na avaliação futura de todas as nossas hipóteses de pesquisa.

Em seguida, na seção **III – Percorso e história do passado em espanhol**, estabelecemos uma discussão que visa favorecer fundamentalmente a avaliação da hipótese que versa sobre a possibilidade do uso registrado nas três variedades corresponder a diferentes estágios de um *continuum* de mudança pelo qual passa o *pretérito perfecto*. Para tanto, apresentamos um breve panorama da origem e desenvolvimento do PPC e do PPS, a partir do latim até às línguas românicas, com especial atenção ao espanhol e suas variedades. Em seguida, refletimos sobre o processo de gramaticalização do *pretérito perfecto compuesto* e buscamos fundamentos teóricos para identificar o atual estágio de uso das duas formas do

perfecto compuesto como pertencente a uma das etapas de um longo processo de mudança linguística que, aparentemente, ainda se constrói na língua espanhola.

Na penúltima seção (IV) expomos e justificamos mais extensivamente os **aspectos metodológicos para o estudo da expressão dos valores de antepresente e passado absoluto em espanhol**. Com esse fim, explicamos como as abordagens semasiológica e onomasiológica são fundamentais para a definição da variável linguística com que lidamos neste estudo, bem como a razão de escolhermos as variedades de Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán como alvo de nossa atenção. Ademais, definimos e justificamos o modelo de análise assumido, além dos demais grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos considerados ao longo do exame dos dados. Por último, apresentamos e justificamos o *corpus* linguístico compilado para o cumprimento de nossos objetivos.

Na seção final, analisamos e discutimos “**a expressão dos valores ‘passado absoluto’ e ‘antepresente’ no espanhol: uma análise multivariada do comportamento das formas do pretérito perfecto em Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán**”. Assim, expomos progressivamente o comportamento do PPC e do PPS nos âmbitos temporais em que se observa variação entre as formas e, paralelamente, apresentamos dados da análise multivariada. Como resultado, chegamos à demonstração de que, em sua maior parte, as hipóteses de pesquisa podem ser comprovadas. Havendo introduzido o leitor às ambições e problemáticas relacionadas à questão, passemos ao efetivo estudo da **expressão dos valores “passado absoluto” e “antepresente” no espanhol: um olhar atento a variedades diatópicas da Argentina e da Espanha**.

A EXPRESSÃO DO *TEMPUS* EM ESPANHOL: O “ANTEPRESENTE” E O “PASSADO ABSOLUTO”

O interesse em proceder à análise da expressão do *tempus* em uma língua natural conduz-nos a uma prévia reflexão teórica sobre como a categoria do tempo se estrutura na língua, dando lugar de destaque ao verbo, por compor uma classe que situa as ações e os estados na linha do tempo. Além disso, a elaboração dessa fundamentação teórica traz consigo uma melhor compreensão da complexidade que envolve o sistema verbo-temporal do espanhol, posto que se trata de “uma língua muito rica em formas de flexão, o que, logicamente, torna muito complexo o aprendizado do verbo tanto em seu aspecto puramente formal, como, sobretudo, semântico e sintático”⁹ (PORTO DAPENA, 1989, p.29).

A fim de nutrirmos uma discussão posterior sobre a expressão dos valores de **antepresente** (AP) e **passado absoluto** (PA) nas variedades investigadas, abordaremos nesta seção o conceito de tempo, como ele se constrói nas línguas naturais e, mais especificamente, na língua espanhola. Finalmente, iremos nos ater com maior atenção à descrição das concepções temporais de **antepresente** e **passado absoluto**, para então verificarmos como a norma gramatical da língua espanhola descreve sua expressão. Desse modo, esperamos formar um arcabouço teórico que nos permita proceder ao estudo das formas do *pretérito perfecto* nas três variedades diatópicas contempladas neste estudo.

1.1 A LINGUAGEM E O TEMPO

Segundo Benveniste (2006)¹⁰ o homem relaciona-se com o tempo de diferentes maneiras, percebendo-o em quatro instâncias: **física**, **psíquica**, **crônica** e, finalmente, **lingüística**. Sobre o **tempo físico**, diz ser o tempo do mundo, o qual assume uma forma “contínua, uniforme, infinita, linear e segmentável” (p.71). Por sua vez, essa concepção temporal teria um correlato mental, no qual o tempo passa a ser visto como detentor de uma “duração infinitamente variável que cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior” (p.71). A essa apreensão chamamos **tempo psíquico**.

⁹ “[...] una lengua muy rica en formas de flexión, lo que, lógicamente, hace muy complejo el aprendizaje del verbo tanto en su aspecto puramente formal, como, sobre todo, semántico y sintáctico” (PORTO DAPENA, 1989, p.29).

¹⁰ A primeira publicação da obra de Benveniste (2006) data de 1974.

Sobre o **tempo crônico**, afirma ser “o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida” (p.71). É esse tempo que permeia “nossa visão do mundo” e “nossa existência pessoal”, possibilitando, por meio de uma referência¹¹ pré-estabelecida, localizar e distinguir algo que é anterior ou posterior a esse marco referencial. A importância dada ao ponto de referência deve-se ao fato de nos informar “a posição objetiva dos acontecimentos” e de determinar nossa situação em relação a eles (p.73).

Benveniste (2006) observa o esforço que o homem dedica para objetivar a terceira concepção do tempo; isso é assim porque se vê no **tempo crônico** uma condição necessária para a sobrevivência da sociedade – daqui decorre o caráter social que adquire essa percepção temporal. Um grande exemplo da objetivação do tempo crônico é o calendário, o qual assume um importante evento sócio-histórico (nascimento de Cristo, por exemplo) como referência e, a partir dele, organizam-se os eventos menores e mais individualizados na linha do tempo.

Antes de introduzir a última perspectiva temporal, isto é, a do **tempo linguístico**, Benveniste (2006, p.74) lembra-nos que “é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo, e o tempo linguístico manifesta-se irredutível igualmente ao tempo crônico e ao tempo físico”. Salienta-se, desse modo, a dependência que temos da língua para vivenciarmos o *tempo*, tanto na sua concepção crônica, como na física. Assim, mais que mera representação referencial destes, o tempo da língua permite-nos a percepção, a apreensão e a compreensão deles à medida que os estrutura no sistema linguístico. Nesse processo de sistematização, o tempo na língua assume características peculiares que o transformam no tempo da língua.

Rojo (1974) encontrou na desatenção ao traço mensurativo a principal diferença entre o tempo da língua e o tempo cronológico. Isso porque, enquanto este assume como informação fundamental a especificação da distância existente entre momentos anteriores/posteriores¹² a uma referência socialmente constituída, o tempo linguístico considera fundamental apenas a marcação de anterioridade, simultaneidade e posterioridade de momentos, não se importando, com a medição precisa do distanciamento que há entre eles.

Por seu turno, para Benveniste (2006, p.74), na definição do tempo linguístico deve-se observar “o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso”. Em outras palavras, diferentemente do tempo crônico, que determina sua referência socialmente e que segue a contínua linearidade do tempo físico,

¹¹ Que pode ser definida individualmente ou coletivamente, haja vista que podemos assumir um evento de relevância pessoal ou ainda adotar uma convenção social como referência.

¹² Para a especificação temporal do tempo cronológico, a língua vale-se de unidades linguísticas que se relacionam diretamente a ele. Esse é o caso, por exemplo, das datas, que, aliadas a informações do tempo linguístico, podem nos oferecer, com maior exatidão, a identificação plena do tempo cronológico.

o tempo linguístico, arbitrariamente, “tem seu centro na instância da fala”. Um centro que é “ao mesmo tempo gerador e axial”, isto é, que lhe é origem e referência (BENVENISTE, 2006, p.74). Logo, ao enunciar construímos implicitamente o tempo linguístico, o presente, que “será reinventado a cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo” (BENVENISTE, 2006, p.75).

A partir desse presente, que se desloca acompanhando o ato discursivo, constrói-se uma referência que:

[...] constitui a linha de separação entre dois outros momentos engendrados por ele e que são igualmente inerentes ao exercício da fala: o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é ainda presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção (BENVENISTE, 2006, p.75).

Em poucas palavras, tal qual o **presente**, também o **passado** e o **futuro** da língua dependem do momento de fala e da referência instaurada nele. Desse modo, o primeiro (presente) caracteriza a concomitância à enunciação, enquanto os outros dois (passado e futuro), a não concomitância, que se articula em anterioridade e posterioridade, respectivamente (FIORIN, 1996, p.142).

Em síntese, diante dessa cena temporal construída pela língua,

Chega-se [...] à constatação [...] de que o único tempo inerente à língua é o presente axial do discurso, e que este presente é implícito. Ele determina duas outras referências temporais; estas são necessariamente explicitadas em um significante e em retorno fazem aparecer o presente e o que vai sê-lo. Estas duas referências não se relacionam ao tempo, mas às visões sobre o tempo, projetadas para trás e para frente a partir do ponto presente (BENVENISTE, 2006, p.76).

O tempo na língua organiza-se, portanto, no discurso e instaura um **agora**, que é o momento de enunciação, ao que se contrapõe um **então**. Em complemento, Santos (1974) observa em algumas línguas a diferenciação lexical entre o conceito de tempo não linguístico – isto é, o tempo cronológico, físico e psicológico – e a expressão do tempo linguístico por meios gramaticais¹³. A fim de reproduzir essa distinção neste trabalho, usaremos, respectivamente, **tempo** e a forma latina *tempus* (com o plural *tempora*). Notemos que desse modo evitamos a ambiguidade decorrente da polissemia existente nessa palavra.

Em relação às observações de Benveniste (2006) sobre as quatro noções de tempo, cabe destacar, por fim, como as concepções psíquica, crônica e linguística apontam diferentes

¹³ Por exemplo, o autor cita o caso do alemão que apresenta, respectivamente, as formas *zeit* e *tempus* e do inglês que, igualmente, possui *time* e *tense* para expressar os respectivos valores.

maneiras do homem relacionar-se com o tempo físico, internalizando-o por meio de uma intervenção mental, sócio-objetivadora e linguística. No quadro 1.1, expomos as características de cada uma das percepções do tempo definidas por Benveniste (2006).

Quadro 1.1: Das concepções de tempo segundo Benveniste

Tempo Físico (TF)	Tempo Crônico (TC)	Tempo Psíquico (TP)	Tempo Linguístico (TL)
<ul style="list-style-type: none"> - Tempo do mundo. - contínuo, uniforme, infinito, linear e segmentável. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo dos acontecimentos. - Engloba a vida. - Possui referência social ou individualmente estabelecida (Ex. calendário). - Localização a partir de uma referência. - Sobrevivência das sociedades. 	<ul style="list-style-type: none"> - Constructo mental do TF. - Duração variável medida pelo grau de emoção. 	<ul style="list-style-type: none"> - Representação do TF e TC na língua. - Permite vivenciar os demais tempos. - Define-se e se organiza em função do ato enunciativo. - Concomitância (presente) <i>Vs.</i> Não Concomitância (de anterioridade e de posterioridade). - O tempo inerente à língua é o <i>Presente</i> axial do discurso.

Fonte: Própria.

Como é de se esperar, será a perspectiva de tempo **linguístico** a que fundamentalmente observaremos neste trabalho, uma vez que nossos estudos envolvem a análise de duas concepções temporais na língua espanhola. A seguir, desenvolveremos uma reflexão mais apurada sobre a expressão linguística do tempo.

1.1.1 *Tempus*: dêixis temporal e combinações referenciais

Em consonância ao que propõe Benveniste (2006), outros teóricos apontam que a relação inerente entre o *tempus* e o momento de fala/enunciação é a característica fundamental dessa categoria linguística. Esse é o caso, por exemplo, de Reichenbach (2004)¹⁴, Hernández Alonso (1996)¹⁵, Comrie (2000)¹⁶, Rojo (1988), Porto Dapena (1989), Fiorin (2008), Riemer (2010) e García Fernández (2013), os quais afirmam, respectivamente, que:

The tenses determine time with reference to the time point of the act of speech (REICHENBACH, 2004, p.526)¹⁷.

[...] *Cualquier medición de temporalidades ha de ser necesariamente relativa a un momento o a varios... Y por supuesto el punto más próximo y conocido por el hablante es el de la elocución que coincide con su momento*

¹⁴A primeira publicação da obra de Reichenbach (2004) data de 1947.

¹⁵A primeira publicação da obra de Hernández Alonso (1996) data de 1984.

¹⁶A primeira publicação da obra de Comrie (2000) data de 1985.

¹⁷<Tradução nossa> “Os *tempora* determinam o tempo em relação ao momento do ato de fala” (REICHENBACH, 2004, p.526).

vital (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p.411)¹⁸.

What one rather finds most typically is the choice of the speech situation as the reference point, i.e. the present moment [...] and tenses locate situations either at the same time as the present moment or prior to the present moment, or subsequent to the present moment [...] (COMRIE, 2000, p.14)¹⁹.

La temporalidad lingüística [...] es una categoría gramatical deíctica mediante la cual se expresa la orientación de una situación, bien con respecto a un punto central, bien con respecto a otro punto que, a su vez, está directa o indirectamente orientado con respecto al punto central (ROJO, 1988, p.201)²⁰.

[...] la situación en el tiempo se realiza siempre tomando, directa o indirectamente, como punto de referencia el momento del discurso. Esto determina asimismo una característica esencial del tiempo verbal, y es su naturaleza deíctica (PORTO DAPENA, 1989, p.17)²¹.

O tempo deve, pois, ser definido, como a categoria gramatical que permite situar os acontecimentos como presentes, pretéritos ou futuros, em relação a um marco referencial presente, pretérito ou futuro, estabelecido a partir do momento da enunciação (FIORIN, 2008, p.11).

The time of utterance forms the point of reference which structures a language's tense system (RIEMER, 2010, p.316-317)²².

[El tiempo gramatical] Es una relación deíctica entre momentos de tiempo; por un lado el tiempo en que se da el evento denotado por el predicado y por otro el momento del habla (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2013, p.12)²³.

Na mesma direção, Rojo e Veiga (1999) mostram-nos que o tempo da língua fundamenta-se no estabelecimento de um ponto zero, que, por sua vez, coincide com o momento de enunciação. De maneira que “cada ato linguístico converte-se em seu próprio centro de referência temporal, com respeito ao qual os acontecimentos podem ser anteriores, simultâneos ou posteriores” (ROJO, VEIGA, 1999, p.2873)²⁴. Assim, para os autores, as relações temporais no *tempus* dão-se a partir de uma referência implícita (ponto zero) que é

¹⁸ <Tradução nossa> “Qualquer medição de temporalidades há de ser necessariamente relativa a um momento ou a vários... E evidentemente que o ponto mais próximo e conhecido pelo falante é o da elocução que coincide com seu momento vital” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p.412).

¹⁹ <Tradução nossa> “o que se encontra mais tipicamente é a escolha do momento de fala como o ponto de referência, isto é, o momento presente [...] e os *tempora* localizam as situações tanto no mesmo tempo – no momento presente – como anterior ou subsequente a ele” (COMRIE, 2000, p.14).

²⁰ <Tradução nossa> A temporalidade linguística [...] é uma categoria gramatical deíctica mediante a qual se expressa a orientação de uma situação, seja com respeito ao ponto central, seja com respeito a outro ponto, que, por sua vez, está direta ou indiretamente orientado com respeito ao ponto central. (ROJO, 1988, p.201).

²¹ <Tradução nossa> “a situação no tempo se realiza sempre tomando, direta ou indiretamente, como ponto de referência o momento do discurso. Isso determina também uma característica essencial do tempo verbal: sua natureza deíctica” (PORTO DAPENA, 1989, p.17).

²² <Tradução nossa> “ momento de enunciação constitui o ponto de referência, o qual estrutura o sistema de *tempora* da língua” (RIEMER, 2010, p.316-317).

²³ <Tradução nossa> “[o tempo gramatical] é uma relação deíctica entre momentos de tempo; por um lado, o tempo em que se dá o evento denotado pelo predicado e, por outro, o momento da fala” (GARCIA FERNADEZ, 2013, p.12).

²⁴ “Cada acto lingüístico se convierte, así, en su propio centro de referencia temporal, con respecto al cual los acontecimientos pueden ser anteriores, simultáneos o posteriores” (ROJO; VEIGA, 1999, p.2873).

criada e ancorada arbitrariamente no momento de fala, por isso a localização temporal de um evento dependerá de sua relação com o momento de enunciação – daí decorre o caráter **dêitico**²⁵ que se atribui ao *tempus*, uma categoria linguística que se constrói e se organiza a partir da enunciação.

No entanto, é importante salientar que nem sempre a relação com o momento de enunciação é estabelecida de modo explícito e direto, posto que, como deveremos observar mais adiante, um valor temporal pode construir-se também a partir de outra referência temporal, a qual, por sua vez, manterá uma relação mais estreita com o momento de fala. Assim, pode-se afirmar que “a temporalidade linguística é uma categoria dêitica múltipla e flexível que gira em torno de mais de um eixo, e que é substancialmente relativa” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p.412)²⁶.

Há de se considerar ainda a existência de ao menos três instâncias temporais envolvidas na expressão linguística do tempo, a saber: o momento da fala (MF), isto é, da enunciação, que está em contínua construção e, como vimos, coincide com o momento presente do enunciador; o momento das situações descritas (ME) e o momento de referência (MR), isto é, o momento em “que idealmente se situa o falante, deslocando-se em pensamento para o passado ou para o futuro” (CASTILHO, 1966, p.106). Será, portanto, a combinação desses três momentos que permitirá a expressão linguística do tempo, evidenciando que toda medição temporal no verbo é relativa e sustentada por um tripé.

Conforme devemos explicitar mais adiante, será o momento de referência (MR) a concepção mais abstrata e de maior dificuldade de análise. A ele caberá singular importância na categorização linguística da experiência humana com o tempo, pois

[...] este momento del punto de vista del hablante es el fundamental en la comunicación, el más específicamente lingüístico, puesto que A [ME] coincide con el tiempo físico de los acontecimientos y E [MF] coincide con el tiempo biológico del emisor en la comunicación. En cambio, R [MR] nos muestra la posición donde se sitúa el hablante para significar A [ME] desde su E [MF]. (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p.413)²⁷.

²⁵ Conforme Dubois (1978, p.167), é dêitico “todo elemento linguístico que, num enunciado, faz referência: (1) à situação em que esse enunciado é produzido; (2) ao momento do enunciado [...]”. Houaiss (2000, s/n), por seu turno, alega ser dêitico “cada um dos elementos indiciais da linguagem, que figuram lado a lado com as designações simbólicas ou conceituais; referem-se à situação em que o enunciado é produzido, ao momento da enunciação e aos atores do discurso”. Dêitico deriva do grego *deiktikos*, que quer dizer “que mostra ou demonstra”.

²⁶ “[...] la temporalidad lingüística es una categoría deíctica múltiple y flexible que pivota sobre más de un eje, y que es sustancialmente relativa” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p.412).

²⁷ <Tradução nossa> “[...] esse momento do ponto de vista do falante é o fundamental na comunicação, o mais especificamente linguístico, posto que A [ME] coincide com o tempo físico dos acontecimentos e E [MF] coincide com o tempo biológico do emissor na comunicação. Por sua vez, R [MR] mostra-nos a posição em que se situa o falante para significar A [ME] a partir de seu E [MF]” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p.413).

Mas como a categorização temporal se materializa nas diferentes línguas naturais? A seguir, ponderaremos um pouco sobre a questão.

1.1.2 *Tempus* e o verbo

Conforme temos observado, a relatividade é uma das grandezas que definem o tempo, isso porque quando buscamos situar uma ação ou estado no tempo, sempre estabelecemos uma relação deste com outro fato ou ser, isto é, a informação de um valor temporal será sempre o intervalo compreendido entre ambos os pontos. (PORTO DAPENA, 1989, p.13).

Para Bull (1971), os integrantes de uma comunidade podem tomar três eixos de referência pública para inferência compartilhada de um valor temporal. O primeiro deles corresponde aos eventos cósmicos: o nascer do sol, o anoitecer, as fases da lua, a maré alta ou baixa, as estações do ano, entre outros. A marcação de horas pelo relógio também pode ser tomada por muitas culturas como uma referência pública para a medição do tempo. Em terceiro lugar, costuma-se tomar também acontecimentos com grande repercussão na sociedade, esse é o caso, por exemplo, da coroação ou morte de um monarca, um grande terremoto, uma inundação catastrófica ou a deflagração de uma guerra.

Além desses três eixos referenciais públicos, há ainda um acontecimento que ocorre individualmente, em coincidência com o existir de um indivíduo em seu ato de pensar e enunciar, mas que pode ser tomado como um eixo coletivo de orientação temporal:

*The act of speaking is the only "personal" event which can actually be observed and used by another person. It functions, then, as an axis of orientation for the speaker and anyone who happens to be listening to him. This axis [...] is the prime point of orientation for all tense systems (BULL, 1971, p.7).*²⁸

Interessado, então, em entender como essa medição do tempo se constrói linguisticamente, Comrie (2000) observa diferentes línguas e conclui que a conceitualização linguística da temporalidade pode mudar radicalmente de uma comunidade para outra. Consciente dessa heterogeneidade e visando a uma teoria que envolva, se não todas, ao menos a maior parte das línguas naturais, Comrie (2000) identifica modos comuns de expressar o tempo por meio de estruturas linguísticas e os agrupa em três conjuntos.

No primeiro, de **expressões lexicais fixas**, encaixam-se os signos linguísticos de uso coletivo que variam conforme mudamos a língua observada. Esse é o caso, por exemplo, dos

²⁸ <Tradução nossa> "O ato de falar é o único evento "pessoal" que pode realmente ser observado e usado por outra pessoa. Ele funciona, então, como um eixo de orientação para o falante e qualquer um que possa vir a ouvi-lo. Esse eixo [...] é o ponto principal de orientação para todos os sistemas de *tempus*" (BULL, 1971, p.7).

advérbios de tempo “ontem/*ayer*, hoje/*hoy*, amanhã/*mañana*, antes/*antes*, depois/*después*”. O segundo grupo, que envolve **construções lexicais mais específicas**, relaciona-se a sintagmas construídos com o objetivo de indicar, com maior precisão, em que momento dada informação acontece. Essas construções se valem, muitas vezes, de outros acontecimentos do mundo do indivíduo e até mesmo de estruturas do primeiro grupo. São exemplos desse conjunto: “a semana antes do aniversário da minha mãe” ou “5 minutos depois de João sair”. Por suas características, essas expressões adquirem um uso mais particularizado e são potencialmente infinitas (COMRIE, 2000, p.8). Rojo e Veiga (1999) fazem-nos saber que são as construções do primeiro e segundo grupos as que mais se relacionam com o tempo crônico, por conseguirem especificar quando determinada situação ocorreu/ocorrerá²⁹.

Finalmente, o terceiro agrupamento constitui-se por **categorias gramaticais**, dentre as quais se destaca o **tempo verbal**. Sabe-se que a observação dessa categoria pressupõe o estudo do *verbo*, uma vez que entendemos este como uma “classe de palavras cujo significado é capaz de indicar, por processos morfológicos, modificações de voz, modo, tempo, aspecto, pessoa e número” (SANTOS, 1974, p.56). Desse modo, “o que faz o verbo é situar a ação ou processo – que constitui seu significado nuclear, expressado por sua base léxica – em relação com o tempo” (PORTO DAPENA, 1989, p.17)³⁰, tomando como referência diretamente o momento de fala (tempos absolutos) ou um momento especificado no contexto (tempos relativos) (MARTÍNEZ GARCÍA, 2003).³¹

Tendo em mente que o modo de expressão dessa categoria junto ao verbo pode se modificar conforme as línguas (COMRIE, 2000), verificamos, a título de exemplo, que no português e no espanhol tal valor temporal é muitas vezes difundido por meio de **sufixos flexionais** (SF) que se unem à base verbal:

(a). Cant	a	Va	Ø
(b).Cant	a	Ba	Ø
(raiz)	(vt) ³²	(SF de	(SF de
(base)		tempo/aspecto)	número/pessoa)

Notemos que nos casos acima são os **sufixos flexionais** (SF) de tempo que “situam a ação, estado, evento ou processo [do verbo] na sua relação temporal com a enunciação e o

²⁹ Denominaremos “marcadores temporais” ou “construções temporais” todas as “expressões lexicais fixas” e “específicas”.

³⁰ “*El verbo lo que hace es situar la acción o proceso – que constituye su significado nuclear, expresado por su base léxica – en relación con el tiempo*” (PORTO DAPENA, 1989, p.17).

³¹ Evidentemente, reconhecemos que, como predicador, o verbo desempenha um papel muito maior no interior das orações. Contudo, nesse momento, interessa-nos observar especificamente seu papel na orientação temporal dos enunciados.

³² Vogal temática.

falante/ouvinte” (CORÔA, 2005³³, p.34). Como já comentado anteriormente, é atribuída ao *tempus* a característica de relacionar temporalmente os acontecimentos ao momento da enunciação, de onde inferimos que podemos identificar a categoria do *tempus* na relação do verbo com seus elementos flexionais. De fato, ao entendermos o sufixo flexional de tempo como o morfema que nos dá as coordenadas do *tempus*, entramos em acordo com Riemer (2010, p.310), quem afirma que “*tempus* é o nome da classe das marcas gramaticais usadas para sinalizar a localização de situações no tempo”³⁴.

Não obstante, há de se considerar também que nem sempre a orientação do *tempus* é dada por um sufixo ligado à base verbal. Tanto que Bull (1971, p.20) identifica algumas línguas em que os morfemas temporais são ligados ao sujeito ou apresentam-se como formas livres³⁵. Ademais, parece que tampouco encontramos a existência de um único sufixo operando na expressão do valor temporal da forma do *pretérito perfecto compuesto*, mas um conjunto de marcas linguísticas e contextuais: de um lado a forma auxiliar *haber* conjugada em presente do indicativo, de outro uma forma em participípio aportando a ideia de conclusão. Juntos, como verificaremos com o estudo do processo de gramaticalização do PPC (Seção III), contribuíram para que se inferisse tanto o valor de **antepresente** como outros que também se associam à forma verbal.

Riemer (2010) observa, ainda, que a sistematização do *tempus* pode se mostrar diferente conforme a língua em análise. Desse modo, encontram-se tanto línguas que seguem uma organização de (1) base tripartida (Pretérito ⇔ Presente ⇔ Futuro), como línguas de organização de base bipartida, na qual se encontram dois subgrupos: o das (2) línguas que opõem as formas do presente às formas do passado e o das (3) línguas que apresentam oposição entre forma marcada e não marcada (passado vs. não passado ou futuro vs. não futuro). As línguas de sistemas bipartidos possuem outros meios de especificação temporal, tais como os verificados no primeiro e segundo grupos das formas de expressão do tempo.

A estruturação tripartida, verificada nas línguas românicas, por exemplo, possibilita, a partir do momento de enunciação, organizar os *tempora* em três âmbitos: correspondentes ao que já aconteceu (passado), o que está acontecendo (presente) e o que acontecerá (futuro). É evidente que as línguas poderão fragmentar essa divisão básica, construindo âmbitos menores que guardam direta relação com o valor do âmbito maior, resultando, por isso, um sistema temporal que abriga mais de três *tempora*.

³³ A primeira publicação da obra de Corôa (2005) data de 1985.

³⁴ “[...] *tense is the name of the class of grammatical markers used to signal the location of situations in time.*” (RIEMER, 2010, p.310).

³⁵ Esse seria o caso do zulu, do crioulo haitiano, do yoruba, do hawaiano ou do madarim (BULL, 1971).

Para melhor entendermos como os *tempora* estruturam-se nas línguas, recorreremos, em seguida, ao postulado lógico-temporal de Reichenbach (2004) e de Rojo (1974, 1988, 1990, 1999). Não obstante, cumpre-nos ressaltar que, apesar da maior atenção dada ao *tempus*, os autores não desprezam outras categorias verbais que operam conjuntamente a ele (como o aspecto, por exemplo). Da mesma maneira, não visamos à concepção de categorias estanques e autônomas, mas à compreensão do valor que aporta cada uma no funcionamento conjunto ao uso verbal – como deveremos observar na análise das formas de passado em espanhol.

1.1.3 O sistema reichenbachiano

Segundo advertem Corôa (2005) e Barbosa (2008), a compreensão do sistema temporal de Reichenbach (2004) pressupõe um diálogo direto com a Teoria da Relatividade Especial (TRE), desenvolvida fundamentalmente por Einstein. Isso porque, para o físico, era incabível a concepção de um **tempo absoluto**³⁶, na qual o tempo tem uma existência ontológica. Pelo contrário, o tempo deveria possuir uma conceitualização mais individualizada por ser “relativo a um único observador” (BARBOSA, 2008, p.54). Assim, somente a partir do posicionamento desse observador, conseguiríamos determinar a simultaneidade, a anterioridade ou a posterioridade dos eventos no tempo.

Focalizando-se no tempo da língua, Corôa (2005, p.30) alerta-nos que a figura do “observador” passa a ser vista, por questões de generalização teórica³⁷, “como um sistema fixo de referência dentro do qual o conjunto temporal se encontra”. No sistema reichenbachiano, o observador culmina no que é considerado inovador para os estudos do *tempus*: o **momento de referência** (MR)³⁸. Instância que, na descrição dos *tempora*, deverá ser somada aos já então conhecidos momentos do evento (ME) e da fala (MF)³⁹.

Como vimos, o **momento do evento**, possui a manifestação mais concreta dentre os três, “por ter um referente definido e captar mais objetivamente o intervalo de tempo em que

³⁶ Segundo Corôa (2005, p.26), a conceitualização de tempo absoluto foi desenvolvida por Newton e Galileu, os quais postularam a concepção de um tempo ontológico, isto é, que existe por si só, fora dos eventos. Deste modo, o tempo fluiria sem relação com qualquer coisa que lhe fosse externa e “os momentos presente, passado e futuro [...] seriam entidades [também] com existências próprias, independentes de eventos” (BARBOSA, 2008, p.54).

³⁷ Essa generalização deve-se à necessidade que possuem as línguas de estruturar um sistema que seja minimamente comum a seus falantes e, desse modo, garantir a eficiência comunicativa entre eles. Não fosse assim, seria impossível a expressão de *tempora* compreensíveis por todos os falantes, uma vez que poderia haver tantos sistemas de *tempora* quanto a quantidade de usuários de dado idioma.

³⁸ No inglês, *point of reference* (R) e no espanhol, também *momento de referencia* (MR).

³⁹ No inglês, *Point of the Event* (E) e *Point of Speech* (S), respectivamente. No espanhol, *Momento del Evento* (ME) e *Momento de Habla* (MH).

ocorre o processo, evento, ação ou estado descrito” (CÔROA, 2005, p.38). Por sua vez, o **momento da fala** mostra-nos o caráter dêitico que tem o *tempus*, visto que se relaciona diretamente com ato locutório e com a pessoa do discurso que enuncia. Por último, o **momento de referência**, considerado o mais complexo dentre os três, é visto como um “sistema de inércia que serve de referencial fixo para uma definição de tempo em uma TRE”⁴⁰ (CORÔA, 2005, p.39); desse modo, definirá as perspectivas de retrospectividade, simultaneidade e posterioridade ao MF. É também avaliado como o “tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte para a contemplação do ME” (CORÔA, 2005, p.11)

Para nos explicar a necessidade do MR no estudo do *tempus*, além do modo como ele relaciona-se com os demais momentos, Reichenbach (2004, p.527) apresenta-nos o exemplo:

(1) *In 1678 the whole face of things had changed.*

Em 1678 toda a cara das coisas havia mudado

Nele, verificamos o momento de referência fixado no ano 1678 e, por isso, passado em relação ao momento de fala. Por sua vez, o momento do evento (*had changed*) estabelece uma relação de anterioridade ao MR. Assim, inferimos que a forma “*had changed*” expressa o *tempus* **passado anterior** (*anterior past*), o que na representação lógica de Reichenbach (2004) é descrito como ME-MR-MF. Na notação desse teórico, entende-se travessão (-) como retrospectividade ou prospectividade e vírgula (,) como simultaneidade. Ou seja que, no caso específico de ME-MR-MF, verifica-se um evento (ME) anterior ao momento de referência (MR), o qual, por sua vez, também guarda uma relação de anterioridade à enunciação (MF).

Segundo Reichenbach (2004), o momento de referência pode ser inferido também do próprio contexto de enunciação e até mesmo da relação com outros eventos; são esses os casos verificados no microconto “*El miedo*”, de Eduardo Galeano (2003):

Una mañana, nos regalaron un conejo de Indias. Llegó a casa enjaulado. Al mediodía, le abrí la puerta de la jaula.

Volví a casa al anochecer y lo encontré tal como lo había dejado: jaula adentro, pegado a los barrotes, temblando del susto de la libertad.
(GALEANO, 2003, p.99):⁴¹

Percebamos que as formas simples sublinhadas não possuem, no texto, um marcador temporal que lhes sirva como referência explícita, tal como encontramos no exemplo (1). De modo que o MR deverá ser constituído pelo contexto de enunciação, o qual nos levará a inferir que “*una mañana*” ou “*al anochecer*” não são concomitantes ao MF, mas *passado* em

⁴⁰ Como vimos, Teoria da Relatividade Especial.

⁴¹ Grifos nossos. <Tradução nossa> Uma manhã, nos deram um porquinho da Índia. Chegou em casa enjaulado. Ao meio-dia, abri a porta da jaula para ele. Voltei para casa ao anoitecer e o encontrei tal como o havia deixado: jaula adentro, preso à grade, tremendo do susto da liberdade.

relação a ele. Notemos, também, que os momentos do evento das formas sublinhadas são concomitantes a “*una mañana*” ou a “*al anocheecer*”, levando-nos a concluir que as formas verbais sublinhadas expressam o **passado simples** (*simple past*), descrito por Reichenbach como ME,MR-MF.

Atendo-nos ao sentido da forma composta, em negrito, verificamos que seu momento de referência não mais se constitui por meio de um marcador temporal explícito, mas por meio do *tempus* existente nas formas sublinhadas, as quais, como vimos, expressam o **passado simples**. Assim, o que verificamos em “*lo encontré tal como lo **había dejado***” é um momento de referência (“*encontré*”) que é passado ao MF, mas que é posterior ao ME (“*había dejado*”), em poucas palavras, novamente o passado anterior (ME-MR-MF). No entanto, devemos ter consciência de que, por se tratar de um ponto abstrato, o momento de referência nem sempre pode ser identificado como um elemento frasal concreto – tal qual fizemos.

Um terceiro exemplo, oferecido por Hernández Alonso (1996, p.413), ajuda-nos a compreender como MR opera como o ponto de vista do enunciador, pois ao observar (2)

(2a) *Colón descubre América en 1492.*

Colombo descobre a América em 1492.

(2b) *Colón descubrió América en 1492.*

Colombo descobriu a América em 1492.

encontramos em ambas as orações um compartilhamento do MF e o ME (ocorrendo em 1492), no entanto, a grande diferença entre elas deve-se à referência assumida em cada uma, isso porque enquanto no primeiro caso assume-se um ponto de vista presente, isto é, concomitante com o momento de fala (MR,MF), no segundo caso assume-se uma perspectiva de passado (MR-MF). Desse modo, o “MR mostra-nos o posicionamento em que se situa o falante para significar ME a partir de MF” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p.413)⁴². Isso posto, parece claro que, para a definição dos *tempora*, “três entidades devem ser definidas numa relação de coordenação entre elas [...]. Duas dessas entidades devem ser eventos cósmicos; o terceiro é o sistema de referência, na verdade, o evento de observação”⁴³ (BULL, 1971, p. 11).

Se fizéssemos, tal como Reichenbach (2004), as permutas posicionais entre os três momentos – considerando a concomitância ou não-concomitância (de anterioridade ou de

⁴² “R [MR] nos muestra la posición donde se sitúa el hablante para significar A [ME] desde su E [MF]”. (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p.413).

⁴³ “Three entities must be set in coordinate relation to each other [...]. Two of these entities must be cosmic events; the third is the frame of reference, actually the event of observation” (BULL, 1971, p.11).

posterioridade) entre dois ou três deles – chegaríamos ao quadro de relações lógico-temporais com treze possíveis *tempora*, tal como observamos no quadro 1.2.

Quadro 1.2: Das relações temporais de Reichenbach

Estrutura	Novo nome	Nome tradicional
ME–MR–MF	Passado anterior (<i>I had eaten...</i>)	<i>Past Perfect</i>
ME,MR–MF	Passado simples (<i>I ate...</i>)	<i>Simple Past</i>
MR–ME–MF	Passado posterior	—
MR–MF,ME		
MR–MF–ME		
ME–MF,MR	Presente anterior (<i>I have eaten...</i>)	<i>Present perfect</i>
MF,MR,ME	Presente simples (<i>I eat...</i>)	<i>Present</i>
MF,MR–ME	Presente posterior (<i>I am going to eat</i>)	<i>Simple Future</i>
MF–ME–MR	Futuro anterior (<i>I will have eaten...</i>)	<i>Future perfect</i>
MF,ME–MR		
ME–MF–MR		
MF–MR,ME	Futuro simples (<i>I will eat...</i>)	<i>Simple future</i>
MF–MR–ME	Futuro posterior	—

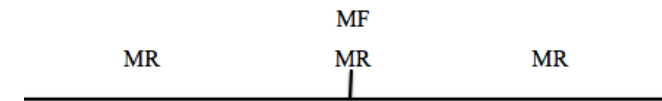
Fonte: Reichenbach (2004, p.531) – Tradução nossa.

Contudo, há de se considerar a existência de conjuntos de relações que, em essência, expressam o mesmo sentido. Esse é o caso de MR-ME-MF, MR-MF,ME, MR-MF-ME, cujo sentido comum é de **passado posterior** (*posterior past*), isto é, de uma referência anterior ao momento de fala e ao momento do evento, e de MF-ME-MR, MF,ME-MR, ME-MF-MR, as quais expressam o valor do **futuro anterior** (*anterior future*), ou seja, de uma referência posterior ao momento de fala e ao momento do evento.

Notemos que as relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade entre MR e MF são indicadas, respectivamente, pelos termos passado, futuro e presente. Por outro lado, a posição de ME em relação a MR é rotulada por anterior, simples e posterior, sendo simples equivalente à concomitância entre MR e ME (REICHENBACH, 2004, p.531). Em especial, destacamos que o “presente anterior” corresponde ao que temos chamado de **antepresente**, assim como “passado simples” corresponde ao que denominamos **passado absoluto**.

A compreensão dessas relações pode se tornar mais clara se nos orientamos pelo raciocínio de Vet (2007, p.8), que verifica os três momentos de referência (MR) fixados arbitrariamente em relação ao momento de fala (MF), conforme observamos na figura 1.1.

Figura 1.1: Da relação MR e MF



Fonte: Vet (2007, p.08) – Tradução nossa.

O autor prevê ainda a refragmentação dessa tripartição tendo em vista a relação estabelecida entre os momentos do evento (ME) e os momentos de referência (MR), chegando, dessa maneira, às nove possíveis relações⁴⁴:

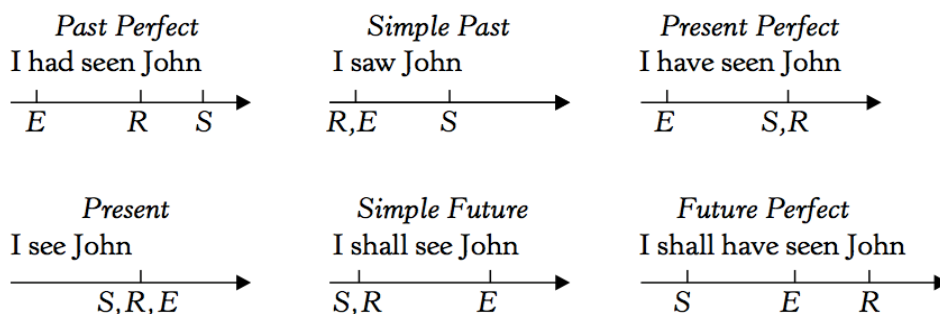
Figura 1.2: Da relação ME e MR



Fonte: Vet (2007, p.08) – Tradução nossa.

Como vemos, diferentemente da permuta feita por Reichenbach (2004), na qual primeiramente se chega à quantidade de treze possíveis relações lógico-temporais, para só depois reduzi-la aos nove *tempora* efetivamente funcionais, no diagrama de Vet (2007) somos conduzidos diretamente às nove relações significativas. É evidente que os nove *tempora* respondem a uma teoria que visa à descrição de qualquer língua e, portanto, prevê valores não necessariamente realizáveis em todos os idiomas.

Figura 1.3: Dos *tempora* da língua inglesa⁴⁵



Fonte: Reichenbach (2004, p. 527).

⁴⁴ Nelson Cartagena (1999) chama cada uma dessas fragmentações de âmbitos. Sendo considerados primários os presentes nas relações estabelecidas entre o MF e o MR (Figura 1.1) e secundários os provenientes do acréscimo do ME (Figura 1.2).

⁴⁵ E, R e S referem-se, respectivamente, a momento do evento (ME), momento de referência (MR) e momento de fala (MF).

O inglês, por exemplo, não apresenta formas destinadas à expressão dos valores de passado posterior (*posterior past*) e futuro posterior (*posterior future*), dispondo, segundo Reichenbach (2004), de apenas seis *tempora* em seu sistema, os quais têm a relação dos momentos ilustrada pelo próprio autor, por meio da figura 1.3.

Em suma, a peculiaridade no postulado teórico de Reichenbach (2004) deve-se à existência de um sistema de referência comum aos falantes da língua ou de suas variedades. Só então, a partir da referência compartilhada entre um grupo de falantes, seria possível observar as relações existentes entre acontecimentos e, logo, a localização temporal deles. Sobre isso comenta Corôa (2005),

Como todos nós ocupamos aproximadamente o mesmo sistema de referência, nossas determinações temporais, em uma situação normal de comunicação, concordam. Ou seja, somos observadores em repouso um em relação ao outro e podemos verificar que nossos presentes, a qualquer instante, são idênticos (CORÔA, 2005, p.87).

1.1.3.1 O sistema verbal da língua espanhola pela ótica reichenbachiana

Devemos fundamentalmente a Acero Fernández (1990) e a Carrasco Gutiérrez (1994) a análise dos *tempora* da língua espanhola sob a ótica reichenbachiana. Em comum, os dois autores destacam alguma dificuldade na acomodação dessa proposta ao sistema do espanhol. Isto porque dentro essa teoria não acomodaria a forma *habría trabajado* e seria necessária uma reflexão sobre o aspecto verbal a fim de auxiliar, por exemplo, na diferenciação de algumas formas do pretérito. O quadro 1.3 aplica a teoria temporal de Reichenbach (2004) à língua espanhola.

É pertinente destacar que para os autores tanto o *pretérito perfecto simple* (*trabajé*) como o *pretérito imperfecto* (*trabajaba*) expressam o valor de passado simples (ME,MR-MF), sendo a diferença entre eles de caráter aspectual⁴⁶. Por sua vez, a forma do futuro (*trabajaré*) veicularia dois dos valores presentes na proposta reichenbachiana: o presente posterior (MF,MR-ME), envolto pelo âmbito primário de coexistência a MF (*ahora*), e o *futuro simples* (MF-MR,ME), no âmbito de posterioridade a MF (*mañana*). Finalmente, segundo os autores, não haveria uma forma na língua espanhola destinada fundamentalmente à expressão do futuro posterior (MF-MR-ME).

⁴⁶ Segundo Comrie (1976) e García Fernández (2008), o *pretérito perfecto simple* possui aspecto **perfectivo**, retratando, portanto, os limites do evento. O *pretérito imperfecto*, por outro lado, possui aspecto **imperfectivo**, o que lhe faz se ater ao desenvolvimento do evento, propiciando, por isso, a construção de um sentido durativo. Em comum, ambos os *tempora* são de passado.

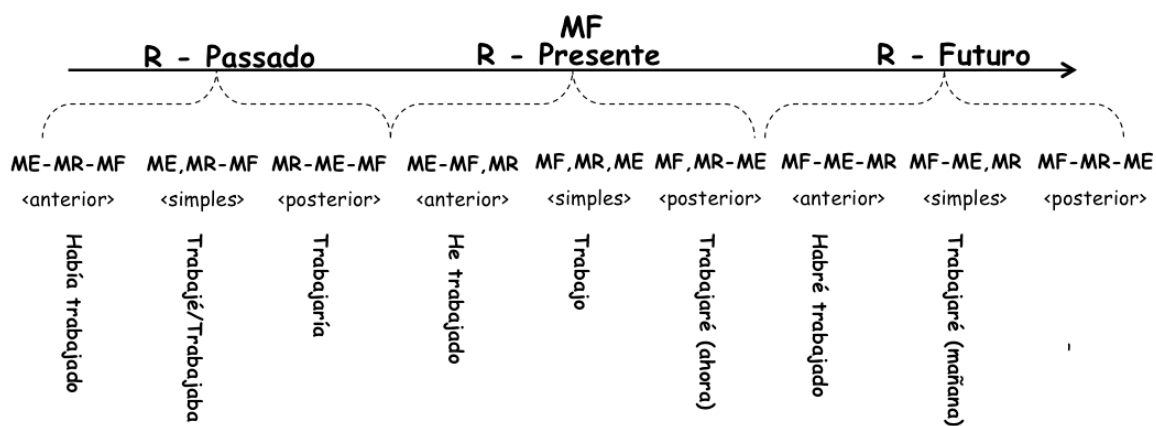
Quadro 1.3: Dos *tempora* da língua espanhola sob a ótica reichenbachiana

Estrutura	Novo nome	Nome tradicional	Forma verbal
ME–MR–MF	Passado anterior	<i>Pretérito pluscuamperfecto</i>	<i>Había trabajado</i>
ME,MR–MF	Passado simples	<i>Pretérito perfecto simple / Pretérito imperfecto</i>	<i>Trabajé Trabajaba</i>
MR–ME–MF MR–MF,ME MR–MF–ME	Passado posterior	<i>Condicional</i>	<i>Trabajaría</i>
ME–MF,MR	Passado anterior	<i>Pretérito perfecto compuesto</i>	<i>He trabajado</i>
MF,MR,ME	Presente simples	<i>Presente</i>	<i>Trabajo</i>
MF,MR–ME	Presente posterior	<i>Futuro</i>	<i>Trabajaré (ahora)</i>
MF–ME–MR MF,ME–MR ME–MF–MR	Futuro anterior	<i>Futuro perfecto</i>	<i>Habré trabajado</i>
MF–MR,ME	Futuro simples	<i>Futuro</i>	<i>Trabajaré (mañana)</i>
MF–MR–ME	Futuro posterior	–	–

Fonte: Carrasco Gutiérrez (2004, p. 527) – Tradução nossa.

A figura 1.4 considera a organização de Vet (2007) e, assim, localiza, na linha do tempo, os *tempora* do espanhol em relação ao momento de fala (MF):

Figura 1.4: Da organização dos *tempora* da língua na linha do tempo



Fonte: própria.

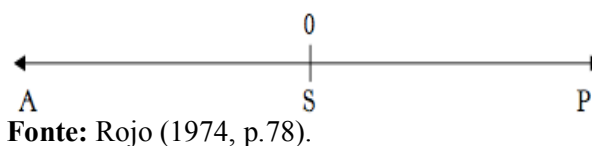
1.1.4 A teoria temporal de Guillermo Rojo

Os trabalhos de Rojo (1974, 1988, 1990, 1999) caracterizam-se pela negação, logo de início, da percepção de tempo linguístico tida pela gramática tradicional. Isso porque, “na concepção tradicional os fatores temporais que atuam no verbo estavam excessivamente

vinculados às noções extralinguísticas de presente, passado e futuro⁴⁷ (ROJO, 1990, p.24), esquecendo, portanto, que o tempo da língua tem sua origem e referência construídas no MF.

O autor nomeia a referência fundamental do *tempus* de **ponto central** ou **ponto zero** (0), isto é, a origem com relação à qual se orientam de forma mediata ou imediata as situações. A partir do ponto zero, verifica-se a possibilidade de orientarmos os eventos como anteriores (A), simultâneos (S) ou posteriores (P):

Figura 1.5: Das possíveis orientações dos acontecimentos em relação ao ponto zero



Essas três coordenadas, por sua vez, recebem o nome de **vetores** (V) e serão representadas, tendo em vista os **acontecimentos** (A), da seguinte maneira:

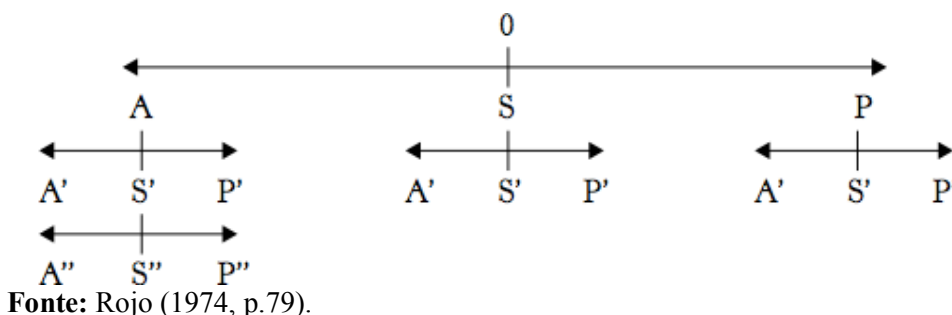
A (0-V) – *Ayer fuimos al parque/ ontem fomos ao parque;*

A (0oV) – *Hoy estamos en vacaciones/ Hoje estamos de férias;*

A (0+V) – *Mañana comeré en la playa/ Amanhã comeremos na praia.*

De onde inferimos que -V significa anterioridade, oV simultaneidade e +V posterioridade ao ponto zero (0). Pertinente nessa proposta é a possibilidade de mostrar como um *acontecimento* (A) pode se orientar também em relação a outro evento, que, por sua vez, guarda uma relação mais estreita com a origem, tal como se verifica na figura 1.6:

Figura 1.6: Da orientação dos acontecimentos em relação a outro acontecimento



Conforme se desce o nível das relações temporais, observa-se a configuração de uma referência temporal mais complexa, pois vai se acrescentando, nível a nível, mais um vetor à notação proposta por Rojo. Assim é que encontraremos, no segundo nível, a fórmula [(0-

⁴⁷ “En la concepción tradicional, los factores temporales que actúan en el verbo eran vinculados en exceso a las nociones extralingüísticas de presente, pasado y futuro” (ROJO, 1990, p.24).

V)+V]⁴⁸, que representa um acontecimento posterior (+V) a uma referência expressa por (0-V), isto é, um evento anterior (-V) ao ponto zero (0). Esse é o valor expresso por *descubriría*, em (3), já que a descoberta refere-se a um fato futuro em relação à referência pretérita estabelecida pelo abandono da mãe.

(3) *Un día, la madre se fue y los abandonó a todos. Y él solo descubriría mucho más tarde, ya en la edad adulta, la raíz de la violencia materna inscrita.*⁴⁹

Um dia, a mãe foi embora e abandonou a todos. E ele só descobriria muito mais tarde, já na idade adulta, a raiz da violência materna inscrita.

Por sua vez, [((0-V)-V)oV]⁵⁰, no terceiro eixo, expressa um acontecimento simultâneo (oV) a uma referência temporal mais complexa, resultante do acréscimo de mais um vetor à referência vista anteriormente (0-V)-V. Ou seja, o valor temporal de simultaneidade (oV) constrói-se sobre uma informação referencial equivalente a um evento anterior (-V) a outra situação que também é anterior (-V) ao ponto zero (0)⁵¹.

Aparentemente, poderíamos pensar que essas relações tendem a se estender em direção ao infinito, no entanto Rojo (1974) adverte-nos que provavelmente não existam línguas com formas verbais que indicam relações mais complexas que as expressas na figura 1.6, com até três níveis de relações temporais. Essa construção de extrema complexidade seria encontrada no espanhol por meio da forma composta na sentença (4), a qual, na formalização de Rojo (1990, p.27), seria representada por A [(((0-V)+V)-V)]⁵² – expressão de um acontecimento (*habría terminado*) anterior a uma situação posterior (*llegáramos*) a outro acontecimento (*dijo*), o qual, por sua vez, encontra-se em uma relação de anterioridade ao ponto zero (0).

(4) *Nos dijo que ya habría terminado cuando llegáramos.*

Nos disse que já haveria terminado quando chegássemos.

Assim, atendo-se à relação existente entre os acontecimentos e o **ponto central (0)**, Rojo (1999) propõe que os *tempora* sejam classificados em **absolutos** – isto é, que guardam relação direta com a origem – ou em **relativos** – isto é, que tem sua relação com o ponto central mediada por uma ou mais referências secundárias; ou seja, com outros acontecimentos (A). Na mesma direção, Givón (2001) atribui aos *tempora absolutos* uma ancoragem no

⁴⁸ Verificável no ponto P' à esquerda da figura 1.6.

⁴⁹ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal espanhol *El País*, de 04/09/2015. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2015/09/04/actualidad/1441403630_361314.html>. Acesso em 11/05/2016.

⁵⁰ Verificável no ponto S'' da figura 6.

⁵¹ Observemos que a leitura da notação de Guillermo Rojo deve ser feita da direita para a esquerda. Alertamos que essa possibilidade associativa do postulado de Rojo não encontra uma forma própria de expressão no sistema da língua espanhola, pelo menos.

⁵² Relação temporal sequer prevista no postulado de Reichenbach.

momento de fala, ao passo que aos *tempora relativos* atribui uma ancoragem em um ponto de referência temporal anterior ou seguinte ao tempo do discurso. Daqui decorre a concepção de um **passado absoluto**, isto é, *tempus* que estabelece uma relação de anterioridade direta à referência primária, que é o momento de fala.

A fim de exemplificarmos melhor o funcionamento desse postulado teórico e entender como se dá o funcionamento do sistema de *tempora* no espanhol, comentamos, adiante, a aplicação da teoria de Guillermo Rojo à língua espanhola.

1.1.4.1 O sistema verbal da língua espanhola pela ótica de Guillermo Rojo

Guillermo Rojo destaca que cada um dos *tempora* compõe-se necessariamente de um **vetor primário**, definido por uma das três coordenadas estabelecidas diretamente em relação ao ponto central (0): de **anterioridade** (-V) , de **simultaneidade** (oV) e de **posterioridade** (+V) e cujo papel fundamental é a (1) expressão da **relação temporal primária** dos tempos absolutos ou a (2) especificação de um **ponto de referência** dos tempos relativos. Nesse postulado, portanto, a **relação temporal primária** ocupará sempre o vetor (V) ao extremo direito da notação, ao passo que todo o restante, à esquerda, irá se destinar à expressão **do ponto de referência**, que, nas palavras de Rojo e Veiga (1999, p.2882), “pode ser a origem ou mesmo um ponto situado em relação a ela, é o que estabelece a situação no eixo temporal do momento em relação ao qual as formas expressam a relação primária.”⁵³.

Quadro 1.4: Dos *tempora* do modo indicativo da língua espanhola pela ótica de Rojo

PONTO DE REFERÊNCIA	RELAÇÃO TEMPORAL PRIMÁRIA		
	-V	oV	+V
0	<i>Canté</i>	<i>Canto</i>	<i>Cantaré</i>
(0-V)	<i>Había cantado</i>	<i>Cantaba</i>	<i>Cantaría</i>
(0oV)	<i>He cantado</i>		
(0+V)	<i>Habré cantado</i>		
((0-V)+V)	<i>Habría cantado</i>		

Fonte: Rojo e Veiga (1999, p.2884) – Tradução nossa.

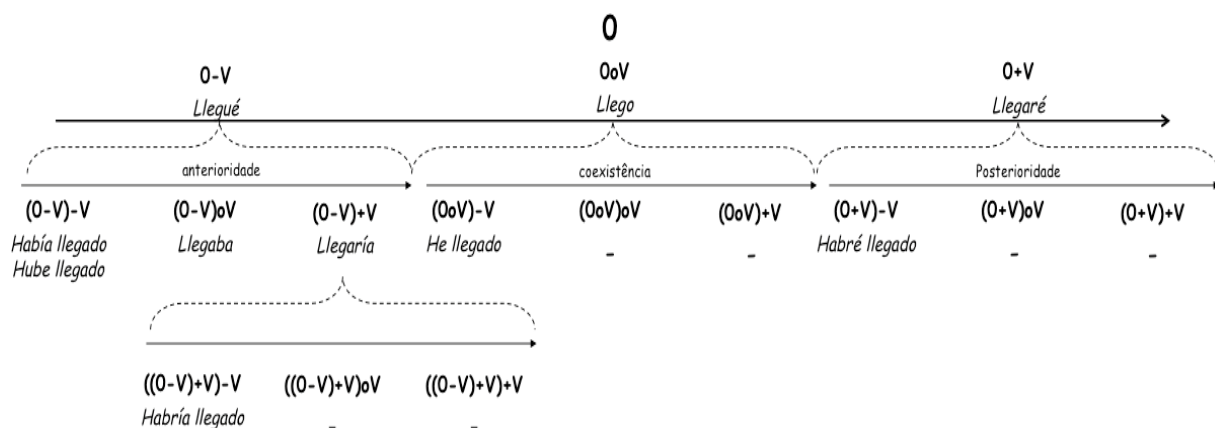
A título de exemplo, em A[[(0oV)-V]], que conforme o quadro 1.4, informa-nos o *tempus* da forma *he cantado*, podemos diferenciar o **vetor de relação temporal primária** (-V) do **ponto de referência** (0oV). Em outras palavras, o valor temporal da forma composta

⁵³ [...] puede ser el origen o bien un punto situado con relación a él, es el que establece la situación en el eje temporal del momento con respecto al cual las formas expresan la relación primaria (ROJO;VEIGA,1999, p.2882).

he cantado consiste em expressar um acontecimento anterior a uma referência simultânea à origem – isto é, o **antepresente**. Tendo explicado como esses dois constituintes operam juntos para expressar o valor dos *tempora*, torna-se mais fácil a compreensão do quadro que esboça os *tempora* do modo indicativo da língua espanhola. A observação das formas dentro desse esboço possibilita-nos perceber, entre outros, a preponderância, no espanhol, de *tempora* de relação temporal primária de anterioridade (-V).

A figura 1.7 considera o postulado de Guillermo Rojo (2007) e, assim, localiza, na linha do tempo, os *tempora* do espanhol em relação ao ponto zero (0). Em síntese, a proposta de Rojo tem, sobre o postulado reichenbachiano, a vantagem de definir claramente o lugar que ocupam todos os *tempora* no sistema da língua espanhola, diferenciando claramente, por exemplo, o *pretérito perfecto simple* do *pretérito imperfecto* quanto à função temporal desempenhada. Há de se notar ainda que Guillermo Rojo considera que as formas correspondentes a cada um dos valores aqui apresentados tomam os respectivos sentidos como primários, sem desconsiderar, contudo, a possibilidade de que expressem outras relações temporais, como valores secundários.

Figura 1.7: Da expressão da temporalidade verbal no espanhol



Fonte: Rojo (1974, p.82) – Adaptação nossa.

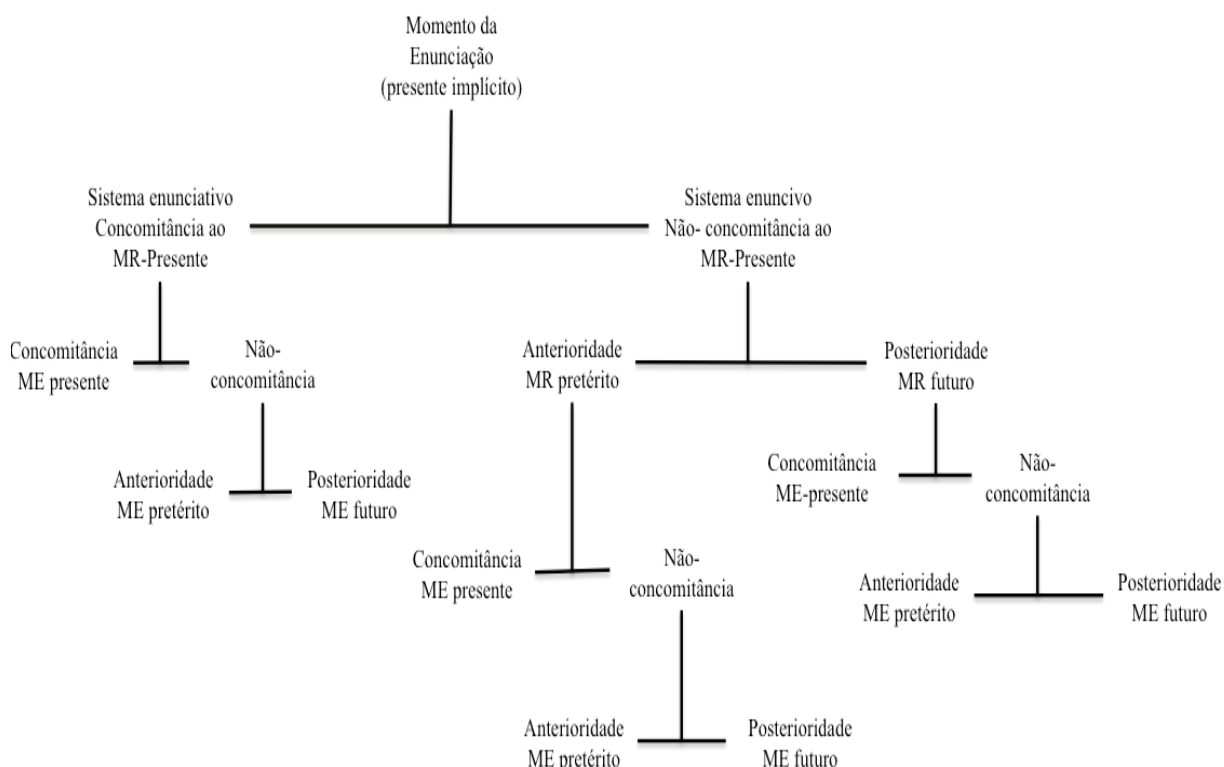
1.1.5 A teoria temporal de Fiorin

Tomando como base o referencial teórico de Benveniste (2006 [1974]), Fiorin (1996) inicia sua proposta de categorização do *tempus* observando que o presente, enquanto referência do discurso, é reinventado a cada momento de fala, inviabilizando, portanto, sua localização por meio do tempo crônico. Ademais, como salienta Fiorin (1996):

[...] a temporalidade do enunciador é aceita como sua pelo enunciatário. O *agora* do enunciador é o *agora* do enunciatário. A condição de inteligibilidade da fala reside no fato de que a temporalidade do enunciador, embora literalmente estranha e inacessível ao enunciatário, é identificada por este [...] (FIORIN, 1996, p.143).

Diante desses pressupostos, Fiorin também (1996) considera que o **agora** gerado pelo ato de enunciação deve ser considerado o eixo que ordena a categoria topológica da **concomitância** e a da **não-concomitância**, a qual, por sua vez, irá se articular em **anterioridade** e **posterioridade**. Em outros termos, a “concomitância entre a narração e o narrado permanece ao longo do discurso” e, a partir dessa coincidência, pode-se identificar duas não coincidência. Além da organização em relação ao momento de enunciação, para o autor, o tempo linguístico combina-se também com informações aspectuais, como as de ordem (sucessividade e simultaneidade), duração e direção (retrospectiva e prospectiva).

Figura 1.8: Do sistema temporal segundo Fiorin⁵⁴



Fonte: Fiorin (1996, p.146).

Finalmente, importante na proposta do autor é a identificação da existência de dois sistemas temporais na língua, um que é concomitante e ordenado diretamente pelo presente implícito da enunciação – sistema **enunciativo** – e outro que marca a não concomitância ao

⁵⁴ A sigla MR faz referência ao Momento de Referência e MA, ao Momento de Acontecimento – termo equivalente ao Momento do Evento (ME), no postulado de Reichenbach (2004).

momento de fala, organizado, por isso, pelos referentes temporais instalados em um enunciado – sistema **enuncivo** (FIORIN, 1996, p.145). Assim, ao momento de enunciação aplica-se a divisão entre a **concomitância** – própria do sistema **enunciativo** – e a **não-concomitância** (de anterioridade ou de posterioridade) – própria do sistema **enuncivo**; obtendo, desse modo, três momentos de referência (MR). Por sua vez, novamente essas três instâncias são fragmentadas, reaplicando a categoria topológica de **concomitância vs. não-concomitância (anterioridade vs. posterioridade)**, de modo que o sistema temporal linguístico se subcategorizará conforme ilustra a figura 1.8. A síntese da organização do sistema temporal proposta por Fiorin (1996) resulta, portanto, da operação com dois eixos:

a) um que resulta da aplicação da categoria topológica ao momento da enunciação, criando três momentos de referência e distinguindo dois sistemas temporais, um enunciativo e um enuncivo, este com dois subsistemas, um centrado num momento de referência pretérito e o outro, num momento de referência futuro;

b) outro que decorre da utilização da categoria topológica em relação aos momentos de referência, distinguindo uma relação de simultaneidade, uma de anterioridade e uma de posterioridade. (FIORIN, 1996, p.147).

A fim de uma melhor compreensão da proposta de Fiorin (1996), recuperamos a aplicação da teoria feita pelo teórico a um fragmento do romance machadiano *Quincas Borba*:

Dias antes, indo passar a noite em casa de um conselheiro, **viu** ali Rubião. **Falava-se** da chamada dos conservadores ao poder, e da dissolução da Câmara. Rubião **assistira** à reunião em que o Ministério Itaboraí **pediu** os orçamentos. **Tremia** ainda ao contar as suas impressões, **descrevia** a Câmara, tribunas, galerias cheias que não cabia um alfinete, o discurso de José Bonifácio, a moção, a votação... Toda essa narrativa **nascia** de uma alma simples; **era** claro. A desordem dos gestos, o calor da palavra **tinham** a eloquência da sinceridade. Camacho **escutava-o** atento. Teve modo de o levar a um canto da janela, e fazer-lhe considerações graves sobre a situação. Rubião **opinava** de cabeça, ou por palavras soltas e aprobatórias.

— Os conservadores não se demoram no poder, **disse-lhe** finalmente Camacho.

— Não?

— Não; eles não **querem** a guerra, e **têm** de cair por força. **Veja** como **andei** bem no programa da folha.

Que folha?

Conversaremos depois (ASSIS, 1994, p.47).⁵⁵

Como se pode ler, os tempos verbais do excerto distribuem-se fundamentalmente entre o **eu** do narrador e o **eu** do Camacho. Se por um lado, as formas verbais do narrador centram-se em um tempo passado (“dias antes”), posto que “viu”, “falava-se”, “tremia”, “descrevia”, entre outros, indicam concomitância pontual ou durativa em relação ao momento de

⁵⁵ Negrito nosso.

referência pretérito explicitada pelo marcador temporal e, portanto, constituem *tempora* do subsistema **enuncivo**. Por outro lado, as formas verbais que figuram na fala de Camacho relacionam-se ao momento de referência presente, do próprio ato de enunciação, isto é, “querem”/“têm” mostram uma concomitância ao momento da enunciação, ao passo que “andei”/ “conversaremos”, uma anterioridade e uma posterioridade, respectivamente, ao momento de enunciação – instaurando, portanto, o subsistema **enunciativo**.

Uma vez que a proposta de Fiorin (1996) pertence à tradição teórica lusófona, não encontramos nenhuma aplicação de sua teoria temporal ao sistema espanhol. No entanto, recuperaremos seu estudo quando tratarmos especificamente da descrição dos valores de **passado absoluto** e **antepresente**, procurando entender como sua proposta pode nos auxiliar na compreensão da construção desses valores junto ao sistema temporal da língua espanhola.

A discussão até aqui desenvolvida sobre o conceito de *tempus* e sua estruturação na língua espanhola torna-se necessária para a delimitação dos âmbitos de **antepresente** e **passado absoluto**. Além disso, permite-nos entender a relação entre o PPS e o PPC na expressão de um ou ambos os valores – tal como passaremos a discutir nas linhas seguintes.

1.2 O PASSADO EM ESPANHOL

Aproximando-nos de modo mais empírico a nosso interesse investigativo, encontramos no estudo de Andrés Bello (1972, 2004⁵⁶) – gramático cofundador da tradição moderna descritiva da língua castelhana – uma proposta de categorização do passado na língua espanhola em cinco âmbitos temporais: (i) o **pretérito**, (ii) o **copretérito**, (iii) o **antepresente**, (iv) o **antepretérito** e o (v) **antecopretérito**, para os quais correspondem, respectivamente, as cinco formas de passado que se encontram disponíveis no sistema da língua: *amé, amaba, he amado, hube amado e había amado*.

No primeiro âmbito temporal encontra-se o **pretérito** ou **passado absoluto**, que “significa a anterioridade do atributo ao ato da palavra” (BELLO, 1972, p.7)⁵⁷. Conforme a característica aspectual da base verbal, pode-se observar uma situação que chega à sua perfeição e expira, isto é, “a anterioridade de toda a duração do atributo ao ato da palavra (BELLO, 2004, p.200)⁵⁸”, ou que subsiste durando – ou seja, “a anterioridade apenas daquele

⁵⁶ As primeiras publicações das obras de Bello (1972, 2004) datam, respectivamente, de 1841 e 1847.

⁵⁷ “Significa la anterioridad del atributo a acto de la palabra” (BELLO, 1972, p.7).

⁵⁸ “[...] la anterioridad de toda la duración del atributo al acto de la palabra” (BELLO, 2004, p.200).

instante em que o atributo chega a sua perfeição (BELLO, 2004, p.200)⁵⁹. Para o autor, encontramos o primeiro comportamento em verbos desinentes – tólicos –, e o segundo em verbos permanentes – atólicos –, tal qual representam os enunciados (5) e (6), respectivamente⁶⁰.

(5) *29 de enero. María Jesús Rufas, de 74 años, **murió** asesinada en su chalé de Calviá (Mallorca).*⁶¹

29 de janeiro. María Jesús Rufas, de 74 anos, morreu assassinada em seu chalé de Calviá (Mallorca).

(6) *La fuerte explosión se **oyó** en toda la ciudad, y los residentes salieron a los balcones de sus hogares [...].*⁶²

Se ouviu a forte explosão em toda a cidade, e os residentes saíram às sacadas de seus lares [...].

O **copretérito**, por sua vez, refere-se à coexistência do atributo a um fato passado (BELLO, 1972, 2004), de maneira que “a duração do fato passado com que é comparado forma apenas uma parte da sua” duração (BELLO, 1972, p.8)⁶³. Por exemplo, em (7), a chuva (*lluvia*) coexiste, por um instante, com a chegada do socorro (*recogieron*):

(7) *Cuando nos recogieron, **llovía** con una inclemencia extraordinaria[...].*⁶⁴

Quando nos recolheram, chovia com uma severidade extraordinária.

O terceiro âmbito temporal, o de **antepresente**, envolve situações passadas que mantêm relação com algo que ainda existe. Esse é o caso de (8), em que a precipitação (*ha precipitado*) ocorre em um contexto temporal ainda existente (*hoy*) no ato de enunciação:

(8) *[...] ni hoy se **ha precipitado** irremediabilmente en el infierno de una crisis sin esperanza.*⁶⁵

[...] nem hoje se precipitou irremediavelmente no inferno de uma crise sem esperança.

⁵⁹ “[...] *la anterioridad de aquel sólo instante en que el atributo ha llegado a su perfección*” (BELLO, 2004, p.200).

⁶⁰ Segundo Bello (2004, p.200), “Nascer, morrer são verbos desinentes, porque logo que alguém nasce ou morre, deixa de nascer ou morrer, mas ser, ver, ouvir, são verbos permanentes, porque apesar da existência, da visão ou da audição ser desde o princípio perfeito, pode seguir durando grande tempo”. Do original: “*Nacer, morir son verbos desinentes, porque luego que uno nace, muere, deja de nacer o morir, pero ser, ver, oír, son verbos permanentes, porque sin embargo de que la existencia, la visión o la audición sea desde el principio perfecto, puede seguir durando gran tiempo*” <Tradução nossa>.

⁶¹ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal espanhol *El País*, de 28/12/2011. Disponível em: <http://sociedad.elpais.com/sociedad/2011/12/12/actualidad/1323700200_385410.html>. Acesso em 08/03/2016.

⁶² Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal argentino *La Nación*, de 18/02/2016. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1871993-otro-atentado-estremece-a-turquia-28-muertos-por-un-coche-bomba>>. Acesso em 08/03/2016.

⁶³ “*la duración de la cosa pasada con que se le compara, forma solo una parte de la suya*” (BELLO, 1972, p.8).

⁶⁴ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal argentino *La Nación*, de 24/03/2014. Disponível em: <http://elpais.com/elpais/2014/03/24/eps/1395660898_932004.html>. Acesso em 12/05/2016.

⁶⁵ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal espanhol *El País*, de 26/04/2016. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2016/04/26/actualidad/1461702035_252336.html>. Acesso em 12/05/2016.

O quarto âmbito, por sua vez, refere-se ao **antepretérito** e, como tal, “significa que o atributo é imediatamente anterior a outra situação, que tem relação de anterioridade com o momento em que falo” (BELLO, 2004, p.203)⁶⁶. Desse modo, o enunciado (9) mostra-nos que o amanhecer (*hubo amanecido*) é imediatamente anterior ao “sair” (*salí*), que, por sua vez, é uma ação passada em relação à fala. Apesar de reconhecermos que a descrição do sistema temporal feita por Andrés Bello (1972, 2004) data de mais de 160 anos, é importante salientar que os estudos mais contemporâneos (CARTAGENA, 1999; RAE, 2009, 2010) apontam o desuso dessa forma composta na oralidade, permanecendo restrita ao registro formal escrito.

(9) *Cuando **hubo amanecido**, salí.*⁶⁷

Assim que amanheceu, sai.

Por último, o âmbito do **antecopretérito** abriga o atributo que é anterior a uma situação que, por sua vez, é anterior ao momento em que se enuncia. Esse é o caso de (10), em que a intenção (*había anticipado*) é anterior à morte do animal (*mató*).

(10) *También mató al perro a machetazos, como **había anticipado** en su cuaderno escolar.*⁶⁸

Também matou o cachorro à facada, como havia antecipado em seu caderno escolar.

Diferentemente do valor de **antepretérito**, observamos que no **antecopretérito** não se indica que a sucessão entre as duas situações descritas é imediata, mas que provavelmente envolve um intervalo relativamente maior.

Finalmente, ressaltamos que essa simples apresentação que realizamos sobre a expressão do passado em espanhol não visa a uma descrição sistemática e minuciosa do funcionamento das formas verbais próprias do pretérito, mas, tal como referimos, a uma modesta apresentação da envoltura temporal em que se alinham os dois âmbitos temporais que direcionam este estudo e nos quais concentraremos nossos esforços na próxima subseção. Desse modo, abordaremos, nos próximos parágrafos, tanto o valor pretérito ou **passado absoluto**, como o de **antepresente**; ampliando a descrição desses âmbitos temporais tanto a partir dos postulados teóricos sobre temporalidade já apresentados, como da revisão da bibliografia destinada ao tema.

1.2.1 O passado absoluto

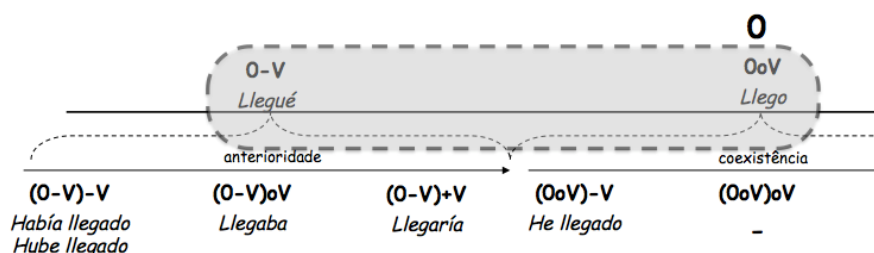
⁶⁶ “significa que el atributo es inmediatamente anterior a otra cosa que tiene relación de anterioridad con el momento en que hablo” (BELLO, 2004, p.203).

⁶⁷ Enunciado retirado de Bello (2004, p.203).

⁶⁸ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal espanhol *El País*, de 12/06/2016. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2016/04/26/actualidad/1461702035_252336.html>. Acesso em 12/05/2016.

De acordo com o que nos revelou o estudo de Andrés Bello (1972, 2004), o valor de **passado absoluto** significa a anterioridade do atributo à origem, que é o próprio momento de enunciação (BENVENISTE, 2006). No entanto, conforme apresentado sucintamente na subseção anterior, há outros valores temporais que, direta ou indiretamente, também expressam anterioridade ao MF. A fim de melhor definir os traços do **passado absoluto**, a figura 1.9 faz um esboço da expressão do passado em espanhol, segundo Rojo (1974):

Figura 1.9: Da expressão do passado absoluto em espanhol segundo Guillermo Rojo



Fonte: Própria.

Observemos que na notação do autor representa-se o **passado absoluto** por meio de “0-V” (*llegué*), dado que nos indica que a relação de anterioridade ao momento de enunciação (0) é construída a partir de uma relação direta com “0” – daí decorre o caráter **absoluto**⁶⁹ atribuído ao valor. Em complemento, Cartagena (1999) associa o sentido de **passado absoluto** ao *pretérito perfecto simple* (PPS) e afirma que essa forma, do mesmo modo que as demais formas de valor temporal **absoluto**, delinea um segmento temporal primário a partir do ponto zero. Assim,

[...] el presente marca la coexistencia [ámbito primario de coexistencia], el paralelismo del hablar con un punto del tiempo real, respecto del cual las formas de pretérito perfecto simple y de futuro indican anterioridad [ámbito primario de retrospectividad] y posterioridad [ámbito primario de prospectividad], respectivamente (CARTAGENA, 1999, p.2937)⁷⁰.

Notemos que a atribuição do sentido de **passado absoluto** refere-se, portanto, à envoltura temporal que abarca aquilo que pertence ao “âmbito primário de retrospectividade”

⁶⁹ Como vimos, Rojo (1999) chama de *absoluto* as relações temporais que se estruturam em relação direta com **ponto zero/central**, ou seja, o **passado absoluto** (0-V), o **presente** (0oV) e o **futuro** (0+V). Por outro lado, nomeia **relativos** os valores temporais que não estabelecem relação direta com o **ponto zero**, mas com uma referência secundária – que, por sua vez, traçará relação com o **ponto central**. Esse é o caso, como veremos, do valor de **antepresente** ((0oV)-V).

⁷⁰ <Tradução nossa> “[...] o presente marca a coexistência [âmbito primário de coexistência], o paralelismo do falar com um ponto do tempo real, em relação ao qual as formas do *pretérito perfecto simple* e do *futuro* indicam anterioridade [âmbito primário de retrospectividade] y posterioridade [âmbito primário de prospectividade], respectivamente” (CARTAGENA, 1999, p.2937).

e, portanto, já não faz parte do presente. A observação dos enunciados que seguem deve nos mostrar eventos envolvidos por essa concepção temporal:

(11) [...] *ayer hablé con los periodistas* [...] ⁷¹

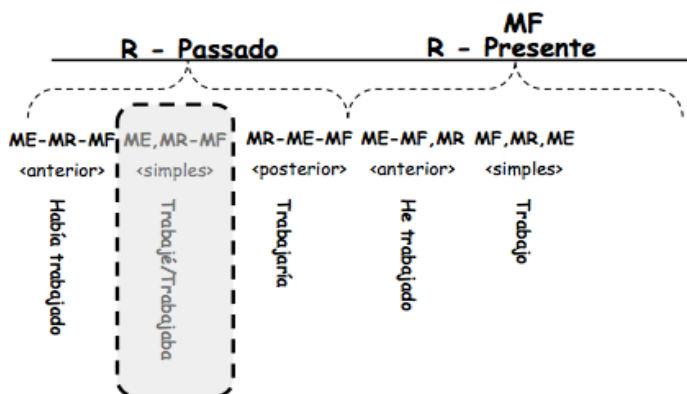
[...] ontem falei com os jornalistas.

(12) *El año pasado estuve haciendo la consigna de Arnold Wesker* <B3>.

O ano passado estive fazendo a proposta do Arnold Wesker.

É pertinente notar o papel dos marcadores temporais em ressaltar o sentido suscitado pela forma verbal. Isso porque ao dizer “*ayer*” ou “*el año pasado*”, indica-se a abrangência do “âmbito primário de restrospectividade” referido. Em outras palavras, ao usar esses marcadores destaca-se que a situação descrita já não faz parte do “âmbito de coexistência” – no qual vigoraria “hoje” e “neste ano”, respectivamente – mas do âmbito temporal já concluído do *ayer/año pasado*. É nesse sentido que Alarcos Llorach (1980, p.25) descreve haver uma tendência do *tempus* de **passado absoluto** em se associar “com os advérbios que indicam que a ação produz-se num período de tempo no qual não está incluído o momento presente da fala”⁷².

Figura 1.10: Da categorização do passado absoluto na língua segundo Reichenbach



Fonte: própria.

Em continuidade, a aplicação à língua espanhola do postulado teórico de Reichenbach (2004) também nos revela a forma do *pretérito perfecto simple* (*trabajé*) associando-se à expressão do **passado absoluto** (ME,MR–MF). Conforme mostra a figura 1.10, o referido âmbito temporal corresponde a situações (ME) que estão contidas no momento de referência passado (R-Passado) e que estabelecem uma relação de simultaneidade com ele. É

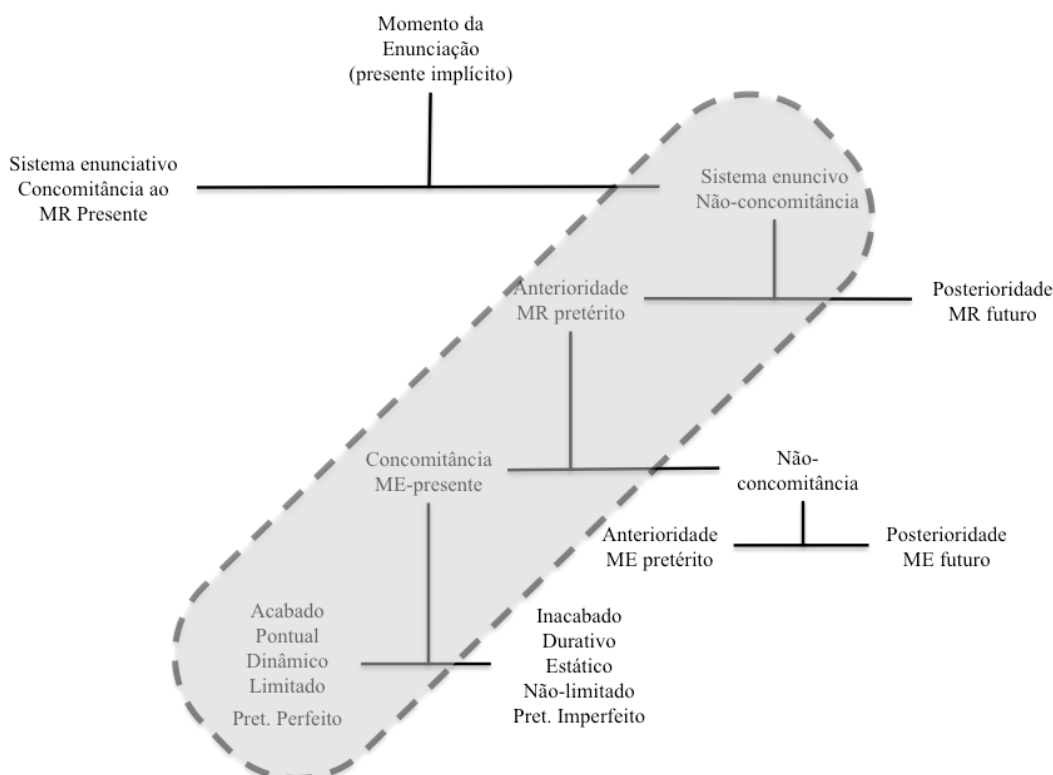
⁷¹ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio Cadena 3, de Córdoba/Argentina (13/06/2010).

⁷² “[...] con los adverbios que indican que la acción se produce en un período de tiempo en el que no está incluído el momento presente del que habla” (ALARCOS LLORACH, 1980, p.25).

interessante observar que nesse postulado o *pretérito imperfecto (trabajaba)* compartilharia da mesma envoltura temporal, sendo distinguida do PPS apenas por questões aspectuais.

Fiorin (1996), por seu turno, define o **passado absoluto** como um *tempus* simultâneo (ME-Presente) a uma perspectiva não-concomitante e anterior (MR-Prerérito) à enunciação, compondo por isso um *tempus* do sistema **enuncivo** – como mostra a figura 1.11. Assim, no espanhol, é possível identificar a expressão do **passado absoluto** vinculada tanto à forma do *pretérito perfecto*, como a do *pretérito imperfecto*. Novamente, parece que a diferença entre ambas as formas deve-se a fatores aspectuais, posto que, segundo o autor, o *perfecto* ocupa-se da expressão do acabado, pontual, dinâmico e limitado, ao passo que ao *imperfecto* cabe o inacabado, durativo, estático e não-limitado.

Figura 1.11: Dos *tempora* inseridos no MR pretérito: o caso do **passado absoluto**



Fonte: própria.

A observação de (13) e (14) indica que tanto “*conquistaron*” como “*conquistaban*” são concomitantes à referência de pretérito (MR-pretérito) “*12 de octubre de 1492*”. Contudo, em (13) toma-se a conquista como acabada, isto é, “como uma descontinuidade (um ponto) na continuidade do momento de referência e, portanto, algo dinâmico, visto do exterior”. Por sua vez, em (14) a conquista é tida como inacabada, ou seja, “contínua dentro da continuidade do

momento de referência, como algo estático, visto do interior, durante seu desenvolvimento” (FIORIN, 1996, p.155).

(13) *12 de octubre de 1492: los españoles conquistaron América.*

12 de outubro de 1492: os espanhóis conquistaram a América.

(14) *12 de octubre de 1492: los españoles conquistaban América.*

12 de outubro de 1492: os espanhóis conquistavam a América.

O autor ainda demonstra que em português o pretérito perfeito pode expressar iteratividade quando acompanhado de um marcador de iteração, pois a nuance aspectual própria do modificador contagia o sentido de **passado absoluto** presente no verbo:

(15) *Cem vezes ele pediu, cem vezes lhe foi recusado.*⁷³

No entanto quando associado a esse valor aspectual, algumas variedades da língua espanhola podem optar pela forma do *perfecto compuesto*, como verificamos em (16)

(16) *Lo he dicho ciento de veces y voy a seguir insistiendo sobre este punto.*⁷⁴

Disse isso cem vezes e vou continuar insistindo sobre esse ponto.

Na mesma direção, para expressar “passado de hábito” (17) pode-se associar, em português, o pretérito perfeito a expressões como “sempre”, “nunca”, “muitas vezes”. Por outro lado, em algumas variedades do espanhol, pode-se recorrer à forma do *perfecto compuesto* (18) para a expressão do valor “habitual”.

(17) *Nunca tive a intenção de sair do São Paulo.*⁷⁵

(18) *“Nunca he creído que arte y dinero sean incompatibles.”*⁷⁶

Nunca cri que arte e dinheiro sejam compatíveis.

Por fim, para Comrie (2000), o sentido fundamental do **passado absoluto** é apenas localizar uma situação como anterior ao presente, sem se preocupar, portanto, em informar que se trata de uma situação concluída, isto é, que não se estende até ou além do presente. Segundo o autor, é por meio de uma implicatura conversacional que o falante se inteira da conclusão do fato descrito, posto que

This last point follows from Grice's maxim of relation (relevance), in that, other things being equal, statements about the present moment are more relevant than those about other times, so that use of a form explicitly locating a situation in the past suggests that that situation does not hold at

⁷³ Enunciado retirado de Fiorin (1996, p.157).

⁷⁴ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal argentino *El Clarín*, de 04/03/2009. Disponível em: <<http://edant.clarin.com/diario/2009/03/05/um/m-01871151.htm>>. Acesso em 10/03/2016.

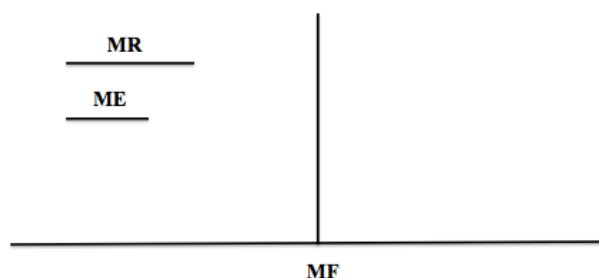
⁷⁵ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal *A folha de São Paulo*, de 13/03/2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/03/1749482-michel-bastos-diz-que-nao-entende-por-que-e-unico-alvo-da-torcida.shtml>>. Acesso em 13/03/2016.

⁷⁶ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal espanhol *El País*, de 24/09/2015. Disponível em: <http://elpais.com/elpais/2015/09/11/eps/1441979883_389419.html>. Acesso em 10/03/2016.

the present, otherwise the present tense would be used (COMRIE, 2000, p.41)⁷⁷.

A síntese do valor do **passado absoluto**, portanto, pode ser mais bem entendida por meio da Figura 1.12, na qual encontramos uma situação (ME) anterior ao momento de enunciação, cuja perspectiva (MR) coincide com o ME ou é imediatamente posterior a ele – mas sempre anterior ao MF” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p.428).

Figura 1.12: Da síntese do valor de *passado absoluto*



Fonte: Hernández Alonso (1996, p.428).

1.2.1.1 O pretérito perfecto simple: entre o passado absoluto e outros valores

Conforme temos observado até o momento, a expressão do **passado absoluto** na língua espanhola tem sido tradicionalmente associada à forma do *pretérito perfecto simple*. Essa recorrente associação se deve, em parte, a que a partir sua origem, no latim, a forma do PPS estava vinculada à expressão de situações passadas concluídas, isto é, marcadas pelo traço aspectual de *perfectum* e pelo valor temporal de **passado absoluto** – conforme discutiremos mais extensivamente na seção III. Ademais, nota-se que desde sua forma embrionária o *perfecto simple* “tende a se definir como uma forma bastante estável que geralmente expressa ação terminada no passado” (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p.2)⁷⁸.

Conforme nos aponta a “*Nueva gramática de la lengua española*” (RAE, 2009), a denominação *pretérito perfecto simple* é composta de três características importantes para a compreensão de seu funcionamento. A primeira corresponde a um traço temporal, isto é, dêitico ou referencial (*pretérito*); a segunda faz referência a uma informação de ordem aspectual (*perfecto*) e, por fim, há ainda a informação correspondente a sua morfologia

⁷⁷ <Tradução nossa> “Esse último ponto decorre da máxima da relação (relevância) de Grice, na medida em que, em igualdade de circunstâncias, as declarações sobre o momento presente são mais relevantes do que aqueles sobre outros tempos, de modo que o uso de uma forma explicitamente localizando uma situação no passado sugere que essa situação não se mantém no presente, caso contrário, o tempo presente seria usado” (COMRIE; 2000, p.41).

⁷⁸ “[...] el Pretérito tiende a definirse como una forma bastante estable que suele expresar acción terminada en el pasado” (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p.2).

(simple). Assim, a *Real Academia Española* atribui fundamentalmente o valor de **passado absoluto** ao *pretérito perfecto simple*, posto que essa forma faz referência a situações pretéritas terminadas, com os limites de início e fim marcados.

Quadro 1.5: Dos valores atribuídos ao PPS pela norma gramatical

Valores	Autores													
	RAE (2009, 2010)	TORREGO (2002)	GUTIÉRREZ ARAUS (1997)	KOVACCI (1992)	PORTO DAPENA (1989)	HERNÁNDEZ ALONSO (1996) ⁸⁴	ALARCOS LLORACH (1980, 2005) ⁸³	ROJO (1974, 1990, 1999)	RAE (1986) ⁸²	GILI GAYA (1970)	KANY ⁸¹ (1970)	LENZ (1920)	BELLO (1972, 1999) ⁸⁰	NEBRIJA (1980) ⁷⁹
1	Passado Absoluto	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
2	Antecipativo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	Antepretérito	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	Experiencial	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: própria.

A fim de melhor compreender o funcionamento dessa forma verbal e de sua relação com a expressão do **passado absoluto**, passemos por uma breve análise semasiológica do *perfecto simple* segundo as descrições mais emblemáticas na língua espanhola. Com esse propósito, encontramos no quadro 1.5 um acordo sobre a atribuição do valor de **passado absoluto** ao PPS. Tanto que já na primeira gramática da língua espanhola (1492) lê-se que o “passado acabado é aquele em que alguma coisa se fez, como eu amei” (NEBRIJA, 1980, p.187)⁸⁵. Complementando o que já havia dito Andrés Bello (1972, 2004) há quase um século antes, Lenz (1920) afirma que

Canté expresa la acción del verbo como fenómeno sucedido en época pasada, que solo se relaciona con otros fenómenos que le precedieron o siguieron, como un momento del pasado que no se pone en relación con el momento de habla, ni con la persona que habla (LENZ, 1920, p.440).⁸⁶

⁷⁹ A primeira publicação da obra de Nebrija (1980) data de 1492.

⁸⁰ As primeiras publicações das obras de Bello (1972, 2004) datam, respectivamente, de 1841 e 1847.

⁸¹ A primeira publicação da obra de Kany (1970) data de 1945.

⁸² A primeira publicação da obra da RAE (1986) data de 1973.

⁸³ As primeiras publicações das obras de Alarcos Llorach (1980, 2005) datam, respectivamente, de 1970 e 1994.

⁸⁴ A primeira publicação da obra de Hernández Alonso (1996) data de 1985.

⁸⁵ “*Pasado acabado es aquél en el cual alguna cosa se hizo, como diciendo io amé*” (NEBRIJA, 1980, p.187).

⁸⁶ <Tradução nossa> *Canté* expressa a ação do verbo como fenômeno sucedido em época passada, que apenas se relaciona com outros fenômenos que o precederam ou seguiram, como um momento do passado que não se relaciona com o momento de fala, nem com a pessoa que fala (LENZ, 1920, p.440).

Por seu turno, Kany (1970) observa “o espanhol moderno baseado na melhor prática e nas melhores normas” e também atribui ao PPS a expressão de “uma ação completa no passado”⁸⁷. De igual maneira, os demais autores apresentados no quadro 1.5 mostram que “o *perfecto simple* designa um fato sucedido no passado e que teve um limite nesse mesmo passado” (ALARCOS LLORACH, 1980, p.33)⁸⁸. Contudo, ainda é possível encontrarmos alguns pouco gramáticos que identificam outros sentidos no uso do PPS.

1.2.1.1.1 Antecipativo

Lenz (1920), Kany (1970), Gili Gaya (1970) e a “*Nueva Gramática de la lengua*” (RAE, 2009) descrevem o PPS expressando também uma espécie de futuro imediato – o que aqui chamaremos de **antecipativo**. Lenz (1920) e Kany (1970) limitam esse uso especialmente ao espanhol chileno e mostram que sempre vem acompanhado do advérbio *ya*. Por sua vez, Gili Gaya (1970) acrescenta que o valor **perfectivo** presente nesse tempo verbal favorece a intenção de mostrar o que é inevitável: o inerente acontecimento de um fato, como quando em uma viagem de transporte público o veículo vai chegando ao destino em que o sujeito vai descer e este apressadamente diz – antes mesmo da parada:

(19) *¡Ya llegué!*
Já cheguei

O que se observa nesse uso é o adiantamento de um fato certo do porvir, que, ao ser expresso por meio do PPS, parece se tornar mais concreto, antes mesmo de sua realização.

1.2.1.1.2 Antepretérito

O valor de **antepretérito**, apenas descrito por Porto Dapena (1989), mostra-nos que o PPS “às vezes é usado – sobretudo na língua falada – no lugar do *pluscuamperfecto* ou *anterior*, ao se referir a ações passadas em relação a um momento pretérito estabelecido pelo contexto” (PORTO DAPENA, 1989, p.104)⁸⁹, assumindo, desse modo, o traço de

⁸⁷ “*el español moderno basado en la mejor práctica y en mejores normas – emplea el indefinido (vine) para expresar una acción completa en el pasado*” (KANY, 1970, p.199).

⁸⁸ “*el perfecto simple designa un hecho sucedido en el pasado y que tuvo un limite en ese mismo pasado*” (ALARCOS LLORACH, 1980, p.33).

⁸⁹ “*se usa a veces – sobre todo en el lenguaje hablado – en lugar del pluscuamperfecto o anterior, al referirse a acciones pasadas con relación a un momento pretérito establecido por el contexto*” (PORTO DAPENA, 1989, p.104).

anterioridade relativa próprio das formas compostas de passado. Esse é o caso, por exemplo, de (20), em que a adoção (*adoptó*) ocorre antes de se conhecerem (*antes de conocerme*):

(20) *Eso dijo Gabriela Michetti, de los niños, de nosotros, de los hijos que mi esposo adoptó antes de conocerme* <B4>.

Isso disse Gabriela Michetti, dos filhos, de nós, dos filhos que meu esposo adotou antes de me conhecer.

1.2.1.1.3 Experiencial

Por fim, apenas a RAE (2009) descreve mais minuciosamente o uso do PPS em competição com a forma do PPC em orações genéricas, expressando um valor **experiencial**, isto é, que remete a uma situação que ocorreu em um instante qualquer do passado, não especificado na ampla margem temporal que envolve a existência do ente que realiza a ação descrita⁹⁰. Esse é o caso de (21), em que o marcador temporal “*a lo largo de su vida*” abre precedentes para uma interpretação ampla, isto é, de que os estudos (*estudió*) possa ter ocorrido em qualquer momento do período. Como veremos mais adiante com o estudo do **antepresente** (ampliado), esse parece ser um dos usos também atribuído ao PPC, quando presente em âmbitos temporais abertos e estendidos a todo o período de existência do ser.

(21) *Para eso estudió a lo largo de su vida [...] <M5>*.

Para isso estudou ao longo de sua vida.

Antes de passarmos à apreciação do valor de **antepresente**, cabe-nos ressaltar que apenas os manuais da RAE (2009) e de Kany (1970) abordam de forma mais sistemática, no momento de proceder ao estudo do *perfecto simple*, questões relacionadas à variação diatópica entre o PPS e o PPC – informações que serão apresentadas mais adiante. Além disso, nenhuma menção é feita à possibilidade do PPS expressar também o valor de **antepresente** (específico e imediato).

1.2.2 O antepresente

Como vimos ao início do estudo da expressão do passado em espanhol, foi Andrés Bello (1972, 2004) quem pela primeira vez cunhou o termo **antepresente**, para quem o valor faz referência a situações passadas que mantm relação com algo que ainda existe. No entanto, coube a outros teóricos uma descrição mais cuidadosa desse valor temporal e de como se

⁹⁰ Mais adiante, quando tratarmos especificamente do *pretérito perfecto compuesto* recuperaremos a discussão referente a esse valor e, então, esclareceremos mais atentamente sua concepção.

estabelece a relação da situação passada com algo que ainda existe. A fim de melhor delinear esse âmbito temporal e respeitando às dimensões que ele pode receber na língua espanhola, passemos a observação de sua categorização e seu potencial de ajuste, em três subdivisões: **AP imediato**, **AP específico** e **AP ampliado**.

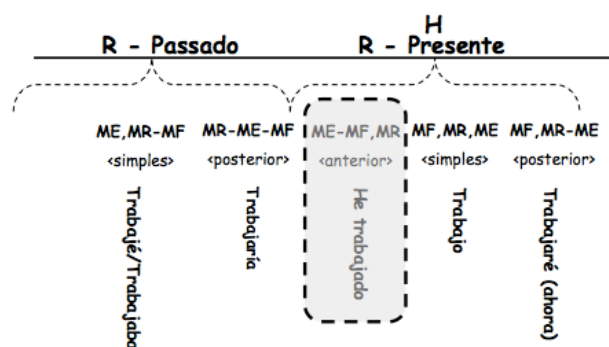
1.2.2.1 O antepresente específico

Mesmo se tratando de um valor passado, Reichenbach (2004) insere o valor de **antepresente** no âmbito referencial concomitante ao momento de fala (R Presente), sem eliminar, é claro, seu traço de anterioridade. Em outros termos, tal como nos mostra a figura 1.13, dita relação de anterioridade se estabelece dentro da perspectiva referencial de presente – diferentemente do **passado absoluto**, que, como visto, expressa uma ação pretérita observada a partir de uma referência passada. Assim, ao dizer (22), o enunciador insere a ação passada (*han dicho*) dentro de um âmbito referencial (*esta mañana*) que persiste ao produzir o enunciado.

(22) *En esta mañana se han dicho dos cosas eh... yo creo que es muy interesante ¿no? <MI>*

Nesta manhã foram ditas duas coisas eh... Eu acho que é muito interessante ¿não?

Figura 1.13: Da categorização do *antepresente* na língua segundo Reichenbach



Fonte: própria.

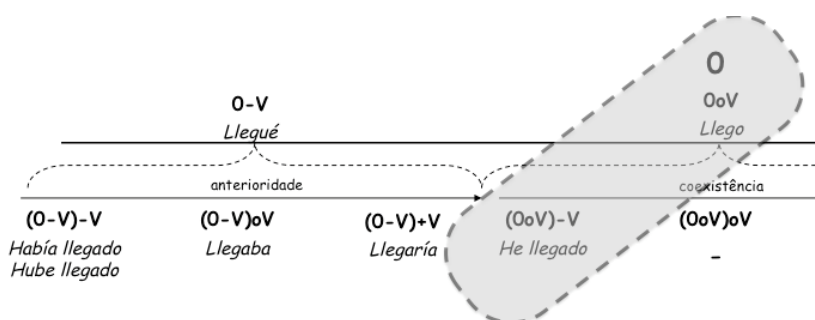
Na mesma direção, Rojo (1974, 1990, 1999) considera o valor de **antepresente** detentor de uma estruturação relativa, pois a informação temporal de anterioridade (-v) que promulga estabelece-se tomando como referência outro valor temporal: o próprio presente (0oV). Assim, para o autor, o **antepresente** expressa um acontecimento anterior a uma referência (0oV) que, por sua vez, é simultânea à origem. De modo prático, observamos em (22) “*esta mañana*” estabelecendo-se como referência concomitante ao ponto zero, isto é, à

enunciação, e a partir da qual se estabelecerá a base temporal para construção do valor de anterioridade relativa própria do **antepresente**.

Conforme explicita a figura 1.14, diferentemente do valor de **passado absoluto**, que também corresponde a uma ação pretérita, no entanto assistida a partir de um “âmbito primário de anterioridade” (**MR-pretérito**), com o **antepresente**, é apresentado um evento pretérito envolvido por uma percepção de presente (**MR-presente**/âmbito primário de coexistência), que, por isso, guarda uma relação temporal de coexistência com o MF, ou seja, de **antepresente**. Nas palavras de Cartagena (1999), esse valor indica:

[...] *que una acción se realiza antes del punto cero que nos sirve de referencia para medir el tiempo, pero dentro del ámbito que tiene como centro la coexistencia o simultaneidad del dicho punto con el momento del habla* (CARTAGENA, 1999, p.2941)⁹¹.

Figura 1.14: Da expressão do antepresente no espanhol segundo Guillermo Rojo

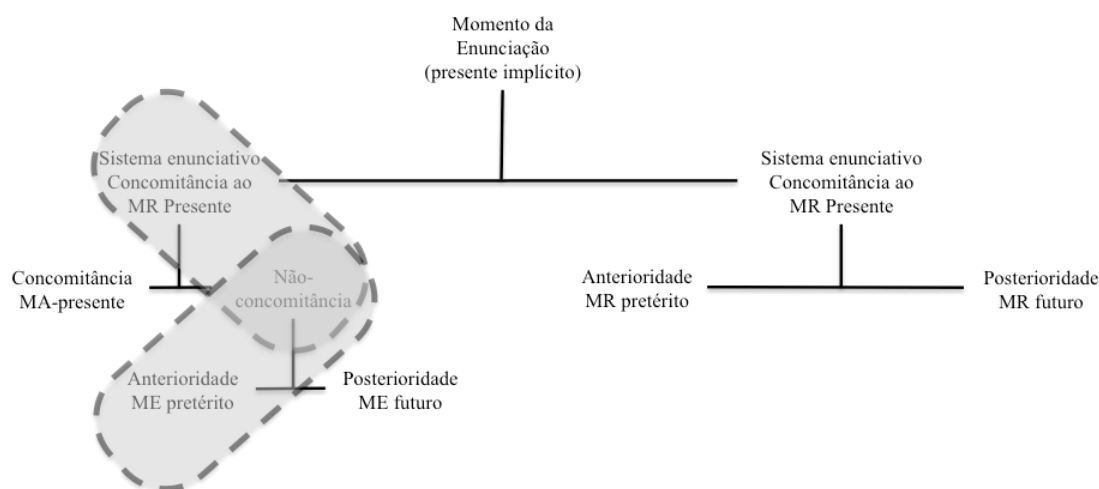


Fonte: própria.

Finalmente, baseando-nos no postulado de Fiorin (1996), encontramos a concepção do **antepresente** vinculada ao sistema **enunciativo**, isto é, organizado diretamente em relação ao ato da fala – estabelecendo, portanto, um acordo com os postulados anteriores. Ao se inserir no sistema enunciativo, o valor de **antepresente** diferencia-se do **passado absoluto** por marcar a anterioridade do momento da situação (ME) ao momento de referência presente (MR presente) – como mostra a figura 1.15 – e não mais a concomitância de situação (ME) em relação a referência passado (MR passado) – como vimos na figura 1.11.

⁹¹<Tradução nossa> “[...] que uma ação se realiza antes de um ponto zero que nos serve de referência para medir o tempo, mas dentro do âmbito que tem como centro a coexistência ou a simultaneidade de tal ponto com o momento de fala” (CARTAGENA, 1999, p.2941).

Figura 1.15: Do sistema enunciativo: o caso do antepresente



Fonte: própria.

Resulta-nos ainda dificultoso compreender o que, para o falante, pode ser considerado suficientemente relevante e/ou próximo ao momento de enunciação a ponto de ser envolvido pelo mesmo âmbito primário de coexistência/MR-Presente. A fim de melhor entender a possível extensão do distanciamento existente entre o ME e o MF no valor de **antepresente**, muitos autores valem-se da observação de elementos linguísticos recorrentes no contexto de uso das formas verbais com esse valor. Esse procedimento deve-se a que

[...] el contenido temporal que, paradigmáticamente, define cada una de las unidades del sistema puede ser completado mediante la adición de determinados segmentos lingüísticos, cuya función es la de enfatizar, precisar, orientar o localizar la situación temporal de la acción de que se trate (PIÑERO PIÑERO, 1998, p.109)⁹².

Assim, observando alguns marcadores que possuem características temporais que se assemelham ao valor em análise, encontraríamos o **antepresente** ocorrendo “com os advérbios que indicam que a ação se deu em um período de tempo no qual se encontra compreendido o momento presente do que fala ou escreve⁹³”, tal seria o caso de “*hoy, ahora, estos días, esta semana, esta tarde, esta mañana, este mes, el año en curso, esta temporada, hogaño, todavía no, en mi vida, durante el siglo presente, etc*” (ALARCOS LLORACH, 1980, p.24). Apesar da grande diferença na amplitude temporal abarcada por cada um desses marcadores, observemos que com qualquer uma dessas expressões conseguimos envolver em

⁹²< Tradução nossa > “O conteúdo temporal que, paradigmaticamente, define cada uma das unidades do sistema pode ser completado mediante a adição de determinados segmentos linguísticos, cuja função é a de enfatizar, precisar, orientar ou localizar a situação temporal da ação de que se trate” (PIÑERO PIÑERO, 1998, p.109).

⁹³ “[...] con los adverbios que indican que la acción se ha efectuado en un período de tiempo en el que se halla comprendido el momento presente del que habla o escribe.” (ALARCOS LLORACH, 1980, p.30).

um mesmo âmbito temporal (MR) tanto a situação descrita (ME) como o momento de fala (MF). Ou seja, ao dizermos:

(23a) *La ópera prima del director indio ha ganado hoy la Butaca de oro del Premio Principado de Asturias [...].*⁹⁴

A ópera prima do diretor indiano ganhou hoje a poltrona de ouro do Prêmio Príncipe de Astúrias.

(23b) *La ópera prima del director indio ha ganado este año la Butaca de oro del Premio Principado de Asturias.*

A ópera prima do diretor indiano ganhou este ano a poltrona de ouro do Prêmio Príncipe de Astúrias.

consideramos que tanto o acontecimento (*‘ha ganado’*) como o *momento da fala* compartilham da mesma envoltura temporal: *“hoy”* (hoje) ou *“este año”* (este ano), respectivamente. Além disso, nas orações de (23), a recorrência do valor de **antepresente** mostra-nos que não parece ser fundamental que a distância existente entre a situação (ME) e o ato de enunciação (MF) seja igual ou menor que um dia, mas que é suficiente haver uma relação temporal imbricada entre elas.

Tanto é assim que, de acordo com a *“Nueva gramática de la lengua española”* (RAE, 2009, p.1722 e 1723), o valor de antepresente coincide temporalmente, entre outros, com:

1. O demonstrativo *este*: *“En este siglo la ciencia ha experimentado grandes avances”*. Em oposição ao demonstrativo *aquel*, que indicaria um âmbito primário de anterioridade e, por isso, associado ao valor de **passado absoluto**: *“En aquel siglo la ciencia experimentó grandes avances”*.
2. O Adjetivo *actual*: *“En su actual situación laboral, ha sufrido no pocos sinsabores”*. Em oposição ao adjetivo *anterior*, que indicaria um âmbito primário de anterioridade e, por isso, associado ao valor de *passado absoluto*.
3. O Adjetivo *presente*: *“La vicetiple ha tenido días mejores en la presente temporada”*.

Em acréscimo, Alarcos Llorach (1980) afirma que mesmo em enunciados de sentido **antepresente** sem uso de marcadores temporais pode-se observar implicitamente a consciência do falante de que os eventos têm como limite o presente gramatical. Nesses casos, infere-se o especificador *“neste período de tempo em que falamos”*.

A observação da expressão do **antepresente específico** aliada à revisão bibliográfica relacionada ao tema despertou-nos a percepção de dois outros subâmbitos temporais

⁹⁴Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal espanhol *El País*, de 29/11/2014. Disponível em: <http://cultura.elpais.com/cultura/2014/11/29/actualidad/1417288689_075919.html>. Acesso em 16/05/2016.

resultantes do desdobramento perceptível do momento de referência: o de **antepresente imediato** e o de **antepresente ampliado**, os quais apresentaremos nos parágrafos seguintes.

1.2.2.2 O antepresente imediato

Encontramos nesse subvalor de **antepresente** as mesmas características já examinadas, de modo geral, no valor de **antepresente específico**, no entanto, acresce-se a seu campo semântico a especificidade de um traço **imediato**, ou seja, o momento de referência (MR) que envolve tanto a situação descrita (ME) como o ato de enunciação (MF) passa a ser mais limitado, obrigando, por conseguinte, que dada situação esteja mais próxima ao momento de fala. Tal uso poderia ser verificado em:

(24) [...] algo que **ha sorprendido** *en las últimas horas* tiene que ver con el crecimiento de algunos proyectos que vienen desde China directamente.⁹⁵

[...] algo que surpreendeu nas últimas horas tem a ver com o crescimento de alguns projetos que vêm direto da china.

Enunciado que nos mostra, graças ao uso do marcador temporal “*en las últimas horas*”, que a situação descrita (“*ha sorprendido*”) terminou muito recentemente. No entanto, notamos que a maioria dos estudos segue permeada por uma dificuldade em delimitar a dimensão do “âmbito primário de coexistência” nesse valor marcado por uma traço de maior instantaneidade. Na tentativa de dar fim à falta de precisão, alguns pesquisadores chamam esse valor de **hodierno** ou **hudiernal**⁹⁶, indicando, assim, que a delimitação da distância existente entre o momento da fala e o momento do evento insere-se nos limites de um dia.

Advertimos, no entanto, que essa especificação nem sempre é segura, haja vista que pode sofrer alterações conforme a percepção temporal do falante. Esse é o caso de:

(25a) No **ha venido** esta mañana.

Não veio esta manhã

(25b) No **vinó** esta mañana.

Não veio esta manhã

Segundo Alarcos Llorach (2005, p.167), a diferença dessas orações reside na possibilidade de se considerar, “*esta mañana*”, em (25a), como parte de “hoje”, portanto, dentro do “âmbito primário de coexistência” do contexto **hodierno**. E, por outro lado, em (25b), considerar “*esta mañana*” como oposto a “*esta tarde*”, quando provavelmente se enuncia. Assim, a situação descrita seria colocada fora do “âmbito primário de coexistência”,

⁹⁵ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio LV10, de Mendoza/Argentina (13/08/2010).

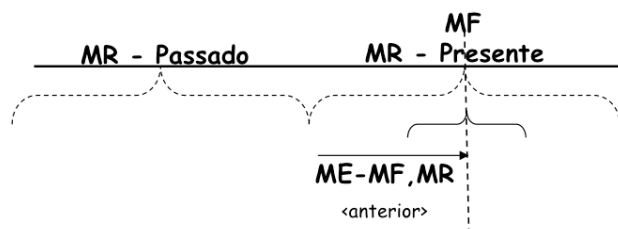
⁹⁶ Do latim, *hodiernus*, que quer dizer “do dia de hoje” (RAE, 2009, p.1730).

cuja abrangência envolveria apenas o período vespertino do dia. Em síntese, parece que a distinção, marcada pelo uso de uma forma ou outra, resulta das diferentes percepções de *tempus* que se têm do evento. Evidentemente, esse tratamento estrito dos limites de uso das formas do *pretérito perfecto* pressupõe uma correlação biunívoca entre forma e função.

Rodriguez Louro (2008) comenta que o valor de **antepresente imediato** pode ser frequentemente associado à esfera jornalística, devido à preocupação que se tem em difundir uma informação dentro do menor tempo possível. Finalmente, ressaltamos, mais uma vez, que a diferença existente entre o valor de **antepresente específico** e o **imediato (hodierno)** reside fundamentalmente na extensão do “âmbito primário de coexistência” (MR). Por isso, parece-nos apropriado tratar o segundo sentido como uma delimitação do valor de **antepresente específico**, cujo âmbito de coexistência pode se estender mais livremente e, conseqüentemente, envolver situações mais distantes do momento de fala. Advertimos, contudo, que nosso estudo tratará por separado essas subdivisões do **antepresente**, isso por que desejamos apresentar dados ainda mais claros e precisos sobre o funcionamento das formas do *pretérito perfecto* nesse âmbito temporal.

Por fim, assinalamos que os dois valores podem ser inferidos na figura 1.16, em que o colchete menor representa uma menor abrangência do “âmbito de coexistência” (MR presente) e, conseqüentemente, a maior proximidade que há entre o momento do evento (ME) e o momento de fala (MF) no valor **hodierno**. Já o colchete maior de MR-presente, tracejado, mostra-nos a maior extensão do “âmbito de coexistência”, facultando, por isso, um maior distanciamento entre o ME e o MF, tal como ocorre no **antepresente específico**.

Figura 1.16: Dos valores de antepresente específico e antepresente imediato (hodierno)



Fonte: própria.

1.2.2.3 O antepresente ampliado

Identificado pela norma gramatical como experiencial, o valor aqui denominado **antepresente ampliado** indica-nos que uma situação manteve-se, pelo menos uma vez, durante algum tempo anterior ao momento de fala, abrangente e muito pouco especificado.

De modo que podemos lhe atribuir uma indeterminação temporal, já que não especifica, na linha do tempo, exatamente o momento quando dado evento sucedeu. Isso é o que ocorre em

(26) [...] *vamos a hablar ya mismo, precisamente, con Jorge Valentín que **ha hecho** esa y otras declaraciones para esta nota de la voz del interior.*⁹⁷

[...] vamos falar agora mesmo, precisamente, com Jorge Valentín, que fez essa e outras declarações pra esta nota da voz do interior.

Apesar de não especificar quantas vezes, por quanto tempo ou em que momento exato Jorge Valentín fez suas declarações, o exemplo faz-nos saber que o entrevistado esteve em contato com o jornal ‘*la voz del interior*’ por mais de uma ocasião num passado não determinado exatamente, mas que é envolto pelo mesmo “âmbito primário de referência presente” (MR) que abrange o MF. Devemos observar, ainda, que ao dizer “*esta nota*”, delimita-se, de alguma maneira, o âmbito temporal primário no qual a situação descrita ocorreu. Ou seja, essa quantidade não explicitada de interações com o entrevistado ocorreu durante o tempo que envolveu a preparação da edição do jornal.

Assim, se por um lado a ausência de um delimitador temporal explícito faz-nos considerar que o evento pode ter ocorrido uma ou mais vezes no período que aparentemente envolve grande parte da vida do observador (RAE, 2009), por outro, com o uso de um especificador (“*esta nota*”), o momento em que o evento ocorreu é diminuído, sem, contudo, determinar exatamente quando se deu dada situação.

Há de se considerar que a ausência de um delimitador temporal explícito pode favorecer uma interpretação mais ampla do âmbito temporal em que dado evento aconteceu. De maneira que o enunciador e/ou o enunciatário pode considerar que a situação descrita tenha sucedido em qualquer momento durante um extenso período, que não raramente pode envolver até mesmo toda a existência do experimentador. Nessa direção é que o enunciado (27) – mesmo trazendo explicitamente um especificador temporal (“*en mi larga carrera*”) – ilustra-nos como o “âmbito primário de referência” (MR presente) se arrasta a ponto de envolver um longo período da existência do enunciador. Notemos ainda que é a ampliação do momento de referência que permite estabelecer uma relação entre a situação descrita e o momento de fala, facultando, de alguma maneira, a leitura de **antepresente**.

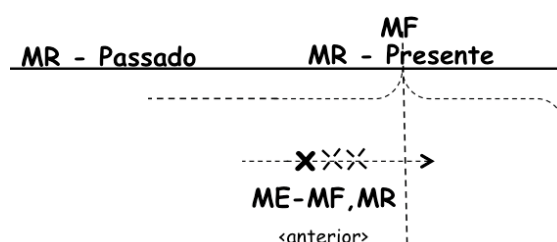
(27) [...] *en mi larga carrera de actor **he dirigido** espectáculos musicales, como los del Carmen Flores <B3>*.

[...] em minha longa carreira de ator dirigi espetáculos musicais, como os de Carmen Flores.

⁹⁷ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio Cadena 3, de Córdoba/Argentina (13/06/2010).

O valor **ampliado** pode ser contemplado na figura 1.17, na qual as letras (x) tracejadas mostram-nos o desconhecimento da quantidade de vezes que ocorre o evento descrito. Por sua vez, a linha temporal tracejada acusa-nos a indefinição do momento exato em que se deu a situação. Podemos observar, contudo, que, apesar de tamanha imprecisão, parece que a situação continua sendo tratada dentro do “âmbito primário de coexistência” (MR-Presente), posto que o falante pode estendê-lo a ponto de envolver toda sua vida.

Figura 1.17: Do valor antepresente ampliado



Fonte: própria.

A RAE (2010, p.429) afirma que “*últimamente, en estos tiempos, en estos dias*, as fórmulas *a lo largo de + grupo nominal quantitativo temporal, en {más ~ menos} de + grupo nominal quantitativo temporal ou {desde ~ hasta} + advérbio ou grupo nominal de sentido temporal*” são exemplos de marcadores temporais da língua espanhola que corroboram o valor de **antepresente ampliado**. Há ainda outros marcadores temporais que não delimitam o âmbito temporal em que uma situação ocorre, mas salientam o sentido prototípico de indeterminação temporal associado a esse uso. Esse é o caso dos advérbios ‘*nunca*’ e ‘*siempre*’ (que consideram toda a vida do indivíduo) e das locuções ‘*alguna vez*’ e ‘*en alguna ocasión*’ (as quais se relacionam à quantidade de ocorrências do evento).

A indeterminação do momento passado em que se deu o evento pode estar também associada a perguntas e a enunciados negativos, tal como verificamos em (28) e (29), respectivamente:

(28) *¿Qué cosas te han hecho o has hecho cuando tenías desconfianza [...]?* <T2>

Que coisas te fizeram ou você fez quando tinha desconfiança?

(29) *Hasta el fondo mismo, hasta donde no ha llegado absolutamente nadie.*

Até o fundo do mar mesmo, até onde não chegou absolutamente ninguém.

Outras duas características são acrescentadas ao valor **ampliado** por Rodriguez Louro (2008). Para a autora, com esse sentido, o verbo conjugado no PPC pode ser parafraseado por “*ha tenido la experiencia de*”, de modo que (30) pode ser interpretado como (31):

(30) *De verdad, yo no puedo decir ninguno del interior porque Rosario, Newells y Colón han estado en copa de libertadores.*⁹⁸

Na verdade, eu não posso dizer nenhum do interior porque Rosario, Newells e Colón estiveram na copa libertadores.

(31) *De verdad, yo no puedo decir ninguno del interior porque Rosario, Newells y Colón han tenido la experiencia de estar en copa de libertadores.*

Na verdade, eu não posso dizer nenhum do interior porque Rosario, Newells e Colón tiveram a experiência de estar na copa libertadores.

Atendo-se ao sujeito que se associa ao *pretérito perfecto compuesto* com valor **ampliado** ou experiencial, Rodriguez Louro (2008) verifica a recorrência desse argumento com traço animado; de modo que, no enunciado (30), poderíamos chegar a pensar que ao citar o nome dos times, considera-se, metonimicamente, o grupo de pessoas que compõe cada um dos clubes – jogadores, treinador, administração, entre outros.

Por fim, reafirmamos que entendemos o valor **ampliado** como um desdobramento do valor de **antepresente específico** porque, como vimos, mantém a relação existente entre o momento de fala (MF) e a situação descrita (ME) graças à ampliação do “âmbito primário de coexistência”. Desse modo, o momento de referência (MR-Presente) continua apresentando as mesmas características que apresenta nos valores de **antepresente específico** e **imediate** – o que garante uma apreciação parecida do passado.

Apesar da similaridade estrutural do **antepresente específico** com o valor **ampliado** (experiencial), também consideraremos esse sentido separadamente em nossa análise de dados, isso porque o estudo desse subvalor temporal pode nos revelar informações diferentes das que mostrarão o estudo dos demais subgrupos do **antepresente**.

1.2.2.4 O *pretérito perfecto compuesto*: entre o **antepresente** e outros valores

Um olhar sobre a norma gramatical do sistema verbal espanhol identifica a quase unânime atribuição do valor de **antepresente específico** e dos outros dois subvalores decorrentes de seu desdobramento – **antepresente imediato** e **ampliado** (experiencial) – ao *pretérito perfecto compuesto* (PPC). Em complemento, o estudo semasiológico possibilitado por essa revisão bibliográfica mostra-nos também que a forma composta é muito dinâmica e polissêmica, podendo apresentar pelo menos nove comportamentos distintos – conforme veremos no quadro 1.6.

⁹⁸ Enunciados (29) e (30) retirados de entrevistas radiofônicas difundidas pela rádio *LV10*, de Mendoza/Argentina.

A fim de compreender a aproximação feita entre o PPC e o **antepresente**, partimos do estudo morfossemântico da forma composta, segundo o qual se observa que ao verbo auxiliar *haber* corresponde a informação de anterioridade ao *tempus* no qual está conjugado – no caso do PPC, anterioridade ao **presente do indicativo** (ALARCOS LLORACH, 2005). Além disso, é-lhe atribuída também a marcação da informação gramatical de pessoa, número, aspecto e modo, haja vista que é nele que se acoplam os sufixos de número/pessoa e *tempus*/aspecto/mo. Por sua vez, ao participio passado – portador do valor léxico – cabe a observação da situação passada e perfectiva, bem como a determinação de uma rede argumental; condicionando, por isso, possíveis sujeitos e complementos associáveis à construção (RAE, 2009, p.184). São essas características morfosintáticas que possibilitam considerar o PPC como “uma forma do passado que se projeta em direção ao presente” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p.449)⁹⁹.

Cartagena (1999), por seu turno, inicia o estudo do PPC comparando-o com o *tempus* das formas verbais simples do modo indicativo, pois, para o autor, essas formas possuem a função de delinear, a partir do ponto zero, segmentos temporais primários¹⁰⁰. Na mesma direção, os tempos compostos por **haber+participio** formam fragmentos temporais secundários de perspectiva retrospectiva em cada um dos âmbitos primários. Em outros termos, por serem relativas, isto é, não guardarem relação direta com o momento de enunciação, mas com as formas simples, as formas compostas ressegmentam cada parte já dividida primariamente pelos *tempora* simples. Assim, “[...] *He hecho, hube hecho, habré hecho* indicam anterioridade, mas em relação ao ponto central de cada âmbito temporal gerado pelas formas simples, apareça este, ou não, expressamente referido nos textos¹⁰¹”.

Diante da síntese de funcionamento do sistema verbal da língua espanhola, conseguimos verificar como se instaura o **antepresente** na forma do *Pretérito Perfecto Compuesto*: um valor relativo de anterioridade (em um âmbito secundário) ao *tempus* presente que lhe serve de referência dentro do âmbito primário. Reparemos que tanto a expressão de anterioridade quanto a referência no presente estão contidas no “âmbito primário de coexistência” ao momento de fala.

Esse valor fica mais bem apreciado por meio da observação da figura 1.18, na qual se expõe parte das formas verbais do indicativo (CARTAGENA, 1999, p.2938). Em destaque, o

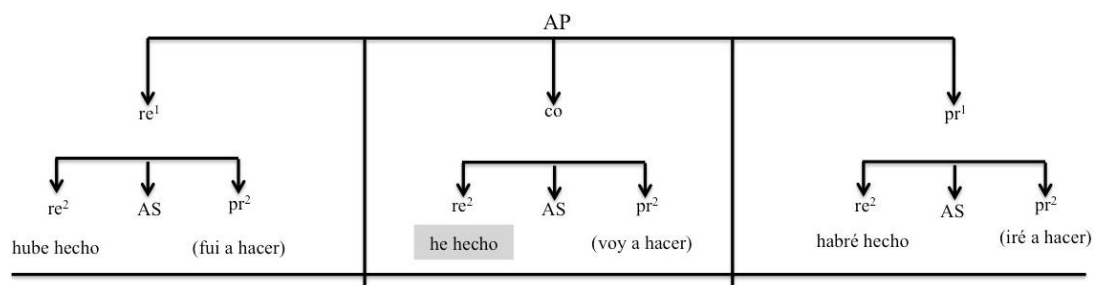
⁹⁹ “una forma de pasado que se proyecta hacia el presente” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p.449).

¹⁰⁰ Isso é assim porque as formas simples expressam *tempora* absolutos, que, como tal, guardam relação direta com o momento de enunciação.

¹⁰¹ “[...] *He hecho, hube hecho, habré hecho* indican [...] anterioridad, pero en relación con el punto central de cada ámbito temporal generado por las formas simples, aparezca este o no expresamente aludido en los textos”. (CARTAGENA, 1999, p.2939).

pretérito perfecto compuesto representa a expressão de uma anterioridade (no âmbito secundário), que está contida no “âmbito primário de coexistência” (APco)¹⁰².

Figura 1.18: Do *tempus* nas formas verbais do indicativo



Fonte: Cartagena (1999, p.2938) – Adaptação nossa.

Desse modo, diferentemente da forma do PPS (*hice*), canonicamente responsável pela expressão de situações *pretéritas* envolvidas por um “âmbito primário de anterioridade”, com o *perfecto compuesto* (*he hecho*), apresenta-se canonicamente um evento passado envolvido por uma percepção de presente (“âmbito primário de coexistência”) e que, por isso, guarda uma relação temporal de coexistência com o momento da fala (**antepresente**).

Porém, como previamente advertimos, em consequência do comportamento polissêmico e dinâmico historicamente constituído do *perfecto compuesto*, outros valores são recorrentemente associados a ele, tal como expõe o quadro 1.6. Assim, além dos já descritos valores de **antepresente específico**, **mediato** (hodierno) e **ampliado** (experencial), a norma gramatical da língua espanhola ainda atribui outros seis possíveis valores à forma do PPC, os quais discutiremos nas linhas seguintes.

¹⁰² Na figura 1.18, AP quer dizer Âmbito Primário; AS, Âmbito Secundário e RE, CO e PR, respectivamente, REtrospectividade, COexistência e PRospectividade.

Quadro 1.6: Dos valores atribuídos ao PPC pela norma gramatical

VALORES	AUTORES																		
	RAE (2009, 2010)	TORREGO (2002)	QUESADA PACHECO (2001)	FERRER, SANCHEZ (2000)	CARTAGENA (1999)	GUTIÉRREZ ARAUS (1995, 2001)	KOVACCI (1992)	PORTO DAPENA (1989)	HERNÁNDEZ ALONSO (1996) ¹⁰⁸	ALARCOS LLORACH (1980, 2005) ¹⁰⁷	ROJO (1974, 1990, 1999)	RAE (1986) ¹⁰⁶	GILI GAYA (1979)	GARCÍA DE DIEGO (1951)	KANY (1970) ¹⁰⁵	LENZ (1920)	BELLO (1972, 1999) ¹⁰⁴	NEBRJIA (1980) ¹⁰³	
1	Antepresente Específico	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
2	Antepresente Imediato (hodierno)	-	+	-	+	-	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+
3	Antepresente Ampliado (experiencial)	-	+	-	-	-	+	-	+	+	-	-	+	+	-	-	+	-	+
4	Relevância Presente	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+
5	Resultativo	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+
6	Continuidade	-	+	-	-	-	+	-	+	+	-	-	+	+	-	-	+	-	+
7	Passado Absoluto	-	-	+	+	-	+	+	-	-	+	+	+	+	+	+	+	-	+
8	Antepretérito	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	Prospectivo	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	+

Fonte: Própria.

¹⁰³ A primeira publicação da obra de Nebrija (1980) data de 1492.

¹⁰⁴ A primeira publicação das obras de Bello (1972, 2004) data, respectivamente, de 1841 e 1847.

¹⁰⁵ A primeira publicação da obra de Kany (1970) data de 1945.

¹⁰⁶ A primeira publicação da obra da RAE (1986) data de 1973.

¹⁰⁷ A primeira publicação das obras de Alarcos Llorach (1980, 2005) data, respectivamente, de 1870 e 1994.

¹⁰⁸ A primeira publicação da obra de Hernández Alonso (1996) data de 1985.

1.2.2.4.1 Relevância Presente

Conforme explicam Sperber e Wilson (1994, 1995), os seres humanos, naturalmente, detêm-se com mais atenção em alguns fenômenos em detrimento de outros, de maneira que essa percepção pode ser instaurada e processada na língua de diferentes maneiras. Ainda segundo os autores, essas intuições não são muito fáceis de serem deduzidas ou evidenciadas. Contudo, defendem que para uma suposição ser considerada relevante em um contexto, ela deverá trazer necessariamente algum efeito para o contexto instaurado.

Aplicando essa premissa ao fenômeno em pauta, Bybee e Dahl (1989, p. 67) definem que, semanticamente, a característica mais importante do *perfect*¹⁰⁹ – forma verbal equiparável ao *perfecto compuesto*, na língua espanhola – é apresentar a situação descrita como sendo relevante para um momento posterior ao tempo em que ocorre – normalmente, para o momento de fala. Em outros termos, por meio do PPC mostra-se, no presente, os efeitos de uma situação cuja origem é anterior ao momento da fala. É bem verdade que frequentemente se afirma que tanto a origem como o fim da situação já ocorreram quando enunciados; no entanto, observaremos que nem sempre o término dos acontecimentos está claramente marcado antes do momento de enunciação.

Dahl e Hedin (2000) consideram que os verbos que exprimem um resultado inerente (têlicos e pontuais) são mais favoráveis a uma leitura de relevância presente, posto que esses verbos carregam consigo um estado resultante do seu término. Assim, os verbos “morrer” e “partir”, por exemplo, implicam automaticamente um estado de “perda de vida” e “ausência”, respectivamente. Por seu turno, Rodriguez Louro (2008) defende que o valor de **relevância presente** decorre de efeitos que vão além das marcações lexicais e gramaticais de temporalidade. Para a autora, esse sentido corresponde também a “uma relação um tanto subjetiva e pragmática que une, de acordo com a postura do locutor, uma eventualidade e o momento de fala¹¹⁰” (RODRIGUEZ LOURO, 2008, p. 3). Por isso seu uso é caracterizado como portador de uma acepção bastante individualizada e de difícil definição.

Tendo em vista a complexidade dessa relação, a utilização do PPC, no enunciado (32), ilustra-nos como um evento passado estabelece uma relação de **relevância** no MF:

¹⁰⁹ Também denominado por Bybee e Dahl (1989) como “*anterior*”, o “*perfect*” é considerado uma categoria verbal amplamente estendida nas línguas naturais, podendo ser identificado em até 35% das línguas do mundo.

¹¹⁰ “[...] *una relación un tanto subjetiva y pragmática que une, de acuerdo con la postura del locutor, esa eventualidad y el momento del habla*” (RODRIGUEZ LOURO, 2008, p.3).

(32) *Si bien le costó [a Vélez Sarsfield] y mucho ganarle a Argentino Junior; Pero también, junto con River, **ha ganado** sus tres partidos y de esta manera es uno de los punteros que tiene el campeonato apertura de primera división.*¹¹¹

Apesar de ter custado muito a Velez Sarsfield ganhar do *Argentino Júnior*; também, como o River, ganhou seus três jogos e, dessa maneira, é um dos pontas da tabela que há no campeonato de abertura da primeira divisão.

Ou seja, a já ocorrida vitória do time *Velez Sarsfield* nos três jogos do campeonato argentino de futebol mostra-se relevante no momento presente em que se encontra o enunciador – quem, por isso, diferencia-o dos demais clubes por ser um dos líderes no campeonato. Não nos preocupando, por hora, com o carácter subjetivo e pragmático que se associa a esse uso do PPC, esse valor da forma composta pode ser mais bem esclarecido se consideramos dois traços mais objetivos de análise: o *tempus* e o aspecto gramatical.

Considerando primeiramente o valor temporal base de **antepresente**, encontramos no uso do PPC uma eventualidade pretérita que é vislumbrada dentro do mesmo âmbito (MR) em que ocorre o momento da fala, haja vista que o momento de referência presente também é simultâneo ao MF. Dessa maneira, parece que no enunciado (32), a extensão temporal do “*campeonato apertura de primera división*” marca o momento de referência presente, isto é, o âmbito temporal de coexistência que envolve tanto as vitórias do time (ME) quanto o MF.

Por sua vez, tomando a informação proveniente do aspecto gramatical, Comrie (1976) e García Fernández (2008) afirmam que o aspecto **perfeito**¹¹² marcado nesse valor volta-se ao momento que está imediatamente posterior ao tempo da situação descrita, mostrando-nos, por isso, as consequências de dada situação. Em outras palavras, a marca aspectual do *pretérito perfecto compuesto* traz à tona alguns estados de uma ação precedente (COMRIE, 1976). Observando esse valor aspectual no enunciado (32), parece que com o uso do *perfecto compuesto* junto ao verbo ‘*ganar*’ (‘ganhar’) procura-se, na verdade, salientar as consequências advindas da vitória do time, tais como se tornar líder do campeonato, ser um time de referência, entre outras.

Havendo comentado as informações provenientes tanto do *tempus* como do aspecto gramatical, torna-se mais perceptível que, tal como defendem Bybee e Dahl (1989, p. 67), o valor fundamental de **relevância presente** provém da observação das consequências resultantes (aspecto perfeito) de uma eventualidade pretérita, mas envolta pelo mesmo âmbito

¹¹¹ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio *LV10*, de Mendoza/Argentina 23/08/2010).

¹¹² Na classe aspectual de **perfeito**, o foco volta-se ao momento que está imediatamente posterior ao tempo da situação, mostrando-nos, por isso, os resultados da situação ou, em outras palavras, a relevância presente de uma situação concluída. É consciente desse valor que Comrie (1976) afirma que o **perfeito** não nos diz nada diretamente sobre a situação em si, mas relata alguns estados de uma situação precedente.

de referência presente que abarca a enunciação (*tempus antepresente*). Como devemos verificar, a maior parte dos valores atribuídos ao PPC retomará, de algum modo, o valor advindo do *tempus antepresente* (ME-MF,MR) e/ou do aspecto **perfeito**.

Finalmente, Hernández (2013) observa que a variação entre o PPS e o PPC provê ao falante um mecanismo que permite destacar um evento passado sobre outro – o qual, apesar de passado, ainda repercute de alguma maneira no momento de fala. Desse modo, para o autor, o uso do *perfecto compuesto*, em textos narrativos, permitiria diminuir a distância dos eventos descritos, de maneira que a proximidade temporal efetiva entre o enunciador e a situação descrita poder ser redimensionada e encurtada subjetivamente.

A observação do enunciado (32) permite-nos verificar esse “jogo temporal” por meio do uso das duas formas do *pretérito perfecto*. Assim, se por um lado o PPS (“*costó*”) faz referência a uma situação mais objetivamente limitada ao momento passado em que foi concebida, com o uso do PPC (*ha ganado*) marca-se subjetivamente uma maior proximidade entre a ação descrita e o momento de fala, posto que é nesse instante em que se observa concretamente as consequências da ação passada, isto é, encontra-se o time do *Velez Sarsfield* entre os líderes do campeonato de futebol (“*es uno de los punteros que tiene el campeonato*”).

Em síntese, Hernández (2013) observa que em algumas variedades do espanhol (*San Salvador*, por exemplo) a variação entre o PPC e o PPS permite marcar graus de proximidade e distanciamento tanto temporais quanto psicológicos entre as situações apresentadas e o enunciador¹¹³. Segundo explica o autor, esse uso se deve a que o avanço do PPC em contextos temporais (de **antepresente** e **passado absoluto**) “parece ser o produto de um recurso estilístico com consequências cognitivas notáveis que aumentam o envolvimento do enunciador no discurso”, de maneira que o “PPC chama a atenção para a proximidade afetiva do orador com o evento, enquanto o PPS aumenta o desapego e a dissociação” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 280).

1.2.2.4.2 Resultativo

O quinto valor frequentemente atribuído à forma composta recebe o nome de **resultativo**, pois focaliza, no momento da fala, um estado que existe como consequência de um evento já ocorrido. Assim, a forma composta poderá expressar o resultado de um estado ou ação que lhe são anteriores, mas também poderá exprimir uma situação já ocorrida que

¹¹³ Função que, segundo Hernández (2013, p. 280), também pode se vincular à entonação, à ordem das palavras e à morfologia.

deverá ter seus resultados presentes inferidos implicitamente. Ou seja, de qualquer maneira, com o *pretérito perfecto compuesto* de **resultado**, “descrevem-se estados que se consideram atuais ou que se comprovam na atualidade” (RAE, 2009, p.1734)¹¹⁴. As duas possibilidades podem ser mais bem observadas pelos enunciados (33) e (34), respectivamente:

(33) *Hay como una ponderación especial hacia un personaje que es muy cuestionado después de mucho revisionismo histórico. La verdad es que no **ha quedado bien parado**. ¿no? <B2>*

Há uma ponderação especial por um personagem que é muito questionado depois de muito revisionismo histórico. A verdade é que não está bem firme ¿né?

(34) *[...] porque ellos consideran que **han plantado** bandera en el fondo del mar, entonces a partir de eso ellos pueden explorar eso [...].*¹¹⁵

[...] porque eles consideram que fixaram bandeira no fundo do mar, então por isso eles podem explorar isso.

No primeiro enunciado, o uso do PPC mostra-nos o resultado presente (‘*no ha quedado*’, isto é, ‘não ficou/não está’) de uma situação originada antes do momento de fala: o questionamento do personagem depois de revisionismo histórico. Por sua vez, em (34), notamos que a ação já terminada, expressada pela forma composta (*ha plantado*), implicará alguns resultados, tal como a permissão para a exploração do mar.

Rodriguez Louro (2008) afirma que esse valor tende a ser produtivo junto a predicados télicos, já que trazem marcado o ponto final da situação que descrevem. Ainda segundo a autora, o uso dos advérbios “*todavía*” (“ainda”) e “*ya*” (“já”) enfatizaria o valor **resultativo**.

A fim de avaliar como esse valor relaciona-se diretamente ao aspecto que vigora no PPC, Cartagena (1999) lança mão da relação dos conceitos de **tempo da situação** (TS) e de **tempo do foco** (TF)¹¹⁶ e, dessa maneira, verifica que, em (35), a expressão: “*en este instante*” determina o TF, isto é, “aponta para o resultado da ação ocorrida no contexto do momento da fala e não ao momento de *macharse*¹¹⁷”, de modo que se pode inferir, por exemplo, que o criminoso já não está no local – “*ya se ha marchado*”.

(35) *En este instante se **ha marchado** el sospechoso.*

Neste instante o suspeito foi embora.

¹¹⁴ “[...] se describen estados que se consideran actuales o que se comprueban en la actualidad.” (RAE, 2009, p.1734).

¹¹⁵ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio LV10, de Mendoza/Argentina (13/09/2010).

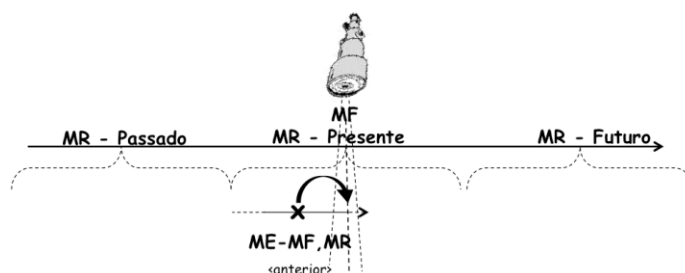
¹¹⁶ Para o autor, **tempo da situação** (TS) é o tempo no qual um processo designado por um verbo acontece, ao passo que **tempo do foco** (TF) será o período de validade de tal processo. Desse modo, esses dois tempos podem se articular estabelecendo quatro relações, isto é, quatro classes de aspecto, nas quais: (a) TF está incluído em TS; (b) TF inclui o fim de TS e o início do tempo seguinte a TS ou coincide exatamente com TS; (c) TF é posterior a TS e (d) TF é anterior a TS (CARTAGENA, 1999, p.2940). Na avaliação da expressão do valor de **resultado** interessa-nos especialmente a relação (c).

¹¹⁷ “[...] apunta al resultado de la acción ocurrida en el marco del momento del habla y no al momento de macharse.” (CARTAGENA, 1999, p.2940).

O valor **resultativo** é consequência do aspecto perfeito, uma vez que “na leitura *perfecta* o complemento temporal se refere a um ponto posterior ao processo verbal designado, que é resultado ou consequência deste, devido a que o TF é posterior a TS¹¹⁸” (CARTAGENA, 1999, p. 2940). Conforme veremos com o estudo do desenvolvimento histórico do PPC (HARRIS, 1982) – seção III –, não é difícil entender que a identificação desse valor junto ao funcionamento atual da forma composta corresponde à persistência (HOPPER, 1991) de um uso decorrente da origem da perífrase.

O valor pode ser observado na figura 1.19, na qual a lente representa o **tempo de foco**, isto é, o momento posterior ao término do evento (representado por **x**) e quando se vislumbram as consequências provenientes dele. Notemos também que o TF envolve o MF, fazendo com que as consequências observadas sejam concomitantes ao MF.

Figura 1.19: Do valor resultativo



Fonte: própria.

1.2.2.4.3 Continuidade

Por meio do valor de **continuidade**, sexto sentido atribuído ao PPC, descrevemos situações cuja origem é anterior a MF, mas que continuam se manifestando no presente, podendo, por suposição, seguir em direção ao futuro. Esse é o valor que se verifica em (36), no qual o estado descrito dos hospitais provém do passado e se estende em direção ao futuro.

(36) [...] *en Tucumán, los hospitales siempre han sido los [portadores] naturales del sistema <T5>*.

[...] em Tucumán, os hospitais sempre foram os portadores naturais do sistema.

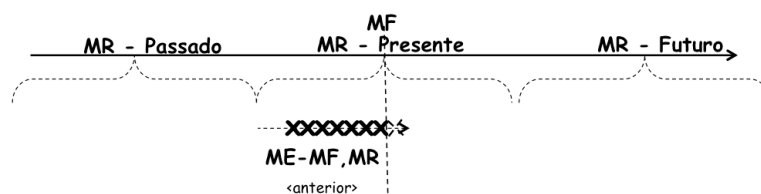
Esse valor pode associar-se tanto a predicados télicos como a atélicos, expressando, por isso, eventos reiterados continuamente ou estados permanentes – como nota-se em (36), (RODRIGUEZ LOURO, 2008). A “*Nueva gramática de la lengua española*” (RAE, 2009)

¹¹⁸ “[...] en la lectura ‘perfecta’ el complemento temporal se refiere a un punto posterior al proceso verbal designado, que es resultado o consecuencia de este, debido a que el TF es posterior al TS.” (CARTAGENA, 1999, p.2940).

observa que, em orações negativas, os advérbios *todavía/aún* ('ainda') possibilitam a paráfrase "*hasta el momento*" ('até o momento'), de modo que muitas vezes enfatizam o valor de persistência (de uma ausência). A identificação do valor de **continuidade** junto ao funcionamento contemporâneo do PPC revela-nos, mais uma vez, a manutenção de um valor característico de fases prévias que constituíram o processo de desenvolvimento funcional da perífrase (HARRIS, 1982) – conforme explicamos com maiores detalhes na seção III.

O contraste com o valor experiencial (**antepresente ampliado**) mostra-nos que o valor de **continuidade** informa o momento em que uma situação descrita inicia, bem como a reiteração dela, pelo menos, até o momento de fala. Por sua vez, o valor de **antepresente ampliado**, por si só, não nos diz quando inicia ou termina uma situação, sabemos apenas que ocorreu em um pretérito que pode envolver, até mesmo, todo o período de vida do indivíduo. A frequência de uma situação na experiência de vida do sujeito também é uma informação aparentemente marginalizada pelo valor de **antepresente ampliado** (experiencial), ao passo que no *perfecto compuesto* de **continuidade**, é um traço semântico marcado do seu início até o MF, pelo menos. Assim, na figura 1.20 temos as letras (x) expressando a reiteração da situação até o momento de fala (MF). O uso do (x) tracejado mostra-nos a possível continuidade da situação após MF.

Figura 1.20: Do valor de continuidade



Fonte: própria.

1.2.2.4.4 Passado absoluto

Os últimos valores a serem tratados são alvos de uma desatenção descritiva, o que nos proporciona um conhecimento ainda muito limitado e superficial sobre eles dentro da tradição descritiva hispânica. Esse é o caso, por exemplo, do valor tido como **passado absoluto**¹¹⁹ – sétimo sentido – que pode ser observado em enunciados como:

¹¹⁹ Conforme observamos na seção III, em que discutimos a história das formas do *pretérito perfecto* em espanhol, considera-se esse valor como o mais inovador dentro do *continuum* de mudança da forma composta nas línguas românicas – havendo as línguas francesa e italiana (do norte), por exemplo, já alcançado esse estágio no uso – como também reconhece a normatização gramatical dessas línguas.

(37) [...] *ustedes saben cuando yo me hice cargo del PAMI, hace aproximadamente un año y medio, [...] yo he recibido el padrón de seis mil afiliados y a la fecha tenemos un padrón de ciento treinta mil afiliados* <T5>.

[...] vocês sabem quando eu me encarguei do PAMI, faz aproximadamente um ano e meio, [...] eu recebi o cadastro de cento e trinta mil afiliados e atualmente temos um cadastro de cento e trinta mil afiliados.

(38) *Ayer he ido al cine.*¹²⁰

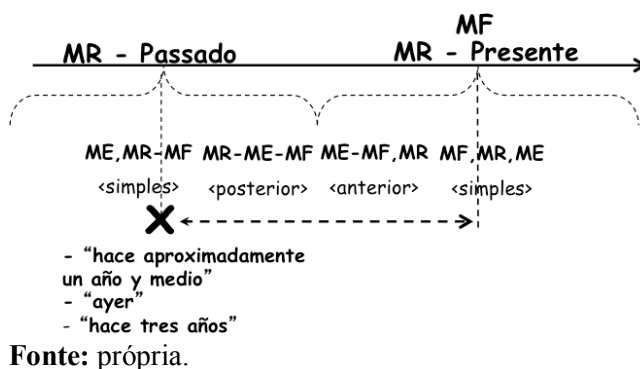
Ontem fui ao cinema.

(39) *Hace tres años que se ha muerto mi padre.*¹²¹

Faz três anos que meu pai morreu.

Nos enunciados, os marcadores temporais “*hace aproximadamente un año y medio*”, “*ayer*” e “*hace tres años*” mostram-nos que a situação descrita não ocorreu dentro do âmbito primário de coexistência, mas no âmbito primário de anterioridade. Indicando-nos, por isso, que aparentemente o PPC sofre uma mudança no que diz respeito ao *tempus*. Assim, analisando os exemplos sob a perspectiva reichenbachiana, teríamos situações que ocorrem no âmbito de referência passada (“*hace aproximadamente un año y medio*”, “*ayer*” e “*hace tres años*”), expressando, portanto, o valor de **passado absoluto** (ME,MR-MF), e não mais de **antepresente** (ME-MF,MR), tal como observamos na figura 1.21.

Figura 1.21: Do valor de passado absoluto sob a perspectiva reichenbachiana

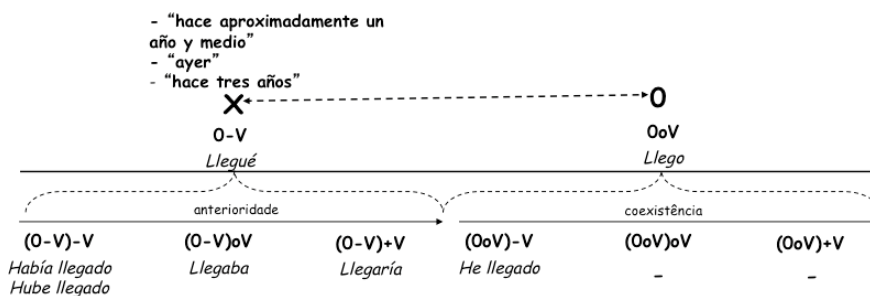


Da mesma maneira, dentro do postulado de Guillermo Rojo (1974, 1990, 1999), as situações descritas acima não antecederiam acontecimentos concomitantes ao ponto zero, mas estariam em uma relação de anterioridade direta com ele, ou seja, passariam a expressar o *tempus* absoluto de **passado** (V-0), e não mais o *tempus* relativo de **antepresente** ((Vo0)-V), como verificamos na figura 1.22.

¹²⁰ Enunciado retirado de Araujo (2009, p.42).

¹²¹ Enunciado retirado de Torrego (2002, p.150)

Figura 1.22: Do valor de passado absoluto sob a perspectiva de Guillermo Rojo

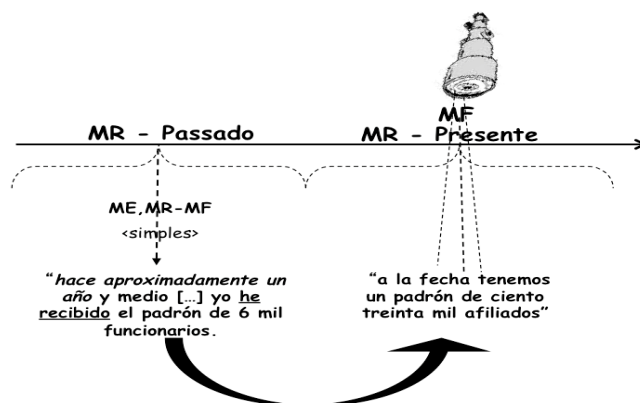


Fonte: própria.

Em poucas palavras, a observação da categoria do *tempus* no uso da forma verbal com o valor de **passado absoluto** mostra-nos o *pretérito perfecto compuesto* aproximando-se do valor fundamental atribuído ao *pretérito perfecto simple* (PPS). Contudo, ainda é relevante observarmos, no enunciado (37), que há um uso do PPS (*hice*) ocorrendo no mesmo âmbito temporal do PPC (*he recibido*), levando-nos a pensar que há, nesse caso, duas formas dedicadas à expressão do mesmo valor. Mas seriam, de fato, essas duas formas semanticamente idênticas?

Como é de se esperar, a conclusão deste estudo deve proporcionar-nos uma resposta mais satisfatória para a questão. No entanto, podemos a partir de já elaborar a hipótese de que uma resposta positiva desconsideraria, pelo menos, o traço aspectual associado, segundo Garcia Fernández (2008) e Comrie (1976), a essas formas. Isso porque o aspecto perfeito, presente na forma do *perfecto compuesto*, faria com que se destacasse, no momento de enunciação, a relevância de uma ação concluída antes do momento de fala – ainda que esteja em um âmbito primário de anterioridade (MR - passado). No caso do uso do PPC em (37), a **relevância presente** pode ser verificada no resultado decorrente da comparação entre um estado passado e um estado presente, no qual a quantidade de afiliados é muito maior. Com o PPS, por sua vez, a ação teria um sentido aspectual perfectivo, atendo-se, por isso, aos limites do próprio acontecimento. Observemos, na figura 1.23, como a **relevância presente** pode se dar também no uso do PPC com valor de **passado absoluto**, isso porque o **tempo de foco** (lente) atem-se às consequências da situação passada no momento de fala.

Figura 1.23: Do valor de passado absoluto com relevância presente



Fonte: própria.

A impossibilidade de fazer o mesmo cotejamento entre a forma composta e a simples, no enunciado (38), leva-nos a indagar se haveria a possibilidade de o PPC também compartilhar com o PPS o aspecto perfectivo nesse contexto de **passado absoluto**. Isso também se deve à dificuldade em avaliar o que poderia ser considerado relevante no presente. Seria o caso de uma aparentemente comum ida ao cinema? – como se observa no uso registrado por Araujo (2009, p.42).

O enunciado (39), por último, resgata a sintética análise que fazem as gramáticas da língua espanhola sobre o valor de **passado absoluto** com relevância presente. Segundo esses manuais, o sentido dessa oração seria justificado fundamentalmente por uma relação psicológica entre o evento (ME) e o momento da enunciação (MF), de modo que “a morte do pai perdura de alguma forma na afetividade do falante¹²²”. Ainda segundo os gramáticos, esse valor seria justificado por um alargamento do âmbito primário de coexistência de modo a envolver fatos muito distantes, mas ainda de grande relevância psicológica para o enunciador. Dessa maneira, nada se comenta, por exemplo, sobre a interferência do aspecto perfeito junto a esse valor ou da possibilidade de mudança do *tempus* – tal como se deu no francês.

Finalmente, a descrição do comportamento do PPC no âmbito de **passado absoluto** justifica-se também devido aos objetivos deste trabalho, posto que descreve a existência de uma conjuntura temporal em que aparentemente as formas dos *perfecto* podem estar em competição. Em resposta a esse cenário, visamos à avaliação da exata medida da coocorrência de ambas as formas no contexto de **passado absoluto**.

¹²² “[...] *la muerte del padre perdura de alguna forma en la afectividad del hablante*” (TORREGO, 2002, p.150).

1.2.2.4.5 Antepretérito

A Cartagena (1999) cabe o único registro feito sobre o oitavo valor atribuído ao PPC. Para o autor, o PPC pode expressar **antepretérito**, isto é, designar algo que é objetivamente anterior a uma situação ocorrida no **passado absoluto**, como se vê em (40):

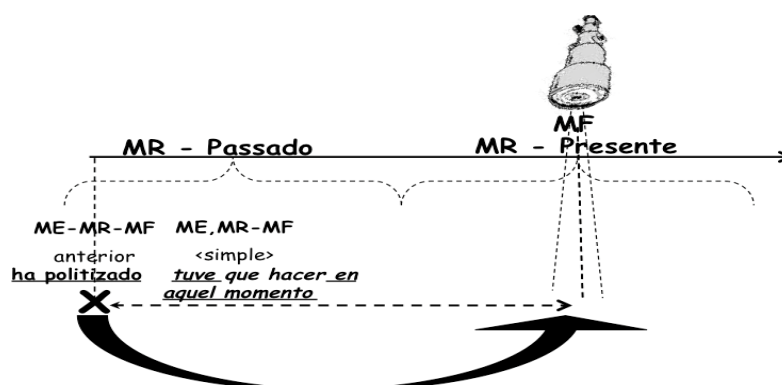
(40) *Ese tema se **ha politizado** y yo que tuve que hacer en aquel momento como responsable de la obra social, poner en funcionamiento los mecanismos naturales <T5>*.

Esse assunto havia sido politizado e eu que tive que fazer naquele momento, como responsável do serviço social, pôr em funcionamento os mecanismos naturais.

No qual, entendemos a ação “*tuve*”(“tive”) como uma referência (MR) passada em relação ao momento da fala (MF), mas posterior ao evento “*ha politizado*” (ME). Tal como verificamos na notação de Reichenbach (2004), o valor ocupado agora pelo *perfecto compuesto* corresponde ao *tempus* **passado anterior** (ME-MR-MF), prototipicamente associado à forma do *pluscuamperfecto de indicativo*¹²³.

Aparentemente, o uso do *pretérito perfecto compuesto* nesse contexto poderia visar, da mesma maneira que no lugar do **passado absoluto**, à expressão da *relevância presente* de um evento *passado*, mas que dessa vez é **anterior** ou **antepretérito**. Essa **relevância presente**, como já vimos, só é possível graças ao aspecto *perfecto* que vigoraria no uso do PPC. Assim, no valor **antepretérito**, as consequências da eventualidade pretérita também são avaliadas a partir do momento de fala (MF), onde se fixa o **tempo de foco** (lente) – conforme representado na figura 1.24.

Figura 1.24: Do valor de antepretérito com relevância presente



Fonte: própria.

¹²³ Forma equivalente ao mais-que-perfeito do indicativo do sistema verbal da língua portuguesa.

1.2.2.4.6 Prospectivo

O último valor associado ao uso do *pretérito perfecto compuesto* tem o nome de **prospectivo** e com ele expressam-se fatos em um âmbito primário de prospectividade (cuja referência é de futuro), tal como observamos em (RAE, 2010, p.439):

(41) *Mañana a estas horas, ya han terminado ustedes.*

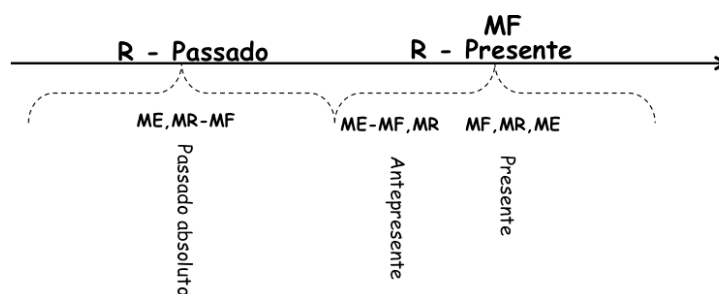
Amanhã a estas horas vocês já terão terminado.

Nesse caso, associa-se ao PPC um valor de **antefuturo** ((0+V)-V) – ou **futuro posterior** (MF-ME-MR) sob a ótica de Reichenbach (2004). Isso se deve a que ao enunciar (41) o indivíduo deveria ter em mente que a ação (“*ha terminado*”) é posterior ao momento de fala, mas anterior à referência futura “*mañana a estas horas*” (MR). O uso da forma do PPC, cujo valor prototipicamente associa-se a eventos anteriores à enunciação, mostra-nos, desse modo, uma maior certeza, já no momento de fala, de uma situação que ocorrerá somente no futuro.

Para concluirmos, diante dos nove valores expostos, temos a oportunidade de observar que a forma do *pretérito perfecto compuesto* possui uma diversificada gama de sentidos, cuja compreensão tende a envolver mais do que o estudo do *tempus*. Posto que muitos elementos envolvem-se na construção de cada um dos sentidos, a análise dessa forma verbal deve considerar estruturas cotextuais (marcadores temporais, modo de ação e rede argumental do verbo, por exemplo), contextuais (fatores pragmáticos e intenção do falante) e características peculiares a cada uma das variedades da língua espanhola.

A síntese dos valores de **passado absoluto** e **antepresente** junto às formas do PPS e PPC, respectivamente, deve nos mostrar que em ambos os sentidos vigora o retrato de situações pretéritas. Porém, em particular a cada um deles, destaca-se a forma como os eventos são observados na relação com o momento de fala. Desse modo, se a situação pretérita ocorre em uma concepção temporal que já não é a mesma do momento de fala, observa-se a expressão do valor de **passado absoluto** (V-0/ ME,MR-MF). Por sua vez, se a situação passada é relativa e envolta pela mesma concepção temporal que abarca o momento de fala, tem-se a expressão do **antepresente** ((Vo0)-V / ME-MF,MR). De forma ilustrativa, a figura 1.25 permite-nos justapor ambos os valores na linha do tempo, considerando, ainda, as perspectivas assumidas e a proximidade do presente.

Figura 1.25: O passado absoluto e o antepresente na linha do tempo



Fonte: própria.

Devido à pequena nuance de significado que diferencia ambos os valores, parece ser provável que as formas que canonicamente foram descritas como portadoras dos respectivos sentidos se entrecruzem e passem a expressar o sentido da outra. De fato, a observação empírica da expressão desses valores, sob as mais diversas perspectivas de análise da variação (diacrônica, diafásica, diastrática, diatópica), tem acusado um estado bastante heterogêneo do uso das formas composta e simples do *pretérito perfecto* – conforme descreveremos na seção seguinte. Por fim, o quadro 1.7 sintetiza os valores associados às duas forma verbais em análise.

Quadro 1.7: Da síntese dos valores atribuídos ao PPS e ao PPC

Valor	Forma	Função	Exemplo
Antepresente Específico	PPC	Situação passada observada a partir de uma perspectiva de presente (MR,MF/0oV). Assume-se uma referência (MR) que envolve um período de tempo relativamente amplo e definido, mas que nunca é igual a todo o período de existência do indivíduo (enunciador ou referido por ele).	<i>Los últimos días han sido bastante penosos ¿no? <B5></i>
Antepresente Imediato	PPC	Situação passada observada a partir de uma perspectiva de presente (MR,MF/0oV). Assume-se uma referência (MR) encolhida e limitada ao que o enunciador considera imediato (hodierno).	<i>Esta mañana se han dicho dos cosas eh... yo creo que es muy interesante ¿no? <M1></i> .
Antepresente Ampliado	PPC	Situação passada observada a partir de uma perspectiva de presente (MR,MF/0oV). Assume-se uma referência (MR) que é tão dilatada que pode equivaler a todo o período de vida de um indivíduo ou a uma longa fase de sua existência.	<i>[...] veintitrés presidentes exactamente hemos conducido la casa [durante] los cincuenta y siete años de vida <T3></i> .
	PPS		<i>¿Qué click pasó en tu vida que dijiste: “Bueno, ¡Sí! Ahora me largo”? <B3></i>
Relevância Presente	PPC	Mostra, no presente, os efeitos de uma situação cuja origem é anterior ao momento da fala.	<i>[...] nosotros les pedimos que nos sigan acompañando porque este gobierno ya ha demostrado que puede hacer las cosas y sabe hacerla <T7></i>
Resultativo	PPC	Expressa o resultado de um estado ou ação que lhe são anteriores ou uma situação já ocorrida que deverá ter seus resultados presentes inferidos implicitamente.	<i>[...] porque ellos consideran que han plantado bandera en el fondo del mar, entonces a partir de eso ellos pueden explorar eso [...]</i> .
Continuidade	PPC	Descreve situações cuja origem é anterior a MF, mas que continuam se manifestando no presente, podendo, por suposição, seguir em direção ao futuro.	<i>[...] en Tucumán, los hospitales siempre han sido los [portadores] naturales del sistema <T5></i> .
Passado Absoluto	PPS	Situação pretérita concluída no passado e que já não mantém relação temporal direta com o momento de fala, é contemplada a partir de uma perspectiva de pretérito (ME,MR-MF/O-V).	<i>Y me dijiste a mi el año pasado: “Quiero estudiar [...] <T9></i> .
	PPC		<i>Mi labor especifica y la labor de mi grupo es llevar dignidad, por ejemplo, como lo hemos hecho el domingo pasado [...] <B1></i>
Antepretérito	PPC	Designa algo que é objetivamente anterior a uma situação ocorrida no passado absoluto (ME-MR-MF/(0-V)oV)	<i>Ese tema se ha politizado y yo que tuve que hacer en aquel momento como responsable de la obra social, poner en funcionamiento los mecanismos naturales <T5></i> .
	PPS		<i>Eso dijo Gabriela Michetti, de los niños, de nosotros, de los hijos que mi esposo adoptó antes de conocerme <B4></i> .
Prospectivo	PPC	Expressa uma situação que é posterior ao momento de fala, mas anterior à referência futura (MF-ME-MR/(0+V)-V).	<i>Mañana a estas horas, ya han terminado ustedes.</i>
Antecipativo	PPS	Mostra o que é inevitável: o inerente acontecimento de um fato.	<i>¡Ya llegué!</i>

Fonte: própria.

O ESTUDO DA LÍNGUA EM USO: A VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS DO PRETÉRITO PERFECTO EM VARIEDADES DIATÓPICAS DO ESPANHOL

A fim de melhor proceder à análise diatópica da expressão dos âmbitos temporais de **antepresente** (AP) e **passado absoluto** (PA), expomos, nesta seção, uma breve revisão do que já se descreveu sobre o estágio atual da variação entre o *pretérito perfecto simple* (PPS) e *compuesto* (PPC) nas variedades da língua espanhola, com especial atenção a Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán. Essa é também uma forma de introduzir, de modo mais explícito, a problemática que cerca este trabalho, posto que a variação entre essas duas formas mostra-se sistemática em quase todas as variedades diatópicas da língua espanhola – inclusive no que se refere à expressão dos valores temporais em pauta. Concluída a apresentação do comportamento heterogêneo dessas formas verbais, discutiremos mais extensivamente a concepção de língua que delinea a Sociolinguística, isso para estabelecermos os pressupostos necessários para a compreensão do funcionamento variável dos pretéritos na língua espanhola e nortear os procedimentos metodológicos que adotaremos em nossa análise.

Em outros termos, propomos, a partir desta seção, verificar se a visão de língua defendida pela Sociolinguística e os estudos já existentes sobre o comportamento do PPC/PPS nas comunidades hispânicas podem auxiliar no início da avaliação das hipóteses orientadoras desta pesquisa. Essa discussão fornecerá tanto o alicerce teórico que fundamenta o modo de proceder aos dados coletados do *corpus*, como a informação a ser contrastada com as conclusões deste trabalho – quando cotejaremos nossos dados com os dados do estado da arte.

2.1 A VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS DO *PRETÉRITO PERFECTO*: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO DA ARTE

Antes de nos debruçarmos efetivamente sobre os trabalhos que descrevem de forma mais substancial o comportamento dos PPS e do PPC nas três variedades diatópicas contempladas por este estudo, alertamos que uma parte substancial das pesquisas existentes sobre a questão orienta-se pelo eixo dicotômico: espanhol peninsular *versus* espanhol americano, isto é, ou se faz o cotejamento entre esses dois grandes blocos ou se desenvolve um estudo supostamente aplicável a um deles (GILI GAYA, 1970; RAE, 1986; CARTAGENA, 2001; QUESADA PACHECO, 2001; TORREGO, 2002). No entanto, diante

da grandeza territorial e da pluralidade sócio-histórica das comunidades que integram a hispanofonia, parece-nos problemática a abordagem que trate como uniforme o espanhol usado na larga extensão territorial que envolve tanto a América como a Península hispânicas.

Contudo, devemos reconhecer importantes estudos que, após uma análise mais extensiva, propõem uma descrição aparentemente mais sustentável dos usos e valores atribuídos aos pretéritos em algumas regiões específicas. Dentro desse padrão de investigação, destaca-se a maior recorrência de trabalhos vinculados às variedades das **Ilhas Canárias** (ALMEIDA, 1987; PIÑERO PIÑERO, 1988, 2000; SERRANO, 1995), da Península – sobretudo da **zona Castelhana** (SCHWENTER, 1994; HOWE; SCHWENTER, 2003, 2008; SCHWENTER; CACOULLOS, 2008; SERRANO, 1994) –, do **México** (MORENO DE ALBA, 1978; LOPE BLANCH, 1983; COMPANY COMPANY, 2002), da **zona andina** (ESCOBAR, 1997; HOWE; SCHWENTER, 2003, 2008; JARA YUPANQUI, 2006; PFÄNDER, PALACIOS, 2013;) e da variedade **Bonaerense** (KUBARTH, 1992; GARCÍA NEGRONI, 1999; RODRIGUEZ LOURO, 2008, 2009, 2010, 2011).

Aprofundando-nos na observação de estudos dedicados à análise do PPC e do PPS no contexto argentino, além da já comentada recorrência de estudos sobre o espanhol “portenho”, notamos também uma atenção descritiva – ainda que mais discreta – à zona noroeste do país (TERLERA DE NANNI, 1981; ROJAS MAYER, 1985, 2004; KEMPAS, 2006, 2009). A seguir, iremos nos ater, mais pontualmente, ao conteúdo dos trabalhos existentes sobre o uso do PPS e do PPC nas três variedades diatópicas a que nos atemos nesta pesquisa.

2.1.1 A variação na Península: um olhar atento à variedade madrilenha

Com o objetivo de nos dirigir aos estudos que se ativeram à variedade peninsular e, mais especificamente, à norma de Madri, introduzimos, na figura 2.1, a localização da capital espanhola no país. Quanto ao funcionamento das formas do *pretérito perfecto*, identificamos em manuais gramaticais sobre a língua espanhola a tendência em opor Galícia (*La Coruña*) e Astúrias às demais regiões da Espanha. Essa é a postura, por exemplo, de Gili Gaya (1970), RAE (1986), Torrego (2002) e Alarcos Llorach (2005) – autores que asseguram, sem qualquer sistematização de dados e em um único parágrafo, o predomínio da forma simples nas regiões citadas e o predomínio da forma composta nas demais áreas. Cartagena (1999, 2001), por seu turno, assume uma postura extremamente generalizadora ao afirmar ser possível observar a oposição PPS/PPC, na mesma proporção, ao longo de toda a Península.

Em comum, tais abordagens procedem ao estudo do *pretérito perfecto* desconsiderando os diferentes valores que poderiam se associar a ele.

Figura 2.1: Da localização geográfica de Madri



Fonte: ciudadesimportantes.com¹ - com edição nossa.

De algum modo semelhante, os trabalhos de Gutiérrez Araus (1997) Moreno de Alba (2000), Company Company (2002) e Oliveira (2007) também apresentam uma abordagem generalizadora para o território peninsular, contudo, diferenciam-se aos anteriores por aportar algumas informações relevantes no que diz respeito aos valores atribuídos ao PPS e ao PPC. Assim, os três primeiros pesquisadores observam o valor **antepresente** no uso peninsular da forma composta. Apesar da aparente generalização, em dado momento, Oliveira (2007, p. 114) explica-nos que suas afirmações são fruto da observação de artigos de jornais madrilenhos. Frente a essa informação, podemos inferir de seu estudo que, ao menos nesse gênero discursivo e nessa variedade da Península, o uso da forma simples é preponderante tanto em contexto de **antepresente** como de **passado absoluto**. Por outro lado, nota-se que o percentual de uso do PPC no âmbito de **antepresente** (32%) é maior, já que no contexto de **passado absoluto** apenas dois casos do *perfecto compuesto* foram encontrados (3%). Analisando mais atentamente o comportamento da forma composta na variedade madrilenha, Oliveira (2010, p. 231) identifica o uso dessa forma verbal exprimindo também os valores de **continuidade** e **relevância presente**. No entanto, nesse último trabalho, a pesquisadora não encontra explicitamente o uso do PPC em contexto de **passado absoluto**.

¹ Disponível em: <http://ciudadesimportantes.com/ciudades-mas-grandes-de-espana/>. Acesso em 23.11.2016.

Entre os mais atentos à variação diatópica dentro da península e evitando conclusões generalizadoras de uso, figuram os trabalhos de Kany (1970), Hurtado González (1998), Santos (2009) e RAE (2009). O primeiro deles aponta a possibilidade de encontrarmos o PPC expressando os valores de **antepresente** e **resultativo** nas regiões de *Navarra* (Pamplona, por exemplo), de *Aragón* (Zaragoza, por exemplo) e parte da *Castilla la Vieja* (Santander, Valladolid, por exemplo), ao passo que na região da Galícia (La Coruña, por exemplo), poderíamos encontrar mais correntemente o uso do PPS expressando ambos os significados. Finalmente, o autor também observa em Madri o uso do PPC expressando **passado absoluto**. A RAE (2009) relata, de modo geral, a observação do uso do PPC com valor **experiencial** e **resultativo** em todas as regiões onde se fala espanhol e os valores temporais de **antepresente** e **passado imediato** em grande parte da península.

Sobre a norma madrilenha, Hurtado González (1998) analisa a esfera jornalística e aponta um crescente desuso da forma composta em favor da simples. Por outro lado, no “falar popular” diz haver a variação das duas formas quando portadoras de valor temporal. Ainda segundo o autor, o emprego do PPC estaria relacionado a noções de afetividade. Finalmente, também analisando a norma de Madri, Santos (2009) aponta que a modalidade oral da língua favorece o uso do PPC, de maneira que parece haver, portanto, um significativo contraste entre as modalidades oral e escrita da língua. Ainda segundo essa autora, a forma composta seria comum tanto no âmbito de **antepresente** como no **passado absoluto**, sendo especialmente favorecida no primeiro.

Serrano (1994, 1995), em uma proposta contrastiva entre diferentes variedades, identifica, em Madri, o uso da forma composta expressando valores de **continuidade**, **relevância presente**, **antepresente imediato** e **passado absoluto**. Em complemento, a autora percebe que o maior uso do PPC com valor de **passado absoluto** dá-se mais intensamente entre falantes de 35 a 55 anos (94%) – grupo etário que é seguido pelos menores de 35 anos (76%). Por sua vez, os falantes maiores de 55 anos apresentam um percentual de uso significativamente menor (31%) que os demais. Frente a esses dados, a autora demonstra que, apesar de avançada, a extensão do PPC ao contexto de **passado absoluto** parece não estar completamente consolidada na variedade madrilenha (SERRANO, 1994, p. 50 e 51).

Os estudos coordenados por Schwenter² (1994; HOWE; SCHWENTER, 2003, 2008; SCHWENTER; CACOULLOS, 2008) mostram que, na Península, o valor mais subjetivo de

² A nosso ver, um problema encontrado nos trabalhos coordenados por Schwenter repousa sobre a decisão metodológica de considerar tudo o que foge ao **hodierno** como pertencente ao mesmo grupo – o que denomina de **perfectivo** (**passado absoluto**). Ao realizar essa separação, procede-se de maneira equivocada às situações

relevância presente junto ao PPC vai se debilitando, de maneira que essa forma verbal vai, pouco a pouco, invadindo o domínio semântico do **passado absoluto** (SCHWENTER, 1994, p. 75) e, por conseguinte, vai restringindo cada vez mais o uso da forma simples. Assim, defende-se nesses estudos que a extensão funcional do PPC na Espanha é regulada por fatores temporais, especialmente no que se refere à distância do ponto de referência passado e do momento de enunciação (HOWE, SCHWENTER, 2003, p. 63).

Com o propósito de comprovar essa premissa, Howe e Schwenter (2008, p.103) avaliam três concepções temporais (**hodierno/AP imediato; indeterminado/AP ampliado e pré-hodierno/passado absoluto**) e observam uma diminuição no peso relativo do uso da forma composta conforme se aumenta a referência temporal de concomitância. Assim, o uso praticamente categórico do PPC no âmbito **hodierno/AP imediato** (.95) diminui sensivelmente na ampliação para o **AP ampliado** (.75) – denominado pelo autor como **indeterminado** – e, ainda mais, quando se assume uma referência de anterioridade não-concomitante à enunciação (**pré-hodierno/passado absoluto**: .19). Contudo, é importante destacar a evidente presença da forma composta nas três conjunturas temporais.

Finalmente, o estudo de Kempas (2006) avalia o comportamento do PPC e do PPS especificamente no contexto de **passado absoluto** e permite-nos saber que, na Península, o uso mais expressivo do PPC nesse contexto temporal se dá em Oviedo (35 casos/1,5%), Santander (15 casos/0,9%) e Bilbao (13 casos/0,5%). Madri, por sua vez, apresenta um uso muito escasso, posto que apenas duas ocorrências (0,2%) da forma composta foram encontradas no contexto de **passado absoluto**. Destacamos que, em parte, o baixo percentual de uso do PPC pode se dever à metodologia adotada no trabalho, a qual previu que estudantes universitários preenchessem lacunas de frases feitas, com uma das duas formas verbais.

2.1.2 A variação na Argentina: um olhar atento às variedades bonaerense e tucumana

Dirigindo a atenção aos estudos sobre as variedades da Argentina, introduzimos, na figura 2.2, a localização das cidades de Buenos Aires e San Miguel de Tucumán. Como previamente comentado, as pesquisas de maior repercussão sobre o comportamento das formas do *pretérito perfecto* na Argentina desenvolveram-se tendo em vista,

perfectivas que, apesar de não serem **hodiernas (AP imediato)**, ainda assim estão envoltas por uma referência temporal mais dilatada que, por isso, alcança o momento de fala (**AP específico**). Por conseguinte, acabam se desconsiderando dados pertencentes ao **antepresente** ao tratá-los como próprios do **passado absoluto**.

fundamentalmente, as variedades bonaerense e noroeste³. Além disso, é possível ainda subdividir esses trabalhos em dois tipos de abordagens: (i) uma preocupada exclusivamente com a norma linguística de alguma(s) das regiões argentinas e (ii) outra interessada em descrever a manifestação das formas do *pretérito perfecto* na América e que, para isso, apresenta brevemente a situação dos pretéritos na Argentina.

Figura 2.2: Da localização geográfica de Buenos Aires e San Miguel de Tucumán



Fonte: espanol.mapsofworld.com⁴ - com edição nossa.

³ Incluem-se na zona noroeste do país as províncias de Jujuy, Salta, Catamarca, La Rioja, Santiago del Estero e San Miguel de Tucumán – a mais populosa delas e alvo de nossa atenção.

⁴ Disponível em: <http://espanol.mapsofworld.com/continentes/sur-america/argentina/mapa-de-la-ciudad-de-argentina.html>. Acesso em 23.11.2016.

Atentando-nos inicialmente a essa última abordagem, observamos que trabalhos como os de RAE (1986), Lamiquiz Ibañez (1969), Moreno Fernández (2000) e Oliveira (2007) afirmam a existência de um uso comum para todo o país – no qual predomina a forma do PPS. Tanto é assim que lemos, por exemplo, que⁵:

[...] *a pesar de que la segunda forma [PPC] tienda a desaparecer en beneficio de la primera [PPS], especialmente en hablantes de algunas regiones hispanoamericanas, como en Argentina* (LAMIQUIZ IBAÑEZ, 1969, p.261)⁶.

[...] *na Argentina* há maior disparidade entre o uso das duas formas verbais. Nesse país, a forma *he visto* corresponde a 4,7% das 235 ocorrências do pretérito perfecto, e *vi* corresponde a 95,3%. (OLIVEIRA, 2007, p.63).

Como deveremos observar, a conclusão tida pelos autores sobre o comportamento do *pretérito perfecto* parece decorrer da generalização do uso observado na norma bonaerense às demais variedades diatópicas do país. Por outro lado, uma segunda postura, que opõe o comportamento do PPC na região noroeste/norte ao comportamento na região bonaerense, pode ser observada em trabalhos desenvolvidos por Kany (1970), Gutiérrez Araus (2001), Alarcos Llorach (2005) e Jara Yupanqui (2009), dentre os quais retiramos, a título de exemplo, as seguintes asseverações⁷:

[...] *el panorama de uso de las formas canté/he cantado en este gran país es variado y aparecen dos zonas claramente diferenciadas al respecto: por un lado el norte del país: Tucumán, Salta, etc. y por otra parte, Buenos Aires y el Litoral* (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n)⁸.

[...] *los estudios sobre el español argentino muestran dos tendencias. De un lado, la variedad del Río de la Plata [...]. De otro lado, la variedad del noroeste argentino* (JARA YUPANQUI, 2009, p.270).⁹

Soma-se a essa proposta de bipartição, a observação do maior índice de ocorrência do PPS sobre o PPC na área do *Río de la Plata*. Baseando-se no estudo de Kubarth (1992), Gutiérrez Araus (2001) faz-nos saber que, apesar da significativa diminuição do uso do PPC em Buenos Aires, ainda trata-se de uma forma viva nessa zona. Contudo, considera-se que já

⁵ São nossos os grifos das citações a seguir.

⁶<Tradução nossa> “[...] apesar de que a segunda forma [PPC] tenda a desaparecer em benefício da primeira [PPS], especialmente entre falantes de algumas regiões hispano-americanas, como na Argentina” (LAMIQUIZ IBAÑEZ, 1969, p.261).

⁷ São nossos os grifos das citações a seguir.

⁸<Tradução nossa> “[...] o panorama de uso das formas *canté/he cantado* nesse grande país é variado e aparecem duas zonas claramente diferenciadas em relação ao assunto: por um lado, o norte do país: Tucumán, Salta, etc. e, por outra parte, Buenos Aires e o Litoral” (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n).

⁹<Tradução nossa> “[...] os estudos sobre o espanhol argentino mostram duas tendências. De um lado, a variedade do Rio da Prata [...]. De outro lado, a variedade do noroeste argentino (JARA YUPANQUI, 2009, p.270).

[...] *no funciona como forma de anterioridad inmediata a la enunciación o antepresente, como tampoco se emplea en momentos culminantes o emotivos de la narración o enfatizador, sin embargo sí se emplea como forma resultativa con relevancia del presente* (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n)¹⁰.

Sobre o noroeste, por outro lado, os quatro autores destacam a maior incidência do PPC expressando, inclusive, o valor temporal de **passado absoluto**. Isso é o que também afirma a *Nueva Gramática de la Lengua Española* (RAE, 2009), manual que ainda assinala o uso da forma composta expressando **passado absoluto e relevância presente** no noroeste do país. Do mesmo modo, entrevistas realizadas com falantes da Argentina indicaram-nos que o valor de **passado absoluto** junto ao PPC poderia ser verificado até mesmo na província de Córdoba (ARAUJO, 2009) – área mais central do país.

A pesquisa de Vidal de Battini (1964), destinada à descrição da língua espanhola empregada exclusivamente na Argentina, aporta-nos algumas informações não apresentadas nos estudos já expostos, isso porque, segundo a autora,

En el habla del país no hay diferencias de sentido entre el pretérito (simple) y el perfecto (compuesto), pero sí hay preferencias regionales. Hay marcada preferencia por el uso del pretérito perfecto en la región Noroeste, particularmente desde Tucumán hacia el límite con Bolivia [...]. En el resto del país, y particularmente en la gran zona de influencia de Buenos Aires, se prefieren las formas del pretérito (simple) [...]. En la región central alternan las dos formas [...] con mayor tendencia a las formas simples (VIDAL DE BATTINI, 1964, p.189)¹¹.

Em outras palavras, conforme aponta o trabalho levado a cabo nos anos 60, deveríamos observar no espanhol da Argentina (i) uma igualdade do sentido expresso pelo PPS e pelo PPC, conformando, portanto, uma variável linguística ao longo de todo território; (ii) a preferência regional pelo uso de uma ou outra variante; (iii) a existência de três padrões de uso, ou seja, além dos dois já conhecidos, haveria um terceiro verificável na região central – tida como zona de transição. Por outro lado, apesar dessas informações distribucionais, notamos no trabalho de Vidal de Battini (1964) a carência da informação sobre qual é o sentido que ambas as formas promulgam, supostamente, da mesma maneira.

¹⁰<Tradução nossa> [...] não funciona como forma de anterioridade imediata à enunciação ou antepresente, como também não se emprega em momentos culminantes ou emotivos da narração ou com valor enfatizador, no entanto, sim, se emprega como forma de valor resultativo com relevância no presente (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n).

¹¹<Tradução nossa> Na fala do país não há diferenças de sentido entre o *pretérito (simple)* e o *perfecto (compuesto)*, mas sim, há preferências regionais. Há preferência marcada pelo uso do *pretérito perfecto* na região Noroeste, particularmente a partir de Tucumán até a fronteira com a Bolívia [...]. No resto do país, e particularmente na grande zona de influência de Buenos Aires, preferem-se as formas do *pretérito (simple)* [...]. Na região central, as duas formas alternam-se [...] com maior tendência às formas simples. (VIDAL DE BATTINI, 1964, p, 189).

Também procurando estabelecer um panorama de uso do PPC/PPS em toda a Argentina, Múgica (2007) se mostra defensora da tese de que ambas as formas compartilham exatamente o mesmo significado e que, por isso, deveriam ser tratadas como variantes cuja intensificação de uso seria determinada pela norma presente em cada uma das regiões diatópicas do país. Nas palavras da autora:

[...] *la distinción perfecto simple/perfecto compuesto no arroja diferencias de significado. Si en los hablantes particulares alternaran, se trataría verdaderamente de una variación ya que no aportarían diferencias de significado. Pero con diferencias de región a región, en el mapa de la Argentina, se elige uno u otro* (MÚGICA, 2007, p.19).¹²

Buscando nos aproximar um pouco mais do intento desta seção, seguiremos apresentando os trabalhos que se dedicaram especificamente à observação do *pretérito perfecto* em cada uma das regiões diatópicas argentinas contempladas neste trabalho.

2.1.2.1 Buenos Aires

Pertence a Kubarth (1992) o primeiro estudo mais substancial e dirigido sobre a situação dos pretéritos na variedade bonaerense. Valendo-se de um modelo de entrevista próprio da metodologia sociolinguística, o autor avalia o uso feito por 107 informantes de diferentes idades (a. 13 a 30 anos, b. 31 a 49 anos e c. 49 a 75 anos) e classes sociais (baixa, média e alta) e conclui que (i) a referência a situações terminadas antes do momento de fala faz-se preferencialmente mediante o *perfecto simple* – seja ela de **antepresente** ou **passado absoluto**. De maneira que, para o autor, o critério da distância temporal não incide na seleção de um ou outro pretérito na modalidade falada, em Buenos Aires (KUBARTH, 1992, p. 561). O autor ainda demonstra que (ii) o *perfecto compuesto* é usado com maior frequência para expressar uma situação que persiste até o momento de fala (**continuidade**). Por fim, (iii) identifica uma maior frequência do PPC junto à população mais velha, indicando a possibilidade de que essa forma possa ser eliminada no futuro (KUBARTH, 1992, p. 565).

García Negroni (1999), por sua vez, recorre à dicotomia temporal de Benveniste (2005), segundo a qual se opõe o “tempo da história” ao “tempo do discurso”¹³, para

¹² <Tradução nossa> [...] a distinção *perfecto simple/perfecto compuesto* não apresenta diferenças de significado. Se nos falantes particulares alteram, tratar-se-ia verdadeiramente de uma variação já que não aportariam diferenças de significado. Mas com diferenças de região a região, no mapa da Argentina, se escolhe um ou outro (MÚGICA, 2007, p.19).

¹³ O **tempo da história** caracteriza-se pela narrativa dos acontecimentos pretéritos, apresentando objetivamente fatos passados, sem qualquer intervenção do locutor, e excluindo, por conseguinte, toda forma linguística tida como autobiográfica. Nas palavras do autor: “os acontecimentos são apresentados como se produziram, à medida

demonstrar que, na variedade bonaerense, o PPC e o PPS só entrariam em variação no **tempo do discurso (antepresente)**, já que o PPS é a forma exclusiva para referir-se ao **tempo da história (passado absoluto)**. No entanto, a variação entre ambas as formas do *pretérito perfecto* no **tempo do discurso** seria dissolvida a partir da observação do traço de **relevância presente**, posto que, segundo a autora, com o PPC, o locutor expressaria uma maior pertinência da situação denotada para o momento de enunciação. Desse modo, a distinção no uso do PPS e do PPC permitiria marcar diferentes graus de adesão ou distanciamento em relação ao que se enuncia, orientando, por conseguinte, certas interpretações, em detrimento de outras (GARCÍA NEGRONI, 1999, p.54). Contudo, tendo em vista seus objetivos e limitações de análise, a autora é reticente em categorizar esse comportamento das formas do *pretérito perfecto* como geral e unânime na norma bonaerense.

Os estudos conduzidos por Oliveira (2007, 2010) corroboram, de modo mais sistemático e preciso as indicações descritas por García Negroni (1999), isso porque, em seu primeiro estudo, Oliveira (2007) indica que, ao menos em artigos escritos de jornais portenhos, o PPS é a única forma identificada no contexto de **passado absoluto**, a qual também se mantém altamente recorrente no contexto de **antepresente** – dessa vez, contudo, com uma pequena proporção do PPC (4,5%) ocorrendo em aparente variação. No estudo seguinte, a autora aponta que o uso do PPC, na variedade bonaerense, apresenta os valores de **continuidade** e de **relevância presente** (Oliveira, 2010, p. 212).

Contrastando dois gêneros discursivos (artigos de jornais e entrevista sociolinguística), Santos (2009) observa que em Buenos Aires há um significativo incremento percentual no uso da forma composta com a passagem para a modalidade oral (de 5% para 21%). Atenta às ocorrências do PPS e do PPC nos âmbitos de **antepresente** e **passado absoluto**, a pesquisadora nota que, em ambos os gêneros discursivos e âmbitos temporais, há variação entre as duas formas do *pretérito perfecto* – comportamento que é marcado por uma maior

que aparecem no horizonte da história. Ninguém fala aqui; os acontecimentos parecem narrar-se a si mesmos” (BENVENISTE, 2005, p. 267). Na língua francesa, esse sistema comportaria três tempos: o **auristo** (*passé simple*), o imperfeito e o mais-que-perfeito. O **tempo do discurso**, por sua vez, é encontrado em “toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro”. Nota-se, portanto, um maior grau de subjetividade nessa perspectiva, posto que se emprega todas as formas pessoais do verbo e se marca a relação de pessoa ao longo de todo o texto. Caracterização que se observa, por exemplo, em “correspondências, memórias, teatro, obras didáticas, enfim todos os gêneros nos quais alguém se dirige a alguém, se enuncia como locutor e organiza aquilo que diz na categoria da pessoa” (BENVENISTE, 2005, p. 267). Nessa perspectiva, aceitam-se todos os tempos verbais, com exceção do auristo (perfeito simples) – forma própria do plano da enunciação histórica. O **perfeito composto**, no entanto, surge como uma forma correferente ao **auristo** no plano do **discurso**, com a particularidade de estabelecer um laço vivo entre o acontecimento passado e o presente no qual a sua evocação se dá. “É o tempo daquele que relata os fatos como testemunha, como participante; é, pois, também o tempo que escolherá todo aquele que quiser fazer repercutir até nós o acontecimento referido e ligá-lo ao presente” (BENVENISTE, 2005, p. 268).

recorrência constante da forma simples. Contudo, notamos que, conforme se avança do gênero escrito para o oral e do âmbito de **passado absoluto** para o **antepresente**, maior é o incremento na recorrência da forma composta.

Ainda sobre o comportamento dos pretéritos na variedade da capital argentina, destacam-se os trabalhos substanciais conduzidos por Rodriguez Louro (2008, 2009, 2010 e 2011). Dentre as muitas contribuições aportadas pela autora, destacamos a descrição do uso mais intenso da forma composta relacionado à expressão de uma **situação genérica ocorrida em um passado indefinido**. Em outros termos, o PPC, em Buenos Aires, faz referência a situações (potencialmente) realizadas em um âmbito de passado que não é identificado, delimitado ou reconhecido (RODRIGUEZ LOURO, 2009, p. 250; 2011, p. 60), tal como se observa em (1) e (2) – ambos os enunciados coletados por Rodriguez Louro (2010, p. 11). Notemos que a ausência de um elemento que permita uma ancoragem temporal específica e a presença do nome coletivo e pouco definido (*personas*) do enunciado (1) ou do quantificador *mucho*, em (2), favorecem a leitura de **passado genérico**.

(1) *He atendido personas que han venido del extranjero.*

Atendi/tenho atendido pessoas que vieram do exterior.

(2) *He viajado mucho pero en viajes de turismo.*

Viajei/tenho viajado muito, mais viagens a turismo.

Em adendo, a autora ainda identifica o uso da forma composta expressando os sentidos de **resultado**, **continuidade** e **experiência** (**AP ampliado**) (RODRIGUEZ LOURO, 2010, p.21). Contudo, defende que os sentidos de **continuidade** e **resultado** tornam-se cada vez menos recorrentes junto à forma composta, já que o PPS começa a expressar esses valores, bem como os de **passado absoluto** e de **antepresente** (**imediate** e **específico**) (RODRÍGUEZ LOURO, 2011, p. 67). Em suas palavras:

The ARPS Present Perfect has dwindled in usage frequency since the 19th century and the Preterit has invaded the spaces erstwhile occupied by the Present Perfect. As a result, the various functions expressed by the Present Perfect (including result, continuity, current relevance, and hot news) in the 19th century are currently mostly fulfilled by the Preterit, sometimes in combination with TAs (RODRÍGUEZ LOURO, 2009, p. 250)¹⁴.

Desse modo, mostra-se que ambas as formas passa(ra)m por um processo de mudança próprio a essa variedade diatópica. Por conseguinte, questiona-se a crença de que as

¹⁴ <Tradução nossa> O *perfecto compuesto* em Buenos Aires tem diminuído sua frequência de uso a partir do século 19 e o *perfecto simple* invadiu os espaços ocupados antes pelo PPC. Como resultado, as várias funções expressas pela forma composta (incluindo **resultado**, **continuidade**, **relevância presente** e **AP imediato**) no século XIX são, na atualidade, expressas fundamentalmente pelo PPS – às vezes em combinação com marcadores temporais (RODRÍGUEZ LOURO, 2009, p. 250).

variedades hispano-americanas estão localizadas em estágio semelhante de mudança linguística – o qual corresponderia a etapas anteriores do desenvolvimento observável nas variedades peninsulares (RODRIGUEZ LOURO, 2009, p. 249; 2010, p 2 e 3).

Os dados sociolinguísticos disponibilizados pela pesquisadora acusam o uso do PPC mais recorrentemente na fala espontânea masculina e entre os maiores de 56 anos – apesar de também ser significativamente notado na fala das mulheres e entre os mais jovens ((RODRIGUEZ LOURO, 2009, p. 107 e 108). Em síntese, diante do complexo cenário esboçado, Rodriguez Louro (2008, p. 20) conclui que, na região bonaerense, utiliza-se o PPC de forma limitada, mas estatisticamente significativa, e em diferentes contextos. Além disso, “a maior frequência de uso do PPC no registro formal poderia assinalar que essa forma é considerada prestigiosa no espanhol bonaerense”¹⁵ (RODRIGUEZ LOURO, 2008, p.20).

Finalmente, os trabalhos que realizamos sobre o comportamento da forma composta nas variedades diatópicas da argentina (ARAUJO, 2012a, 2013, 2015) identificam, em Buenos Aires, a menor recorrência do PPC (6%) – quando comparamos sua frequência com as outras seis regiões diatópicas do país¹⁶. Em relação aos valores atribuídos ao PPC nessa variedade, identificamos uma maior recorrência do uso do PPC expressando **resultado** (55%), **experiência (AP ampliado)** (25%) e **passado absoluto** (15%). Contudo, alguns poucos usos foram identificados com o valor de **continuidade** (5%) (ARAUJO, 2013, p.208).

2.1.2.2 San Miguel de Tucumán

Estendendo essa revisão bibliográfica aos estudos da região noroeste, observamos no trabalho de Terlera de Nanni (1981) uma atenção à variedade linguística empregada em San Miguel de Tucumán. Para a autora, os fatores extralinguísticos relativos à “idade” e “classe social” interferem no uso das formas do *pretérito perfecto*, isso porque quanto mais alta é a classe social do informante, maior é a recorrência da forma composta. Na mesma direção, os grupos etários mais jovens também favorecem o uso do PPC nessa zona diatópica. Sobre os valores que lhe são atribuídos, Terlera de Nanni (1981) mostra-nos enunciados nos quais figuram o PPC com valor de **passado absoluto**, **continuidade**, **experiência (AP ampliado)** e **AP imediato** – sendo esse último valor, conforme observa a autora, mais comum em grupos mais velhos e com baixa escolarização.

¹⁵ “La mayor frecuencia de uso del PP en el registro formal podría señalar que esta forma es considerada prestigiosa en el ERA” (RODRIGUEZ LOURO, 2008, p.20).

¹⁶ A recorrência do PPC nas demais variedades diatópicas do país divide-se em: Patagônia (7%), Nordeste (9%), Litoral (10%), Cuyo (15%) Noroeste (25%) e Central (28%) (ARAUJO, 2013, p.208).

Por sua vez, também olhando para a variedade de San Miguel de Tucumán, Rojas Mayer (1985, 2004) aponta o predomínio da forma composta em detrimento da forma simples. Comportamento que, segundo a autora, resulta de uma “maior afetividade da fala da região”¹⁷. A análise sociolinguística realizada demonstra que o uso do PPC tende a ser ainda mais favorecido entre as classes média e baixa. A abordagem diacrônica de Rojas Mayer (1985) mostra-nos que já no século XVIII e XIX podiam se observar os valores de **experiência**, **continuidade**, **relevância presente** e **resultado** associados ao PPC.

Por fim, os trabalhos que realizamos sobre o comportamento do PPC nas variedades diatópicas da Argentina (ARAUJO, 2012a, 2013, 2015) identificaram que, juntas, as variedades de Córdoba (região central) e de San Miguel de Tucumán apresentam maior recorrência do PPC na Argentina – respectivamente, 28% e 25% das ocorrências encontradas no país. Quanto aos valores atribuídos à forma, identificamos a maior recorrência do uso expressando **passado absoluto** (25%), **resultado** (18%), **experiência (AP ampliado)** (17%) e **AP imediato** (16%). Contudo, alguns poucos usos foram identificados com os valores de **continuidade** (12%), **AP específico** (9%) e **antepretérito** (3%) (ARAUJO, 2013, p. 208).

Apesar da relativa escassez de análises destinadas à variedade de San Miguel de Tucumán, outros estudos foram desenvolvidos voltando-se a províncias vizinhas ao estado tucumano, dentre os quais se destacam as pesquisas conduzidas por Kempas (2002, 2006, 2009) sobre a expressão do “pré-hodierno” ou, como denominamos, **passado absoluto** em Santiago del Estero (Argentina). Assim, ao avaliar as atitudes que os falantes santiaguenses e espanhóis possuem sobre o uso do PPC em contexto de **passado absoluto** encontra que:

1) *Los santiagueños consideran el uso PREH del PP [PPC] como gramatical en mucho mayor medida que los encuestados peninsulares; 2) los santiagueños son capaces de asociar dicho uso con cierta región geográfica, esto es, la suya, mientras que la mayoría de los españoles no tienen opinión al respecto; 3) una prueba de evocación confirma una correlación entre las actitudes de los informantes santiagueños sobre su propio uso PREH del PP y su uso real del mismo; 4) la antedicha prueba de evocación presenta un cambio lineal que se produce de forma regular: a medida que el momento del suceso se va alejando del momento de la comunicación se incrementa la frecuencia del PI [PPS], y, respectivamente, decrece la del PP (KEMPAS; 2009, p. 02).*¹⁸

¹⁷ “[...] la mayor afectividad del habla de la región [...]” (ROJAS MAYER, 2004, p 178). Por mais impressionista que possa parecer, essa seria uma das hipóteses que a autora apresenta como provável justificativa para a recorrência do PPC na zona linguística que envolve San Miguel de Tucumán.

¹⁸ <Tradução nossa> (1) os santiaguenses consideram o uso do PPC em **passado absoluto** como gramatical em maior medida que os entrevistados peninsulares; (2) os santiaguenses são capazes de associar dito uso com certa região geográfica, isto é, a sua própria, enquanto que a maioria dos espanhóis não tem opinião a respeito; (3) um “teste de preencher” confirma uma correlação entre as atitudes dos informantes santiaguenses sobre o próprio uso que fazem do PPC em **passado absoluto** e o uso efetivo feito; (4) esse teste apresenta uma mudança linear,

Em síntese, os estudos levados a cabo por Kempas não apenas permitem observar um intenso uso da forma composta em contexto de **passado absoluto** em Santiago del Estero (Argentina), mas também aponta que, nessa variedade, o uso do PPC no âmbito de passado absoluto favorece a criação de uma identidade linguística regional. Nas palavras do autor:

[...] *se destaca claramente el fuerte arraigo de ese uso en Santiago del Estero, la conciencia lingüística de la población sobre el mismo, así como la actitud positiva de los entrevistados hacia él. Un observador exterior hasta recibe la impresión de que este uso podría ser uno de los componentes de la "identidad nortena"*¹⁹ (KEMPAS, 2006, p. 184).

Por sua vez, o aumento na frequência de uso do PPS à medida que a situação descrita se distancia do momento de enunciação parece sugerir que o PPC possa ter ido penetrando pouco a pouco no âmbito de **passado absoluto**, sendo favorecido, primeiramente, nos contextos temporais mais próximos ao momento de fala (KEMPAS, 2009, p. 8). Frente a essa informação, o autor defende que, aparentemente, o processo de expansão do PPC para o contexto de **passado absoluto** é um fenômeno ainda vigente na variedade diatópica que investigou. Por fim, o autor ainda chama atenção à influência do substrato quéchua²⁰ sobre a variedade linguística do espanhol do noroeste argentino, o que poderia ter favorecido o uso do PPC em contexto de **passado absoluto**.

Em suma, o que conferimos na rápida apresentação dos muitos trabalhos que, de alguma maneira, tangenciam a questão da variação entre as formas do *pretérito perfecto* no espanhol é o confronto de diferentes conclusões sobre o comportamento do PPS e do PPC. Desse modo, mais do que assinalar a complexidade que envolve o fenômeno, pretendemos começar a medir a dimensão dessa variação, bem como pensar na possibilidade de que esses comportamentos, no fundo, respondam às “estratégias e necessidades comunicativas dos falantes e sua visão de mundo” (ÁLVAREZ GARRIGA, 2009, p.2).

Nosso objetivo foi, portanto, introduzir a observação do modo como “o PPS e o PPC atuam na expressão dos valores temporais de **antepresente** e do **passado absoluto** nas variedades espaciais observadas neste trabalho”. Isso para que identifiquemos, futuramente,

que se produz de forma regular: à medida que o momento da situação vai se distanciando do momento da enunciação há um incremento na frequência do PPS, e, por conseguinte, uma diminuição na frequência do PPC (KEMPAS; 2009, p. 02)

¹⁹ <Tradução nossa> [...] destaca-se claramente o forte apego desse uso em Santiago del Estero, a consciência linguística da população sobre o uso, assim como a atitude positiva dos entrevistados para com esse emprego. Um observador exterior até tem a impressão de que esse uso poderia ser um dos componentes da ‘identidade nortena’ (KEMPAS, 2006, p. 184).

²⁰ Língua indígena com forte contato na zona andina da América, a qual envolve inclusive a zona noroeste da Argentina. Conforme demonstram os estudos de Escobar (1997), Jara Yupanqui (2006), Pfänder e Palacios, (2013), o contato com a língua quéchua na Bolívia, Perú e Equador, respectivamente, permitiu que a forma composta adquirisse um uso com valor evidencial.

se, de fato, “o PPS e o PPC operam conjuntamente, isto é, estão em variação em um ou mais contextos temporais analisados”, bem como se “há desacordo entre o estado da arte que descreve/prescreve o funcionamento das formas do *pretérito perfecto* e o uso que efetivamente observamos em Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán”.

A seguir, descreveremos a concepção de língua que defende a Sociolinguística, isso para propiciar uma melhor compreensão teórica do cenário descrito. Além disso, essa discussão deve ainda nos preparar para compreender a metodologia adotada para proceder aos objetivos deste estudo.

2.2 O ESTUDO DA LÍNGUA EM USO: CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ESTUDO DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICAS

Conforme apontam Weinreich, Labov e Herzog (2006²¹, p.39), foi Hermann Paul (1846-1921) quem introduziu na linguística moderna o estudo da língua sem se preocupar com a observação sistemática do grupo de falantes a que pertence. Interessado em consolidar e estabelecer as bases da Linguística moderna, Saussure (1857-1913) também optou por distanciar, no estudo da linguagem humana, a língua do uso realizado por seus falantes, introduzindo a dicotomia **língua** (*langue*) e **fala** (*parole*). Aquela fora definida como o sistema abstrato, homogêneo, composto de todas as expressões potencialmente disponíveis no sistema linguístico e alvo da atenção investigativa. Por conseguinte, desprezou-se metodologicamente a **fala**, isto é, as manifestações efetivamente observadas no uso e caracterizadas, portanto, como individuais e heterogêneas.

Ao propor isolar *in vitro* o constructo teórico **língua**, o pai da Linguística moderna desobrigou momentaneamente o estudo do aspecto naturalmente social da linguagem. No entanto, mesmo havendo deliberado a favor da exclusão da “realidade social da língua” nos procedimentos investigativos iniciais da Linguística, Saussure (2006)²² reconheceu a impossibilidade de uma **língua** existir longe do seu uso efetivo, junto a sua comunidade de fala (“massa falante”). Contudo, avalia que o estudo da língua, no momento histórico em que se encontrava, seria mais viável do modo como propôs.

Mesmo procedendo ao estudo da **língua** valendo-se de um recorte que limita a compreensão da sua real dimensão e funcionamento, o Estruturalismo cumpriu um importante papel para a consolidação da Linguística como uma disciplina científica. De modo que,

²¹ A primeira publicação da obra de Weinreich, Labov e Herzog (2006) data de 1968.

²² A primeira publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand Saussure (2006) data de 1916.

promoveu, entre outros, a abolição das “noções preconcebidas de correção e incorreção, que eram paralelas aos conceitos de língua desenvolvida e de língua primitiva”, além de abrir caminho para novos enfoques no estudo da linguagem (CAMACHO, 2013, p.30).

Com Chomsky, no fim da década de 1950, o “recorte se manteve sob outra denominação e sob nova direção teórica”. Agora o interesse era pelo conhecimento intuitivo do falante-ouvinte, “um objeto de natureza psicológica ou cognitiva, denominado **competência**”. Por outro lado, seguia-se descartando “os atos de fala, infinitamente variados, que, relegados ao conceito de **desempenho**, ficaram destituídos de qualquer importância teórico-metodológica” (CAMACHO, 2013, p.34).

Para Marcos Bagno (2012, p. 38), esse comportamento dicotômico que marcou o tratamento da linguagem no início da Linguística moderna foi resultado de forte influência do “dualismo platônico”, caracterizado por um par de conceitos primordiais, sempre em oposição. Nos termos do autor,

Na filosofia de Platão, a oposição fundamental é entre o **mundo sensível** (fenomênico), aquele que pode ser apreendido pelos nossos sentidos – portanto, o mundo corpóreo, material, físico – e o mundo **cognoscível** (númenico), aquele que só pode ser apreendido pela nossa inteligência – portanto, o mundo mental, espiritual, metafísico (BAGNO, 2012, p. 38).

Uma vez que a linguagem é apreendida naturalmente por nossos sentidos, ela poderia ser considerada uma “cópia imperfeita do real”, de modo que proceder ao seu estudo exigiria do homem um recorte “cognoscível”, isto é, uma reflexão teórica abstrata e distante do, até então, apenas sentido, mas não compreendido na essência de seu funcionamento. Ainda segundo o autor, a “separação entre **linguagem** e **língua**, tão impregnada nas ciências linguísticas, é sintomática dessa filiação platônica” (BAGNO, 2012, p. 43).

Afastado geograficamente e ideologicamente da tradição linguística que se desenvolvia no ocidente, o círculo de Bakhtin (início do século XX²³) se opôs a essa visão dualista e instaurou a necessidade de proceder ao estudo do funcionamento da linguagem respeitando a função social que desempenha. Tanto que Bakhtin (1997, p.279) reconhece que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Frente a esse pressuposto, o autor encontra no **diálogo** o fundamento de sua teoria, posto que para o círculo bakhtiniano a existência da língua pressupõe uma relação social de interação dialógica. Como constructo teórico, o

²³ A obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* é lançada em 1929 e, segundo estudiosos, tem autoria de Valentin Nikolaevich Voloshinov (1895-1936).

conceito de **diálogo** amplia-se e passa a ser mais do que a simples interação face a face, pois está presente em todo o uso da linguagem:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2006, p.125).

Segundo complementa Bagno (2012, p.57), a concepção de língua defendida pelo grupo russo reconheceu a “enunciação” como um processo vital para o estudo da linguagem. Ademais, viu a língua como “um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação”. Por conseguinte, difere-se da linguística saussuriana e pós-saussuriana por debruçar-se sobre “a fala, a *parole*, a enunciação, e afirmar sua natureza social, não individual” (BAGNO, 2012, p. 57).

De alguma maneira próxima à percepção de língua defendida pelo círculo bakhtiniano, vimos surgir, a partir da década de 1960, na América do Norte, a Sociolinguística – disciplina que concebe a “linguagem como um instrumento de comunicação empregado por uma comunidade de fala²⁴” (LABOV, 1996²⁵, p.41). Ao proceder ao estudo da língua considerando seu funcionamento e entorno de enunciação foi possível perceber que:

The social class to which we belong imposes some norms of behavior on us and reinforces them by the strength of the example of the people with whom we associate most closely. The sub-elements of social class include education, occupation and type of housing, all of which play a role in determining the people with whom we will have daily contacts and more permanent relationships (CHAMBERS, 2003, p.07)²⁶.

Assim, a grande contribuição dessa disciplina foi comprovar empiricamente e sistematicamente que a linguagem é uma manifestação da conduta humana e, como tal, traz à tona marcas do contexto social em que está inserida. Em outros termos, os falantes marcam a história e a identidade pessoais em sua fala; fornecendo, por conseguinte, coordenadas socioculturais, econômicas e geográficas, no tempo e no espaço (TAGLIAMONTE, 2006, p.

²⁴ Segundo Labov (2008), a **comunidade de fala** é delimitada pelo compartilhamento de normas linguísticas e sociais, “essas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso” (LABOV, 2008, p.150).

²⁵ A primeira publicação da obra de Labov (1996) data de 1972.

²⁶<Tradução nossa> “A classe social a que pertencemos impõe-nos algumas normas de comportamento e as reforça graças à força do exemplo das pessoas com que nos associamos com maior proximidade. Os subelementos da classe social incluem educação, ocupação, tipo de residência e desempenham um papel em determinar as pessoas com quem teremos contatos diários e relacionamentos mais permanentes (CHAMBERS, 2003, p.07).

3). Isso só é possível devido à imbricada relação entre homem e linguagem, conforme define Hjelmslev (1975²⁷):

[...] a linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos.
[...] O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso [...] (HJELMSLEV, 1975, p.01).

Silva-Corvalán (1989) afirma ser vital, dentro Sociolinguística, a percepção de que a língua se organiza primariamente para cumprir uma função comunicativa e social, de modo que ao estudá-la como comportamento, a Sociolinguística se concentra na variedade de formas como a língua é usada e a trata como “objeto complexo no qual se conectam tanto as regras do sistema linguístico como as regras e fatores sociais que atuam no ato de comunicação” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 2). Dessa feita, é possível relacionar os estudos sociolinguísticos a uma abordagem mais funcionalista, posto que, sob essa perspectiva, subordina-se o estudo da linguagem ao uso (funcionamento), respeitando os contextos sociais específicos em que ocorre (CAMACHO, 2013, p.125).

Diferentes questões podem conduzir essa disciplina a diferentes modos de proceder à linguagem, no entanto, tendo em vista os objetivos deste trabalho em avaliar a variação no uso do PPC e do PPS na expressão do **antepresente** e **passado absoluto**, interessa-nos aprofundar no campo de análise próprio da **Sociolinguística Variacionista**²⁸, cujo principal expoente é William Labov.

Por meio de uma teoria e uma metodologia bem acuradas, a **Sociolinguística Variacionista** trata do exame da língua em seu contexto social a fim de encontrar solução a problemas próprios da teoria da linguagem, tais como a variação e a mudança linguísticas (CAMACHO, 2013, p.36). Segundo ainda descreve Tagliamonte (2006),

[...] *variationist sociolinguistics is most aptly described as the branch of linguistics which studies the foremost characteristics of language in balance with each other – linguistic structure and social structure; grammatical meaning and social meaning – those properties of language which require reference to both external (social) and internal (systemic) factors in their explanation* (TAGLIAMONTE, 2006, p.5)²⁹.

²⁷ A primeira publicação da obra de Hjelmslev (1975) data de 1961

²⁸ Além da “Sociolinguística Variacionista”, há ainda outros enfoques que se relacionam, de algum modo, com a Sociolinguística, esse é o caso da “Sociologia da Linguagem” e da “Etnografia da Linguagem” (TAGLIAMONTE, 2012, p.35).

²⁹ <Tradução nossa> A Sociolinguística Variacionista é mais apropriadamente descrita como o ramo da linguística que estuda as principais características da linguagem em equilíbrio entre si – estrutura linguística e estrutura social; significado gramatical e significado social –, as propriedades da linguagem que requerem

Desse modo, busca-se relacionar a variação linguística, isto é, os elementos das línguas que variam (variável dependente) com outros fatores (variáveis independentes) que, de algum modo, afetam e auxiliam na compreensão do fenômeno variável. Esses fatores podem ser externos à língua – relacionados a aspectos do contexto social, da situação de enunciação, da idade e origem dos falantes –, ou internos a ela – relacionados ao entorno linguístico em que ocorrem os fenômenos em variação. É a partir desse procedimento que se identificam os padrões linguísticos que explicam os fenômenos sob investigação. Como propomos nesta tese de doutorado, interessa-nos observar, entre outros, como os fatores relativos à origem do falante e à referência temporal podem servir como padrões de definição do uso do PPC e do PPS, sobretudo no que se refere à expressão do **antepresente** e do **passado absoluto**.

2.2.1 Objetos da sociolinguística variacionista

Conforme delinea Tagliamonte (2006, p.5), a Sociolinguística Variacionista assenta-se sobre três fatos da linguagem, profundamente interrelacionáveis e pouco abordados pela linguística geral: a noção de (i) **heterogeneidade ordenada** e as percepções de que as (ii) **línguas mudam constantemente** e de que (iii) a linguagem carrega consigo **mais do que simplesmente o significado** de suas palavras. Exploraremos um pouco mais essas características da linguagem nos parágrafos seguintes.

2.2.1.1 A heterogeneidade ordenada

O primeiro pilar, referente à **heterogeneidade ordenada**, representa um rompimento com a tradição linguística até então estabelecida, permitindo uma renovação teórico-metodológica dos estudos da linguagem. Isso porque, até então, ignorava-se o comportamento variável da língua em uso, tratando-o, quando muito, como (i) um conflito entre dois sistemas linguísticos diferentes – de modo que a alternância de formas resultaria do encontro desses sistemas – ou (ii) como formas livres dentro de um mesmo sistema (LABOV, 2008, p. 221).

Com a consolidação da Sociolinguística Variacionista, verificou-se que a heterogeneidade é situação normal da língua em exercício numa sociedade complexa, pois, desse modo, satisfazem-se as demandas da vida cotidiana. Assim, começa-se a apontar que a

referência tanto dos fatores externos (sociais) e como dos internos (sistêmicos) em sua explicação (TAGLIAMONTE, 2006, p.5).

heterogeneidade não é aleatória, mas padronizada; podendo ser, portanto, alvo do interesse da Linguística, à medida que se descreve e caracteriza a natureza desse complexo sistema.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.36) defendem que “o domínio de um falante nativo de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com o mero desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue”, a qual se mostra tão heterogênea e ordenada quanto na própria língua que utiliza o falante (FARACO, 2006).

Desse modo, compreende-se, por exemplo, a natureza variável dos pronomes de segunda pessoa do singular no espanhol geral ou, mais especificamente, em variedades colombianas, como um fenômeno encaixado na gramática da língua/variedade. Isso porque a coexistência das formas “*tú*”, “*vos*”, “*usted*” não implica uma “variação livre” ou o “encontro de dois sistemas linguísticos”, mas o encaixamento, em um mesmo sistema, de formas que respondem a diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos. Conforme descreve Carricaburo (1997), esses pronomes se acomodam tendo em vista a “origem diatópica” (na Colômbia, por exemplo, registram-se as três formas, ao passo que, na Espanha, não há registro de “*vos*”, com valor de segunda pessoa singular), a “situação socioeconômica” (em partes da Colômbia, “*tú*” é mais comum na classe alta) e o “grau de solidariedade” entre os falantes (sendo, na Colômbia, “*usted*” marca de menor solidariedade, “*tú*”, de solidariedade intermediária, e “*vos*”, de extrema solidariedade) (CARRICABURO, 1997, p.40 e 41).

Quanto ao fenômeno pautado, segundo expõe a apresentação inicial sobre o que já se conhece do funcionamento das formas do *pretérito perfecto*, também definimos que a variação entre o PPS e o PPC caracteriza-se pela **heterogeneidade ordenada** da língua espanhola e de suas variedades diatópicas. Assim, a opção por uma ou outra forma pode ser motivada não só pela “origem” do falante, mas pela “modalidade” oral ou escrita (SANTOS, 2008), pela “idade” (SERRANO, 1994, 1995; KUBARTH, 1992), pela “situação socioeconômica” (ROJAS MAYER, 1985), pelo “contexto aspectual” e “temporal” em que aparecem (COMPANY COMPANY, 2002; OLIVEIRA, 2010), entre outros.

2.2.1.2 A mudança linguística

O estudo do segundo pilar, referente à **mudança linguística**, também deve nos auxiliar, de forma especial, no cumprimento dos objetivos deste estudo, posto que propomos avaliar se “os estados descritos sobre o uso do PPS e do PPC na expressão do **antepresente** e do **passado absoluto** nas três variedades espaciais observadas remontam um ou mais *continua* de mudança do PPC”.

Dentro do quadro teórico da Sociolinguística Variacionista, a **mudança linguística** é vista como um fenômeno que resulta do cenário heterogêneo que naturalmente caracteriza o funcionamento da linguagem em seu contexto social. Tanto que Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.124) afirmam que “uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala”.

Nessa mesma direção, Labov (2008) afirma que a mudança não pode ser um fenômeno idiossincrático, posto que a língua é “um instrumento usado pelos membros da comunidade para se comunicar entre si”. Por conseguinte, “só podemos dizer que a língua mudou quando um *grupo* de falantes usa um padrão diferente para se comunicar entre si”. (LABOV, 2008, p.320). Em outros termos, a origem da mudança será marcada por sua aceitação pelos outros membros da sociedade, de forma gradual e em profunda sintonia com as marcas sociais dos falantes que a vão adquirindo:

A mudança aparece primeiramente como um traço característico de um subgrupo, sem atrair a atenção particular de ninguém. À medida que avança dentro do grupo, ela pode também se difundir para fora, numa onda, afetando primeiramente os grupos sociais mais próximos do grupo de origem. Inevitavelmente, o traço linguístico fica associado com as características expressivas do grupo de origem, seja qual for o prestígio ou outros valores sociais associados a tal grupo pelos demais membros da comunidade de fala (LABOV, 2008, p. 366).

Evidenciando que a língua não se transforma por inteiro, de uma única vez, Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014) visitam a descrição que faz Labov (1996, p.146-151) de algumas mudanças fonológicas no inglês de Filadélfia (EUA) e propõem o mapeamento da progressão gradual da mudança por meio da seguinte escala de frequência:

Quadro 2.1: Do mapeamento da progressão da mudança

Tipo	Percentual	Correlação social
Incipiente	≤15%	Sem correlação de idade ou social
Nova e vigorosa	15 – 35%	Fatores sociais tornam-se significantes
A meio caminho	36 – 65%	Fatores sociais enfraquecidos
Próxima à conclusão	65 – 85%	Diferenças sociais se nivelam
Concluída	≥85%	-

Fonte: Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014, p.55) – tradução nossa.

De algum modo semelhante, o estudo sincrônico de diferentes grupos etários de uma mesma comunidade de fala (numa análise de “tempo aparente”) também nos permite observar

esse processo gradual da mudança – conforme melhor discutiremos na seção IV, sobre aspectos metodológicos deste trabalho. Na mesma direção, uma análise das diferentes variedades diatópicas de uma língua também pode refletir diferentes estágios de um processo de mudança convivendo ao mesmo tempo. Isso ocorre porque as diferenças de cada umas dessas variedades refletem particularidades históricas da comunidade em questão.

Assim, é possível que algumas comunidades de fala levem adiante processos de mudança que, em outras variedades, apenas estão iniciando. Ou ainda, conservem formas mais antigas, enquanto outras comunidades já completaram o processo de mudança. Tendo em vista o caráter gradual com que se dá esse fenômeno, a compreensão mútua interdiatópica não é prejudicada gravemente. Não obstante, graças ao princípio de *contiguidade geográfica*, quanto maior for a distância entre duas variedades, maior será o número de diferenças entre elas (PENY, 2004, p.42).

Ainda sobre a contribuição do espaço para o estudo do processo de mudança linguística, Tagliamonte (2012, p.351) identifica que as zonas diatópicas mais periféricas (como San Miguel de Tucumán, por exemplo) tendem a preservar formas obsoletas e padrões de estágios anteriores, configurando, assim, uma visão diacrônica dentro da sincronia. Por outro lado, as comunidades envolvidas em centros com maior pujança de desenvolvimento (Madri e Buenos Aires, por exemplo) apresentam estados da língua que podem ser interpretados como mais avançados, no *continuum* de mudança.

Esse comportamento pode se dever ao fato de encontrarmos, nas regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, uma situação de maior restrição às interações comunicativas mais intensas e inovadoras – próprias dos grandes centros. Isso porque, sobretudo em países em desenvolvimento, as zonas mais periféricas apresentam maior dificuldade de acesso à energia elétrica, à escola, à internet e a outros meios de comunicação mais inovadores. Desse modo, “é bastante previsível que ali as pessoas falem de um modo que se distancia grandemente das variedades urbanas e que empreguem palavras e expressões antigas que já não são empregadas pelos falantes urbanos”. Contudo, é igualmente possível que, devido às necessidades específicas dessas comunidades, também surjam formas novas, desconhecidas das comunidades mais centralizadas e urbanizadas (BAGNO, 2012, p. 121).

Uma vez que objetivamos, neste trabalho, avaliar se “os estados descritos sobre o uso do PPS e do PPC na expressão do **antepresente** e do **passado absoluto** nas três variedades espaciais observadas permitem verificar, de alguma maneira, um ou mais *continua* de mudança do PPC”, o princípio da *contiguidade geográfica* da mudança deverá ser um

importante pressuposto na fundamentação desta tese, indicando, por exemplo, se há indícios de um comportamento mais conservador no uso do PPS/PCC em San Miguel de Tucumán.

2.2.1.2.1 Agentes impulsionadores da mudança

Voltando-nos aos agentes impulsionadores da mudança na língua, encontramos, segundo Coseriu (1990), duas forças potencialmente conflitantes, de origem social, que operam nesse processo. Trata-se de uma tendência mais inovadora e uma mais conservadora. O autor chama essas forças de universais linguísticos básicos de **criatividade** e **alteridade**, respectivamente. Enquanto a primeira se responsabiliza pela variação e a renovação da língua, a segunda se ocupa da uniformidade no idioma. Assim, ao longo da história das línguas, a **criatividade** manifesta-se como renovação das tradições e a **alteridade** como constância, firmeza e amplitude das tradições idiomáticas (COSERIU, 1990, p.55).

Marcos Bagno (2012) afirma que a Sociolinguística revelou que a existência de uma língua e de sua comunidade de falantes é atravessada por essas forças de inovação e conservação, as quais são definidas por fatores **sócio-culturais** – decorrentes das dinâmicas de interação dos indivíduos e das populações de uma dada comunidade – e por fatores **sociocognitivos** – derivados do funcionamento do nosso cérebro quando processamos a língua que falamos (BAGNO, 2012, p. 124).

Os fatores **sócio-culturais** ou **sociolinguísticos** são próprios de cada comunidade de fala; a depender, por exemplo, do tamanho de sua população, da distribuição dos papéis sociais, da maneira de interagir com outras comunidades, de sua hierarquia social, de seu sistema de ensino, do grau de desenvolvimento tecnológico, de sua integração às redes de comunicação, entre outros. “Como todos esses fatores são altamente variáveis de um lugar para o outro, os processos de mudança linguística decorrentes deles também serão altamente variáveis de um lugar para o outro”. Por sua vez, os fatores **sociocognitivos** configuram “tendências universais de mudança linguística”, posto que “todos os seres humanos compõem uma única espécie e dispõem dos mesmíssimos recursos intelectuais, da mesmíssima potencialidade cognitiva, do mesmíssimo cérebro e da mesma configuração fisiológica” (BAGNO, 2012, p. 124). Será, portanto, a interação dessas duas ordens de fatores que determinará o ritmo da mudança de uma língua.

Bagno (2012, p.125) afirma que os fatores **sociocognitivos** constituem sempre forças **centrífugas** (inovadoras) no processo de mudança, isto é, “forças que agem de modo que a língua se afaste cada vez mais do que é, para se tornar o que será”. Por sua vez, os fatores

sócio-culturais que intervêm na mudança linguística podem constituir forças tanto **centrífugas** (“variação” e “contato linguístico”) como **centrípetas** (conservação) – isto é, forças que puxam a língua para o centro, contendo seu impulso de mudança.

As instituições sociais são os principais agentes dessa força **centrípetas** – exclusiva, como vimos, dos fatores **sócio-culturais**. A escola, por exemplo “tenta veicular uma cultura que está geralmente associada com as camadas sociais privilegiadas”. Há, no entanto, outros agentes, tais como a tradução literária, o trabalho de gramáticos e dicionaristas, a burocracia (sistema jurídico, legislativo etc), o aparato estatal, as instituições religiosas, a academia de línguas, os meios de comunicação e a escrita (BAGNO, 2012, p. 125 e 126). Todavia, é importante destacar que as **forças centrípetas**:

“conseguem somente conter ou atrasar por algum tempo a mudança linguística [...]. Elas jamais terão o poder de impedir totalmente nem (muito menos) para sempre essa mudança porque, sendo de natureza sociocognitiva, a mudança é muito mais poderosa do que qualquer outra força social institucionalizada (BAGNO, 2012, p. 127).

Entre as **forças centrífugas** dos fatores **sócio-culturais**, encontramos a **variação** – alvo de especial atenção deste estudo – e o **contato entre línguas**. Por sua vez, as **forças centrífugas** de ordem **sociocognitiva** podem ser identificadas, segundo Bagno (2012) nos universais de “economia linguística”, “gramaticalização” e “analogia”. O primeiro deles refere-se a mecanismos de mudança que reagem a dois impulsos: o de (i) “poupar a memória, o processamento mental e a realização física da língua, eliminando os aspectos redundantes e as articulações mais exigentes” e o de (ii) “preencher lacunas na gramática da língua, de modo a torná-la mais eficiente como instrumento de interação sociocomunicativa” (BAGNO, 2012, p. 147). São exemplos desses fenômenos: a assimilação, a síncope, a eliminação de distinções não funcionais, a crase, etc. Evidentemente, à medida que diminuem/eliminam alguns elementos da língua, esses mecanismos trazem consigo “novas” formas. Os demais agentes **sociocognitivos** serão tratados com maior atenção na seção seguinte deste trabalho – quando procederemos ao estudo da história do pretérito em espanhol.

Desse modo, parece claro que a mudança linguística, nos termos de Marcos Bagno (2012), é resultado da constante e intensa interação de fatores socioculturais e sociocognitivos. Por isso é correto afirmar que sua origem, difusão e implementação estão estreitamente ligadas à história social de uma comunidade de fala.

2.2.1.2.2 Princípios empíricos para uma teoria da mudança linguística

Interessados em identificar fundamentos relevantes para o estudo da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam-nos cinco **princípios empíricos para uma teoria da mudança linguística**, os quais são tratados, pelos autores, como problemas a serem resolvidos na análise da estrutura em mudança. Assim, o primeiro deles, relativo aos **fatores condicionantes**, “visa determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança”, posto que se reconhece que “nem toda combinação de fatores linguísticos e sociais tem sido observada em estudos até o momento, nem tem sido observada toda possível combinação de variáveis linguísticas” (p. 121). Em termos práticos, esse problema foi contemplado na base deste estudo, pois, ao delimitarmos a forma de proceder ao estudo da variação entre o PPS e o PPC na expressão do **passado absoluto** (PA) e do **antepresente** (AP), selecionamos as variáveis dependentes (PPS e PPC) e independentes (PA, AP, espaço, idade, sexo/gênero, marcador temporal, telicidade, etc) que auxiliarão na compreensão do fenômeno pautado³⁰.

O segundo princípio se orienta pelo problema da **transição**, isto é, pelo reconhecimento de que “entre quaisquer dois estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evoluiu para a estrutura B” (p.122). Voltando-nos aos objetivos deste trabalho, a identificação e descrição da dimensão da variação entre as formas do *pretérito perfecto* pode nos indicar a existência de um estágio de **transição** entre as variedades diatópicas investigadas, de maneira que o estudo comparativo desse comportamento variável pode ainda nos dar alguma pista sobre a possível existência de um *continuum* de mudança do PPC. Discutiremos um pouco mais esse princípio no momento em que descrevermos a gradualidade da mudança gramatical, na seção III.

O problema do **encaixamento** – terceiro princípio proposto – recorda-nos que as mudanças linguísticas sob investigação devem ser vistas como encaixadas no sistema (socio)linguístico como um todo (p.122). Isso é possível porque o modelo de língua proposto pela sociolinguística compreende “estratos discretos, coexistentes, definidos pela coocorrência estrita, que são funcionalmente diferenciados e conjuntamente disponíveis a uma comunidade de fala” (p.123). Desse modo, a possível coexistência do PPS e do PPC operando na expressão do **passado absoluto** e do **antepresente** corresponderia a uma

³⁰ Retomaremos mais extensivamente essa discussão, justificando essas escolhas, na seção IV, referente aos aspectos metodológicos deste trabalho.

variável intrínseca ao sistema – variação determinada por fatores linguísticos e extralinguísticos e controlada pela competência linguística dos membros das variedades diatópicas. Em síntese, com o problema do **encaixamento**, buscaremos determinar o grau de correlação social e linguística que existe por detrás do uso do PPS e do PPC. É importante destacar que “nos estágios iniciais e finais de uma mudança, pode haver muito pouca correlação com fatores sociais” (p. 123) conforme expõe sucintamente o quadro 2.1.

Em quarta posição, o problema da **avaliação** lida com o nível de consciência social sobre o processo de mudança linguística. Sabe-se que os “correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento” (p.124) e que nem sempre a comunidade de fala apresenta uma consciência explícita sobre o processo de variação e mudança que sofre dada estrutura da língua. Posto que desconhecemos trabalhos substanciais que versam sobre uma possível avaliação explícita sobre a variação entre o PPS e o PPC nas variedades do espanhol, pouco sabemos sobre a real dimensão do nível de consciência social desse processo. Por isso, não nos ocuparemos diretamente, neste estudo, do problema da **avaliação**. De todo modo, é pertinente recordar o trabalho de Kempas (2006, 2009) sobre o espanhol santiaguense (Santiago del Estero/Argentina), através do qual nos inteiramos de que o uso do PPC no âmbito de **passado absoluto** recebe uma avaliação positiva da própria comunidade fala, favorecendo inclusive a criação de uma identidade linguística regional.

Por último, o problema da **implementação** acompanha o processo global da mudança linguística. Assim, identifica o início desse processo quando um dos elementos em variação na língua começa a ser difundido por um subgrupo específico da comunidade de fala. Esse elemento selecionado assume uma significação social que é correspondente aos valores sociais associados ao grupo que o difundiu inicialmente. Uma vez encaixada na estrutura da língua, a mudança vai se generalizando gradualmente a outros elementos do sistema. Assim, conforme alertam Weinreich, Labov e Herzog (2006), “o avanço da mudança linguística rumo à completação pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social”. Finalmente, a conclusão da mudança e a passagem da variável para o *status* de constante são acompanhadas da perda de qualquer significado social atribuído à forma (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 124 e 125).

Isso posto, recordamos que o estudo da aparente **implementação** da mudança na expressão do **passado absoluto** e **antepresente** será abordado mais extensivamente na seção seguinte, quando também esclareceremos com maior atenção os problemas e os fundamentos

relacionados ao interesse em avaliar se os estados descritos sobre o uso do PPS e do PPC nas três variedades espaciais observadas permitem-nos verificar, de alguma maneira, um *continuum* de mudança do PPC.

2.2.1.3 A identidade social

Finalmente, a terceira premissa da sociolinguística variacionista repousa sobre a percepção de que ao mesmo tempo que a língua é usada para transmitir uma informação entre os membros de uma comunidade fala, ela também traz declarações indiretas sobre a comunidade, seu usuário e o contexto em que é instaurada – origem, idade, posição social, estilo, gênero/sexo, etc. Segundo Tagliamonte (2006, p.7), a única forma de que todas essas informações possam ser realizadas ao mesmo tempo é porque a linguagem varia. Dessa maneira, as escolhas que os falantes fazem entre formas linguísticas variantes, disponíveis para comunicar a mesma coisa, frequentemente transmitem informações importantes sobre o contexto extralinguístico. Esperamos, por isso, encontrar no uso do PPS e do PPC padrões de uso que expliquem o funcionamento da língua tendo em vista sua dimensão social e espacial.

Isso posto, fica evidenciada a profunda relação entre os três pilares da linguagem considerados fundamentais pela sociolinguística: **heterogeneidade ordenada**, **mudança linguística** e **identidade social**. Em acréscimo, destacamos que a Sociolinguística recorre ainda a alguns conceitos-chave para o desenvolvimento de seu método e análise, dentre os quais destacamos, por sua relevância para este trabalho, a noção de **variável linguística**.

2.2.2 Variável linguística

Conforme temos discutido, com a Sociolinguística Variacionista, percebemos que a língua é “um sistema ordenadamente heterogêneo em que a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas”, trata-se, portanto, de “um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.99). Por isso é possível pensarmos em um modelo de heterogeneidade sistemática e ordenada, na qual uma variável linguística é controlada não só por padrões intrínsecos à língua, mas também por fatores de caráter extralinguístico. Em síntese, dentre as muitas contribuições aportadas pela Sociolinguística ao estudo da linguagem, destaca-se a percepção da diversidade linguística como uma característica inerente à linguagem. Por isso, a variação deve ser contemplada como uma condição do próprio sistema linguístico.

Sobre o processo de construção de novas formas variantes, Labov (2008) acusa a existência de uma grande quantidade de variações que a todo instante surge no uso da língua, mas que se extinguem tão rápido quanto aparecem. Contudo, o autor explica-nos que algumas dessas variantes são mais recorrentes e, num segundo momento, podem “ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir” (LABOV, 2008, p.20). Esse processo de criação e difusão (ou apagamento) das formas variantes parece resultar, com vimos, da pressão que sofre todo sistema linguístico por duas forças potencialmente conflitantes, cujas origens se dão em sociedade. Trata-se de uma tendência mais inovadora e uma mais conservadora, denominadas por Coseriu (1990) como forças universais básicas de “**criatividade**” e “**alteridade**” ou, nos termos de Bagno (2012), forças “**centrífuga**” e “**centrípeta**”.

Em suma, é fato que formas linguísticas são criadas a todo instante na língua e, até que essas inovações consigam suplantarem as formas antigas (completando a **mudança linguística**), verifica-se um estágio no qual tanto a forma inovadora como a antiga coocorrem, isto é, estão em variação. A partir do reconhecimento desse comportamento vívido, criativo e sistemático das línguas, é possível observar que todos os fenômenos linguísticos estão organizados por regras categóricas ou variáveis encaixadas no próprio sistema linguístico.

Às **regras categóricas** correspondem os fenômenos não sujeitos à variação, compondo “um conjunto de regras que não podem ser infringidos, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados” (MONTEIRO, 2002, p. 58). Esse é o caso dos pronomes retos de primeira pessoa no espanhol (*yo/nosotros*), de alguns fonemas do português e do espanhol (/p/ e /f/, por exemplo), entre muitos outros. Por outro lado, as **regras variáveis** ocupam-se da escolha de uma forma entre duas ou mais coocorrentes; esse é o caso, por exemplo, dos pronomes retos de segunda pessoa singular tanto em português (tu, você – e seus derivados) como em espanhol (*tú, usted, vos*) e dos pretéritos perfeitos em espanhol. Atendo-nos mais cuidadosamente em como a Sociolinguística tem procedido ao estudo das formas gerenciadas pelas regras variáveis, traremos do conceito de **variável linguística**.

Ao lançar os fundamentos da Sociolinguística Variacionista, William Labov desenvolve o conceito de **variável linguística** tendo em vista essencialmente alguns fenômenos fonológicos³¹. Desse modo, para o autor, estaria pressuposta na variação “a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial”, opondo-se no que diz respeito ao seu valor social e/ou

³¹ A descrição da centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ nas variedades linguísticas de Martha's Vineyard, a realização e a estratificação do /r/ em Nova York, entre outros, são estudos que articulam a noção de variável linguística a partir da observação do âmbito fonológico da língua (LABOV, 2008).

estilístico (LABOV, 2008, p. 313). Na mesma direção, Weinreich, Labov e Herzog (2006) já haviam afirmado que as formas coexistentes

(1) Oferecem meios alternativos de dizer “a mesma coisa”: ou seja, para cada enunciado em *A* existe um enunciado correspondente em *B* que oferece a mesma informação referencial (é sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de *B* em contraste com *A*.

(2) Estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em *A* e *B* com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu status social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em *A* e *B* e entender a significação da escolha de *A* ou *B* por algum outro falante. (WEINREICH; LABOV; HERZOG; 2006, p. 97)

Observemos que, para os autores, a equivalência semântica entre as formas coocorrentes é fundamental. É por isso que, até então, se definia o conceito de **variável linguística** como um grupo de variantes que compartilham um único referente. De fato, se nos dedicamos a uma análise fonológica da realização do fonema /λ/³², nas muitas variedades diatópicas do espanhol, verificamos que se empregam, no mesmo contexto, as variantes [j], [j], [ɟ] e [dɟ], conforme a variedade observada (PINHO, 2005; RAE, 2011; QUILIS, 2012). Sobre o português, o mesmo se poderia dizer das variantes sociais e diatópicas [λ] e [j], representadas pelo grafema ‘lh’ nos seguintes contextos: *alho, telha, calha* (CAGLIARI, 2002; ILARI; BASSO, 2007). Comum aos dois exemplos é a existência de variantes que correspondem a “meios alternativos de dizer a mesma coisa”, ou seja, que corroboram a definição de **variável linguística** apregoada inicialmente pela Sociolinguística Variacionista.

É na década de 1970, entretanto, que esse conceito de variável linguística é estendido à análise de fenômenos não-fonológicos, o que gera, conforme explica Camacho (2010), a primeira grande crise no estatuto metodológico da Teoria Variacionista. Isso porque fora do nível fonológico torna-se difícil definir em que grau as variantes de uma variável são, de fato, diferentes modos de dizer a mesma coisa, isto é, são detentoras do mesmo referente. Melhor descrevendo a questão, Sankoff afirma (1982) que

In turning from phonology to syntax, we encounter a major problem: that of equivalence, i.e. how to ascertain which structures or forms may be considered variants of each other and in which contexts. This was rarely a problem in phonology since invariance of meaning under substitution of allophones is a widely valid criterion, easy to apply, because it depends only on the recognition of two lexical forms as semantically. [...] This is not the

³² Representado pelo grafema espanhol “ll” nas palavras *llave, lleno, lluvia*, por exemplo.

case in syntax. The substitution of different forms often leads to very subtle semantic distinctions, and there is frequently cause for debate as to whether or not there is any change [...] (SANKOFF, 1982, p. 679)³³.

Foi Lavandera (1978) quem deu início às críticas mais severas sobre a tentativa de ampliar aos outros níveis da língua o conceito de **variável linguística** desenvolvido com base nos estudos fonológicos. A impropriedade da aplicação, segundo a autora, deve-se a que, na variação não-fonológica, cada uma das possíveis variantes possui um significado referencial particular. Silva-Corvalán (1989), por seu turno, comenta que além de fatores semânticos, fatores de ordem sintática e pragmática também parecem condicionar a variação não-fonológica. Por isso, propôs-se a ampliação da ideia de “igualdade semântica” para a noção de **comparabilidade funcional**, conceptualização mais abrangente que buscaria no uso da língua uma relação entre as formas em aparente variação.

Labov e Weiner (1983) avaliaram a aplicabilidade do conceito inicial de **variável linguística** à análise sintática. Para tanto, partiram da percepção de que algumas construções na voz passiva e na voz ativa, no inglês, poderiam compartilhar um mesmo referente. Avançados os estudos, chegaram à conclusão de que é necessário especificar o contexto sintático no qual dado fenômeno está em variação com outro. Por isso afirmam que somente entre “passivas sem agente” e as “ativas genéricas” seria possível delimitar uma variável sintática, pois manteriam o mesmo significado referencial, de maneira que o uso de uma ou outra forma estaria determinado por fatores estilísticos.

Uma vez que a variação não-fonológica não compartilha as mesmas características presentes na variação fonológica, será importante o desenvolvimento de uma nova maneira de proceder ao estudo da variável sintática. Com esse propósito, Labov (1978) mostra que a primeira atividade que deve realizar o pesquisador é a definição e o isolamento de estruturas linguísticas que apresentam comportamentos semelhantes. Aliado a essa etapa, deve-se também definir os contextos em que essas formas ocorrem.

O segundo passo da pesquisa envolveria a observação de contextos em que as duas ou mais formas analisadas (1) compartilham uma mesma função linguística – e que, portanto, estão em variação – ou (2) possuem funções particulares – indicando a existência de regras categóricas. Nas palavras do autor, “a definição da variável requer uma série de passos

³³ <Tradução nossa> Ao passar da fonologia à sintaxe, encontramos um problema maior: o da equivalência, ou seja, como determinar quais estruturas ou formas podem ser consideradas variantes entre si e em quais contextos. Isso raramente era um problema em fonologia, uma vez que a invariância do significado com a substituição de alofones é um critério amplamente válido, fácil de aplicar, porque depende apenas do reconhecimento de duas formas lexicais como semanticamente equivalentes. [...] Esse não é o caso da sintaxe. A substituição de diferentes formas leva muitas vezes a distinções semânticas muito sutis, e há frequentemente motivo para debate sobre se há alguma mudança (SANKOFF, 1982, p. 679).

preliminares dirigidos a eliminar todos os contextos nos quais as duas formas alternantes contrastam, ou seja, não dizem a mesma coisa” (LABOV, 1978, p. 5)³⁴.

Na mesma direção, Sankoff (1988) sugere que o estudo sistemático da variação não-fonológica também deve ser orientado pela observação do contexto linguístico em que os elementos da língua figuram, isso para que se infiram o significado e a função que os elementos adquirem em dado uso. Para o autor, as particularidades referenciais reservadas a cada uma das formas não-fonológicas podem ser neutralizadas no discurso. Assim, espera-se que o conhecimento do comportamento das estruturas linguísticas e dos contextos de neutralização facultem-nos a delimitação da **variável linguística**. Conforme ainda afirma:

The systematic study of competing forms requires not only the identification of these forms, but also of the individual contexts in which differences between them are neutralized. It is precisely this which constitutes the interpretative component of variationist methodology. The analyst must in effect be able to infer the meaning or function of each token (SANKOFF, 1988, p.154)³⁵.

Desse modo, não podemos nos desatentar à importância dada à prévia análise qualitativa dos dados antes de os sujeitar ao método quantitativo. Dito procedimento exige um conhecimento linguístico e extralinguístico consistente da língua e comunidade analisadas:

[...] the linguist has to ‘know’ enough about speech variety and to ‘understand’ enough about what is transpiring in the particular discourse, to be able to infer speakers’ intention. Thus a basically hermeneutic task is combined with more mechanical distributionalist procedures prior to any statistical analysis (SANKOFF, 1988, p. 152)³⁶.

Nesse mesmo sentido, Silva-Corvalán (1989) também enfatiza o cuidado que deve envolver a análise das informações quantitativas, isso porque a maior ou menor frequência de uma forma linguística pode estar relacionada às diferenças de significados que possuem, fazendo-a mais ou menos compatível com um contexto comunicativo determinado. A fim de evitar interpretações equivocadas de uma abordagem quantitativa, deve-se, previamente, conduzir a análise por um estudo descritivo cuidadoso a fim de definir em quais contextos dada forma linguística tem sua função igualada à função de outra – também verificada no

³⁴ “[...] the definition of the variable requires a series of preliminary steps directed at eliminating all the contexts in which the two alternant forms contrast, i.e. do not say the same thing” (LABOV, 1978, p. 5).

³⁵ <Tradução nossa> O estudo sistemático de formas concorrentes requer não apenas a identificação dessas formas, mas também dos contextos individuais nos quais as diferenças entre elas são neutralizadas. É precisamente isso que constitui a componente interpretativo da metodologia variacionista. O analista deve, de fato, ser capaz de inferir o significado ou a função de cada ocorrência (SANKOFF, 1988, p.154).

³⁶ <Tradução nossa> [...] o linguista tem que "conhecer" o suficiente sobre a variedade da fala e "entender" o suficiente sobre o que está ocorrendo no discurso particular, para poder inferir a intenção dos oradores. Assim, uma tarefa basicamente hermenêutica é combinada com procedimentos distribucionais mais mecânicos antes de qualquer análise estatística (SANKOFF, 1988, p.152).

contexto delimitado. Somente a partir dos pressupostos suscitados por essa delimitação seria possível proceder quantitativamente ao estudo das variantes e, logo, associar os resultados estatísticos a variáveis extralinguísticas.

Diante do muito que se há discutido e escrito sobre o tema, parece que a noção de realizações equivalentes – e não a de identidade semântica estrita – é a que melhor se ajusta ao conceito de variável não-fonológica. Isso porque mesmo apresentando um comportamento próprio em determinadas situações, alguns elementos da língua têm suas propriedades neutralizadas no discurso e, por isso, apresentam, em determinados contextos, usos com funções equivalentes. Esses elementos são, portanto, contextualmente alternantes.

Conforme discutiremos de modo mais extensivo no capítulo IV – referente aos procedimentos metodológicos deste trabalho –, orientamo-nos pelo princípio da **equivalência funcional** e pelos procedimentos descritos por Labov (1978) e Sankoff (1988) no trato da variável não-fonológica. Por isso, o estudo do comportamento da variável linguística constituída pelo *pretérito perfecto simple* e *compuesto* inicia-se com uma prévia análise qualitativa dos dados a fim de distinguir os usos das formas do *pretérito perfecto* que se inserem nos âmbitos de **antepresente** e **passado absoluto**. Ou seja, assumimos que dentro dessas duas referências temporais, é possível estabelecer um padrão de **equivalência funcional** entre as formas variantes; permitindo, por conseguinte, prosseguir com a análise do comportamento variável do PPS e do PPC em Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán. Por outro lado, essa mesma análise qualitativa possibilitou-nos também deixar de lado as ocorrências dessas formas verbais que apresentam um comportamento temporal diferenciado, isto é, expressam “antepretérito”, “prospectivo”, “antecipativo”, por exemplo – contextos em que não sabemos se o PPC e o PPS compõem efetivamente uma variável linguística. Ao agirmos desse modo, evitamos o erro assinalado por Serrano (1995):

*La falta de un detenido examen cualitativo, tanto de los datos como de los contextos lingüísticos en los que las formas supuestamente alternan, es lo que ha llevado en varias ocasiones a establecer patrones de variación erróneos, en los que la referencia semántica, pragmática y/o referencial no es tenida en cuenta de forma satisfactoria*³⁷ (SERRANO, 1995, p. 534).

Nossa intenção é, portanto, evitar o risco de incluir num mesmo conjunto de variantes casos em que não se verifica variação, produzindo, por conseguinte, uma análise enviesada dos dados. Defendemos que as informações contextuais e o valor que possui cada forma

³⁷ <Tradução nossa>A falta de uma análise qualitativa atenta, tanto dos dados como dos contextos linguísticos em que as formas supostamente alternam, é o que tem produzido, em várias ocasiões, padrões de variação errôneos, nos quais a referência semântica, pragmática e/ou referencial não é considerada de forma satisfatória (SERRANO, 1995, p. 534).

devem ser avaliados cuidadosamente antes da definição das variáveis linguísticas. Isso porque, a nosso ver, um estudo que procure comprovar a existência de variação entre essas formas deverá ocorrer somente entre as situações de uso que expressam o mesmo valor, isto é, em que tenham as particularidades neutralizadas no discurso (SANKOFF, 1988).

Avançando um pouco mais a discussão, é ainda pertinente apresentarmos brevemente a noção de **norma linguística**, a fim estabelecer um paralelo entre esse conceito e a visão de língua heterogênea aqui apresentada.

2.2.3 Norma linguística

Múgica (2007) explica-nos que o estudo da **norma linguística** envolve um campo bastante intrincado por lidar com (1) muitos trabalhos que, a partir de diferentes perspectivas, dedicaram-se a discuti-la e defini-la de diferentes maneiras; (2) por tratar-se de um fenômeno da linguagem – que, como sabemos, é muito complexa, já que está em constante construção – e, finalmente, (3) por ser um fenômeno relativo.

Segundo define Coseriu (1962), **norma linguística** é

[...] un sistema de realizaciones obligadas, de imposiciones sociales y culturales, y varía según la comunidad. Dentro de la misma comunidad lingüística nacional y dentro del mismo sistema funcional pueden comprobarse varias normas (lenguaje familiar, lenguaje popular, lengua literaria, lenguaje elevado, lenguaje vulgar, etcétera) [...] (COSERIU, 1962, p.98).³⁸

Antes de nos atermos mais profundamente ao conceito, cabe-nos destacar que não estamos pensando no sentido corrente de “norma” – como algo “estabelecido ou imposto segundo critérios de correção e valoração subjetiva”, que impõe um modelo de como se deve falar para se ter aprovação do grupo. A **norma linguística** a que nos referimos é aquela que contém “o que no falar concreto é repetição de modelos anteriores”, isto é, que elimina tudo aquilo que é “totalmente inédito, variante individual, ocasional ou momentâneo” e conserva “somente os aspectos comuns que se comprovam nos atos considerados” (COSERIU, 1962, p.90). Desta maneira, atribui-se a ela aquilo que é praticado por todos na comunidade de fala.

Ainda conforme nos explica Coseriu (1962), a tentativa de definir a norma de uma língua deve nos levar à constatação de várias normas sociais e regionais. As quais, por sua

³⁸<Tradução nossa> “[...] un sistema de realizaciones obligatorias, de imposiciones sociales e culturais, e que varia conforme a comunidade. Dentro da mesma comunidade linguística nacional e dentro do mesmo sistema funcional podem se comprovar várias normas (linguagem familiar, linguagem popular, língua literária, linguagem elevada, linguagem vulgar, etcétera) [...]” (COSERIU, 1962, p.107).

vez, nada mais são do que o reflexo da relação que guarda a linguagem com o homem e sua comunidade de fala. Ao se colocar diante de situações inusitadas, o indivíduo pode alterar a **norma linguística** fazendo uso de possibilidades até então não aceitas pela norma de uso de sua comunidade. Não obstante, para que de fato ocorra uma modificação na norma é imprescindível que haja um acolhimento social do novo uso (COSERIU, 1962, p.107).

De modo prático, ao analisarmos neste trabalho dados de fala de três variedades diatópicas – separadas não apenas no espaço, mas também por características históricas e sociais –, naturalmente procederemos ao estudo de diferentes normas linguísticas. Assim, esperamos encontrar diferentes padrões de uso das formas do *pretérito perfecto* tendo em vista a comunidade de fala analisada e sua respectiva norma de uso da língua.

A concepção de **norma linguística** proposta por Coseriu (1962) origina-se do rearranjo da dicotomia saussuriana **língua vs. fala**, a qual passa a ser redefinida como *sistema vs. norma vs. fala*. “Nesta tríade, a fala continua na ordem do individual, mas o conceito de língua é modificado. Coseriu chama de língua o sistema articulado com suas normas, ou seja, com suas variantes linguísticas” (PIETROFORTE, 2002, p.92). Desta maneira, a noção de **língua** passa a envolver o **sistema** – domínio de todos os falantes de uma mesma língua (espanhol e português, por exemplo) – e as **normas** – variedades de domínio de grupos sociais e regionais (variedades madrilena, bonaerense e tucumana, por exemplo).

Na tentativa de descrever a **norma** com apoio da antropologia, Aléong (2011) caracteriza-a como variável e relativa por se definir na heterogeneidade da sociedade:

Nesta concepção de sociedade [heterogênea], as normas sociais ou regras do comportamento são variadas e relativas. Variadas porque os agrupamentos constitutivos da sociedade também são variados, e relativas porque os juízos de valor só tem significação em relação ao grupo ou ao conjunto de referência no qual se situam os indivíduos. (ALÉONG, 2011, p.145).³⁹

Uma vez que se considera que todo o comportamento social é regulado por normas, a **norma linguística** será entendida como “o produto de uma hierarquização das múltiplas formas variantes” (ALÉONG, 2011, p.148) e como referência para “os usos concretos pelos quais o indivíduo se apresenta em uma sociedade imediata” (p.149). É importante observarmos que não se trata de considerar um comportamento certo e os demais errados⁴⁰; pois, sob essa ótica, o uso efetivo da linguagem, por mais diversificado que possa ser, responde, na verdade, às coerções sociais e discursivas observáveis.

³⁹ Grifos nossos.

⁴⁰ Apesar de muitas vezes esse tipo de avaliação acabar sendo feita.

Concomitante a essa **norma linguística** que apresentamos, há também aquela norma tida como **padrão** ou exemplar. Conforme Aléong (2011), essa norma apresenta um caráter normativo, idealizado e definido por juízos de valor. Ainda segundo a autora,

Codificada e consagrada num aparato de referência, essa norma é socialmente dominante no sentido de se impor como o ideal a respeitar nas circunstâncias que pedem um uso refletido ou monitorado da língua, isto é, nos usos oficiais, na imprensa escrita e audiovisual, no sistema de ensino e na administração pública. (ALÉONG, 2011, p.149).

Aléong (2011) observa a existência de três características compondo a norma exemplar: (1) um discurso da norma que categoriza o uso da língua como certo, errado, bom, mau, puro, etc; (2) um aparelho de referência que apresenta exemplos de uso (gramáticas, dicionários, academias e outros órgãos públicos) e (3) a difusão e a imposição constante graças ao “papel hegemônico de referência legítima em lugares estratégicos como a escola, a imprensa escrita, etc” (ALÉONG, 2011, p.160).

Segundo Bagno (2007), essa norma, por ele denominada como **norma-padrão**, também visa extinguir a diversidade linguística e favorecer, por meio de seu uso, uma variedade homogênea e idealmente compartilhada por todos. No entanto, gera-se um problema sociocultural quando se começa a tratar a língua apresentada pelas gramáticas e dicionários como uma verdade eterna de uso, acreditando, por isso, na existência de uma única possibilidade de uso da língua: o da **norma-padrão**.

Combatendo esse pensamento, já verificamos com os estudos da Sociolinguística que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea e que, portanto, toda língua deve ser representada por um conjunto de variedades. Deste modo, o que chamamos de “língua espanhola”, na prática, envolve as diferentes maneiras de falar usadas pelos falantes argentinos, mexicanos, peruanos, equatorianos, colombianos, espanhóis, chilenos, entre outros. Foi por isso que Weinreich, Labov e Herzog (2006) já observaram que

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.125).

Assim, a heterogeneidade linguística não é só ordenada, como vimos, mas também conta com o conhecimento e relativo desempenho por parte do falante, que é sempre mais ou menos plurilíngue em sua própria língua, haja vista que controla “um leque de competências que se estendem entre formas vernaculares e formas veiculares” (CALVET, 2002, p.114).

Inserida nesse contexto, a escola tem o papel de romper com o mito da existência, tanto na língua materna como na estrangeira, de uma única forma certa de falar. Caberá ainda a essa instituição a formação do conhecimento plurilinguístico, que envolve o reconhecimento das formas mais vernaculares e o ensino das institucionalizadas como modelo.

Por fim, destacamos que o termo “norma” pode apresentar, neste trabalho, diferentes sentidos. Assim, consideramos a **norma linguística** como padrões de usos socialmente criados e naturalmente compartilhados no uso cotidiano da linguagem, conforme a variedade diatópica de Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán. Por outro lado, com **norma-padrão** referimo-nos a um modelo de língua, “ao conjunto de prescrições tradicionais veiculadas pelas gramáticas normativas, pela prática pedagógica conservadora e pelos empreendimentos puristas da mídia” (BAGNO, 2011, p.10 e 11), que como tal, caracteriza-se por um modelo de língua marcado por uso de arcaísmos e de regras que vão contra à intuição gramatical do falante da língua (BAGNO, 2011). Em terceiro lugar, chamaremos de **norma/tradição descritiva** os estudos resultantes da análise objetiva de linguistas, isto é, a descrição feita pelos estudos da linguagem que se preocuparam em descrever objetivamente a **norma linguística** de uma língua/variedade – independentemente do alinhamento teórico.

Por fim, eventualmente nos referiremos à **norma gramatical**, de modo genérico, para nos referirmos ao “estado da arte” do fenômeno estudado, perfazendo, portanto, um conjunto que envolve todo tipo de estudo – seja prescritivo ou descritivo, um manual gramatical ou um artigo – que dê alguma informação sobre o funcionamento real ou ideal da língua. Uma vez concluída a concepção de língua que permeará o desenvolvimento deste estudo, passemos, à análise do comportamento diacrônico do *pretérito perfecto* e de como esse comportamento histórico parece ainda repercutir no funcionamento atual das duas formas nas variedades diatópicas estudadas.

PERCURSO E HISTÓRIA DO PASSADO EM ESPANHOL

Havendo descrito a apreciação sincrônica que faz a literatura vigente sobre o estado atual do funcionamento e variação do *pretérito perfecto simple* (PPS) e *compuesto* (PPC) nas variedades da língua espanhola, apresentaremos, nesta seção, como se deu o processo de constituição funcional e formal dessas formas verbais do latim até as línguas românicas, com especial atenção à língua espanhola e suas variedades. Para isso, recuperamos alguns pressupostos dos estudos de gramaticalização tanto para compreendermos os processos linguísticos envolvidos na história do *pretérito perfecto*, como para nos auxiliar, mais adiante, na descrição sincrônica das variedades de Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán.

Essa última contribuição é possível porque, ao contemplarmos o dinâmico processo de mudanças e acomodações que vêm sofrendo o PPC e o PPS, podemos entender que os comportamentos descritos sincronicamente nas três variedades aqui investigadas não são específicos ao espanhol contemporâneo e que, tal qual já fizeram outras línguas românicas, o castelhano tende a percorrer um *continuum* de acomodação dos usos de cada uma das formas. Assim, como afirmam Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p.4), contemplar o recorte sincrônico como uma etapa de um longo processo nos ajuda a explicar a natureza da gramática nos muitos estágios da mudança.

Por fim, destacamos que a discussão aqui apresentada contribuirá com fundamentos importantes que possibilitarão, no momento oportuno, avaliar especialmente a hipótese de pesquisa que afirma que “o estado de uso do PPS e do PPC descrito em cada uma das variedades corresponde a diferentes estágios de um processo de gramaticalização das formas do *pretérito perfecto* na língua espanhola”.

3.1 BREVE HISTÓRIA DOS PASSADOS: DO LATIM AO ESPANHOL CONTEMPORÂNEO

A observação da história das línguas conduz-nos à percepção de um processo de (re)organização das formas destinadas à expressão do tempo passado. Segundo Andrés-Suarez (1994, p.25), formas verbais de expressão aspectual marcada passaram por um processo de mudança que culminou na criação de categorias temporais mais abstratas. Esse processo foi produto de uma mudança que se iniciou já ao fim do período indo-europeu e que só na língua latina se efetivou de forma sistemática e precisa.

Conscientes desse fenômeno de formação de *tempora*, Romani (2006), Company Company (1983, 2011), Ledgeway (2011) e Penny (2014) observaram o comportamento diacrônico do sistema temporal das variedades românicas do latim e afirmam que um dos mais importantes desenvolvimentos do sistema verbal neolatino foi a criação de formas perifrásticas destinadas à expressão da anterioridade¹. Tendo em vista as implicações que a criação do *pretérito perfecto compuesto* trouxe para a expressão do passado na língua espanhola e a relativa estabilidade do *perfecto simple* (RODRIGUEZ LOURO, 2008), grande parte das discussões suscitadas nos parágrafos seguintes se dedicará fundamentalmente ao estudo da forma composta, bem como a relação estabelecida diacronicamente com a simples.

Segundo Serrano (1994), Company Company e Cuétara Pride (2011), duas inovações decorrentes do aparecimento dos tempos compostos de anterioridade se destacam na observação dessas construções. A primeira, de caráter mais funcional, deve-se a sua consolidação nas línguas românicas expressando tanto anterioridade imediata com respeito ao tempo presente (**antepresente**), como alguns matizes aspectuais na expressão de ações abertas que podem se repetir em direção ao futuro. Por conseguinte, a consolidação da perífrase verbal conduziu conjuntamente à segunda inovação: a extensão da categoria de auxiliaridade² ao verbo *habere* – que em sua origem mantinha o significado lexical pleno de “posse”. Como verificaremos, já havia no período clássico da língua latina a possibilidade de associar indiretamente *habere* com um particípio passado. Contudo, as duas formas não constituíam uma unidade funcional, pois cada uma mantinha seu significado lexical original.

Por fim, salientamos que a conclusão e desdobramento das reflexões presentes nesta seção devem nos mostrar que a organização da expressão do passado em espanhol define-se como um processo lento e gradual verificável ainda hoje e condicionado por diversos fatores linguísticos e extralinguísticos. Especificamente em relação aos valores de **antepresente** (AP) e **passado absoluto** (PA), este estudo deve trazer à tona como as duas formas do *pretérito perfecto* estabeleceram historicamente diferentes relações na expressão desses valores.

¹ Entendemos as formas temporais perifrásticas de anterioridade (ou tempos compostos de anterioridade) como lexias verbais constituídas de dois elementos: um auxiliar (*habere* ou *sere*) e um particípio, que juntos expressam um significado de anterioridade relativa (ROMANI, 2006). Inseridos nesse paradigma estão, entre outros, o “pretérito perfeito composto” e o “pretérito mais-que-perfeito” (no espanhol, *pluscuamperfecto*).

² Por auxiliar de tempo composto entendemos um verbo que perdeu seu significado léxico pleno e que, basicamente, carrega a informação gramatical de pessoa, número, modo, aspecto e tempo para todo o constructo formado pelo auxiliar e o verbo principal (particípio) (COMPANY COMPANY; CUÉTARA PRIDE, 2011).

3.1.1 Os pretéritos no latim

O sistema verbal latino cumpria predominantemente uma função aspectual, de maneira que o morfema *amaui* – do qual se origina “*amē*” (PPS) – veiculava a percepção de uma situação terminada e pertencente, por isso, ao paradigma das formas do *perfectum*. Segundo defendem Andrés-Suarez (1994) e Penny (2014), o sentido exprimido por essa forma resulta da fusão de dois aspectos: o “perfeito” e o “aoristo”. Enquanto os traços do “perfeito” viabilizavam a expressão de duração ou resultado presente de uma ação passada imediata ou remota (*SEMPER ILLAM AMAVIT* > “ele sempre a amou (e continua amando)”), os traços do aoristo permitiam a menção a fatos passados sem duração ou relação como o momento de fala (*MULTOS ANNOS ILLAM AMAVIT* > “amou-a durante muito anos (mas já não a ama)”) ³.

A polissemia do PPS parece ter propiciado algum tipo de rearranjo na língua, haja vista que seu uso no latim vulgar passou gradativamente por um processo de restrição (especificação funcional), associando-se somente ao sentido aoristo (perfeito objetivo), enquanto que uma forma perifrástica, formada por *habere* e um particípio, pouco a pouco foi se constituindo e conquistando o domínio da expressão do valor de perfeito-resultativo. O avanço da nova construção no âmbito do “perfeito subjetivo” se deve a que a junção de *habeo* com um particípio “resultava muito adequado para acusar simultaneamente os matizes de presente e passado. Por meio de *habeo* se expressa a ideia de estado presente e por meio do particípio, perfeito, a de ação verificada no passado” (ANDRÉS-SUAREZ, 1994, p.39) ⁴.

Conforme descrevem Squartini e Bertinetto (2000), em sua origem, a construção latina de valor resultativo caracterizava-se por (i) não tornar obrigatória a coincidência entre o sujeito do verbo flexionado (*habere*) e o sujeito do particípio passado, (ii) atribuir um valor predicativo ao particípio passado, sendo um complemento do objeto, com o que concordava em gênero e número e (iii) *habere* manter seu valor pleno de “posse”. Conjunto de características que demonstra que o verbo *habere* não dispunha até então do *status* de verbo auxiliar e que, portanto, a expressão do valor de resultado ainda não estava vinculada a uma perífrase integralmente sistematizada na língua, mas à junção de elementos relativamente autônomos dispostos no sintagma – tal como podemos observar no enunciado (1):

³ Exemplificação e tradução fornecida por Penny (2014).

⁴ [...] *resultaba muy adecuado para acusar simultáneamente los matices de presente y de pasado. Por medio de habeo se expresa la idea de estado presente, y por medio del participio, perfecto, la de acción verificada en el pasado* (ANDRÉS-SUAREZ, 1994, p.39).

(1) *multa bona bene parta habemus.*⁵

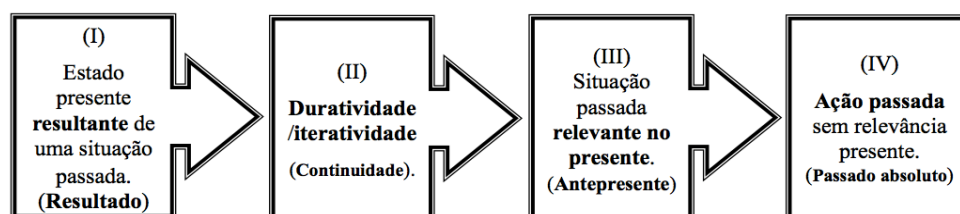
*Temos muitas coisas bem adquiridas.

Somente a partir da reanálise⁶ do papel desses elementos e da relação existente entre eles é que se começa a estabelecer uma maior coesão entre o participio e o verbo *habere*, dando início efetivamente à existência da perífrase resultativa. Finalmente, Andrés-Suarez (1994) ainda destaca três consequências diretas da implementação da construção *habeo + participio*: (i) a criação de novas perífrases que culminaram no paradigma dos tempos compostos de anterioridade das línguas românicas, (ii) o nascimento de novas formas de participios e (iii) a perda do sentido pleno de “posse” do verbo *habere*.

3.1.2 Do latim às línguas românicas: a mudança funcional da forma composta

Segundo afirma Tagliamonte (2012, p. 298), o perfeito composto (*perfecto/perfect*) tem demonstrado um comportamento instável na história de línguas naturais, “tendo sido alternadamente perdido e reintroduzido em várias ocasiões em línguas como o alto alemão, francês, russo, sueco e algumas línguas eslavas”. Na mesma direção, Harris (1982), Serrano (1994), Squartini e Bertinetto (2000), Company Company (2002, 2011), Detges (2006), Romani (2006), Oliveira (2010), Araujo e Berlinck (2013), Penny (2014), entre outros autores, mostram que essa forma passou por um longo processo de mudança semântica e formal, resultando, conforme a língua românica e/ou variedade linguística, num comportamento múltiplo no que diz respeito às funções desempenhadas e à forma assumida.

Figura 3.1: Do continuum de mudança funcional da forma composta nas línguas românicas segundo Harris (1982)



Fonte: própria.

O clássico trabalho de Harris (1982) sobre a mudança funcional do *perfecto compuesto* nas línguas românicas – sintetizado pelo quadro 3.1 – mostra-nos que, desde sua origem, na língua latina, a forma composta passou por quatro grandes etapas de mudança,

⁵ Enunciado coletado por Squartini e Bertinetto (2000) da peça *trinummus*, de Plauto (190 a.C).

⁶ O conceito de **reanálise** será devidamente discutido, mais adiante, quando abordarmos alguns mecanismos de gramaticalização (subseção 3.2.2).

igualmente passíveis de contemplação num estudo sincrônico contemporâneo que confronte as várias línguas românicas e suas variedades.

Na primeira etapa, a forma composta restringe-se à expressão de estados presentes resultantes de ações passadas, adquirindo, portanto, um valor de **resultado**. Esse é o uso observado na origem da construção no latim (2), nos estágios iniciais de sua formação da maior parte das línguas românicas, como no português (3) e espanhol (4) antigos, além do uso que ainda fazem alguns dialetos da Itália, como o calabrés (HARRIS, 1982; DETGES, 2006).

(2) *In ea provincia pecunias magnas collocatas habent.*⁷

*Têm colocados nesta província capitais consideráveis⁸

(3) *Noutra Aldeia, junto desta cidade, temos já feita uma casa à maneira de ermida.*⁹

*Em outra aldeia, junto a esta cidade, já temos uma casa feita como uma ermida.

(4) *Grant cosa as perdida.*¹⁰

*Grande coisa tens perdida.

Nos três enunciados, é possível inferir a existência de um estado final presente (possuir “*pecunias magnas/capitais consideráveis*”, “uma casa” e a perda de “*grant cosa*”) resultante de uma ação anterior já concluída (*colocar capitais, fazer uma casa, perder grande coisa*). Tendo em vista o comportamento sintático, é própria dessa etapa a possibilidade de intercalarmos o complemento (*pecunias magnas, uma casa, grant cosa*) entre os elementos que compõem a construção (*habent/ temos/ as* + participio passado), além da concordância em gênero e número entre o complemento e o participio. Essas características, como estudaremos com maior propriedade mais adiante, indicam-nos que, nesse momento, os constituintes da construção de valor resultativo ainda não desfrutavam de um estado de coesão, em parte porque o verbo *haber* ainda se comportava como uma forma lexical plena, com seu valor original de posse.

O comportamento vigente na segunda fase permite-nos observar um uso que parece ter se conservado no português (5) e em algumas variedades do espanhol (6). Trata-se da expressão iterativa ou durativa de uma situação cujo início se deu no passado, mas que se mantém ainda no presente, tal como expressam os enunciados seguintes:

(5) *O governo de Cuba tem feito gestos de aproximação com administração americana.*¹¹

⁷ Enunciado coletado por Andrés-Suárez (1994) do discurso de Cícero (106 a.C – 43 a.C) intitulado *De imperio Gn. Pompei* (66 a.C).

⁸ Adaptação da Tradução feita por Andrés-Suárez (1994), no original: *Tienen colocados en esta provincia capitales considerables*.

⁹ Enunciado coletado por Barbosa (2008) de uma carta de Padre Manuel da Nobrega, do ano de 1549.

¹⁰ Enunciado coletado por Alarcos LLorach (1980), do *Libro de Alexandre*, uma obra em verso da primeira metade do século XIII, que narra a vida de Alexandre Magno, rei da Macedônia.

(6) [...] *en el medio se van a ir buscando las alianzas que tradicionalmente **ha tenido** el peronismo con otros partidos.*

[...] no meio vão ir procurando as alianças que tradicionalmente o peronismo tem feito com outros partidos.

Como podemos notar, a forma composta passa a apresentar um *status* de maior coesão, uma vez que o particípio (*feito, tenido*) já não concorda com o complemento – “*gestos/alianzas*” e tampouco é possível posicionar esse complemento entre o auxiliar e o particípio. Tanto é assim que é agramatical no português brasileiro atual a oração (7).

(7) **O governo de Cuba tem gestos feitos de aproximação.*

A terceira fase da mudança do pretérito composto corresponde ao valor de **antepresente** – uso considerado padrão por muitos gramáticos da língua espanhola (conforme apresentado no quadro 1.6). Em outras palavras, trata-se da expressão de situações passadas (Momento do Evento – ME) que guardam relação com o momento de fala (MF), porque tanto o ME como o MF estão envolvidos pela mesma conjuntura temporal¹². Vejamos essa situação de uso em:

(8) *Este año **han tirado** trescientos millones de litros de agroquímicos.*¹³

Este ano jogaram trezentos milhões de litros de agrotóxicos.

Notemos que tanto o evento (*tirar trescientos millones de litros*) como o ato de enunciação ocorrem na mesma conjuntura temporal, determinada por “*este año*”.

Na etapa final (IV), a forma composta perde traços de ordem *aspectual* (I – resultado, II – continuidade, III – relevância presente), para expressar um valor marcadamente temporal de *pretérito*. Nessa etapa da mudaná, o *perfecto compuesto* passa por um momento de confronto com a tradicional forma simples de pretérito, podendo esse conflito ser resolvido de diferentes maneiras, conforme o sistema linguístico observado. Vejamos o uso no francês – língua em que já vigora o valor da fase IV (PAIVA BOLÉO, 1936):

(9) *Sotheby's **a vendu** hier soir à Londres un portrait de la comtesse Bismarck.*¹⁴

Sotheby vendeu ontem à noite, em Londres, um retrato da Condessa Bismarck.

O advérbio “*hier soir*” (ontem à noite) demonstra que a ação ocorreu em um âmbito temporal anterior ao da enunciação e que, por isso, não mantém relação com o momento de

¹¹ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal *A Folha de São Paulo*, de 21/02/2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1234369-blogueira-cubana-cobra-posicionamento-energico-do-brasil-em-relacao-a-cuba.shtml>>. Acesso em 08/05/2016.

¹² Daí decorre a observação, corrente em gramáticas normativas sobre a existência de marcadores temporais como “*hoy*”, “*este mes*”, “*este año*” vinculados à forma composta (ALARCOS LLORACH, 1980).

¹³ Enunciados (6) e (8) retirados de entrevistas radiofônicas difundidas pela rádio Cadena 3, de Córdoba/Argentina.

¹⁴ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal francês *Le Monde*, de 06/02/2013. Disponível em <http://www.lemonde.fr/argent/article/2013/02/06/le-grand-retour-du-surrealisme-en-salles-devente_1827963_1657007.html>. Acesso 08/05/2016.

fala – indício, portanto, de um **passado absoluto**. Quanto à forma simples, sabe-se que, no francês, ela está restrita a registros literários (MEILLET, 1912; PAIVA BOLÉO, 1936; THÉORET; MAREUIT, 1991; POISSON-QUINTON; MIMRAN; COADIC, 2007).

A análise da mudança funcional que descrevemos revela que a sucessão de fases segue por um *continuum* em direção à expressão de um valor marcadamente temporal de passado, o que implica um paulatino debilitamento dos traços aspectuais de perfeito (resultado e continuidade). Segundo complementam Squartini e Bertinetti (2000), o extremo desse *continuum* é encontrado atualmente nas línguas faladas ao norte da Itália e na França, onde a forma do perfeito simples já não é usada devido ao avanço do perfeito composto. A fim de recuperar o comportamento do perfeito composto tanto sob a perspectiva diacrônica, como sincrônica, Detges (2006) elabora o seguinte quadro:

Quadro 3.1: Mudança diacrônica do perfeito

(I) Resultado	(II) Continuidade até o momento de fala	(III) Relevância no momento de fala	(IV) Narrativas, Aoristo
<u>Calábria:</u> <i>L'aiu fattu.</i> ¹⁵	<u>Português:</u> Tenho falado muito com ele.	<u>Espanhol:</u> <i>No ha ganado mucho este año.</i> ¹⁶	<u>Italiano:</u> <i>L'ho comprato l'anno passato.</i> ¹⁷
<u>Francês:</u> <i>Il a mangé maintenant.</i>	<u>Francês:</u> <i>J'ai vécu ici pendant 20 ans.</i>	<u>Francês:</u> <i>Cette année, il n'a rien gagné.</i>	<u>Francês:</u> <i>Et alors, je l'ai acheté.</i> ¹⁸

Fonte: Detges (2006, p.47) – Tradução nossa.

Observemos que o quadro 3.1 apresenta diferentes informações. Na primeira linha, retratam-se as quatro etapas da mudança do *perfecto compuesto*, segundo a proposta de Harris (1982). Por sua vez, a segunda linha revela-nos como as línguas românicas acomodaram o uso do perfeito composto em um dos estágios. Finalmente, a terceira linha ajuda-nos a entender a polissemia funcional sincrônica existente no uso da construção em algumas línguas – devido à **persistência**¹⁹ (HOPPER, 1991) de traços próprios de etapas anteriores. Segundo nos exemplifica Detges (2006, p. 48), apesar de no francês moderno o *passé composé* concentrar-se na quarta fase, quando motivados por questões pragmáticas, muitos de seus usos refletem

¹⁵ “O fiz” – tradução nossa.

¹⁶ “Não ganhou muito este ano” – tradução nossa.

¹⁷ “Comprei-o ano passado” – tradução nossa.

¹⁸ Respectivamente, “Ele comeu agora”, “eu vivo aqui há 20 anos”, “Neste ano, ele não ganhou nada”, “Então, eu o comprei” – tradução nossa.

¹⁹ Discutiremos mais extensivamente esse conceito adiante, quando abordarmos alguns indicadores do processo de gramaticalização (subseção 3.2.3).

estágios anteriores de sua mudança. Na mesma direção, apresentamos, nas seções II e III, diversos estudos que apontam a existência da mesma polissemia funcional no espanhol, seja ela encontrada na comparação entre diferentes variedades diatópicas ou mesmo verificável dentro de uma mesma variedade linguística. A título de exemplo, observemos o comportamento da forma composta na variedade de *San Miguel de Tucumán*, a partir dos seguintes enunciados retirados de entrevistas radiofônicas:

- (10) **Resultado:** [...] ¿[ya] **ha presentado** finalmente la renuncia a la obra social del PAMI filial Tucumán? <T5>

Já apresentou finalmente a renúncia do serviço social do PAMI filial Tucumán?

- (11) **Continuidade:** [...] *confederación general económica en la República Argentina, una entidad que... durante muchos años ha sido, sin dudar, la líder en el gremialismo empresario nacional* <T3>.

Confederação geral econômica na República Argentina, uma entidade que durante muitos anos tem sido, sem dúvidas, a líder no gremialismo empresarial nacional.

- (12) **Antepresente:** A: “*Hola, chicos, gracias por trabajar en día feriado, así disfrutamos juntos con ustedes [...]. Hoy estoy triste. Besos, los quiero*”.

B: *No sé el nombre porque no me ha firmado* <T2>.

A: “Olá, meninos, obrigado por trabalhar no feriado, assim curtimos juntos com vocês [...]. Hoje estou triste. Beijos. Amo vocês”./ B: Não sei o nome porque não assinou.

- (13) **Passado absoluto:** [*Yo creo*] que ustedes mismos han sido el termómetro de lo que **ha ocurrido** con el cambio prestacional en aquel momento <T5>.

Eu acredito que vocês mesmos foram o termômetro do que ocorreu com a mudança na prestação de serviço naquele momento.

Sobressaem aos olhos mais atentos os diferentes valores inferidos pelo uso da forma composta conforme o contexto em que se instaura, isso porque em uma mesma variedade do espanhol pode-se observar os quatro valores atribuídos ao *perfecto compuesto* por Harris (1982). Ou seja, enquanto no enunciado (10), o sintagma “*ha presentado finalmente la renuncia*” abre precedentes para a verificação de uma situação resultante atual diferente da que existia inicialmente (quando o enunciadador ainda era presidente da entidade), nos enunciados seguintes, as expressões temporais (11) “*durante muchos años*”, (12) “*ahora*”, (13) “*en aquel momento*” evidenciam os valores de **continuidade**, **antepresente** e **passado absoluto**, vigentes no uso que se faz da forma verbal em cada um dos enunciados. Contudo, destacamos que os advérbios de tempo desempenham um importante papel na identificação dos sentidos aferidos. Tanto essa dependência contextual na identificação dos valores aferidos como a polissemia no uso do PPC são indicadores de um processo de gramaticalização ainda não consolidado – como descreveremos mais sistematicamente adiante.

Por outro lado, a análise das diferentes variedades diatópicas da língua espanhola mostra comportamentos e preferências de uso particulares. Conforme já descrevemos, Serrano

(1994, 1995), por exemplo, compara as variedades de Madri e das Canarias e aponta na primeira o uso preferencial do *perfecto compuesto* com valor de **AP imediato** e o crescente uso da mesma forma em contextos de **passado absoluto** – característicos da terceira e quarta fases, respectivamente, do processo de mudança proposto por Harris (1982); enquanto na variedade das Canarias, nota um favorecimento do uso do PPS nesses contextos. Na mesma direção, Company Company (2002) e Moreno de Alba (2006) comparam a variedade mexicana com a de Madri e acusam a preferência por um uso com características mais aspectuais no México – por se alinhar com os valores dos primeiros estágios de mudança – enquanto que a variedade de Madri avança por usos com característica marcadamente temporal, aproximando-se, por isso, dos valores próprios das etapas finais.

Em consonância com o que observaram Serrano (1994, 1995) e Company Company (2002), este estudo também visa mostrar que os diferentes comportamentos diatópicos observados no uso do PPC correspondem a diferentes etapas de sua mudança nas diferentes comunidades de fala, isso porque cada uma delas está sob pressões histórico-sociais próprias. Paralelamente, é pertinente pensarmos nas possíveis alterações de comportamento no uso do PPS diante da aproximação funcional do PPC. Nesse sentido, Schwenter e Cacoullos (2008) descrevem como se estabelece a relação entre as duas formas em algumas línguas românicas:

Quadro 3.2: Estágios de desenvolvimento do perfeito composto e simples nas línguas românicas

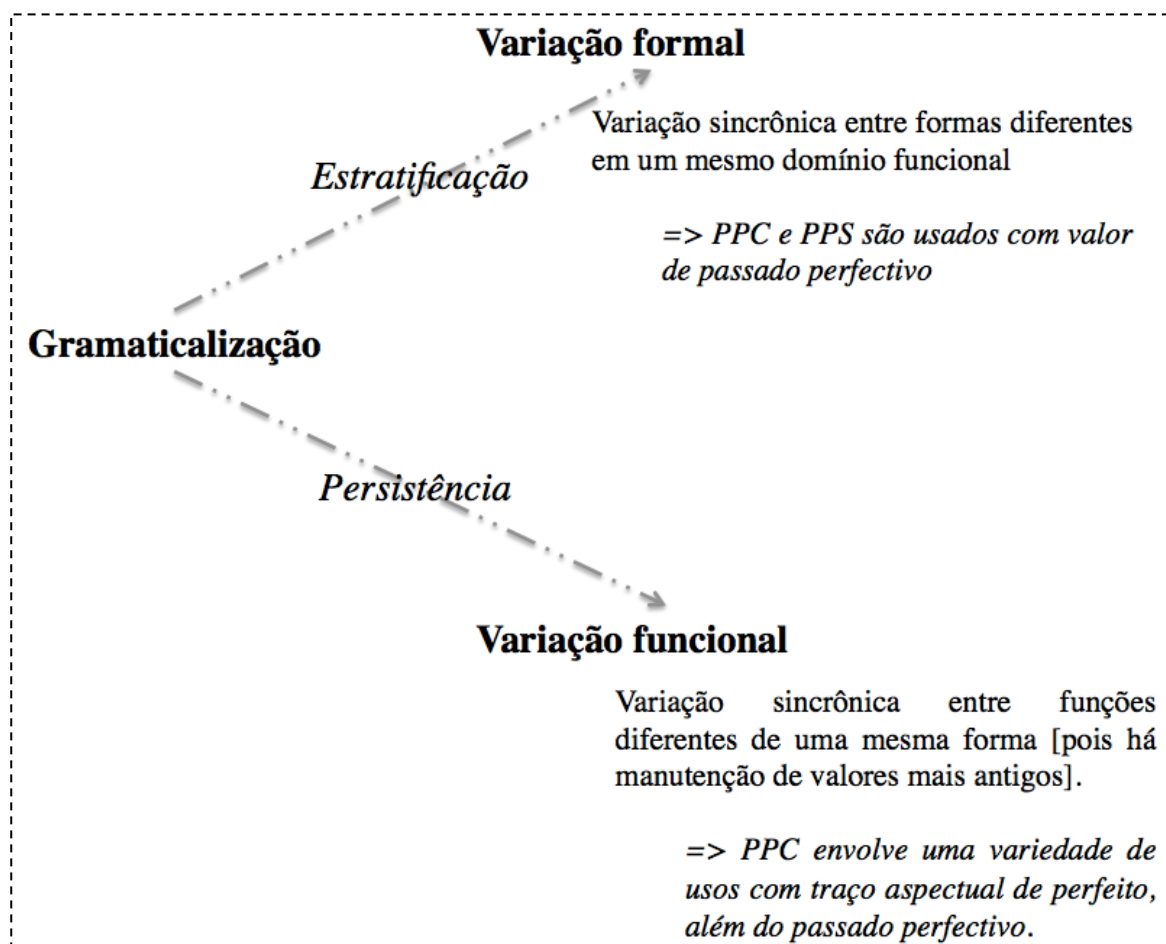
	Perfeito Composto	Perfeito Simples
Siciliano	Estados presentes resultantes de ações passadas.	Passado perfectivo
Espanhol Mexicano Português	Situação passada ainda em andamento no presente	Passado perfectivo
Espanhol Peninsular Catalão	Situação passada com relevância presente	Situação passada sem relevância presente
Francês Italiano do norte	Toda situação passada	Limitado ao registro formal/escrito

Fonte: Schwenter e Cacoullos (2008, p.7) – Tradução nossa.

O quadro 3.2 revela-nos, mais uma vez, como as línguas românicas tendem a privilegiar uma ou outra fase do *continuum* descrito por Harris (1982). Contudo, mostra-nos, em especial, a acomodação do PPS como um dos resultados do comportamento do PPC em cada língua. Ou seja, à medida que o perfeito composto perde seus atributos aspectuais, marcando seu valor temporal de passado, o PPS vai perdendo seu campo de expressão, tornando-se, no último estágio, apenas uma marca de registro formal – como ocorre no francês e no italiano do norte.

Uma vez exposto o dinâmico comportamento da forma composta, tanto diacronicamente como sincronicamente, bem como a relação que ela estabelece com PPS nesse emaranhado de usos, parece-nos interessante destacar como sincronicamente é possível encontrar dois tipos de variação linguística envolvendo essas formas. Isso porque, se por um lado é possível observar a forma composta apresentando mais de um valor – mesmo que a análise esteja restrita a uma variedade diatópica apenas –, por outro, parece notável a relação de equivalência funcional que PPC pode estabelecer com PPS – especialmente nos estágios mais avançados de desenvolvimento da forma composta.

Figura 3.2: Da variação sincrônica como efeito da gramaticalização que sofre o perfeito composto



Fonte: Schwenter e Cacoullos (2008, p. 12) – Tradução nossa.

Conscientes desse comportamento, Schwenter e Cacoullos (2008) evocam dois princípios do processo de gramaticalização descritos por Hopper (1991) que justificam o estado variável apresentado (Figura 3.2). Por um lado, a **persistência** justifica a manutenção de alguns traços semânticos da forma original no uso do PPC em estágio mais avançado de gramaticalização, permitindo, portanto, a atribuição de mais de um valor a seu uso. Por outro

lado, a **estratificação**²⁰ evidencia que as novas formas que surgem para um dado domínio funcional (**passado absoluto**, por exemplo) coexistirão por um tempo com formas preexistentes nesse mesmo domínio (PPS). Diante dessa percepção, os autores propõem o seguinte esquema, no qual se observa como a forma composta passa por um processo de gramaticalização que o conduz a dois tipos de variação, **formal** e **funcional**. Conforme observaremos com a análise dos dados, o cenário esboçado por Schwenter e Cacoullos (2008), na figura 3.2, pode ser verificado em algumas variedades do espanhol, o que aponta para de um processo de mudança ainda em desenvolvimento nessas variedades.

3.1.3 Do latim ao espanhol: o percurso da mudança funcional da forma composta

Entre os poucos estudos que se dedicaram especificamente à análise da mudança funcional do *perfecto compuesto* no espanhol, destaca-se a análise de Alarcos LLorach (1980), em o desenvolvimento dos usos do PPC é descrito desde o início da língua espanhola até seu uso moderno.

Segundo relata o autor, o século V é considerado um período de recuperação da construção no latim falado na península ibérica. Porém, nessa região, seu uso ficou restrito à expressão de um estado permanente ou um resultado presente, isso porque o verbo *habere* mantinha seu valor pleno de posse. Por seu turno, Company Company e Cuétara Pride, (2011) mostram-nos que já a partir do século VI nota-se no latim um debilitamento do significado possessivo do verbo *habere*, de modo que a estrutura perifrástica passa a expressar, ainda com escassos registros, ações passadas cujas consequências poderiam se estender até o MF.

Rodríguez Molina (2010) encurta-nos a viagem pela história da perífrase no espanhol ao afirmar que até o século XI são escassos os usos registrados na península ibérica e que os achados demonstram uma preferência pelo valor de resultado, de modo que não se pode assegurar que a forma tenha sofrido qualquer tipo de processo de temporalização passada até esse período. A natural lentidão do processo de gramaticalização que envolve a história do PPC é evidenciada no início do século XIII, quando o uso da forma composta ainda se encontra muito restrito tanto em relação a sua frequência, como em relação a suas características sintáticas. Quanto a seu valor, Alarcos LLorach (1980) aponta o sentido de **resultado** como ainda sendo o valor característico atribuído à construção nesse período – (14)

²⁰ Além da **persistência**, discutiremos extensivamente também o conceito de **estratificação** mais adiante, quando abordarmos alguns indicadores do processo de gramaticalização (subseção 3.2.3).

e (15) –, ao passo que ao PPS se atribui a expressão de qualquer ação passada, inclusive no **presente ampliado** (16).

(14) *Grant cosa as perdida.*

*Grande coisa tens perdida.

(15) *Mucho me as bien fecho.*

*Muito me tens bem feito.

(16) *Siempre esperé por este día.*²¹

Sempre esperei por este dia.

É no século XIV, no entanto, que começa a apontar na forma efetivamente um novo valor, isto é, além do preponderante valor de **resultado** já descrito, notam-se casos em que o *perfecto compuesto* expressa ação durativa ou iterativa que se estende até o presente:

(17) *la tristura e grant cuidado / son conmigo todavia / pues placer e alegría / Así m'an desamparado.*²²

A tristeza e grande cuidado / são comigo ainda / pois prazer e alegria / assim me têm desamparado.

Ao longo do século XV, observa-se um aumento substancial no uso da forma composta, mantendo os valores de **resultado** e **continuidade** e, mais ao fim do período, começando a ser usada também para designar ações pontuais ocorridas em no **presente ampliado**. Assim, Alarcos LLorach (1980) afirma que a partir do fim do século XV e durante o século XVI, enquanto a forma simples era empregada para ações pontuais em um **passado absoluto** e eventualmente para ações pontuais no **presente ampliado**, a forma composta ia perdendo pouco a pouco seu valor de resultado e se concentrava na expressão de ações reiteradas até o presente ou de ações pontuais que antecederiam imediatamente o presente gramatical. Ademais, é interessante destacar que é com esse comportamento dinâmico no funcionamento das formas do *pretérito perfecto* que a língua espanhola é transportada para o Novo Mundo, abrindo precedentes para que a língua encontrasse eventualmente diferentes ajustes que, ao longo do tempo, poderiam vir a se diferenciar contundentemente quando cotejadas as variedades da Península com as variedades da América.

A síntese da abordagem diacrônica apresentada por Alarcos LLorach (1980, p.46) revela-nos os quatro estágios da mudança da forma composta na língua espanhola, a saber:

1. Expressão de uma situação presente **resultante** de uma ação anterior.
2. Expressão de uma situação **contínua** (durativa ou iterativa).

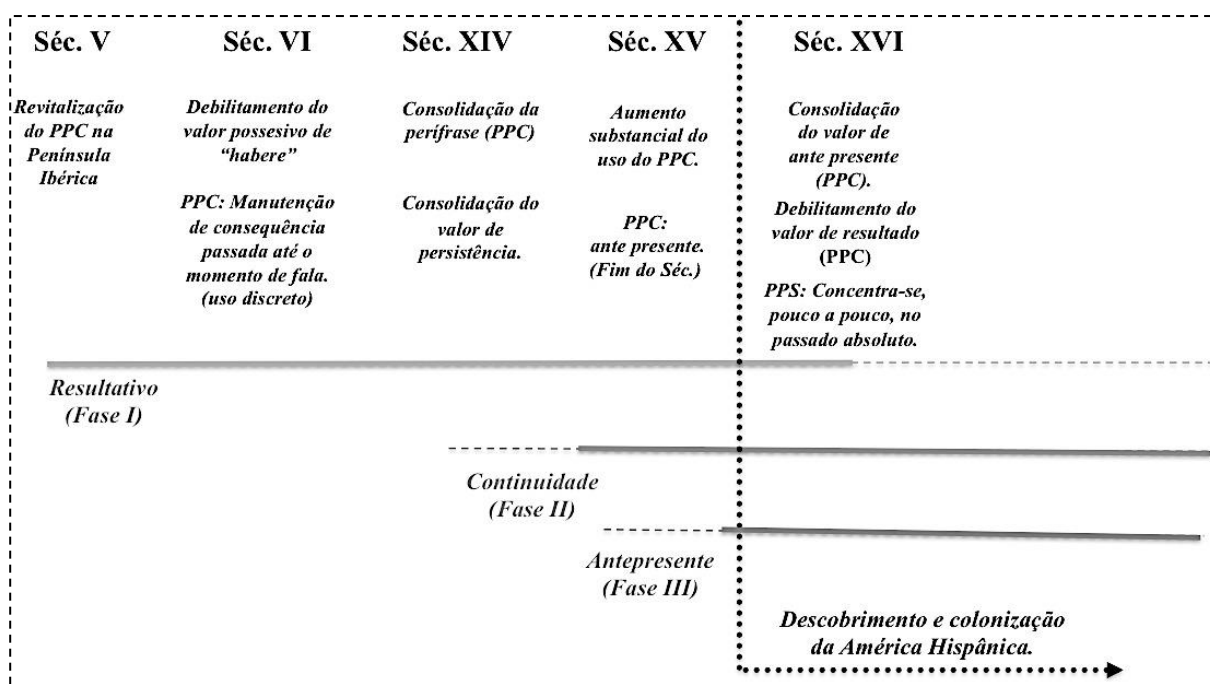
²¹ Enunciados (14), (15) e (16) coletados por Alarcos LLorach (1980), do *Libro de Alexandre* (Sec. XIII).

²² Enunciado coletado por Alarcos LLorach (1980), do *Libro Rimado de Palacio* ou simplesmente *Rimado de Palacio*, uma obra de Pedro López de Ayala, datada entre 1378 e 1403.

3. Expressão de uma situação momentânea **imediatamente anterior** ao momento de enunciação.
4. Expressão de uma situação momentânea não imediatamente anterior, mas que mantém alguma relação com o presente, ou seja, produzida em um “**presente ampliado**”.

É pertinente notar que, diferentemente do que propõe Harris (1982), Alarcos Llorach (1980) não identificou no espanhol o uso do *pretérito perfecto compuesto* expressando **passado absoluto** (Fase IV) e separa a etapa III proposta por Harris (1982) em dois grupos (3 e 4), nos quais a aproximação entre a “situação descrita” e o “momento de fala” aumenta à medida que passamos de um para o outro. Na figura 3.3, expomos a síntese do percurso da mudança funcional da forma composta até o século XVI

Figura 3.3: Síntese do percurso da mudança funcional da forma composta



Fonte: própria.

Por fim, conforme já pontuamos anteriormente nesta seção e tendo em vista o uso atual dos pretéritos, parece-nos evidente que os valores descritos por Alarcos Llorach (1980) se conservam presentes nas variedades diatópicas do espanhol. Contudo, o que deveremos comprovar com a conclusão deste estudo é que “cada dialeto gerou sua gramática perfilando uma das possibilidades do sistema antigo e minimizando a outra possibilidade” (COMPANY COMPANY, 2002, p. 63).

3.1.4 Classificação formal do perfeito composto nas línguas românicas: um olhar atento à definição da auxiliaridade dos tempos compostos de anterioridade em espanhol

Sabemos que na origem das línguas românicas as características formais do perfeito composto não eram tão divergentes como se pode observar no cotejamento das línguas neolatinas em seu estágio moderno. Isso se deve a que as variedades românicas compartilharam de uma mesma origem, na qual quase todas apresentaram alguma etapa de alternância entre os auxiliares de base *essere* e *habere*. Contudo, ao longo do tempo, as características formais da construção nessas línguas foram se diferenciando por estarem sujeitas a questões linguísticas e extralinguísticas próprias a cada comunidade (COMPANY COMPANY; CUÉTARA PRIDE, 2011). Apesar das diferentes formas existentes na atualidade, a norma gramatical das línguas neolatinas apontam a existência de uma forma simples e uma composta, como sistematizam Squartini e Bertinetto (2000).

Quadro 3.3: Nomenclatura verbal na norma gramatical das línguas românicas

	Forma simples	Forma composta
Catalão	Pretèrit Perfect Pretèrit Perfect Simple	Pretèrit Indifinit Pretèrit Perfect Compost
Espanhol	Pretérito (Indefinido) Pretérito (Perfecto) Simple Perfecto Simple	(Pretérito) Perfecto / <i>Antepresente</i> Pretérito (Perfecto) Compuesto Perfecto Compuesto
Francês	Passé Défini Passé Simple	Passé Indéfini Passé Compose
Italiano	Passato Remoto Passato Semplice	Passato Prossimo Perfetto Composto
Português	Pretérito Pretérito (Perfeito) Simples Perfeito Simples	Perfeito Pretérito (Perfeito) Composto Perfeito Composto
Romeno	Aoritul Perfectul Simplu	Perfectul Nedefinit Perfectul Compus

Fonte: Squartini e Bertinetto (2000, p. 403) – Tradução nossa.

Especificamente em relação à forma composta, Romani (2006), Company Company e Cuétara Pride (2011) alinham as línguas românicas em três grupos conforme o auxiliar utilizado na construção. No primeiro grupo, encontramos o italiano, o sardo, o suprasilvano, o engadino, o provençal e o francês, línguas que se caracterizam pela alternância de formas auxiliares derivadas de *habere* e *essere* na construção do perfeito composto. Como se vê, a título de exemplo, no italiano:

(18) *Maria ha scritto una lettera.*

Maria escreveu uma carta.

(19) *Maria è arrivata.*

Maria chegou.

Tanto o espanhol como o português antigos também mantinham o sistema duplo de auxiliares, contudo a oposição se perdeu com o avançar do tempo. No segundo grupo, encontramos as línguas que recorrem somente a formas provenientes do verbo *essere*. Esse é o caso de alguns dialetos presentes na Itália central, como, por exemplo, nos mostram os dados do dialeto de Terracina:

(20) *so candatd na canzóna*

Cantei uma música

(21) *so jítid.*

Fui

Finalmente, encontramos as línguas em que a perífrase de anterioridade é formada pelo auxiliar *habere*, sem importar-se com a natureza transitiva ou intransitiva do verbo em participípio. Esse é o caso do romeno, valão, espanhol, catalão e do português (que o substituiu pelo verbo *ter*, de *tenere*). Vejamos alguns usos no espanhol:

(22) *María ha escrito una carta.*

Maria escreveu uma carta.

(23) *María ha llegado.*

Maria chegou.

Conforme adiantamos, os primeiros textos em língua espanhola apontavam que os tempos compostos de anterioridade eram formados por um auxiliar de base verbal *haber* ou *ser* junto de um participípio, tal como figura nos enunciados (23) e (24), respectivamente:

(24) *Sacada me auedes de muchas verguenças malas.*²³

Me tendes livrado <havéis livrada> de muitas más vergonhas.

(25) *Quant los discípulos eran ydos a la cibdat comprar.*²⁴

Quando os discípulos tinham <eran> ido(s) à cidade comprar.

Como mostra a classificação formal do perfeito composto nas línguas românicas, o auxiliar empregado na construção advém de um processo gradual e particular de escolha entre uma ou ambas as formas que compunham o duplo sistema de auxiliaridade previsto para os

²³ Enunciado coletado por Romani (2006), de *El Cantar de mio Cid*, poema épico medieval preservado mais antigo que relata as façanhas heroicas do cavaleiro Rodrigo Díaz, *el Campeador*. A obra tem datação aproximada ao ano de 1200.

²⁴ Enunciado coletado por Romani (2006), da *Fazienda de Ultramar*, um livro do primeiro quarto do século XIII, que constitui um itinerário geográfico e histórico como guia de peregrinos à Terra Santa. Constitui um dos primeiros exemplos de narração em prosa na literatura espanhola.

tempos compostos na origem das línguas neolatinas. Processo que, no castelhano, culminou na escolha do verbo *haber* como único auxiliar para os tempos compostos de anterioridade.

Há de se observar, contudo, que no sistema medieval da língua espanhola, *haber* e *ser* apresentavam ainda um comportamento polissêmico devido a não operarem somente como verbos auxiliares dos tempos compostos. Tanto que era possível encontrar usos que permitiam uma dupla leitura e que, por isso, dificultavam a diferenciação do que era um tempo composto dos outros tipos de construções com os referidos verbos.

Como auxiliares dos tempos compostos, Romani (2006), Company Company, Cuétara Pride (2011) e Penny (2014) afirmam que *haber* e *ser* possuíam contextos de usos próprios, isso porque *ser* constituía preferencialmente perífrases com participios de verbos intransitivos, como os de movimento (*ir, venir, llegar, entrar, salir*), ao passo que se observava o uso do auxiliar *haber* com verbos transitivos. Apesar dessa preferência, notavam-se também alguns usos de *haber* com participio de verbos intransitivos.

Tem-se nessa fase, portanto, um contexto crítico para a mudança gramatical, marcado inicialmente por uma pluralidade de usos que, mais adiante, foi resolvida com a generalização de *haber* como forma especializada na função de auxiliar dos tempos de anterioridade em espanhol. Segundo a análise sistemática conduzida por Romani (2006) dos tempos compostos no espanhol medieval, entre os séculos XII e XV observa-se uma diminuição de mais de 19 pontos percentuais no uso do auxiliar *ser*. No entanto, sua eliminação por completo do paradigma de auxiliaridade dos tempos compostos de anterioridade só será efetivada por completo no século XVI.

Tabela 3.1: Índice da frequência de *haber* e *ser* como auxiliares dos tempos compostos de anterioridade

Séc.	Haber	Ser
XII	70% (212/303)	30% (91/303)
XIII	89% (507/571)	11% (64/571)
XIV	78% (763/981)	22% (218/981)
XV	89% (270/302)	11% (32/302)

Fonte: Romani (2006, p. 325).

Além da generalização de *haber* como o único auxiliar da perífrase de anterioridade, nota-se paralelamente um quase desaparecimento de seu uso como verbo pleno transitivo, isto é, com sentido de “posse” e predicando um argumento objeto direto, tal como se lê em (26).

(26) [...] *que el estoriador sea discreto e sabio e aya buena retórica para poner la estoria en fermoso e alto estilo.*²⁵

Que o historiador seja discreto e sábio e tenha <haja> boa retórica para por a história em bonito e alto estilo.

O que se observou na história da língua é que entre os séculos XII e XV, o uso de *haber* como verbo pleno foi pouco a pouco sendo substituído pelo verbo *tener* (*ter*), cuja origem já apresentava um valor de posse. Contudo, além da função de auxiliar na perífrase de anterioridade, destacam-se também dois outros usos do verbo *haber* registrados já na Idade Média. O primeiro deles é verificado na construção formada por *haber* + *preposição* “*de*” + *infinitivo*, cujo sentido é de obrigatoriedade, conforme mostra o enunciado (27)

(27) *Rogol tanto Jacob que lo ovo de prender e quiso salir con Jacob.*

Jacó rogou tanto que teve de o prender e quis sair com Jacó.

Outro uso registrado do verbo *haber* na Idade Média é o de forma impessoal com um único argumento nominal expressando existência, tal como se lê em (28):

(28) *Dixieron al rey de Jerico que omnes estrannos avie en la villa.*²⁶

Disseram ao rei de Jericó que havia homens estranhos na vila.

É importante registrar que essas duas últimas funções atribuídas ao verbo *haber* se conservaram na língua espanhola, de maneira que a forma verbal permanece compondo a perífrase de modalidade deôntica (29), além de expressar existência impessoal (30):

(29) *Por eso, hemos de considerar una y otra vez que la verdadera soberanía reside en el pueblo [...].*²⁷

Por isso, temos de considerar uma e outra vez que a verdadeira soberania reside no povo.

(30) *Obviamente sí, hay una voz, tiene que ver con la insatisfacción [...].*²⁸

Obviamente sim, há uma voz, tem a ver com a insatisfação.

A fim de conhecermos o processo de passagem do verbo pleno *haber* em auxiliar de tempos compostos, recorreremos ao estudo de Heine (1993) sobre os verbos auxiliares e seu processo de gramaticalização. Com esse propósito, iniciamos com a definição da categoria dos verbos auxiliares, a qual, segundo o autor, pode ser descrita quanto a seus aspectos formal e semântico.

²⁵ Enunciado coletado por Romani (2006), da obra do século XV, *Generaciones y semblanzas*, cuja autoria pertence a Fernán Pérez de Guzmán. Trata-se de uma coleção de trinta e cinco retratos biográficos dos cortesãos mais importantes de sua época.

²⁶ Enunciados (27) e (28) coletados por Romani (2006), da *Fazienda de Ultramar* (Sec. XIII).

²⁷ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal argentino *La Nación*, de 20/11/2014. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1745528-la-soberania-regalada>> Acesso em 08/05/2016.

²⁸ Enunciado retirado da revista eletrônica argentina *Ohlala*, de 26/11/2014. Disponível em: <<http://www.revistaohlala.com/1745465-leonora-balcarce-no-tengo-idea-de-comosere-como-madre>> Acesso em 02/01/2017.

Sob o ponto de vista formal, isto é, observando a estrutura sintática, morfológica e fonológica, os auxiliares podem ser caracterizados como morfemas livres que guardam semelhanças estruturais com a forma lexical, mas que não podem ocorrer de forma independente. No geral, os auxiliares tomam como complemento formas nominais dos verbos. Quanto ao nível semântico, Heine (1993) afirma que além de servir como marca de negação (31) ou da composição de alguns tipos específicos de sentença – como as interrogativas (32) e as passivas (33), por exemplo –, os auxiliares geralmente se definem pela contribuição na expressão gramatical do tempo, aspecto e modo (TAM). Assim, como auxiliar dos tempos compostos do espanhol moderno, *haber* apenas ocorre com um particípio posposto a ele e traz morfologicamente marcadas as informações referentes a tempo, pessoa e número (34).

(31) *Turkey **does not include** Islamic State or the Kurdish YPG militia [...].*²⁹

A Turquia não inclui o Estado Islâmico ou a milícia curda YPG [...].

(32) ***Does** Obama **need** Bill Clinton's blessing?*³⁰

Obama precisa da benção de Bill Clinton?

(33) *[...] o presídio **foi classificado** como “péssimo” para qualquer tentativa de ressocialização [...].*³¹

(34) *[...] los responsables del museo **han subrayado** que el Guggenheim Bilbao continúa siendo líder entre las instituciones culturales europeas [...].*³²

[...] os responsáveis do museu destacaram que o Guggenheim Bilbao continua sendo líder entre as instituições culturais europeias [...].

O processo de desenvolvimento dos auxiliares envolve uma mudança morfossintática, por meio da qual uma construção antes constituída por um verbo de sentido lexical pleno e por seus complementos se transforma em uma estrutura gramatical coesa, em que o verbo inicialmente predicador torna-se auxiliar de uma construção formada também por um verbo principal. Assim, auxiliar e verbo principal compõem uma estrutura que passa a veicular uma nova informação gramatical. De modo prático, temos na construção resultativa latina (*habeo cultellum comparatum* e *epistulam scriptam habeo*, isto é, “tenho a faca comprada” e “tenho uma carta escrita”) um verbo pleno com sentido de “posse” (*habeo*) que rege um complemento direto (*cultellum comparatum* e *epistulam scriptam*). No entanto, tal estrutura é

²⁹ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal estadunidense *The New York Time*, de 29/12/2016. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/reuters/2016/12/29/world/europe/29reuters-mideast-crisis-syria-turkey-rebels-kurds.html>>. Acesso em 02/01/2017.

³⁰ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal estadunidense *The New York Time*, de 04/08/2008. Disponível em: <<http://opinionator.blogs.nytimes.com/2008/08/04/does-obama-need-bill-clintons-blessing/>>. Acesso em 02/01/2017.

³¹ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal *A Folha de São Paulo*, de 02/02/2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1846359-rebeliao-que-ja-dura-17-horas-no-am-tem-ao-menos-25-mortos-diz-policia.shtml>>. Acesso em 02/01/2017.

³² Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal espanhol *El Mundo*, de 02/01/2012. Disponível em: <<http://www.elmundo.es/pais-vasco/2017/01/02/586aa550e2704efa4f8b4617.html>>. Acesso em 02/01/2017.

reanalisada e, dentre outros processos sofridos, o verbo *habeo* esvazia-se do sentido de posse, fixa-se ao particípio (*comparatum, scriptam*) e juntos passam a expressar as informações gramaticais referentes à nova construção criada, dos tempos compostos de anterioridade.

É importante observarmos que durante esse processo de mudança de funções, o valor lexical original (“posse”) do verbo *haber* pode coocorrer na língua com a nova função (auxiliar) atribuída a ele. Tanto é assim que nos primeiros escritos em língua espanhola era possível observar a existência concomitante de ambos os funcionamentos do verbo *haber*, tal como nos mostram os enunciados (35) e (36), respectivamente. À medida que *tener* (ter) conquista os contextos em que *haber* mantinha o sentido pleno de posse, esse verbo abandona pouco a pouco seu valor original, culminando no uso atual restrito à auxiliaridade dos tempos de anterioridade (37) e das perífrases de modalidade deôntica (38), além da expressão do valor existencial na forma impessoal (39)³³.

(35) [...] *que el estoriador sea discreto e sabio e aya buena retórica para poner la estoria en fermoso e alto estilo.*³⁴

[...] que o historiador seja discreto e sábio e tenha boa retórica para por a história em bonito e alto estilo.

(36) *Sacada me auedes de muchas verguenças malas.*³⁵

Me tendes livrado <haveis livrada> de muitas más vergonhas.

(37) *He leído hace poco, cuando me documentaba para la entrevista, una entrevista que diste tú [...].*³⁶

Eu li, há pouco, quando me preparava para a entrevista, uma entrevista que você deu [...]

(38) *Por eso, **hemos de considerar** una y otra vez que la verdadera soberanía reside en el pueblo [...].*³⁷

Por isso, temos de considerar uma e outra vez que a verdadeira soberania reside no povo.

(39) *Obviamente sí, **hay** una voz, tiene que ver con la insatisfacción [...].*³⁸

Obviamente sim, há uma voz, tem a ver com a insatisfação.

Notemos, portanto, que na origem desse processo de transformação, *haber* só apresenta função de auxiliar nessa construção, posto que é nesse contexto que ele se transforma ao mesmo tempo que também propicia a transformação da perífrase. Atento ao percurso de mudança que leva uma forma plena a se tornar uma forma auxiliar, Heine (1993,

³³ Conforme poderemos observar mais adiante (subseção 3.2.3), esse comportamento caracteriza o princípio de **divergência** presente no processo de gramaticalização.

³⁴ Enunciado coletado por Romani (2006), da obra *Generaciones y sembranzas* (Sec XV).

³⁵ Enunciado coletado por Romani (2006), de *El Cantar de mio Cid* (Sec XII).

³⁶ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio R5, de Madri/Espanha (01/06/2012).

³⁷ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal *La Nación*, de 20/11/2014. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1745528-la-soberania-regalada>>. Acesso em 08/05/2016.

³⁸ Enunciado retirado da revista eletrônica argentina *Ohlala*, de 26/11/2014. Disponível em: <<http://www.revistaohlala.com/1745465-leonora-balcarce-no-tengo-idea-de-comosere-como-madre>> Acesso em 08/05/2016.

p.58) identifica sete etapas em que os fenômenos de dessemantização, descategorização, clitização e erosão interagem e operam de modo particular na efetivação do processo de construção de um auxiliar. O quadro 3.4 sintetiza essas informações:

Quadro 3.4: Mudanças ao longo do processo de constituição de verbos auxiliares

Estágio geral	A	B	C	D	E	F	G
Dessemantização	I	II	III				
Descategorização	I		II	III	IV	V	
Clitização	I				II		III
Erosão	I				II		III

Fonte: Heine (1993, p.58) – Tradução nossa.

O primeiro estágio (A) é o ponto prévio ao início efetivo do processo de mudança, nele a forma que sofrerá a mudança gramatical pertence à ampla classe dos verbos, isto é, ainda é empregado em seu sentido lexical pleno e o seu complemento apresenta tipicamente um grau de concretude maior. Tal qual transparece no quadro 3.4, é nessa etapa que discretamente lançam-se as bases para que se efetive o início dos processos de mudança que, mais adiante, se mostrarão mais evidentes e culminarão na mudança de função da estrutura. O enunciado (35) mostrou-nos que no espanhol medieval o verbo *haber* inseria-se nessa fase.

No estágio B, o complemento regido pelo verbo começa a adquirir características mais abstratas, expressando inclusive uma situação dinâmica. Heine (1993, p.59) destaca ainda que o objeto direto pode estar composto por uma forma verbal e um complemento nominal. Esse comportamento se generaliza na terceira fase (C) e, assim, o auxiliar da construção em formação passa a se associar com um complemento que tenha inclusive a mesma base verbal. Apesar do núcleo do complemento ainda ser um substantivo, o complemento como um todo passa a fazer referência a uma atividade, que denota um evento já ocorrido. Nota-se também nesse momento que o verbo começa a compor uma construção funcional de valor temporal, aspectual ou modal e o sujeito verbal não fica mais limitado à referência humana.

O comportamento de construção de valor **resultativo** herdado do latim no início da língua espanhola – (40) e (41) – apresenta um uso que se encaixa entre as fases B e C, isso porque já se observa o verbo *haber* associando-se mais estreitamente com participípios (“*perdida*” e “*fecho*”) e complementos modificados por eles (“*grand cosa*” e “*mucho bien*”). Contudo, o núcleo do argumento do *verbo habere* continua sendo composto por um nome (“*cosa*”, “*bien*”). Observemos que o uso dos participípios possibilitam a contemplação do cumprimento de uma atividade, isto é, começa-se a associar a essa construção informações temporais e aspectuais de passado e terminativo, respectivamente.

(40) *Grant cosa as perdida.*

Tens grande coisa perdida.

(41) *Mucho me as bien fecho.*³⁹

Muito bem me tens feito.

O estágio **D** caracteriza-se pelo avanço na descategorização da forma plena, o que em termos práticos implica a impossibilidade de transformá-lo em verbo principal de orações passivas ou no modo imperativo. Nessa fase, o verbo deixa de se associar com complementos cujo núcleo é um substantivo e passa a reger complementos com uma única forma nominal de verbos. Essa etapa é alcançada quando o verbo *haber* perde seu sentido de “posse” e estreita suas relações com as formas de particípio, associando-se unicamente a elas. Assim, possibilita-se o surgimento de um novo paradigma na língua – dos tempos compostos de anterioridade – à medida que *haber* e *particípio* começam a definir uma relação de dependência e coesão na expressão do sentido de anterioridade.

Nas fases **E** e **F**, a forma em gramaticalização tem sua descategorização avançada de modo que já não guarda relação com a forma de sentido pleno original, passando, por isso, a compor a categoria dos auxiliares. O auxiliar já não pode ser negado sozinho e tampouco pode ocorrer livremente na cláusula, já que sua posição será definida e fixa. Normalmente, o verbo sofre algum processo fonológico (erosão) e perde seu status de palavra autônoma. Para Heine (1993, p.64), o fim desse período é caracterizado pela definição dos comportamentos morfológicos e sintáticos da forma como um elemento gramatical. Comportamento que leva a uma reanálise do que antes era entendido como complemento (“*perdida*”, “*fecha*”), haja vista que esse argumento passa a ser visto agora como o verbo principal da construção.

Aplicando essas características ao objeto que mantemos sob análise, essa etapa é a mais distante alcançada pelo processo de construção do auxiliar *haber* no espanhol, caracterizando, entre outros, o paradigma dos tempos composto de anterioridade na língua moderna. Evidentemente, que esse estado só se fez possível pela intensificação da coesão entre o auxiliar e particípio; evidenciada pela fixação do auxiliar em posição anterior ao particípio, da não interposição de qualquer forma entre os constituintes da construção, além da ausência de concordância do particípio (COMPANY COMPANY, 1983; ROMANI, 2006; RODRÍGUEZ MOLINA, 2010; COMPANY COMPANY; CUÉTARA PRIDE, 2011). Somam-se a essas características a erosão fonética que sofre *haber* (RODRÍGUEZ MOLINA, 2010) e a perda de autonomia enquanto auxiliar dos tempos compostos.

³⁹ Enunciados (40) e (41) coletados por Alarcos LLorach (1980), do *Libro de Alexandre* (Sec. XIII).

Em suma, ressaltamos que nessa fase consolida-se o processo de reanálise da estrutura de valor resultativo herdada do latim e, assim, se viabiliza a consolidação formal dos tempos compostos como conhecemos. Nas palavras de Company Company (1983), o que caracteriza o espanhol moderno quando comparado com o medieval é que os constituintes da perífrase:

[...] *han sufrido un claro proceso de cohesión, indicado fundamentalmente por la gramaticalización del participio, con la consecuente pérdida de concordancia, el orden fijo de los formativos de la construcción: auxiliar + participio y la imposibilidad de interponer constituyentes entre ambos elementos.* (COMPANY COMPANY, 1983, p. 237)⁴⁰

Tais características podem ser contempladas no enunciado (42) e em todos os demais enunciados do espanhol moderno apresentados neste trabalho em que figura o PPC:

(42) *Este año han tirado trescientos millones de litros de agroquímicos.*⁴¹

Este ano, jogaram trezentos milhões de litros de agrotóxicos.

Heine (1993) afirma ainda que nessa fase é comum que se observe um uso híbrido do auxiliar, ou seja, o verbo *haber* pode combinar traços próprios da forma lexical de origem com traços adquiridos com a nova função gramatical desempenhada. Os enunciados (10), (11), (12) e (13), entre outros que este estudo possa revelar a partir da observação de novos dados, apontam para um uso polissêmico do PPC, expressando também os valores de **resultado**, de **continuidade** e de **anterioridade**, numa mesma variedade diatópica da língua.

A fase final (G) no *continuum* de formação dos auxiliares aponta para uma clara redução da estrutura morfofonológica, de maneira que o auxiliar se transforma em um afixo monossilábico. Como previamente afirmado, o auxiliar dos tempos compostos de anterioridade não alcançou esse estágio, nem parece demonstrar comportamentos que indicam a aproximação dessa mudança. Porém, podemos encontrar esse estágio nas formas do *futuro simple* (futuro do presente), cujo paradigma morfológico de conjugação de tempo, modo e aspecto (-*RE*, -*RA*, em “*estudiare*” e “*estudiarás*”, por exemplo) seria resultado da posposição do auxiliar *haber* ao infinitivo, seguida de processos de simplificação do material fônico e de sua fusão à forma de infinitivo. Nas palavras de Company Company e Cuétara Pride (2011),

La creación de los futuros romances consistió en una compleja serie de transformaciones fónicas que erosionó tanto la estructura fonológica del infinitivo como la del verbo haber, las cuales provocaron que ambos perdieran su autonomía sintáctica y morfológica y pasaron de integrar una

⁴⁰ <Tradução nossa> [...] sofreram um claro processo de coesão, indicado fundamentalmente pela gramaticalização do participípio, com a consequente perda da concordância, a ordem fixa dos constituintes da construção: auxiliar + participípio e a impossibilidade de interpor constituintes entre ambos os elementos (COMPANY COMPANY, 1983, p. 237).

⁴¹ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio *Cadena 3*, de Córdoba/Argentina (13/06/2010).

perífrasis, una frase verbal, a constituir una palabra simple. Tales transformaciones pueden caracterizarse de manera general como un complejo proceso de síntesis. (COMPANY COMPANY; CUÉTARA PRIDE, 2011, p. 268)⁴²

A figura 3.4 esquematiza como se deram na prática os processos de mudança do auxiliar junto ao verbo principal no paradigma de *futuro simple*:

Figura 3.4: Etapas da mudança do futuro românico

1: kantáre# h ábeo > 2:kantàre ábeo > 3:kantàre=ábjo > 4:
kantàre=ábjo > 5: kantàre=áyjo > 6: kantàre-áyo > 7: kantàr-áyo
> 8: kantaráj > 9: kantaréj > 10: kantaré

Fonte: Company Company (2006, p.372)

Ao concluir a apresentação dessa proposta, Heine (1993, p.65) reconhece a dificuldade de aplicar ortodoxamente as 7 fases à análise de qualquer auxiliar, mas diz ser possível encontrarmos 4 grandes momentos cujo comportamento do auxiliar é mais explicitamente definido. Entre as fases **A** e **B** marca-se o uso da forma verbal com seu sentido pleno (i), já na fase **C** observa-se um uso denominado pelo autor como de “semi-auxiliar” (ii), por marcar um momento transitório. No terceiro momento, verificável nas fases **D** e **E**, observa-se a forma já com um comportamento de auxiliar (iii) e, finalmente, na etapa **G**, a forma sofrerá grande redução no material fônico e se anexa em formato de afixo ao verbo principal da construção (iv). Conforme mostramos, os três primeiros momentos podem ser identificados na história do auxiliar dos tempos compostos de anterioridade.

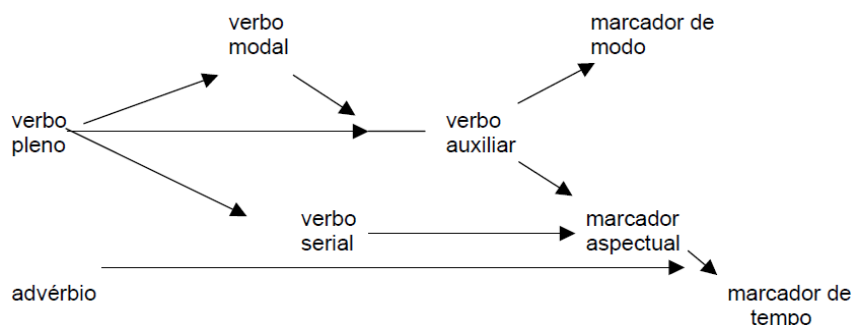
Uma abordagem como a exposta permite-nos entender os auxiliares não somente como uma forma que cumpre uma função gramatical específica (na expressão de tempo, modo e aspecto, por exemplo), mas também como uma forma que recupera uma série de mudanças funcionais que de algum modo repercute no uso atual. A compreensão dessa cadeia de mudanças nos permite ver, no caso do *perfecto compuesto*, um *continuum* que evidencia um movimento sintático-semântico de um eixo em que traços aspectuais são mais marcados (acentuando-se os valores originais da forma plena – posse), até alcançar a expressão de sentidos em que se acentua o valor temporal. Por conseguinte, essa informação pode ser de singular importância no momento de avaliarmos se, de alguma maneira, “o estado de uso do

⁴² <Tradução nossa> A criação dos futuros românicos consistiu em uma complexa série de transformações fônicas que erodiu tanto a estrutura fonológica do infinitivo como a do verbo *haber*, as quais fizeram com que ambos perdessem sua autonomia sintática e morfológica, deixando de integrar uma perífrase, uma frase verbal, para constituir uma palavra simples. Tais transformações podem se caracterizar de maneira geral como um complexo processo de síntese. (COMPANY COMPANY; CUÉTARA PRIDE, 2011, p. 268)

PPS e do PPC descrito em cada uma das variedades corresponde a diferentes estágios de um processo de gramaticalização do PPC na língua espanhola"

Nessa direção, a figura 3.5 ajuda-nos a perceber como o desenvolvimento do auxiliar contribuiu para que se aferissem as quatro etapas de desenvolvimento do PPC. Conforme sintetiza Lehmann (2002) por meio dessa imagem, o processo de dessemantização do “verbo pleno” transforma-o em “auxiliar”. Num primeiro momento, essa transformação permite que o verbo auxiliar funcione como um “marcador aspectual”. Contudo, com o avançar de seu desenvolvimento, o auxiliar pode ainda torna-se um “marcador temporal”.

Figura 3.5: Alguns canais inter-relacionados de gramaticalização de categorias verbais



Fonte: Lehmann (2002, p.32) – Versão ao português de Rodrigues (2006, p.169).

De modo prático, ao se transformar em auxiliar dos tempos compostos, o verbo *haber* – de valor possessivo em sua origem – primeiramente opera em uma construção aspectual, de valor resultativo/continuativo, para só mais tarde torna-se um marcador de tempo, em etapas mais evoluídas da construção *haber+participio*, quando já expressa **antepresente** e/ou **passado absoluto**.

Por fim, o estudo do desenvolvimento do PPC revelou-nos os meandros pelos quais passou essa forma até alcançar o estado atual na língua espanhola. Conforme verificaremos com a análise dos dados, esse complexo processo parece repercutir no funcionamento moderno do PPC e do PPS na língua espanhola e permite-nos entender alguns dos comportamentos observáveis nas variedades diatópicas da língua. Tendo avaliado a mudança do *perfecto compuesto*, iniciamos, a seguir, uma breve reflexão sobre a maneira como essa forma interagiu com o *perfecto simple* ao longo dos séculos, isso para que conheçamos como historicamente têm se acomodado o PPC e o PPS dentro do sistema espanhol e como o estado atual pode ser entendido como mais uma etapa de um processo em construção.

3.1.5 O desenvolvimento da oposição *perfecto simple* e *perfecto compuesto* no espanhol

Moreno de Alba (2006) analisa o desenvolvimento da oposição PPS/PPC entre os séculos XII e XX e toma nota do absoluto predomínio do PPS durante todo o período e textos consultados. Apesar da constante predominância do PPS, o autor afirma que o tipo de texto é um fator que intervém no aumento ou não da frequência das duas formas. Em suas palavras,

Eso permitirá explicar que las crónicas pertenecientes una al siglo XII (GEI) y la otra al XIV (Pedro I), así como las novelas, una del siglo XVI (LT) y otra del XVII (Quijote), empleen casi exclusivamente el indefinido, que ahí la función claramente predominante es la narrativa. Por otra parte, la mayor incidencia de perfectos compuestos, aunque siempre en desventaja en relación con el indefinido, se da en textos dramáticos o epistolares, en lo que o bien los personajes o bien quien escribe la carta tienen en el texto una función de comentadores mejor que de narradores (MORENO DE ALBA, 2006, p. 44).⁴³

Em concordância com o que argumenta Moreno de Alba (2006), a relação existente entre os gêneros discursivos e a recorrência de uma ou outra forma de passado, mesmo em textos oriundos de diferentes séculos, deve-se a que essas formas possuem historicamente funções diferentes dentro do sistema linguístico espanhol, de modo que proceder ao estudo da frequência de uso delas sem considerar suas particularidades semântico-pragmáticas pode mascarar importantes informações sobre seu real emprego ao longo da história da língua.

Nesse sentido, é pertinente observarmos que a função textual preponderantemente **narrativa** das crônicas e novelas implica uma perspectiva temporal de passado, na qual o enunciador concebe o enredo como já concluído e fechado antes ato da enunciação. Em outras palavras, na função **narrativa** observa-se com maior intensidade a expressão de um tempo **passado absoluto** – função atribuída canonicamente ao *perfecto simple*. Por outro lado, a função de **comentário** saliente em textos dramáticos ou epistolares responde os objetivos presentes nesses gêneros, haja vista que se percebe neles uma voz subjetiva que relata situações experimentadas ou observadas temporalmente mais de perto. Característica que retoma uma concepção temporal de passado mais restrita e, de alguma maneira, permeada por traços semânticos que permitem aproximar temporalmente do enunciador a situação passada

⁴³ <Tradução nossa> Isso permitirá explicar que as crônicas pertencentes uma ao século XII (GEI) e outra ao XIV (Pedro I), assim como as novelas, uma do século XVI (LT) e outra do XVII (Quixote), empreguem quase exclusivamente o indefinido, já que aí a função predominante é a narrativa. Por outro lado, a maior incidência de *perfectos compuestos*, ainda que sempre em desvantagem em relação à forma simples, se dá em textos dramáticos ou epistolares, em que tanto os personagens como quem escreve a carta encontram no texto uma função de comentadores, mais do que de narradores (MORENO DE ALBA, 2006, p. 44).

apresentada. Nas palavras de Moreno de Alba (2006), “nos diálogos que mantêm os personagens das obras dramáticas é muito frequente que estes se envolvam como verdadeiros comentadores e não somente atualizem os fatos passados”⁴⁴. Notemos que ditas características são compatíveis com as funções desempenhadas pelo *perfecto compuesto*, expressando o valor de **antepresente**, por exemplo.

Tabela 3.2: Frequência do PPS e PPC ao logo do tempo

	CID XII	GEI XIII	PED XIV	CEL XV	DLN XVI	LZT XVI	QUI XVII	SIN XVIII	MÉX XX	Média %
%PPS	84	97	95	70	57	97	90	53	82	81
%PPC	16	3	5	30	43	3	10	47	18	19

Fonte: Moreno de Alba (2006, p.43) – Adaptação nossa⁴⁵.

Conforme nos revela a tabela 3.2, ao longo da história, observou-se um uso predominante do *perfecto simple*, porém, notam-se textos de alguns períodos em que se destacam um grande aumento no uso da forma composta. Esse crescimento, segundo justifica Moreno de Alba (2006), refere-se ao caso de textos epistolares, *Documentos Lingüísticos de la Nueva España* (DLN – Primeira metade do século XVI), e dramáticos, como é o caso de *La Celestina* (CEL – fim do século XV) e *El sí de las niñas* (SIN – Fim do século XVIII).

A aparente diminuição brusca de PPC no fim do século XVI e do século XVII se deve à observação de textos narrativos, em que, como é sabido, o enunciador procede à apresentação do enredo tomando-o a partir de uma concepção temporal terminada, de **passado absoluto** (PPS). O pouco uso da forma composta estaria sempre associado à fala dos personagens, expressando passados que estão próximos a sua fala.

Segundo Moreno de Alba (2006), o atual sistema de oposição característico do espanhol peninsular – em que o *perfecto simple* refere-se a situações passadas em um âmbito referencial anterior ao momento de fala (**passado absoluto**), enquanto que a forma composta refere-se a uma situação passada, envolta pelo mesmo âmbito de referência temporal do momento de fala (**antepresente**) – formou-se efetivamente no século XVIII. Romani (2006),

⁴⁴ “En los diálogo que mantienen los personajes de las obras dramáticas es muy frecuente que estos se involucren como verdaderos comentadores y no sólo actualizan los hechos pasados” (MORENO DE ALBA, 2006, p. 48).

⁴⁵ Como já relatado, para o estudo do desenvolvimento da oposição PPS/PPC, Moreno de Alba (2006), estabeleceu um *corpus* que envolve textos do século XII até o XX, valendo-se, a título de conhecimento, dos seguintes textos: *El cantar de mio Cid* (CID – meados do século XII), *General estoria: primera parte* (GEI – segunda metade do século XIII), *Crónicas de Pedro I* (PED – Segunda metade do século XIV), *La Celestina* (CEL – fim do século XV), *Documentos Lingüísticos de la Nueva España* (DLN – Primeira metade do século XVI), *Lazarillo de Tormes* (LZT: meados do século XVI), *Don Quijote de la Mancha* (QUI – primeira metade do século XVII), *El sí de las niñas* (SIN – Fim do século XVIII) e a fala da cidade do México (MEX – Segunda metade do séc. XX).

por seu turno, recupera evidências já no espanhol medieval da oposição tal qual é conhecida atualmente, isso porque é nesse período que o PPC vai invadindo gradativamente o domínio do PPS, tomando dele a expressão do valor de **antepresente**.

A singular contribuição do estudo de Moreno de Alba (2006) deve-se, contudo, à percepção de dois processos diferentes de desenvolvimento da oposição entre o *perfecto simple* e o *perfecto compuesto*, um para a América e outro para a Península. Segundo defende o autor, é muito provável que a oposição feita nas variedades americanas fosse muito semelhante à feita no espanhol peninsular até o século XVIII, isto é, com predomínio do PPS para referências **passadas absolutas** ou recentes (**antepresente**), enquanto o PPC era usado mais restritamente, quase sempre para expressar passados perfeitos atualizados, concebidos pelo falante como ainda presente ou que manifestavam efeitos no momento de enunciação. No entanto, conforme sintetiza a figura 3.6, no Novo Mundo “o emprego do *perfecto compuesto* em relação ao *perfecto simple*, diferente do espanhol europeu (em que vai aumentando ao menos nos séculos XIX e XX), vai diminuindo do século XVI adiante”⁴⁶ – tal como nos mostram os dados do tabela 3.3.

Tabela 3.3: Porcentagem de PPS e PPC nos documentos do Novo Mundo hispânico

	PPS	PPC
XVI	61	39
XVII	74	26
XVIII	80	20
XIX	85	15

Fonte: Moreno de Alba (2006, p.57) – Adaptação nossa.

Company Company (2002) também analisa o uso contemporâneo que se faz do *perfecto compuesto* em uma variedade americana (México) e, comparando-o com o uso feito na segunda metade do século XV e início do XVI⁴⁷, afirma que as variedades peninsular e mexicana selecionaram, de maneira diferente, um dos valores em competição nesse período e, por um processo de generalização, pouco a pouco o outro uso foi se tornando cada vez mais escasso. Desse modo, o cotejamento feito do uso atual do PPC na península e no México permite-nos ver, respectivamente, ora a preferência por um valor marcadamente temporal, de **antepresente**, ora a preferência por um valor aspectual, em que se marca a **continuidade** da ação ou de seu resultado no momento de enunciação – tal como se observa na tabela 3.4.

⁴⁶ “[...] *el empleo del perfecto compuesto, en relación con el del indefinido, a diferencia del español europeo (en el que va aumentando por lo menos en los siglos XIX y XX), va disminuyendo del siglo XVI en adelante*” (MORENO DE ALBA, 2006, p. 56).

⁴⁷ Momento prévio à grande divisão dialetal do espanhol provocada pelo descobrimento e colonização do Novo Mundo.

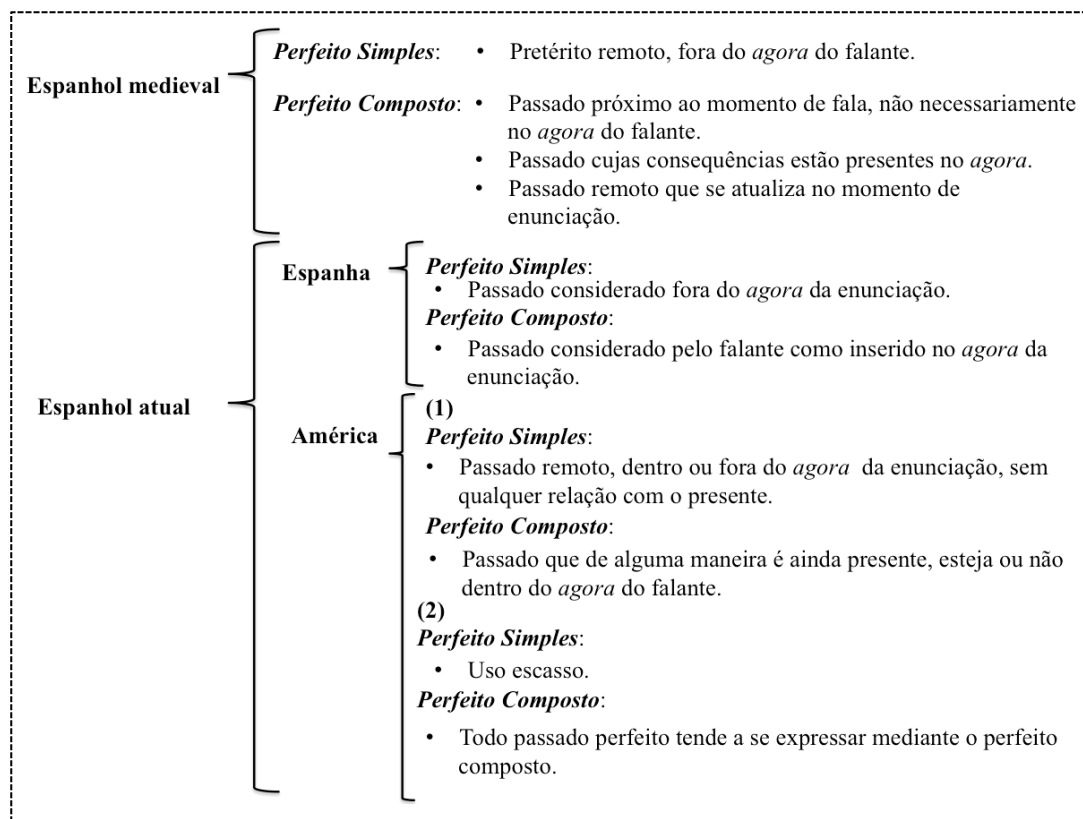
Tabela 3.4: Valores do *perfecto compuesto* no século XX. Espanhol Peninsular vs. Espanhol mexicano

	Referencial-Temporal	Pragmático-aspectual
Espanhol Peninsular	84% (253/300)	16% (253/300)
Espanhol Mexicano	4% (18/404)	96% (18/404)

Fonte: Company Company (2002, p.62) – Tradução nossa.

Em síntese, a mudança funcional dos *pretéritos perfectos* no espanhol seguiu por muito tempo um único caminho. Contudo, com o avanço ultramarítimo da língua (a partir do fim do século XV), o idioma encontrou-se com situações sócio-históricas particulares a cada um dos espaços em que era utilizado. Razão pela qual a oposição entre PPS e PPC se estabeleceu de diferentes maneiras, conforme a variedade diatópica da língua. Como já verificado por meio da figura 3.3, no momento da descoberta e início da colonização do Novo Mundo, a forma composta passava por um período de formação marcado por uma expressiva polissemia que, conforme devem nos mostrar os dados deste trabalho, pode ter conduzido a diferentes estados de uso do PPC, tendo em vista a variedade da língua espanhola analisada.

Figura 3.6: Diacronia e diatopia da oposição PPS/PPC



Fonte: Moreno de Alba (2006, p.64) – Tradução nossa.

Assim, segundo afirma Moreno de Alba (2006 – Figura 3.6), na variedade peninsular madrilenha optou-se por um sistema em que o PPS refere-se fundamentalmente a passados perfeitos considerados fora do âmbito temporal em que se enuncia (**passado absoluto**), ao passo que PPC é usado para situações passadas, mas inseridas no mesmo âmbito temporal em que se desenrola a enunciação (**antepresente**) – valor correspondente a etapas mais avançadas no desenvolvimento do PPC (Figura 3.1). Por sua vez, na América, foi possível o delineamento de dois macrocomportamentos diatópicos. O primeiro, de maior alcance no continente, apresenta um sistema em que a oposição não se deve à distância traçada entre a situação passada descrita e a enunciação – haja vista que ambas as formas podem fazer referência a ações com qualquer distância temporal –, mas ao fato de manter (PPC) ou não (PPS) sua **continuidade** ou **resultado** no presente. Esse comportamento demonstra, portanto, uma marcação aspectual que é resíduo dos primeiros valores adquiridos pela forma composta.

O segundo sistema, restrito à região andina, mostra o PPC referindo-se a qualquer situação em **passado absoluto**. Segundo Moreno de Alba (2006), enquanto se nota no sistema andino um escasso uso da forma simples, no primeiro sistema americano se produz um crescente rechaço do *perfecto compuesto*, de maneira que a substituição de PPC por PPS se dá de modo cada vez mais efetivo a partir do século XVI (Tabela 3.3).

Frente a esse cenário, as conclusões deste trabalho contribuem com informações que permitem reavaliar as afirmações realizadas por Moreno de Alba (2006), na medida em que compararemos uma variedade peninsular (Madri) com duas variedades americanas: a de Buenos Aires e a de San Miguel de Tucumán – esta sob forte influência do espanhol andino, devido a sua história e posição geográfica. Assim, não apenas reavaliamos o estado da arte que descreve o funcionamento das formas do *pretérito perfecto* em espanhol, mas fundamentalmente avaliamos a hipótese de pesquisa que afirma haver diferentes estágios de um processo de gramaticalização das formas do *pretérito perfecto* na língua espanhola.

3. 2 A GRAMATICALIZAÇÃO E OS PRETÉRITOS NO ESPANHOL: FUNDAMENTOS PARA A COMPREENSÃO DOS PROCESSOS DE MUDANÇA

A percepção da atribuição de novas funções linguísticas para formas antigas ou ainda da criação de novas formas destinadas à expressão de funções pré-existentes mostram-nos que a gramática é uma entidade complexa e dinâmica que se recria a todo instante por ação do uso em sociedade – importante mecanismo propulsor da variação e, por conseguinte, da mudança linguística. Nessa direção, Bybee (2006) afirma que:

*Language can be viewed as a complex system in which the processes that occur in individual usage events [...] with high levels of repetition, not only lead to the establishment of a system within the individual, but also lead to the creation of grammar, its change, and its maintenance within a speech community. (BYBEE, 2006, p.730)*⁴⁸

Por seu turno, Lichtenberk (1991) salienta o contínuo estado de constituição de uma gramática. Para o autor, na gramática de cada língua há, em um determinado momento, muitas regularidades rígidas junto a muitos aspectos que são maleáveis em vários graus, de modo que os falantes possuem certo grau de liberdade no manuseio dessas estruturas. Nesse jogo entre o mais rígido e o mais maleável, assume-se que a gramática dá forma ao discurso, enquanto que o discurso também modela a gramática (LICHTENBERK, 1991, p.76)⁴⁹.

Antes de nos aproximarmos com maior propriedade do campo epistemológico que envolve o estudo da gramaticalização, destacamos de que maneira essa abordagem pode contribuir para a compreensão do funcionamento da língua e, mais especificamente, de como se constituem historicamente os *pretéritos perfectos* nas variedades da língua espanhola. Segundo Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p.3 e 4), há quatro principais contribuições do estudo da gramaticalização para a compreensão do desenvolvimento das línguas:

1. A dimensão diacrônica aumenta o poder descritivo da teoria linguística, haja vista que não se limita ao simples apontamento das funções de dada forma, mas possibilita a compreensão de como uma forma chegou a ter dada função.
2. Fatores cognitivos e comunicativos subjacentes ao significado gramatical são muitas vezes evidenciados na observação do processo de mudança.
3. Uma vez que o significado não é estático, mas está mudando constantemente, at-se apenas a um recorte sincrônico não nos permite compreender e explicar os muitos significados atribuídos a uma forma linguística. No entanto, contemplar o recorte sincrônico como uma etapa de um longo processo nos ajuda a explicar a natureza da gramática nos muitos estágios da mudança.
4. As semelhanças entre as línguas naturais são mais facilmente identificadas sob a perspectiva diacrônica.

Quando aplicados à análise das formas do *pretérito perfecto* em variedades do espanhol, esses princípios mostram-nos que o estudo diacrônico que descreve o processo de gramaticalização que sofreu a forma composta deve auxiliar-nos não apenas na compreensão

⁴⁸ <Tradução nossa> A língua pode ser vista como um sistema complexo em que os processos que ocorrem em eventos de uso individual [...] com altos níveis de repetição, não só conduzem ao estabelecimento de um sistema individual, mas também levam à criação da gramática, de sua mudança, e de sua manutenção dentro de uma comunidade de fala (BYBEE, 2006, p.730).

⁴⁹ “[...] *grammars shape discourse, and discourse, in turn, shapes grammars*” (LICHTENBERK, 1991, p. 76)

dos estados de variação entre o PPS e o PPC nas três variedades investigadas, mas fundamentalmente na avaliação da hipótese de que as variedades diatópicas, graças ao princípio da contiguidade geográfica (PENY, 2004, p.42), apresentam sincronicamente diferentes estágios desse processo de mudança funcional que sofreu o *pretérito perfecto*.

Assim, ao possibilitar a compreensão de como uma forma chegou a ter dada função (1), delineamos um *continuum* de desenvolvimento aparentemente comum tanto às variedades da língua espanhola como a outras línguas românicas (4). Diante dessa referência, é possível identificar tendências e características das três variedades diatópicas descritas (2). Em acréscimo, o conhecimento do comportamento histórico do PPC permite-nos apurar com maior precisão valores que foram se tornando secundários com o desenvolvimento do PPC, mas que eventualmente podem ser recuperados em usos específicos (3) – esse é o caso, por exemplo, do valor de **resultado** (Figuras 3.1). A seguir, exploramos o marco epistemológico da gramaticalização e suas contribuições para o estudo da mudança linguística.

3.2.1 Origem e escopo dos estudos de gramaticalização

Conforme descrevem Lehmann (2002), Heine (2003), Hopper e Traugott (2003), a partir do século XVIII os estudos de **gramaticalização** ganham maior repercussão na Europa e nos Estados Unidos. No século XX, destaca-se a figura de Meillet (1912), responsável por atribuir pela primeira vez o termo “**gramaticalização**” (do original francês, *grammaticalization*) ao processo de “atribuição de uma característica gramatical⁵⁰ a uma palavra previamente autônoma” (MEILLET, 1912, p.131)⁵¹. Por meio do processo de **gramaticalização** entendemos, por exemplo, a formação da perífrase de futuro (port. “ir + infinitivo”; esp. “ir+a+infinitivo”), de pronomes de primeira (“a gente”) e segunda (port. “você”; esp. “*usted*”) pessoas e de conjunções como “logo/luego” e “assim/asi”. Comum a

⁵⁰ Hopper e Traugott (2003, p.4) explicam que as **palavras lexicais**, denominadas “palavras de conteúdo” por eles, são usadas para referir-se ou descrever coisas, ações e qualidades, tais como “cadeira”, “correr” e “bonito”. Por sua vez, as **palavras funcionais** ou **gramaticais** são aquelas que indicam relação entre nomes (preposições), ligam partes do discurso (conectivos), indicam se participantes do discurso já são conhecidos ou não (pronomes e artigos) e mostram quão próximos esses participantes estão do falante/ouvinte (demonstrativo). Nessa direção, Gonçalves et. al. (2007, p. 17) afirmam que “ser gramatical identifica categorias prototípicas, cujas propriedades cuidam de organizar, no discurso, os elementos de conteúdo, por ligarem palavras, orações e parte do texto, marcando estratégias interativas na codificação de noções como tempo, modo, aspecto, modalidade, etc”. A definição se faz em oposição às unidas lexicais, que, segundo os autores, identificam “categorias prototípicas, cujas propriedades fazem referência a dados do universo bio-psíquico-social, designando entidades, ações, processos, estados e qualidades” (GONÇALVES et. al., 2007, p. 17).

⁵¹ “*l’attribution du caractère grammatical à un mot jadis autonome*” (MEILLET, 1912, p. 131).

todos os estudos de **gramaticalização** é a distinção feita entre formas lexicais e formas gramaticais, além da percepção de que essas formas originam-se daquelas.

Para Lichtenberk (1991), a **gramaticalização** é um processo histórico que configura um tipo de mudança que tem certas consequências para as categorias morfossintáticas da língua e, por isso, para a gramática (LICHTENBERK, 1991, p. 38). Para Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 4), a **gramaticalização** permite-nos observar como morfemas gramaticais desenvolvem-se gradativamente de morfemas lexicais ou da combinação de morfemas lexicais com outro morfema gramatical ou lexical.

Por seu turno, Kurylowicz (1965) e Lehmann (2002), de modo mais sistemático, salientam que a **gramaticalização** não é apenas a mudança de uma palavra lexical para uma gramatical, mas também o avanço de uma forma já gramatical para uma ainda mais gramatical. Desse modo, é importante destacar que “mesmo a simples passagem de um lexema a uma formação gramatical (se fôssemos restringir gramaticalização a esse processo) não é um salto, mas uma mudança gradual para uma nova função”⁵². Hopper e Traugott (2003, p.1 e 2) explicam que, enquanto processo, o termo refere-se à mudança linguística relacionada às formas lexicais que adquirem, em determinados contextos, funções gramaticais ou, ainda, às construções já gramaticais que adquirem novas funções gramaticais.

O estudo da constituição do *perfecto compuesto* deve elucidar as definições apresentadas, pois, como conferimos, a perífrase de anterioridade (*haber* + particípio) revela-se historicamente como uma construção que se moveu de um eixo lexical – em que seus constituintes não desfrutavam de uma coesão e mantinham seus sentidos lexicais plenos originários – até um eixo mais gramatical – em que, já coesa, a construção opera no nível morfossintático da língua, compondo uma estrutura com uma função temporal própria. Analisando mais internamente essa construção e seu desenvolvimento, verificamos que, simultaneamente, nesse contexto o verbo *haber* foi se modificando quanto à função que desempenhava na perífrase, de modo que deixou de operar como um verbo pleno, com valor de posse, e se transformou, em uma construção específica, em um verbo auxiliar, que carrega consigo as marcas referentes à informação de pessoa, número e temporalidade das perífrases de anterioridade.

O quadro 3.5 sintetiza esses processos históricos que se movem transformando formas lexicais em estruturas (mais) gramaticais. Na linha (i), contemplamos a transformação

⁵² “[...] even the mere transition from a lexeme to a grammatical formative (if we were to restrict grammaticalization to this process) is not a leap, but a gradual shift to a new function” (LEHMANN, 2002, p. 11).

funcional que sofreu *haber* dentro da construção, à medida que ela foi se acomodando como parte do paradigma dos tempos compostos. Na linha (ii), retratamos a acomodação morfossintática que o PPC sofreu até chegar ao estado conhecido no espanhol atual.

Quadro 3.5: Síntese do processo de gramaticalização dos tempos compostos de anterioridade

	LEXICAL >>	>>GRAMATICAL>> (reanálise)	>> + GRAMATICAL (analogia)
(i). Âmbito funcional (<i>haber</i>)	<i>Haber</i> (verbo pleno – posse)	<i>Haber</i> (auxiliar de partic. transit.)	<i>Haber</i> (auxiliar de todos participios)
	[...] <i>que el estoriador sea discreto e sabio e aya buena retórica.</i>	[...] <i>cogida han la tienda.</i>	<i>Confederación general económica [...] ha sido la líder en el gremialismo.</i>
(ii). Âmbito morfossintático (PPC)	<i>Haber</i> + [objeto + participio]	[<i>Haber</i> + participio] + objeto	<i>Haber</i> + participio (completa coesão)
	<i>Litteras scriptas habeo.</i>	<i>De veinte arriba ha moros matado.</i>	<i>Este año han tirado trecientos millones de litros.</i>

Fonte: própria⁵³.

Cabe explicar que a coluna intermediária mostra uma etapa em que já se evidenciam indícios explícitos de gramaticalização: (i) o auxiliar demonstra alguma perda de seu sentido de “posse” original, compõe a perífrase e se associa apenas a participios de verbos transitivos. No âmbito morfossintático (ii), observa-se que a construção foi “reanalisada” e, por isso, alcança um grau de coesão entre auxiliar e participio, compondo, então, uma perífrase⁵⁴.

Contudo, o uso ainda mais gramaticalizado, como encontramos no espanhol contemporâneo, é verificado em etapas mais avançadas do processo, tal qual figura na última coluna – em que, funcionalmente (i), observa-se o auxiliar esvaziado de seu sentido pleno de “posse” e relacionando-se inclusive com participios de verbos intransitivos (analogia), e morfossintaticamente (ii), os constituintes dos tempos compostos com um grau de coesão que já não permite qualquer interpolação de elementos ou a concordância do participio com um elemento fora da construção. Tem-se nessa fase a formação efetiva do paradigma dos tempos compostos de anterioridade. Evidentemente que esses processos representados nas linhas (i) e (ii) são simultâneos e dependentes um do outro.

Voltando-nos à compreensão teórica do processo de mudança gramatical, Hopper e Traugott (2003, p.98) afirmam que a gramaticalização pode ser entendida como o resultado de uma negociação continua de significado em que falantes e ouvintes se envolvem, isto é,

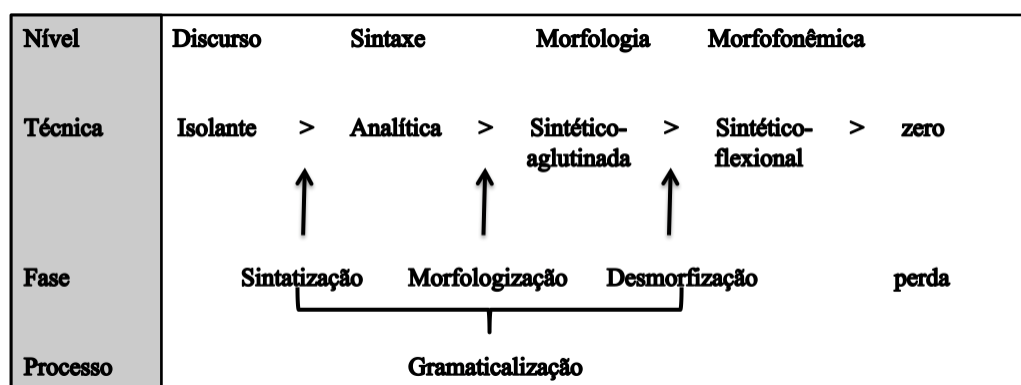
⁵³ Os conceitos de **analogia** e **reanálise** receberão o devido tratamento mais adiante, quando abordarmos os mecanismos de gramaticalização (subseção 3.2.2).

⁵⁴ Porém, ainda se observa nessa etapa que o participio pode vir antes do auxiliar e/ou concordar com o complemento, que, por sua vez, ainda pode se interpor entre haber e o participio.

The potential for grammaticalization lies in speakers attempting to be maximally informative, depending on the need of the situation. Negotiating meaning may involve innovation, specifically, pragmatic, semantic, and ultimately grammatical enrichment (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.98).⁵⁵

Essa negociação visa à eficiência comunicativa e permite que as línguas operem sem rompimentos bruscos, que dificultem a comunicação entre grupos diferentes (COMPANY COMPANY, 2003, p.13). Lehmann (2002) mostra-nos que o resultado dessa transação é um complexo cenário em que diferentes fases entre distintos níveis da língua operam no desenvolvimento da gramaticalização.

Figura 3.7: Fases da gramaticalização



Fonte: Lehmann (2002, p.12) – Tradução nossa.

Para o autor, a gramaticalização divide-se em três fases, tendo seu início quando uma forma ou construção recorrente no discurso começa a ter suas funções originais alteradas, deslocando-se de sua categoria inicial (Figura 3.7). Assim, na fase de **sintatização**, a estrutura passa a assumir funções mais gramaticais, perdendo os privilégios sintáticos de quando era uma forma plena. Tem-se, portanto, nessa fase, a transição entre dois níveis (do **discurso** ao **sintático**) e de duas técnicas (da **isolante** à **analítica**), fazendo com que os elementos deixem de ser analisados como livres (isolante).

Na fase seguinte, da **morfologização** ou da **aglutinação**, a construção analítica é sintetizada em afixos aglutinantes. Essa, portanto, é a fase em que surgem as formas presas da língua (afixos derivacionais ou flexionais) e se caracteriza pela passagem do nível da *sintaxe* ao nível da **morfologia** e da técnica **analítica** à **sintético-aglutinante**. Finalmente, na terceira fase, da **desmorfização**, a unidade da palavra é comprimida, podendo levar o morfema em

⁵⁵ <Tradução nossa> O potencial de gramaticalização encontra-se na tentativa dos falantes serem maximamente informativos, tendo em vista a necessidade da situação. Negociar significado pode envolver a inovação, especificamente, enriquecimento pragmático, semântico e, em última análise, gramatical (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 98).

gramaticalização a desaparecer por completo. Dessa maneira, observa-se o movimento do nível da morfologia para o morfofonêmico, valendo-se, agora, de técnica sintético-flexional.

Importante destacar que, conforme defende Lehmann (2002), nem todas as formas afetadas pela gramaticalização seguem o processo até a etapa final do *continuum* esboçado pela figura 3.7. Tanto é assim que o estudo da história dos tempos compostos de anterioridade no espanhol revela-nos que seu processo de gramaticalização encontra-se interrompido no nível da sintaxe, haja vista que a construção depende da junção do auxiliar *haber* a um particípio operando conjuntamente na expressão do sentido veiculado. A julgar pelo que ocorre com outras línguas românicas em que esse processo encontra-se funcionalmente mais avançado, parece que esse estado deve permanecer inalterado por mais tempo.

De modo semelhante à proposta de Lehmann (2002), Hopper e Traugott (2003⁵⁶) já haviam apresentado uma sequência de fases percorridas pela forma em gramaticalização. Denominado *cline*, o *continuum* move-se do eixo lexical ao eixo mais gramatical, à esquerda:

Figura 3.8: *Cline* da gramaticalização

Item de conteúdo > Palavra gramatical > Clítico > Afixo flexional

Fonte: Hopper e Traugott (2003, p.7) – Tradução nossa.

O *cline* caracteriza-se por uma trajetória natural e diacrônica percorrida por qualquer forma que sofre uma mudança gramatical, de maneira que se retomamos, por exemplo, a trajetória de desenvolvimento do auxiliar *haber*, encontramos a forma deixando seu conteúdo pleno para se tornar uma palavra gramatical. No entanto, diferente do que ocorre com o futuro do presente (*futuro simple* – Figura 3.4), o auxiliar da perífrase de anterioridade não avança no *cline* e, por isso, não se torna um clítico ou afixo. De fato, a progressão para clítico e afixo flexional é mais rara nas línguas românicas, posto que essas línguas não são aglutinantes.

A fim de delinear alguns princípios e comportamentos recorrentes no processo de gramaticalização, partimos para o estudo do princípio de **unidirecionalidade** e das características de **gradualidade** e **frequência** de uso. Como deveremos perceber, alguns deles já foram indiretamente introduzidos na discussão até agora realizada.

Considerado o princípio fundamental e norteador de todo o processo de gramaticalização, a **unidirecionalidade**, delinea um trajeto (*continuum*) de mudança a ser percorrido gradualmente por uma estrutura linguística em direção ao eixo do mais gramatical.

⁵⁶ A primeira publicação da obra de Hopper e Traugott (2003) data de 1993.

Esse princípio assenta sua base no pressuposto da existência de um relação entre dois estágios, A e B, de tal maneira que A sempre ocorre antes de B, e não o contrário (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.100). Segundo Hopper e Traugott (2003), será a **unidirecionalidade** a principal responsável por orientar os mecanismos que viabilizam o desenvolvimento de mudança, a fim de transformar, formal e funcionalmente, uma forma originalmente lexical, em uma construção (mais) gramatical.

Baseados nesse princípio, Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p.14) afirmam que, mesmo em diferentes línguas, é previsível um mesmo percurso de mudança quando se trata de estruturas em gramaticalização que compartilham de um mesmo (ou semelhante) significado de origem. Esse parece ser o caso, por exemplo, da transformação do verbo “ir” em morfema de futuro nas línguas românicas e no inglês, por exemplo.

Voltando-nos ao fenômeno alvo deste estudo, será, evidentemente, o princípio de **unidirecionalidade** que orientará o desenvolvimento do PPC até o uso conhecido atualmente. Tanto é que o estudo do *perfecto compuesto* nas línguas neolatinas permite-nos observar que é possível delinear diacrônica e sincronicamente um *continuum* que vai necessariamente de um domínio mais aspectual – quando se conservam, de algum modo, valores originais da perífrase resultativa/durativa – até um domínio mais temporal – estágio em que *haber* tem suas informações lexicais originais apagadas por completo, tornando-se um verbo auxiliar, de marcação de tempo (LEHMANN, 2002, p.29).

Finalmente, é oportuno observar que esse princípio também embasa a avaliação que faremos de uma de nossas hipóteses de trabalho, segundo a qual o estado de uso do PPS e do PPC descrito em cada uma das variedades corresponde a diferentes estágios de um processo de gramaticalização das formas do *pretérito perfecto* na língua espanhola. Em outras palavras, a contribuição da **unidirecionalidade** se deve a que esse princípio aponta a existência de um *continuum* de desenvolvimento da forma do PPC, pelo qual as variedades linguísticas investigadas passariam – ainda que cada uma a seu tempo.

A **gradualidade**, por sua vez, relaciona-se com o problema da **transição** – nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (2006)⁵⁷ – e revela-nos que “as formas não mudam abruptamente de uma categoria a outra, mas percorrem uma série de pequenas transições” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 6)⁵⁸. Tanto que a proposta das “fases da gramaticalização” de Lehmann (2002) – figura 3.7 – e o “*cline* de gramaticalização” de Hopper e Traugott

⁵⁷ O problema da **transição** e os demais “princípios empíricos para uma teoria da mudança linguística” foram apresentando na seção II, quando discutimos a “Mudança linguística” (tópico 2.2.1.2).

⁵⁸ “[...] forms do not shift abruptly from one category to another, but go through a series of small transitions” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 6).

(2003) – figura 3.8 –, evidenciam um percurso gradativo percorrido pela construção em gramaticalização.

De modo ainda mais prático, o estudo do *pretérito perfecto compuesto* no espanhol explicita-nos, em diferentes níveis, como a mudança gramatical se dá de forma gradual. A título de exemplo, vimos que funcionalmente o *perfecto compuesto* estruturou-se na língua, a princípio, como uma perífrase de resultado – estágio em que o verbo *haber* ainda mantinha fortemente seu valor lexical de posse. Com o tempo, a construção foi passando por alguns estágios de mudança semântica – período em que pouco a pouco *haber* foi se gramaticalizando e se tornando um verbo auxiliar –, até culminar na expressão do **antepresente** e, em algumas variedades/línguas, também do **passado absoluto** – tal qual nos apresenta Harris (1982) por meio da Figura 3.1. É importante observarmos que esse processo se dá gradativamente através da perda de traços aspectuais, e ganho de traços temporais, além, é claro, da gradual acomodação formal que sofre a construção.

Em consonância com o que já haviam demonstrado Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.122) por meio do problema da **transição**, Lichtenberk (1991) afirma que a variação linguística é uma consequência natural da gradualidade da mudança, isso porque uma função/forma inicial (A) nunca será trocada por outra (B) abruptamente, sem um estágio intermediário em que A e B coexistam. Em outras palavras, a alternância sincrônica entre as formas/funções inovadora e antiga evidencia o comportamento gradual da mudança gramatical (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Como veremos mais uma vez, a coexistência de formas será chamada por Hopper (1991) de **estratificação** (*layering*), enquanto que a coexistência de funções atribuídas a uma mesma forma será denominada pelo mesmo autor de **persistência** (Figura 3.2). Em ambos os comportamentos, levam-se anos para que uma das funções/formas prevaleça e já não se observe a variação.

Lichtenberk (1991, p.76) afirma que a natureza gradual da gramaticalização é também manifestada nas mudanças sequenciais de função, pois uma nova função se desenvolve a partir de uma anterior, valendo-se do avanço funcional da etapa antecedente. Assim, o autor propõe o **princípio de mudança gradual de função** (*Principle of Gradual Change in Function*), segundo o qual em uma sequência de mudanças, a função menos diferente da original será adquirida antes daquela mais distinta. Esse princípio explica, entre outros, a sequência de fases que compõem o *continuum* de mudança funcional do *perfecto compuesto* (Figura 3.1), pois verificamos na sucessão dos valores de **resultado**, **continuidade**, **antepresente** e **passado absoluto** uma gradativa perda de traços aspectuais, em detrimento da acentuação do traço referente à informação de tempo.

Desse modo, a percepção da **gradualidade** da mudança permite-nos entender a polissemia da forma composta como resultado desse processo gradual de mudança funcional, permitindo que o PPC ocorra tanto em contexto de **antepresente** como de **passado absoluto**. Por conseguinte, é natural que, ao transitar gradativamente de um eixo temporal para o outro, estabeleça-se momentaneamente uma relação de variação entre o **PPC** e o **PPS**. Essa situação se resolve gradualmente, até que se opte pelo uso categórico de uma outra forma. Tendo em vista esses comportamentos marcados por um desenvolvimento **gradual**, os dados resultantes deste estudo devem revelar que a existência de ambas as formas expressando **antepresente** e/ou **passado absoluto** se deve a que elas ainda passam por um processo de mudança que, futuramente, poderá culminar na definição do campo semântico de atuação de cada uma delas ou, ainda, na manutenção de apenas uma forma na expressão de ambos os sentidos – como já se observa em outras línguas românicas.

Em síntese, juntas, **unidirecionalidade** e **gradualidade**, fundamentam a avaliação de nossas principais hipóteses de trabalho, posto que não só permitem verificar que “o estado de uso do PPS e do PPC descrito em cada uma das variedades corresponde a diferentes estágios de um processo de gramaticalização das formas do *pretérito perfecto* na língua espanhola”, mas ainda permitem-nos entender por que “conforme a variedade diatópica, o PPS e o PPC estão em variação em um ou mais contextos temporais analisados” ou têm seu contexto de uso categoricamente definido.

Por último, a observação da **frequência de uso** revela-nos que, no processo de mudança, as formas inovadoras começam tipicamente como variantes de uso pouco frequente. No entanto, sua frequência aumenta ao longo do tempo até, finalmente, substituir a forma antiga (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LICHTENBERK, 1991). Desse modo é possível delinear uma relação entre a gradualidade da mudança e a frequência de uso das formas, posto que o aumento da frequência pode ser um reflexo do progresso nos estágios da mudança gramatical. Hopper, Traugott (2003), Bybee, Perkins e Pagliuca (1994,) estabelecem também relação entre a frequência e a generalização no uso, isso porque o uso recorrente de uma forma pode conduzir a sua emancipação do contexto discursivo original e aumentar sua liberdade para se associar com uma variedade maior de contextos. Dessa maneira, o estudo da *frequência* dos pretéritos *perfectos* nos âmbitos de **antepresente** e **passado absoluto** pode nos revelar, entre outros, em que direção caminha o processo de mudança das funções atribuídas ao PPS e ao PPC. Por conseguinte, será possível identificar em que fase do *continuum* proposto por Harris (1982) – figura 3.1 – encontra-se o PPC nas variedades diatópicas investigadas.

Tendo pontuado algumas características mais gerais do processo de gramaticalização, nos atentaremos a seguir à observação de alguns mecanismos que operam na realização da mudança gramatical.

3.2.2 Mecanismos de gramaticalização

Segundo Company Company (2003, p.11) e Rodríguez Molina (2010, p.84), é possível distinguir dois níveis de análise dos fenômenos em gramaticalização. Enquanto o primeiro considera o processo como uma macromudança caracterizada por um longo percurso a ser percorrido, o segundo nível focaliza as submudanças inter-relacionáveis que compõem a mudança maior. Assim, no segundo nível de análise, identifica-se uma série de pequenos mecanismos que viabilizam o cumprimento das submudanças. Essas pequenas mudanças organizam-se nos âmbitos fonológico, morfossintático e funcional e, em um efeito acumulativo, desencadeiam e configuram a mudança maior, isto é, a gramaticalização. Por sua vez, Hopper e Traugott (2003, p.39) afirmam que apesar de tornar a mudança possível, esses fenômenos não são absolutos ou obrigatoriamente presentes em toda a mudança, podendo, às vezes, ocorrer sozinhos ou na companhia de outros. Tendo em vista os objetivos deste trabalho, discutiremos nas linhas seguintes quatro desses mecanismos, a saber: **reanálise**, **analogia**, **metáfora** e **metonímia**. Uma vez descritos esses quatro mecanismos fundamentais para a efetivação da gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), apresentaremos sucintamente outros quatro mecanismos (**dessemantização**, **extensão**, **descategorização** e **erosão**) que, segundo Heine (2003), conjuntamente são responsáveis pelo avanço do processo de gramaticalização.

3.2.2.1 Reanálise e analogia (mecanismos morfossintáticos)

Tida como o mecanismo básico da atuação da gramaticalização por ser pré-requisito para a implementação da mudança, a **reanálise** diz respeito à mudança na estrutura de uma forma, isto é, modificam-se as características categoriais e as relações gramaticais da estrutura, sem implicar uma imediata modificação em sua manifestação superficial (LANGACKER, 1977, p.58), caracterizando, por isso, uma mudança sintática que opera de

modo abrupto e não observável diretamente⁵⁹. No mesmo sentido, Hopper e Traugott (2003, p.39) afirmam que as propriedades semânticas e gramaticais das formas são modificadas por meio do mecanismo de **reanálise** e que essas alterações incluem mudanças na interpretação, sem expor de início uma mudança na forma.

Conforme ainda nos explicam os autores, a **reanálise** se origina de um desencontro interpretativo, pois enunciador e enunciatário têm percepções diferentes sobre a estrutura e significado de uma construção. Isso é o que ocorre, por exemplo, quando “*hamburger*” ([*hamburg*] + [*er*]) – prato que recebe o nome de sua cidade de origem *Hamburg*(o)/Alemanha – é reanalisado como [*ham*]+[*burger*], e, mais tarde, [*ham*] é substituído por [*cheese*], [*beef*] ou [*X*], formando *cheeseburger*, *beefburger* ou *X-burger*⁶⁰. Evidentemente, que essa permuta é apenas a explicitação de uma mudança (**reanálise**) que já havia ocorrido silenciosamente no processamento do funcionamento estrutural da construção. Em outros termos, a **reanálise** fica encoberta até que alguma modificação perceptível na forma venha a trazê-la à tona (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.50).

Diferente da reanálise, a **analogia** é um mecanismo perceptível, tornando-se, em muitos casos, a primeira evidência de que uma mudança está acontecendo. Enquanto aquela se preocupa com a mudança de regras, esta consiste na generalização de uma regra já existente a um maior número de contextos. Em termos práticos, é a **analogia** que faz com que se estabeleça relações entre o morfema [*burger*] – resultante da reanálise da estrutura “*hamburger*” – com os demais morfemas – [*cheese*], [*beef*] e [*X*]. Para Hopper e Traugott (2003), a diferença entre os dois mecanismos morfossintáticos reside em que:

Reanalysis essentially involves linear, syntagmatic, often local, reorganization and rule change. It is not directly observable. On the other hand, analogy essentially involves paradigmatic organization, change in surface collocations, and in patterns of use. Analogy makes the unobservable changes of reanalysis observable (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 68).⁶¹

Assim, enquanto a **reanálise** prepara o contexto para a futura substituição de uma estrutura por uma nova, isto é, compondo um nova estrutura gramatical, a **analogia** permite a substituição e a acomodação dessa nova construção no sistema da língua, revelando o

⁵⁹ Harris e Campbell (1995, p.61-64) afirmam que a estrutura profunda diz respeito à estrutura de constituintes, relações sintáticas de hierarquia, categorias gramaticais, relações gramaticais e coesão, enquanto que à estrutura superficial correspondem a morfologia flexiva e a ordem dos constituintes.

⁶⁰ “X-burger” é uma construção que encontramos no português brasileiro.

⁶¹ <Tradução nossa> Reanálise envolve essencialmente reorganização linear, sintagmática, muitas vezes, local e mudança de regra. Não é diretamente observável. Por outro lado, a analogia envolve essencialmente a organização paradigmática, mudança nas colocações de superfície e em padrões de uso. A analogia transforma as mudanças não observáveis da reanálise em mudanças observáveis. (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.68)

surgimento da estrutura reanalisada. É a **analogia** que orienta, por exemplo, a criança a favorecer a ruptura com estruturas irregulares da língua, em prol do uso de estruturas regulares, como ocorre (i) na marcação nominal do plural em inglês (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 68) e (ii) na formação do particípio de alguns verbos em português:

(i) *cat: cats* = *child: X*

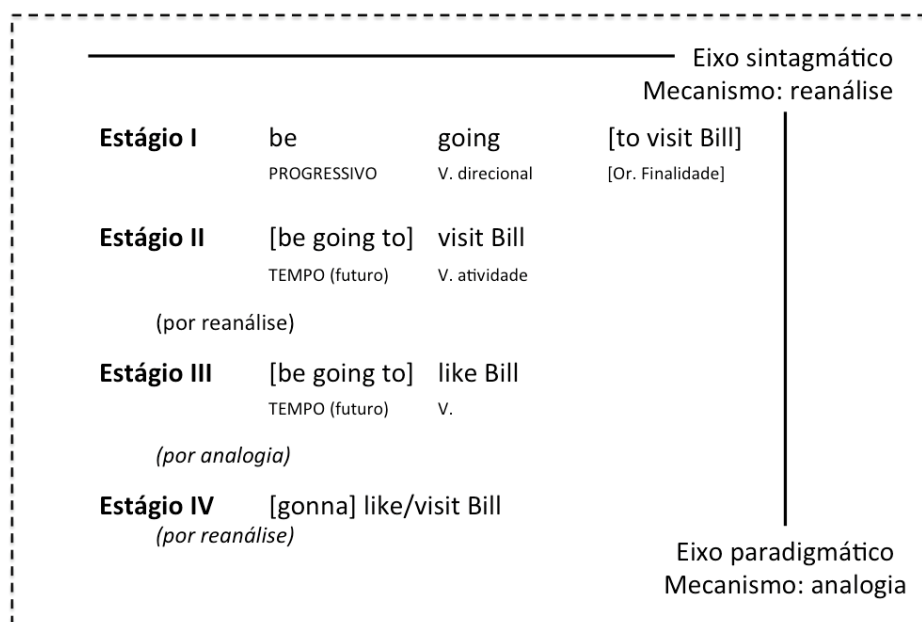
X= childs (em lugar da forma irregular: *children*, trad. “crianças”)

(ii) *comer: comido* = *fazer: X*

X= fazido (em lugar da forma irregular: **feito**)

Hopper e Traugott (2003, p.68 e 69) ainda descrevem a interação dos dois mecanismos por meio da análise do processo de gramaticalização do auxiliar *be going to*. Como observamos na figura 3.9, o estágio I refere-se à fase em que verbo progressivo relaciona-se com uma oração de finalidade. No estágio II, já se nota a construção *be going to* **reanalisada** como auxiliar futuro, mas ainda limitada a verbos de atividade (*to visit*). Adiante, no terceiro estágio, observa-se a extensão, por **analogia**, do uso da construção *be going to* com os demais tipos de verbos, incluindo os de estado (*to like*).

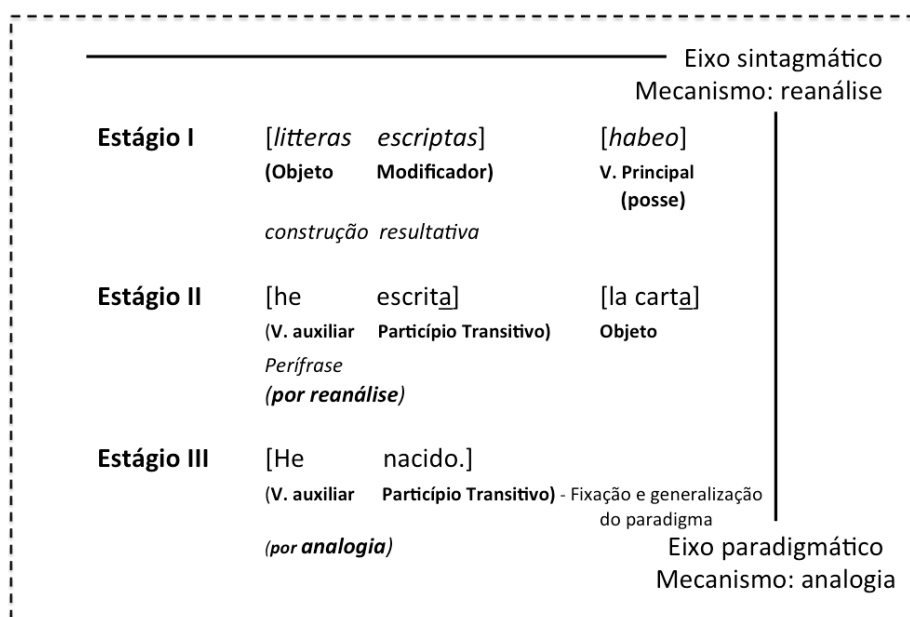
Figura 3.9: Do desenvolvimento do auxiliar *be going to*



Fonte: Hopper e Traugott (2003, p.69) – Tradução nossa.

A exposição realizada sobre o desenvolvimento do PPC no castelhano nos permite delinear a interação desses dois mecanismos na construção da perífrase tal qual é usada na atualidade – nos moldes do que Hopper e Traugott (2003) apresentam para *be going to*.

Figura 3.10: Do desenvolvimento do *pretérito perfecto compuesto*



Fonte: própria.

Conforme sintetiza a figura 3.10, encontramos na base do processo que levou à gramaticalização de “*haber + participio*” o mecanismo de **reanálise**, já que para chegar na leitura do valor de tempo anterior (44) (Estágio II), a construção de valor resultativo (43) (Estágio I) foi reanalisada pelos falantes, alterando as relações sintáticas e semânticas estabelecidas entre *haber*, o participio e o objeto. Segundo defende Rodriguez Molina (2010), um fator que favoreceu a atuação do mecanismo foi a possibilidade de analisar os sujeitos de “*haber*” e do participio como correferentes, viabilizando, nesse contexto, a interpretação de que o auxiliar e o participio compõem uma mesma construção e, por conseguinte, desvinculando o participio do objeto, que primariamente modificava. Na nova leitura temporal, a forma composto (44) difere-se sintaticamente da construção de valor resultativo (43) porque o participio deixa de ser um modificador do objeto, tornando-se um constituinte da perífrase, junto de *haber*.

(43) *Litteras escriptas habeo* => [(objeto + participio)+haber]

(44) [*ya*] *ha presentado finalmente la renuncia* => [(Haber + participio) + objeto]

Por outro lado, a **analogia** atua viabilizando que a nova leitura (função) criada pela **reanálise** se difunda para novos contextos (Estágio III). Assim, a construção inicialmente composta por participios transitivos, passa a ser constituída gradativamente também por verbos intransitivos – conforme nos mostram os dados do quadro 3.5 e da figura 3.10. Por conseguinte, a **analogia** também favorece a eliminação da concordância do participio com o

objeto⁶², fixando a posposição do particípio e excluindo a possibilidade de intercalar qualquer palavra entre os constituintes da perífrase.

3.2.2.2 Metáfora e metonímia (mecanismos funcionais)

Evidência da relevância do contexto no desenvolvimento da gramaticalização, os mecanismos funcionais operam no nível semântico-pragmático e respondem a necessidades discursivas concretas emergentes no uso da língua. Entendida de maneira mais ampla, a **metáfora**, mais do que uma figura retórica, é uma ferramenta cognitiva humana básica que demonstra a capacidade que temos para fazer associações por semelhança, processando um elemento de uma estrutura conceitual “X” em termo de um elemento de outra estrutura conceitual “Y”. Conforme acrescentam Traugott e Dasher (2001),

*Since it operates “between domains” [...], processes said to be motivated by metaphorization are conceptualized primarily in terms of comparison and of “sources” and “targets” in different (and discontinuous) conceptual domains, though constrained by paradigmatic relationships of sameness and differences (TRAUGOTT; DASHER, 2001, p. 27).*⁶³

Hopper e Traugott (2003, p. 84) afirmam que esse mecanismo se define por entender e experimentar uma estrutura pertencente a um domínio em termos de outra, de outro domínio, e organizar-se em uma sequência de transferências a partir de uma base mais concreta em direção a outra mais abstrata; ou seja, a **metáfora** diz respeito ao desenvolvimento de estruturas a partir de outras preexistentes. Contudo, como também destacam Traugott e Dasher (2001, p. 28), é importante considerar que essas transferências ocorrem entre domínios conceituais de “grande escala” – isso para que se diferencie o mecanismo que opera entre diferentes domínios (metaforização) daquele que ocorre no “mesmo domínio” (metonímia). Parece, portanto, que a dimensão do salto é também uma característica importante para avaliar a efetiva intervenção de um mecanismo metafórico.

Em suma, é observado que o mecanismo da **metáfora** não visa à criação de novas formas, mas à introdução de unidades preexistentes em novos contextos ou situações de uso, por meio da extensão de seus significados. Nesse percurso, observa-se um processo de dessemantização, conduzindo uma construção de um domínio concreto (menos gramatical) a

⁶² É importante ressaltar que nem sempre há um complemento.

⁶³ Como opera “entre domínios”, os processos considerados motivados por metaforização são conceituados principalmente em termos de comparação e de “fontes” e “alvos” em diferentes (e descontínuos) domínios conceituais, embora limitados por relações paradigmáticas de semelhanças e diferenças (TRAUGOTT; DASHER, 2001, p. 27).

um domínio mais abstrato (mais gramatical). Em termos práticos, o estudo da gramaticalização do auxiliar *ir/be going to* na expressão do futuro (Figura 3.9) revela algumas características do processo metafórico, isso porque envolve, entre outros, (i) um significado reconhecido como “literal” (deslocar-se no espaço) e outro que é “metafórico” (deslocar-se no tempo); (ii) a transferência de um domínio conceitual (espaço) em termos de outro (tempo dêitico) (HEINE; ULRIKE; HÜNNEMEYER, 1991, p.46).

Por sua vez, a **metonímia** constrói-se a partir de um processo associativo, por meio do qual inferências evocadas na comunicação são semantizadas ao longo do tempo (TRAUGOTT; DASHER, 2001, p. 29). Assim, a **metonímia** caracteriza-se pela contiguidade, já que a mudança de significado que promove resulta de uma interpretação do falante, que, frente à observação de um uso, evoca uma lei da linguagem e, logo, julga poder associar a mesma regra a outro uso. Hopper e Traugott (2003, p.93) afirmam que a mudança desencadeada pela **metonímia** envolve a especificação de um significado em termos de outro subjacente no contexto, isso graças à atitude do falante diante da situação. Nesse ponto, faz-se pertinente recordar que essas associações ocorrem dentro de um mesmo domínio conceitual.

Observando mais atentamente como opera o mecanismo de metonímia inferencial no processo de mudança semântica, Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 286) associam-o ao princípio do menor esforço, segundo o qual o enunciador não diz nada a mais do que deve dizer, enquanto o ouvinte lhe requer tanto quanto seja possível de informação. Desse jogo de exigências resulta que o “ouvinte é obrigado a extrair todo o sentido possível da mensagem, na qual inclui todas as implicações que não sejam controversas”⁶⁴.

Segundo Company Company (2003, p. 39 e 40), nesse processo associativo os falantes sempre relacionam elementos explícitos do contexto linguístico com inferências do contexto – linguístico ou extralinguístico. A inferência que a princípio era do plano individual, com o tempo, torna-se uma inferência convencional compartilhada pelos integrantes daquela comunidade. Mais adiante, o valor inferido torna-se um significado padrão, cristalizado na gramática. Nessa mesma direção, Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p.286) asseveram que:

A semantic change can take place when a certain implication commonly arises with a certain linguistic form. That implication can be taken as part of the inherent meaning of the form, and can even go so far as to replace the original meaning of the form (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p.

⁶⁴ [...] *the hearer is obliged to extract all the meaning possible from the message, which includes all the implications that are not controversial (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 286).*

Novamente, o estudo da gramaticalização do verbo **ir** como auxiliar de tempo futuro permite-nos observar a mudança de significado por associação metonímica. Isso porque, em alguns contextos – como em (45) – é possível explicitar uma dupla leitura: a de movimento (“Aonde o João vai?”) e a de tempo futuro (“O que João vai fazer?”). Com o tempo, esses contextos ambíguos podem definir o sentido contíguo como pertencente à construção e, assim, favorecer o uso do verbo **ir** + **infinitivo** com uma leitura de futuro, como em (46), em que já não é possível aferir o sentido original, de movimento, do verbo **ir** – devido à ausência de um sujeito animado que se locomove no espaço. (GONÇALVES et al, 2007, p. 79).

(45) *João vai comprar um carro.*

(46) *O prédio vai cair.*

O cotejamento de ambos os mecanismos funcionais mostra-nos que a mudança **metafórica** envolve a especificação de um elemento, geralmente mais complexo, em termos de outro que não está presente no contexto. Ao passo que a mudança por **metonímia** implica a especificação de um significado em termos de um outro que está presente, mesmo que apenas de forma implícita, no contexto (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.92). No entanto, observa-se em comum uma marcha unidirecional em busca de um significado mais abstrato.

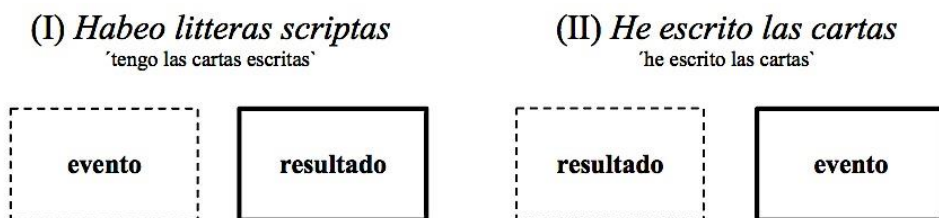
Finalmente, destaca-se que as inferências **metonímica** e **metafórica** não são processos excludentes, mas complementares, que se relacionam com os mecanismos de **reanálise** e **analogia**, respectivamente. Desse modo, enquanto a **metonímia** e a **reanálise** operam no eixo sintagmático e dependem das informações contextuais para sua efetivação, a **metáfora** e a **analogia** operam por correspondência paradigmática e estão ligadas ao sistema conceitual (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.93), de maneira que favorecem ainda mais a ampliação do processo de gramaticalização a outros contextos.

A revisão da literatura sobre a formação *pretérito perfecto compuesto* revela uma postura não totalmente consensual sobre a forma como se dá a interação dos processos de **metáfora** e **metonímia** na construção do PPC. Frente a esse impasse, concordamos com alguns estudos substanciais sobre a história do *perfecto compuesto* (DETGES, 2000; RODRÍGUEZ MOLINA, 2010) e alguns tratados sobre mudança linguística (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; ELVIRA, 2015), segundo os quais verifica-se na contiguidade a possibilidade de que por inferência metonímica um novo significado (de anterioridade)

⁶⁵ <Tradução nossa> Uma mudança semântica pode ocorrer quando uma certa implicação usual surge atrelada a uma certa forma linguística. Essa implicação pode ser tomada como parte do significado inerente da forma, e pode até mesmo substituir o significado original da forma (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 286).

passa a ser atribuído efetivamente à construção (inicialmente resultativa). Esse novo sentido é semantizado à medida que dada inferência torna-se mais frequente tanto estatisticamente, como contextualmente. De modo mais pontual, Rodríguez Molina (2010) mostra-nos, por meio da figura 3.11, que a construção paulatinamente (I) deixou de focalizar o estado resultante de uma ação (ter uma carta escrita) ao passo que (II) foi focalizando a informação até então tomada como inferência, isto é, a ação que antecede o resultado (escrever a carta) – isso porque contiguamente ao valor de resultado (“*cartas escritas*”), está implícita a informação de uma situação passada anterior (“*he escrito*”).

Figura 3.11: A mudança semântica do PPC



Fonte: Rodríguez Molina (2010, p. 1068).

Com base no que descreve o autor, percebemos que o **processo metonímico** que possibilitou a alteração do foco – do ‘resultado’ para a ‘ação precedente’ – favoreceu que a estrutura “[haber]+[objeto+particípio]” fosse **reanalizada** e, já como uma construção mais coesa “[haber+particípio]+[objeto]”, passasse a compor o paradigma dos tempos verbais na língua⁶⁶. De fato, o *locus* mais provável para que o mecanismo metonímico instaurasse a alteração do sentido veiculado pelo PPC encontra-se em construções cujo particípio verbal expressa percepção física ou conhecimento intelectual (averiguar/perceber, etc), isso porque a combinação de *habere* com esses verbos oferece uma leitura distante do conceito prototípico de “posse” de um resultado – como expressava a construção em sua origem. Assim, justamente em um contexto mais ambíguo, o foco deixa de ser na situação resultante (em que se observa a “posse”) e passa a se centrar na situação que originou o estado final⁶⁷. A título de elucidação, tal como se nota em (47), não é possível conceber “aquilo que é averiguado” (*quid exquisitum habeam*) como algo possuído; dirigindo a atenção, por conseguinte, à experiência anterior.

⁶⁶ Ressalta-se mais uma vez, desse modo, a relação existente entre os mecanismos de **reanálise** e **metonímia**.

⁶⁷ É importante salientar que a perífrase, num primeiro estágio de mutação funcional em direção à expressão de anterioridade, não descarta por completo o antigo valor, referente ao resultado de uma situação anterior. Isso porque é natural que o valor original persista (HOPPER, 1991), mesmo que como secundário, em alguns contextos.

(47) *Dicam de istis graecis suo loco, Marce fili, quid Athenis exquisitum habeam.*

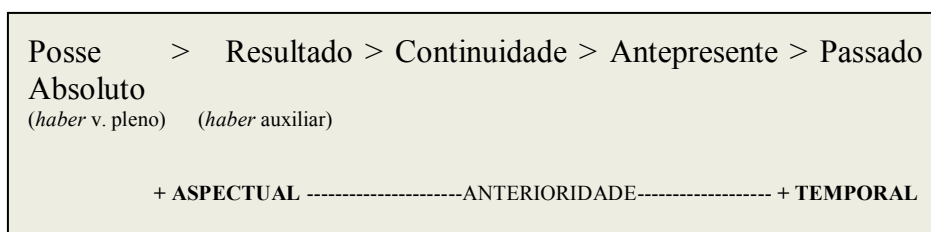
Marco, filho, no lugar oportuno direi o que averigui <he averiguado> desses gregos em Atenas.⁶⁸

Ademais, consideram-se também os complementos verbais abstratos como debilitadores da ideia de estado alcançado, haja vista que com eles os efeitos do resultado do evento prévio são menos palpáveis. Em síntese:

Es posible, entonces, que la combinatoria del verbo HABERE con objetos y participios alejados de la idea de posesión contribuyera a erosionar el significado resultativo de la construcción HABERE + PTCP y facilitara la inferencia pragmática que lleva a privilegiar el evento previo (presuposición) por encima del estado resultante (significado) en estos contextos (RODRÍGUEZ MOLINA, 2010, p. 1068)⁶⁹

Por sua vez, segundo entendem Kempas (2006) e Oliveira (2010), a contribuição dos processos **metafóricos** para o desenvolvimento do *perfecto compuesto* pode ser identificada nos saltos associativos entre diferentes domínios (aspectual => temporal), introduzindo o PPC em novos contextos de uso, por meio da extensão do seu significado. Na figura 3.12, observamos a mudança funcional que sofreu o *perfecto compuesto*, deixando de ser processado como uma construção aspectual para se tornar uma construção temporal.

Figura 3.12: Saltos associativos do PPC: a mudança funcional



Fonte: própria.

Conforme afirma Lehmann (2002, p. 25) – em acréscimo ao já observado na figura 3.5 –, os tempos de passado normalmente provêm dos aspectos perfeito ou perfectivo, por meio de gramaticalização. Conforme nos mostra a figura 3.12, o *perfecto compuesto* teria experimentado uma transferência metafórica, a partir de uma base mais concreta (mais aspectual) em direção a uma mais abstrata (mais temporal e, portanto, dêitica), que lhe permitiu transitar entre duas categorias: do aspecto ao tempo.

⁶⁸ Enunciado e tradução retirados de Rodríguez Molina (2010, p.1054). Tradução oferecida pelo autor do latim ao espanhol: “*Marco, hijo, en el lugar oportuno diré lo que he averiguado de esos griegos en Atenas*”.

⁶⁹ <Tradução nossa> É possível, então, que a combinação do verbo HABERE com objetos e participios distanciados da ideia de posse contribuisse para dessemantização do significado resultativo da construção HABERE + Participio e facilitasse a inferência pragmática que leva a privilegiar o evento prévio (pressuposição) em detrimento do estado resultante (significado) nesses contextos (RODRÍGUEZ MOLINA, 2010, p. 1068).

Consolidada a composição formal da construção (“*haber+participio*”) e o foco na ação passada (em lugar do resultado), fez-se possível uma extensão do sentido expresso pelo PPC. Ainda de base aspectual, o valor de **continuidade**, permite observar a duração/reiteração de um estado ou uma ação anterior até o presente (48). Parece-nos ser esse um passo em direção a um valor mais abstrato, haja vista que busca-se estabelecer uma maior relação entre a ação passada e o momento de enunciação – instante em que é possível verificar a manutenção de estados/ações passadas.

(48) *En estos diez años, se ha construido muchísimo.*

Nestes dez anos, tem-se construído muito.

Dessa maneira, lançam-se as bases para que novamente se observe uma extensão de significado, efetivando a alternância de domínios, posto que com a possibilidade de expressar o **antepresente** a estrutura deixa de focalizar valores do domínio aspectual, para acentuar valores do domínio do *tempus*. Atribui-se um maior grau de abstração às duas últimas fases da mudança funcional do PPC por apresentarem valores fundamentalmente dêiticos que, portanto, se orientam pelo momento de enunciação. Assim, no estágio do **antepresente**, as situações descritas são pretéritas, mas pouco distantes do momento de enunciação, haja vista que necessariamente ocorrem num âmbito temporal de referência que é compartilhado pelo momento de fala (49). Por fim, ao expressar **passado absoluto**, o valor de anterioridade é estendido metaforicamente, passando a envolver qualquer situação passada, mesmo fora do momento de referência em que ocorre a enunciação. Evidencia-se, portanto, um sentido mais genérico e abstrato (50).

(49) *Nos dejas unos minutos para contar lo que ha pasado con la selección [hoy].*⁷⁰

Você nos dá uns minutos para contar o que aconteceu com a seleção hoje.

(50) [...] *en cuanto a las opiniones de los ingenieros, lo hemos dicho ayer.*⁷¹

Em relação à opinião dos engenheiros, já o dissemos ontem.

Dessa maneira, observa-se na sistematização histórica do tempo composto um processo de recategorização da construção “*haber + participio*”, de maneira que o cotejamento, mesmo sincronicamente, de variedades/línguas neolatinas evidencia que a estrutura segue um percurso de abstração originada no âmbito da aspectualidade e que se move em direção à categoria da temporalidade, alcançando, eventualmente, valores mais modais, como identificaram, por exemplo, Escobar (1997), Bermúdez (2005), Jara Yupanqui (2006), Pfänder e Palacios, (2013). Além disso, é importante destacar que o uso do PPC com

⁷⁰ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio Cope, de Madri/Espanha (10/09/2013).

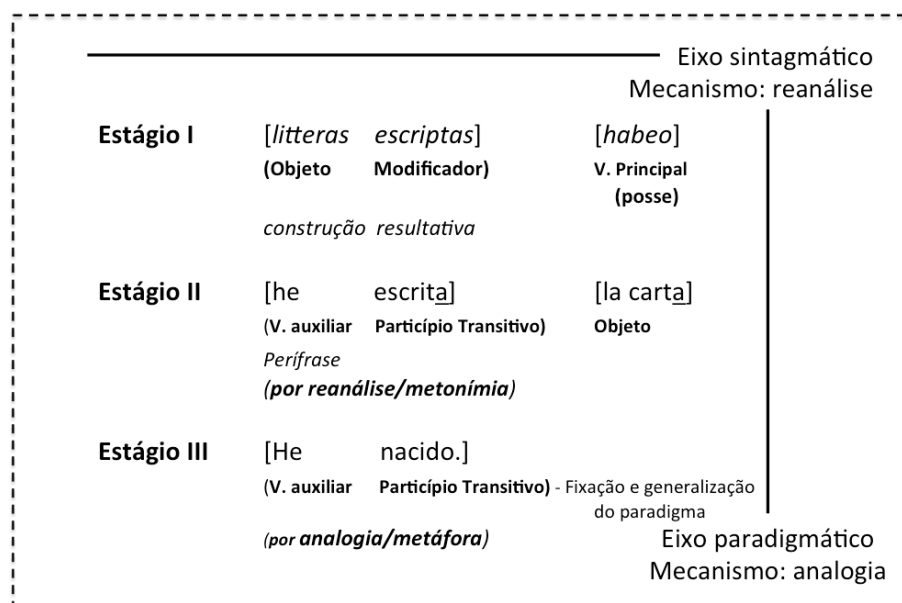
⁷¹ Enunciados (48) e (50) retirados de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio Fish, de San Miguel de Tucumán/Argentina (01/08/2013).

valor de **passado absoluto** não raramente escapa à atenção das descrições gramaticais; no entanto, conforme temos assinalado, esse valor já pode ser identificado atrelado ao PPC em algumas variedades da língua castelhana.

Em suma, o **processo metonímico** se relaciona com a **reanálise**, contribuindo para o início da configuração da construção como uma estrutura pertencente ao paradigma das formas temporais da língua espanhola. Assim, o que antes era uma composição com pouca coesão e atenta aos resultados de uma situação inferida pelo contexto passa por um processo de inferência metonímica, é reanalisada como uma construção coesa e começa a se organizar no sistema da língua como uma forma linguística destinada à observação da ação e seu desenvolvimento. Por sua vez, o mecanismo de **analogia** permite a ampliação e sistematização das características morfossintáticas da construção enquanto que processos **metafóricos** permitem a extensão do uso do PPC a outros domínios semânticos, levando a construção de um uso mais restrito, em que marcava informações aspectuais específicas (**resultado**> **continuidade**), até âmbitos temporais de dimensões mais estendidas, em que passa a expressar valores propriamente temporais de passado (**AP**>**PA**).

Voltando-nos mais especificamente aos objetivos deste trabalho e tendo em vista o interesse em verificar qual(is) dos valores temporais é (são) favorecido(s) no uso do PPC ou do PPS, em cada uma das variedades investigadas, o estudo dos mecanismos funcionais que interferiram no processo de formação do PPC deve auxiliar-nos a identificar até que estágio a forma composta progrediu na expressão dos valores de anterioridade.

Figura 3.13: Dos mecanismos funcionais e morfossintáticos na formação do PPC



Fonte: própria.

A figura 3.13 inclui os mecanismos de metonímia e metáfora no esquema esboçado anteriormente (Figura 3.10), associando-os à reanálise e à anáfora, respectivamente, no processo de formação do PPC. Havendo descrito os mecanismos de **reanálise/analogia** e **metonímia/metáfora** que atuam no processo de mudança do PPC, discutiremos, a seguir, outros quatro mecanismos que, segundo Heine (2003) também atuam no processo de gramaticalização.

3.2.2.3 Os mecanismos de Heine (2003)

Heine (2003, p.579) defende a existência de quatro mecanismos que, apesar de não estarem restritos ao processo de gramaticalização, constituem diferentes componentes desse fenômeno de mudança, permitindo, por isso, que a gramaticalização avance. Ainda segundo o autor, “cada um desses mecanismos dá origem a uma evolução que pode ser descrita sob a forma de um modelo em três fases”⁷², o qual envolve (i) uma expressão linguística “A” que, uma vez selecionada para iniciar o processo de gramaticalização, (ii) adquire um segundo padrão de uso, “B”. Finalmente, (iii) com a perda do padrão inicial “A”, apenas B prevalece (HEINE, 2003, p. 579)⁷³. Por fim, salientamos que, segundo o autor, nem sempre o processo de gramaticalização alcança o estágio (iii).

A análise do uso do PPC mostra-nos, por exemplo, que essa forma adquiriu primeiramente o valor de **antepresente** (“A”) e, só mais tarde, começa a expressar também o valor de **passado absoluto** (“B”). Assim, a análise sincrônica de algumas variedades do espanhol permite-nos verificar o estágio em que tanto a fase “A” como a “B” coexistem (estão variação). No entanto, a observação das línguas francesa e italiana mostra-nos um estágio mais avançado dessa mudança, haja vista que o uso B se generalizou nesses idiomas.

Heine (2003) explica que os quatro mecanismos envolvidos no processo de gramaticalização envolvem tanto perdas (i, iii, e iv) como ganhos (ii) e se relacionam com diferentes níveis da linguagem: semântico, pragmático, morfossintático e fonético, respectivamente. Vejamos os quatro mecanismos:

- i. **Dessemantização** (desbotamento, ou redução semântica): alteração no significado;
- ii. **Extensão** (generalização contextual): uso em novos contextos;

⁷² “[...] *each of these mechanisms gives rise to an evolution which can be described in the form of a three-stage model [...]*” (HEINE, 2003, p. 579).

⁷³ Notemos que esse modelo dialoga com o que já haviam discutido Weinreich, Labov, Herzog (2006) e Lichtenberk (1991) sobre a transição/gradualidade da mudança linguística.

- iii. **Descategorização**: alteração de propriedades morfossintáticas que caracterizam a forma de origem, inclusive quanto ao *status* de palavra independente (clitização e afixação)
- iv. **Erosão** (ou redução fonética): perda na substância fonética.

O primeiro deles, a **dessemantização**, resulta da reinterpretação de um significado mais concreto, em um mais abstrato; mostrando, desse modo, a tendência ao enfraquecimento do sentido pleno original com o avançar do processo de gramaticalização de uma estrutura. É esse o mecanismo que também opera na redução na quantidade de funções que possui uma forma gramatical. A título de exemplo, Heine (2003, p.579) cita o caso das flexões nominais no antigo sueco, em que se observavam morfemas amalgamados expressando simultaneamente gênero, número e caso. Devido ao mecanismo de **dessemantização**, esse morfema flexivo perde uma das três funções, expressando apenas gênero e número na variedade mais moderna da língua.

Esse mecanismo também é observado no processo de mudança envolvendo a construção “*haber+participio*” nas línguas românicas, pois, como já descrevemos, a estrutura que, no princípio, possuía uma função marcadamente aspectual (Resultado) – estágio em que “*haber*” apresenta seu valor lexical pleno de “posse” – transforma-se gradualmente em uma perífrase de valor temporal, de anterioridade – em que *haber* tem seu significado original alterado e se transforma em um verbo auxiliar, esvaziado de seu sentido original (de posse). Assim, a construção move-se entre um eixo de maior concretude (aspecto) a um eixo de maior abstração (*tempus*, uma categoria dêitica). Considerando ainda que antes de se completar integralmente a mudança funcional, é previsível a existência de uma fase intermediária em que a antiga e a nova função coexistem (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LICHTENBERK, 1991; HEINE, 2003), será também a **dessemantização** responsável por promover, mais adiante, a redução semântica do *pretérito perfecto compuesto* à expressão do valor de passado, apenas.

A **extensão**, por sua vez, indica que uma forma pode ganhar novas possibilidades de uso, passando a ser usada em contextos antes não previstos. Nas palavras do autor, a “**extensão** muda o uso de uma expressão linguística ao adicionar um ou mais contextos em que a expressão possa ser usada” (HEINE, 2003, p.600)⁷⁴. De modo prático, tal qual nos revela o estudo diacrônico e sincrônico do *perfecto compuesto* em espanhol, o desbotamento semântico que sofre a forma permite que ela estenda seu uso a novos contextos. Assim, à

⁷⁴ “[...] extension changes the use of a linguistic expression by adding one (or more) contexts in which that expression can be used” (HEINE, 2003, p.600).

medida que a construção tem seus traços aspectuais apagados e começa a adquirir uma função mais temporal, ela tem seu uso estendido, gradativamente, pelos contextos temporais de **continuidade**, **antepresente** e **passado absoluto** – conforme descreve Harris (1982), no *continuum* de mudança da forma composta nas línguas românicas (figura 3.1).

Heine (2003) destaca a **descategorização** como o terceiro mecanismo de gramaticalização e, na mesma direção de Hopper (1991), afirma que, à medida que uma forma adquire um novo significado gramatical, verifica-se uma alteração de propriedades categoriais próprias da estrutura em sua origem. Aliado a essa perda, nota-se que a forma torna-se mais frequente e recorrente em novos contextos de uso (**extensão**), comportamento que favorece a perda de substância fonética, isto é, **erosão**. Novamente, o estudo do auxiliar *haber* ilustra-nos esses mecanismos, haja vista que o verbo pleno de sentido de “posse” (manter, ter) perde a antiga função de verbo transitivo e adquire a função gramatical de auxiliar, operando na marcação do tempo, modo, aspecto, número e pessoa dos tempos compostos de anterioridade. Finalmente, a transformação de *avemos cantado* em *hemos cantado* e a definição do caráter átono do auxiliar *haber* evidenciam a **erosão** – quinto mecanismo – atuando no auxiliar (RODRIGUEZ MOLINA, 2010, p.86).

Por fim, Heine (2003) ainda afirma que os últimos três mecanismos, isto é, a **extensão**, a **descategorização** e a **erosão**, pressupõem sempre o mecanismo de dessemantização. Em outros termos, parece ser o movimento de alteração do significado da construção resultativa (*Haber* + [**objeto** + **particípio**]) em uma construção temporal de anterioridade ([*Haber* + **particípio**]) o agente articulador de outros mecanismos que, em consequência, também operam no processo de gramaticalização do *pretérito perfecto*. Esperamos que a articulação do aporte teórico oferecido pelos estudos dos mecanismos de gramaticalização segundo Heine (2003) permita-nos melhor compreender os estados que descreveremos do uso dos *pretéritos perfecto simple* e *compuesto* nas três variedades diatópicas que estudaremos, contribuindo, desse modo, para avaliar, se, de fato, há diferentes estágios de mudança das formas do *pretérito perfecto* na língua espanhola.

3.2.3 Indicadores de gramaticalização

Uma vez apresentado o processo de gramaticalização no que diz respeito a seu funcionamento, características e mecanismos, vamos nos ater, nesta subseção, ao estudo de alguns indicadores dos estágios de gramaticalização. O estudo desses indicadores deve nos servir como mais uma ferramenta na avaliação da hipótese relacionada ao processo de

gramaticalização do PPC, posto que identificam os diferentes estágios da mudança gramatical e, assim, ressaltam o caráter gradual da mudança (HOPPER, 1991).

Duas propostas se destacam na definição desses parâmetros, uma conduzida por Lehmann (2002⁷⁵) e outra, por Hopper (1991). No entanto, discutiremos, nas linhas seguintes, apenas a proposta deste autor, posto que a proposta de Lehmann (2002) tem uma melhor aplicabilidade em fenômenos em grau mais avançado de gramaticalização – quando o estágio de morfologização (Figura 3.7) já foi alcançado (HOPPER, 1991, p. 21). Vale recordar que, apesar da extensa história de desenvolvimento do *pretérito perfecto* na língua espanhola, verificamos que essa forma ainda se vê presa à fase de *sintatização* – (Figura 3.7).

A fim caracterizar os diferentes estágios de gramaticalização, Hopper (1991, p.22) delinea cinco “princípios de gramaticalização”: (i) estratificação, (ii) divergência, (iii) especialização, (iv) persistência e (v) descategorização. Sobre o princípio da **estratificação** (*layering*), o autor observa que novas camadas emergem continuamente em um domínio funcional sem implicar o automático apagamento de camadas antigas, mas sim uma coexistência entre o novo e o antigo. O uso de uma ou outra possibilidade pode estar relacionado a questões sociolinguísticas, estilísticas ou ainda por pequenas nuances de significado (HOPPER, 1991, p. 23). Em outros termos, a **estratificação**, mostra-nos que o avançar da mudança gramatical não implica a imediata eliminação de formas antecedentes, de maneira que podemos facilmente encontrar estruturas de diferentes fases do processo de mudança coexistindo em um mesmo corte sincrônico. Segundo Hopper (1991, p.23), pode-se identificar esse processo ocorrendo, por exemplo, na expressão de passado em inglês, posto que é possível diferenciar uma camada antiga – em que a marcação da forma de passado se faz pela alternância de vogais em “verbos fortes”, como *drive/drove* e *take/took* – de uma camada mais recente – em que para se indicar a forma de passado faz-se uso de um sufixo apical ([t] ou [d]), como em *notice/noticed* e *walk/walked*, derivado de um verbo auxiliar.

Como já discutimos e sistematizamos na figura 3.2, esse princípio também pode ser observado na relação historicamente estabelecida entre as formas simples e composta do *pretérito perfecto* na expressão dos domínios temporais de **antepresente** e **passado absoluto**, isso porque conforme a variedade analisada, uma ou/e outra forma pode ser selecionada para veicular os referidos valores. Esse comportamento se deve a que com o avançar da gramaticalização da forma inovadora (PPC), a referência de passado antes destinada apenas ao PPS (antiga camada) passa a ser também disputada pelo PPC (nova camada), de maneira

⁷⁵ A primeira publicação da obra de Lehmann (2002) data de 1982.

que esse conflito não se resolveu igualmente em todas as variedades da língua espanhola. Assim, considerado o princípio de **estratificação**, espera-se que quanto maior for o uso da forma composta nos contextos de **antepresente** e de **passado absoluto**, maior seja o indício de que o PPC encontra-se em um estágio mais avançado do *continuum* de mudança funcional.

Frente a esse cenário potencial de competição é que se coloca o questionamento condutor deste trabalho. Isto é, nosso interesse em proceder ao estudo da variação das formas do *pretérito perfecto* decorre da percepção de que essa informação pode evidenciar que o estado de uso descrito nas três variedades diatópicas corresponde a diferentes estágios de gramaticalização da forma composta. A comprovação dessa hipótese se faz possível porque, como vimos, o uso preferencial do PPC em contextos de **antepresente** e **passado absoluto** aponta um avanço dessa forma no contexto anteriormente reservado ao PPS e, por conseguinte, um maior estágio de gramaticalização do *perfecto compuesto*. Por outro lado, o uso categorial do PPS nesses âmbitos temporais é uma aparente evidência de que o PPC não teve um progresso funcional tão evidente – ao menos, dentro do *continuum* de gramaticalização apresentado por Alarcos Llorach (1980), Harris (1982) e Detges (2006).

O segundo princípio, da **divergência** (*divergence*), é evidenciado quando uma forma gramaticalizada existe juntamente com a forma anterior, tendo ambas as formas independência quanto a sua história na língua. Em outras palavras, o princípio de **divergência** resulta da existência de múltiplas formas que compartilham de uma mesma base etimológica, mas que divergem funcionalmente. Diferente da **estratificação**, que envolve diferentes graus de gramaticalização dentro de um mesmo domínio funcional, a **divergência** caracteriza-se por haver uma forma gramaticalizada em um domínio e sua forma anterior operando em outro domínio, sem qualquer laço de dependência (HOPPER, 1991, p.24). Esse comportamento é o encontrado na observação o uso de *haber* no espanhol, forma que opera como auxiliar do PPC (*hemos escrito*), mas que também pode ser encontrada na perífrase de modalidade deôntica (*hemos de considerar* – em (51)) e na expressão de existência impessoal (*hay* – em (52)). Resultados de processos diferentes que sofreu “*haber*”, as três funções são verificadas no uso moderno do espanhol e se originam de uma mesma forma-base, cujo sentido era de posse.

(51) *Por eso, hemos de considerar una y otra vez que la verdadera soberanía reside en el pueblo [...].*⁷⁶

Por isso, temos de considerar uma e outra vez que a verdadeira soberania reside no povo.

⁷⁶ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal argentino *La Nación*, de 20/11/2014. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1745528-la-soberania-regalada>>. Acesso em 08/05/2016.

(52) *Obviamente sí, hay una voz, tiene que ver con la insatisfacción [...].*⁷⁷

Obviamente sim, há uma voz, tem a ver com a insatisfação.

A **especialização** (*specialization*) – terceiro princípio de Hopper (1991, p.25) – é verificada na limitação de possibilidades de funções atribuídas a uma forma dentro de um domínio funcional. Assim, um feixe de usos com pequenas nuanças semânticas, existente em uma etapa inicial do processo de gramaticalização, pouco a pouco se reduz e, por conseguinte, um dos usos vai se sobressaindo aos demais. À medida que uma dessas funções começa a ter maior expressividade, as opções da forma ficam mais limitadas e, em resposta ao maior grau de gramaticalização alcançado, a forma se torna, em alguns contextos, obrigatória.

Conforme nos mostra Hopper (1991, p.26), esse princípio esclarece o processo de gramaticalização da negação em francês (53), pois antes de se tornar a partícula geral/especializada na negação, “*pas*” apenas reforçava, especificamente após verbos de movimento, a negação marcada com “*ne*” – isso porque “*pas*” mantinha seu valor lexical original (“passo”)⁷⁸. Como o tempo, “*pas*” teve seu valor original alterado, estendeu seu uso e se tornou a única partícula de negação (especializada), aplicável para todos os contextos. Atualmente, na modalidade oral da língua, pode-se inclusive apagar a marca original de negação “*ne*”, mantendo apenas a partícula “*pas*” – como se observa no fragmento (54), da canção “*Je sais pas*”, cantada por Céline Dion (1995).

(53) [...] *le Guadeloupéen ne passe pas inaperçu [...].*⁷⁹

[...] o guadalupense não passa despercebido

(54) *Je suis pas victime, je suis pas colombe* (DION, 1995).

Não sou vítima, não sou pomba.

Esse princípio pode ser encontrado também na observação da história do *perfecto compuesto* nas línguas românicas, isso porque nota-se que o PPC especializou-se em cada língua na expressão de um dos valores previstos pelo *continuum* elaborado por Harris (1982) – Figura 3.1 e Quadro 3.1. Especificamente sobre o uso do *perfecto compuesto* no espanhol, temos observado que as variedades diatópicas apresentam um uso bastante polissêmico da forma composta. Não obstante, é possível delinear uma função se destacando diante de outros usos menos recorrentes. Assim, tanto os estudos sobre o espanhol argentino (ARAUJO,

⁷⁷ Enunciado retirado da revista eletrônica argentina *Ohlala*, de 26/12/2014. Disponível em: <<http://www.revistaohlala.com/1745465-leonora-balcarce-no-tengo-idea-de-comosere-como-madre>>. Acesso em 08/05/2016.

⁷⁸ Nesse período, o francês antigo ainda dispunha de outras partículas de reforço de negação – como, por exemplo, “*point*” (“ponto”), “*mie*” (“migalha”) e “*gote*” (gota) –, cujos usos estavam igualmente restritos a formas verbais específicas.

⁷⁹ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal *Le Figaro*, de 12/08/2016. Disponível em: <<http://sport24.lefigaro.fr/jeux-olympiques/rio-2016/actualites/manuel-dubout-le-match-des-geants-819506>>. Acesso em 12/08/2016.

2012a, 2013; ARAUJO; BERLINCK, 2013) como sobre o espanhol mexicano (COMPANY COMPANY, 2002; MORENO DE ALBA, 2006), por exemplo, mostram-nos uma preferência por valores tidos como mais aspectuais, como os que figuram nos primeiros estágios da gramaticalização do *perfecto compuesto*. Ao passo que estudos sobre as variedades peninsulares apontam uma tendência ao uso mais próximo do eixo da temporalidade (SCHWENTER, 1994; HOWE; SCHWENTER, 2003, 2008; SCHWENTER; CACOULOS, 2008; SERRANO, 1994, 1995).

Tendo descrito o comportamento do PPC e do PPS nos contextos temporais de **antepresente** e **passado absoluto**, o princípio de **especialização** também nos irá servir como um eficiente avaliador do estágio de gramaticalização do PPC nas variedades linguísticas estudadas. Isso porque, quanto mais categórico for o uso do *perfecto compuesto*, em contexto de **antepresente** e, sobretudo, de **passado absoluto**, maior será o estágio de mudança funcional da forma. Por conseguinte, o princípio de **especialização** deve ajudar-nos também a observar se o PPS, originalmente responsável pela expressão dos valores de **passado absoluto** e **antepresente**, teve seu comportamento alterado, em resposta ao avanço do PPC na expressão de valores mais temporais (**antepresente**>**passado absoluto**).

O quarto princípio elencado, da **persistência** (*persistence*), diz respeito à manutenção de traços semânticos da forma original no seu uso mais gramaticalizado. Conforme defende Hopper (1991, p.28), a relação do significado de uma forma gramatical com sua origem lexical pode estar opaca em fases mais avançadas. Contudo, em etapas intermediárias, espera-se observar uma forma polissêmica, ou seja, ainda não totalmente especializada, cujos usos refletem vestígios de um significado dominante anterior. Conforme descrevem Gonçalves et al (2007, p.83), a aplicação desse princípio demonstra que a ideia de coletividade presente no substantivo “gente” ficou retida na forma gramaticalizada “a gente”, contribuindo para sua referência indeterminadora. Tanto é assim que se observa uma maior probabilidade do uso de “a gente” fazendo referência a um grupo grande e indeterminado do que se referindo a um grupo pequeno e determinado.

Por sua vez, a história do *perfecto compuesto* e as descrições sincrônicas feitas de seu comportamento em algumas variedades diatópicas mostram-nos ser possível verificar esse princípio operando também no processo de gramaticalização do PPC. Conforme já pontuamos, na Argentina e no México, por exemplo, é possível perceber que a forma composta permite a alternância sincrônica de dois ou mais valores descritos por Harris (1982), havendo, contudo, maior favorecimento por valores aspectuais. Dessa maneira, devido ao princípio de **persistência**, é possível que ainda hoje o uso do *perfecto compuesto* possa

apresentar algum vestígio semântico que resulte da **persistência** de valores próprios de sua forma original de formação, quando trazia um forte sentido aspectual, de resultado.

Finalmente, a **descategorização** (*de-categorization*) diz respeito à alteração de marcas próprias de uma categoria, implicando na perda da autonomia discursiva que dispunha a estrutura. Em outras palavras, esse princípio mostra que uma forma em gramaticalização tende a alterar ou neutralizar as marcas morfológicas ou sintáticas da sua categoria de origem. Esse princípio pode ser verificado no estudo do pronome “a gente”, em que já não se observa a presença de processos morfossintáticos (flexão de número, grau, derivação, etc) próprios da forma de origem “gente”, pertencente à categoria de substantivo (GONÇALVES et al, 2007, p.84). Também como nos revela o estudo da formação do auxiliar dos tempos compostos de anterioridade, o verbo *haber*, cujo sentido lexical de origem era de “posse”, passa por um processo de descategorização, transformando-se em auxiliar de tempos compostos.

Em síntese, os princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991) explicitam-nos não apenas o caráter gradual e unidirecional da mudança, mas se revelam como importantes indicadores de como se desenvolve o processo de gramaticalização. A aplicação desses cinco princípios ao estudo do *pretérito perfecto* mostra-nos que, apesar do PPC já se apresentar na língua como uma construção de anterioridade, e, portanto, resultante de um processo de gramaticalização, seu desenvolvimento na língua espanhola ainda não encontrou seu integral completamento. De maneira que, como vimos, essa construção ([haber+particípio]+[objeto]) poderá percorrer uma cadeia de funções gramaticais, cada vez mais abstratas (**resultado** > **continuidade** > **antepresente** > **passado absoluto**) – não restringindo-se, portanto, à expressão de apenas uma função específica (HEINE, 1993, p.68).

Isso posto, esperamos que fundamentalmente os princípios de **estratificação**, **especialização** e **persistência** auxiliem-nos na análise do uso das formas do *pretérito perfecto*, dando-nos apoio teórico na avaliação da hipótese que observa os diferentes estágios de mudança das formas do *pretérito perfecto* na língua espanhola.

Para concluirmos, o estudo do *percurso e história do passado em espanhol* sob o ponto de vista da gramaticalização permite que nos aproximemos do *pretérito perfecto simple* e *compuesto* respeitando a complexidade que rodeia suas origens e desenvolvimento na expressão dos sentidos de **AP** e **PA**. Ao agirmos assim, esperamos encontrar na história da língua razões que auxiliem no esclarecimento do atual estado de uso dos pretéritos nas variedades de Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán.

Amparados por essa abordagem, verificamos que o desenvolvimento do *perfecto compuesto* nas línguas românicas e, mais especificamente, no espanhol, caracteriza-se por

uma gradual e progressiva mudança em direção à expressão de tempus (categoria menos concreta). Desse modo, os traços aspectuais (de **resultado** e **continuidade**) próprios da origem da construção vão se alterando à medida que a forma composta vai se apropriando de valores mais temporais, o que lhe permite expressar os sentidos de **AP** e, até mesmo, de **PA**.

A mudança funcional sofrida pelo *perfecto compuesto* colocou-o em condição de competição com a forma simples na expressão dos respectivos valores. Frente à configuração dessa variável, vimos que as línguas românicas apresentaram diferentes ajustes. O francês e o italiano, por exemplo, restringiram o uso do *perfecto simple* a registros muito específicos e generalizaram o uso do *perfecto compuesto* na expressão dos valores de passado. O espanhol, por sua vez, parece ter permitido diferentes acomodações das formas do *perfecto* nas variedades diatópicas da língua – apesar da existência de uma norma que afirma a generalização de PPC na expressão do **AP** e do PPS na expressão do **PA**.

Nesse sentido, Moreno de Alba (2006) acusa a composição de três normas de uso historicamente constituídas na língua espanhola: peninsular, americana e andina – não por acaso, nosso trabalho investigará três variedades (Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán) relacionadas, de algum modo, aos respectivos dialetos apontados por esse autor.

Por fim, a consciência da existência de um processo de gramaticalização por detrás do uso aparentemente divergente e variável dos pretéritos nas variedades do espanhol conduz-nos à percepção de que a variação no uso (**estratificação**), a polissemia (**persistência**) ou, ainda, a **especificação** funcional das formas verbais são comportamentos que apontam para uma mudança que parece ainda estar em construção na língua. Assim, a descrição diatópica que faremos do espanhol contemporâneo se tornará mais coerente e clara por considerar o recorte sincrônico como uma etapa de um longo processo ainda em desenvolvimento.

ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA O ESTUDO DA EXPRESSÃO DOS VALORES DE ‘ANTEPRESENTE’ E ‘PASSADO ABSOLUTO’ EM ESPANHOL

Com a presente seção, visamos ao esclarecimento do percurso metodológico percorrido a fim de alcançar os objetivos propostos para este estudo. Com esse objetivo, expomos, nos parágrafos seguintes, a necessidade de proceder ao estudo das formas do *Pretérito Perfecto Simple* e *Compuesto* – variável dependente – sob a perspectiva **anomasiológica**. Em seguida, descrevemos e justificamos as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas envolvidas na análise que desenvolvemos neste trabalho, bem como a contribuição do uso do *software Goldvarb Yosemite* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2015) para nossa análise. Por fim, apresentamos e justificamos o *corpus* utilizado para análise de dados e os procedimentos de compilação.

4.1. DAS CONTRIBUIÇÕES DAS ABORDAGENS SEMASIOLOGICA E ONOMASIOLOGICA PARA A DELIMITAÇÃO DA VARIÁVEL DEPENDENTE

Tomados da lexicologia histórica, os termos **semasiologia** e **onomasiologia** fazem referência a duas maneiras de proceder aos estudos do léxico de uma língua. No entanto, o modo como cada uma dessas abordagens observa seu objeto de análise e o tipo de informação que cada uma delas recupera permitem-nos aplicá-las também a outros níveis da língua. Por isso, valemo-nos da caracterização dessa dupla abordagem para justificar os objetivos deste trabalho e as decisões tomadas quanto à forma de proceder ao estudo do PPS e do PPC.

Interessado em descrever a atuação das duas abordagens na “gramaticografia”, Lehmann (2011) afirma que

[...] uma gramática terá uma estrutura diferente dependendo de se toma a estrutura da expressão como princípio de organização e leva de uma expressão ao conjunto de conceitos e funções gramaticais, ou ao contrário usa o mundo das operações e conceitos cognitivos e comunicativos como princípio de organização e atribui, a cada elemento ou operação, um conjunto de expressões disponíveis na língua (LEHMANN, 2011, p. 2).

Dessa maneira, espera-se que ao proceder ao estudo das formas verbais, o investigador possa se orientar pelos mesmos eixos. De modo que observará, no primeiro, o comportamento de uma forma verbal nos muitos contextos em que ela é instaurada, aferindo-lhe, a partir da

observação dos usos, seus sentidos e funções. Por outro lado, sob a perspectiva do segundo eixo, o investigador selecionará uma concepção temporal e observará as formas verbais que se afiliam a ela na expressão do valor do domínio temporal observado (MORENO DE ALBA, 2006). Assim, ao tomar isoladamente uma estrutura da língua como ponto de partida para analisar seus sentidos, verificamos a primazia do enfoque **semasiológico**. Contudo, quando se deseja entender como dado conceito se exprime na língua, observando a multiplicidade de expressões que compõem dado domínio, dá-se espaço à abordagem **onomasiológica** (BALDINGER, 1966; LEHMANN, 2011).

Alvo de críticas, a **semasiologia** já foi desprestigiada e tachada como uma concepção linguística ultrapassada. Baldinger (1966), no entanto, ergue-se em defesa da abordagem mostrando que seu aprofundamento permite a interpretação segura de um texto, na medida em que revela os comportamentos e sentidos das formas linguísticas nos diferentes contextos em que são empregadas. O autor ainda identifica nesse enfoque a importância dada ao aspecto extralinguístico no estudo da composição do sentido e, nessa direção, afirma que:

[...] à palavra-base com sua significação central acrescenta-se uma nuance especial segundo a situação na qual ela é empregada [...]. Quando digo que isto depende da situação, quero dizer ao mesmo tempo que isto depende do meio, da situação social e do ofício daquele que se exprime. (BALDINGER, 1966, p. 18-19)

Salienta-se dessa maneira que a tarefa **semasiológica** interessa-se também pelo estudo das características estilísticas, sociais, históricas e culturais relacionadas ao emprego da forma linguística em análise, abrindo precedentes inclusive para o estudo diacrônico, a fim de avaliar como se dá a modificação da estrutura **semasiológica**.

Essa foi a postura assumida na dissertação de mestrado intitulada *Os valores atribuídos ao pretérito perfecto compuesto espanhol nas regiões dialetais da Argentina* (ARAUJO, 2012a, 2013), cujo objetivo foi marcado pelo interesse em descrever o comportamento do *pretérito perfecto compuesto* e os valores decorrentes de seu uso. Com esse propósito, encontrou-se a forma verbal expressando os valores de **antepresente**, **passado imediato**, **resultado**, **experiencial**, **continuidade**, **passado absoluto**, **antepretérito** – em escalas diferentes de recorrência conforme a região diatópica considerada. Somou-se ao quadro de objetivos o anseio por descrever o fenômeno diatopicamente, apontando diferenças no uso através do espaço. Essa informação possibilitou o delineamento de três isoglossas que marcam a abrangência espacial de três normas de uso do PPC na Argentina (Figura 4.1).

Finalmente, os resultados da análise conduziram à elaboração de hipóteses sobre processos históricos que poderiam justificar o atual panorama de uso da forma verbal na

Argentina, posto que as três áreas linguísticas delimitadas por este estudo correspondem aos espaços em que se desenvolveram os três principais processos de colonização do país – conforme descrevem Vidal de Battini (1964) e Lipsky (1994). Desse modo, parece claro o tratamento **semasiológico** que recebeu este estudo ao partir da observação da forma do *perfecto compuesto*, aferindo-lhe valores intrínsecos e extrínsecos.

Figura 4.1: Da isoglossa do *Pretérito Perfecto Compuesto* na Argentina



Fonte: Araujo (2013, p. 239).

A proposta de descrição **semasiológica** do PPC é de fundamental importância quando se deseja, entre outros, analisar o aparente estado de variação/mudança das formas simples e composta do *pretérito perfecto* na língua espanhola, isso porque para apontarmos a existência de uma variável linguística é imprescindível uma prévia análise da amplitude de usos das

formas¹, bem como conhecer em quais contextos elas entram em real competição. Dessa maneira, evita-se uma comparação enviesada, isto é, que considera automaticamente todos os usos do PPC e do PPS como equivalentes, podendo contribuir, assim, para a perpetuação de equívocos sobre o funcionamento da língua espanhola².

Como se pretende explicitar com esta proposta de investigação, uma análise **semasiológica**, como a que apresentamos, também pode desencadear um estudo **onomasiológico**, no qual “o investigador [parte] de determinadas noções para a apreensão das formas que elas revestem num dado estágio linguístico” (CASTILHO, 1966, p. 113). Uma vez identificados, sob a ótica **semasiológica**, os usos do PPC e do PPS que se aproximam por operarem na expressão dos valores de **antepresente** e **passado absoluto**, parece-nos prudente comprovarmos – agora, sob a ótica **onomasiológica** – em que medida as duas formas operam conjuntamente na expressão dos contextos temporais em questão. Desse modo, justificamos o interesse em avaliar o comportamento do PPS e do PPC nos dois âmbitos temporais.

Em consonância com o percurso investigativo apresentado, Baldinger (1966) e Lehmann (2011) esclarecem que as abordagens **onomasiológica** e **semasiológica** são interdependentes e complementares, uma vez que se relacionam às duas atividades linguísticas básicas da comunicação humana: a produção e a compreensão, respectivamente. Nas palavras de Lehmann (2011),

De um ponto de vista sistemático, o locutor segue o procedimento onomasiológico já que começa com o que quer dizer, ou seja, os conceitos e as operações cognitivas e comunicativas, e busca os meios de codificá-los na língua. O ouvinte, ao contrário, segue o caminho semasiológico, porque o que lhe é dado é um texto, portanto expressões, e a tarefa dele é de procurá-lhes os sentidos. (LEHMANN, 2011, p. 5)

Por assumir a perspectiva do falante, quem escolhe um elemento entre os diferentes codificadores disponíveis para um campo funcional, a estrutura **onomasiológica** revela a relação de “sinonímia” existente entre as expressões linguísticas. Por sua vez, ao assumir a perspectiva de quem ouve, isto é, de quem avalia a significação do elemento enunciado, a estrutura **semasiológica** revela a “polissemia” de um elemento linguístico e, por isso, considera todas as significações potencialmente atribuíveis a ele (BALDINGER, 1966). Ainda segundo Lehmann (2011, p. 5), o eixo **onomasiológico** apresenta uma sistematização semântica, isto é, “um sistema de conceitos, relações conceptuais e operações cognitivas e

¹ A necessidade dessa pré-avaliação torna-se ainda mais evidente diante do comportamento polissêmico do PPC, conforme revelam os dados do estudo apresentado (ARAUJO, 2012a, 2013).

² Comparação precipitada que parece ser observada nas descrições de Gili Gaya (1970), RAE (1986), Torrego (2002) e Alarcos Llorach (2005), entre outros.

comunicativas”. Ao passo que a orientação **semasiológica** mantém uma sistematização estrutural, em que vigora “um sistema de unidades, relações e processos do meio expressivo”.

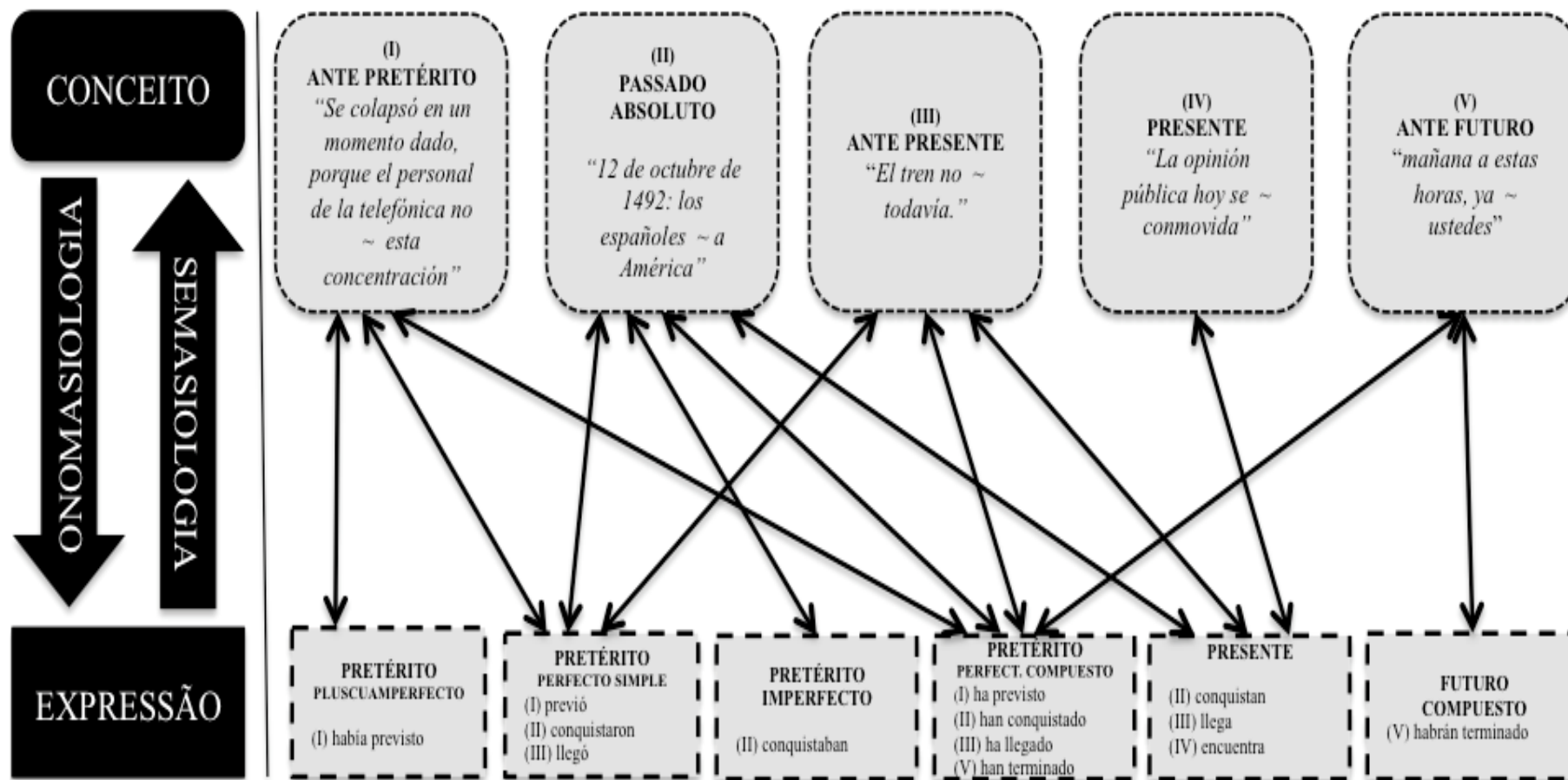
Se, como vimos, o estudo **semasiológico** do *perfecto compuesto* evidencia a polissemia dessa forma verbal, apontado inclusive para usos semelhantes aos atribuídos à forma simples do *pretérito perfecto*, a observação do comportamento do PPC e do PPS nos mesmos contextos funcionais, isto é, o tratamento **onomasiológico** das formas verbais deverá revelar em que medida essas formas podem atuar numa relação de sinonímia.

Em outras palavras, ao tentarmos aferir como se dá a expressão dos valores **passado absoluto** e **antepresente** no espanhol, avaliaremos o lugar que as formas do PPC e do PPS ocupam em ditos âmbitos temporais, a fim de esclarecer se são formas que competem pela expressão do valor ou se aportam alguma significação particular dentro dos contextos temporais analisados. Dessa maneira, evidencia-se mais uma vez a pertinência de um estudo que se complementa pelas duas abordagens, tal como vem delineando o trajeto investigativo aqui descrito. Na mesma direção, encontramos respaldo em Moreno de Alba (2006) quando afirma que “um estudo completo dos valores temporais dos pretéritos do indicativo requer, de maneira não necessariamente simultânea, o enfoque **onomasiológico** e o **semasiológico**”.³

A figura 4.2, orientada pelo estudo de Lehmann (2011), esclarece ainda mais a relação complementar das duas abordagens no estudo das formas verbais e destaca o lugar de cada um dos métodos. Se tomamos os conceitos como referência (perspectiva **onomasiológica**), evidenciamos a relação de sinonímia que pode existir entre diferentes formas verbais na expressão dos valores de anterioridade (**antepretérito**, **passado absoluto**, **antepresente** e **antefuturo**). Em consonância com os objetivos deste trabalho, destacamos como as formas do PPS (*previó*) e do PPC (*ha previsto*) podem operar conjuntamente na expressão dos valores de **passado absoluto** (II) e **antepresente** (III). Na direção inversa, sob a perspectiva **semasiológica**, o diagrama nos revela o comportamento polissêmico, entre outras, das formas do PPS e do PPC, explicitando, assim, algumas das significações potencialmente associáveis a elas. Em especial, enfatizamos, mais uma vez, a coocorrência de ambas as formas verbais na expressão dos valores de **passado absoluto** e **antepresente**.

³ “Un estudio completo de los valores temporales de los pretéritos de indicativo requiere, de manera no necesariamente simultánea, el enfoque onomasiológico y el semasiológico”. (MORENO DE ALBA, 2006, p. 6).

Figura 4.2: Da abordagem onomasiológica e semasiológica no estudo das formas verbais de anterioridade e presente¹



Fonte: própria.

¹ Os enunciados de cada uma das concepções temporais apresentadas foram retirados de uma (I) entrevista radiofônica constituinte do *corpus* que compilamos, da (II) enciclopédia digital *educarchile.cl*, da (III) *Nueva Gramática de la Lengua Espanhola* (RAE, 2009), da (IV) edição eletrônica do jornal argentino *La Nación* e do (V) *Manual de la Nueva Gramática de la Lengua Espanhola* (RAE, 2010).

É importante ressaltarmos que o estudo que propomos se desenvolve em um idioma rico em flexões temporais, as quais, segundo Porto Dapena (1989, p.30), ora se diferenciam, indicando tempos distintos, ora se neutralizam, isto é, borram a diferenciação temporal, podendo apenas expressar especificidades provenientes de outra categoria verbal, como a de aspecto, por exemplo. Ainda segundo o autor, esse comportamento caracteriza a conjugação verbal do espanhol como um sistema versátil e adaptável, podendo conduzir o estudante da língua ao pensamento exagerado de que “os valores e usos de nossas formas verbais resultam pouco menos que incontroláveis e, por conseguinte, impossíveis de descrever de um modo preciso e exaustivo”¹. Em parte, essa dificuldade se explica também por que o uso de uma forma verbal não depende apenas do conteúdo significativo pleno ou das possibilidades previstas pelo sistema, mas também de fatores cotextuais e contextuais.

Não é por acaso que Paiva Boléo (1936, p.38), ao descrever o perfeito composto e o simples nas línguas neolatinas, afirma que “de todas as línguas românicas, a espanhola é aquela em que se torna mais difícil estabelecer com precisão a diferença de emprego e de sentido de um e outro tempo”. A fim de elucidar a dificuldade que pode envolver a análise da expressão da anterioridade em espanhol, é pertinente refletirmos sobre os propósitos do uso da forma do PPS e do PPC na letra da canção de Silvio Rodriguez, que ressoou por todo mundo na voz de Mercedes Sosa (2004):

Mi unicornio azul ayer se me perdió/

Pastando lo dejé y desapareció.

[...] no sé si se me fue, no sé si se extravió.

[...] Mi unicornio y yo hicimos amistad.

[...] Mi unicornio azul, se me ha perdido ayer, se fue.² (SOSA, 2004)

A música revela-nos o pranto de um alguém que perde o único e precioso bem que possui: um unicórnio – símbolo da esperança. Num choro inconsolável, esse sujeito descreve a relação que tinha com o animal, a forma de seu desaparecimento e seu desejo de o resgatar. Pertinente aos objetivos de nosso trabalho, no entanto, é a construção de toda narrativa com o uso de formas verbais conjugadas no *perfecto simple* (*perdió, dejé, desapareció, fue, extravió, hicimos*) para fazer referência a situações passadas. Não obstante, saltam aos olhos mais

¹ “los valores y usos de nuestras formas verbales resulten poco menos que incontrolables y, por consiguiente, imposibles de describir de un modo preciso y exhaustivo.” (PORTO DAPENA, 1989, p. 30)

² Grifo nosso. “Meu unicórnio azul ontem se perdeu de mim/ pastando o deixei e desapareceu. [...] não sei de fugiu de mim ou se se escafedeu. [...] Meu unicórnio e eu fizemos amizade. [...] Meu unicórnio azul, se perdeu (de mim) ontem, foi embora. (SOSA, 2004) <Tradução nossa>.

atentos a ocorrência solitária da forma “*ha perdido*” – conjugada no *pretérito perfecto compuesto* – também fazendo menção a uma ação pontual e passada.

Em acréscimo, chamamos atenção para o fato de que todas as situações identificadas temporalmente na canção ocorrem num mesmo âmbito temporal de anterioridade, marcado explicitamente pelo advérbio “*ayer*”. Tal semelhança faz-nos pensar em pelo menos três hipóteses que justificariam o uso coocorrente das formas do PPS e do PPC no contexto de **passado absoluto**, como o exposto na canção.

A primeira delas consideraria o caso como um fenômeno de hipercorreção³, definição que nos parece pouco adequada, já que se trata de um registro literário, altamente monitorado e pensado a fim de produzir um efeito consciente de sentido. A segunda leva-nos a questionar se haveria, então, um caso de variação? Caso queiramos confirmá-lo, será necessário ampliar a análise, encontrando novos casos em que as formas alteram dentro de um mesmo enunciado, sob influência dos mesmos fatores, sem que haja alteração de sentido – o que de algum modo poderá ser possível com a seleção do *corpus* de análise que temos definido para este trabalho.

Uma última hipótese defenderia que essas formas se diferenciariam por algumas especificidades aspectuais, posto que o aspecto *perfecto*, verificável na forma do PPC (COMRIE, 1976; GARCÍA FERNÁNDEZ, 2008), contribuiria para uma focalização do momento que está imediatamente posterior ao término da situação, mostrando-nos, por isso, seus resultados. Desse modo, ao se dizer “*Mi unicornio azul, se me ha perdido ayer*”, busca-se salientar que ainda no presente se sofre com a perda do animal. Essa tentativa de enfatizar a dor que sofre o eu-lírico com a perda é também salientado com o uso do pronome *me* (*se me ha perdido*) com função de dativo ético. Função que, segundo Berlinck (1996, p. 147), é limitada à primeira e segunda pessoas e se expressa por um clítico. Ainda segundo a autora, seu uso “ocorre em sentenças marcadas emocionalmente e ajuda a enaltecer a intensidade do envolvimento emocional do falante (ou ouvinte) em relação ao que está sendo dito”.

O estudo **semasiológico** previamente realizado sobre o PPC (ARAUJO, 2012a, 2013, 2015), bem como a análise do percurso histórico de formação dessa forma verbal podem contribuir com informações substanciais para a comprovação dessa última hipótese, haja vista que evidenciam como o traço aspectual do *perfecto* associa-se ao uso do PPC. Ainda considerando os dados expostos na figura 4.2 e nosso interesse por desenvolver um estudo **onomasiológico** que considere fundamentalmente a interação das formas do *pretérito perfecto*

³ Conforme afirma Labov (2008, 152), as hipercorreções resultam de “pressões sociais vindas de cima, que representam o processo explícito de correção social aplicado a formas linguísticas individuais”. O autor dedica especial atenção ao comportamento linguístico da classe média, que apresenta, conforme o nível de monitoramento, uma sensibilidade que conduz o falante a um ato hiper corretivo de seu discurso.

na expressão dos valores de **passado absoluto** e **antepresente** na língua espanhola, faz-se pertinente justificar por quais razões não nos interessa o estudo de outras formas que também podem se instaurar nessas duas concepções temporais.

Como recuperam as orações abaixo, quatro formas verbais encaixam-se no âmbito de **passado absoluto** e três no âmbito de **antepresente**:

Passado Absoluto:

(1a) “*12 de octubre de 1492: los españoles conquistaron América.*”

12 de outubro de 1492: os espanhóis conquistaram a América,

(1b) “*12 de octubre de 1492: los españoles han conquistado América.*”

12 de outubro de 1492: os espanhóis conquistaram a América.

(1c) “*12 de octubre de 1492: los españoles conquistaban América.*”

12 de outubro de 1492: os espanhóis conquistavam a América.

(1d) “*12 de octubre de 1492: los españoles conquistan América.*”

12 de outubro de 1492: os espanhóis conquistam a América

Antepresente:

(2a) “*El tren no llegó todavía.*”

O trem não chegou ainda.

(2b) “*El tren no ha llegado todavía.*”

O trem não chegou ainda.

(2c) “*El tren no llega todavía.*”

*O trem não chega ainda.

Apesar da forma do presente do indicativo não constituir o paradigma das formas que expressam primariamente o valor de anterioridade – já que a ele se atribui fundamentalmente a expressão de situações concomitantes ao momento de fala (MF,MR,ME/ 0oV) –, é possível identificar nos dois âmbitos temporais previamente expostos a ocorrência de formas verbais com morfologia do presente. Há de se observar, no entanto, que esses usos – considerados secundários por muitos gramáticos – respondem a uma reorientação temporal do ponto de referência (MR/0), o qual já não coincide com a enunciação, mas com um ponto no passado, concomitante com a situação pretérita descrita⁴. Especialmente na oração (1.d), torna-se clara a leitura também conhecida como **presente histórico**, isso porque a conquista ocorre simultaneamente ao momento de referência deslocado ao passado (*12 de octubre de 1492*).

⁴ Apesar de Rojo e Veiga (1999) não exporem de maneira clara como seria a notação do presente do indicativo com valor de **presente histórico**, aparentemente ela permanecerá a mesma, ou seja, “0oV”. Isso porque prevalece a mesma relação de simultaneidade direta da situação descrita (oV) com o ponto de referência (0), alterando apenas o preenchimento do valor da referência – antes concomitante ao momento de enunciação, agora anterior a ele. Nesse ponto, merece destaque a decisão dos teóricos em não organizar a sistematização lógica dos tempos verbais obrigatoriamente em relação ao momento de enunciação, mas a um ponto de referência abstrato que na maioria das vezes se confunde com o momento de fala. Porém, como revela o estudo do **presente histórico**, dita referência pode também ser localizada em um ponto anterior à enunciação.

O uso do presente com valor de **PA** cumpre, desse modo, a função de atualizar fatos passados (MORENO DE ALBA, 2006), aproximando-os a uma visão mais realista e próxima do MF (PORTO DAPENA, 1989). Nesse sentido, não seria mais uma variante propriamente dita dos âmbitos de anterioridade. Nas palavras de Rojo e Veiga (1994):

En este caso las formas verbales expresan los procesos por ellas representados como literalmente simultáneos a un punto de referencia que no es el 'presente' de los interlocutores, sino que se identifica con un punto situado en un momento tal del pasado[...] que permita la correspondiente reorientación temporal, con los visibles efectos estilísticos de proximidad, viveza, fuerza dramática, etc (ROJO, VEIGA, 1999, p. 2891).⁵

Em relação à oração (2.c), na qual se nota o uso do presente com valor de **passado de acontecimentos recentes**, marca-se uma situação acontecida em um passado próximo ao momento de fala, quando se pode observar os resultados da culminação de cada situação (RAE, 2009, p. 1717). Diferente do valor de **presente histórico**, nesse caso, o valor temporal de anterioridade ainda se orienta pelo momento de fala, pois conforme afirma a RAE (2009):

Si el hablante elige aquí una forma del pasado, focaliza el período de la ausencia de la llegada, pero si usa una forma del presente, evalúa esa ausencia (es decir, el no llegar del tren) desde el momento de la enunciación, y da a entender que el suceso puede tener lugar al cabo de poco tiempo (RAE, 2009, p. 1718).⁶

Aparentemente restrito às variedades rio-platense, andina, chilena e centro-americana, esse uso do presente de indicativo direciona a atenção para a situação presente no momento da enunciação (atraso do trem, chegada eminente do trem, etc), tendo em vista o fato imediatamente passado (a não chegada do trem). Desse modo, parece que tanto o **presente histórico** como o **passado de acontecimentos recentes** são usos do presente do indicativo que permitem evidenciar no presente informações passadas. Essa característica funcional aliada ao uso restrito desses valores a algumas situações discursivas particulares (textos escolares ou jornalísticos, respectivamente) são alguns dos fatores que nos levam a não dedicarmos atenção a essa forma verbal em nossa análise da expressão do **PA** e do **AP**.

De modo semelhante, não nos ateremos à análise do *pretérito imperfecto* (oração 1.3) – previsto para o âmbito de **passado absoluto** – por ter seu contexto de uso claramente

⁵ <Tradução nossa> “Nesse caso as formas verbais expressam os processos representados por elas como literalmente simultâneos a um ponto de referência que não é o 'presente' dos interlocutores, mas que se identifica com um ponto situado em um momento do passado[...] que permita a correspondente reorientação temporal, com os visíveis efeitos estilísticos de proximidade, vivacidade, força dramática, etc.” (ROJO; VEIGA, 1999, p. 2891).

⁶ <Tradução nossa> “Se o falante escolhe aqui uma forma do passado, focaliza o período da ausência da chegada, mas se usa uma forma do presente, avalia essa ausência (isto é, o não chegar do trem) a partir do momento da enunciação, e dá a entender que a situação pode ter lugar ao fim de pouco tempo” (RAE, 2009, p. 1718).

definido e diferenciado das demais formas verbais graças ao valor aspectual de imperfectividade que carrega. Dessa maneira, ao dizer “*conquistaba*”, na oração (1.c), marca-se uma especial atenção ao desenvolvimento da ação, sem se importar com seu início e fim. Essa visão se torna possível porque “o [aspecto] imperfectivo contempla a situação de dentro, e, como tal, está preocupado fundamentalmente com a estrutura interna da situação”⁷ (COMRIE, 1976, p.14). Desse modo, a única informação a que temos acesso objetivamente com a oração é a que na referida data (“*12 de octubre de 1492*”) observava-se o processo de conquista do continente americano. Deve-se, contudo, a nosso conhecimento de mundo a possibilidade de ir além da interpretação da oração, identificando o cumprimento do processo de conquista e domínio do continente pela nação invasora. Segundo García Fernández (2008, p.20), “qualquer suposição sobre o final de uma situação no imperfectivo é uma inferência pragmática”, isso porque, a “estrutura gramatical não diz nada a respeito” dela⁸.

Além do mais, justificamos a nossa desatenção às formas do *presente de indicativo* (1d e 2c) e do *pretérito imperfecto* (1c) pelo interesse fundamental que temos em avaliar o real estado de uso das formas do *pretérito perfecto compuesto* e *simple* nos âmbitos temporais de **antepresente** e **passado absoluto** – supostamente contextos primários de uso das respectivas formas. Dessa maneira, esperamos poder melhor avaliar o aparente estado de variação de ambas as formas nos contextos temporais destacados e contribuir para o estado da arte que já existe sobre o assunto, reavaliando-o sempre que possível.

Para concluirmos, as abordagens **semasiológica** e **onomasiológica** revelam-nos que não apenas os estudos do léxico, mas também os da gramática de uma língua devem se organizar pela soma dessas duas abordagens, tidas como complementares. Uma vez avançado o estudo **semasiológico** das formas do *pretérito perfecto* – seja por revisão de estudos descritivos ou pela observação empírica –, nosso percurso investigativo conduz-nos, agora, à análise **onomasiológica** dos âmbitos temporais canonicamente associados ao PPS e ao PPC, isto é, o **passado absoluto** e **antepresente**, respectivamente.

Uma vez que tanto o PPS como o PPC podem ocorrer em qualquer uma das duas conjunturas temporais – apesar da norma-padrão frequentemente delimitar e diferenciar seus usos –, trataremos ambas as formas como variantes, pois podem atuar “como modos alternativos de realizar a mesma função” temporal (GUY, ZILLES, 2007, p.74). Desse modo, o PPS e o PPC comporiam a **variável dependente** deste estudo, posto que a escolha por uma

⁷ “[...] *the imperfective looks at the situation from inside, and as such is crucially concerned with the internal structure of the situation [...]*” (COMRIE, 1976, p. 14).

⁸ “*Cualquier suposición sobre el final de una situación en Imperfectivo es una inferencia pragmática. La gramática no dice nada al respecto [...]*” (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2008, p.20).

ou outra forma será determinada “(ou talvez restringida) pela identidade social e pela experiência linguística prévia do falante” (GUY, ZILLES, 2007, p. 75). Será, portanto, essa variável que trataremos “em termos de probabilidade e percentuais de acontecimento [...]” de uma ou da outra forma alternante disponível (GUY, ZILLES, 2007, p. 141).

Considerando que, além do “âmbito temporal”, outros fatores linguísticos e extralinguísticos incidem sobre a seleção de uma das formas do *pretérito perfecto*, passemos à apreciação dessas **variáveis independentes**. Como veremos, espera-se, com o estudo desses grupos de fatores, delinear uma análise que nos auxilie na compreensão do funcionamento do PPS e PPC na expressão do **antepresente** e do **passado absoluto**.

4.2 POR UMA ANÁLISE MULTIVARIADA DA EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE E PASSADO ABSOLUTO: DELIMITAÇÃO DOS GRUPOS DE FATORES

Conforme definem Guy e Zilles (2007, p.100), proceder a uma análise multivariada pressupõe que a variação linguística é influenciada simultaneamente por diversas variáveis independentes, sejam elas linguística ou extralinguísticas. De modo que o grau de incidência de cada uma delas sobre o fenômeno analisado é aferido controlando um conjunto de grupo de fatores presentes no contexto em que se observa a variação linguística. Assim, identificamos quais elementos contextuais favorecem ou desfavorecem um fenômeno, pois “para cada ‘fator’ no modelo, teríamos um valor associado que indica com precisão matemática a tendência a usar o fenômeno quando aquele fator esteja presente” (GUY; ZILLES, 2007, p.103).

Por sua vez, esses fatores, também conhecidos como **variável independente**, são entendidos como propriedades do contexto linguístico ou extralinguístico que incide sobre a ocorrência ou não de uma variante linguística (PPS ou PPC). Em outras palavras, essas propriedades compõem as variáveis explicativas (independentes) que condicionam a escolha⁹ de um dos constituintes da variável que se sujeita (dependente) a esses fatores (TAGLIAMONTE, 2006, p. 106). Devido à potencialidade em determinar a seleção de uma das formas em variação, repousa sobre a definição das variáveis independentes uma prévia reflexão hipotética sobre seu papel junto aos elementos em variação. Assim, justificaremos, a seguir, os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos tomados em nossa análise.

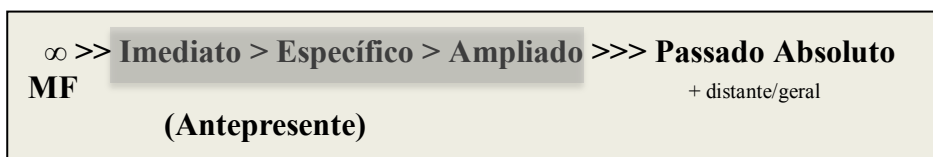
⁹ A palavra “escolha” não implica um processo consciente por parte do falante, mas sim um conceito mais abstrato e (frequentemente) inconsciente de seleção no interior do sistema gramatical (TAGLIAMONTE, 2006).

4.2.1 Grupos de fatores linguísticos

4.2.1.1 Âmbito temporal

Por compor o fundamento de nossos objetivos e hipóteses de pesquisa, o fator “âmbito temporal” constitui a primeira e mais importante variável linguística independente deste estudo. Conforme já esclarecemos extensivamente na seção destinada à temporalidade linguística (seção I), esse grupo de fatores é composto pelas seguintes referências temporais: (1.1) **AP imediato**, (1.2) **AP específico**, (1.3) **AP ampliado** e (1.4) **passado absoluto**.

Figura 4.3: Da mudança funcional pelos âmbitos temporais



Fonte: própria.

Tendo em vista toda a discussão já realizada sobre esses fatores (seção I), resumimos a justificativa de sua seleção à hipótese de que quanto mais recorrente for a forma composta ao extremo direito (**passado absoluto**) do *continuum* representado pela figura 4.3, maior é o indício do avanço no processo de gramaticalização do PPC, posto que, como descrevem Harris (1982) e Detges (2006), esse percurso constitui a parte mais avançada do *continuum* de mudança funcional dessa forma verbal nas línguas românicas.

Em outros termos, os dados oferecidos pela análise desse grupo de fatores deverão nos ajudar a comprovar não apenas se “o tipo e/ou abrangência da referência temporal de anterioridade é determinante no comportamento das formas do *pretérito perfecto*”, mas também se “o estado de uso do PPS e do PPC descrito em cada uma das variedades corresponde a diferentes estágios de um processo de gramaticalização das formas do *pretérito perfecto* na língua espanhola”. Considerando a maior quantidade de fatores envolvidos nesse grupo e as implicações diatópicas que trazem ao nosso estudo, exporemos, no momento em que procedermos à descrição dos respectivos âmbitos temporais nos *corpora* diatópicos compilados, enunciados em que o PPC e o PPS ocorrem nesses âmbitos, nas três variedades diatópicas contempladas.

4.2.1.2 Marcadores temporais

Recorrentemente, fazemos uso dos termos “marcador temporal” ou “construção temporal” para referir ao conjunto de expressões disponíveis na língua e que marcam, de algum modo, uma percepção de tempo. Ou seja, além dos advérbios e locuções adverbiais de tempo, incluímos também nesse grupo sintagmas nominais (“*en los juegos olímpicos, en la dictadura*”) e orações subordinadas (“*cuando quiso trabajar no lo dejaron*”) que auxiliam na construção da referência temporal expressa no enunciado (MARTÍNEZ GARCÍA, 2003). Nos termos de Comrie (2000), inclui-se entre o que chamamos de “marcador temporal” a categoria das “expressões lexicais fixas” e das “expressões lexicais específicas” – excluindo-se, portanto, as “categorias gramaticais de tempo”, conforme definimos na seção I.

Dois são os grupos de fatores relacionados aos marcadores temporais, o primeiro deles considera a **presença** (2.1) **explícita** ou (2.2) **implícita** de um marcador temporal indicando a referência temporal em que a situação descrita ocorre, tal qual observamos nos enunciados (3) e (4), respectivamente:

(3a) *Ten en cuenta que hoy en día los camiones de carrera **han evolucionado muchísimo** <M10>.*

Considere que hoje em dia os caminhões de corrida evoluíram/têm evoluído muitíssimo.

(3b) *¿Qué click **pasó en tu vida** que dijiste: Bueno, ¡Sí! Ahora me largo?* <B3>

Que *click* aconteceu em sua vida que você disse: Bom, sim, agora eu me jogo.

(4a) *Y me está matando la gente que me está escuchando, me **he alongado** [ahora]*¹⁰ <T8>.

E me estão matando as pessoas que me estão escutando, me alonguei [agora].

(4b) *Perdón, qué **hice** este paréntesis [ahora]* <B3>.

Perdão, porque fiz este parêntese [agora].

A relevância em avaliar esse grupo de fatores reside na possibilidade de controlar quão explicitamente e marcadamente é feita a referência temporal no uso de uma ou outra forma e se essa presença ou ausência pode ser associada a uma maior incidência de uso de umas das duas formas verbais. A identificação da referência temporal em casos de enunciados sem marcadores temporais explicitados deu-se por meio da recuperação dessa informação em turnos de fala anteriores ou posteriores ou, ainda, por meio de outras informações contextuais.

¹⁰ Usaremos o colchete para referir-se a um advérbio de tempo que não foi explicitado diretamente no enunciado, mas que pode ser inferido pelo contexto de enunciação ou por ter sido enunciado explicitamente em turnos de fala anteriores ou posteriores. Especificamente em relação ao enunciado (4a), uma vez que o enunciador faz referência ao alongamento de seu turno de fala – recém acabado – na entrevista concedida, facilmente identificamos uma referência temporal compatível com “*ahora*” ou “*en este instante*”, isto é, marcadores temporais que se referem a um **antepresente imediato**.

O segundo grupo de fatores relacionado aos marcadores temporais categoriza-os semanticamente, de modo que é possível identificar a seguinte tipologia:

Quadro 4.1: Dos tipos de marcadores temporais

TIPO	MARCADORES TEMPORAIS
(3.1) Tempo	AP: <i>hoy, ahora, hace poco, recién, esta mañana/tarde, a las siete de la mañana, etc.</i>
	PA: <i>el fin de semana pasado, el año pasado, la semana pasada, el mes pasado, hace meses/años, el otro día, etc.</i>
(3.2) Duração	AP: <i>Durante esta semana/días/mes/año, por muchos años/tiempo, siempre, nunca, jamás, desde..., a lo largo de la vida, con los años, etc.</i>
	PA: <i>Durante los años/meses/temporadas anteriores, por mucho tiempo, cuando era niño, en aquella época, desde... hasta..., etc.</i>
(3.3) Conclusivo	<i>Ya, luego, finalmente, etc.</i>
(3.4) Indeterminado	<i>Alguna(s) vez(es), a veces, un día, una vez, algún momento, en un momento de la vida, etc.</i>

Fonte: própria.

Denominamos de marcadores de **tempo** (3.1) aqueles que objetivamente instauram uma referência temporal sem aportar, em primeiro plano, uma informação aspectual. Por outro lado, os marcadores de **duração** (3.2) expressam, como valor primário, um sentido aspectual de **continuidade**, acompanhado de uma referência temporal. Esses dois tipos se dividem entre aqueles que instauram uma referência de **antepresente** e aqueles que instauram uma referência de **passado absoluto**. Os advérbios de valor **conclusivo** (3.3), por sua vez, podem tanto ocorrer numa percepção temporal de **PA**, como na de **AP**, pois a informação que veiculam centra-se no término da situação descrita, apresentando-a como perfectiva. Finalmente, as construções de valor **indeterminado** (3.4) caracterizam-se por não identificar especificamente em que momento a situação descrita ocorreu, colocando-a em um passado cuja abrangência não é conhecida e, por isso, podendo instaurar “toda a existência” de um referente como o tempo de referência (RODRÍGUEZ LOURO, 2010, p.19). Os enunciados (5) e (6) exemplificam os tipos **conclusivo** e **indeterminado**, respectivamente.

(5a) *¿ha **presentado** finalmente la renuncia a la obra social del PAMI [...]?* <T5>.

Você apresentou finalmente a renúncia à obra social do PAMI [...]

(5b) *Y ya **llegaste** tarde* <B5>.

E já chegou tarde.

(6a) *¿Y lo **has visto** en algún momento fraquear?* <M1>

E você o viu em algum momento fraquejar?

(6b) *Una acción de desconfianza que me acuerdo, de tantas, es de una vez que mi novio se estaba bañando, estaba la billetera en la mesa y me **puse** a revisar <T2>.*

Um ato de desconfiança que me lembro, de tantos, é de uma vez que meu namorado estava tomando banho, a carteira estava na mesa e comecei a revistá-la.

Considerando os comportamentos previamente descritos das formas do *pretérito perfecto* e os traços semânticos desses marcadores temporais, hipoteticamente esperamos que:

- i. As expressões de **tempo antepresente** favoreçam o uso do PPC e que as construções de **tempo passado absoluto**, o uso do PPS.
- ii. Do mesmo modo, as expressões de **duração** também podem favorecer o PPC ou PPS conforme a referência a que se alinham. Em especial, contudo, a avaliação dessa tipologia nos permite identificar se há uma maior recorrência da forma composta junto a construções **durativas**. Comportamento que sugeriria a persistência do traço aspectual de duração – próprio de etapas passadas de desenvolvimento.
- iii. A maior interação com expressões **conclusivas**, por sua vez, poderia indicar um uso das formas verbais com valor perfeito, terminativo. Abrindo precedente, inclusive, para a expressão do valor de **relevância presente**.
- iv. Por fim, a maior recorrência junto a expressões de valor temporal **indeterminado** pode favorecer um uso fazendo referência a uma situação genérica ocorrida em um passado indefinido, já que não se faz uma ancoragem temporal específica (RODRÍGUEZ LOURO, 2009, 2011).

4.2.1.3 Forma base do verbo

Três são os grupos de fatores relacionados à base verbal: **telicidade, duração e modo de ação**, os quais correspondem a diferentes traços aspectuais próprios da forma verbal em relação com sua rede argumentativa. Por lidarmos com o aspecto verbal, esclarecemos que essa categoria tem um caráter composicional, já que suas propriedades não são exclusivas do verbo em si, mas compostas por meio da relação que o verbo estabelece com seus argumentos (VERKUL, 1972; DE MIGUEL, 1999, CELERI, 2008). Tanto é assim que Elena de Miguel (1999) identifica na língua espanhola uma série de elementos que aportam informação aspectual: a raiz verbal (*saber vs. construir, nacer vs. andar, llegar vs. dormir*), os afixos derivativos (*revalorar, sobrevolar*), os pronomes delimitadores (*Juan se comió una tortilla él sólo*), os complementos verbais (*escribir vs. escribir una novela*), advérbios e locuções

adverbiais (*El secretario leyó el informe durante/en una hora*), o sujeito da oração (*el batallón entró en la ciudad {durante horas} vs. la mosca entró em la habitación {*durante horas}*), verbos modais (*Juan pudo construir su casa vs. Juan construyó su casa*), entre outros.

De modo prático, já verificamos com a descrição dos fatores relacionados aos marcadores temporais que há tipos de expressões que possibilitam a construção do sentido de duração e perfectividade. Dirigindo-nos, agora, à observação dos três traços aspectuais, também identificaremos a existência dessa dicotomia.

4.2.1.3.1 Telicidade

Definida em termos de delimitação ou limite (RAE, 2009; MORIMOTO, 1998; GARCÍA FERNÁNDEZ, 2008), quando marcada nos verbos, a **telicidade** “exprime ação tendente a um fim, sem o qual essa ação não se dá” (CASTILHO, 1967, p. 55). Assim, os (4.1) **verbos télicos** “indicam uma situação que necessariamente chega a um fim, [...] que marcha para um clímax ou ponto terminal natural” (TRAVAGLIA, 2006, p. 55). Por outro lado, os (4.2) **verbos atélicos** carecem de limite final inerente, posto que “indicam uma situação que não atende a um fim necessário” (TRAVAGLIA, 2006, p. 55) ou que não se dirige a um limite interno (DE MIGUEL, 1999, p. 3019). Desse modo, segundo explica-nos Castilho (1967, p.55), a **atelicidade** permite figurar o processo em sua duração, sem exigir um ponto culminante final para admitir sua existência. Essa oposição pode ser mais bem compreendida a partir de alguns enunciados coletados do *corpus* que compilamos:

(7a) **Télico:** *Yo hice un viaje a Kenia, a la boda de un amigo que se casaba en la Isla de L'amour <M3>*.

Eu fiz uma viagem ao Quênia, ao casamento de um amigo que se casava na Ilha do amor.

(7b) **Télico:** *[...] se ha ganado el derecho de poder ser el titular en Real Madrid <M1>*.

[...] ganhou-se o direito de poder ser o titular no *Real Madrid*.

(8a) **Atélico:** *Entré en un momento fenomenal, de un gran equipo como fue Madrid y contribuí, creo que muy activamente a ser una gran selección nacional [...]* <M11>.

Entrei em um momento fenomenal, de uma grande equipe como foi o *Real Madrid* e contribuí, acho que muito ativamente para ser uma grande seleção nacional [...].

(8b) **Atélico:** *Basta, Miguel, no he comido yo <T2>*.

Basta, Miguel, eu não comi.

Observemos que tanto “*hacer un viaje*” como “*ganar el derecho*” – em (7) – retratam situações que, a despeito de quando tempo possam durar, têm um limite inerente já definido, para além do qual a situação não pode continuar. Ademais, o processo descrito só pode ser

considerado como efetivamente realizado quando tomado em sua completude, do início até o ponto final estabelecido. Por sua vez, “*contribuir*” e “*comer*” – em (8) – descrevem eventos que não se atentam a um fim necessário e inerente, retratando, portanto, apenas o desenvolvimento da situação que descreve. Ou seja, o “não comer” ou a “contribuição” poderiam seguir durando – não fosse, nesse último caso, a informação do *tempus* passado que assinala o fim das ações.

Comrie (1976, p. 47) também adverte que a **telicidade** não é inscrita apenas no verbo, mas considera também a rede argumental dele (sujeito e objetos). Desse modo, um verbo que em dado enunciado comporta-se como **atélico**, em outro pode vir a comportar-se como **télico**, assim como o contrário também é possível. Essa é situação observada, por exemplo, em (9), em que o verbo “*comer*” passar a reger um complemento definido e singular “*médio plato*” (“meio prato”) e, assim, apresenta uma situação **télica**, delimitada pelo período de consumo dessa quantidade específica.

(9) [...] *para el suegro también que come bien poquito, ha comido medio plato* <T2>.

[...] para o sogro também, que come bem pouquinho, comeu meio prato.

A hipótese por detrás da seleção do fator **télico** ou do **atélico** repousa sobre o pressuposto de que, quando vinculado ao PPC, a **telicidade** poderia salientar valores muito semelhantes aos das etapas anteriores do funcionamento da forma verbal, quando expressava **resultado** e **duração** (HARRIS, 1982). Isso se deve a que os verbos **télicos** denotam uma mudança de estado enquanto os **atélicos**, a permanência de uma situação descrita. Desse modo, a análise dessa categoria deve contribuir especialmente para o estudo do estágio de mudança do PPC.

4.2.1.3.2 Duração

De Miguel (1999) explica que o estudo da **duração** de uma situação pressupõe uma abordagem quantitativa da aspectualidade, já que nesse campo estamos medindo a quantidade de um evento e não mais sua qualidade – como fizemos, por exemplo, com o estudo da telicidade. Assim é que a extensão do intervalo de tempo ao longo do qual se estende uma situação é considerada como um importante parâmetro para discriminar as classes de verbo (DE MIGUEL, 1999, p. 3030).

Para Comrie (1976, p.41), a (5.1) **duração** é a propriedade de se referir a uma situação que se prolonga por certo período no tempo e que, portanto, opõe-se à (5.2) **pontualidade**, isto é, a situações que não perduram no tempo, sequer por um curto período. Assim, por

definição, uma situação pontual não apresenta uma estrutura interna – com começo, desenvolvimento e um possível fim – mas tem seu fim instantaneamente gerado com seu surgimento. Por sua vez, De Miguel (1999, p. 3033), não fala em pontualidade, pois afirma ser pragmaticamente impossível carecer de toda duração, por isso propõe diferenciar o **durativo** do **escassamente durativo**. Assim, define os eventos que duram como:

[...] aquellos que se extienden a lo largo de un intervalo o período, con independencia de si experimentan un progreso en ese espacio de tiempo (si son dinámicos) o no progresan (son estáticos) y con independencia de si se dirigen hacia un límite (son delimitados) o no (son no delimitados) (DE MIGUEL, 1999, p. 3030)¹¹.

Quanto aos eventos **escassamente durativos**, define-os como aqueles que tem lugar em um instante temporal único e definido, sem fases e que, por isso, não progridem no tempo. Observamos os valores **durativo** e **pontual** nos enunciados (10) e (11), respectivamente:

(10) *Mire, yo **he visto** infinidades y **escuché** infinidades de denuncias que se hicieron <T7>*.

Olha, eu vi infinidades e escutei infinidades de denúncias que se fizeram.

(11) *Sabemos de casos de perros que se **han muerto** en la puerta de un hospital porque **ha ingresado** su dueño y no **salió** nunca más <B1>*.

Sabemos de casos de cães que morreram na porta de um hospital porque seu dono ingressou e não saiu nunca mais.

Em (10), “*ver infinidades*” e “*escuchar infinidades de denuncias*” remetem a situações que se desenvolvem por um período até alcançar sua conclusão. Por outro lado, “*morirse*”, “*ingresar*” e “*salir*”, em (11), referem-se a situações que não passam por diferentes fases ao longo do tempo, mas que têm sua ocorrência acompanhada de um término imediato. Conforme explica De Miguel (1999), por não preverem uma sucessão de fases, os eventos de **duração escassa** ou **pontuais** têm seus sentidos alterados quando associados com a perífrase progressiva (ESTAR + GERÚNDIO), uma vez que quando combinados a ela expressam a eminência do cumprimento de uma situação, não sua efetiva realização. Assim, ao dizer “estar morrendo” ou “estar saindo”, evidencia-se que a morte e a saída estão por se cumprirem.

Por fim, Travaglia (2006, p.58) relaciona os grupos de fatores “**duração**” com “**telicidade**” e explica que toda ação **pontual** é necessariamente **télica**, já que, como vimos, sua existência acarreta um necessário ponto final. Por outro lado, as situações **durativas** podem tanto ser **télicas** como **atélicas**, já que aquelas demandam um tempo de desenvolvimento antes de alcançar seu fim, ao passo que estas nunca encontraram, na base

¹¹ [...] aqueles que se estendem ao longo de um intervalo ou período, independentemente de experimentar um progresso nesse espaço de tempo (se são dinâmicos) ou não (são estáticos) e independentemente de se dirigir a um limite (são delimitados/télicos) ou não (são não delimitados/atélicos) (DE MIGUEL, 1999, p. 3030).

verbal, a informação sobre seu ponto final. Os enunciados (12) e (13), respectivamente, mostram a duração vinculada tanto a eventos atéticos como a téticos, já que “*militar*” não implica um ponto final necessário e “*hacer el monumento al Che*” acarreta uma ação que se desenvolve por um tempo, antes de alcançar seu ponto de conclusão.

(12) *Gabriela Michetti, además de votar en contra de la ley de matrimonio igualitario, [...] militó profusamente en contra nuestros derechos <B4>.*

Gabriela Michetti, além de votar contra a lei do matrimônio igualitário, [...] militou intensamente contra nossos direitos.

(13) *¿con esta misma metodología se hizo el monumento al Che? <B2>.*

Com essa mesma metodologia se fez o monumento ao Che?

A escolha pela análise desse grupo de fatores se deve a que a **duração** também pode favorecer o funcionamento da forma composta como observado em etapas anteriores de seu desenvolvimento, posto que com verbos durativos se ressaltaria uma leitura de **continuidade**.

4.2.1.3.3 Modo de ação

Revisando a bibliografia existente sobre aspectualidade nas diferentes línguas naturais, Godoi (1992) atribui a Aristóteles a primeira classificação do **modo de ação**. Para o filósofo grego, essa categoria se organizaria em “estados” ou em “processos”, sendo possível dividir a classe dos “processos” em “movimentos” (*kinesis*) e em “atualidades” (*energeia*). Muitas releituras desse postulado inicial foram propostas, no entanto a que aparentemente adquiriu maior alcance divulgativo foi a criada por Vendler (1967).

Para esse autor, a classificação do **modo de ação** envolveria a relação da forma verbal com a sua rede argumentativa. Somente a partir dessa análise complexa seria possível a classificação dos termos em (6.1) **estado**, (6.2) **atividade**, (6.3) *accomplishment* e (6.4) *achievement*. As três últimas classes diferenciam-se do **estado** por serem **ações**. A fim de apresentarmos em que consiste cada uma das classificações de Vendler (1967), partimos da oposição **estado** vs. **ações**. O quadro 4.2 resume as características dessas duas classes:

Quadro 4.2: Da diferença entre estado e ações

Estado	Ações
Estático (única fase).	Dinâmico (sucessão de fases).
Situação imutável enquanto existente.	Situação que pode se alterar.
Apenas existe, sem sequência de fases.	Pode apresentar fases internas
Ex. desejar, querer, amar, odiar, poder, dominar, estar, ser, ficar, residir, ter.	Ex. morrer, nascer, correr, nadar, caminhar, fazer uma cadeira.

Fonte: própria.

Pertencendo ao grupo das ações, a **atividade**, o **accomplishment** (realização) e o **achievement** (obtenção) se caracterizam pelo dinamismo no retrato de uma situação possuidora de fases (início, desenvolvimento e fim). Assim, é possível identificar características que são peculiares a cada uma dessas classes, como expõe o quadro 4.3:

Quadro 4.3: Da atividade, do *accomplishment* e do *achievement*

Atividade	Accomplishment	Achievement
Durativos.	Durativos.	Pontuais.
Não possuem limitação, isto é, ponto final inerente, podendo continuar indefinidamente (atélico).	Possuem limitação, isto é, um ponto final inerente (télico).	Refere-se à transição entre dois estados (inicial e final): Ter vida e não ter vida (morrer) (télico).
Ausência de delimitadores temporais (complemento/adjunto).	Presença de delimitadores temporais (complemento/adjunto).	Presença de delimitadores temporais (complemento/adjunto).
Homogêneas: os subeventos que as compõem podem ser descritos exatamente como a própria atividade, em sua totalidade.	Não homogêneas: os subeventos que as compõem não podem ser descritos como a totalidade do evento.	Não possui início meio e fim, apenas fim, que implica mudança de estado.
Compatível com começar/parar/terminar: “Ela começou correr”.	Compatível com começar/parar/terminar: “Ela terminou de construir a parede”.	Incompatível com começar/parar/terminar: “*Ele parou de morrer”.
Ex. Correr, caminhar, nadar, empurrar/puxar algo, assistir, desenhar.	Ex. Correr/caminhar 1 km; pintar um quadro, fazer uma cadeira, construir uma casa, escrever/ler um romance.	Ex. morrer, nascer, alcançar o cume, parar/começar/iniciar/ algo, reconhecer/identificar algo, perder/encontrar algo.

Fonte: própria.

Riemer (2010, p.324) sugere que as classes do **modo de ação** sejam descritas sinteticamente a partir da observação das três dimensões que se repetem nas quatro classes: a **estaticidade** – mostra-nos se são estados imutáveis ou acontecimentos alteráveis –, a **telicidade** – corresponde à presença ou não de um ponto final inerente ao acontecimento – e a **pontualidade** – que se opõe à duração.

Quadro 4.4: Da síntese dos modos de ação

Modo de Ação	Estático	Télico	Pontual
Estado	+	-	-
Atividade	-	-	-
Achievement	-	+	+
Accomplishment	-	+	-

Fonte: Riemer (2010, p.324).

Estado, **atividade**, **accomplishment** e **achievement** podem ser observados nos enunciados de (14), (15), (16) e (17):

- (14a) **Estado:** [...] *has vivido también mucho tiempo en Nueva York* <M9>.
 [...] Você viveu também muito tempo em Nova York.
- (14b) **Estado:** *En general, es muy difícil que la gente piense “y cuántos quedaron de un lado, cuántos quedaron del otro”* <B5>.
 Em geral, é muito difícil que as pessoas pensem: “e quantos ficaram de um lado e quantos ficaram do outro”.
- (15a) **Atividade:** *En estos diez años se ha construido muchísimo* <T7>.
 Nestes dez anos se construiu/se tem construído muitíssimo.
- (15b) **Atividade:** [...] *Ramón de Mesonero-Romanos, que era un escritor costumbrista sobre Madrid y que trabajó pues en todo el plan arquitectónico y urbanista de Madrid* <M5>.
 [...] Ramón de Mesonero-Romanos, que era um escritor dos costumes de Madri e que trabalhou em todo o plano arquitetônico e urbanista de Madri.
- (16a) **Accomplishment:** *¿Has visto una película con Richard Gere?* <B1>.
 Você viu um filme com Richard Gere?
- (16b) **Accomplishment:** *Yo hice un viaje a Kenia, a la boda de un amigo que se casaba en la Isla de L'amour* <M3>.
 Eu fiz uma viagem ao Quênia, ao casamento de um amigo que se casava na Ilha do amor.
- (17a) **Achievement:** [...] *se ha transformado, porque era una mujer cuando yo he entrado* <T1>.
 Se transformou, porque era uma mulher quando eu entrei.
- (17b) **Achievement:** *Así se empezó el Alex Freire público y de ahí no paré* <B4>.
 Assim começou o Alex Frei público e a partir de então não parei.

A contribuição do grupo de fatores relacionado ao **modo de ação** reside na possível confirmação aportada pelos grupos de fatores anteriormente investigados, posto que, por carecer de um ponto final inerente, os **estados** e as **atividades**, se relacionados mais proximamente ao PPC, podem indicar que a forma composta tende a favorecer a expressão do valor de **continuidade**. Por sua vez, um maior uso do PPC junto aos verbos de **achievement** poderia reportar um valor ainda mais primário da forma composta, quando expressava um **resultado/relevância presente** – haja vista que os **achievements** retratam justamente a mudança entre dois estados. Em síntese, o **modo de ação** é mais um fator que, em consonância aos dados apresentados pelos demais grupos, pode nos auxiliar na avaliação do estágio de mudança da forma composta nas três variedades diatópicas.

4.2.1.4 O sujeito e o complemento verbal

4.2.1.4.1 Sujeito sintático

Duas categorias relacionadas ao sujeito serão apreciadas nesta pesquisa: a de (7) **pessoa** e a de (8) **número**. Quanto à (7) **pessoa**, Schwenter, Cacoullou (2008), Rodríguez Louro (2009) e Hernández (2013) afirmam que essa categoria auxilia na investigação do papel da subjetividade na crença ou atitude do falante. Isso se deve a que

Cuando está presente la primera persona, y se exponen las vivencias personales, que a su vez son compartidas por todos [...], y se rememora un pasado [...] se verá favorecida la forma compuesta para marcar un mayor grado de lo vivencial (ÁLVAREZ GARRIGA, 2012, p. 38)¹².

Assim, parece que o destaque de uma situação especialmente relevante para o enunciador pode ser marcado por meio do uso da forma composta junto à primeira pessoa. Se, de fato, o PPC é mais subjetivo que o PPS expressando significados baseados na crença ou atitude do falante, então podemos esperar que sua frequência aumente em contextos de primeira pessoa. A fim de examinar o uso do PPC com função avaliativa junto à primeira pessoa, Álvarez Garriga (2012) analisa o discurso de posse do presidente boliviano Evo Morales e verifica que, dentre os 76 casos encontrados de verbos em primeira pessoa, 50 (66%) correspondem ao PPC e 26 (34%) ao PPS; ao passo que ao analisar os casos de segunda e terceira pessoas, observa que, das 60 ocorrências, 27 (45%) correspondem ao PPC e 33 (55%) ao PPS. Evidência, portanto, de que, conforme a variedade diatópica, a primeira pessoa gramatical pode favorecer o uso do PPC como maneira de destacar uma informação considerada mais relevante pelo enunciador. Finalmente, segundo afirma Hernández (2013, p. 272), essa associação direta entre o PPC e primeira pessoa é uma maneira de mostrar uma codificação sistemática do ponto de vista do orador na gramática.

Em relação ao **número** do sujeito, De Miguel (1999, p.3004) afirma que a ideia de coletividade é responsável pela interpretação **durativa** e não delimitada do evento em que participa, isso porque a pluralidade implica a realização de múltiplos eventos, repetidos ou não acabados. Na mesma direção, Schwenter e Cacoullou (2008, p.16) afirmam que a pluralidade nominal, semelhantemente aos advérbios de frequência, reflete múltiplas instâncias de uma situação. Observamos nos enunciados de (18) o sentido durativo favorecido

¹² Grifo nosso. <Tradução nossa> Quando está presente a primeira pessoa, e se expõem as experiências pessoais, que, por sua vez, são compartilhadas por todos [...], e se relembra um passado [...], a forma composta será favorecida para marcar um maior grau do vivenciado (ÁLVAREZ GARRIGA, 2012, p. 38).

pelos sujeitos com informação de (8.1) **pluralidade** – em comparação com seu contraexemplo (19), em que se observam sujeitos sintáticos com valor (8.2) **singular**:

(18a) **Pluralidade:** *En otra vez, puse en el facebook una tontera y me **habló** todo Tucumán por el tonterés <T3>.*

Em outra ocasião, pus no *facebook* uma besteira e toda Tucumán falou comigo por conta da bobagem.

(18b) **Pluralidade:** *[...] sus padres y tantos amigos **han colaborado** en la infraestructura de este proyecto <M3>.*

[...] seus pais e tantos amigos colaboraram/têm colaborado na infraestrutura deste projeto.

(19a) **Singularidade:** *En otra vez, puse en el facebook una tontera y me **habló** mi señora por el tonterés.*

Em outra ocasião, pus no *facebook* uma besteira e minha esposa falou comigo por conta da bobagem.

(19b) **Singularidade:** *[...] su padre **ha colaborado** en la infraestructura de este proyecto.*

[...] seu pai colaborou/tem colaborado na infraestrutura deste projeto.

Conforme se infere do cotejamento entre (18) e (19), é natural que o envolvimento de um coletivo (“*todo Tucumán*” e “*sus padres y tantos amigos*”) na efetivação das situações descritas (“*hablar*” e “*colaborar*”) demande mais tempo para realizá-las do que apenas uma única entidade (“*mi señora*” e “*su padre*”) desenvolvendo a mesma a ação descrita. É importante destacar que, como em (18a), também atribuímos o traço de pluralidade aos sujeitos sintáticos com morfologia de singular, mas com valor semântico de coletividade.

Uma vez que a **pluralidade** pode favorecer uma leitura aspectual de **duração/iteração**, interessa-nos examinar se o PPC tende a ser privilegiada em contextos em que o sujeito sintático apresenta esse traço semântico. Identificado esse favorecimento, teremos mais uma evidência de que o PPC pode manter valores aspectuais, próprios de estágios anteriores. Por fim, salientamos que devido à existência de sujeitos oracionais (em orações subordinadas) e orações sem sujeito, a análise dos fatores referentes à pessoa e ao número do sujeito não considerará esses contextos, já que estará restrita aos dados em que podemos identificar claramente os dois grupos de fatores.

4.2.1.4.2 O complemento verbal

Conforme defendem Howe e Schwenter (2008, p.106), os complementos verbais com valor de pluralidade favorecem uma leitura de atelicidade, apresentando, por conseguinte, uma situação mais **durativa**. Isso é o que observamos em (20), em comparação com os respectivos contraexemplos, em (21):

(20a) **Pluralidade:** *Nos hemos creado tecnicaturas universitarias en agroindustria, donde ya vamos con la tercera corte. [...] Creo que en estos diez años Tucumán se ha transformado.*

[...] Criamos cursos superiores tecnológicos em agroindústria, com os quais já vamos para a terceira turma. [...] Acho que nestes dez anos Tucumán se transformou/tem se transformado.

(20b) **Pluralidade:** *Sí, cumplimos diez años, gracias a la solidaridad de la gente en España <M3>.*

Sim, fizemos dez anos, graças à solidariedade das pessoas na Espanha.

(21a) **Singularidade:** *Nos hemos creado una técnicatura universitaria en agroindustria, donde ya vamos con la tercera corte <T7>.*

[...] Criamos um curso superior tecnológico em agroindústria, com o qual já vamos para a terceira turma.

(21b) **Singularidade:** *Sí, cumplimos un año, gracias a la solidaridad de la gente en España <M3>.*

Sim, fizemos um ano, graças à solidariedade das pessoas na Espanha.

Segundo se infere do cotejamento entre (22) e (23), a efetivação de uma situação por mais de uma vez ou sua extensão (9.1 **complemento plural**) demanda mais tempo do que apenas o cumprimento unitário (9.2 **complemento singular**) – *crear “tecnicaturas”* vs. *“una tecnicatura”/cumplir “diez años”* vs. *“un año”*. De todo modo, mesmo levando mais tempo para sua realização, ainda assim a situação pode encontrar seu ponto de encerramento – com o cumprimento do período de dez anos, no caso de (24a). Assim, a presença de um complemento plural, na verdade, parece permitir uma leitura mais **durativa** da situação, e não necessariamente atética – como afirmam Howe e Schwenter (2008, p.106).

Diante desse pressuposto, Schwenter (SCHWENTER; CACOULLOS, 2008; HOWE; SCHWENTER. 2008), Rodríguez Louro (2009) e Oliveira (2010) afirmam haver um maior favorecimento a que o PPC expresse o sentido de **continuidade** junto a enunciados cujo complemento verbal carrega o traço semântico de pluralidade. Por isso, aplicaremos esse fator à análise dos dados das variedades diatópicas que investigamos, isso para identificar a existência de traços aspectuais no uso do PPC. Por fim, conforme demonstram os enunciados (22) e (23), identifica-se, entre os dados coletados, a existência de complementos oracionais (em orações subordinadas) e orações sem complemento verbal (verbos intransitivos), de modo que não consideraremos esses contextos em nossa análise, restringindo-a, portanto, aos dados em que podemos identificar claramente o fator “pluralidade do complemento verbal”.

(22) **Complemento oracional:** *[...] pensé que te habías ido a dormir dejando el horno prendido <T2>.*

Pensei que você tinha ido dormir deixando o forno aceso.

(23) **Oração sem complemento:** *[...] sabemos de perros que se han quedado a vivir en un cementerio porque el dueño **se murió** <B1>.*

[...] sabemos de cães que ficaram vivendo no cemitério porque o dono morreu.

4.2.1.5 O tipo de oração

O último grupo de fatores linguísticos considerado em nossa análise contempla os “tipos de oração”. Exemplificadas nos enunciados (24), (25) e (26), além das orações (10.1) **afirmativas**¹³, dedicamos especial atenção às orações (10.2) **negativas** e (10.3) **interrogativas**.

(24a) **Afirmativa:** [...] *es verdad que han sido muchísimos meses de trabajo* [...] <M4>.

[...] é verdade que foram/têm sido muitos meses de trabalho.

(24b) **Afirmativa:** *O sea, se repartieron los cargos* <B4>.

Ou seja, se repartiram os cargos

(25a) **Negativa:** [...] *en los últimos veinticinco años, la infraestructura sanitaria en la provincia de Tucumán no se ha incrementado* <T5>.

[...] nos últimos vinte e cinco anos, a infraestrutura sanitária na província de Tucumán não se incrementou/tem se incrementado.

(25b) **Negativa:** [...] *y al final, por desgracia, este proyecto no sobrevivió al cambio de personal* <M2>.

[...] e ao fim, por desgraça, este projeto não sobreviveu à mudança de funcionários.

(26a) **Interrogativa:** *¿ha presentado finalmente la renuncia a la obra social del PAMI filial Tucumán?* <T5>.

O senhor apresentou finalmente a renúncia à obra social do PAMI filial Tucumán?

(26b) **Interrogativa:** *¿con esta misma metodología se hizo el monumento al Che?* <B1>.

Com esta mesma metodologia se fez o monumento ao Che?

Conforme observamos no enunciado (25a), a negação parece contribuir para uma leitura durativa ao registrar uma permanente ausência de mudança de estado, de maneira que nota-se a extensão da estagnação da infraestrutura sanitária. Nessa mesma direção, Schwenter, Cacoullos (2008), Howe e Rodríguez Louro (2013) afirmam que a polaridade **negativa** contribui para a configuração de situações **atéticas** e, por conseguinte, **continuativas**. Por outro lado, parece-nos que a polaridade negativa também possibilita uma leitura **resultativa**, proveniente da mudança de estados. Desse modo, em (25b) observamos, com a falência do projeto, a mudança de condição: da existência à não existência. Frente a esses comportamentos, novamente justificamos a escolha desse fator linguístico devido à sua relevância na avaliação da existência de um uso do PPC com valor mais aspectual.

Finalmente, identificamos no estado da arte a carência de estudos que avaliam a pertinência das orações interrogativas para o uso do *pretérito perfecto*. No entanto, por

¹³ Fator menos interessante para os propósitos deste trabalho, por ser o tipo não-marcado e mais recorrente na língua.

justamente recuperar uma informação menos precisa, podemos eventualmente encontrar nas orações interrogativas a referência a uma situação potencial ocorrida em um tempo menos determinado. Tanto é assim que em (26a), por exemplo, não se sabe da efetividade da situação referida (“*ha presentado la renuncia*”), tratando-a, portanto, como potencial.

Espera-se que os dados referentes ao comportamento das formas do *pretérito perfecto* nesse contexto possam nos dar novas pistas sobre o funcionamento dessas formas temporais. Em complemento, ao definir esse fator linguístico, valemo-nos também da hipótese defendida por Rodríguez Louro (2009, 2011), segundo a qual a forma composta tende a fazer referência, em Buenos Aires, a uma situação genérica em um passado indefinido. Posto que o contexto interrogativo pode favorecer uma contextualização temporal menos determinada, encontramos junto a esse fator um importante contexto para a avaliação dessa hipótese.

Concluída a apresentação dos grupos de fatores linguísticos que permeiam nossa análise, verificamos que eles fundamentalmente colaboram para o estudo da existência de algum traço aspectual (perfectivo/durativo) vinculado ao uso das formas do *pretérito perfecto*. Essa informação deve nos auxiliar a avaliar se, de fato, o uso do PPS e do PPC descrito em cada uma das variedades corresponde a diferentes estágios de um processo de gramaticalização das formas do *pretérito perfecto* na língua espanhola. Isso posto, passemos à apresentação dos grupos de fatores extralinguísticos.

4.2.2 Grupo de fatores extralinguísticos

4.2.2.1 O espaço

Caravedo (1998) afirma que a relação existente entre língua e espaço pode ser compreendida de maneira abrangente (*lato*) ou específica (*stricto*). Do primeiro modo, evidencia-se que as línguas, graças a seu caráter social, estão localizadas em espaços determinados tais quais seus falantes, de maneira que “não há forma de se referir à manifestação social de uma língua se não for em relação a seu assentamento geográfico” (CARAVEDO, 1998, p.78)¹⁴. Por sua vez, em uma perspectiva mais restrita (*stricto*), a partir da análise de fenômenos linguísticos específicos, podemos averiguar que “o espacial pode se converter em um fator de variação da mesma maneira que o social” (CARAVEDO, 1998,

¹⁴ “*No hay forma de referirse a la manifestación social de una lengua sino respecto de su asentamiento geográfico*” (CARAVEDO, 1998, p.78).

p.78)¹⁵. Assim, a partir da compreensão favorecida pela análise abrangente (*lato*) – de que os espaços em que se manifestam as línguas são entendidos como espaços geossociais – podemos entender porque, em uma perspectiva mais restrita (*stritus*), “as línguas podem variar tendo como fatores condicionantes, além de outros, o espacial, como diferenças de zonas ou regiões, ou o social, como diferenças de grupo” (CARAVEDO, 1998, p.79)¹⁶.

Nessa direção é que o diversificado funcionamento das formas do *pretérito perfecto* em função da variedade diatópica evidencia-nos que o espaço geossocial pode ser tomado como um fator que, de algum modo, define a variação no uso do PPS e do PPC, indicando aumento ou diminuição da frequência de ocorrência e das possibilidades semântico-funcionais associadas às formas. Em outras palavras, consideramos que o espaço compõe um grupo de fatores que constituem “parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego das formas variantes” (MOLLICA, 2013, p.11).

Nessa direção, desenvolvemos um estudo diatópico que contempla três variedades da língua espanhola: a zona **castelhana** da península (MORENO FERNÁNDEZ, 2000, 2014; ALVAR, 2012) e as zonas **bonaerense** e **noroeste** da Argentina (VIDAL DE BATTINI, 1964; FONTANELLA DE WEINBERG, 2004). Diante da dificuldade em observar falantes de todos os povoamentos pertencentes a cada uma das três zonas diatópicas, procuramos nos orientar pelo princípio de **irradiação linguística** (COSERIU, 1977), o qual identifica os centros políticos, administrativos, culturais, comerciais e de comunicação como os principais centros propagadores de um padrão linguístico. É consciente disso que Moreno de Alba (2000) critica os atlas linguísticos que ignoraram a fala das grandes cidades, pois, segundo o autor, “são precisamente as grandes urbes focos de irradiação linguística que merecem especial atenção se o que se persegue é o conhecimento do estado que guarda a língua em um espaço dado” (MORENO DE ALVA, 2000, p.138).¹⁷ Respeitando a importância sócio-político-econômica que possuem em relação aos demais da mesma região, escolhemos três municípios como representantes de cada uma das variedades: (11.1) **Madri**, (11.2) **Buenos Aires** e (11.3) **San Miguel de Tucumán**, respectivamente.

Espera-se com a escolha dessas três zonas não apenas descrever, reavaliar e corrigir – se necessário – as descrições já realizadas sobre o comportamento do PPC/PPS nessas

¹⁵ “[...] *lo espacial puede convertirse en un factor de variación de la misma manera que lo social*” (CARAVEDO, 1998, p.78).

¹⁶ “[...] *las lenguas pueden variar teniendo como factores condicionantes, además de otros, el espacial, como diferencias de zonas o regiones, o el social, como diferencias de grupo [...]*” (CARAVEDO, 1998, p.79).

¹⁷ “*Son precisamente las grandes urbes focos de irradación lingüística que merecen especial atención si lo que se persigue es el conocimiento del estado que guarda la lengua en un espacio dado*” (MORENO DE ALVA, 2000, p.138).

variedades, mas também inserir, mais consistentemente, a variedade de San Miguel de Tucumán no estado da arte do estudo do uso das formas do *pretérito perfecto*, possibilitando, assim, o cotejo com as demais variedades da língua e uma maior divulgação dessa variedade.

A opção pela variedade castelhana deve-se a que normalmente ela é tomada como referência para composição da norma-padrão da língua espanhola (MORENO FERNÁNDEZ, 2000; KEMPAS, 2006; PONTE, 2010; ARAUJO; BUENO, 2014), o que parece se repetir também na descrição feita sobre o uso das formas do *pretérito perfecto*, posto que o estudo comparativo entre a descrição da gramática normativa e a impressão de uso de professores hispano-falantes (ARAUJO, 2009) revela-nos que

“o recorte proposto pelas gramáticas abordadas se preocupou preponderantemente com a variedade peninsular, o que explica a aproximação da percepção de uso dos informantes dessa zona com a proposta gramatical” (ARAUJO, 2009, p. 65).

Desse modo, ao optarmos pelo estudo da variedade castelhana, não só encontramos oportunidade para refletir sobre a referida aproximação, mas também sobre a possibilidade de considerá-la como uma espécie de grupo de controle, à medida que aparentemente recupera uma referência de uso canonicamente reconhecida para o estudo das formas do *pretérito perfecto*. Além disso, o estudo da norma castelhana também pode contribuir para um estudo diacrônico, pois parece haver nessa variedade diatópica um uso mais inovador da forma, já que parece alcançar estágios mais avançados do *continuum* de mudança funcional definido por Harris (1982) e Detges (2006).

Conforme já discutimos na subseção sobre a **mudança linguística** (subseção 2.2.1.2), a propensão a apresentar um uso mais inovador deve-se, em parte, ao comportamento linguístico próprio dos grandes centros urbanos, os quais tendem a mostrar uma variedade mais móvel e inovadora. Nessa direção é que os estudos dirigidos por Schwenter (1994; HOWE; SCHWENTER, 2003; SCHWENTER; CACOULLOS, 2008) e Serrano (1994) demonstram que já se nota na variedade castelhana uma aproximação à quarta etapa da mudança do *perfecto compuesto* (HARRIS, 1982; DETGES, 2006), ou seja, essa forma tem seu valor temporal alterado, desloca-se em direção à expressão do **passado absoluto** e entra em competição com a forma simples – dentro do âmbito até então reservado ao PPS. Uma vez identificada a dimensão dessa tendência, mais uma vez os dados da região castelhana servirão para o contraste com os dados do Novo Mundo, revelando-nos quão inovadora poderia ser considerada diante das demais zonas.

Por sua vez, a opção pelas variedades da Argentina se deve, em primeira instância, à necessidade de reavaliar um discurso pouco preciso e equivocado sobre o comportamento das formas do *pretérito perfecto*, segundo o qual haveria uma norma comum de uso para todo o país e que o uso do PPC seria cada vez mais escasso (LAMIQUIZ IBAÑEZ, (1969); OLIVEIRA (2007)). Como já esclarecemos (subseção 2.1.2), afirmações como essas resultam de uma extensão equivocadamente generalizada do estudo da norma bonaerense à realidade linguística de todo o país. Por outra parte, há ainda a necessidade de refletir sobre uma segunda tendência investigativa que polariza os usos do PPS/PPC, opondo Buenos Aires ao uso do noroeste do país (GUTIÉRREZ ARAUS (2001); JARA YUPANQUI (2009)).

Longe de afirmar que o comportamento do PPS e do PPC na Argentina se reduz a essas duas variedades, repetimos neste estudo a mesma seleção diatópica com o propósito de melhor examinar, sob a perspectiva da onomasiologia, a real dimensão da preferência dada às formas do *pretérito perfecto* no **passado absoluto** e **antepresente**. Assim, esperamos não apenas observar se há, de fato, alguma preferência em cada uma das áreas, mas fundamentalmente verificar a dimensão e característica da variação no uso do PPC e do PPS, além de avaliar a existência de alguma especificidade funcional adquirida ou mantida no PPC.

Assim, a escolha dessas variedades não só contribui para a análise da variação das duas formas nos contextos temporais alvo desta pesquisa, mas também promove a divulgação da língua espanhola usada em duas variedades do Novo Mundo, as quais apresentam comportamentos singulares – apesar da relativa proximidade espacial e político-administrativa. Em acréscimo, ao escolher as variedades representadas por San Miguel de Tucumán e Buenos Aires, também tomamos como base o estudo de Fontanella de Weinberg (1992), através do qual se explicita como historicamente a variedade noroeste se definiu por preservar comportamentos linguísticos mais conservadores, enquanto a variedade portenha foi demonstrando uma preferência por um comportamento mais dinâmico e inovador.

De igual maneira, dialogamos ainda com a proposta de Montes Giraldo (1995)¹⁸, segundo o qual se pode dividir as variedades diatópicas da língua espanhola em dois superdialetos. O primeiro deles – aqui representado por San Miguel de Tucumán – caracteriza-se por uma norma mais conservadora, observável nas zonas altas e interioranas, ao passo que o outro – representado pela variedade de Buenos Aires – remonta uma norma mais dinâmica e inovadora, própria das zonas baixas, litorâneas ou próximas aos grandes rios.

¹⁸Aplicada mais tarde às variedades argentinas por Fontanella de Weinberg (2004).

Ao concluirmos a descrição das três variedades diatópicas, esperamos encontrar material suficiente para refletir sobre a tendência de desenvolvimento do PPC e PPS nessas três zonas. De antemão, reconhecemos que devido às formações históricas e socioculturais próprias de cada uma dessas zonas, existe a expectativa de que as variedades possam refletir diferentes estágios de uso das formas do *pretérito perfecto*. Nessa direção é que a fase final deste trabalho prevê a avaliação da premissa que indica haver maior conservadorismo em zonas mais afastadas e interioranas (San Miguel de Tucumán) e uma maior tendência à inovação e mudança nos grandes centros urbanos (Buenos Aires e Madri) (CHAMBERS, TRUDGILL, 1994; TAGLIAMONTE, 2012, p.351).

Por fim, alertamos que a compilação dos *corpora* diatópicos buscou fundamentalmente favorecer a análise desse grupo de fatores, de modo que não apenas padronizamos a quantidade de dados provenientes de cada área diatópica (aproximadamente 2 horas/21 mil palavras por variedade), mas também selecionamos entrevistas que favorecessem a fala de informantes nascidos e ainda moradores das cidades mencionadas¹⁹.

4.2.2.2 Gênero/sexo

Labov (2006 [1994], 2008 [1972]), Silva-Corvalán (1989), Chambers, Trudgill (1994), Tagliamonte (2012), López Morales (2015) e Moreno Fernández (2015) mostram que a fala (12.1) **masculina** diferencia-se da fala (12.2) **feminina**. As principais causas dessas diferenças não residem na natureza fisiológica apenas, mas resultam de fatores sociais que se alteram mais lentamente que outras relações sociais (LABOV, 2006, p. 402). De maneira que “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão linguístico” (LABOV, 2008, p. 281).

Conforme afirma López Morales (2015, p.128), existem diferentes padrões educativos e papéis sociais atribuídos a ambos os gêneros/sexos, de maneira que a diferença na fala das mulheres reflete a existência de uma norma social que as instrui a apresentarem um comportamento geral e linguístico mais próximo do que a sociedade julga “correto”. Para Chambers e Trudgill (1994), não há apenas uma razão para justificar essa diferença entre os dois gêneros. Dentre as explicações apresentadas pelos autores, destaca-se que

¹⁹ Apesar do cuidado centrado na referência diatópica, o levantamento das informações dos falantes permitiu-nos ainda o estudo de outros dois grupos de fatores: **gênero/sexo** e **idade**. Alertamos, contudo, que não foi possível equalizar, nos três *corpora*, uma proporção igual entre as diferentes faixas etárias e entre homens e mulheres. De maneira que as conclusões aferidas a partir da análise dos dados merecem um especial cuidado em relação à efetiva aplicabilidade dos dados relacionados a esses dois grupos de fatores extralinguísticos.

(ii) *La diferenciación lingüística por sexos es un reflejo de una tendencia mucho más amplia a considerar a los hombres de un modo más favorable que a las mujeres si se comportan de un modo duro, rudo y si rompen las reglas. En cambio, se fomenta en las mujeres mucho más acusadamente que sean correctas, discretas, calladas y educadas en su comportamiento. Existen por tanto, muchas más presiones sobre la mujer para que use formas lingüísticas “correctas” que sobre los hombres* (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 134)²⁰.

Em síntese, Silva-Corvalán (1989, p. 70 e 71) afirma que as implicações práticas desse comportamento para o estudo da língua são que (i) as mulheres usam variantes linguísticas de maior prestígio com mais frequência que os homens; (ii) a fala feminina é mais “conservadora” que a masculina e é avaliada como mais “correta”; (iii) aceita-se que os homens rompam as regras e que se comportem de maneira mais rude, agressiva e vulgar, ao passo que se espera que as mulheres sejam mais corteses, submissas, corretas e ajustadas às regras impostas pela sociedade; (iv) as mulheres, no geral, não são impulsoras da mudança linguística – apesar de haver casos contrário.

No entanto, cabe ponderar sobre a aplicabilidade dos padrões apresentados às comunidades de fala investigadas, posto que as relações entre homem e mulher, bem como os papéis sociais assumidos por eles mudaram bastante no mundo ocidental, nas últimas décadas. Assim, é possível que o tratamento da linguagem tendo em vista o gênero/sexo possa ter tomado, conforme a comunidade, direções diferentes às descritas. Apesar de não encontrarmos registros na literatura que avaliam substancialmente a incidência do fator gênero/sexo nas três variedades diatópicas, é possível refletir, de algum modo, sobre as tendências descritas nos parágrafos anteriores graças a estudos pontuais. Nessa direção, Penny (2004, p. 207), por exemplo, identifica, em variedades da Península, as mulheres apresentando um comportamento mais conservador, já que são mais resistentes que os homens a realizar a elisão de /d/ na sequência /ado/ – própria da terminação dos participios (*amado, cantado, estudiado*).

Sobre as variedades argentinas, encontramos, em Buenos Aires as mulheres levando adiante a mudança que envolveu o desvozeamento da consoante fricativa palato-alveolar ([ʒ]>[ʝ])²¹ (VIDAL DE BATTINI (1964); RISSEL (1981); APAZA APAZA, (2014)). É pertinente destacar que o fone resultante é alvo de um prestígio nacional justamente por

²⁰ <Tradução nossa> A diferença linguística por sexos é um reflexo de uma tendência muito mais ampla, que considera os homens de um modo mais favorável que as mulheres quando se comportam de maneira dura, rude e rompendo as regras. Por outro lado, fomenta-se nas mulheres muito mais explicitamente que sejam corretas, discretas, caladas e educadas em seu comportamento. Existem, portanto, mais pressões sobre a mulher para que use formas linguísticas “corretas” que sobre os homens (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 134).

²¹ Representada pelo grafema <ll>, em *llave, llama, lluvia*.

caracterizar o falar atual do portenho. Desse modo, apesar de apresentar um comportamento inovador, parece que a fala feminina continua orientando-se por um referencial de prestígio nessa variedade diatópica. Por fim, apesar da escassez de estudos que versam sobre esse tópico na variedade tucumana, também se identifica a preferência por formas prestigiosas na fala feminina em províncias vizinhas a Tucumán. Esse é o caso, por exemplo, de Salta, cidade que, além de pertencer à mesma área geográfica (noroeste), também compartilha, com San Miguel de Tucumán, uma história e estrutura social semelhantes. Segundo Jesús Fernández (2001), a difusão de anglicismos se dá por razões de prestígio e, por isso, identificamos as mulheres atuando na disseminação de estruturas emprestadas da língua inglesa. Tanto é que, em Salta, observa-se um maior uso de anglicismos na fala feminina (67%).

Tendo em conta as conclusões dos estudos apresentados, que a fala feminina se orienta por uma norma de prestígio, esperamos poder avaliar qual das formas do *pretérito perfecto* está mais relacionada à norma linguística de prestígio nas variedades analisadas. Em termos mais concretos, se o uso do PPC estiver mais concentrado na fala feminina, possivelmente poderemos associar a forma composta a um uso mais prestigiado, demonstrando, portanto, que o PPC apresenta um uso mais pujante na variedade diatópica em que é descrito.

Por sua vez, se apenas no âmbito de **antepresente** a forma composta é mais expressiva entre as mulheres, tornando-se mais recorrente entre os homens no **passado absoluto**, teríamos um indício de um comportamento mais conservador na variedade diatópica analisada, posto que o comportamento recém-adquirido (no âmbito de **passado absoluto**) ainda não é avaliado socialmente como de prestígio. Se, por outro lado, também no **passado absoluto** a forma composta for mais recorrente entre as mulheres, essa variedade diatópica poderá ser caracterizada como mais inovadora, já que a inovação possivelmente terá sido associada à norma linguística de prestígio.

Por fim, recordamos que não foi possível equalizar, nos três *corpora*, uma proporção igual entre homens e mulheres, de maneira que a análise desse grupo de fatores deve apenas apontar direcionamentos para futuras investigações que venham a confirmar sistematicamente os dados descritos ou, até mesmo, refutá-los.

4.2.2.3 Idade

Conforme defendem Labov (2006 [1994], 2008 [1972]), Silva-Corvalán (1989), Chambers, Trudgill (1994), Tagliamonte (2012), López Morales (2015), e Moreno Fernández (2015), as diferenças linguísticas observadas nas diferentes idades não são consequência do

aspecto temporal estrito, mas de fatores sociais relacionados ao avanço da idade, já que, como se sabe, a autoridade e o *status* que possui um indivíduo dentro dos grupos sociais dependem, em certa medida, de sua idade (SILVA-CORVALÁN, 1989, p.76).

Dentre os fatores que atuam no processo de caracterização do modo de falar das diferentes faixas etárias, encontra-se a percepção que o falante adquire, com certa idade, sobre as vantagens sociais que pode obter mediante o uso de traços linguísticos considerados mais prestigiosos na comunidade. Assim, os grupos com idade intermediária, ativos no mundo da competição profissional, econômica e de ascensão social são os que mais apresentam perfis de autocorreção (SILVA-CORVALÁN, 1989, p.76). Nessa mesma direção, Chambers e Trudgill (1994) explicam que

[...] para los hablantes más jóvenes las presiones sociales más importantes proceden del grupo de sus compañeros, [...] están mucho más fuertemente influidos, lingüísticamente hablando, por sus amigos que por cualquier otra persona. La influencia de la lengua estándar es relativamente débil. Más tarde, a medida que los hablantes se hacen mayores y empiezan a trabajar, se remueven hacia redes sociales más amplias y menos cohesivas, y se dejan influir más por los valores sociales de la mayoría y, quizás, por la necesidad de impresionar, tener éxito, y lograr un progreso económico y social. Consecuentemente, se dejan influir más, desde un punto de vista lingüístico, por la lengua estándar. Por otro lado, para la gente mayor, jubilada, las presiones sociales son otra vez menores, el éxito ya se ha conseguido (o también puede que no), y las redes sociales pueden ser de nuevo más reducidas (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.126-127)²².

Outra contribuição que pode oferecer o estudo do fator idade repousa na hipótese do **tempo aparente** (LABOV, 2006 [1994], 2008 [1972]), segundo a qual os usos linguísticos de uma geração se mantêm praticamente inalterados e podem ser confrontados com os usos de outras gerações – desde que se trate de uma comunidade estável (MORENO FERNÁNDEZ, 2015, p. 122). Conforme explica Tagliamonte (2012, p.43), esse é um princípio usado a partir do início do séc. XX e que se tornou um conceito chave da sociolinguística variacionista.

Um estudo de **tempo aparente** compara a fala dos membros de uma mesma comunidade, estratificados em grupos conforme a idade. Uma vez identificada alguma diferença entre esses grupos, ela é interpretada como possível resultado de uma mudança em

²² [...] para os falantes mais jovens as pressões sociais mais importantes procedem do grupo de seus companheiros, [...] estão muito mais fortemente influenciados, linguisticamente falando, por seus amigos do que por qualquer outra pessoa. A influência da norma-padrão é relativamente fraca. Mais tarde, à medida que os falantes tornam-se mais velhos e começam a trabalhar, movem-se para as redes sociais mais amplas e menos coesivas, deixam-se influenciar mais pelos valores sociais da maioria e, talvez, pela necessidade de impressionar, de ter sucesso e de conseguir um progresso econômico y social. Consequentemente, deixam-se influenciar mais, de um ponto de vista linguístico, pela norma-padrão. Por outro lado, para os mais velhos, aposentados, as pressões sociais são novamente menores, o sucesso já foi alcançado (ou talvez não) e as redes sociais podem ser novamente mais reduzidas (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.126-127).

progresso, porque se assume que os padrões linguísticos já estabelecidos na adolescência se mantêm mais ou menos estáveis ao longo da vida do indivíduo. Ou seja, a fala dos indivíduos de 70 anos representaria a fala dos falantes de 20 anos, há 50 anos (SILVA-CORVALÁN, 1989, p.156). Assim, o aumento ou a diminuição gradual na frequência de uso de um traço linguístico, conforme o grupo etário do indivíduo, pode ser interpretado como uma mudança em progresso, permitindo o estudo da mudança linguística (TAGLIAMONTE, 2012, p. 43).

Dirigindo-nos aos nossos interesses de pesquisa, agrupamos os dados dos informantes presentes no material que compilamos em três grupos etários: (13.1) **menores de 35 anos**, (13.2) **entre 36 e 55 anos** e (13.3) **maiores de 55 anos**. Esse agrupamento considerou que os falantes presentes nas entrevistas radiofônicas compiladas apresentavam idades oscilantes entre os 26 e 70 anos, além da necessidade de manter um escalonamento etário possível de ser comparado entre as três variedades diatópicas. Ademais, a divisão dos grupos orientou-se também por estudos já realizados sobre a variação, em **tempo aparente**, das formas do *pretérito perfecto* em algumas variedades do espanhol, isso para que nossos dados possam ser contrapostos às informações que temos disponíveis no estado da arte (KUBARTH, 1992; SERRANO, 1994, 1995; PIÑERO PIÑERO, 1998, 2000; RODRÍGUEZ LOURO, 2009).

Diante da discussão realizada sobre a relevância do grupo de fator “idade” para o estudo da variação e mudança linguísticas – o que implica um uso mais inovador entre os mais jovens e mais conservador entre os mais velhos –, a análise do comportamento das formas do *pretérito perfecto* poderá apontar, por exemplo, que os jovens optam por um uso intensificado do PPC mais ao lado direito (**passado absoluto**) do *continuum* representado na figura 4.3. Ao passo que os grupos etários mais velhos tenderiam a dar maior preferência pela forma simples nesse contexto. Esse é um cenário possivelmente contemplado caso as variedades sigam o *continuum* de mudança descrito por Harris (1982) e Detges (2006).

Quadro 4.5: Da proporção entre os dados encontrados na três faixa etárias

Idade	Madri			Buenos Aires			S.M. Tucumán		
	Infor.	N	%	Infor.	N	%	Infor.	N	%
≤35	7	217	37%	2	42	8%	6	292	63%
36 – 55	12	331	57%	11	370	67%	5	155	33%
≥ 56	1	33	6%	3	139	25%	1	18	4%
Total	20	581	100%	16	551	100%	12	465	100%

Fonte: própria.

Por fim, o quadro 4.5 mostra-nos, na primeira coluna de cada variedade, a quantidade de informantes por faixa-etária (infor.) e, nas colunas seguintes, a proporção numérica (N) e

percentual (%) dos dados encontrados nos três grupos etários. Desse modo, alertamos para a disparidade na quantidade de dados de cada grupo e, por isso, a necessidade de relativizar os dados finais deste estudo.

Tendo justificado os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que compõem a análise que desenvolveremos mais adiante, podemos concluir que a contribuição fundamental da análise da maior parte desses fatores reside em que eles podem nos dar pistas sobre o grau de mudança funcional do PPC nas variedades diatópicas em questão, isso porque, conforme ilustra sinteticamente o quadro 4.6, quando mais recorrente é o uso da forma composta à direita dos *continua* referente a cada um dos grupo de fatores, maior é a evidência de que o PPC apresenta um comportamento mais inovador. Ao contrário, quando mais próximo do eixo esquerdo estiver o uso dessa forma, mais conservador poderá ser.

Quadro 4.6: Dos indicadores de inovação no uso do PPC

		Conservador <<< PPC >>> Inovador
CONCEPÇÃO TEMPORAL		AP Imediato > AP Específico > AP Ampliado > Passado Absoluto
MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Duração > Tempo (AP) > Tempo (PA)
FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Atélico > Télico
	Duração	Durativo > Pontual
	Modo	Estado/Atividade > Accomplishment > Achievement(?) ²³
SUJEITO	Pessoa	1 ^a > 2 ^a (?)/3 ^a
	Número	Plural > Singular
COMPLEMENTO	Número	Plural > Singular
ORAÇÃO	Tipo	Negativa > Afirmativa Interrogativa(?)
ESPAÇO		San Miguel de Tucumán > Buenos Aires > Madri
SEXO		Feminino > Masculino
IDADE		Mais de 55 anos > 36 – 55 anos > Até 35 anos

Fonte: própria.

²³ O sinal de interrogação (?) indica que o fator em questão não implica necessariamente uma etapa mais avançada – como disposto no quadro 4.6. De maneira que a análise efetiva dos dados deve demonstrar a real contribuição desses fatores para a compreensão do funcionamento das formas do *pretérito perfecto*.

Por fim, listamos no quadro 4.7 as variáveis independentes que compõem a análise multivariada que será apresentada no momento oportuno. Em seguida, apresentaremos sucintamente o *Goldvarb Yosemite, software* utilizado para o processamento dos dados.

Quadro 4.7: Dos grupos de fatores

GRUPOS DE FATORES			
LINGÜÍSTICO	CONCEPÇÃO TEMPORAL	Antepresente	Imediato
			Específico
		Ampliado	
	Passado Absoluto		
	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo
			Durativo
			Conclusivo
			Indeterminado
	Presença	Explícito	
		Implícito	
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico
			Atélico
		Duração	Pontual
			Durativo
Modo de ação		Achievement	
		Accomplishment	
	Atividade		
SUJEITO	Pessoa	1 ^a	
		2 ^a	
		3 ^a	
	Número	Singular	
COMPLEMENTO VERBAL	Número	Plural	
		Singular	
ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	
		Negativa	
		Interrogativa	
EXTRALINGÜÍSTICO	ESPAÇO	Madri	
		Buenos Aires	
		San Miguel de Tucumán	
	SEXO	Masculino	
		Feminino	
	IDADE	Até 35 anos	
		36 – 55 anos	
Mais de 55 anos			

Fonte: própria.

4.3 GOLDVARB YOSEMITE

Uma vez que nos propomos a desenvolver uma análise multivariada, que, como tal, investiga “situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105), faz-se pertinente recorrer a um método estatístico que nos permita avaliar e comparar quantitativamente os diferentes efeitos dos fatores contextuais, bem como detectar e medir tendências (TAGLIAMONTE, 2006, p. 72). Ainda segundo Tagliamonte (2006, p.12), repousa sobre essa abordagem o pressuposto de que, ao usar a língua, os falantes fazem escolhas, que se definem como formas alternativas discretas com o mesmo valor referencial ou função gramatical. Uma vez que essas escolhas variam de forma sistemática (“heterogeneidade ordenada”), podem ser descritas quantitativamente. Assim, a análise que buscamos neste trabalho visa medir a significância dos efeitos dos grupos de fatores recém apresentados sobre as ocorrências das formas que constituem a variável que está sendo tratada como dependente, isto é, o PPC e o PPS.

Com tal propósito, recorremos ao *software Goldvarb Yosemite* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2015), uma ferramenta utilizada na Sociolinguística Variacionista que permite realizar a análise estatística quase que automatizada dos dados – previamente identificados e categorizados conforme as exigências do *software*. Além dos valores percentuais gerais e de cada fator sobre o uso das formas verbais, o *software* informa-nos os pesos relativos desses fatores. Informação que, segundo Beline (2007), corresponde a

[...] valores que vão de zero a um e que indicam matematicamente o peso com que um fator (linguístico ou extralinguístico) influencia o uso de uma variante, em relação a todos os fatores levados em conta na observação de um fenômeno de variação linguística. Quando o peso relativo de um fator é próximo de zero, significa que tal fator desfavorece o uso da variante. Quando o peso relativo é igual a 0,50, significa que ele não está correlacionado ao uso da variante – tal valor é, pois, o ponto denominado neutro. Finalmente, quanto mais próximo for de 1 (um), maior será o peso com que o fator favorece o uso da variante. Os valores dos pesos relativos são obtidos a partir de fórmulas estatísticas complexas, do tipo de regressão logística, em que se comparam as porcentagens com que os dados se distribuem pelos diferentes fatores (BELINE, 2007, p. 132).

Neste ponto, é pertinente diferenciarmos a contribuição dos valores **percentuais** do aporte dos **pesos relativos** à análise estatística da variação linguística. Os primeiros números resultam de um cálculo univariado, isto é, não consideram, conjuntamente, a distribuição dos dados em relação aos demais grupos de fatores avaliados, informando, por isso, apenas “as frequências de ocorrência das variantes nos contextos examinados”. Por sua vez, os **pesos**

relativos resultam de uma análise multivariada que calcula “os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrência das variantes”. Desse modo, o efeito pode ser neutro (.50); favorecedor (>.50) ou desfavorecedor (<.50) (GUY, ZILLES, 2007, p.211).

Outras duas informações estatísticas também serão apresentadas juntamente aos dados expostos neste trabalho: o *input* e o *log-likelihood* (logaritmo de verossimilhança) – valores automaticamente gerados pela rotina do *software*. O primeiro indica a medição geral de uso da variável dependente, servindo, portanto, como uma medida global de referência (GUY, ZILLES, 2007, p.238). Por sua vez, o *log likelihood* mede a qualidade da aproximação entre o modelo (grupo de fatores, seus pesos relativos e *input*) e os dados observados. Assim, o número maior (mais distante do zero) representa um ajuste pior entre o modelo e os dados, ao passo que o número menor (mais próximo do zero), indica um ajuste melhor (p.191).

Diante de todos esses dados, o *Goldvarb Yosemite* avalia e seleciona, em sua análise, os grupos de fatores considerados estatisticamente significantes²⁴ para a compreensão do comportamento do fenômeno variável. Uma vez que os dados não selecionados – de menor significância estatística – também podem nos servir como argumento em nossa discussão (TAGLIAMONTE, 2006, p.237; GUY, ZILLES, 2007, p.215), apresentaremos, entre colchetes, os pesos relativos dos fatores não selecionados pelo *Goldvarb Yosemite*. É válido destacar que em alguns contextos específicos de análise não é possível identificar o grupo de fatores mais relevante estatisticamente. Essa carência poderia se dever, segundo explicam Tagliamonte (2006, p.237), Guy e Zilles (2007, p.215), à escassa quantidade de dados processados na análise estatística.

Finalmente, o *Goldvarb Yosemite* permite-nos também realizar o cruzamento (função *Cross Tabulation*) de dois dos grupos de fatores considerados neste estudo, permitindo uma análise mais específica da interação de dois fatores sobre o uso do PPC ou do PPS. Alertamos que, para a determinação de alguns dos dados fornecidos pelo *Goldvarb Yosemite*, o *software* nos exige a prévia seleção de uma das variantes dependentes para proceder à análise – esse é o caso do peso relativo, por exemplo. Nossa opção, nesse caso, foi pela forma composta, haja vista que ela vem se revelando historicamente como uma forma verbal dinâmica e mutável (TAGLIAMONTE, 2012, p. 298), que ocasiona, conseqüentemente, um rearranjo no funcionamento do *perfecto simple*, ao longo do tempo – conforme discutido na seção III, sobre o “percurso e história do passado em espanhol”.

²⁴ Segundo esclarecem Guy e Zilles (2007), “significância estatística é essencialmente um modo de estimar a probabilidade de se obter determinada distribuição de dados pressupondo certas características quanto à natureza da fonte de onde os dados foram extraídos” (p.85).

Definidas e justificadas as variáveis dependentes e independentes consideradas neste estudo, passemos à apreciação do material linguístico analisado para aferirmos os dados e conclusões desta pesquisa.

4.4 A ELABORAÇÃO DE UM *CORPUS* PARA A ANÁLISE DA EXPRESSÃO DA ANTERIORIDADE NA LÍNGUA ESPANHOLA

Uma rápida busca de *corpora* em língua espanhola de acesso disponível na internet (ARAUJO, 2012a, 2012b, 2013, 2015) revela-nos a indisponibilidade de um *corpus* que apresente as características necessárias para cumprir os objetivos traçados neste estudo, isso porque todas as fontes sistematizadas de dados linguísticos não dispõem conjuntamente de:

(i) **Textos divulgados em sua totalidade**, pois frequentemente as bases de dados apresentam fragmentos textuais nos quais figura uma forma linguística previamente selecionada pelo pesquisador. Essa busca **semasiológica** é feita por meio de uma ferramenta de pesquisa oferecida pela própria base de dados. Ressalta-se, desse modo, a dificuldade de um estudo **onomasiológico** como o que propomos, posto que poucas vezes encontramos a possibilidade de ampliar o fragmento e alcançar a totalidade do texto para avaliar as formas que coocorrem na envoltura temporal. Uma vez que nos interessa observar primariamente o contexto temporal para, em seguida, considerar as formas verbais recorrentes nele, valer-se desses *corpora* para um estudo como o que desejamos força-nos a utilizar a ferramenta de busca para a seleção de marcadores temporais próprios do **antepresente** e do **passado absoluto**. Não obstante, esse tipo de análise ficaria muito limitado, pois excluiria os contextos temporais sem marcador explícito ou com marcadores não previstos pelo investigador.

(ii) **Informações precisas sobre o entorno extralinguístico do enunciado e de seus enunciadore**s. Isso porque nem todos os *corpora* oferecem-nos conjuntamente informações de gênero/sexo, idade e origem diatópica. Considerando nosso referencial teórico e metodológico, esse conjunto de informações – com especial destaque do dado diatópico – é imprescindível para o cumprimento de nossos objetivos. A dificuldade é ainda maior por considerarmos uma variedade linguística relativamente pouco abordada nos estudos descritivos, como é o caso de *San Miguel de Tucumán*. Apesar do *Corpus de referencia del Español Actual* (CREA) informar o país de origem dos enunciado, a informação é ainda considerada superficial, tendo em vista a especificidade de nosso estudo. Por sua vez, o *corpus* do *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*

(PRESEEA) aparentemente supriria todos os dados extralinguísticos que requeremos, não fosse pela falta de uma base de dados para a variedade de *San Miguel de Tucumán*.

(iii) **Uma base de dados equiparáveis para as três variedades**, pois não há um *corpus* que ofereça dados provenientes das três variedades. Além do mais, nem sempre os *corpora* oferecem ao pesquisador informação sobre o tipo de texto em que figura o objeto de análise, impossibilitando, assim, uma seleção de enunciados que apresente uma maior propensão à recorrência dos contextos temporais enfocados.

(iv) Finalmente, é importante salientar uma **maior propensão das bases de dados linguísticos consultadas a recuperar em seus registros textos da modalidade escrita**. Em complemento ao cenário observado, Pérez Hernández (2002) afirma que a construção de *corpora* para a língua espanhola ainda se encontra em desenvolvimento, constituindo, por isso, um cenário longe do ideal. Assim, diante da inadequação dos *corpora* existentes em língua espanhola para o cumprimento dos fins estabelecidos neste trabalho, fez-se necessária a compilação de um *corpus* que nos conduzisse ao conhecimento do uso efetivo das formas verbais do *pretérito perfecto* na expressão dos valores de **antepresente** e **passado absoluto**, nas três variedades diatópicas analisadas. Ademais, a base de dados deveria nos possibilitar o conhecimento sobre o informante (idade, procedência geográfica, gênero/sexo) e de sua situação de enunciação (modalidade da língua e gênero discursivo). Somam-se a essas especificidades, as limitações espacial e econômica do pesquisador, que obrigam a coletar os enunciados e a obter as informações extralinguísticas a partir do Brasil.

Como verificaremos, a opção pelo trabalho com **entrevistas radiofônicas** provém da certeza de encontrarmos, nelas, situação que satisfaça as exigências acima relatadas, além, é claro, de nos permitir observar o uso efetivo e prestigiado da língua espanhola nas suas variedades nacional e regional, como bem observa Lipski (2011):

“[...] *la radio se apoya en las normas de prestigio, nacionales y regionales. La radio permite el acceso instantáneo a las voces y a las ideas de todos los miembros de la sociedad, como oyentes o como participantes ocasionales. El examen de la lengua de los programas de radio es un buen índice de las actitudes lingüísticas, así como del uso real*” (LIPSKI, 2011, p.162)²⁵.

²⁵<Tradução nossa> [...] a rádio apoia-se nas normas de prestígio nacionais e regionais. A rádio permite o acesso instantâneo às vozes e às ideias de todos os membros da sociedade, como ouvintes ou como participantes ocasionais. O exame da língua dos programas de rádio é um bom índice das atitudes linguísticas, assim como do uso real (LIPSKI, 2011, p.162).

4.4.1 O gênero discursivo *entrevista radiofônica*

Conforme temos defendido (ARAUJO, 2012a, 2012b, 2013), o estudo do gênero **entrevista radiofônica** é fundamental dentro do escopo deste trabalho porque a base do *corpus* de análise compilado para esta pesquisa compõe-se de enunciados pertencentes a esse gênero discursivo. Para tanto, refazemos o percurso epistemológico da conceitualização do gênero **entrevista radiofônica** orientando-nos por Pérez Cotten e Tello (2004, p.28), autores que identificam “um formato ou gênero que se denomina entrevista jornalística” e que conforme sua difusão em suporte papel ou por meios eletrônicos define a entrevista jornalística como escrita, televisiva ou radiofônica. Em outras palavras, verificamos nessa apreciação a definição do **domínio discursivo**²⁶ a que pertence o gênero em questão, bem como o **suporte** de sua circulação social. Isto é, podemos inferir que dentro da esfera jornalística há um modo de interação comunicativa estável que se chama **entrevista**, o qual, como sabemos, define-se pelas especificidades, exigências e necessidades do jornalismo²⁷.

Os traços que aporta o **suporte (rádio)** ao **formato (entrevista jornalística)** revelam-nos que apesar do **suporte** não alterar o valor dos textos que propaga, ele pode definir o gênero desses enunciados (MARCHUSCHI, 2008). No caso do rádio, um suporte virtual convencional, a ausência da imagem (presente na televisão) ou da possibilidade de releituras (possível no jornal impresso), entre outras características que descreveremos adiante, diferenciam a entrevista radiofônica das entrevistas difundidas por outros suportes do mesmo domínio discursivo.

Conforme Marcuschi (2008) também adverte, a função desempenhada pelo gênero é um constituinte que deve ser considerado quando se deseja descrevê-lo. Visando encontrá-la, verificamos novamente nas palavras de Pérez Cotten e Tello (2004) o possível propósito da entrevista radiofônica:

Sirve para la construcción discursiva de diferentes relatos periodísticos [...] y, también, para escuchar directamente la voz del entrevistado [...] en ambos casos, el objetivo inicial (y por cierto, final) es el de producir

²⁶ O conceito de *domínio discursivo* é equiparável à “esfera da atividade humana”, presente em Bakhtin (1997), pois segundo afirma Marcuschi (2008), “os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos textuais que em última instância desembocam na estabilização de gêneros textuais” (MARCUSCHI, 2008, p.294).

²⁷ São exemplos de outros gêneros presentes no domínio discursivo jornalístico: os editoriais, as notícias, as reportagens, a nota social, os artigos de opinião, a história em quadrinhos, a crônica policial, a crônica esportiva, os anúncios, os classificados, as cartas do/ao leitor, as entrevistas televisivas, as notícias de TV/rádio; as reportagens ao vivo, as discussões, debates, etc (MARCUSCHI, 2008, p.195).

conocimiento [...] (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.29)²⁸.

La entrevista, por lo tanto, es el principal recurso periodístico para acceder a la información, ampliar una noticia, obtener la voz de algún personaje (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.34)²⁹.

A estruturação do gênero relaciona-se, portanto, à reconstrução de um evento por meio do discurso, à apreensão e à avaliação de opiniões envolvidas com acontecimentos das mais diversas esferas da sociedade. Ou seja, a entrevista radiofônica se organiza em função do “informar”, fazendo da informação, “notícia”³⁰.

O interessante, no entanto, é que, se nos atemos apenas a esse traço, não avançamos muito no que corresponde ao conhecimento das características próprias apenas a esse gênero, isso porque veicular informações pertence à essência da esfera jornalística e, portanto, é de se esperar que verifiquemos o mesmo propósito em outros gêneros discursivos pertencentes a essa esfera. Por isso a diferenciação da **entrevista radiofônica** vai se afirmando, de fato, à medida que se identificam novas características do gênero. Assim, como lemos nos dois fragmentos acima, o aporte de novas informações se dá, nesse gênero, pela recepção da “voz” direta do entrevistado (“voz de algum personagem”). “Voz” que, por sua vez, responde outra, geralmente indagadora. A atitude responsiva verificada nesse embate resgata um caráter dialógico, que na entrevista é visto como:

[...] un encuentro de absoluta formalidad³¹ donde los roles están bien definidos. Hay un actor que propicia el desarrollo del conocimiento de un tema a través de otro actor. Pero este actor conoce algo sobre el tema, tiene algunas ideas. Éste, a través de preguntas facilita que se produzca conocimiento nuevo sobre determinado tema (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.25)³².

Em outros termos, o diálogo, além de possuir uma forma bem definida e conhecida por seus participantes, é instaurado por dois atores, cujos papéis estão bem estabelecidos: um que se acredita dominar o conteúdo que está na pauta da entrevista e outro que, a partir do

²⁸<Tradução nossa> “Serve para a construção discursiva de diferentes relatos jornalísticos [...] e, também, para escutar diretamente a voz do entrevistado [...] em ambos os casos, o objetivo inicial (e certamente, final) é o de produzir conhecimento [...]” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.29).

²⁹<Tradução nossa> “A entrevista, portanto, é o principal recurso jornalístico para acessar à informação, ampliar uma notícia, obter a voz de algum personagem” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004).

³⁰Pérez Cotten e Tello (2004, p.29) diferenciam “informação” de “notícia”. A primeira seria somente o relato de um evento ocorrido ou que está por acontecer, por sua vez, a *notícia* é a informação que se tornou difundida pelo interesse despertado em seu espectador. Logo, toda notícia implica necessariamente uma informação, o contrário não é verdadeiro.

³¹ Formalidade, aqui, não é entendida como nível de monitoramento linguístico, mas como estruturação (forma) bem definida e marcada.

³²<Tradução nossa> “[...] um encontro de absoluta formalidade, onde os papéis estão bem definidos. Há um ator que propicia o desenvolvimento do conhecimento de um tema através de outro ator. Mas esse ator conhece algo sobre o tema, tem algumas ideias. Este, através de perguntas, facilita que se produza conhecimento novo sobre determinado tema” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.25).

conhecimento superficial que adquiriu sobre o assunto, conduz o debate, tentando facilitar, por perguntas, o descobrimento de novas informações sobre o tema.

No gênero **entrevista radiofônica**, o diálogo formalizado com fins informativos assume um caráter eminentemente “público”, pois se constrói para difundir uma informação (transformando-a em notícia) e, logo, satisfazer o anseio que o ouvinte tem por determinado assunto. Não é por acaso que se caracteriza a entrevista nesse domínio discursivo como “a mais pública das conversações privadas” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004. P.24).

A cena construída pelo entrevistador e pelo entrevistado (**Eu↔Tu**) debatendo um tema (Ele) aparentemente comporia uma situação suficiente para a concretização de enunciados. No entanto, isso não é assim no diálogo da entrevista jornalística. Graças ao traço “público”, há na entrevista, imprescindivelmente, a exigência de mais um personagem, o espectador/ouvinte, quem motiva e, por fim, recebe toda a mensagem.

A fim de melhor avaliar o diálogo nesse gênero e, conseqüentemente, entender como esse conceito ajuda-nos a entendê-lo, recorreremos a Bakhtin (1997), quem identifica a diferença existente entre o diálogo presente no gênero de discurso primário, denominado simples, e o diálogo próprio do gênero de discurso secundário, denominado complexo:

Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. — aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios [...] (BAKHTIN, 1997, p.281).

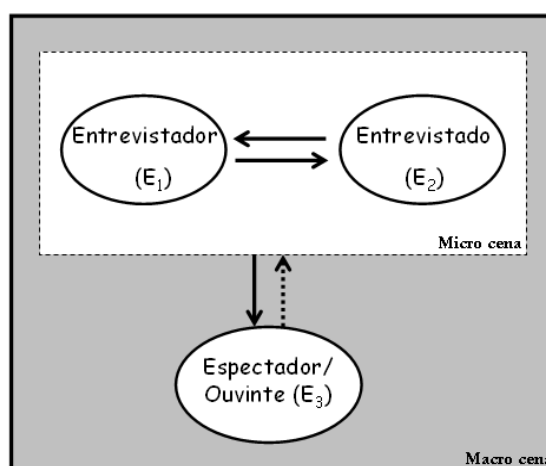
A simplicidade dos gêneros primários parece estar relacionada à espontaneidade observável na interação verbal do cotidiano, que se iguala ou se aproxima ao diálogo *stricto*. Por outro lado, se nota nos gêneros secundários uma espécie de apropriação dos gêneros primários, assimilação que é seguida por uma reelaboração que distancia os enunciados secundários do diálogo cotidiano. Esse processo de “reformulação”, por fim, culmina na constituição de gêneros mais elaborados, cuja “relação imediata com a realidade” dialógica do enunciado, presente nos gêneros primários, já não é evidenciada.

Em síntese, a categorização dos gêneros em **primários** e **secundários** leva em consideração o conceito de **diálogo**, *stricto* ou *lato*:

[...] A distinção entre gênero primário e gênero secundário [...] retoma, respectivamente, as duas maneiras de se considerar o diálogo, a que já fizemos menção: em *stricto sensu*, o diálogo cotidiano, espontâneo e, com, base nele, o diálogo mais extenso e complexo que constitui todo e qualquer enunciado. (MARCHEZAN, 2006, p.119).

Aplicando essa discussão à análise da relação dialógica instaurada na entrevista radiofônica (Figura 4.4), percebemos uma microcena, na qual se instaura um diálogo entre entrevistador (E₁) e entrevistado (E₂) para satisfazer o desejo informativo que possui o espectador/ouvinte (E₃), na macrocena³³. Por seu turno, a resposta de “E₃” ao enunciado composto por E₁ e E₂ não é necessariamente imediata, posto que pode ser dada de diferentes formas: de modos mais perceptíveis (como em comentários por chamadas telefônicas à rádio) até de maneiras menos conexas (por exemplo, com um diálogo traçado entre E₃ e um outro interlocutor (E_n) com quem possa interagir, até mesmo, assincronicamente). Por isso, escolhemos representar essa interação por meio de uma flecha pontilhada.

Figura 4.4: Do diálogo na entrevista radiofônica



Fonte: própria.

Frente ao cenário apresentado, definimos o gênero **entrevista radiofônica** como **secundário**, pois por se valer da esfera **jornalística** e do **rádio** – “circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída”³⁴ –, esse gênero apoia-se em uma estruturação do diálogo mais complexa, que, como vimos, vai além da simplicidade verificada no diálogo cotidiano (*stricto sensu*). Desse modo, constrói-se um diálogo (entre E₁

³³ Não entender macro e micro, como sentidos *stricto* e *lato* do diálogo, verificados em Bakhtin (1997).

³⁴ Afastando-nos de qualquer mal entendido que a citação possa gerar, ao se apropriar desses atributos para caracterizar os gêneros secundários, Bakhtin (1997) tinha em mente que as evoluções tecnológicas presenciadas em algumas comunidades poderiam servir como um agente catalisador da criação de novos gêneros. Isso porque, os gêneros **secundários**, tido como mais complexos, “inspiram-se nos gêneros primários e aparecem na sociedade quando esta atinge um certo grau de sofisticação cultural, permitido, principalmente pelo letramento” (SILVEIRA, 2005, p.63)

e E₂) mais próximo do cotidiano no primeiro plano (microcena), no qual as relações são sincrônicas, mais espontâneas e onde, aparentemente, se configura a entrevista. Porém essa microcena não tem valor por si mesma, posto que sua finalidade é informar E₃ (macrocena) e, portanto, estabelecer uma relação dialógica (*lato sensu*) com ele (E₃). Tanto é assim que os integrantes do primeiro plano têm consciência de que estão ali por causa do ouvinte da rádio (E₃). As interações nessa macrocena ([E₁↔E₂]↔E₃) são viabilizadas pelo entrevistador e não são necessariamente evidentes.

Em outros termos, o que aparentemente configuraria um gênero primário (E₁↔E₂), torna-se componente do gênero secundário ([E₁↔E₂]↔E₃), isto é, “transforma-se dentro deste e adquire uma característica particular: perde sua relação imediata com a realidade existente” (BAKHTIN, 1997, p.281). Isso porque o diálogo aparente se estrutura para satisfazer as necessidades presentes na realidade que envolve o ouvinte (E₃). Encontramos nas palavras de Farneda (2007) a definição sintética do que tratamos nos parágrafos anteriores:

A entrevista radiofônica é um gênero jornalístico que diz respeito ao encontro de um entrevistador (jornalista) e um entrevistado (especialista em um assunto em particular), cujo interesse é fazer falar o *expert* a respeito dos diferentes aspectos de uma questão e, dessa forma, levar as informações fornecidas, por essa interação, a terceiros. Sendo contrária a uma conversa comum, a entrevista apresenta um caráter estruturado e formal, cujo objetivo é satisfazer as expectativas do destinatário (FARNEDA, 2007, p.02).

Além de obter a atenção de seu espectador, o entrevistador deve buscar também a simpatia de seu entrevistado, que lhe poderá conceder maior informação à medida que se construa um vínculo de maior confiabilidade. Daí que se infere que:

[...] *la entrevista es un acto de seducción mutua. El entrevistador seduce para obtener más y mejores respuestas. El entrevistado busca convencer a su entrevistador, llevarlo a su juego, decir lo que quiere decir y evitar decir lo que no quiere decir* (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.37).³⁵

Outra característica da entrevista radiofônica que merece atenção refere-se à já mencionada presença da voz do entrevistado. O uso do discurso direto nesse gênero (i) aproxima o ouvinte do entrevistado, já que aquele sabe que este fala para ele; (ii) elimina a intermediação direta de um terceiro (jornalista), criando uma (iii) aparente objetividade; (iv) permite que o ouvinte tire suas próprias conclusões, protegendo, assim, o jornalista de eventuais asserções comprometedoras; (v) cria empatia ou antipatia entre ouvinte e

³⁵<Tradução nossa> “[...] a entrevista é um ato de sedução mútua. O entrevistador seduz para obter mais e melhores respostas. O entrevistado procura convencer seu entrevistador, levá-lo a seu jogo, dizer o que quer dizer e evitar dizer o que não quer dizer” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.37).

entrevistado; além, é claro, de (vi) permitir o conhecimento imediato da voz e os testemunhos envolvidos nos episódios noticiados (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.33).

Haja vista que a presença direta de pelo menos duas vozes (entrevistador e entrevistado) é imprescindível nesse gênero, o estudo de sua construção composicional deverá considerar o modo como, formalmente, organiza-se o diálogo nessa interação verbal. Nesse sentido, Farneda (2007, p.2) mostra-nos que o “entrevistador e o entrevistado ocupam posições assimétricas”, mas que este “deve respeitar a agenda de perguntas prevista pelo jornalista. Os turnos de pergunta devem sempre terminar com uma interrogativa” e por sua vez, os turnos do entrevistado revestem-se unicamente de respostas. Ao entrevistador cabe a abertura e o fechamento da entrevista e não lhe compete “formular expressões de ratificação, opinião ou comentário, abstendo-se de formar opinião contra ou a favor do entrevistado”.

Com o propósito de construir uma certa imparcialidade, o entrevistador controlará os turnos por meio de falas mais breves. O entrevistado, por sua vez, terá falas mais longas a fim de transmitir a informação que detém. A essas características composicionais, somam-se as instruções dadas por Portugal e Yudchak (2008, p.76), para quem a condução da entrevista radiofônica deve ser feita por meio de perguntas individualizadas, de modo claro, curto e concreto. Verificamos, na figura 4.5, como essas características composicionais se realizam em uma das entrevistas que compõem *corpus*.

Portugal e Yudchak (2008, p.84) destacam ainda a preferência por uma linguagem simples e, a partir de relatos de jornalistas, mostram-nos o estilo mais empregado nesse gênero. Assim, Alfredo Leuco, jornalista cordobês, diz utilizar “uma linguagem mais simples, frases curtas, [apelar] à sabedoria popular, à linguagem da rua, à linguagem coloquial, [...] com o que se ganha maior familiaridade e proximidade³⁶”. Notemos como o uso de uma linguagem menos erudita possibilita a aproximação entre jornalista e sua audiência.

Da mesma maneira, Graciela Manscuso diz que “hoje a linguagem foi liberada, fala-se como na vida³⁷” e Chiche Gelblung afirma que “a rádio tem que falar como o ouvinte³⁸”. Essa jornalista destaca ainda o caráter espontâneo que tem a linguagem nessa interação discursiva: “em realidade, a rádio tem que falar como você quer, nada substitui o pessoal³⁹”.

³⁶ “[...] *un lenguaje sencillo, frases cortas, [...] apelo a la sabiduría popular*, al lenguaje de la calle, al lenguaje coloquial, [...] con lo que se gana familiaridad, cercanía” (PORTUGAL; YUDCHAK, 2008, p.84).

³⁷ “Hoy se ha liberado el lenguaje, se habla como en la vida” (PORTUGAL; YUDCHAK, 2008, p.85).

³⁸ “La radio tiene que hablar como el oyente” (PORTUGAL; YUDCHAK, 2008, p.85).

³⁹ “[...] en realidad la radio tiene que hablar como vos lo sientas, nada reemplaza a lo personal” (PORTUGAL; YUDCHAK, 2008, p.85).

Figura 4.5: Do modelo de composição estrutural da entrevista radiofônica

KAR 0'00"	Diez de la mañana treinta y seis minutos. Como todos los lunes a la mañana, está con nosotros el doctor Guillermo Alonso, jefe del servicio de acupuntura del hospital de clínicas Presidente Nicolás Avellaneda. Le damos la [bienvenida] ¿Cómo le va, doctor?	El inicia o diálogo e apresenta E2.
ALO 0'14"	Bien bien.	
KAR 0'14"	Bien venido.	
ALO 0'15"	Muchísimas gracias.	Turnos menores e interrogativos
KAR 0'16"	Bueno, hoy un tema, todo el mundo tiene... se hace esta pregunta. Eh... Sobre el te... sobre el tabaquismo, ¿la acupuntura ayuda a superarlo?	
ALO 0'30"	Bien, sí. Hay hay numerosos pacientes que concurren a nuestro servicio. No vamos a decir que todos tienen éxito, pero un porcentaje importante, sí, lo tienen. Eh... Porque muchas veces tienen la convicción de dejar de fumar. Eh... muchas veces co... conocen obviamente cuales son los efectos deletéreo que está haciendo sobre su organismo, sobre la parte respiratoria e sobre el resto de su organismo, conocen las limitaciones... sí sí, claro claro, hay que [####], a la está llegando por su problema de tabaquismo, pero, a pesar de eso y a pesar de su bueno propósito ellos no pueden dejar de fumar. Entonces, buscan esta ayuda.	Entrevistado domina turnos maiores.
KAR 1'04"	¿Y cuáles serían los mecanismos a los que abunda la acupuntura?	Turnos menores e interrogativos
ALO 1'07"	Bien, en primer lugar, eh por vía refleja, o sea, con las agujas, lo que logramos, por un lado, disminuir el grado de ansiedad porque, de alguna manera, quien fuma tiene un beneficio de [####]. Un beneficio entre comillas, o sea, el cigarrillo le ayuda en este momento a disminuir la ansiedad. Obviamente que después viene el conflicto: "¿Por qué <u>he fumado</u> ?", " <u>he sido débil</u> ", "no... no <u>he tenido convicciones</u> ", "no <u>he tenido voluntad</u> " y eso le genera de nuevo... le genera de nuevo la ansiedad y paradójicamente le hace fumar de nuevo mucho más. O sea que, por un lado, le disminuimos el tenor de la ansiedad a esta persona. Por otra parte, el fumador tiene bloqueado el gus... el gusto y el olfato. O sea, se recuerdan los que fuman que los primeros cigarrillos eran duros, rígidos, fuertes, raspaban... y que después uno va logrando que todos sus... esas malas sensaciones se desaparezcán y hace una filtración de lo que pretende del cigarrillo y nada más. [...] Obviamente que... algunos pacientes necesitan más tiempo, otros menos tiempo, pero hay un porcentaje importante de paciente que lo logra.	Entrevistado domina turnos maiores.
KAR 3'15"	Perfecto. Doctor, ¿cómo se lo... se encuentra? ¿Todavía sin teléfono?	Turnos menores e interrogativos
ALO 2'20"	Antes teníamos... tenía la comunidad, los los pacientes ya conocidos como los nuevos me llamaban por teléfono para pedir asesoramiento o turno. Hoy tienen que molestarse tanto a los nuevos como los que ya tienen eh... su historia clínica de servicio, hasta el servicio en el hospital Avellaneda, en los horarios que ustedes conocen, que es de siete y media a doce, porque lamentablemente todavía no tenemos teléfonos, como [todo un nada de este lugar] donde está a servicio de cirugía. Que [Javier] <u>ha hecho</u> una obra muy importante, se <u>ha llevado</u> por adelante el cabrero [#### #### #### ####] nuevamente	Entrevistado domina turnos maiores
KAR 3'50"	O sea que la gente tiene que ir y pedir contacto.	El retoma o turno para terminar o diálogo.
ALO 3'53"	Exactamente	
KAR 3'53"	Perfecto. Con nosotros, como todos los lunes, el doctor Guillermo Alonso, jefe del servicio de acupuntura del hospital de clínicas presidente Nicolás Avellaneda. Gracias, doctor, hasta lunes.	
ALO 4'03"	Gracias a usted	

Fonte: própria.

Parece-nos evidente, no entanto, que, diante de um meio de ampla difusão e expressividade, não podemos crer que, de fato, a seleção de elementos linguísticos nos enunciados pertencentes ao gênero é exatamente igual à escolha verificável no uso comum,

rotineiro e casual⁴⁰, no qual não se observa preocupação com a fala. Diante dessa situação de enunciação, o falante parece monitorar, mesmo que discretamente, sua fala a fim de alcançar um padrão linguístico que esteja de acordo com o que ele avalia como mais adequado a um meio de maior prestígio e desenvolvimento tecnológico, como é o caso da rádio.

Por outro lado, a existência de uma maior espontaneidade nesse gênero pode estar relacionada, em partes, à modalidade de concepção e transmissão dos enunciados, ou seja, por pertencer ao domínio da oralidade, torna-se menos possível fazer releituras corretivas, pois tendo sido enunciada, a mensagem já não pode ser apagada – sobretudo quando se trata de entrevistas ao vivo.

Por fim, destacamos a relevância de considerarmos os tipos textuais presentes nesse gênero. Sabemos que a **entrevista radiofônica** pode agregar quase que a totalidade deles e, por isso, beneficia-nos com uma situação propícia para a recorrência dos âmbitos temporais analisados neste estudo. Isso porque para descrever eventos (descrição), ordená-los temporalmente (narração), explicar e analisar determinadas situações ou ideias (exposição), bem como para contrapor ideias (argumentação), parece ser necessário, entre outras, formas verbais que estejam vinculadas à fração temporal que engloba do pretérito ao presente – segmento temporal em que se alinham os âmbitos do **passado absoluto** e do **antepresente**.

Nosso próximo passo será explorar mais concretamente o material que compõe o *corpus* de análise, isto é, descrever os enunciados coletados e verificar como as características do gênero discursivo em foco realizam-se neles. Antes, porém, vamos nos ater a uma breve apresentação de dois *softwares* que nos auxiliaram na compilação do *corpus* e que viabilizaram, de forma mais rápida, o processamento e a descrição dessa base de dados.

4.4.2 Ferramentas tecnológicas para o estudo da linguagem

Audacity 1.3

Trata-se de um *freeware* de gravação e edição de áudio. Por sua facilidade de manuseio, serviu-nos para a gravação das entrevistas transmitidas por internet, sua edição, além de nos auxiliar na transcrição dos enunciados. Algumas ferramentas como desaceleração do áudio, seleção de fragmentos, entre outras, viabilizaram a realização dessa última função. A informação do tempo de gravação é também um dado fornecido pelo programa por meio da linha do tempo (indicada pela flecha). A figura 4.6 mostra a interface do Audacity 1.3.

⁴⁰ Segundo Labov (2008, p.111) “por fala casual, em sentido estrito, entendemos a fala cotidiana usada em situações informais, em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem”.

Figura 4.6: Do Audacity 1.3



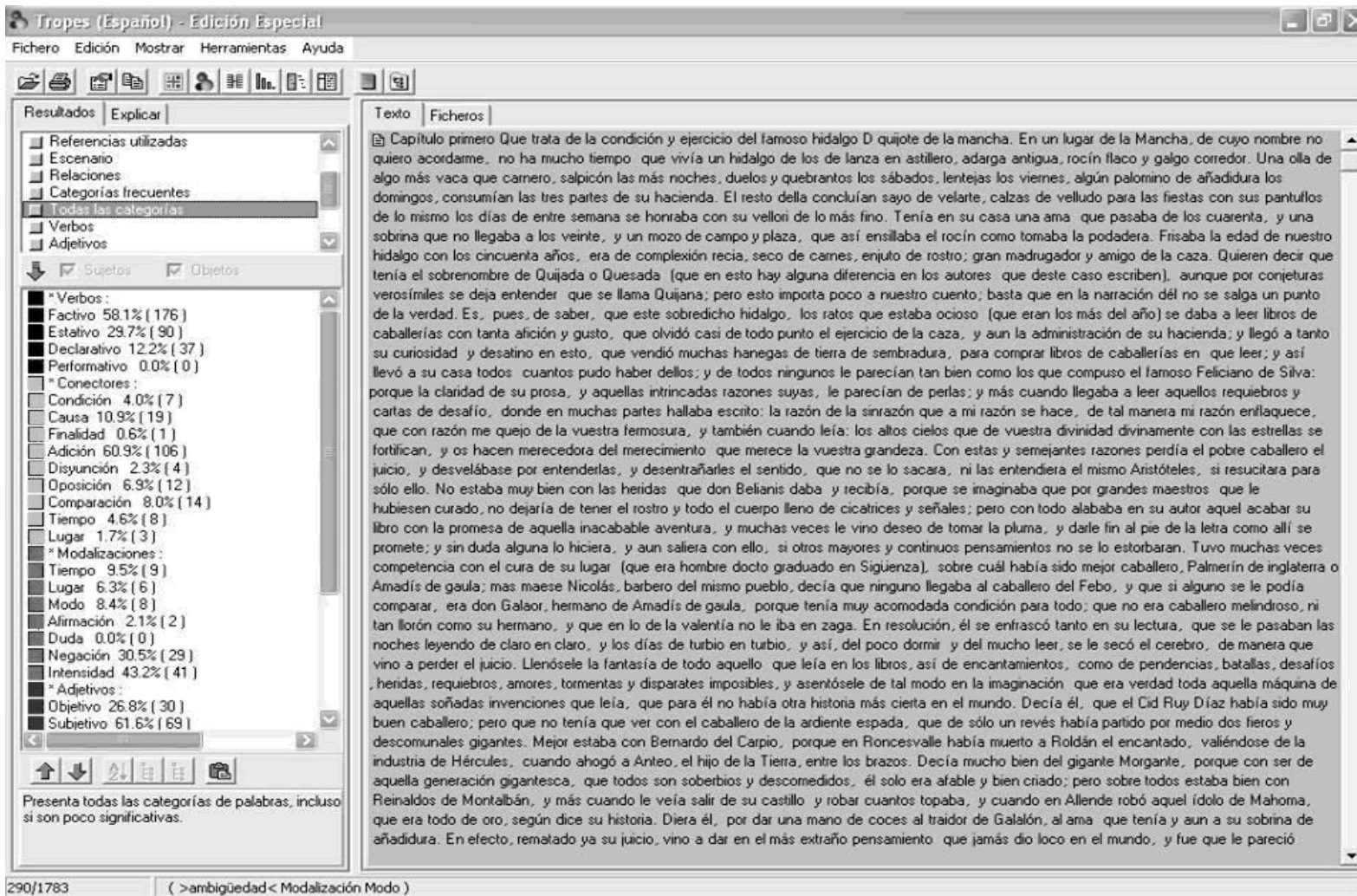
Fonte: própria.

Tropes 7.2.3

O segundo *software* destaca-se pelo processamento semântico de textos em línguas naturais. Para descrever as características dos enunciados em análise, o *tropes* vale-se de critérios linguísticos pré-programados e os associa às estruturas linguísticas encontradas nos textos processados. Frente à desenvoltura metodológica tida pelo programa e nosso objeto de estudos, faz-se imprescindível a adoção da versão em língua espanhola.

Como se observa na figura 4.7, a interface do programa apresenta duas colunas, uma de “resultados” (à esquerda), na qual verificamos as características textuais e suas proporções, e uma de “texto” (à direita), na qual são apresentadas sequências textuais que ilustram os resultados da esquerda. As análises oferecidas pelo *Tropes* nos auxiliaram na descrição das entrevistas radiofônicas, oferecendo-nos, mais especificamente, informações sobre o estilo e o conteúdo temático do gênero. Passemos, então, à exploração do *corpus* que compilamos

Figura 4.7: Da interface do Tropes 7.2.3



Fonte: própria.

4.4.3 Composição do *corpus*

Segundo Pérez Hernández (2002), a revolução tecnológica vivenciada pela humanidade permitiu-nos, entre outras coisas, o estudo linguístico fundamentado na análise conjunta de enunciados pertencentes às múltiplas situações de interação discursiva, afastando-nos, conseqüentemente, de análises impressionistas, baseadas apenas nas intuições linguísticas do estudioso. Valendo-nos de parte desses recursos, constituímos um *corpus* de análise a partir de materiais linguísticos que registram “a linguagem natural realmente utilizada por falantes e escritores da língua em situações reais” (BERBER SARDINHA, 2000, p.352) e que se caracteriza por apresentar um

[...] conjunto de datos lingüísticos (pertenecientes al uso oral o escrito de la lengua, o a ambos), sistematizados según determinados criterios, suficientemente extensos en amplitud y profundidad de manera que sean representativos del total del uso lingüístico o de alguno de sus ámbitos y dispuestos de tal modo que puedan ser procesados mediante ordenador con el fin de obtener resultados varios útiles para la descripción y el análisis (SÁNCHEZ, 1995, p. 8 – 9)¹.

Note que, segundo o autor, um *corpus*, além de ser composto por textos efetivamente realizados na prática comunicativa, deverá seguir critérios que lhe assegurem representatividade de, pelo menos, algum âmbito da língua. Esses parâmetros, por sua vez, se caracterizam por condições de naturalidade, de autenticidade, de diversidade, de dimensões e a outros padrões que possam estar relacionados aos propósitos investigativos. A disponibilidade para o processamento digital é também uma das características que deve possuir o *corpus*, posto que com o auxílio dos recursos tecnológicos podemos analisar, de maneira mais precisa e ágil, uma grande quantidade de enunciados.

Considerando as limitações espaciais e temporais que enfrentamos e buscando respeitar as características apresentadas, podemos encontrar condição que satisfaça as exigências propostas por Sánchez (1995) em um *corpus* composto por **entrevistas radiofônicas**. Isso porque, além de encontrarmos esses enunciados disponíveis na rede mundial de computadores – em rádios das três regiões diatópicas, que disponibilizam sua transmissão *on-line* –, esse gênero apresenta um uso mais próximo ao vernáculo².

¹ [...] conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos e disponíveis de tal modo que possam ser processados por meio de computador, com o fim de obter resultados vários e úteis para a descrição e a análise (SÁNCHEZ, 1995, p.8 e 9).

² Labov (2008) observa que, conforme dedicamos maior ou menor atenção ao nosso processo de enunciação, nossa produção verbal sofre sensível alteração quanto aos padrões fonológicos e gramaticais. Nessa oscilação

Uma vez que enunciados pertencentes a um único gênero e apenas à modalidade falada não podem constituir um *corpus* representativo da totalidade de usos linguísticos de uma comunidade de fala, reconhecemos que as apreciações e conclusões provenientes deste estudo estão limitadas a um importante âmbito da língua empregada nas três variedades diatópicas avaliadas, no qual se observa o domínio da oralidade com pouco monitoramento. Além disso, o emprego desse gênero nos possibilita a observação da fala de uma diversificada gama de informantes das regiões, tornando mais viável este estudo diatópico.

Posto que obter as informações referentes aos indivíduos que participam da construção dos enunciados e de seu entorno de enunciação é imprescindível para um estudo que se orienta pelos pressupostos da Sociolinguística e da Dialectologia, destacamos que a opção por esse gênero e o apoio da *internet* nos possibilitam o acesso a esse tipo de dados – ora por inferência na própria entrevista, ora por contato direto com as rádios ou, até mesmo, por meio de rede de relacionamentos (*facebook*).

Sobre a obtenção dos textos, quando não disponibilizados para *download* pelo próprio site da rádio que difundiu a entrevista, o uso do *software Audacity 1.3*, como previamente assinalado, serviu-nos para gravação das entrevistas. Uma vez que a metodologia deste trabalho é uma continuidade da metodologia empregada na dissertação de mestrado defendida no ano de 2012 (ARAÚJO 2012a, 2013), parte do material que compõe o *corpus* desta pesquisa provém da primeira base de dados compilada. Assim, valemo-nos dos *corpora* preexistentes de *Buenos Aires* e *San Miguel de Tucumán*, ampliando-os, no entanto, em quantidade de tempo e palavras. Assim, o que antes se limitava a aproximadamente quarenta e sete minutos e oito mil palavras por área diatópica, nessa etapa do processo investigativo, foi ampliado para mais de duas horas, o que equivale a mais de vinte mil palavras por variedade. Salientamos, contudo, que o *corpus* de Madri foi inteiramente compilado, haja vista que essa variedade não havia sido contemplada em nossas análises prévias.

Dessa maneira, a primeira fase dos trabalhos de gravação/transcrição ocorreu em 2010 – quando ainda estávamos desenvolvendo o trabalho de mestrado –, ao passo que a segunda fase se deu entre os anos de 2013 e 2014. A seguir, dispomos um quadro que relaciona as três regiões diatópicas apreciadas neste estudo com algumas informações das entrevistas.

entre os níveis de preocupação com a forma de se expressar, o **vernáculo** define-se como “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala”, oferecendo, por isso, “dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística” (LABOV, 2008, p.244). Isso é assim porque o **vernáculo** é a variedade (i) primeiramente adquirida pelo falante, (ii) mais livre de hipercorreção e (iii) que serve como referência de regulação para os demais estilos (TAGLIAMONTE, 2006, p. 8).

Quadro 4.8: Da descrição das entrevistas radiofônicas que compõem os *corpora* diatópicos

Variedade diatópica	Rádio	Programa	Nº de entrev.	Tempo de grav.	Nº de palav.	Nº de PP	Nº de infor.	Faixa etária	Mulher
Madri	Cope	El partido de las doce	11	2h03'58''	23.357	584	20	26 – 57	4
	Radio 5	Entrevista en R5							
Buenos Aires	Continental	La mañana	8	2h01'30''	21.124	562	16	28 – 70	4
	Palermo	Comunas en Plural							
		Entre nosotras							
	Cooperativa	El vermucito del domingo							
Los más grandes									
S. M. Tucumán	LV 12	Manyines en la radio	9	2h00'57''	21.221	473	12	30-59	4
	LV 7	La mañana de LV7							
		La tarde de LV7							
	Fish	Sin pescado concebido							
Total			28	6h06'25'	65.702	1.619	48	26 – 70	12

Fonte: própria.

Como se pode notar, as mais de 6 horas de gravações (Tempo de grav.) referentes às 28 entrevistas radiofônicas (Nº de entrev.), forneceram-nos quase 66 mil palavras³, sendo, em média, mais de vinte e um mil a quantidade de palavras provenientes de cada uma das três variedades diatópicas. Em relação à recorrência das formas linguísticas que esperamos encontrar nos âmbitos temporais em pauta, observam-se 1629 formas do *pretérito perfecto* ao longo de todo o *corpus* (Nº de PP).

É interessante destacar que no grupo de 48 informantes (Nº de info.) encontram-se falantes que possuem de 26 anos até 70 anos (Faixa etária). No entanto, os dois extremos não constituem parte do grupo etário preponderante nesse gênero. Tanto que a média aritmética da idade dos 51 falantes mostra-nos que a idade média dos falantes é de aproximadamente 44 anos. Em relação ao gênero/sexo dos informantes, notamos uma clara preponderância de homens, posto que do total de informantes (48), apenas 12 são mulheres (23%). As informações referentes à idade e ao gênero/sexo levam-nos a refletir, mais uma vez, sobre o gênero discursivo em questão e sua função social, posto que a entrevista radiofônica parece estar marcada pela presença de uma população masculina e adulta.

A fim de organizarmos a referenciação da fonte dos enunciados que serão apresentados ao longo de toda a discussão desta tese, apresentamos o quadro 4.9, no qual podemos recuperar, a partir do código da entrevista (Cód.), informações sobre a variedade diatópica e rádio de origem, data de gravação da entrevista e sua duração (Tempo). Além disso, o quadro ainda apresenta a quantidade de informantes que falam na entrevista (N.

³ As informações de tempo de gravação e quantidade de palavras foram obtidas, respectivamente, por meio da linha do tempo exposta no *Audacity* 1.3 e pela ferramenta contar palavras, do editor de texto *Microsoft Office Word* 2011.

Infor.), sua faixa-etária, a quantidade de mulheres entre os informantes (N Mulher) e a temática principal das discussões. Alertamos que muitas vezes um mesmo informante aparece em mais de uma entrevista.

Quadro 4.9: Da codificação de referência das entrevistas que compõem o *corpus*

Variedade diatópica	Rádio	Cód.	Data	Tempo	N. Infor	Faixa etária	N. Mulher	Temática
Madri	Cope	M1	10.09.2013	25'17"	4	26-50	1	Esporte. Futebol.
	Radio 5	M2	21.06.2013	11'57"	2	32-48	0	Artes. Quadrinhos.
		M3	18.06.2013	9'14"	2	40-55	1	Sociedade. Serv. Social.
		M4	01.06.2012	10'07"	2	31-55	1	Artes. Teatro.
		M5	16.02.2012	11'29"	2	44-48	0	Artes. Designer.
		M6	10.02.2012	9'17"	2	36-55	1	Artes. Televisão.
		M7	25.11.2011	9'41"	2	34-55	1	Artes. Cinema.
		M8	24.11.2011	9'00"	2	35-55	2	Artes. Música e Teatro.
		M9	24.11.2011	07'54"	2	30-55	1	Artes. Teatro.
		M10	10.10.2011	12'03"	2	46-48	0	Esporte. Corrida autom.
		M11	12.08.2011	07'59"	2	55-57	1	Esporte. Basquete.
Buenos Aires	Continental	B1	02.06.2010	10'07"	2	62-63	1	Sociedade. Serv. Social.
	Palermo	B2	29.09.2010	10'50"	2	37-38	0	Artes. Artes Plásticas.
		B3	29.09.2010	16'30"	3	36-70	2	Artes. Teatro.
	Cooperativa	B4	04.08.2013	19'16"	2	43-53	0	Política. Gênero.
		B5	04.08.2013	33'02"	2	50-53	1	Política. Eleições.
		B6	14.08.2013	11'48"	3	45-68	0	Esporte. Futebol.
		B7	10.09.2013	13'33"	4	40-68	0	Esporte. Futebol.
	B8	07.08.2013	06'24"	3	28-48	0	Esporte. Futebol.	
S. M. Tucumán	LV 12	T1	21.06.2010	04'29"	2	30-34	0	Sociedade. Entretenimen.
		T2	21.06.2010	23'04"	2	30-34	0	Sociedade. Entretenimen.
	LV 7	T3	26.04.2010	05'40"	2	33-59	1	Sociedade. Negócios.
		T4	06.12.2010	04'05"	2	44-50	1	Saúde. Tabagismo.
		T5	30.11.2010	10'38"	2	42-51	0	Sociedade. Previdência.
	Fish	T6	10.09.2013	07'58"	3	32-50	2	Sociedade. Trabalho.
		T7	01.08.2013	35'17"	3	32-40	2	Política. kirchnerismo.
		T8	03.07.2013	15'45"	3	30-34	1	Sociedade. Entretenimen.
		T9	03.07.2013	14'01"	3	30-34	1	Sociedade. Entretenimen.

Fonte: própria.

Seguindo a tipologia proposta pela Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2000), nosso material de análise se identifica com o “modo falado”, pois tanto em sua concepção como em sua propagação faz uso da oralidade. Quanto ao “tempo”, trata-se de um “*corpus* sincrônico e contemporâneo”, por abordar um único período: o corrente. É “dialetal” e “especializado”, por apresentar, respectivamente, um conteúdo que visa satisfazer um estudo diatópico e por decorrer de um único domínio discursivo: o jornalístico. Por fim, é um *corpus* de “língua nativa”, já que os falantes possuem o espanhol como língua materna.

Quanto ao tamanho do *corpus* e sua relativa representatividade, é importante sabermos que, de acordo com o que propõe Berber Sardinha (2000, p.346), manipulamos um *corpus* pequeno, por possuir menos de 80 mil palavras. No entanto, ainda orientados pelo

autor, somos conscientes de que “a quantidade mínima de dados necessários para a formação de um *corpus* nunca foi estimada [...], sendo o critério de tamanho empregado subjetivamente na definição de *corpus*” (p.345). Assim, o *corpus* compilado é suficientemente significativo para o estudo dos âmbitos de **antepresente** e **passado absoluto**, haja vista a recorrência de formas do *pretérito perfecto* (PP) encontrada na base de dados, a situação discursiva acessada por meio dos enunciados, a diversidade temática e de tipo de textos, entre outros.

A fim de proceder à descrição de algumas das características relacionadas ao estilo, ao tema e à composição dos enunciados veiculados pela entrevista radiofônica, recorreremos, como havíamos adiantado, ao auxílio do *Tropes, software* de processamento semântico. Segundo sua análise, o tipo textual preponderante na composição dos enunciados do *corpus* é o **argumentativo**, ainda que os demais tipos sejam encontrados com frequência também significativa. Quanto à temática, foi salientada a preponderância de debates sobre questões sociais. No entanto, também estiveram presentes temas ligados à geografia e urbanismo, arte e cultura, política, ciências e tecnologia, economia e finanças, jogos e esportes, animais, alimentação, empresarial, saúde e doenças, direito e justiça, emprego e trabalho⁴, ou seja, temas que envolvem a vida cotidiana da sociedade e que, na esfera jornalística, são resgatados e transformados em notícias por serem de interesse do ouvinte.

Sobre o estilo, o *software* aponta a preponderância de verbos **factivos** e **estativos**⁵, que contribuem para a constituição de uma encenação dinâmica. Por meio da categoria **modalização temporal**, a mais preponderante das modalizações no *corpus*, podemos verificar uma grande recorrência de advérbios e locuções adverbiais de tempo que envolvem, fundamentalmente, o âmbito da enunciação (*ahora, hoy, ya*), que expressam frequência (*siempre, una vez, de nuevo*) e fragmentação do dia (*tarde, mañana, anoche*), além de alguns advérbios de posterioridade e anterioridade (*mañana, ayer, en aquel momento*), entre outros.

Os tipos de verbo e a modalização temporal podem delinear uma situação favorável para o estudo dos contextos temporais de **passado absoluto** e **antepresente**, isso porque nota-se a recorrência de modos de ação (dinâmicos e estáticos) e de concepções temporais (anterioridade, concomitância e posterioridade ao momento de enunciação, bem como iteratividade) diversificadas. Os quais, em interação com as formas do *pretérito perfecto*, deverão nos auxiliar na compreensão dos fenômenos linguísticos aos que se voltam este estudo. A figura 4.8 mostra como a interface do *software* apresenta essas informações.

⁴ Apropriamo-nos da terminologia empregada pelo próprio *software*.

⁵ Verbos que, segundo o *software*, expressam, respectivamente, ação e estado.

Figura 4.8: Da exposição da modalização temporal no tropes



Fonte: própria.

Destacamos também a preponderância de formas pronominais de primeira e segunda pessoas do singular – reflexo evidente da situação discursiva instaurada no gênero, na qual duas pessoas estão em diálogo direto –, e a tendência da variedade linguística usada nesse gênero aproximar-se do uso vernacular, isto é, menos monitorado e, logo, mais espontâneo. Isso é o que elucidam os seguintes fragmentos:

(27) CAR: [...] *ahora sí, ahora sí, ahora sí. Acomodaditos. MAR: Ya estamos todos acomodados. CAR: Impresionante este feriado. MAR: ¿Qué onda?* <TI>

CAR: [...] *agora sim, agora sim, agora sim. Acomodadinhos. MAR: Já estamos todos acomodados. CAR: Impresionante este feriado. MAR: Qual é boa?*

(28) *Hola, Víctor Hugo. Tanto tiempo, ¡qué placer! Me estaba riendo con los chistes de tu compañero* <BI>.

Olá, Victor Hugo. Tanto tempo. Que prazer! Estava rindo com as piadas do seu companheiro.

(29) *Antonio Adán, ¿qué tal? Buenas noches. ¿Qué tal estás?* <MI>

Antonio Adan, e ai? Boa noite. Como você está?

Nos fragmentos apresentados, além de expressões que indicam uma situação de aproximação e espontaneidade (“*¡qué placer!*”, “*me estaba riendo*” e “*chistes*”), encontramos conjugação verbal (*estás*) e paradigma pronominal (*tu compañero*) referente à segunda

pessoal do singular *tú/vos*, cujo uso, na Espanha e Argentina, respectivamente, também está relacionado a circunstâncias de menor formalidade e maior familiaridade. Destacam-se também **repetições com efeito cômico** (“*ahora sí, ahora sí, ahora sí*”), **uso de diminutivos** (“*Acomodaditos*”), **expressões de gosto pessoal** (“*¡qué placer!*“, “*Impresionante*”), **formas de questionamento e cumprimentos menos formais** (“*Hola*“, “*¿Cómo estás?*“, “*¿Qué onda?*“ “*¿Qué tal?*”), entre tantos outros exemplos verificáveis na totalidade do *corpus*.

Por outro lado, conforme advertido anteriormente, sabe-se que por se tratar de um gênero midiático, no qual não raramente o falante vê-se especialmente atento à situação enunciativa em que se encontra, podemos identificar marcas que apontam, de algum modo, para um monitoramento linguístico. Assim, é comum constatar, entre outros, o uso recorrente dos seguintes tipos de marcadores conversacionais:

- (30) **Repetições de palavras ou grupo de palavras:** [...] *pasearse con las desgracias de la gente y... y bueno queriendo mostrar que ellos tienen la verdad absoluta y realmente eso muchas veces confunde al electorado y... y da mucha bronca eh... que que haya tanta mala gente aprovechándose de de la... de lo... de los que por, como lo dije, cayeron en desgracia [...]* <T7>.

[...] passear com a desgraça das pessoas e... e bom, querendo mostrar que eles detêm a verdade absoluta e realmente isso muitas vezes confunde o eleitor e... e dá muita raiva é... que que haja tanta gente má se aproveitando da... do... dos que por, como disse, caíram na desgraça [...].

- (31) **Pausas na fala:** *Eh... Madrid también ha mirado sus intereses y yo he mirado por los míos. Eh... ha habido propuestas eh... de otros clubs eh... Y bueno al final por unas circunstancias o por otras ninguna... ninguna se ha cerrado ¿no?* <MI>

É... Madri também olhou seus interesses e eu olhei pelos meus. É... houve propostas é... de outros clubes é... e bem, por fim, por uma ou outra circunstância, nenhuma... nenhuma foi concluída, né?.

- (32) **Marcadores conversacionais:** *como uso excessivo de “eh”, “este” e “bueno”:* “*Eh... bueno, una Eh... una sesión muy emotiva*”; “[...] *un romance que que se mantiene y, bueno, eh... [...]*”; “*Este... de estas personas que [avaláron] la desaparición de personas, la detención de hijos de desaparecido, la apertura, este... yo digo que este... nadie puede dormir con esta sensibilidad [...]*”⁶

É... bom, uma é... uma sessão muito emotiva; [...] um romance que se mantém, e bom é... [...]; Este... destas pessoas que avaliaram a desapareição de pessoas, a prisão de filhos de desaparecidos, a abertura, este... eu digo que este... ninguém pode dormir com esta sensibilidade [...].

Diante desses dados, não negamos a efetiva aproximação entre o uso vernacular e a variedade linguística usada no gênero **entrevista radiofônica**, contudo, consideramos também que inserido nessa situação de interação humana, o falante apresenta uma sensibilidade maior à realidade linguística instaurada nesse gênero, de maneira que se atém um pouco mais ao modo como fará uso da linguagem. Assim, parece-nos ingênuo considerar

⁶ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio Misiones, de Posadas/Argentina (03/10/2013).

as informações provenientes da observação dessa base de dados como válidas, necessariamente, para um contexto cotidiano de monitoramento próximo ao nulo, como se espera, por exemplo, do diálogo trivial de amigos.

Para concluirmos, o estudo do gênero discursivo conduziu-nos ao conhecimento do material linguístico que nos servirá de base para aferirmos nossas conclusões sobre o comportamento das duas formas do *pretérito perfecto* quando operando na expressão dos valores de **antepresente** e **passado absoluto**, nas três variedades diatópicas estudadas. Consideramos essa abordagem teórica fundamental, pois nos fornece o entorno enunciativo desses “enunciados relativamente estáveis” (BAKHTIN, 1997). Por conseguinte, somos levados a conhecer fatores linguísticos e extralinguísticos que, de algum modo, possam estar relacionados ao uso das formas verbais nos âmbitos temporais.

4.4.4 Esclarecimento sobre a eliminação de alguns dados encontrados no *corpus*

Antes de iniciarmos a efetiva análise das ocorrências do *pretérito perfecto*, consideramos importante salientar que uma pequena parte do total geral de dados não será contemplada neste estudo porque expressam claramente uma função/concepção temporal distinta das que nos atemos neste trabalho. De maneira que, se os considerássemos em nossa análise, poderíamos nos desviar dos objetivos deste estudo ou obter informações enviesadas.

A fim de não comprometer os resultados finais, separamos do material de análise, por exemplo, os usos do PPS ou do PPC alinhados ao âmbito de **antepretérito**, isto é, expressando uma situação passada que assume como referência outra ação passada, em relação à qual se estabelece uma relação de anterioridade, tal como observamos nos enunciados (35) a (38). Note que, no português, o “pretérito mais que perfeito” equivaleria às formas do *pretérito perfecto* destacadas em negrito.

(35) **Madri:** [...] *cuando Iker se lesiona la opinión de esos medios y de gente que **ha escrito** una semana anterior en contra mí cambia <M1>*.

[...] quando Iker lesiona-se a opinião desses meios e de pessoas que haviam escrito uma semana antes contra mim muda.

(36) **Madri:** *Yo también siempre había querido estudiar periodismo y mis padres me dijeron: “¡No! Que no vas a conseguir nada así”. Y entonces, bueno, antes de acabar la carrera, pues **decidí** empezar a divulgar sobre lo que conocí [...] <M5>*.

Eu também sempre havia querido estudar jornalismo e meus pais me disseram “Não! Você não vai conseguir nada assim”. E então, bom, antes de acabar a faculdade, havia decidido começar a divulgar o que eu conheci.

(37) **Buenos Aires:** *Eso dijo Gabriela Michetti, de los niños, de nosotros, de los hijos que mi esposo **adoptó** antes de conocerme <B4>.*

Isso disse Gabriela Michetti, dos filhos, de nós, dos filhos que meu esposo havia adotado antes de me conhecer.

(38) **San Miguel de Tucumán:** *Ese tema se **ha politizado** y yo que tuve que hacer en aquel momento como responsable de la obra social, poner en funcionamiento los mecanismos naturales [...] <T5>.*

Esse assunto havia sido politizado e eu que tive que fazer naquele momento, como responsável da obra social, pôr em funcionamento os mecanismos naturais [...].

Especificamente em Madri, encontramos um único caso da forma composta ocorrendo no âmbito de **presente**, aparentemente com um tom de maior cortesia:

(39) **Madri:** *Santiago Zannou, **hemos querido** terminar esta conversación con música, con música de la banda sonora de “La puerta de no retorno” <M7>.*

Santiago Zannou, queremos terminar esta conversa com música, com música da banda musical de “La puerta de no retorno”.

Por último, as duas variedades argentinas apresentam uma expressão fixa constituída pelo verbo “*ver*”, conjugado em PPS e em tom interrogativo (*¿viste?*). Como observamos em (40), esse uso não faz referência objetiva ao tempo passado ou à informação semântica da base verbal, funcionando, portanto, como um marcador conversacional.

(40) **San Miguel de Tucumán:** *Bueno, es una interpretación **¿viste?** <T7>.*

Bom, é uma interpretação, sabe?

Por não estarem relacionados diretamente aos âmbitos temporais contemplados neste trabalho e tendo em vista escassa aparição de casos como esses nos *corpora* de cada região – por volta de 1% do total dos dados –, desconsideramos esses poucos usos em nossa análise. No entanto, é pertinente uma análise futura do comportamento dessas formas verbais com as funções apresentadas, isso para que possamos avaliar se, de fato, são usos que caracterizam o funcionamento das formas do *pretérito perfecto* nessas variedades e de que maneira podemos estabelecer um paralelo entre esses usos e os já descritos pela norma gramatical.

Uma vez exposto e justificado o *corpus* e o procedimento metodológico adotado para procedermos ao estudo da expressão do **AP** e **PA** nas três regiões diatópicas investigadas, passemos efetivamente à análise do comportamento das formas do *pretérito perfecto* nos dois âmbitos temporais de interesse.

**A EXPRESSÃO DOS VALORES ‘PASSADO ABSOLUTO’ E ‘ANTEPRESENTE’ NO
ESPANHOL: UMA ANÁLISE MULTIVARIADA DO COMPORTAMENTO DAS
FORMAS DO *PRETÉRITO PERFECTO* EM MADRI, BUENOS AIRES E SAN
MIGUEL DE TUCUMÁN**

Aproximando-nos ainda mais dos dados coletados a fim de cumprir os objetivos propostos para este trabalho, procederemos nesta seção à análise do comportamento do *pretérito perfecto simple* (PPS) e *compuesto* (PPC) nos âmbitos temporais do **antepresente (AP)** e **passado absoluto (PA)**, em Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán. Uma vez que nos orientamos pela hipótese de que “**o tipo e/ou abrangência da referência temporal de anterioridade é um fator determinante para a compreensão do funcionamento das formas do *pretérito perfecto***”, tomamos o fator “âmbito temporal” como fio condutor de nossas discussões. Assim, à medida que avançamos por cada uma das concepções temporais que delimitamos, procederemos à análise multivariada do uso do *pretérito perfecto* em cada uma das variedades em que identificamos variação. Por fim, cotejaremos o estado descrito nas três variedades diatópicas, observando tendências e comportamentos particulares e comuns a elas. Alertamos que, na maior parte da discussão, nossa atenção estará centrada na observação da forma composta, posto que ela apresenta historicamente um processo de mudança que acarreta um estado de competição com o PPS pela expressão dos valores de **AP** e **PA**.

Tendo em vista que, conforme descrevem Alarcos Llorach (1980), Harris (1982) e Detges (2006), a entrada da forma composta na expressão do *tempus* se dá via **antepresente** para, só mais tarde, exprimir o **passado absoluto**, organizamos a apresentação de nossos dados na mesma direção, isto é, procedendo à análise do âmbito de **AP**, para só depois atentar ao contexto de **PA**. Uma vez que o estudo do **antepresente** envolve a sua subcategorização em três pequenos subâmbitos (**imediatos, específicos e ampliados**), procederemos ao estudo de cada um desses contextos temporais na ordem referida, isso porque entendemos que o percurso **imediatos>específicos>ampliados** delinea um *continuum* que vai de uma referência temporal menos ampla e mais definida a uma referência mais dilatada, abrangente e, por conseguinte, mais próxima do valor de um **passado absoluto**. Além disso, ao definirmos essa ordem, consideramos ainda o pressuposto de que a extensão do uso do PPC para o âmbito de **PA** poderia se dever à ampliação e generalização do *perfecto compuesto* a toda referência de anterioridade (perfectiva) ao momento de fala.

Portanto, ao delinear um percurso investigativo e de apresentação dos dados na ordem “**AP imediato > específico > ampliado > passado absoluto**”, apoiamos-nos no conhecimento que temos sobre o funcionamento histórico das formas do *pretérito perfecto*. Isso para estabelecer uma linha descritiva e argumentativa que permita observar, com maior clareza, a avaliação de algumas de nossas hipóteses, segundo as quais se afirma que (i) “o tipo e/ou abrangência da referência temporal de anterioridade é um fator determinante no comportamento das formas do *pretérito perfecto*” e que (ii) “o estado de uso do PPS e do PPC descrito em cada uma das variedades corresponde a diferentes estágios de seu processo de gramaticalização do *pretérito perfecto* na língua”. Finalmente, a comparação entre a norma descrita nas três variedades diatópicas revelará se “conforme a variedade diatópica, o PPS e o PPC operam conjuntamente, isto é, estão em variação em um ou mais âmbitos temporais analisados”.

A seguir, a tabela 5.1 organiza quantitativamente os dados a serem analisados conforme a sua disposição nos âmbitos temporais de cada *corpus* diatópico. A menor proporção de dados no contexto de **antepresente imediato** (139) e, por outro lado, a expressiva recorrência de formas do *pretérito perfecto* no âmbito de **passado absoluto** (887) devem-se, em parte, às características do gênero discursivo, mas também à especificidade e abrangência, respectivamente, desses contextos temporais. Note, contudo, que se somados os dados dos três subâmbitos do **antepresente** encontramos uma recorrência de formas do *pretérito perfecto* (710/44%) mais próxima à quantidade de dados do **PA** (887/56%).

Tabela 5.1: Da totalidade de dados por âmbito temporal

	ANTEPRESENTE						PASSADO ABSOLUTO		TOTAL	
	Imediato		Específico		Ampliado					
Madri	38	27%	125	39%	130	52%	288	32%	581	36%
Buenos Aires	42	30%	83	26%	74	29%	352	40%	551	35%
S.M. Tucumán	59	43%	112	35%	47	19%	247	28%	465	29%
Total	139	100%	320	100%	251	100%	887	100%	1597 ¹	100%

Fonte: própria.

¹ A discrepância do número total de ocorrências de formas do *pretérito perfecto* entre o quadro 4.8 e a tabela 5.1 deve-se a retirada, daquele quadro, dos 22 casos que fogem aos âmbitos temporais de **antepresente** e **passado absoluto**. Como já explicamos na subseção 4.3.4, essas ocorrências apresentam valores diferentes dos que são alvos deste estudo.

5.1 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DO PPC E PPS NO ANTEPRESENTE

Conforme definem as principais gramáticas da língua espanhola (Quadros 1.5 e 1.6), o macroâmbito do **antepresente** é considerado o contexto temporal mais propício para o uso do *pretérito perfecto compuesto*. A mesma perspectiva descritiva caracteriza esse âmbito temporal pela referência a uma situação passada observada a partir de uma perspectiva de presente (MR,MF/0oV). Em outros termos, há nesse marco temporal uma referência que permanece presente do momento em que ocorre o fato passado descrito até o momento em que se enuncia (ME-MF,MR/(0oV)-V). Tal característica pode ser a responsável por trazer imbricada nesse valor uma maior integração da situação descrita com a enunciação, posto que tanto o ME como o MF estão envolvidos pela mesma referência temporal (Figuras 1.13 e 1.14).

Conforme introduzem os dados expostos na tabela 5.2, uma aproximação geral desse contexto temporal revela, em Madri, um uso praticamente categórico da forma composta (98%). Por sua vez, encontramos, nas variedades argentinas, um cenário mais propício para o estudo da variação entre as formas do PPC e do PPS no âmbito geral de **antepresente**. Enquanto o registro da norma bonaerense apresenta um uso mais recorrente da forma simples (78%), o *corpus* de San Miguel de Tucumán revela que a variação entre as duas formas aparenta-se mais equilibrada, apesar de ainda notarmos uma maior recorrência do PPC (59%).

Tabela 5.2: Da expressão geral do antepresente

	ANTEPRESENTE					
	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán	
PPC	288	98%	44	22%	129	59%
PPS	5	2%	155	78%	89	41%
Total	293	100%	199	100%	218	41%

Fonte: própria.

Tendo em vista a já descrita capacidade de dilatação da referência de simultaneidade verificada no âmbito de **antepresente** – o que permite um afastamento maior ou menor entre o fato descrito e o momento de fala –, é possível delinear três subconjuntos temporais dentro do âmbito de **antepresente**: o (i) **imediate** ou hodierno, (ii) o **específico** e (iii) o **ampliado** – muitas vezes identificado como experiencial. A fim de evitar uma análise enviesada dos dados expostos na tabela 5.2 – a qual desconsidera essas três especificações do **antepresente** –, procederemos, à continuação, ao exame individualizado e contrastivo de cada uma dessas subconcepções temporais, observando se a ampliação da referência temporal de **antepresente** acarreta comportamentos e interações diferentes das formas do *pretérito perfecto* nas

variedades diatópicas estudadas. Desse modo, começamos a avaliar se o tipo de âmbito temporal ou, mais especificamente, a abrangência do tipo **antepresente** são fatores com forte incidência sobre a definição do uso do PPC ou do PPS, nessas variedades.

5.1.1 A expressão do antepresente imediato

No primeiro subconjunto pertencente ao **antepresente**, encontramos uma referência (MR) encolhida e limitada ao que o enunciador considera imediato e, por isso menos abrangente. Devido à dificuldade em aferir objetivamente essa instantaneidade, há abordagens que optam pela definição do dia como marco referencial do **imediato**, atribuindo-lhe, por isso, o termo “hodierno” (Figura 1.16). Assim, explicita-se mais uma vez que esse valor nada mais é que uma limitação da abrangência da referência temporal vigente, de modo geral, no valor de **antepresente**, cujo âmbito de coexistência pode se estender mais livremente e, conseqüentemente, envolver situações mais distantes do momento de fala.

Apesar da limitação temporal no âmbito de **AP imediato**, a análise dos seguintes enunciados revela-nos que mesmo dentro do contexto “hodierno”, é possível vislumbrar a situação deslocando-se entre o mais e o menos distante ao MF. São os marcadores temporais (“*esta mañana*”, “*hace poco*”, “*recién*”, “*antes de salir al aire*”, “*hace rato*”, “*hoy*”²) que nos permitem observar explicitamente esse movimento e definir que a situação representada está subscrita a uma referência ainda presente e limitada à amplitude do dia vigente.

Em complemento, observamos em (5) que, mesmo na ausência de um marcador temporal explícito, é possível identificar facilmente o valor de **imediato** atuando no uso da forma verbal graças às informações disponíveis no enunciado e na situação de enunciação. Assim, ao dizer “*la gente que está escuchando*” e “*me he alongado*”, dentro do gênero “entrevista radiofônica”, o enunciador deixa claro que a situação descrita (*alongarse*) é “imediata”. Ademais, a proximidade que a situação descrita mantém do momento de fala facilita a identificação da referência temporal em contextos de **AP imediato**.

- (1) **Madri:** *Esta mañana se han dicho dos cosas eh... yo creo que es muy interesante ¿no?* <M1>.

Esta manhã foram ditas duas coisas é... Eu acho que é muito interessante, não é?

- (2) **Madri:** *He leído hace poco, cuando me documentaba para la entrevista, una entrevista que diste tú [...]* <M4>.

Eu li, há pouco, quando me preparava para a entrevista, uma entrevista que você deu [...].

² <Tradução nossa>: “esta manhã”, “há pouco”, “recentemente”, “antes de sair ao ar”, “faz pouco tempo” e “hoje”, respectivamente.

- (3) **Buenos Aires:** *Recién, nos preguntaron los oyentes dónde es eso de Victor Hugo Morales <B5>*.

Há pouco, os ouvintes nos perguntaram onde fica essa coisa de Victor Hugo Morales.

- (4) **Buenos Aires:** *Yo empecé, como te comenté antes de salir al aire, que empecé en la radio de muy chico <B3>*.

Eu comecei, como te comentei antes de sair ao ar, que comecei na rádio quando era muito pequeno.

- (5) **San Miguel de Tucumán:** *Y me está matando la gente que me está escuchando, me he alongado <T8>*.

E estão me matando as pessoas que estão me escutando, me estendi.

- (6) **San Miguel de Tucumán:** *[...] hablamos hace rato. A veces nos pasa también. [...] y lo decimos hoy, cuando empezaba el programa [...] <T9>*.

[...] falamos há pouco. Às vezes acontece com a gente também. [...] e dissemos isso hoje, quando começava o programa [...].

A observação dessa concepção temporal nos três *corpora* diatópicos³ revela-nos que as construções de tempo mais recorrentes nesse contexto temporal são: “*esta mañana*”, “*ya*”, “*ahora*”, “*hace poco*”, “*en esta entrevista*”, “*recién*”, “*hoy*”. Havendo casos pontuais de expressões como “*al principio*”, “*antes*”, “*a las siete de la mañana*”, “*durante la mañana*” e “*hace rato*”⁴. A análise da tipologia desses marcadores temporais mostra-nos que no âmbito de **AP imediato** há, como esperado, uma expressiva recorrência de construções com valor temporal igual ou menor ao período do dia – como nos mostram os enunciados (1), (2), (3), (4) e (6) – e um pequeno índice de formas com valor conclusivo (“*ya*”) e durativo (“*durante la mañana*”) – conforme verificamos nos enunciados (7) e (8), respectivamente:

- (7) *Ya me ha quedado claro. Eres un santo <MI>*.

Já ficou claro para mim. Você é um santo.

- (8) *[...] lo anticipamos durante la mañana. Estamos en el estudio de Fish con Gonzalito Ureueña [...] <T8>*.

[...] adiantamos durante a manhã. Estamos no estúdio da [rádio] Fish com Gonzalito Ureueña [...].

Segundo especifica a tabela 5.3, essa preferência parece evidenciar que a marcação de uma leitura de **resultado** ou **continuidade** é menos favorecida nesse âmbito por meio do uso de construções temporais. Em acréscimo, é importante salientar que no **AP imediato** a **recorrência explícita de marcadores temporais** próximos às formas verbais é mais incomum, posto que em 81% (113) dos casos encontrados a identificação do marcador de tempo se faz por inferência ou pela recuperação de uma expressão anteriormente explicitada.

³ A fim de melhor delinear as características próprias de cada um dos âmbitos temporais a serem abordados neste estudo, analisamos conjuntamente os dados dos três *corpora* diatópicos compilados, avaliando, separadamente, os enunciados dos dados pertencentes aos âmbitos temporais de **antepresente** e **passado absoluto**. Desse modo, para a descrição do contexto de **AP imediato**, analisamos os enunciados em que figuram as 139 ocorrências encontradas de formas do *pretérito perfecto* – conforme já apresentamos na tabela 5.1.

⁴ <Tradução nossa>: “esta manhã”, “já”, “agora”, “há pouco”, “nesta entrevista”, “recentemente”, “hoje”, “ao princípio”, “antes”, “às sete da manhã”, “durante a manhã”, “faz pouco tempo”, respectivamente.

Apesar da maior recorrência de enunciados sem marcação explícita da referência temporal de **AP imediato**, não há dificuldade em inferi-la por se tratar de um âmbito temporal cuja referência é bem delimitada (hodierno) e próxima ao MF.

Tabela 5.3: Dos marcadores temporais no antepresente imediato

Valor	N	%
Tempo	132	95%
Conclusivo	5	4%
Durativo	2	1%
Total	139	100%

Fonte: própria.

Atendo-nos às características gerais da **aspectualidade** das formas verbais presentes nesse âmbito temporal, destaca-se, na tabela 5.4, a expressiva recorrência de formas télicas nos três *corpora*, totalizando, de modo geral, 78% (109) dos casos – como se observa em (8), por exemplo. Essa informação vem complementar a percepção já suscitada pela análise da marcação de tempo por meio de construções temporais (Tabela 5.3), já que as duas características indicam que a leitura aspectual de **continuidade** parece não ser privilegiada nesse âmbito temporal. Como vimos, a menor abertura à descrição de situações durativas deve-se, em parte, à curta duração do **AP imediato**.

Tabela 5.4: Da telicidade no antepresente imediato

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán		Total	
Télico	27	71%	32	76%	50	85%	109	78%
Atélico	11	29%	10	24%	9	15%	30	22%
Total	38	100%	42	100%	59	100%	139	100%

Fonte: própria.

Fonte: própria.

A análise do **modo de ação** (Tabela 5.5) das ocorrências que figuram nesse contexto temporal revela-nos, de modo geral, uma preferência pelos modos *accomplishment* (48%) e *achievement* (30%), representados, respectivamente, pelos enunciados (9) e (10):

(9) [...] *este contracto se hizo hoy* <T8>.

Este contrato foi feito hoje.

(10) A: *En esta mañana se han dicho dos cosas. Yo creo que es muy interesante ¿no?*

B: *¿Te has sorprendido, Tomás?* <MI>.

A: Nesta manhã foram ditas duas coisas. Eu acho que é muito interessante ¿não?/ B: Você se surpreendeu, Tomás?

Tendo em vista a referência temporal relativamente breve do **AP imediato**, a seleção preferencial desses dois modos de ação (78%) não apenas reafirma o traço imediato dessa concepção temporal – posto que marcam o término da situação descrita –, mas ressalta novamente o desfavorecimento da descrição de situações **continuativas**.

Tabela 5.5: Dos modos de ação no antepresente imediato

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán		Total	
<i>Achievement</i>	9	24%	12	29%	21	36%	42	30%
<i>Accomplishment</i>	18	47%	20	48%	29	49%	67	48%
Atividade	3	8%	1	2%	5	8%	9	7%
Estado	8	21%	9	21%	4	7%	21	15%
Total	38	100%	42	100%	59	100%	139	100%

Fonte: própria.

Particular a esse âmbito temporal é a recorrência maior de verbos elocucionais em todos os *corpora* diatópicos, tais como *hablar, decir, preguntar, pedir e comentar*⁵. Juntos, os cinco verbos correspondem a 30% (41 casos) das ocorrências registradas nessa concepção temporal⁶. Entre os verbos desse grupo, ganha lugar de destaque o verbo *decir*, por ocorrer 26 (19%) vezes. Essa recorrência se deve a que no âmbito de **AP imediato** os participantes do discurso voltam-se necessariamente para eventos desenvolvidos mais próximos ao momento de fala, de maneira que o próprio ato de enunciação é tomado frequentemente como tópico, tal como demonstram os enunciados (1), (3), (4) e (6). Além disso, por lidarmos com um gênero do domínio jornalístico, a atenção à origem da notícia é uma característica importante e, por isso, ressaltada pela recorrência de verbos elocucionais⁷.

Ainda procurando estabelecer relações entre as características/finalidades do gênero discursivo em questão com os traços linguísticos observados em enunciados pertencentes ao subâmbito de **AP imediato**, destacamos esse contexto temporal como o único em que a soma dos sujeitos de primeira (41%) e segunda pessoas (17%) supera a quantidade de sujeitos com marcas de terceira pessoa (38%). Dado que põe ênfase, com maior potencialidade, na relação dialógica instaurada entre enunciador e enunciatário. Ademais, nota-se também nessa concepção temporal a maior proporção de sujeitos de primeira pessoa – em comparação com os demais âmbitos temporais. Conforme revela a tabela 5.6, esses comportamentos são observados em todos os *corpora* diatópicos e devem nos auxiliar na avaliação da eventual

⁵ <Tradução nossa>: falar, dizer, perguntar, pedir e comentar.

⁶ No total, foram identificados 63 tipos (*types*) de bases verbais ocorrendo no âmbito temporal de **antepresente imediato**.

⁷ Não se observa a recorrência de verbos elocucionais, com a mesma expressividade, nos demais (sub)âmbitos temporais examinados.

existência de algum traço subjetivo, relativo fundamentalmente à primeira pessoa, que corroboraria o uso do *perfecto compuesto* – ao encontro da tendência identificada por Schwenter, Cacoullos (2008), Rodríguez Louro (2009) e Álvarez Garriga (2012).

Tabela 5.6: O sujeito gramatical no antepresente imediato: pessoas do discurso

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán		Total	
1ª Pessoa	16	42%	13	31%	27	46%	56	41%
2ª Pessoa	12	32%	8	19%	4	7%	24	17%
3ª Pessoa	8	21%	18	43%	27	46%	53	38%
Outros⁸	2	5%	3	7%	1	1%	6	4%
Total	38	100%	42	100%	59	100%	139	100%

Fonte: própria.

Uma vez descritos alguns traços linguísticos característicos do âmbito **AP imediato** na sua relação com o *corpus* geral compilado, passemos à observação efetiva do comportamento das formas do *pretérito perfecto* nesse contexto temporal. Como é sabido, tanto a norma gramatical como muitos estudos descritivos sobre as variedades peninsulares indicam esse âmbito como o contexto temporal mais favorável para o uso do PPC. No entanto, conforme sugerem os enunciados (3), (4), (6), (8) e (9), essa pode não ser uma verdade absoluta, ao menos para as variedades argentinas. A fim de explicitar quantitativamente como se dá a expressão do PPS e do PPC nas três variedades diatópicas, observemos a tabela 5.7:

Tabela 5.7: Da expressão do antepresente imediato nas três variedades diatópicas

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán	
PPC	38	100%	0	0%	23	39%
PPS	0	0%	42	100%	36	61%
Total	38	100%	42	100%	59	100%

Fonte: própria.

Seguindo as abordagens normativa e descritiva, o *corpus* de Madri parece não apresentar variação entre as formas do *pretérito perfecto* nessa concepção temporal, indicando, por conseguinte, um uso categórico da forma composta no **AP imediato**.

Por sua vez, com um comportamento exatamente inverso, Buenos Aires apresenta um uso que se distancia tanto da norma-padrão como da norma peninsular aqui representada, isso porque encontramos no *corpus* apenas o *perfecto simple* ocorrendo no âmbito de **AP imediato**, o que nos permite afirmar que nessa variedade diatópica não parece haver variação

⁸ Incluímos em “outros” os casos de sujeito inexistente ou de sujeitos oracionais.

entre o PPS e o PPC na expressão do **AP imediato**. O avanço da análise para os demais âmbitos temporais irá nos ajudar a avaliar com maior precisão a dimensão desse uso categórico do PPS na variedade bonaerense e do PPC na variedade madrilenha.

Por fim, os dados da variedade tucumana mostram uma variação da expressão do **AP imediato**, posto que identificamos ambas as formas do *pretérito perfecto* ocorrendo nesse contexto temporal. No entanto, ao contrário do que aponta a norma-padrão, nessa variedade argentina o PPS parece ser a forma mais recorrente, por responder a 61% (36) dos casos registrados.

Uma vez que apenas nessa última variedade identificamos efetivamente uma situação de variação entre o PPS e o PPC, observaremos como essas ocorrências comportam-se diante de cada um dos fatores linguísticos já descritos como característicos do **AP imediato** – (i) marcadores temporais, (ii) características aspectuais da forma base do verbo e (iii) pessoa do sujeito – e dos demais fatores linguísticos e extralinguísticos previamente estabelecidos para proceder ao estudo do comportamento das formas do *pretérito perfecto*. Visamos com essa análise identificar se esses fatores podem aportar informações para a compreensão do funcionamento do PPS e do PPC na expressão do **AP imediato**, na variedade tucumana.

5.1.1.1 Análise multivariada da expressão do antepresente imediato em San Miguel de Tucumán

A tabela 5.8 sintetiza a análise multivariada aplicada aos dados encontrados no **AP imediato** do *corpus* de San Miguel de Tucumán. Note que ao lado de cada fator expomos, respectivamente, a quantidade de ocorrências do *perfecto compuesto*⁹ (N), seu percentual de uso (%PPC) em relação ao número total (Total N) de ocorrências de ambas as formas no contexto delimitado pelo fator e, por fim, o peso relativo desse fator no uso do PPC. Ao fim da tabela, encontramos também informações estatísticas gerais da análise realizada pelo *Goldvarb Yosemite*, tais como o valor de *input* e *log likelihood*, além da quantidade e do percentual de ocorrências da forma composta (23 casos/39%), na relação com o total de casos do *pretérito perfecto* (59 casos) no contexto do **AP imediato**, em San Miguel de Tucumán.

⁹ Conforme já justificamos, a observação focada no comportamento da forma composta se deve a que ela vem se revelando historicamente como uma forma verbal dinâmica e mutável (TAGLIAMONTE, 2012, p. 288), o que ocasiona, conseqüentemente, um rearranjo no funcionamento do *perfecto simple*, ao longo do tempo.

Tabela 5.8: Da análise multivariada na expressão do antepresente imediato em San Miguel de Tucumán^{10/11}

GRUPOS DE FATORES				N	% PPC	Total N	Peso
LINGÜÍSTICO	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	23	41%	56	–
			Durativo	0	0%	1	–
			Conclusivo	0	0%	2	–
		Presença	Explícito	1	10%	10	–
			Implícito	22	45%	49	–
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	17	34%	50	[.49]
			Atélico	6	67%	9	[.54]
		Duração	Pontual	8	38%	21	[.51]
			Durativo	15	39%	38	[.50]
		Modo de ação	<i>Achievement</i>	8	38%	21	[.50]
			<i>Accomplishment</i>	9	31%	29	[.42]
			Atividade	4	80%	5	[.93]
			Estado	2	50%	4	[.26]
	SUJEITO	Pessoa	1 ^a	6	22%	27	.32
			2 ^a	2	50%	4	.61
			3 ^a	14	52%	27	.68
		Número	Singular	22	45%	49	–
			Plural	0	0%	9	–
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	10	37%	27	–
			Plural	0	0%	4	–
	ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	20	38%	52	[.54]
Negativa			2	67%	3	[.69]	
Interrogativa			1	25%	4	[.06]	
EXTRALINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino	21	44%	48	[.58]	
		Feminino	2	18%	11	[.18]	
	IDADE	Até 35 anos	21	42%	50	[.48]	
		36 – 55 anos	2	22%	9	[.58]	
		Mais de 55 anos					
Input: .41				Log-Likelihood: 33.119 [27.297]		Total N=23/59 (39%)	

Fonte: própria.

¹⁰ Conforme informamos na subseção 4.2.3, na qual apresentamos o “*Goldvarb Yosemite*”, a análise estatística realizada por esse software seleciona, entre as diversas rodadas de análise, aquela que apresenta o(s) grupo(s) de fatores considerado(s) estaticamente relevante(s) para o estudo do fenômeno variável. O peso relativo desses fatores é informado, na tabela, sem o uso de colchetes (“[]”). Contudo, tendo em vista que os dados considerados com menor significância estatística podem nos servir para refutar/refinar uma hipótese (TAGLIAMONTE, 2006; GUY; ZILLES, 2007), também apresentamos o peso relativo dos fatores não selecionados pelo *Goldvarb Yosemite*. Esses valores são apresentados entre colchetes (“[]”) e foram retirados da primeira rodada “*Stepping down*” – já que encontramos o menor valor de “*log likelihood*” nessa rodada.

¹¹ Será esse o modelo de tabela que nos servirá para a apresentação dos dados das análises multivariadas promovidas pelos *Goldvarb Yosemite*. Há alguns fatores cujo peso relativo não é informado pelas rodadas do *Goldvarb Yosemite*, isso se deve a que (i) não se observou neles variação entre o PPS e o PPC, ou ainda porque (ii) alguns grupos de fatores, quando adequados às exigências de rotação do *software*, são reduzidos a um único fator (*single group*). Ademais, devido à especificidade de alguns dos âmbitos temporais (como o AP imediato, por exemplo), muitas vezes possuímos poucos dados em alguns desses contextos – o que conduz à necessidade de relativizarmos ainda mais nossas conclusões à amostra oferecida pelo *corpus* compilado. Esse é o modelo de leitura adotado para as tabelas em que apresentamos a análise multivariada das respectivas variedades.

Conforme informou previamente o estudo da **presença de marcadores temporais** no contexto de **AP imediato**, há, de modo geral, uma maior recorrência das formas do *pretérito perfecto* junto a enunciados em que não se observa a presença explícita de uma construção temporal (83%). Mais pontualmente, a tabela 5.8 evidencia que, apesar do PPC ser mais recorrente tanto na ausência como na presença de um marcador temporal, a forma composta é mais observada junto a contextos em que não há uma expressão de tempo explícita (22 casos/45%). Devido à escassez do PPC junto a construções temporais explícitas, não foi possível aferir o peso relativo desse grupo de fatores no contexto de **AP imediato**.

Por sua vez, o uso quase que exclusivo de marcadores do tipo temporal no contexto de **AP imediato** (56 de 59 casos) mostra-nos não apenas uma aparente homogeneidade na retratação do tempo, mas também que, no *corpus* tucumano, todas as ocorrências do PPC (23 casos) estão atreladas a uma construção de valor essencialmente temporal, como se observa, por exemplo, em (11) e (12), em que se podem inferir as seguintes referências temporais: “há pouco” e “estar aqui, hoje”, respectivamente.

(11) [...] nos **ha llegado** [*hace poco*] esta noticia y queremos que nos cuente un poco [...] <T6>.

[...] chegou-nos há pouco esta notícia e queremos que você nos conte um pouco [...].

(12) A: *Gracias por esta charla.*

B: *Bueno. **Ha sido** un placer [estar aquí hoy]<T5>.*

A: Obrigado por essa conversa. /B: Bom. Foi um prazer [estar aqui hoje].

Tabela 5.9: Do cruzamento do fator “marcador de tempo” e do grupo de fatores “modo de ação” na expressão do antepresente imediato em San Miguel de Tucumán

		Achievem.		Accompl.		Ativid.		Estado		Total
Marcador “Tempo”	PPC	8	42%	9	32%	4	80%	2	50%	23
	PPS	11	58%	19	68%	1	20%	2	50%	33
		19	100%	28	100%	5	100%	4	100%	56

Fonte: própria.

O cruzamento¹² dos dados referentes ao fator “marcador de tempo” com o grupo de fatores “modo de ação” (Tabela 5.9) revela que, mesmo concentrando-se em contextos com marcadores temporais sem informação durativa marcada, o PPC tem seu índice aumentado quando junto a verbos atéllicos. Ou seja, seu percentual junto ao marcador do tipo “tempo” (41%) é alçado quando se têm verbos de “estado” (50%) ou de “atividade” (80%).

¹² Conforme esclarecemos na subseção 4.2.3, em que descrevemos o funcionamento do software *Goldvarb Yosemite* e apresentamos algumas de suas contribuições para este estudo, esse tipo de cruzamento é fornecida pela função *Cross Tabulation* e permite a observação do comportamento da variável investigada resultante do encontro de dois grupos de fatores.

Numa tendência inversa, o PPS tem seu índice incrementado justamente quando há verbos de *achievement* (58%) e *accomplishment* (68%). A escassez de dados acompanhados de um marcador com valor conclusivo ou durativo dificulta-nos avaliar, com maior precisão, sua contribuição para o uso das formas verbais, no entanto, destacamos que os únicos casos encontrados no contexto de **AP imediato** estão atrelados à forma simples, como se observa em (13) e (14), respectivamente. Dada a ausência de PPC nesse contexto, tampouco foi informado pelo *Goldvarb Yosemite* o peso relativo desse grupo de fatores.

(13) *Ya estamos con el loguito nuevo y ya **sacamos** el afiche del show <T2>*.

Já estamos com o loguinho novo e já tiramos o anúncio do show.

(14) *Estuvimos hablando fuera del aire recién con él. Lo **anticipamos** durante la mañana <T8>*.

Estivemos falando fora do ar há pouco com ele. Antecipamo-lo durante a manhã.

Atendo-nos às **categorias aspectuais** vinculadas à base verbal, vimos, na tabela 5.4, que o âmbito de **AP imediato** caracteriza-se pela forte incidência de verbos télicos (75% dos casos em San Miguel de Tucumán). No entanto, os dados da tabela 5.8 revelam-nos que percentualmente o uso do PPC é maior junto a verbos atélicos (67%) – tal como lemos em (15). Numa relação inversamente proporcional, o PPS tem maior recorrência junto a verbos télicos (66%) – como em (16).

(15) *Basta Miguel, no **he comido** yo [todavía] <T2>*.

Chega Miguel, eu não comi [ainda].

(16) *[...] se **suicidó** el profesor Pablo Jonás Lobo, un docente con una discapacidad [...] <T6>*.

[...] suicidou-se o professor Pablo Jonas Lobo, um docente com deficiência [...].

A relação mais próxima entre verbos atélicos e o *perfecto compuesto* pode ser uma forte evidência de que persistem, no uso do PPC, traços semânticos de um emprego de base mais aspectual, em que se marcaria, por exemplo, um valor de **continuidade**. Assim, ao dizer “no *he comido [todavía]*”, em (15), o enunciador afirma que desde a manhã até o período da tarde, momento em que fala, ainda não realizou uma refeição, marcando, por conseguinte, não apenas a permanente falta de alimentação, mas também um estado atual de fome – resultante da desnutrição. Essa leitura é também construída pela negação, pois segundo afirmam Schwenter e Cacoullos (2008, p. 19), esse tipo de oração permite uma situação durativa.

Contudo, devido à pequena quantidade de dados oferecidos pelo contexto de **AP imediato** no *corpus* de San Miguel de Tucumán (6 casos), torna-se difícil comprovar categoricamente a existência desse resíduo aspectual no uso do PPC junto a verbos atélicos.

Tanto é assim que o peso relativo aferido pelo *Goldvarb Yosemite* coloca os fatores desse grupo em um grau de aparente equilíbrio.

No entanto, outras evidências podem se somar ao dado já exposto a fim de comprovarmos a tendência identificada. A primeira delas provém da análise do traço de telicidade no conjunto total de dados resultante da soma dos três subâmbitos de **antepresente** na variedade tucumana, pois, conforme explicita a tabela 5.10, o uso do PPC é especialmente recorrente junto a verbos atélicos (73%). Em outros termos, a combinação com os dados dos demais subâmbitos de **antepresente** também põe em evidência que o fator atelicidade atua de forma mais incidente sobre o uso do PPC.

Tabela 5.10: Da telicidade na categoria geral de antepresente em San Miguel de Tucumán

	Télico		Atélico		Total	
PPC	72	51%	57	73%	129	59%
PPS	68	49%	21	27%	89	41%
Total	140	100%	78	100%	218	100%

Fonte: própria.

Uma segunda evidência que nos auxilia na avaliação da efetiva permanência de traços aspectuais junto à forma do PPC nesse contexto temporal é dada pelo enunciado (17), fragmento que foi coletado na mesma interação discursiva do enunciado (15) e que, devido a suas características, serve-nos como contraparte a ele.

(17) *A vos, que está desde hoy, [...] que siempre vas al colegio a las diez y no sabés quién está hablando en este momento. [...] quiero saludar a la gente de Famaillá, a la gente de ahí, de la calle San Martín y a mi tía Samira, que hizo una humita, me comí dos platos [hoy] <TI>.*

Para você, que está [ai] a partir de hoje [...] que sempre vai ao colégio às dez horas e não sabe quem está falando neste momento. [...] quero cumprimentar as pessoas de Famaillá, as pessoas dali, da rua San Martín e minha tia Samira, que fez uma pamonha, comi dois pratos [hoje].

Por meio do cotejamento dos enunciados (15) e (17), identificam-se alguns pontos comuns e divergentes que são relevantes para nossa discussão. Por um lado, encontramos em ambos os enunciados uma mesma base verbal (*comer*) inserida em um contexto temporal comum (hodierno) e fazendo referência a uma ação realizada por uma primeira pessoa gramatical (eu). Por outro lado, essa mesma base verbal é conjugada ora no *perfecto compuesto* (*he comido*), ora no *perfecto simple* (*comí*). Ademais, o que antes fazia referência a uma atividade atélica (*no comer*), agora faz referência a uma ação télica (*comer dos platos*).

Portanto, interessa-nos observar na comparação dos enunciados (15) e (17) que, a despeito do grau de semelhança referencial, os dois enunciados parecem ressaltar a diferença

existente entre eles por meio da forma temporal selecionada, isso porque, quando se retrata uma situação atélica, como em (15), o sentido de **continuidade** é reforçado por meio da seleção da forma composta. Não obstante, quando se apresenta uma ação concluída e, por isso, télica, lança-se mão da forma simples, em sinal de uma improvável persistência da situação descrita no presente. Tanto é assim que, tendo em vista o caráter télico dos verbos elocucionais, é natural a expectativa de encontrar uma preferência de formas conjugadas em PPS junto a esses tipos de verbo. De fato, dos 12 casos de verbos elocucionais encontrados, 10 (83%) estão no PPS e apenas 02 (16%) no PPC. Parece, portanto, evidente a diferenciação de sentido que implica a seleção do PPC ou do PPS nesses enunciados, de maneira que, ao menos nesse contexto de análise, não apenas os elementos contextuais propiciam a construção do valor **continuativo**, mas também a forma composta colabora para instaurar esse valor.

Há ainda outra evidência que ressalta a relação existente entre o PPC e os verbos atélicos. Esse terceiro indício torna-se notório com o avanço de nossa análise pelo estudo dos **modos de ação**, pois, conforme assinala a tabela 5.8, os modos de ação atélicos, isto é, de “atividade” (15) e “estado” (12) apresentam um uso percentualmente mais recorrente do PPC (80% e 50% respectivamente). Em especial, os verbos de “atividade” mostram-se ainda mais relevante por apresentar o peso relativo de [.93]. O PPS, por sua vez, tem seu maior percentual de ocorrência junto a verbos eminentemente télicos, ou seja, de “*achievement*” (16) e “*accomplishment*” (13) – contextos em que, por outro lado, o percentual de uso do PPC é menor que o percentual geral de uso do PPC (39%).

A importância desse grupo de fatores para o estudo do funcionamento do PPC é reafirmada pelo valor de *range* (extensão) desse grupo¹³: 67. Segundo explica Tagliamonte (2006, p. 242), “o *range* é calculado pela subtração do ‘fator de menor peso’ do ‘fator de maior peso’”¹⁴, informando um dado valioso à análise variacionista por indicar a relevância de cada grupo de fatores, isso porque quanto maior é o *range*, maior é a significância do grupo para a variável dependente estudada. Por sua vez, o estudo do traço de **duração** na base verbal não parece aportar alguma informação relevante, já que tanto a porcentagem como o peso relativo do uso de ambas as formas do *pretérito perfecto* mantêm-se praticamente iguais entre verbos durativos e pontuais.

¹³ Tendo em vista esse valor de *range*, aparentemente, encontramos uma maior significância desse grupo de fatores para a compreensão da variação entre o PPS e o PPC. Contudo, esse grupo de fatores não é selecionado pelo *Goldvarb Yosemite*, possivelmente pela limitada quantidade de dados que dispomos.

¹⁴ “*The range is calculated by subtracting the lowest factor weight from the highest factor weight*” (TAGLIAMONTE, 2006, p. 242).

Dirigindo-nos à observação dos fatores referentes ao **sujeito**, destacamos o estudo das pessoas do discurso como único grupo de fatores selecionado pelo *Goldvarb Yosemite* na análise do **AP imediato**, na variedade tucumana. Em especial, conforme observamos na descrição dos traços linguísticos gerais característicos desse subâmbito temporal, nota-se uma maior recorrência de formas conjugadas em primeira pessoa (41% – tabela 5.6). Contudo, os dados expostos na tabela 5.8 apontam que a forma composta, no contexto temporal em questão, é mais recorrente junto a sujeitos de terceira pessoa (52%) – fator que incide sobre o uso do PPC com o peso relativo de .68.

Em segundo lugar, destacam-se as formas de segunda pessoa (50%/ .61) e, por fim, as de primeira pessoa (22%/ .32). Desse modo, o último fator apresenta-se como menos relevante para o funcionamento do PPC. Uma vez que essa forma é menos favorecida junto à primeira pessoa, parece que ela não é usada, nesse contexto de análise, para ressaltar uma avaliação subjetiva sobre situações que o enunciador tenha experimentado (RODRÍGUEZ LOURO (2009), SCHWENTER; CACOULLOS (2008) e ÁLVAREZ GARRIGA, 2012).

Sobre o estudo do **número do sujeito** e do **complemento**, observamos que em ambos os argumentos verbais a forma composta ocorre exclusivamente em contextos nos quais a informação de pluralidade não é marcada, refutando a hipótese de que esses contextos favoreceriam o uso do PPC, especialmente expressando um valor de **continuidade**. Quanto ao **tipo de oração**, apesar da limitação de dados nos contextos negativos e interrogativos, encontramos o maior percentual de uso e peso relativo do PPC junto a orações negativas (67%/ [.69]) – contexto que, como já discutimos, favorece uma leitura **continuativa** –, tal como visto em (15) e, agora, no enunciado (18), em que se observa o permanente desconhecimento da identidade do escritor no MF, porque ele não se identifica (“*no me ha firmado*”). Contudo, alertamos que devido à escassez de dados, esse comportamento deverá ser mais bem avaliado através da comparação desse fator nos demais âmbitos temporais.

(18) A: “*Hola, chicos, gracias por trabajar en día feriado, así disfrutamos juntos con ustedes [...]. Hoy estoy triste. Besos, los quiero*”.

B: *No sé el nombre porque no me ha firmado <T2>*.

A: “Olá, meninos, obrigado por trabalhar no feriado, assim curtimos juntos com vocês [...]. Hoje estou triste. Beijos. Amo vocês”. /B: Não sei o nome porque não assinou.

Por fim, a análise das variáveis extralinguísticas mostra-nos aparentemente uma maior recorrência da forma composta em enunciados pertencentes ao **gênero/sexo** masculino

(44%/[.58]) e à população mais **jovem**, de até 35 anos (42%)¹⁵. Assim, apesar de apresentar um comportamento mais próximo do valor aspectual – observado em etapas iniciais de sua formação –, o PPC parece estar em expansão, já que é mais recorrente entre os grupos sociais que apresentam uma norma linguística menos conservadora.

Por outro lado, a forma simples tem maior recorrência na fala das mulheres e do grupo etário maior de 35 anos, comportamentos que somados ao maior percentual geral de uso do PPS nesse contexto de análise indicam que essa forma ainda ocupa um lugar de destaque na expressão do **AP imediato**, em San Miguel de Tucumán. Alertamos, contudo, para a necessidade de ter cautela na interpretação desses dados tendo em vista a deficiência originária do *corpus* em não controlar extensivamente os grupos de fatores relativos à idade e ao gênero/sexo no momento de sua compilação.

Em suma, a análise do único cenário de variação entre as formas do PPC e do PPS no âmbito de **AP imediato** seleciona apenas o grupo de fatores relacionado à pessoa do sujeito, mostrando que, nesse contexto de análise, não parece haver uma avaliação subjetiva do enunciatador sobre as situações vivenciadas por ele, isso porque o PPC é menos favorecido junto à primeira pessoa (.32). Apesar de não selecionados pelo *software*, os dados estatísticos referentes aos verbos atélicos, de atividade e estado indicam uma maior recorrência da forma composta em contextos com sentido de **continuidade**. Por sua vez, a forma simples, comporta-se de modo geral como a forma mais recorrente nesse âmbito temporal, tornando-se especialmente relevante em contextos em que a informação aspectual de **continuidade** é menos marcada (verbos télicos, de *achievement* e *accomplishment*). Concluída a descrição desse subâmbito temporal e o comportamento do *pretérito perfecto* nele, passemos à apreciação do contexto de **AP específico**. Cabe destacar que à medida que a análise multivariada seja estendida aos demais âmbitos temporais, os dados expostos devem tornar-se mais claros e pertinentes aos objetivos deste estudo.

5.1.2 A expressão do antepresente específico

Considerado aqui como a concepção intermediária da categoria geral do **antepresente**, esse subgrupo detém os casos em que a perspectiva temporal de referência (MR) que compreende tanto ME como MF estende-se para além dos limites de um dia, envolvendo um período de tempo relativamente amplo e definido, mas que nunca é igual a todo o período de

¹⁵ Destacamos a ausência de dados entre falantes mais velhos, isso é, maiores de 55 anos, nesse contexto temporal do *corpus* tucumano.

existência do indivíduo (enunciador ou referido por ele). Vejamos, por meio dos enunciados abaixo, como se define a referência desse subâmbito temporal:

(19) **Madri:** *Para mí él ha demostrado en los últimos cinco años que es el mejor portero del mundo* <MI>.

Para mim, ele demonstrou/tem demonstrado nos últimos cinco anos que é o melhor goleiro do mundo.

(20) **Madri:** *Yo jamás me metí en la decisión del Mister, ni pienso que deba hacerlo [...] <MI>.*

Eu jamais me meti na decisão do técnico, nem penso que deva fazê-lo [...]

(21) **Buenos Aires:** *Los últimos días han sido bastante penosos ¿no? <B5>*

Os últimos dias foram/têm sido bastante penosos, não?

(22) **Buenos Aires:** *[...] fui a un programa en Metalegran en el noventa y cinco [...]. Así se empezó el Alex Freire público y de ahí no paré <B4>.*

[...] fui a um programa em *Metalegran* em noventa e cinco [...]. Assim começou o Alex Freire público e a partir de então não parei.

(23) **San Miguel de Tucumán:** *Lo que hemos hecho en este primer tramo de nuestra gestión es sentar las bases de trabajo <T3>.*

O que fizemos/temos feito neste primeiro período de nossa gestão é assentar as bases de trabalho.

(24) **San Miguel de Tucumán:** *[...] a lo largo de estos años también, a pesar que me dediqué a la vida política, he participado de foros que tienen que ver con mi profesión <T7>.*

[...] ao longo destes anos também, apesar de que me dediquei/tenho me dedicado à vida política, participei/tenho participado de fóruns relacionados com minha profissão.

Observamos, em comum, que todos os marcadores temporais apresentados constituem uma referência que, a despeito de sua extensão maior que a do **AP imediato**, ainda permanece existindo no momento de enunciação (“*los últimos cinco años*”, “*jamás*”, “*los últimos días*”, “*de ahí*”, “*en este primer tramo de nuestra gestión*”, “*a lo largo de estos años*”). É interessante notar que, além da recorrente relação entre as formas do *pretérito perfecto* e outras formas em presente do indicativo – como se observa em (19), (20), (23) e (24) –, muitas vezes, em português, é possível explicitar uma leitura durativa ou iterativa, expressa pela forma composta “ter + particípio”¹⁶. Em espanhol, essa leitura deve-se, em parte, à informação de prolongamento temporal aportado pelos marcadores temporais que costumam acompanhar a forma verbal.

A análise da tipologia desses **marcadores temporais** (Tabela 5.11) mostra-nos que no âmbito de **AP específico**¹⁷, contrariando o que vimos no contexto de **imediate**, há uma

¹⁶ A forma composta “ter + particípio”, em português, apresenta justamente o valor de duração ou iteração (CASTILHO (1966); ILARI (2001)).

¹⁷ Para a descrição do contexto de **antepresente específico**, analisamos os enunciados em que figuram as 320 ocorrências encontradas de formas do *pretérito perfecto* – conforme já apresentamos na tabela 5.1.

intensa recorrência de construções de valor aspectual durativo (85%) – como exemplificam os enunciados já expostos. Esse favorecimento possibilita a leitura de **continuidade**.

Tabela 5.11: Dos marcadores temporais no antepresente específico

Valor	N	%
Tempo	29	9%
Durativo	271	85%
Indeterminado	11	3%
Conclusivo	9	3%
Total	320	100%

Fonte: própria.

Ainda em comparação com o cenário descrito para o **AP imediato**, no **AP específico** destaca-se também o surgimento, ainda tímido, de marcadores com um grau de indeterminação temporal (3%), a manutenção do baixo índice de advérbios com valor conclusivo (3%) e a diminuição expressiva de expressões estritamente temporais (9%), como se observam, a título de exemplo, nos enunciados (25), (26) e (27), respectivamente.

(25) *¿Y lo **has visto** en algún momento **flaquear**? <M1>*

E você o viu fraquejar em algum momento?

(26) *[...] **nosotros les pedimos que nos sigan acompañando** porque este gobierno **ya ha demostrado que puede hacer las cosas y sabe hacerla** <T7>.*

[...] nós lhes pedimos que continuem nos acompanhando porque este governo já demonstrou que pode fazer as coisas e sabe fazê-las.

(27) *Bueno, yo que **empecé un curso con él ahora**, en Buenos Aires [...] <T9>.*

Bom, eu que comecei um curso com ele agora, em Buenos Aires [...].

A observação dessa concepção temporal nos três *corpora* diatópicos revela-nos um aumento na **ocorrência explícita de um marcador temporal** (38%), que, uma vez sistematizada, se resume no seguinte paradigma: “*desde (que.../año) hasta ahora*”, “*hoy en día*”, “*durante todo este(s) tiempo/ año(s)/ día(s)*”, “*a lo largo de este(s) año(s)/ mes(es)/ semana(s)/ días*” “*durante (estos ~) año(s)/ mes(es)/ semana(s)/ días*”, “*de repente*”, “*recién*”, “*de ahí*”, “*actual*”, “*los ~ años*”, “*en los/ estos (últimos) ~ años/ meses/ días/ tiempos*”, “*en estos días*”, “*nunca*”, “*jamás*”, “*ahora*”, “*siempre*”, “*hasta el último momento*”, “*llevar (como) ~ años/ meses/ semanas/ días*”, “*después de... hasta entonces*”, “*ya*”, “*hasta ahora*”, “*todavía*”, “*este casi un año/mes*” e “*finalmente*”¹⁸.

¹⁸ <Tradução nossa>: “desde (que.../ano) até agora”, “hoje em dia”, “durante todo este tempo(s)/ano(s)/dia(s)”, “ao longo deste(s) ano(s)/mês(es)/semana(s)/dias” “durante (estes ~) ano(s)/mês(s)/semana(s)/dias”, “de repente”, “recentemente”, “dai”, “atual”, “os ~ anos”, “nos/estes (últimos) ~ anos/meses/dias/tempo”, “nestes dias”, “nunca”, “jamais”, “agora”, “sempre”, “até o último momento”, “levar ~ anos/meses/semanas/dias”, “depois de... até então”, “já”, “até agora”, “ainda”, “este quase um ano/mês” e “finalmente”.

Tabela 5.12: Da telicidade no antepresente específico

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán		Total	
Télico	70	56%	51	61%	72	64%	193	60%
Atélico	55	44%	32	39%	40	36%	127	40%
Total	125	100%	83	100%	112	100%	320	100%

Fonte: própria.

Dirigindo-nos aos traços **aspectuais** das formas verbais no âmbito de **AP específico**, destacamos em todos os *corpora* diatópicos um uso maior de formas télicas (Tabela 5.12). No entanto, é pertinente enfatizarmos que nesse âmbito temporal, há quase uma duplicação percentual na quantidade de verbos atélicos (40%), na comparação com o âmbito do **AP imediato** (22% – Tabela 5.4), como se observa em (28) e (29), por exemplo:

(28) [...] *es verdad que han sido muchísimos meses de trabajo [...] y es verdad que ha estado muy presente el trabajo grupal [...] <M4>*.

[...] é verdade que foram/tem sido muitos meses de trabalho [...] e é verdade que esteve/tem estado muito presente o trabalho grupal [...].

(29) *Coincido en que se han hecho grandes cambios sociales [en este gobierno]. [...] Es sano para este gobierno que las denuncias se hagan en tiempo <T7>*.

Concordo que se fizeram/se têm feito grandes mudanças sociais [neste governo]. [...] É saudável para este governo que as denúncias sejam feitas a tempo.

O aumento no uso de verbos atélicos parece relacionar-se diretamente com o expressivo aumento de marcadores temporais com valor durativo, fatores que, mais uma vez, apresentam o **AP específico** como mais suscetível a apresentar situações durativas. Na mesma direção, conforme também nos mostram os dados da tabela 5.13, o estudo do **modo de ação** também ressalta a abertura do âmbito de **AP específico** à descrição de situações persistentes, posto que se observa um significativo aumento percentual no uso de verbos de “estados” (25%) e de “atividade” (15%) – enunciados (28) e (29) respectivamente –, isto é, modos de ação que se caracterizam pelos traços de atelicidade e duração.

Tabela 5.13: Dos modos de ação no antepresente específico

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán		Total	
<i>Achievement</i>	40	32%	30	36%	46	41%	116	36%
<i>Accomplishment</i>	30	24%	21	25%	26	23%	77	24%
Atividade	15	12%	9	11%	22	20%	46	15%
Estado	40	32%	23	28%	18	16%	81	25%
Total	125	100%	83	100%	112	100%	320	100%

Fonte: própria.

No entanto, deve-se reconhecer o relativo equilíbrio entre os quatro modos de ação, pois é notável que os modos de “*achievement*” e “*accomplishment*” ainda guardam uma significativa recorrência nesse contexto temporal (60%). Contudo, como expõem os enunciados (30) e (31), o uso de “*accomplishment*” e “*achievement*”, respectivamente, em união com uma expressão temporal durativa também permite a leitura de **continuidade**:

(30) [...] *tal cual han hecho los empleados durante mi gestión* [...] <T5>.

[...] tal qual fizeram/tem feito os funcionários durante a minha gestão [...].

(31) *Así se empezó el Alex Freire público y de ahí no paré* <B4>.

Assim começou o Alex Frei público e a partir de então não parei.

Mantendo o cotejamento com o subâmbito temporal anterior e ainda procurando estabelecer as relações entre as características/finalidades do gênero discursivo em questão com os traços linguísticos observados em enunciados pertencentes ao **AP específico**, começamos a encontrar nesse contexto temporal uma maior frequência no uso de formas verbais em terceira pessoa (Tabela 5.14), alcançando em todos os *corpora* diatópicos um percentual próximo ao 60%.

Tabela 5.14: O sujeito gramatical no antepresente específico: pessoas do discurso

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán		Total	
1ª Pessoa	35	28%	21	25%	29	26%	85	27%
2ª Pessoa	10	8%	8	10%	4	4%	22	7%
3ª Pessoa	73	58%	49	59%	74	66%	196	61%
Outros¹⁹	7	6%	5	6%	5	4%	17	5%
Total	125	100%	83	100%	112	100%	320	100%

Fonte: própria.

Uma vez descritos alguns traços linguísticos particulares ao âmbito **AP específico** na sua relação com o *corpus* compilado, passemos à observação efetiva do comportamento das formas do *pretérito perfecto* nesse contexto temporal. Como já apresentamos, a norma-padrão também define esse âmbito temporal como um contexto propício para o uso do PPC. No entanto, conforme já nos demonstraram os enunciados (20), (22), (24), (27) e (31), esse pode não ser um comportamento absoluto. A fim analisar mais detalhadamente como se dá a expressão quantitativa do PPS e do PPC nas três variedades observemos a tabela 5.15:

¹⁹ Incluímos em “outros” os casos de sujeito inexistente ou de sujeitos oracionais.

Tabela 5.15: Da expressão do antepresente específico nas três variedades diatópicas

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán	
PPC	124	99%	11	13%	74	66%
PPS	1	1%	72	87%	38	34%
Total	125	100%	83	100%	112	100%

Fonte: própria.

A expressão do valor de **AP específico** em Madri parece continuar a se efetivar exclusivamente por meio do PPC, posto que o único uso da forma simples que consideramos pertencente ao **AP específico**, nessa variedade diatópica, ocorre em um enunciado cuja referência temporal apresenta certo grau de ambiguidade (32):

(32) *Yo jamás me metí [en la presente temporada] en la decisión del Mister, ni pienso que deba hacerlo [...] <MI>.*

Eu jamais me meti [na presente temporada] na decisão do técnico, nem penso que deva fazê-lo [...]

Apesar de se pressupor uma conjuntura temporal ainda em vigor (“*la presente temporada*”), pelo contexto discursivo somos informados de que o enunciador remete-se a uma etapa de sua vida recém-terminada, com o rompimento inesperado do contrato com o *Real Madrid*, momentos antes. De modo que ao afirmar “*jamás me metí*”, o enunciador pode estar considerando como referência temporal um âmbito avaliado por ele como concluído quando enunciado, tratando a situação, por conseguinte, como pertencente a um **passado absoluto**, ao invés de **AP específico**. Tendo em vista o grau de subjetividade que muitas vezes está inserido na avaliação da referência temporal assumida pelo enunciador, torna-se, em alguns casos pontuais, difícil afirmar categoricamente qual referência é assumida por ele. Especialmente em relação a essa ocorrência, não a consideramos como evidência de uso do PPS no contexto de **AP específico** em Madri porque, além da aparente ambiguidade, não encontramos outros casos que reafirmem o uso.

Em acréscimo, os dados encontrados neste estudo permitem-nos, desde já, ampliarmos o conhecimento divulgado pelas descrições conduzidas por Schwenter (1994; HOWE; SCHWENTER, 2003; SCHWENTER; CACOULLOS, 2008) e Serrano (1994). Isso porque, olhando apenas para os contextos “hodierno” (**AP imediato**) e **passado absoluto**, os autores afirmam que o PPC passa, nas variedades peninsulares, por um processo de gramaticalização, que culmina no incremento do uso do PPC em contexto de **passado absoluto**. De modo mais específico, os dados disponíveis na tabela 5.15 – em complemento ao já verificado sobre o **AP imediato** – indicam que em Madri a forma composta, de fato, detém seu âmbito temporal por excelência (**antepresente**), não se limitando ao contexto hodierno, mas ampliando os

limites de uso para contextos mais distantes do momento de fala – sempre que se mantenha uma relação temporal de referência entre o MF e o ME.

Por outro lado, mantendo um comportamento quase que inversamente proporcional à norma peninsular aqui representada e ainda contrariando os pressupostos da norma-padrão, a variedade de Buenos Aires recupera, de alguma maneira, a tendência já observada no subâmbito de **AP imediato**, assegurando a expressiva recorrência da forma simples (87%) também no contexto **AP específico**. Contudo, salta aos olhos a ocorrência de 11 verbos conjugados na forma composta (13%), o que mostra que, para essa variedade diatópica, o contexto temporal de **AP específico** pode ser um fator importante para o estudo da variação entre as formas do PPS e do PPC. Além dos enunciados (20) e (21), em que figuram o uso do PPC e do PPS, respectivamente, ocorrendo no contexto de **AP específico** na variedade de Buenos Aires, os enunciados (33) e (34) mostram-nos especificamente o uso da forma composta nessa variedade diatópica.

(33) *Estoy feliz porque **hemos tenido** [en los últimos días] una distinción maravillosa ya que nos eligieron cómo tesis final de la carrera de artes de la UBA <B3>*.

Estou feliz porque tivemos [nos últimos dias] uma distinção maravilhosa, já que nos escolheram como trabalho final no curso de artes da UBA.

(34) *Carlos, es inevitable preguntarte por el partido del domingo, que vas a enfrentar a Carlos Bianchi. ¿Cómo que te **ha ido** [en los últimos días]? <B7>*

Carlos, é inevitável te perguntar sobre o jogo de domingo, quando você vai enfrentar Carlos Bianchi. Como você tem passado [nos últimos dias]?

Finalmente, a norma tucumana continua apresentando um comportamento diferente das demais variedades, tanto é assim que os dados coletados não só apontam a existência da variação entre as formas do PPS e do PPC no **AP específico** – como já indicado no contexto de **AP imediato** –, mas parece começar a dar preferência pela forma composta, já que o uso do PPC aumenta significativamente em comparação ao âmbito imediato, isto é, alcança agora 66% (74) dos casos encontrados. Além dos enunciados (23) e (24), em que tanto o PPS como o PPC são observados, encontramos o uso da forma composta em (35) e (36):

(35) *En los últimos veinticinco años, la infraestructura sanitaria en la provincia de Tucumán no se **ha incrementado** <T3>*.

Nos últimos vinte e cinco anos, a infraestrutura sanitária na província de Tucumán não se incrementou/tem se incrementado.

(36) *Creo que en estos diez años Tucumán se **ha transformado** <T7>*.

Acho que nestes dez anos Tucumán se transformou/tem se transformado.

Essa nova situação mais equilibrada entre o uso do PPS e do PPC na variedade tucumana parece demonstrar que essas formas não teriam uma associação bem definida nesse contexto temporal e que outros fatores poderiam estar guiando a escolha entre elas – os quais

deverão ser mais bem avaliados mais adiante, quando aplicarmos a análise multivariada aos dados provenientes do âmbito de **AP específico**.

De antemão, no entanto, é pertinente destacar que o uso proporcionalmente maior da forma composta nas variedades argentinas se dá aparentemente em consequência da ampliação do âmbito de referência presente – permitindo um maior distanciamento entre o MF e o ME. Paralelamente, também se identifica um incremento na recorrência de marcadores temporais durativos e verbos atélicos – fatores que corroboram uma leitura de **continuidade**. A seguir, observaremos, nas duas únicas variedades em que se identifica uma situação efetiva de variação entre o PPS e o PPC, como essas formas comportam-se diante de cada um dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos previamente estabelecidos para proceder ao estudo do comportamento das formas do *pretérito perfecto*.

5.1.2.1 Análise multivariada da expressão do antepresente específico em Buenos Aires

A tabela 5.16 sintetiza a análise multivariada feita dos dados encontrados no contexto de **AP específico** do *corpus* compilado de Buenos Aires. Ao fim da tabela, encontramos também a quantidade e o percentual de ocorrências da forma composta (11 casos/13%) na relação com o total de casos do *pretérito perfecto* (83 casos) nesse mesmo contexto, além dos valores de *input* e *log-likelihood*. Alertamos que, devido à baixa quantidade de ocorrências da forma composta, os dados aqui discutidos devem ser especialmente relativizados à amostra a que tivemos acesso. Ademais, é esperado que o baixo percentual geral de uso do PPC (13%) mantenha o porcentual atribuído a cada fator mais distante do uso categórico (100%). Por isso, recordamos que a análise envolve a observação da relação entre o percentual geral de uso do PPC (13%) com o valor disposto para cada um dos fatores, destacando os fatores com maior percentual de ocorrência.

Tabela 5.16: Da análise multivariada na expressão do antepresente específico em Buenos Aires²⁰

GRUPOS DE FATORES				N	% PPC	Total N	Peso
LINGÜÍSTICO	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	1	14%	7	[.59]
			Durativo	10	14%	73	[.49]
			Indeterminado	0	0%	3	–
		Presença	Explícito	2	9%	23	[.64]
			Implícito	9	15%	60	[.46]
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	5	10%	51	[.47]
			Atélico	6	19%	32	[.55]
		Duração	Pontual	2	7%	30	[.50]
			Durativo	9	17%	53	[.50]
		Modo de ação	Achievement	2	7%	30	[.44]
			Accomplishment	3	14%	21	[.25]
			Atividade	0	0%	9	–
			Estado	6	26%	23	[.78]
	SUJEITO	Pessoa	1 ^a	2	10%	21	[.70]
			2 ^a	2	25%	8	[.95]
			3 ^a	5	10%	49	[.33]
		Número	Singular	7	12%	59	[.53]
			Plural	2	11%	19	[.31]
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	4	13%	30	[.63]
			Plural	1	17%	6	[.08]
ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	8	13%	62	[.49]	
		Negativa	0	0%	9	–	
		Interrogativa	3	25%	12	[.59]	
EXTRA LINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino	10	16%	61	[.73]	
		Feminino	1	5%	22	[.06]	
	IDADE	Até 35 anos	0	0%	11	–	
		36 – 55 anos	7	13%	52	[.48]	
		Mais de 55 anos	4	20%	20	[.54]	
Input: .20 Log-Likelihood: [19.327]				Total N=11/83 (13%)			

Fonte: própria.

Segundo informa o estudo previamente apresentado sobre a **presença de marcadores temporais** no contexto de **AP específico**, há, de modo geral, maior recorrência das formas do *pretérito perfecto* junto a enunciados em que não existe a presença explícita de uma construção temporal (62%). Na mesma direção, a tabela 5.16 aponta uma maior recorrência do PPC (9 dos 11 casos) também em enunciados em que a referência temporal é inferida implicitamente. Por outro lado, o PPS é ainda mais predominante na ausência de um marcador temporal explícito (91%).

²⁰ Conforme se observa na tabela 5.16, nenhum grupo de fatores foi selecionado pelo *Goldvarb Yosemite* nesse contexto. Mesmo realizando outras análises, nas quais eliminamos alguns desse grupos (como os de duração e telicidade), a situação manteve-se praticamente inalterada. Esse comportamento se deve, em parte, à quantidade reduzida de dados, decorrente da especificidade desse âmbito temporal. Contudo, tendo em vista a contribuição da análise multivariada do **AP específico** para a configuração geral do **AP** na variedade bonaerense, seguimos a discussão tomando como referência os valores de peso relativo obtidos na primeira rodada “*Stepping down*” – já que encontramos o menor valor de “*log likelihood*” nessa rodada. Como definido, esses dados são apresentados entre colchetes (“[]”).

Apesar da intensa recorrência de marcadores com valor durativo no âmbito de **AP específico** (Tabela 5.11), a análise desse fator junto ao PPS e o PPC não amplia, por si só, o conhecimento sobre o funcionamento dessa variável, posto que os percentuais de ocorrência permanecem praticamente inalterados. Dentro desse grupo de fatores, apenas se ressalta o uso exclusivo do PPS junto a marcadores temporais de valor indeterminado²¹.

Tabela 5.17: Do cruzamento do fator “marcador temporal durativo” e do grupo de fatores “modo de ação” na expressão do antepresente específico em Buenos Aires

		Achievem.		Accompl.		Ativid.		Estado		Total
Marcador “durativo”	PPC	2	7%	2	13%	0	0%	6	27%	10
	PPS	26	93%	13	87%	8	100%	16	73%	63
		28	100%	15	100%	8	100%	22	100%	73

Fonte: própria.

Contudo, é pertinente destacar que o cruzamento dos dados referentes ao fator “marcador de tempo durativo” com o grupo de fatores “modo de ação” (Tabela 5.17) revela que a recorrência do PPC é acentuada quando junto a verbos estativos (27%), ao passo que se acentua ainda mais o PPS junto a verbos de *achievement* (93%). Notemos que essa tipologia verbal recupera os traços aspectuais de “duração” e “pontualidade”, respectivamente.

Conforme nos anteciparam os percentuais da tabela 5.17, o estudo das **características aspectuais** da base verbal oferece-nos alguns indícios que nos permitem associar o uso do PPC à expressão de um valor de **continuidade**. Tanto que encontramos, nos dados da tabela 5.16, um percentual de uso do PPC pouco mais intenso junto a verbos atéticos (6 casos/19%) e durativos (9 casos/17%), como exemplificam os enunciados (33) e (37). Por outro lado, a forma simples tem seu percentual de uso incrementado justamente em contextos opostos, isto é, junto a verbos téticos e pontuais, como em (31) e (38).

(37) *Los últimos días han sido bastante penosos ¿no? <B5>*.

Os últimos dias foram/têm sido muito penosos, não?

(38) [...] *hemos dejado una base enorme el año pasado y que ahora le llegaron un montón de jugadores que son de nivel óptimo <B6>*.

Deixamos uma base enorme no ano passado e que agora chegou pra ele um monte de jogadores que são de ótimo nível.

Em especial, o **modo de ação** parece ser o grupo de maior influência sobre a variável dependente (Tabela 5.16), posto que a recorrência de uso do PPC com verbos estativos (26%)

²¹ O conhecimento mais preciso desse comportamento exige-nos a ampliação dos dados, haja vista que apenas 3 ocorrências foram encontradas com esse tipo de marcador temporal no **AP específico** de Buenos Aires.

mostra-se mais expressiva e o peso relativo desse fator sobre o uso da forma composta é de [.78]. Notemos que o *range*²² do peso relativo desse grupo de fatores é de: 53.

O enunciado (37) mostra o uso do PPC com verbo estativo. Do mesmo modo, o enunciado (33) – exposto novamente a seguir – explicita o predomínio do PPC no contexto de duração, isso porque se recorre a essa forma junto a um verbo estativo (“*hemos tenido una distinción*”) para referir-se a uma situação que ainda perdura, de algum modo, no momento de fala. Assim, a repercussão dessa situação no presente é destacada pelo estado de felicidade em que se encontra o enunciador (“*estoy feliz*”). Por outro lado, no mesmo enunciado, observa-se o uso do PPS (“*nos eligieron*”) para se referir a uma ação pontual e tética (*achievement*) que, como tal, não persiste até o momento de fala. Ainda sobre o **modo de ação**, a tabela 5.16 indica que os verbos de *achievement* ocorrem com maior frequência em PPS (93%).

(33) *Estoy feliz [en los últimos días] porque hemos tenido una distinción maravillosa ya que nos eligieron cómo tesis final de la carrera de artes de la UBA <B3>*.

Estou feliz [nos últimos dias] porque tivemos/temos tido uma distinção maravilhosa, já que nos escolheram como trabalho final no curso de artes da UBA.

A observação dos fatores pertencentes ao **sujeito** gramatical revela que, nos dados bonaerenses relativos ao **AP específico**, há uma maior recorrência percentual do PPC junto à segunda pessoa (25%), fator que parece favorecer o uso da forma composta, considerando seu valor de peso relativo: [.95]. Por sua vez, o PPS parece ocupar lugar de maior destaque junto à primeira e terceira pessoas, de tal modo que, nesse contexto de análise, também não é possível encontrar uma relação entre o PPC e o uso com valor enfático, junto à primeira pessoa.

A escassez de dados parece comprometer também o estudo do número do **sujeito** e do **complemento verbal**, de tal maneira que os valores percentuais e de peso relativos mostram-se divergentes²³. Se considerarmos apenas os pesos relativos, identificamos um aparente favorecimento da forma composta junto ao traço “singular” em ambos os argumentos do verbo. Dessa maneira, parece pouco provável que o fator “pluralidade” possa favorecer o uso do PPC com valor de continuidade – como hipoteticamente havíamos estipulado.

²² Novamente esse grupo de fatores parece trazer maior significância para a compreensão da variação entre o PPS e o PPC. Porém, possivelmente pela limitada quantidade de dados que dispomos, esse grupo de fatores não é selecionado pelo *Goldvarb Yosemite*.

²³ Conforme explicam Guy e Zilles (2007, p.213), essa situação pode decorrer também de uma distribuição desequilibrada de ocorrências em um fator pertencente a outro grupo de fatores. Conforme apresentamos na seção IV, em que discutimos questões metodológicas, as variáveis independentes relativas à idade e ao gênero/sexo não receberam a mesma sistematização da variável espacial, no momento de compilação do *corpus* de análise. Deficiência que pode ter causado o estado de desequilíbrio entre percentual e peso relativo. Segundo orientam Guy e Zilles (2007, p.213), “quando o pesquisador encontra um resultado desse tipo, é aconselhável acreditar mais nos pesos (do que nos percentuais), porque são eles que vão dar uma avaliação mais precisa dos efeitos dos fatores”.

Sobre a **tipologia de orações**, destaca-se a maior ocorrência de ambas as formas em orações afirmativas – justamente por ser o tipo não-marcado de oração e, como tal, também o tipo mais recorrente na língua. No entanto, é pertinente destacar a relevância que as orações interrogativas parecem exercer sobre o uso do PPC, já que o percentual de uso do PPC nesse contexto frasal é de 25%, com peso relativo de [.59]. Por sua vez, nenhum caso do PPC foi encontrado no contexto de negação, mas exclusivamente a forma simples – como em (39).

(39) ¿**Has visto** una película con Richard Gere? Yo no la **vi** [todavía] <B1>.

Você viu uma película com Richard Gere. Eu não a vi [ainda].

(40) *Carlos, es inevitable preguntarte por el partido del domingo, que vas a enfrentar a Carlos Bianchi. ¿Cómo que te **ha ido** [en los últimos días]? <B7>*

Carlos, é inevitável te perguntar sobre o jogo de domingo, quando você vai enfrentar Carlos Bianchi. Como você tem passado [nos últimos dias]?

A observação do contexto interrogativo – em (39) e (40) – permite-nos entender a possível causa do favorecimento da forma composta em detrimento da simples, nesse contexto frasal. Conforme se nota em (39), o enunciador vale-se da forma composta (“*has visto*”) para se referir a uma “ação potencialmente efetivada” dentro da referência temporal instaurada indiretamente: “período desde quando o filme foi lançado até o MF, quando ainda permanece em cartaz”. Por se inserir em contexto de interrogação, sabemos que o enunciador não tem conhecimento da efetiva realização da ação por parte de seu interlocutor.

Em contrapartida, o enunciador pode afirmar com segurança sobre aquilo que conhece: sua própria experiência. De modo que se vale do PPS (“*vi*”) para referir-se a uma situação passada definida – no caso, a ausência dela. É nesse sentido que Rodríguez Louro (2009, 2011) define que o PPC é utilizado na variedade portenha para fazer referências a **situações passadas genéricas/indefinidas**, ao passo que o PPS é usado para referenciar uma situação passada específica e definida. Na mesma direção, em (40), encontramos novamente o PPC fazendo referência a uma situação desconhecida (pouco definida) para o enunciador – que se questiona sobre como seu entrevistado tem lidado com a expectativa anterior ao jogo.

Por fim, a análise das **variáveis extralinguísticas** mostra-nos a maior ocorrência do PPC entre homens (10 de 11 casos) – fator com maior percentual e peso sobre o uso do PPC (16%/[.73]) –, ao passo que a forma simples é ainda mais recorrente entre as mulheres (95%). Em complemento, o valor de *range* desse grupo (67) mostra a pertinência da variável **gênero/sexo** para o estudo da forma composta. Em outros termos, uma vez que a forma simples mostra-se mais frequente entre as mulheres, é possível pensar que o PPS integra a norma de prestígio na expressão do **AP específico**, em Buenos Aires. Esse comportamento é ainda mais evidente se consideramos o alto percentual geral do PPS nesse contexto de análise.

Recordamos, contudo, que devido à limitação de nossos dados em equiparar sistematicamente a quantidade de informantes de ambos os gêneros/sexos, essas informações requerem uma avaliação mais estendida, em trabalhos futuros.

Quanto à **faixa-etária**, observamos que quanto mais velho é o falante, maior é a incidência sobre o uso da forma composta, de tal maneira que não se observa o PPC na fala de menores de 35 anos e se nota o aumento no percentual de uso dessa forma entre falantes maiores de 55 anos ([.54]/20%). Com um comportamento inversamente proporcional, o PPS torna-se absoluta entre os mais jovens e pouco menos recorrente entre os mais velhos (80%). Essa configuração parece indicar que o PPC passa por um processo de desuso na expressão do **AP específico** à medida que o PPS mantém-se mais favorecido pela norma bonaerense.

Para concluirmos, o PPS comporta-se como a forma de prestígio na expressão do **AP específico** em Buenos Aires, o que é evidenciado não apenas pelo alto percentual de ocorrência, mas também pelo favorecimento na fala feminina e pelo uso aparentemente absoluto entre os jovens. Por sua vez, o PPC apresenta um comportamento que caracteriza estruturas em vias de desaparecimento, isto é, menos recorrente, de modo geral, e favorecido por falantes mais velhos. Quanto ao funcionamento, identificamos um uso levemente acentuado do PPC em contextos que possibilitam uma leitura **continuativa** (verbos atéticos e durativos), ao passo que o PPS é mais favorecido junto à verbos téticos e pontuais. Por fim, a observação da recorrência do PPC em orações interrogativas mostra-nos seu uso referindo-se a **situações genéricas e potenciais ocorridas em uma extensão temporal menos definida**.

5.1.2.2 Análise multivariada da expressão do antepresente específico em San Miguel de Tucumán

A tabela 5.18 sintetiza a análise multivariada dos dados encontrados no contexto de **AP específico** do *corpus* compilado de San Miguel de Tucumán. Ao fim da tabela, além dos valores de *input* e *log-likelihood*, expomos a quantidade e o percentual de ocorrências do PPC (74 casos/66%) na relação com o total de casos do *pretérito perfecto* (112) nesse contexto.

Tabela 5.18: Da análise multivariada na expressão do antepresente específico em San Miguel de Tucumán²⁴

GRUPOS DE FATORES				N	% PPC	Total N	Peso
LINGÜÍSTICO	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	0	0%	3	–
			Durativo	63	65%	97	[.48]
			Conclusivo	6	86%	7	[.74]
			Indeterminado	5	100%	5	–
		Presença	Explícito	23	77%	30	[.71]
			Implícito	51	62%	82	[.42]
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	44	61%	72	[.48]
			Atélico	30	75%	40	[.53]
		Duração	Pontual	28	61%	46	[.50]
			Durativo	46	70%	66	[.50]
		Modo de ação	<i>Achievement</i>	28	61%	46	[.44]
			<i>Accomplishment</i>	16	61%	26	[.31]
			Atividade	17	77%	22	[.62]
			Estado	13	72%	18	[.72]
	SUJEITO	Pessoa	1 ^a	18	62%	29	[.45]
			2 ^a	4	100%	4	–
			3 ^a	51	69%	74	[.52]
		Número	Singular	30	59%	51	[.38]
	Plural		43	77%	56	[.62]	
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	18	62%	29	[.52]
Plural			12	66%	33	[.55]	
ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	68	67%	102	[.52]	
		Negativa	3	43%	7	[.22]	
		Interrogativa	3	100%	3	–	
EXTRALINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino	28	61%	46	[.54]	
		Feminino	46	70%	66	[.47]	
	IDADE	Até 35 anos	22	54%	41	[.45]	
		36 – 55 anos	46	72%	64	[.50]	
		Mais de 55 anos	6	86%	1	[.68]	
Input: .67				Log-Likelihood: [53.397]		Total N=74/112 (66%)	

Fonte: própria.

Como exemplificam os enunciados (41) e (42), o PPC tem seu percentual incrementado com a presença explícita de marcadores temporais com traço aspectual de duração (“*hoy en día*”, “*en estos diez años*”), os quais, como sabemos, favorecem uma leitura **continuativa** das situações descritas (“*me ha hablado*”, “*se ha transformado*”).

(41) *Hoy en día me ha hablado mucha gente, felicitándome porque es Plan Magazine* <T8>.

Hoje em dia muita gente tem falado comigo, felicitando-me pelo que é *Plan Magazine*.

(42) *Creo que en estos diez años Tucumán se ha transformado* <T7>.

Acho que nestes dez anos Tucumán se transformou/ tem se transformado.

²⁴ Conforme se observa na tabela 5.18, nenhum grupo de fatores foi selecionado pelo *Goldvarb Yosemite* nesse contexto. Contudo, tendo em vista a contribuição da análise multivariada do **AP específico** para a configuração geral do **antepresente**, seguimos a discussão tomando como referência os valores de peso relativo obtidos na primeira rodada “*Stepping down*”. Como definido, esses dados são apresentados entre colchetes (“[]”).

Tendo em vista a intensa recorrência de marcadores com valor durativo no âmbito de **AP específico** (Tabela 5.11), naturalmente encontramos a maior quantidade de casos da forma composta junto a marcadores temporais com esse sentido (63 casos dos 74). Contudo, uma análise mais refinada – proveniente do cruzamento dos dados referentes ao fator “marcador de tempo durativo” com o grupo de fatores “modo de ação” (Tabela 5.19) –, revela que a recorrência do PPC é ainda mais acentuada junto a verbos estativos (69%) e de atividade (77%). Por sua vez, aumenta-se o índice de recorrência do PPS junto aos verbos de *achievement* (41%). Essa tipologia verbal identifica o uso mais recorrente do PPC com verbos durativos e do PPS com verbos com traço aspectual de “pontualidade”.

Tabela 5.19: Do cruzamento do fator “marcador temporal durativo” e do grupo de fatores “modo de ação” na expressão do antepresente específico em San Miguel de Tucumán

		Achievem.		Accompl.		Ativid.		Estado		Total
Marcador “durativo”	PPC	24	59%	11	61%	17	77%	11	69%	63
	PPS	17	41%	7	39%	5	23%	5	31%	34
		41	100%	18	100%	22	100%	16	100%	97

Fonte: própria.

Contudo, é importante sublinhar o comportamento do PPC junto aos demais tipos de marcadores temporais, posto que a forma composta parece apresentar um comportamento quase que categórico quando modificada por construções temporais com valor conclusivo (86%) e indeterminado (100%). Em especial, o peso relativo atribuído ao marcador conclusivo evidencia a incidência desse fator sobre o uso do PPC ([.74]). Ambos os comportamentos podem ser observados nos enunciados (43) e (44), respectivamente:

(43) *Ya ha habido caso [en este gobierno] que cuando se hicieron las denuncias, en la manera correcta, tuvieron que renunciar algunos funcionarios [...] <T7>.*

Já houve caso [neste governo] que quando se fizeram as denúncias, da maneira correta, alguns funcionários tiveram que renunciar [...].

(44) *Yo pienso que ha llegado un momento [en los últimos días] en que se ha sentido acorralado <T6>.*

Eu acho que chegou um momento [nos últimos dias] em que se sentiu sem saída.

Em (43), o uso da forma composta (“*ha habido*”) junto ao advérbio “*ya*” parece destacar uma situação que foi corrigida de maneira justa pelo governo ao qual pertence o enunciadador – colocando em evidência, no momento de fala, a idoneidade da gestão política defendida. Quanto às ocorrências do PPC no enunciado (44), identificamos um uso fazendo referência a situações menos especificadas quanto à concretude de suas realizações e do tempo em que efetivamente teriam ocorrido. Esses traços ficam marcados tanto pela

explicitação do advérbio “*un momento*”, como pelo posicionamento opinativo do enunciador (*yo pienso*), que instaura uma visão hipotética e subjetiva. Desse modo, parece que o PPC pode fazer referência a **situações mais genéricas** também nessa variedade diatópica.

Por sua vez, apesar de também ocorrer com frequência significativa junto a marcadores temporais de valor durativo, o PPS destaca-se percentualmente pelo uso categórico junto a marcadores estritamente temporais. Esse é o uso que observamos em (45):

(45) [...] *ahora volvió con su novia... Com Micaela. <T9>*.

[...] agora voltou com sua namorada... com Micaela.

Atentando-nos às características aspectuais da **base do verbo**, identificamos novamente que o PPC tem seu índice incrementado com verbos atélicos (75%) e durativos (70%), o que fica especialmente evidenciado com o estudo do **modo de ação**, posto que os “estados” (72%/ [.75]) e as “atividades” (77%/ [.61]) apresentam percentual e peso relativo mais relevantes para o uso da forma composta. Posto que os traços aspectuais de atelicidade e duração da base verbal incidem mais sobre o uso do PPC, novamente conseguimos demonstrar – considerando agora uma quantidade mais substancial de dados – o favorecimento da forma composta em contextos que aportam um sentido de **continuidade**.

(46) [...] *agradecerles a todos los otros dirigentes que honestamente y osadamente han colaborado, tal cual han hecho los empleados durante mi gestión [...] <T5>*.

[...] agradecer a todos os dirigentes que honestamente e ousadamente têm colaborado, tal qual têm feito os funcionários durante minha gestão.

(47) A: *Diputada, usted conoce el laburo del congreso. Usted es diputada nacional.*

B: [...] *no todos juegan limpio, eh... a veces uno va con esa ingenuidad de que uno va con todas las reglas del juego y allá las cosas no son así, y lo hemos vivido en carne propia [en estos años en la legislatura] <T7>*.

A: Deputada, a senhora conhece o trabalho do congresso. A senhora é deputada nacional. /B: [...] nem todos jogam limpo, é... às vezes se vai com essa ingenuidade de que se conhecem todas as regras do jogo e lá as coisas não são assim, e vivemos isso em carne própria [nestes anos na câmara legislativa].

Em (46) e (47), observamos o PPC junto a verbos de “atividade” (“*han colaborado*”) e de “estado” (“*hemos vivido*”), fazendo referência a situações que persistem até o momento de fala. Em complemento, os respectivos marcadores temporais (“*durante mis gestión*” e “*en estos años*”) e a tradução das formas verbais ao português (“têm colaborado” e “temos vivido”) evidenciam essa percepção continuativa.

Conforme se observa nos dados da tabela 5.18, a forma simples também pode ocorrer em contextos que favorecem uma leitura **continuativa**, isto é, junto a marcadores de tempo durativo e/ou a verbos marcados pelo traço de duração – tal como lemos em (48). No entanto, o que salta aos olhos no exame dos dados expostos na tabela 5.18 é que mesmo havendo essa

possibilidade de ocorrência, a forma simples é especialmente favorecida junto a fatores que cooperam para a construção de um sentido não-continuativo, ou seja, com verbos tólicos e pontuais (de *achievement* e de *accomplishment*) e com marcadores temporais sem valor durativo, como observamos no enunciado (49), em que “*empecé*” não permanece até o MF.

(48) A: [...] *se critica mucho a este modelo*, [...] *uno lo que escucha mucho es el tema de la corrupción* [...]. ¿Cuál es el mensaje desde el oficialismo a esa pregunta?

B: *Mire, yo he visto infinidades y escuché infinidades de denuncias que se hicieron [durante este gobierno/este modelo]. <T7>*.

A: Critica-se muito este modelo [...] escuta-se muito sobre o tema da corrupção [...]. Qual é a mensagem oficial a esta inquietação?/B: Olhe, eu vi/tenho visto infinidades e escutei/tenho escutado infinidades de denúncias que se fizeram/têm se feito [durante este governo/este modelo].

(49) *Bueno, yo que empecé un curso con él ahora en Buenos Aires <T9>*.

Bom, eu que comecei um curso com ele agora em Buenos Aires.

A análise das características da categoria do **sujeito gramatical** mostra-nos uma maior recorrência do PPC junto à terceira pessoa (64%/ [.52]) e o uso exclusivo de PPC nos poucos dados existentes de segunda pessoa (4 casos). O PPS, por sua vez, destaca-se pelo aumento na recorrência junto à primeira pessoa (38%). Percentualmente, o traço de “pluralidade” (77%) aponta uma maior recorrência do PPC em detrimento do PPS – característica que é evidenciada pelo peso relativo que esse fator possui sobre o uso do PPC ([.62]). Se efetuamos o cruzamento dos dados provenientes desses dois grupos de fatores (Tabela 5.20), identificamos um substancial aumento percentual no uso da forma composta (87%) quando combinadas a “primeira pessoa” e o traço de “pluralidade”.

Tabela 5.20: Do cruzamento do grupo de fatores “pessoa gramatical” com o grupo de fatores “número do sujeito” na expressão do antepresente específico em San Miguel de Tucumán

		1ª pes.		2ª pes.		3ª pes.		Total
Plural	PPC	13	87%	1	100%	29	72%	43
	PPS	2	13%	0	0%	11	28%	13
Singular	PPC	5	36%	2	100%	23	66%	30
	PPS	9	64%	0	0%	12	34%	21

Fonte: própria.

Conforme observamos no enunciado abaixo, é possível que o alto percentual do PPC decorrente do cruzamento desses dois fatores permita-nos identificar, nesse contexto específico, o uso do PPC para enfatizar uma experiência vivenciada pelo próprio enunciador juntamente de seus pares. Assim, em (50), o enunciador ressalta a eficiência da administração a que pertence por meio do uso do PPC, fazendo referência a uma medida implementada por sua gestão, da qual já se colhem os frutos (“*los primeros diplomas*”).

(50) [...] *durante este año y medio, es muy conocida la posición de Federación en defensa de los intereses empresarios [...]. Hemos iniciado [en este período] el departamento de Capacitación que hoy, en horario de la tarde, se va a entregar los primeros diplomas <T3>*.

[...] durante este ano e meio, é muito conhecida a posição da Federação na defesa dos interesses empresariais. [...]. Iniciamos [neste período] o departamento de Capacitação, que hoje, no horário da tarde, vai entregar os primeiros diplomas.

A análise do número dos **complementos verbais** aponta-nos novamente que a forma composta é mais recorrente junto aos complementos “plurais” (66%). Em contrapartida, a forma simples mantém-se mais recorrente com complementos singulares (38%) – contexto menos abertos à leitura continuativa, como já se observou em (49), por exemplo.

Como temos defendido, a maior recorrência da forma composta junto a sujeito e complemento com valor plural possibilita que o PPC ofereça uma leitura mais durativa das situações descritas. Tanto que, em (51), pressupomos que a referida situação (“*nos han imitado*”) tenha se prolongado por mais tempo, posto que são vários os países envolvidos no processo (“*grandes potencias*”). Na mesma direção, em (52), ao dizer que o governo realizou mais de um projeto (“*ha hecho cosas buenas*”), inferimos que a situação descrita demanda mais tempo para se efetivar do que a realização de uma ação pontual, por exemplo.

(51) [...] *grandes potencias [durante este gobierno/modelo] nos han imitado. Me parece que está buenísimo [...]. Pero se critica mucho a este modelo [...], uno lo que escucha mucho es el tema de la corrupción [...]. <T7>*.

[...] grandes potências [durante deste governo/modelo] nos imitaram/têm imitado. Eu acho que isso é muito bom [...]. Mas se critica muito este modelo [...], escuta-se muito sobre o tema da corrupção [...].

(52) *Creo que en estos diez años Tucumán se ha transformado [...]. Si hablás de profundizar un modelo que ha hecho [en estos diez años] cosas buenas y que tiene cosas por corregir, bueno. Ha hecho cosas buenas y tiene que corregir lo que se hizo mal <T7>*.

Acho que nestes dez anos Tucumán tem se transformado [...]. Si você fala em aprofundar um modelo que fez/tem feito [nestes dez anos] coisas boas e que tem coisas a serem corrigida, ótimo. Fez/tem feito coisas boas e tem que corrigir o que fez de mal.

Dirigindo-nos aos **tipos de orações** marcados, destaca-se que os únicos três casos encontrados em orações interrogativas são da forma composta, contexto que, conforme verificamos em (53), propicia a referência a uma situação menos específica no passado (já que é desconhecida pelo enunciador). A julgar pelo peso relativo e percentual, a polaridade negativa parece se apresentar como o fator que menos favorece, dentro desse grupo de fatores, o uso do PPC. De todo modo, conforme observamos em (54), parece que a negação pode também permitir uma leitura **continuativa**, nesse contexto de análise.

(53) *¿Qué se viene por este año? [...] Tenés [...] el piel a piel con los famosos. ¿Cuál ha sido el más jodido que te ha tocado [este año]? <T8>.*

O que vem por ai este ano? [...] Você tem o cara a cara com os famosos. Qual foi o mais bacana que você teve [este ano]?

(54) *[...] en los últimos veinticinco años, la infraestructura sanitaria en la provincia de Tucumán no se ha incrementado <T5>.*

Nos últimos vinte e cinco anos, a infraestrutura sanitária na província de Tucumán não se incrementou/tem se incrementado.

A forma simples, por sua vez, mostra-se mais recorrente percentualmente em orações negativas. Porém, ao menos no enunciado (55), não conseguimos observar a composição do sentido continuativo atrelado ao uso do PPS – como foi possível no enunciado (54).

(55) *[...] tengo dos imágenes de mi viejo. A ver: **empezó** el show y había treinta personas afuera... mirando de afuera la canción. [...] Y que mi viejo diga: Ya está. Se vendió. Lo que no se **pudo** [hasta ahora], bueno, no se **vendió**. Entremos gente que realmente no puede. <T8>.*

[...] tenho duas imagens do meu pai. Imagem: o show começou e havia trinta pessoas do lado de fora, olhando de fora o espetáculo. [...] E meu pai diz: Chega. Se vendeu. O que não se pode [até agora], bom, não se vendeu. Coloquemos para dentro as pessoas que realmente não têm condições.

Ao nos dirigirmos à análise das variáveis extralinguísticas, observamos que conforme aumentamos a **faixa-etária** dos falantes, maior é a recorrência da forma composta. De tal maneira que o peso relativo atribuído à população maior de 55 anos ([.68]) indica que o PPC é especialmente favorecido junto a esse grupo-etário. Tendo em vista essa tendência, parece que a forma composta pode ter seu uso futuramente diminuído à medida que a população mais nova substitua a população mais velha e transmita seu padrão de uso às próximas gerações.

Por outra parte, a observação do PPS nos diferentes grupos-etários revela-nos um comportamento inverso, isto é, há maior recorrência dessa forma entre os mais jovens (46%), percentual que vai diminuindo no grupo dos falantes de 36 a 55 anos (28%) até alcançar a menor taxa entre os mais velhos (14%). Essa tendência indica que o PPS pode ter seu uso incrementando à medida que a população mais jovem envelheça e leve consigo sua norma de uso. A maior recorrência do PPS na fala masculina (39%) aliada a um percentual geral menor (34%) que o PPC pode ser um indício de que o PPS ainda não alcançou, em San Miguel de Tucumán, um estado de prestígio, como o do PPC, na expressão do **AP específico**²⁵.

A síntese da análise multivariada dos dados do âmbito de **AP específico** nessa variedade revela, pela primeira vez, o PPC sobrepondo-se, de modo geral, ao PPS. Destacamos que o PPC parece apresentar um comportamento mais conservador e de prestígio, posto que, além da alta frequência percentual, é mais comum entre o público feminino e tende

²⁵ Recordamos que devido à limitação de nossos dados em equiparar sistematicamente a quantidade de informantes de ambos os gêneros/sexos, essas informações requerem uma avaliação futura mais estendida.

a ser ainda mais recorrente conforme aumentamos a idade dos informantes. Funcionalmente, o PPC é favorecido por uma leitura **continuativa**, tanto é assim que se mostra mais recorrente junto a verbos atéticos e durativos e junto a sujeito e/ou complemento verbal com informação de pluralidade. Além disso, a análise indicou também que a forma composta é favorecida com marcadores temporais de valor conclusivo, fator que possibilita uma leitura de **relevância presente**. Finalmente, o uso mais recorrente do PPC junto a orações interrogativas e marcadores de tempo indeterminado apontam ainda o uso dessa forma verbal fazendo referência a **situações genéricas ocorridas em um passado menos definido**.

Quanto ao PPS, parece que seu favorecimento se dá justamente em contextos menos marcados por uma leitura **continuativa**, isto é, junto a marcadores temporais sem marca de duração, a verbos téticos e pontuais (*achievement* e *accomplishment*) e a sujeito e/ou complemento verbal singulares. Além disso, tendo em vista sua maior recorrência entre os homens e a população mais jovem, parece que essa forma ainda está em processo de ascensão nesse contexto de análise, podendo, futuramente, superar o uso do PPC.

Havendo realizado a descrição do contexto de **AP específico** e o comportamento do *pretérito perfecto* nas variedades diatópicas que apresentam variação, passemos a apreciação do contexto de **AP ampliado**.

5.1.3 A expressão do antepresente ampliado

A terceira delimitação da categoria geral do **antepresente** é resultante da maior dilatação da abrangência da referência temporal (MR) que envolve tanto a situação descrita como o momento de enunciação. Esse alargamento é tamanho que pode trazer explícita ou pressuposta uma referência equivalente a todo o período de vida de um indivíduo ou a uma longa fase de sua existência. Esse é o caso, por exemplo, dos enunciados (59), (60) e (61), nos quais os respectivos marcadores “*en tu vida*”, “*los cincuenta y siete años de vida*” e “*nunca*” demonstram essa amplitude do âmbito de referência. Por sua vez, “*siempre*” em (56) tem sua limitação de alcance imposta pelo conhecimento veiculado pela situação de enunciação, segundo a qual somos informados de que o enunciador se refere ao período em que atuou, desde criança, como jogador no clube *Real Madrid*. De igual maneira, as informações dispostas na totalidade do texto do qual se retirou o enunciado (58) explicam-nos que o marcador temporal “*alguna vez*” limita-se ao período de vida profissional, a partir de quando o enunciatário começa a atuar como treinador de futebol. Segundo descreve o estado da arte, dita amplitude temporal, vinculada com outras características sintático-semânticas, coopera

para a atribuição de uma maior indeterminação temporal a esse subâmbito do **antepresente**. Esse é o caso, por exemplo, da existência de sujeito plural (56, 60), de complemento ou predicativo plural (57), de sentenças interrogativas (58 e 59), entre outros.

(56) *Madri: Bueno, siempre hemos tenido buena relación ¿No? **Ha habido** buena relación con españoles, canteranos, eh... Cristiano [...] <M1>.*

Bem, sempre tivemos boa relação ¿né? Houve boa relação com espanhóis, com o time de base eh... Cristiano [...].

(57) *Madri: Santiago Zannou **ha sido** dependiente, camarero. Incluso, intentó ser futbolista profesional <M7>.*

Santiago Zannou foi atendente, garçom. Inclusive, tentou ser jogador de futebol profissional.

(58) *Buenos Aires: ¿Te **has enfrentado** alguna vez con Carlos, ya? En dirección técnica, obviamente <B7>.*

Você já enfrentou alguma vez o Carlos? Como técnico, obviamente.

(59) *Buenos Aires: ¿Qué click **pasó en tu vida** que dijiste: “Bueno, ¡Sí! Ahora me largo”? <B3>*

Que click aconteceu na sua vida que você disse: “Bom, sim! Agora eu me jogo”?

(60) *San Miguel de Tucumán: [...] **veintitrés** presidentes exactamente **hemos conducido** la casa [durante] los cincuenta y siete años de vida <T3>.*

[...] vinte e três presidentes exatamente conduzimos/temos conduzido a casa [durante] os cinquenta e sete anos de vida.

(61) *San Miguel de Tucumán: Tanto tiempo al aire. Radio número uno. Por qué **nunca hubo** un sorteo de acá ¿no? <T8>*

Tanto tempo no ar. Rádio número um. Por que nunca houve um sorteio aqui, não é?

A observação dessa concepção temporal nos três *corpora* diatópicos – em comparação com os subâmbitos do **antepresente** anteriormente apresentados – revela-nos um aumento percentual na **ocorrência explícita** de construções de temporalidade. Ou seja, o índice que iniciou, no **AP imediato**, em 19% de ocorrências explícitas, alcança, no **AP ampliado**, um percentual de 41%. É provável que esse incremento se deva à necessidade de melhor definir o contexto temporal, cuja referência ampliada abre naturalmente precedentes para uma maior ambiguidade interpretativa – podendo gerar, na ausência de um marcador temporal explícito, alguma dificuldade para definir a situação descrita como pertencente ao **AP ampliado** ou ao **passado absoluto**, por exemplo.

O levantamento das construções temporais próprias do **AP ampliado**²⁶ resulta na seguinte listagem: “*a lo largo de la historia/ carrera/ vida*”, “*en un momento de la vida/ historia*”, “*alguna vez/ ocasión en la vida*”, “*en mi vida/ trayectoria*”, “*nunca*”, “*siempre*”, “*en algún momento*”, “*en mi largo recorrido/ carrera*”, “*desde (entonces/ pequeño/ la infancia)*...”

²⁶ Para a descrição do contexto de **antepresente ampliado**, analisamos os enunciados em que figuram as 251 ocorrências encontradas de formas do *pretérito perfecto*.

hasta ahora”, “*durante los años*”, “*llevo ~ años*”; “*con el tiempo/ los años*”, “*a medida que*”, “*toda la vida*”; “*durante muchos años*”, “*una vez*”, “*los ~ años de vida*”²⁷.

Tabela 5.21: Dos marcadores temporais no antepresente ampliado

Valor	N	%
Conclusivo	4	2%
Durativo	187	74%
Indeterminado	60	24%
Total	251	100%

Fonte: própria.

A análise da tipologia dessas **expressões de temporalidade** (Tabela 5.21) mostra-nos uma semelhança entre os subâmbitos de **AP específico** e **AP ampliado** no que diz respeito à maior recorrência de construções de valor aspectual durativo (74%) – ainda que identifiquemos neste uma proporção sensivelmente menor. No entanto, particular a esse contexto temporal, é a ausência de marcadores estritamente temporais e do expressivo aumento de expressões com valor temporal indeterminado (24%) nos três *corpora* diatópicos. Finalmente, como também observado nos demais subâmbitos do **antepresente**, destaca-se a tímida recorrência de advérbios com valor conclusivo. A título de exemplo, observam-se os três tipos de expressões temporais nos seguintes enunciados:

(62) **Durativo:** *Hay perros en mi casa porque toda la vida lo **hubo**, porque mis hijos **han querido** perros [...] <B1>.*

Há cachorros na minha casa porque toda a vida houve, porque meus filhos quiseram cachorros.

(63) **Indeterminado:** *No solamente en el matrimonio de mis padres, sino algunas veces cuando yo **he tenido** alguna relación con alguna chica blanca [...] <M7>.*

Não apenas no casamento dos meus pais, mas também algumas vezes quando eu tive alguma relação com alguma garota branca.

(64) **Conclusivo:** *Esta es una elección que va a marcar un antes y un después de cara [...] ya ha pasado en elecciones legislativas [...] <T7>.*

Esta é uma eleição que vai marcar um antes e um depois de cara [...] pode ser que aconteça como já aconteceu em eleições legislativas.

Atendo-nos ao estudo dos **traços aspectuais das bases verbais** no âmbito de **AP ampliado**, pela primeira vez identificamos uma porcentagem de uso maior de formas atélicas – ainda que restrita apenas aos *corpora* diatópicos de Madri e San Miguel de Tucumán (Tabela 5.22). Especificamente no corpus de Buenos Aires, no entanto, observa-se um uso próximo ao já descrito para o contexto de **AP específico**, isto é, ainda com maior recorrência

²⁷ <Tradução nossa>: “ao longo da história/ profissão/ vida”, “em um momento da vida/história”, “alguma vez/ ocasião na vida”, “em minha vida/ trajetória”, “nunca”, “sempre”, “em algum momento”, “em meu longo percurso/profissão”, “desde (então/ pequeno/ a infância)... até agora”, “durante os anos”, “levo ~ anos”, “com o tempo/ os anos”, “à medida que”, “toda a vida”, “durante muitos anos”, “uma vez”, “os ~ anos de vida”.

de formas téticas (65%). Como temos descrito, a tendência geral de aumento no uso de verbos atéticos pode se relacionar com a alta frequência de marcadores temporais durativos, fatores que combinados configuram um contexto aberto à expressão de **continuidade**.

Tabela 5.22: Da telicidade no antepresente ampliado

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán		Total	
Tético	51	39%	48	65%	18	38%	117	47%
Atético	79	61%	26	35%	29	62%	134	53%
Total	130	100%	74	100%	47	100%	251	100%

Fonte: própria.

O estudo do **modo de ação** dos verbos recorrentes no **AP ampliado** (Tabela 5.23) também apresenta cenários diversificados conforme o *corpus* analisado. De um lado, nos *corpora* de Madri e de San Miguel de Tucumán, os “estados” figuram pela primeira vez com maior porcentual, de outro, Buenos Aires segue mantendo o *achievement* como o modo de ação mais recorrente, seguido pelo *accomplishment*. As duas primeiras variedades também recorrem com uma frequência significativa às atividades, reafirmando a percepção durativa no âmbito de **AP ampliado**. Por manter um comportamento particular, a variedade bonaerense deverá ter o contexto de **AP ampliado** mais bem compreendido no momento de se buscar as relações entre as características desse âmbito com o estudo da formas do *pretérito perfecto*.

Tabela 5.23: Dos modos de ação no antepresente ampliado

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán		Total	
Achievement	35	27%	27	36%	13	28%	75	30%
Accomplishment	16	12%	21	28%	5	11%	42	17%
Atividade	32	25%	7	10%	11	23%	50	20%
Estado	47	36%	19	26%	18	38%	84	33%
Total	130	100%	74	100%	47	100%	251	100%

Fonte: própria.

Mantendo o cotejamento com os subâmbitos temporais anteriores e também procurando estabelecer relações entre as características e finalidades do gênero entrevista radiofônica com os traços linguísticos observados em enunciados pertencentes ao âmbito de **AP ampliado**, encontramos nesse contexto temporal uma preferência por sujeitos de terceira pessoa (Tabela 5.24), assim como já observado no **AP específico**. Essa característica também coloca o **AP ampliado** em situação aparentemente menos favorável para o estudo da relevância da primeira e segunda pessoas no uso das formas do *pretérito perfecto*.

Tabela 5.24: O sujeito gramatical no antepresente ampliado: pessoas do discurso

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán		Total	
1ª Pessoa	37	28%	21	25%	14	30%	72	29%
2ª Pessoa	23	8%	5	10%	6	13%	34	14%
3ª Pessoa	63	58%	46	59%	25	53%	134	53%
Outros ²⁸	7	6%	2	6%	2	4%	11	4%
Total	130	100%	74	100%	47	100%	251	100%

Fonte: própria.

Antes de nos dirigir à observação efetiva do comportamento das formas do *pretérito perfecto* nesse contexto temporal, recordamos que, conforme já explicitado nos quadros 1.5 e 1.6, a norma-padrão, em sua maior parte, prevê o uso do PPC ocorrendo nesse contexto temporal. No entanto, como descreve apenas *la nueva gramática de la lengua española* (RAE, 2009, 2010), é possível encontrar também a forma simples ocorrendo no âmbito **AP ampliado**. De fato, conforme nos mostram os dados da tabela 5.25, notam-se nos três *corpora* diatópicos as formas do *pretérito perfecto* coocorrendo, em diferentes proporções.

Tabela 5.25: Da expressão do antepresente ampliado nas três variedades diatópicas

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán	
PPC	126	97%	33	45%	32	68%
PPS	4	3%	41	55%	15	32%
Total	130	100%	74	100%	47	100%

Fonte: própria.

Em Madri, aparentemente, inicia-se nesse subâmbito do **antepresente** a possibilidade de se valer também do PPS. Como se observa, há apenas 4 casos (3%) de forma simples nesse contexto, em oposição aos 126 casos (97%) da forma composta. Tendo em vista a baixa ocorrência do PPC, passemos a uma análise pontual dos casos encontrados:

(65) *Bueno, a mí siempre me gustó Inglaterra. Eh... pero Alemania últimamente, pues es un fútbol que me gusta mucho <MI>*.

Bem, eu sempre gostei da Inglaterra. É... mas da Alemanha ultimamente, pois é um futebol de que gosto muito.

(66) *[...] no hay muchos que puedan decir que empezaron con nueve años en la cantera de Real Madrid y acabaron jugando como titulares en Real Madrid <MI>*.

[...] Não há muitos que possam dizer que começaram com nove anos na base do Real Madrid e acabaram jogando como titulares no Real Madrid.

²⁸ Incluímos em “outros” os casos de sujeito inexistente ou de sujeitos oracionais.

(67) *La suerte de poder dedicar su vida a lo que más le gusta que es diseñar coches. Para eso **estudió** eh... A lo largo de su vida, por otra parte, ha hecho estudios, por ejemplo, superiores de diseño de coches en la Royal College of Art <M5>.*

A sorte de poder dedicar sua vida ao que mais gosta que é planejar carros. Para isso estudou é... Ao longo de sua vida, por outro lado, fez cursos, por exemplo, superiores de projeto automobilístico na *Royal College of Art*.

(68) *[...] como director, **encontré** dentro de una persona que llevaba cuarenta años sin estar en su tierra una historia magnífica ¿no? Para poder trasladar a las pantallas <M7>.*

Como diretor, encontrei dentro de uma pessoa que estava quarenta anos sem pisar em sua terra uma história magnífica, né? Para poder levar ao cinema.

Conforme devemos perceber com o estudo de cada um dos enunciados expostos acima, há certa dificuldade em proceder à delimitação exata do momento tomado como referência para a classificação dos enunciados como pertencentes ao **AP ampliado** ou a outro contexto temporal. Evidentemente que, devido à abrangência desse âmbito temporal, é natural que se abra precedentes para uma leitura ambígua por parte do investigador.

Vejamus que no enunciado (65), ao usar o advérbio “*siempre*” para caracterizar a permanência do apreço pela seleção de futebol inglesa (“*me gustó Inglaterra*”), o enunciador aparentemente estabelece uma relação do estado que teve início num passado remoto e que parece se estender até o presente da enunciação, caracterizando, desse modo, o **AP ampliado**. No entanto, ao conectar a segunda frase (“*pero a Alemania ultimamente [...]*”), o enunciador aparenta criar uma relação de oposição temporal (*pero*), instaurando uma situação nova, efetivamente observada no momento de fala. Em outros termos, ao instaurar a referência “*ultimamente*”, antecedida pela conjunção adversativa “*pero*”, a vigência da referência temporal instaurada por “*siempre*” parece poder estar limitada a algum momento anterior ao ato de enunciação, permitindo, por sua vez, a interpretação de que o “*me gustó Inglaterra*” insere-se, na verdade, na concepção de **passado absoluto**.

Na mesma direção, observamos, no enunciado (66), o locutor refletindo sobre a possibilidade de outras pessoas terem a mesma experiência de vida que possuiu o entrevistado – quem teve a oportunidade de ser um jogador do *Real Madrid*, a partir dos 9 anos de idade até o momento quando se enuncia. Dentro dessa leitura, há um claro delineamento do âmbito de **AP ampliado**, no qual se insere “*acabar*”. Contudo, ao nos inteirarmos, no avançar do texto, de que o enunciador havia sido demitido momento antes de conceder a entrevista, indagamo-nos se, de fato, ele assume a referência de **AP ampliado** ou se associa a experiência a uma referência temporal já terminada ao enunciar, isto é, ao **passado absoluto** – favorecendo o uso da forma simples (“*acabaron*”).

Essa ambiguidade também pode ser identificada em (67), posto que, em uma leitura inicial, encontramos a possibilidade de associar o PPS (*estudió*) ao **passado absoluto** – no qual se insere o “período de formação acadêmica” do enunciatário. No entanto, após uma pausa na fala do enunciador (“[...] *para eso estudió eh...*”), nos deparamos com a construção temporal “*a lo largo de su vida*”, permitindo tratar o “estudo” como uma experiência persistente até o estágio atual de vida do enunciatário, ou seja, pertencente ao **AP ampliado**²⁹. É importante destacar que a pausa entoacional observada entre “*estudió*” e a continuidade do enunciado poderia nos indicar, entre outros, uma reorganização da fala e um, conseqüente, rearranjo da linha temporal assumida como referência.

Finalmente, em (68) verificamos um fragmento em que um diretor de cinema comenta o documentário que acabou de lançar, no qual a vida de seu pai é retratada. Desse modo, ao classificarmos o enunciado como pertencente ao **AP ampliado**, assumimos que a expressão “*como director*” faz referência a todo o período de experiência profissional em que o enunciador desempenhou essa função – o que, obviamente, envolveu o encontro (“*encontré*”), a gravação do documentário e o momento em que enuncia. Não obstante, é possível pensar que, na verdade, o enunciador refere-se a um momento específico já terminado, isto é, quando atuou especificamente “como diretor” no documentário referido. Nesse caso, o enunciador estaria se valendo de uma referência passada e terminada (**passado absoluto**), já que o momento de sua atuação efetiva como diretor, a partir dessa perspectiva, já está encerrado quando se produz o enunciado em questão.

Em síntese, tendo em vista a natureza subjetiva que perpassa a determinação do ponto de vista temporal (referência), é natural encontrarmos, em alguns enunciados, um contexto temporal ambíguo que torna difícil determinar se o enunciador assume o **AP ampliado** ou o **passado absoluto** como referência. Assim, apesar de apresentarmos esses quatro casos como pertencentes ao âmbito de **AP ampliado**, somos conscientes da possibilidade de que as situações descritas, na verdade, tenham sido concebidas originalmente como pertencentes ao **passado absoluto**. Por outro lado, a análise quantitativa dos dados poderia reforçar a segunda interpretação, posto que, conforme temos observado no *corpus* de Madri, há uma tendência forte a usar exclusivamente o *pretérito perfecto compuesto* no âmbito de **antepresente** – independentemente da amplitude da referência temporal assumida.

Se mantivermos, contudo, a decisão de associarmos essas quatro ocorrências do PPS ao âmbito **AP ampliado**, identificamos uma discreta inserção da forma simples no âmbito

²⁹ O que se comprova com o uso da forma composta (“*ha hecho estudios*”) logo em seguida, para referir-se à ampla formação acadêmica pela qual passou o entrevistado “ao longo de sua vida”.

mais dilatado do **antepresente**. Ainda assim, tendo em vista a baixa recorrência de casos, torna-se difícil assegurar se há, de fato, um discreto processo de variação entre as formas do PPS e do PPC ou se apenas se trataria de usos idiossincráticos, isolados. De todo modo, a observação da frequência de uso do PPC no **AP ampliado** do *corpus* de Madri não deixa qualquer dúvida de que também nesse subâmbito temporal o PPC tem um uso (quase) categórico – como se observa, por exemplo, nos enunciados (69) e (70):

(69) [...] yo **he estudiado** música desde pequeña pequeña <M8>.

[...] eu estudei/tenho estudado música desde bem pequenininha.

(70) [...] y siempre he tenido grupos, siempre he tenido bandas <M9>.

[...] e sempre tive grupos, sempre tive bandas.

Dirigindo nossa atenção às variedades argentinas, o âmbito de **AP ampliado** em Buenos Aires apresenta uma ampliação percentual expressiva no uso do PPC. Assim, em contraste com a ausência da forma composta no **AP imediato** e com os 13% de uso no **AP específico**, identificamos, agora, 45% (33) de casos da forma composta – conforme ilustram os enunciados (71) e (72). No entanto, destacamos que a forma simples (55%) permanece como a mais recorrente na variedade portenha.

(71) *Analia, yo era muy inquieto de chico, o sea que con los años también me **he añejado** y sigo siendo inquieto.* <B3>.

Analia, eu era muito inquieto quando era menino, ou seja que com os anos também me refinei/tenho me refinado e sigo sendo inquieto.

(72) *En mi larga carrera de actor he dirigido espectáculos musicales, como los del Carmen Flores* <B3>.

Em minha longa carreira de ator dirigi/tenho dirigido espetáculos musicais, como os do Carmen Flores.

Em San Miguel de Tucumán, por sua vez, também é identificado um maior uso do *perfecto compuesto* no **AP ampliado** – como exemplificam os enunciados (73) e (74). No entanto, como vimos no desenvolvimento dessa seção, a recorrência da forma composta, no que se refere a San Miguel de Tucumán, já estava expressivamente marcada nos demais âmbitos temporais, alcançando, agora, seu maior estado de uso (68%) frente ao PPS – forma que, por conseguinte, torna-se quantitativamente menos presente.

(73) *Una entidad que durante muchos años ha sido, sin dudar, la líder en el gremialismo empresario nacional.* <T3>.

Uma entidade que durante muitos anos tem sido, sem duvidar, a líder no gremialismo empresarial nacional.

(74) *Desde capital, a lo largo de toda la historia, siempre a las provincias del norte nos han marginado* <T7>.

A capital, ao longo de toda a história, sempre marginalizou/tem marginalizado as províncias do norte.

Devido à pequena quantidade de ocorrências do PPS no *corpus* de Madri e o questionamento sobre o real contexto temporal ao qual se inserem esses casos, examinaremos, apenas nas variedades argentinas, como as formas do *pretérito perfecto* comportam-se diante dos fatores linguísticos e extralinguísticos previamente estabelecidos para nossa análise.

5.1.3.1 Análise multivariada da expressão do antepresente ampliado em Buenos Aires

Tabela 5.26: Da análise multivariada na expressão do antepresente ampliado em Buenos Aires

GRUPOS DE FATORES			N	% PPC	Total N	Peso	
MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Durativo	27	47%	58	[.57]	
		Indeterminado	6	38%	16	[.28]	
	Presença	Explícito	13	50%	26	[.72]	
		Implícito	20	42%	48	[.39]	
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	20	42%	48	[.50]
			Atélico	13	50%	26	[.51]
		Duração	Pontual	10	37%	27	[.50]
			Durativo	23	49%	47	[.50]
		Modo de ação	<i>Achievement</i>	10	37%	27	[.50]
			<i>Accomplishment</i>	10	48%	21	[.48]
Atividade			2	29%	7	[.18]	
Estado			11	58%	19	[.68]	
SUJEITO	Pessoa	1ª	8	38%	21	[.37]	
		2ª	2	40%	5	[.41]	
		3ª	23	50%	46	[.57]	
	Número	Singular	19	37%	51	.41	
		Plural	14	67%	21	.69	
	<i>range</i>						28
COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	13	50%	26	[.52]	
		Plural	6	46%	13	[.57]	
ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	29	47%	62	[.51]	
		Negativa	1	14%	7	[.18]	
		Interrogativa	3	60%	5	[.81]	
EXTRALING UÍSTICO	SEXO	Masculino	30	48%	62	[.59]	
		Feminino	3	25%	12	[.14]	
	IDADE	Até 35 anos	0	0%	2	–	
		36 – 55 anos	18	50%	36	[.45]	
		Mais de 55 anos	15	42%	36	[.55]	
Input: .47			Log-Likelihood: 46.086 [37.532]		Total N=33/74 (45%)		

Fonte: própria.

A tabela 5.26 sintetiza a análise multivariada dos dados encontrados no contexto de **AP ampliado** do *corpus* compilado de Buenos Aires. Ao fim da tabela, encontramos a quantidade e o percentual de ocorrências do PPS (33 casos/ 45%) na relação com o total de casos do *pretérito perfecto* (74 casos), além dos valores de *input* e *log-likelihood*.

Como já descrito, verificamos, de modo geral, nesse subâmbito temporal uma preferência pela **não explicitação** da referência temporal por meio de marcadores temporais. Contudo, se nos atemos aos contextos em que se observa uma construção temporal explícita no *corpus* de Buenos Aires, perceberemos que o uso do PPC é incrementado percentualmente, nivelando-se ao uso da forma simples (50%). Notemos ainda que o peso relativo atribuído a esse fator ([.72]) salienta sua relevância para o uso da forma composta.

Quanto à **tipologia dos marcadores temporais**, apenas os tipos durativo e indeterminado foram encontrados no *corpus* bonaerense – colocando de lado, pela primeira vez, construções temporais sem função aspectual marcada. Os enunciados (75) e (76), respectivamente, demonstram o uso do PPC nesses contextos.

(75) *En mi larga carrera de actor he dirigido espectáculos musicales, como los del Carmen Flores <B3>*.

Em minha longa carreira de ator dirigi/tenho dirigido espetáculos musicais, como os do Carmen Flores.

(76) *En esta radio tan cálida que, bueno, he visitado varias veces, pero nunca había estado en el programa de ustedes <B3>*.

Nesta rádio tão receptiva que, bom, visitei/tenho visitado muitas vezes, mas nunca havia estado no programa de vocês.

Tabela 5.27: Do cruzamento do fator “marcador de tempo indeterminado” com o grupo de fatores “duração” na expressão do antepresente ampliado em Buenos Aires

		Durativo		Pontual		Total
Marcador Indeterminado	PPC	5	56%	1	14%	6
	PPS	4	44%	6	86%	10
		9	100%	7	100%	16

Fonte: própria.

Segundo os dados da tabela 5.26, há uma recorrência substancialmente maior do PPS junto aos marcadores temporais de valor indeterminado (62%). Porém, uma análise mais refinada desse fator – proveniente do cruzamento de seus dados com o grupo de fatores relativo ao traço aspectual de duração da base verbal (Tabela 5.27) – revela-nos que a forma composta pode alcançar um percentual de 56% quando inserida em um contexto constituído por um verbo de traço durativo e um marcador temporal indeterminado – como em (76) –, ao passo que a simples tem seu uso acentuado para 86% junto a verbos pontuais – como em (77).

(77) *Después me ganó creo que dos o tres veces de las veces que nos enfrentamos ¿no? También en Boca Vélez <B7>*.

Depois ganhou de mim acho que duas ou três vezes das vezes que nos enfrentamos, né? Também no Boca versus Vélez.

De modo geral, contudo, é o fator “marcador temporal durativo” que parece incidir mais sobre o uso do PPC ([.57]), contexto em que a forma composta apresenta um percentual de 47% e, desse modo, aproxima-se um pouco mais do índice de ocorrência do PPS (53%). A preferência pelo marcador temporal do tipo durativo parece reafirmar, como temos destacado, uma aproximação entre o uso do *perfecto compuesto* e um valor de **continuidade**.

Esse comportamento também é evidenciado pela maior recorrência do PPC junto a verbos atélicos (13 casos/50%) e durativos (23 casos/49%) – com especial destaque para os verbos estativos, cujo percentual (58%) e peso relativo ([.68]) evidenciam que esse fator favorece o uso da forma composta. Esse é o cenário exemplificado no enunciado (78), no qual a forma verbal conjugada em PPC refere-se a uma situação que ainda permanece no momento de fala (“*ha tenido la suerte*”). O valor **continuativo**, tal como ocorre em (75) e (78), é também reforçado pela expressão temporal durativa “*en mi (larga) carrera*”.

(78) *Cuando uno **ha tenido** la suerte, como en mi carrera, y haber trabajado al lado de las primeras figuras más importantes que hubo en el país [...] <B3>*.

Quando alguém tem a sorte, como na minha carreira, e ter trabalho ao lado das primeiras figuras mais importantes que houve no país.

Em condição inversa e a exemplo do que temos descrito nos demais contextos já analisados do **antepresente**, o *perfecto simple* parece se acomodar melhor com verbos pontuais (63%) e tólicos (58%) – como apresenta o enunciado (77).

A observação, na tabela 5.26, do fator **pessoa gramatical** identifica a maior recorrência da forma composta junto à terceira pessoa (50%) e a da simples junto à primeira pessoa (62%). Desse modo, refuta-se a hipótese de que a função enfatizadora de uma situação vivenciada pelo enunciador por meio do uso do PPC acarretaria um aumento no índice de ocorrência dessa forma verbal.

Tabela 5.28: Do cruzamento do grupo de fatores “pessoa gramatical” com o grupo de fatores “telicidade” na expressão do antepresente ampliado em Buenos Aires

		1ª pes.		2ª pes.		3ª pes.		Total
Atélico	PPC	4	57%	0	0%	9	56%	13
	PPS	3	43%	1	100%	7	44%	11
Tólico	PPC	4	39%	2	50%	14	29%	20
	PPS	10	64%	2	50%	16	71%	38

Fonte: própria.

Contudo, o cruzamento dos dados referentes aos grupos de fatores “pessoa gramatical” e “telicidade” (Tabela 5.28) indica-nos que o percentual de uso do PPC (57%) junto à primeira pessoa supera ao do PPS (43%) quando há um verbo atélico. A soma de um verbo

atélico ao sujeito de primeira pessoa reforça, mais uma vez, o valor **continuativo** que parece acompanhar o PPC reiteradamente nesse contexto de análise – conforme já tivemos a oportunidade de observar nos enunciados (75) e (76).

Quanto ao “número” do sujeito gramatical, a análise quantitativa promovida pelo *Goldvarb Yosemite* seleciona esse grupo de fatores, atribuindo maior peso relativo ao traço plural (.69), contexto que favorece a ocorrência do PPC (67%). Por conseguinte, o PPS apresenta maior recorrência de uso junto a sujeito singular (63%). Os enunciados (79) e (80) apresentam o uso do PPC e do PPS no contexto em que são mais recorrentes, tendo em vista o número do sujeito. Em especial, como se observa no enunciado (79), ao se referir a um grupo de pessoas (“*muchos compañeros*”) que padeceu ao longo da história, cria-se a percepção de que a situação referida se estende até próximo ao momento de enunciação – identificando, mais uma vez, o maior índice do PPC junto a um fator que favorece a leitura **continuativa**.

(79) *Nosotros sabemos que estamos luchando por muchos compañeros que han quedado en el camino [a lo largo de la historia][...] Tati siempre nos dice que la tarea de los organismos de derechos humanos [...]. Tienen la tarea de mantener vivo esto, porque si la gente se olvida, mira lo que pasa <B4>.*

Nós sabemos que estamos lutando por muitos companheiros que ficaram/tem ficado pelo caminho [ao longo da história]. Tati sempre nos diz qual é a tarefa dos organismos de direitos humanos. Têm a tarefa de manter isso vivo, porque se as pessoas se esquecem, olha o que acontece.

(80) *[en un momento de la carrera] le vi talento y le vi materia para hacer <B3>.*
[ao longo de sua carreira] vi talento nele e vi nele conteúdo para fazer.

Na mesma direção, a análise do grupo de fatores referente ao **número do complemento verbal** afere um peso relativo para o traço “pluralidade” ([.57]) que indica um leve favorecimento da forma composta junto a esse fator. Contudo, tendo em vista o valor relativamente próximo atribuído ao fator “singular” ([.52]), parece que esse grupo de fatores mostra-se menos relevante para o estudo do variação entre as formas do *pretérito perfecto*.

Quanto à **tipologia frasal**, destaca-se a maior recorrência da forma simples em orações negativas e o maior percentual de uso da forma composta em orações interrogativas – como em (81). Em especial, esse último dado merece uma atenção especial devido ao peso relativo que o fator “oração interrogativa” recebe sobre o uso do PPC ([.81]).

(81) *¿Se han enfrentado alguna vez o está es la primera vez? <B7>*
Enfrentaram-se alguma vez ou está é a primeira vez?

A exemplo do que comentamos na análise das orações interrogativas no **AP específico** no *corpus* bonaerense, o enunciado (81) evidencia que, também no **AP Ampliado**, o PPC pode fazer referência a uma **situação genérica e pouco definida** quanto ao tempo em que ocorreu (RODRÍGUEZ LOURO, 2009, 2011), isso porque o enunciador desconhece a

efetividade do enfrentamento no passado, mas especula sobre possíveis encontros que eventualmente possam ter ocorrido em alguma ocasião desconhecida.

Aparentemente, esse sentido também pode ser preservado no uso da forma simples, tanto que, em (82), o enunciador faz referência a um acontecimento até então potencial (*Qué click pasó*) – presumido pela situação atual do enunciatário –, sem saber a que situação pode estar se referindo concretamente, nem sequer o momento de sua realização. Contudo, é importante destacar o peso que tem esse fator na determinação do uso da forma composta em detrimento da simples, indicando que, nessa variedade diatópica, é o PPC que tem maior aceitabilidade em orações interrogativas, quando inseridas no **AP ampliado**.

(82) *¿Qué click pasó en tu vida que dijiste: “Bueno, ¡Sí! Ahora me largo”?* <B3>

Que click aconteceu na sua vida que você disse: “Bom, sim! Agora eu me jogo”?

Finalmente, o estudo das variáveis extralinguísticas segue indicando que, na variedade portenha, há maior recorrência do PPC entre homens (48%) – fator com maior peso relativo sobre o uso dessa forma ([.59]) na variável **gênero/sexo** –, por sua vez, a forma simples mantém-se mais recorrente entre as mulheres (75%). Tendo em vista que (i) o PPS ainda é a forma mais recorrente, de modo geral, na expressão do **AP ampliado** e (ii) que seu uso é ainda mais acentuado na fala feminina, parece possível afirmar que, a exemplo do observado no âmbito de **AP específico**, o PPS é a forma de maior prestígio nessa variedade diatópica para a expressão do **AP ampliado**. Contudo, conforme temos pontuado, a confirmação dessa relação entre a variável gênero/sexo e o uso do *pretérito perfecto* exige um estudo futuro mais ampliado e sistematizado, que inclusive avalie o papel do homem e da mulher nas comunidades diatópicas abordadas por este trabalho

Quanto à **faixa-etária**, observamos que entre os falantes menores de 35 anos apenas o PPS é encontrado, índice que diminui na fala dos maiores de 35 anos em diante. Por sua vez, o PPC apenas é identificado a partir dos 35 anos. Apesar do maior percentual da forma composta entre informantes com idade de 36 a 55 anos (50%), o peso relativo aferido pelo *Goldvarb Yosemite* identifica que o grupo de falantes com idade maior de 55 anos é o que mais favorece o uso do PPC ([.55]). Esses comportamentos parecem indicar uma tendência à diminuição no uso dessa forma à medida que se dê um envelhecimento populacional³⁰. Recordemos que também no **AP específico** dessa variedade diatópica foi possível delinear o cenário apontado pela descrição dos variáveis independentes no **AP ampliado**.

³⁰ Devido à restrição de dados em fala de informantes menores de 35 anos (apenas 2 ocorrências no âmbito de **AP ampliado**), não dispomos de quantidade suficiente de dados para aferir com segurança a real dimensão de uso do PPC entre o grupo mais jovem no âmbito de **AP ampliado**.

A síntese da análise multivariada dos dados do âmbito de **AP ampliado** em Buenos Aires aponta que a forma simples parece desfrutar de um *status* de maior prestígio, posto que (i) não apenas é a forma mais presente, de modo geral, nesse contexto de análise, mas parece se tornar ainda mais recorrente quando se observa a (ii) fala feminina³¹ e (iii) a população com idade intermediária³². Numa propensão inversa, o PPC parece ser favorecido entre os homens e os falantes mais velhos, comportamento que, a exemplo do observado no **AP específico** e no trabalho de Kubarth (1992), pode ser indício de que a forma composta tenda à diminuição no uso à medida que se progrida na troca de gerações.

Quanto a seu funcionamento, a forma composta tem seu favorecimento marcado pelo uso de marcadores temporais explícitos e durativos, bem como por verbos atélicos e durativos, especialmente os estativos. Informações que, somadas ao dado do único grupo de fatores selecionado (número do sujeito) – no qual o PPC tem seu uso favorecido junto ao traço de “pluralidade” –, evidenciam o uso do PPC atrelado ao sentido de **continuidade**. Por outro lado, mesmo podendo ocorrer junto a fatores que viabilizam a leitura continuativa, percebe-se um claro favorecimento da forma simples junto a traços menos durativos, isto é, com verbos télicos e pontuais, especialmente de *achievement*, e com sujeito e complemento verbal singulares. Por fim, cabe destacar ainda o uso do PPC referindo-se a **situações passadas genéricas e potencialmente ocorridas** – comportamento que fica mais evidente junto a orações interrogativas e a marcadores de tempo indeterminado.

5.1.3.2 Análise multivariada da expressão do antepresente ampliado em San Miguel de Tucumán

A tabela 5.29 sintetiza a análise multivariada dos dados encontrados no contexto de **AP ampliado** do *corpus* de tucumano. Ao fim da tabela, encontram-se a quantidade e o percentual de ocorrências do PPC (32 casos/68%) na relação com o total de casos do *pretérito perfecto* (47 casos), além dos valores de *input* e *log-likelihood*.

³¹ Conforme descrevemos na subseção 4.2.2.2, a fala feminina tende a ser mais atenta à norma de prestígio (SILVA-CORVALÁN, 1989; CHAMBERS; TRUDGILL, 1994; JESÚS FERNÁNDEZ, 2001).

³² Conforme discutimos na subseção 4.2.2.3, Silva-Corvalán (1989), Chambers e Trudgill (1994), entre outros autores, afirmam que os grupos com idade intermediária, ativos no mundo da competição profissional, econômica e de ascensão social estão mais atentos à norma de prestígio de sua língua/variedade.

Tabela 5.29: Da análise multivariada na expressão do antepresente ampliado em San Miguel de Tucumán³³

GRUPOS DE FATORES				N	% PPC	Total N	Peso
LINGÜÍSTICO	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Durativo	19	73%	26	[.62]
			Conclusivo	2	100%	2	–
			Indeterminado	11	58%	19	[.38]
		Presença	Explícito	10	67%	15	[.12]
			Implícito	22	69%	32	[.65]
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	11	61%	18	[.47]
			Atélico	21	72%	29	[.52]
		Duração	Pontual	9	69%	13	[.54]
			Durativo	23	68%	34	[.49]
		Modo de ação	<i>Achievement</i>	9	69%	13	[.55]
			<i>Accomplishment</i>	2	40%	5	[.06]
			Atividade	7	64%	11	[.13]
	SUJEITO	Pessoa	1 ^a	10	71%	14	[.69]
			2 ^a	3	50%	6	[.16]
			3 ^a	18	72%	25	[.51]
		Número	Singular	18	64%	28	[.54]
			Plural	13	77%	17	[.41]
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	10	67%	15	[.51]
Plural			10	83%	12	[.81]	
ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	24	77%	31	[.48]	
		Negativa	3	33%	9	[.13]	
		Interrogativa	5	71%	7	[.91]	
EXTRALINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino	24	67%	36	.33	
		Feminino	8	73%	11	.90	
		<i>range</i>					
	IDADE	Até 35 anos	16	57%	28	[.52]	
		36 – 55 anos	11	79%	14	[.46]	
Mais de 55 anos		5	100%	5	–		
Input: .63				Log-Likelihood: [16.647]		Total N=32/47 (68%)	

Fonte: própria.

Novamente, encontramos uma expressiva recorrência da forma composta sem a indicação da referência temporal por meio de um marcador explícito (22 casos/69%). Considerando as expressões temporais explícita e implicitamente identificadas, notamos que os marcadores do tipo conclusivo parecem poder exercer alguma influência sobre o uso do PPC (100%) – conforme exemplifica o enunciado (83).

Contudo, tendo em vista a limitação dos dados, esse cenário requer maior atenção antes de qualquer afirmação. Por outro lado, com uma recorrência mais substancial, os

³³ Conforme se observa na tabela 5.29, nenhum grupo de fatores foi selecionado pelo *Goldvarb Yosemite* nesse contexto. Contudo, tendo em vista a contribuição da análise multivariada do **AP ampliado** para a configuração geral do **antepresente** na variedade tucumana, seguimos por nossa discussão tomando como referência os valores de peso relativo obtidos na primeira rodada “*Stepping down*”. Como definido, esses dados são apresentados entre colchetes (“[]”).

marcadores com valor durativo – enunciado (84) – apresentam um percentual de uso do PPC expressivo (73%), fator que, conforme evidencia seu peso relativo ([.62]), parece favorecer significativamente o uso da forma composta.

(83) *Porque no solo nos contaminan a nosotros. [A lo largo de la historia] ya han matado especies de peces que no van a volver a existir. Los santiagueños, pobrecitos, están que no pueden más.*

Porque não apenas nos contaminam. [Ao longo da história] já mataram espécies de peixes que não vão voltar a existir. Os santiagueños, coitados, já não podem mais.

(84) *Lo que hemos hecho en este primer tramo de nuestra gestión es sentar las bases de trabajo <T5>.*

O que fizemos/temos feito nesta primeira parte de nossa gestão é sentar as bases de trabalho.

A análise do PPS considerando os marcadores de tempo revela-nos a maior ocorrência dessa forma com o tipo indeterminado (42%). De modo mais refinado, o cruzamento do fator “marcador temporal indeterminado” com o grupo de fatores referentes à “duração” da base verbal (Tabela 5.30) mostra-nos que a presença de um verbo durativo aumenta o índice de ocorrência do PPC para 69%, ao passo que o índice do PPS é aumentado na presença de um verbo pontual (67%), como ilustram os enunciados (85) e (86), respectivamente.

Tabela 5.30: Do cruzamento do fator “marcador de tempo indeterminado” com o grupo de fatores “duração” na expressão do antepresente ampliado em San Miguel de Tucumán

		Durativo		Pontual		Total
Marcador Indeterminado	PPC	9	69%	2	33%	11
	PPS	4	31%	4	67%	8
		13	100%	10	100%	19

Fonte: própria.

(85) *[...] los que [alguna vez] han tenido la posibilidad de laborar con Pablo, es un tipo obsesivo de la perfección. [...] y tiene esta cosa que es difícil de encontrar en Tucumán que es súper generoso <T8>.*

[...] os que [alguma vez] tiveram a possibilidade de trabalhar com Pablo, é um cara obsessivo pela perfeição. [...] e tem esta coisa que é difícil encontrar em Tucumán, que é supergeneroso.

(86) *¿Qué me contactó una vez? Mandáme quién sos, porque yo le llamo para preguntar <T2>.*

Você entrou em contato comigo alguma vez? Me avisa quem você é, porque eu te ligo para pergunta.

Ao encontro desse último dado e também daquilo que já observamos nos âmbito temporais de análise antecedentes, não apenas o estudo dos marcadores temporais, mas também outros fatores apontam a uma tendência da forma composta veicular um sentido de **continuidade**. Tanto é assim que identificamos, de modo geral, uma maior recorrência de uso do PPC junto a verbos atélicos (72%) e estativos (78%). O peso relativo desse último fator

([.88]) e o valor de *range* do grupo ao qual pertence (82) realçam a incidência dos verbos estativos no uso da forma composta, nesse contexto de análise. Por outro lado, o PPS tem maior recorrência junto a verbos télicos, mesmo podendo ser encontrado com frequência significativa junto à verbos atélicos. O enunciado (87) exemplifica como o uso de verbos estativos junto ao PPC favorece a leitura de **continuidade**. Vejamos que “*siempre*” também contribui para o sentido de duração do estado descrito (“*tener un sanatorio*”).

(87) *Pero **siempre ha tenido** un sanatorio de referencia en capital para la mayor complejidad o para la intervención quirúrgica, la terapia y las coronarias. <T5>*.

Mas sempre teve um hospital de referência na capital para casos de maior complexidade ou para intervenção cirúrgica, de terapia intensiva e de doenças coronárias.

Ainda apontando para a mesma tendência, a maior recorrência da forma composta junto a **sujeitos** e **complementos** plurais (77% e 83%, respectivamente) reforça a proximidade dessa forma com o sentido de **continuidade**. A incidência do traço de pluralidade é ainda mais significativa quando observamos os complementos verbais, posto que o peso relativo desse fator chega a [.81]. A título de exemplo, em (88) observamos que a extensão das situações descritas (“*han dedicado*”, “*han apoyado*”) se dá, em parte, graças ao traço de pluralidade presente tanto no sujeito como no complemento:

(88) *[...] veintitrés presidentes exactamente hemos conducido la casa los cincuenta y siete años de vida. Muchos de los cuales **han dedicado** grandes esfuerzos y **han apoyado** situaciones muy duras <T3>*.

[...] vinte e três presidentes exatamente conduzimos/temos conduzido a casa [durante] os cinquenta e sete anos de vida. Muitos dos quais dedicaram grandes esforços e apoiaram situações muito duras

Por sua vez, o estudo da **pessoa gramatical** revela a maior recorrência do PPC junto às primeira (71%) e terceira (72%) pessoas. Devido ao peso relativo atribuído à primeira pessoa ([.69]), destacamos que pela primeira vez esse fator parece favorecer o uso do PPC. Por conseguinte, esse é o âmbito temporal que se mostra mais favorável ao estudo do uso da forma composta com o fim de destacar algum acontecimento vivenciado pelo enunciador e avaliado por ele como especialmente relevante.

Tabela 5.31: Do cruzamento do fator “primeira pessoa” com o grupo de fatores “modo de ação” na expressão do antepresente ampliado em San Miguel de Tucumán

		Achiev.	Accompl.	Atividade	Estado	Total				
1ª pes.	PPC	0	-	1	33%	2	100%	7	78%	10
	PPS	0	-	2	67%	0	-	2	22%	4

Fonte: própria.

A exemplo do que demonstram os enunciados (89) e (90), o cruzamento do fator “primeira pessoa” com o grupo de fatores referente ao “modo de ação” (Tabela 5.31)

evidencia que o índice do PPC junto à primeira pessoa é ainda mais acentuado quando junto a verbos *estativos* (78%) e de *atividade* (100%). De maneira que é possível estabelecer uma relação entre os traços durativos e atélicos – que, como sabemos, não apenas caracterizam esses dois modos de ação, mas também favorecem a leitura de **continuidade** – e a percepção de uma **situação relevante** para o enunciador no momento da fala. Em outros termos, em (89), o enunciador enfatiza a contribuição que ele e outros presidentes deram à entidade para que ela, ao logo da história, fosse alcançando o nível de relevância social verificado no momento em que se enuncia. Do mesmo modo, em (90), o enunciador coloca-se em lugar de destaque, no momento em que fala, por ter tido a oportunidade, ao longo da vida, de desenvolver trabalhos com uma figura importante e singular na área da dramaturgia argentina.

(89) [...] *veintitrés presidentes exactamente **hemos conducido** la casa [durante] los cincuenta y siete años de vida* <T3>.

[...] vinte e três presidentes exatamente conduzimos/temos conduzido a casa [durante] os cinquenta e sete anos de vida.

(90) [...] *los que han tenido la posibilidad de laborar con Pablo, es un tipo obsesivo de la perfección. Yo **he tenido** la posibilidad [en algunos momentos de la vida] de hacer videos y cosas con él [...] y tiene esta cosa que es difícil de encontrar en Tucumán que es súper generoso* <T8>.

[...] os que tiveram a possibilidade de trabalhar com Pablo, é um cara obsessivo pela perfeição. Eu tive/tenho tido a possibilidade [em alguns momentos da vida] de fazer vídeos e coisas com ele [...] e tem esta coisa que é difícil encontrar em Tucumán, que é supergeneroso.

Além do previsível favorecimento do *perfecto compuesto* em orações afirmativas – posto que é o tipo mais recorrente –, as interrogativas também se destacam tanto pelo percentual (71%) como pelo peso relativo ([.91]) que possuem no uso do PPC. De maneira que, como se observa no enunciado (91), também é possível, com o uso da forma composta, encontrar a referência a uma **ação genérica, em um passado indeterminado** – nos termos de Rodríguez Louro (2009, 2011). Ou seja, o enunciador faz referência a ações potenciais que previsivelmente ocorrem alguma(s) vez(es) na vida de qualquer um.

(91) *¿Qué cosas te han hecho o **has hecho** cuando tenías desconfianza, cuando **has desconfiado** de algo?* <T1>.

Que coisas te fizeram ou você fez quando você tinha desconfiança, quando você desconfiou de algo?

Quanto ao PPS, no que se relaciona ao grupo de fatores “tipo de oração”, sua recorrência maior ocorre em orações negativas. Com a análise das variáveis extralinguísticas, observamos que, no que se relaciona ao **gênero/sexo** do falante, há maior recorrência do PPS entre homens, enquanto a fala das mulheres parece dar preferência ao PPC (73%), o que fica evidenciado pelo alto peso relativo atribuído a esse fator (.90). Uma vez que observamos um uso, de modo geral, mais recorrente do PPC (68%) em detrimento do PPS (32%), o especial

favorecimento daquela forma junto às mulheres pode ser um indício de que, nesse contexto, o PPC é considerado a forma mais prestigiosa na expressão do **AP ampliado**³⁴.

Contudo, a análise do grupo de fatores **idade**, mostra que a forma composta apresenta uma tendência ao desuso, isto é, incrementa-se o percentual de uso do PPC à medida que aumenta a idade do falante. Com uma tendência proporcionalmente inversa, a forma simples tem seu percentual de ocorrência incrementado conforme se reduz a idade do falante. Desse modo, parece se marcar uma tendência futura a que a forma simples avance na expressão do **AP ampliado** à medida que a população envelheça e se efetue a troca de gerações.

Em síntese, mesmo que a forma composta apresente indícios de um uso mais prestigioso – posto que é mais recorrente, de modo geral, e também favorecida pelas mulheres e pelos maiores de 36 anos –, a forma simples parece ter, nesse contexto de análise, uma presença que pode vir a se fortalecer à medida que os falantes mais novos – cuja fala traz consigo uma recorrência mais significativa do PPS – difundam seu modelo de uso.

Quanto ao funcionamento, seguimos encontrando a maior recorrência do PPC justamente com fatores que permitem a leitura **continuativa** (marcador temporal durativo, verbos atéticos e de estado, sujeito e complemento plurais). Em especial, observamos a intensificação da recorrência da forma composta junto à primeira pessoa gramatical, o que, como vimos, salienta a marcação mais subjetiva de situações consideradas, pelo enunciador, como mais **relevantes no momento em que se enuncia**. Finalmente, a alta incidência do fator “oração interrogativa” sobre o uso do PPC destaca o favorecimento do uso dessa forma na expressão de **passados genéricos**. Quanto ao PPS, apesar de também observada nos contextos em que o PPC é favorecido, o PPS tem seu percentual incrementado em contextos menos sujeitos à interferência de uma leitura durativa, isto é, junto a verbos téticos e pontuais.

Havendo concluído a descrição do **AP ampliado** e do comportamento do *pretérito perfecto* nas variedades diatópicas que apresentam variação nos três subâmbitos do **antepresente**, passemos a uma análise contrastiva entre os padrões apresentados nesta seção.

5.1.4 Considerações gerais sobre a expressão do valor de antepresente nas três variedades diatópicas

O objetivo da discussão suscitada nesta subseção é sintetizar os comportamentos descritos sobre as formas do *pretérito perfecto* na expressão do **AP** e seus subâmbitos,

³⁴ Recordamos que devido à limitação de nossos dados em equiparar sistematicamente a quantidade de informantes de ambos os gêneros/sexos, essas informações requerem uma avaliação futura mais estendida.

identificando, em uma abordagem contrastiva, pontos de encontro e divergência entre as variedades argentinas – únicas variedades em que se observou variação entre o PPS e o PPC nos subâmbitos de **AP**. Além disso, tomamos como referência secundária o comportamento geral de ambas as formas no contexto de **AP** como um todo. Isso para tentar encontrar possíveis direcionamentos que a análise delimitada por subâmbitos não nos permitiu assegurar devido à restrição de dados presentes em cada uma das conjunturas delimitadas.

Alertamos, contudo, que para evitar o erro de uma análise enviesada promovida por uma descrição generalizadora da macroconcepção do **AP**, somos conscientes de que a comparação entre os dados gerais do **AP** com os dados da análise de cada um dos subâmbitos apenas nos serve como mais uma referência que, eventualmente, pode confirmar e ampliar as tendências identificadas em cada uma das envolturas temporais que compõem o **AP**.

Assim, a observação do comportamento geral de alguns dos fatores linguísticos controlados nos três subâmbitos do **antepresente** evidencia que, conforme ampliamos a referência temporal – na mesma direção de investigação assumida, isto é, **imediate** > **específico** > **ampliado** –, maior é recorrência percentual deles e, em paralelo, também do PPC. Desse modo, parece ser possível estabelecer um grau de relevância desses fatores para o estudo do comportamento da forma composta nesses âmbitos temporais.

Tabela 5.32: Das características gerais dos âmbitos de antepresente.

			Imediato	Específico	Ampliado
MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	95%	9%	-
		Duração	1%	85%	74%
		Conclusivo	4%	3%	2%
		Indeterminado	-	3%	24%
	Explicitação		19%	38%	41%
FORMA BASE DO VERBO	Modo de ação	Atélico	22%	40%	53%
		<i>Achievement</i>	30%	36%	30%
		<i>Accomplishment</i>	48%	24%	17%
		Atividade	7%	15%	20%
		Estado	15%	25%	33%
SUJEITO	Pessoa	1ª	41%	27%	29%
		2ª	17%	7%	14%
		3ª	38%	61%	53%

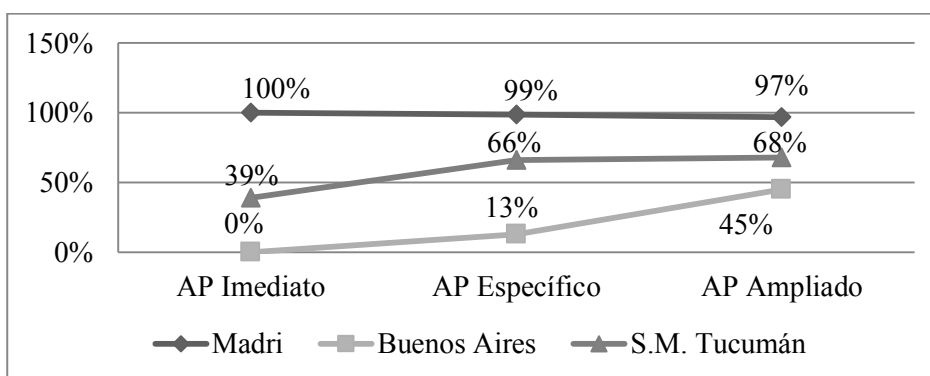
Fonte: própria.

De modo mais explícito, a tabela 5.32 põe em evidência, por exemplo, que a referência a situações mais durativas é uma característica dos âmbitos temporais mais ampliados, tanto que observamos o incremento de marcadores temporais com valor durativo e de formas verbais atélicas, de estado e de atividade conforme se aumenta a abrangência da

referência temporal. Ademais, em aparente paralelo com o aumento na dilatação temporal, identificamos uma referência temporal menos específica e mais genérica, evidenciada pelo incremento de marcadores de tempo indeterminado. Finalmente, a julgar pelas pessoas gramaticais mais recorrentes, observa-se uma diminuição da referência à primeira pessoa à medida que se dilata a anterioridade expressa pelo âmbito temporal.

Simultaneamente, a análise do uso do *pretérito perfecto* nos subâmbitos do **antepresente** mostra-nos que, ao menos nas variedades argentinas, também há um aumento percentual no uso do PPC à medida que se dilata a abrangência da referência temporal do **antepresente** – conduta que, como veremos mais adiante (Tabela 5.33 e 5.34), é explicitada pelo aumento no peso relativo da variável “âmbito temporal” sobre o uso da forma composta. A seguir, o gráfico 5.1 ilustra esse comportamento nas três variedades diatópicas avaliadas.

Gráfico 5.1: Da incidência percentual do fator “âmbito temporal” sobre o uso do PPC no âmbito geral de antepresente nas três variedades diatópicas



Fonte: própria.

Conforme já discutimos, os dados de Madri apresentam um uso praticamente categórico da forma composta nos subâmbitos de **antepresente**, isso porque além de muito escassos, os usos do PPS no **AP específico** e no **AP ampliado** fazem referência a contextos temporais ambíguos, podendo inclusive serem tratados como pertencentes ao **passado absoluto** – conforme explicamos na análise pontual feita.

Por sua vez, as variedades argentinas apresentam, de modo geral, um movimento de ascensão no uso do PPC conforme avançamos no contínuo **AP imediato > AP específico > AP ampliado**. Em Buenos Aires, não se identifica o uso do PPC no **AP imediato**, mas um aumento discreto no **AP específico** (13%), seguido de uma intensa ascensão na passagem para o **AP ampliado** (45%) – movimento que caracteriza esse último contexto como mais favorecedor do uso da forma composta que os demais subâmbitos de **antepresente**. Na mesma direção, a seleção desse grupo de fatores pelo *Goldvarb Yosemite*, na análise da

variedade bonaerense, evidência sua relevância para a seleção do PPC. Em especial, a atribuição do peso relativo .71 ao **AP ampliado** reforça sua significância para o uso do PPC nessa variedade (Tabela 5.33).

Finalmente, em San Miguel de Tucumán encontramos dados que já demonstram a recorrência significativa do PPC a partir do âmbito temporal com menor amplitude referencial (39%), comportamento que é ainda mais reforçado a partir do **AP específico** (66%), mantendo a mesma proporção no **AP ampliado** (68%). Na mesma direção assinalada pelo percentual representado no gráfico 5.1, o valor de peso relativo atribuído ao **AP específico** e ao **AP ampliado** ([.54] e [.55], respectivamente) demonstram a proximidade de relevância desses âmbitos temporais para o uso do PPC (Tabela 5.34).

De modo geral, a observação do comportamento quantitativo da forma composta nos três subâmbitos da categoria do **antepresente** revela-nos que, nas variedades da Argentina, a frequência de uso do PPC aumenta conforme se distancia do momento de enunciação. Em outros termos, quanto mais próximo for o ME do MF, maior será a dificuldade em estabelecer um paralelo com a norma-padrão, segundo a qual deveria se privilegiar a forma composta no **antepresente**. Esse é um comportamento diferente do observado em Madri, em que se verifica uma consonância com a tradição descritiva³⁵ e, por isso, a preferência inquestionavelmente dada ao PPC nos três subâmbitos do **antepresente**.

À guisa de conclusão, podemos afirmar que a fragmentação do âmbito de **antepresente** tendo em vista sua referência temporal não se apresenta relevante para a compreensão do funcionamento do PPC na variedade madrilenha, posto que seu uso mantém-se praticamente estável e categórico nos três subâmbitos. Ao contrário, no entanto, mostra-se especialmente relevante para a variedade portenha, ao notarmos um claro incremento no uso do PPC com a ampliação da abrangência referencial dos subâmbitos temporais de **antepresente**. Na mesma direção, em San Miguel de Tucumán, esse fator também se mostra significativo, sobretudo na passagem do **AP imediato** para o **AP específico**, contexto em que se observa o maior movimento ascendente.

Diante desse comportamento, afirmamos que, no que se refere ao âmbito geral de **antepresente**, a hipótese inicial de pesquisa que afirma que “**a abrangência da referência temporal de anterioridade é um fator determinante no comportamento das formas do pretérito perfecto**” se aplica às variedades da Argentina, mas não à variedade madrilenha.

³⁵ Indício de que talvez essa tradição descritiva tenha se pautado justamente na norma de uso madrilenha.

Por fim, destacamos que esses dados evidenciam a importância de evitar, sobretudo nas variedades argentinas, a abordagem generalizadora no modo de proceder ao estudo do *pretérito perfecto* – como recorrentemente se observa no estado da arte. Conforme nos antecipou a tabela 5.2 – exposta novamente a seguir –, uma análise conjunta dos três subâmbitos não permitiria identificar, em Madri, o comportamento ambíguo que muitas vezes apresenta a referência de **AP ampliado**, o que permite associar a ele dados que, sob outra perspectiva, poderiam ser considerado pertencentes ao **passado absoluto**.

Tabela 5.2: Da expressão geral do antepresente

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán	
PPC	288	98%	44	22%	129	59%
PPS	5	2%	155	78%	89	41%
Total	293	100%	199	100%	218	100%

Fonte: própria.

De modo ainda mais evidente e problemático, o estudo aglutinado do **antepresente** nas variedades argentinas culminaria em uma análise enviesada e pouco informativa, isso porque, na variedade bonaerense, o conhecimento do uso especializado e categórico da forma simples no contexto do **AP específico** e a informação do maior favorecimento dado à forma composta no **AP ampliado** seriam mascarados pela média aritmética dos dados provenientes dos três âmbitos do **antepresente**. Finalmente, em San Miguel de Tucumán encontraríamos dados que não explicitariam os altos índices de frequência do PPC nos subâmbitos do **AP específico** e **AP ampliado**. Soma-se a esse cenário a impossibilidade de observar, nas duas variedades argentinas, um *continuum* de aumento porcentual no uso do *pretérito perfecto compuesto* nos três subgrupos do **antepresente (imediate < específico < ampliado)**.

Isso posto, parece inquestionável a pertinência do estudo subcategorizado do âmbito temporal geral de **antepresente** para a análise do funcionamento das formas do *pretérito perfecto*. É importante recordar, ainda, que essa opção metodológica é resultante da abordagem onomasiológica assumida neste trabalho e permite que os dados, por si mesmos, mostrem que “**a abrangência da referência temporal de anterioridade é um fator determinante no uso das formas do pretérito perfecto**”. Tendo em vista que apenas em Buenos Aires e San Miguel de Tucumán foi possível identificar um cenário de variação entre o PPS e o PPC, passemos à revisão geral das contribuições da análise multivariada para a compreensão do encaixamento dessa variável nos três contextos de **antepresente** observados.

5.1.4.1 Contribuição da análise multivariada para o estudo da expressão do antepresente em Buenos Aires

A tabela 5.33 sintetiza a análise resultante do processamento de todos os dados encontrados no contexto de **antepresente** no *corpus* de Buenos Aires. Ao fim da tabela, expomos, além dos valores de *input* e *log-likelihood*, a quantidade e o percentual gerais do PPC (44 casos/22%) na relação com o total de casos do *pretérito perfecto* (199 casos).

Tabela 5.33: Da análise multivariada na expressão do antepresente geral em Buenos Aires

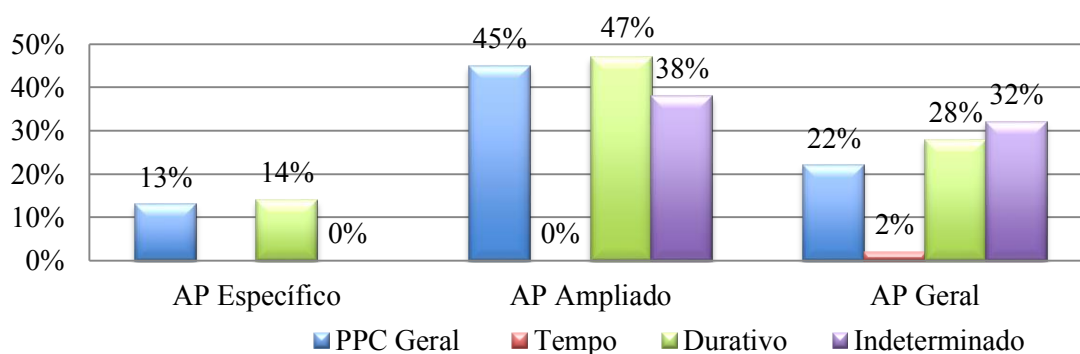
GRUPOS DE FATORES				N	% PPC	Total N	Peso	
LINGÜÍSTICO	ÂMBITO TEMPORAL	Antepresente	Imediato	0	0%	42	–	
			Específico	11	13%	83	.30	
			Ampliado	33	45%	74	.71	
			<i>range</i>			41		
	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	1	2%	48	[.53]	
			Durativo	37	28%	131	[.54]	
			Conclusivo	0	0%	1	–	
			Indeterminado	6	32%	19	[.24]	
		Presença	Explícito	15	26%	58	[.63]	
			Implícito	29	21%	141	[.45]	
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	25	19%	131	[.49]	
			Atélico	19	28%	68	[.51]	
		Duração	Pontual	12	17%	69	[.49]	
			Durativo	32	25%	130	[.50]	
		Modo de ação	<i>Achievement</i>	12	17%	69	.43	
			<i>Accomplishment</i>	13	21%	62	.50	
			Atividade	2	12%	17	.21	
			Estado	17	33%	51	.70	
		<i>range</i>			49			
		SUJEITO	Pessoa	1ª	10	18%	55	[.47]
	2ª			4	19%	21	[.59]	
	3ª			28	25%	113	[.50]	
	Número		Singular	26	17%	149	[.46]	
		Plural	16	38%	42	[.61]		
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	17	24%	72	[.53]	
			Plural	7	35%	20	[.40]	
	ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	37	23%	162	.52	
Negativa			1	6%	18	.14		
Interrogativa			6	32%	19	.77		
<i>range</i>			49					
EXTRA LINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino	40	26%	155	.56		
		Feminino	4	9%	44	.26		
		<i>range</i>			30			
	IDADE	Até 35 anos	0	0%	19	–		
		36 – 55 anos	25	22%	112	[.48]		
Mais de 55 anos		19	28%	68	[.53]			
Input: .31				Log-Likelihood: 69.992 [66.181]		Total N=44/199 (22%)		

Fonte: própria.

Em provável resposta à maior robustez dos dados no contexto geral de **antepresente**, observamos que a análise quantitativa promovida pelo *Goldvarb Yosemite* (Tabela 5.33) mostra-se mais consistente ao identificar uma maior quantidade de grupos de fatores estatisticamente relevantes para o estudo da variação entre o PPS e o PPC nessa variedade diatópica. A julgar pelos *range* dos grupos selecionados, a relevância de cada um deles se organiza na seguinte ordem: “modo de ação/tipo de oração> âmbito temporal> gênero/sexo”.

Além da relevância do “âmbito temporal” – já descrita no tópico anterior –, observamos que, apesar de não selecionado pelo *software*, o grupo de fatores relativo aos **marcadores temporais** destaca o “marcado temporal durativo” como o tipo que mais favorece a ocorrência do PPC, haja vista seu peso relativo ([.54])³⁶. Conforme nos ilustra o gráfico 5.2, nos contextos de **AP específico** e **AP ampliado**, o marcador de valor “durativo” sempre apresenta percentual discretamente superior ao valor de uso geral do PPC nesses subâmbitos de análise, o que se mantém na análise geral do **antepresente**.

Gráfico 5.2: Dos “marcadores temporais” mais recorrentes no antepresente, segundo os dados de Buenos Aires³⁷



Fonte: própria.

Como temos defendido, a associação maior da forma composta com esse tipo de marcador temporal pode nos indicar algum vestígio de uso do PPC com valor aspectual nessa variedade diatópica, tal como observamos nos enunciados (92) e (93), nos quais os marcadores “*los últimos días*” e “*en mi larga carrera de actor*” instauram uma referência temporal de **AP específico** e **AP ampliado**, respectivamente, e acentuam a informação de duração, isto é, da continuidade da situação descrita até o momento de enunciação.

³⁶ O peso relativo para o marcador especificamente temporal é quase idêntico ([.53]). A diferença maior fica por conta do contraste com o indeterminado ([.24]).

³⁷ O valor presente na primeira coluna, de cor azul, refere-se ao percentual geral do PPC no respectivo conjunto analisado. Adotaremos esse padrão para os gráficos que se encaixam no mesmo modelo.

(92) *Los últimos días han sido bastante penosos ¿no?* <B5>

Os últimos dias foram/têm sido bastante penosos, não?

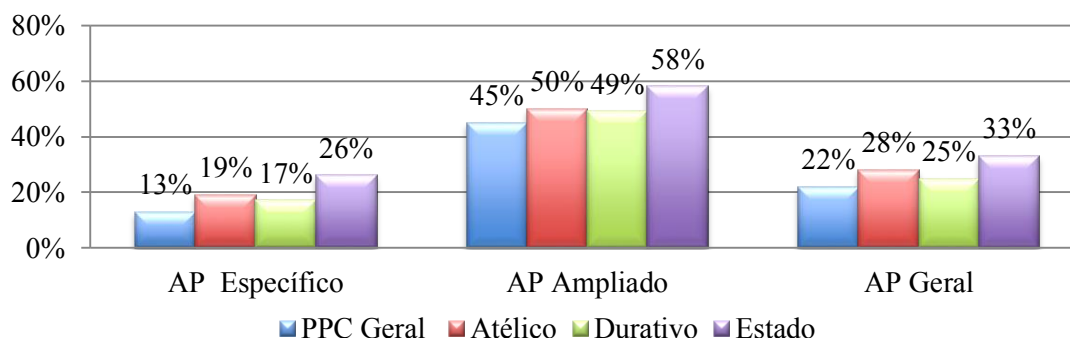
(93) *En mi larga carrera de actor he dirigido espectáculos musicales, como los del Carmen Flores* <B3>.

Em minha longa carreira de ator dirigi/tenho dirigido espetáculos musicais, como os do Carmen Flores.

Evidentemente, nossos dados também indicam a existência de casos do PPC em combinação com marcadores temporais de duração, expressando a mesma informação aspectual. No entanto, chamamos a atenção para o fato da forma composta ter maior porcentual de ocorrência justamente com traços linguísticos que colocam em evidência a informação de **continuidade**. Mais adiante, retornaremos aos dados apresentados no gráfico 5.2, para refletirmos sobre o uso dos marcadores com valor temporal indeterminado. Contudo, cabe ainda destacar que, também na análise geral do **antepresente**, a forma simples mantém-se mais recorrente justamente com marcadores temporais sem valor aspectual marcado.

A análise dos dados referentes à **forma base do verbo** (Gráfico 5.3) mostra-nos que em comparação com o valor geral de uso do PPC em cada âmbito temporal de análise (coluna azul), a forma composta sempre tem seu percentual de uso alçado junto a verbos “estativos” – que combinam os traços de “atelicidade” e “duração”, fatores que propiciam a expressão do sentido de **continuidade**. Em especial, chamamos atenção ao peso relativo aferido do fator “estado”, o qual se mostrou maior em todos os contextos de análise, inclusive no geral (.70)³⁸.

Gráfico 5.3: Dos grupos de fatores referentes à “forma base do verbo” e o PPC no antepresente, segundo os dados de Buenos Aires



Fonte: própria.

Vejamos nos enunciados (94) e (95) como a combinação desses três fatores junto ao PPC propicia a expressão de situações que persistem até o MF. Tanto é assim que encontramos, na tradução ao português, a possibilidade de usar a perífrase “ter + participio”.

³⁸ Conforme já comentamos, o “modo de ação” foi o grupo de fatores primeiramente selecionado pelo *Goldvarb Yosemite*, sendo possível aferir dele o maior valor de *range* (49).

(94) *Carlos, es inevitable preguntarte por el partido del domingo, que vas a enfrentar a Carlos Bianchi. ¿Cómo que te **ha ido** [en los últimos días]? <B7>*

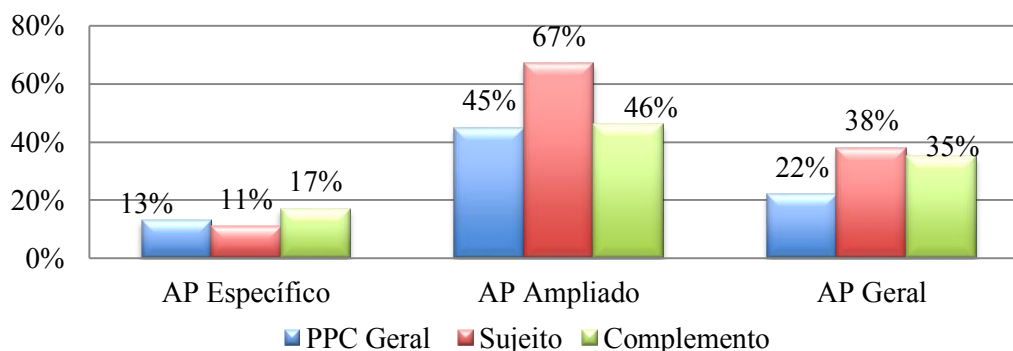
Carlos, é inevitável te perguntar sobre o jogo de domingo, quando você vai enfrentar Carlos Bianchi. Como você tem passado [nos últimos dias]?

(95) *Cuando uno ha tenido la suerte, como en mi carrera, y haber trabajado al lado de las primeras figuras más importantes [...]. Quiero hacer algo que realmente esté a la altura de lo que han sido mis maestros [a lo largo de mi carrera] ¿no?<B3>*

Quando alguém tem a sorte, como em minha carreira, e haver trabalhado ao lado das primeiras figuras más importantes [...]. Quero fazer algo que realmente esteja à altura do que foram/têm sido meus mestres [ao longo da vida], né?

Outro fator previamente identificado como importante na construção do sentido de duração é o traço de **pluralidade** junto ao sujeito e ao complemento verbal. Conforme revela a observação desse fator em cada um dos subâmbitos temporais do **antepresente** (Gráfico 5.4), a pluralidade junto ao complemento mostra-se mais favorecedora do uso do PPC no **AP específico**, e junto ao sujeito, no **AP ampliado**. Por sua vez, a observação do padrão geral do **antepresente** revela que em ambas as categorias o traço de pluralidade tende a favorecer o uso da forma composta. Contudo, a julgar pelo peso relativo, quando associada ao sujeito, a pluralidade parece ser mais relevante para o estudo do uso do PPC ([.61]).

Gráfico 5.4: Do fator “pluralidade” no contexto antepresente, segundo os dados de Buenos Aires



Fonte: própria.

Conforme observamos em (96) a informação de coletividade junto ao sujeito permite a construção de um sentido de iteração/duração, pois pressupõe a realização da situação (“*han perpetrado*” e “*han jactado*”) por mais de uma vez, por diferentes agentes. Do mesmo modo, em (97) a existência de um complemento plural favorece a mesma leitura por descrever a direção de diversos espetáculos musicais.

(96) [...] hay países donde personas que **han perpetrado** una gran cantidad de crímenes o se **han jactado** [de] un racismo tan grande, digamos, no tienen ningún tipo de espacio para monumentos [...] <B2>.

[...] há países onde pessoas que cometeram uma grande quantidade de crimes ou se vangloriaram por um racismo tão grande, digamos, não têm nenhum tipo de espaço para monumentos.

(97) En mi larga carrera de actor **he dirigido** espectáculos musicales, como los del Carmen Flores <B3>.

Em minha longa carreira de ator dirigi/tenho dirigido espetáculos musicais, como os do Carmen Flores.

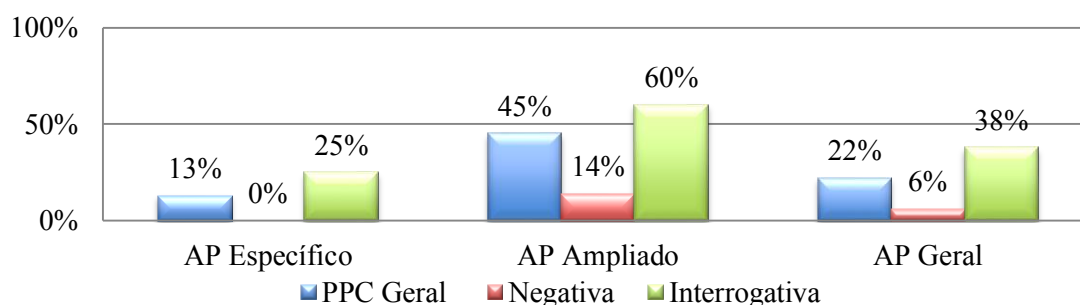
Por sua vez, o PPS, que é a forma mais recorrente em todos os contextos temporais de análise em Buenos Aires, tem seu uso ainda mais favorecido quando vinculado a formas verbais em que o traço aspectual de duração não é marcado – isto é, junto à verbos télicos e pontuais (*achievement*) – e junto a sujeito e/ou complemento verbal no singular. Assim, apesar de também ocorrer reiteradamente em contextos mais abertos a uma leitura continuativa, observa-se que o PPS segue sendo ainda mais favorecido em contextos em que não se marca a informação de duração – tal qual observamos em (98).

(98) ¿Y cómo lo **elegiste** al actor? <B3>.

E como você escolheu o ator?

A análise do **tipo de oração** – grupo de fatores também selecionado como relevante estatisticamente para o estudo da variação entre o PPS e o PPC – poderia nos oferecer mais um indício do favorecimento da forma composta com valor durativo se vinculada a orações negativas. No entanto, conforme revelam os dados até aqui descritos e expostos sucintamente no gráfico 5.5, o percentual e peso relativo de uso do PPC nesse contexto são sempre muito baixos. Indicando-nos, por isso, que a polaridade negativa, na variedade bonaerense, é menos relevante para a compreensão do funcionamento do PPC no **antepresente**. A síntese do funcionamento da forma simples considerando o tipo de oração mostra-nos que é justamente junto à negação que o PPS tem seu índice de ocorrência ainda mais elevado.

ráfico 5.5: Da incidência do “tipo de oração” no uso do PPC em contexto de antepresente, segundo os dados de Buenos Aires



Fonte: própria.

Por outro lado, destaca-se a expressiva ocorrência do PPC junto a orações interrogativas. Dado que, em complemento ao explicitado sobre os marcadores de valor temporal indeterminado (Gráfico 5.2), parece indicar a existência, de modo geral, do uso do PPC para se referir a **situações genéricas em um passado indefinido** (RODRÍGUEZ LOURO, 2009, 2011). A relevância do contexto interrogativo é também evidenciada pelo constante e expressivo peso relativo atribuído a esse fator na variedade de Buenos Aires (.77).

Por meio dos enunciados (99) e (100), observamos que o contexto interrogativo permite-nos fazer referência a um passado menos definido, no qual as situações descritas são apresentadas como potencialmente possíveis de se cumprir. Em termos mais concretos, em (99) a pergunta sobre o possível enfrentamento (“¿te has enfrentado?”) revela que o enunciador desconhece sua efetiva realização e, conseqüentemente, por quantas vezes ou em que data sucedeu. Na mesma direção, em (100) o enunciador vale-se do PPC (“¿has visto una película?”) para questionar sobre a efetivação de uma situação que tem forte potencial para haver se efetivado – haja vista que o filme (“película”) está em cartaz no momento concomitante à enunciação e aborda uma temática de profundo interesse da enunciatária. Contudo, ao referir-se à experiência pessoal (“no la vi”) e, por isso, identificada concretamente por ele, o enunciador vale-se do PPS.

(99) ¿Te has enfrentado alguna vez con Carlos, ya? En dirección técnica, obviamente <B7>.

Você já enfrentou alguma vez o Carlos? Como técnico, obviamente.

(100) ¿Has visto una película con Richard Gere? Yo no la vi [todavía] <B1>.

Você viu um filme com Richard Gere. Eu não o vi [ainda].

Evidentemente, que não é apenas nos contextos interrogativos em que encontramos a referência a **situações genéricas potencialmente ocorridas em um passado menos preciso**. A observação, em orações afirmativas, de sujeitos e de complementos que carecem de referentes especificados no mundo real, aliada a uma percepção temporal mais difusa e aberta – como a verificada no âmbito de **AP ampliado**, por exemplo – também indica a **leitura genérica** junto ao uso da forma composta. Nos enunciados (101) e (102) observamos sujeitos genéricos (“perros” e “personas”), menos determinados, , potencialmente existentes, mas não especificados de modo pontual e concreto. Por sua vez, em (103) e (104), o mesmo traço genérico é observado nos complementos verbais (“algún pequeño gesto” e “negociaciones”).

(101) Sabemos de casos de perros que se **han muerto** en la puerta de un hospital porque **ha ingresado su dueño** <B1>.

Sabemos de casos de cães que morreram na porta de um hospital porque seu dono entrou.

(102) [...] *hay países donde personas que han perpetrado una gran cantidad de crímenes o se han jactado [de] un racismo tan grande, digamos, no tienen ningún tipo de espacio para monumentos [...]* <B2>.

[...] há países onde pessoas que cometeram uma grande quantidade de crimes ou se vangloriaram por um racismo tão grande, digamos, não têm nenhum tipo de espaço para monumentos.

(103) [...] *por algún pequeño gesto que yo he tenido hacia ellos, es que son muy agradecidos.* <B7>.

[...] por algum pequeno gesto que eu tive para com eles, é que eles são muito agradecidos.

(104) [...] *se sabe que ha habido negociaciones para que Nicolau baje en la lista, digamos, directamente ¿no?* <B5>

[...] sabe-se que houve/tem havido negociações para que Nicolau desça na lista, digamos, de uma vez, não é?

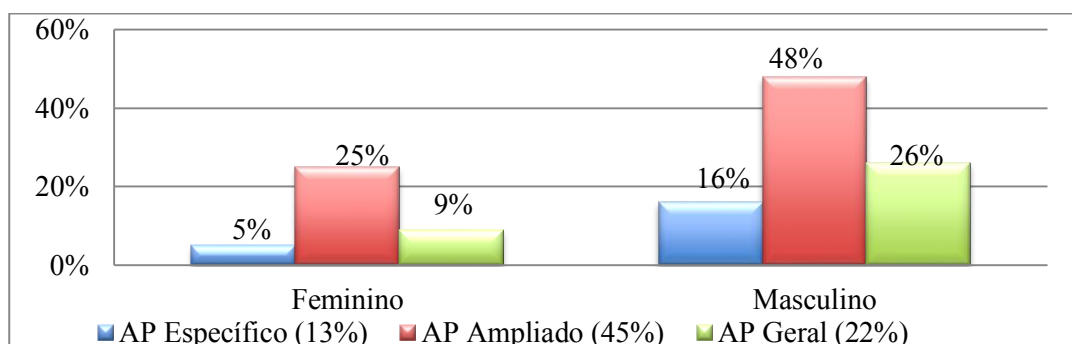
O enunciado (105) mostra que a referência a situações iterativas (“*visitar varias veces*”), num contexto temporal ampliado e menos delimitado, propicia uma **leitura genérica**:

(105) *En esta radio tan cálida que, bueno, he visitado varias veces, pero nunca había estado en el programa de ustedes* <B3>.

Nesta rádio tão receptiva que, bom, visitei/tenho visitado muitas vezes, mas nunca havia estado no programa de vocês.

Em comum, nota-se nesses cinco enunciados que o traço genérico ocorre dentro de uma percepção temporal mais ampla e menos definida, como se observa no **AP específico** e, principalmente, no **AP ampliado**. A julgar pelo progressivo aumento no uso do PPC conforme dilatamos a referência temporal, parece que o uso dessa forma é favorecido na **expressão de situações genéricas em contexto de anterioridade menos determinada**. Porém, tendo em vista a impossibilidade de uma análise mais sistemática dos traços linguísticos que corroboram esse valor, este trabalho não determina, estatisticamente, a relevância do sentido de **situação passada genérica** para o uso do PPC.

Gráfico 5.6: Da incidência percentual da variável “gênero/sexo” sobre o uso do PPC no âmbito de antepresente, segundo os dados de Buenos Aires



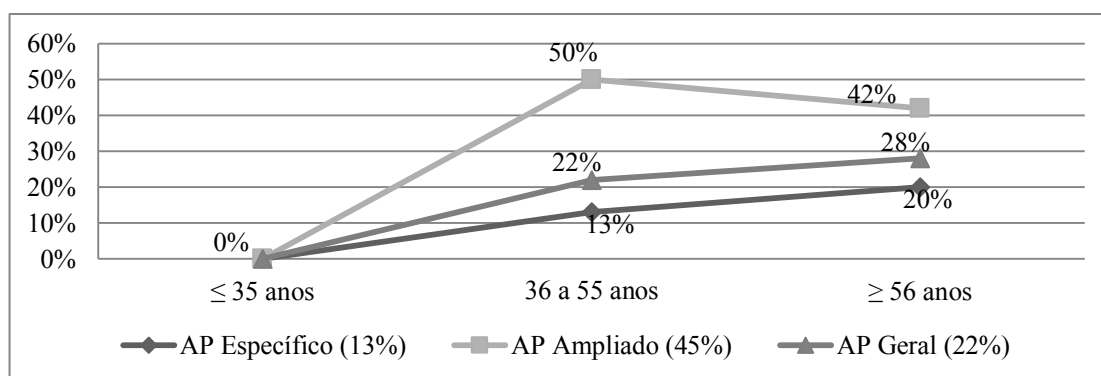
Fonte: própria.

Uma vez descrita a contribuição dos grupos de fatores linguísticos mais relevantes para a compreensão da variação entre o PPS e o PPC e, especialmente, do funcionamento do

PPC, passemos à observação das variáveis extralinguísticas. A primeira, relativa ao gênero/sexo dos informantes (Gráfico 5.6), mostra-se relevante por ter sido selecionada pelo *Goldvarb Yosemite* na análise geral do âmbito de **AP**.

Observa-se a maior recorrência do PPC entre homens e do PPS entre as mulheres, havendo maior ou menor percentual de acordo com a relevância do âmbito temporal. Conforme pontuamos no avançar da discussão decorrente da análise de cada um dos subâmbitos temporais de Buenos Aires, a maior recorrência da forma simples – tanto no interior de cada subâmbito, como no **AP** geral – somada ao seu favorecimento na fala das mulheres³⁹ (.74) indica que, quando se trata da expressão do **AP** (e de seus subâmbitos), o PPS detém maior prestígio que a composta, nessa variedade diatópica. Não obstante, tendo em vista a limitação dos nossos dados, lembramos que a confirmação dessa relação exige um estudo futuro mais ampliado e sistematizado, que inclusive avalie o papel do homem e da mulher nas comunidades diatópicas abordadas por este trabalho.

Gráfico 5.7: Da incidência percentual do grupo de fatores “idade” sobre o uso do PPC no âmbito de antepresente, segundo os dados de Buenos Aires



Fonte: própria.

O último grupo de fatores, relativo à idade dos informantes (Gráfico 5.7), demonstra que no âmbito de **AP ampliado** o índice do PPC tende a ser aumentado entre os informantes de 36 a 55 anos – apesar dos dados de peso relativo indicarem uma maior favorecimento junto ao grupo de informantes maiores de 55 anos ([.55]). Por outro lado, tanto a análise geral do **antepresente** como a observação do **AP específico** indicam um padrão de crescimento no uso do PPC conforme se aumenta a idade do grupo etário. Dessa maneira, os mais velhos são responsáveis pelo maior uso da forma composta sob essas duas perspectivas de análise. Em comum, nota-se a ausência no uso da forma composta entre os falantes menores de 35 anos.

³⁹ Segundo Silva-Corvalán (1989), Chambers e Trudgill (1994), as mulheres são mais atentas à norma de prestígio. Na mesma direção, Vidal De Battini (1964), Rissel (1981) e Apaza Apaza, (2017) identificam essa característica na fala feminina de Buenos Aires – conforme discutimos na subseção 4.2.2.2.

Por outro lado, o PPS tem maior recorrência justamente entre os mais jovens, apresentando uma curva descendente à medida que aumentamos a idade dos informantes, de tal modo que sua recorrência é diminuída entre os maiores de 55 anos.

Tendo em vista o prestígio que aparentemente se associa ao PPS nessa variedade diatópica, a ausência do PPC entre os mais jovens e sua maior recorrência entre os mais velhos, o uso da forma composta parece se caracterizar como mais conservador, e o da simples, mais inovador. Desse modo, o *perfecto compuesto*, em Buenos Aires, pode vir a se apagar por completo à medida que se realize, com o tempo, uma mudança de gerações e os falantes mais jovens transmitam às próximas gerações o uso que faz da língua⁴⁰.

Finalmente, a análise dos grupos de fatores linguísticos explicita, de maneira mais sistemática, que a forma composta, nessa variedade diatópica e nesse contexto temporal, relaciona-se fortemente com os sentidos de **continuidade** e **situação passada genérica**, ao passo que a simples vincula-se de modo ainda mais contundente a fatores menos propícios à expressão de continuidade (verbos télicos e pontuais, marcadores temporais conclusivos e não durativos, etc.) e sem referência a situações genéricas.

5.1.4.2 Contribuição da análise multivariada para o estudo da expressão do antepresente em San Miguel de Tucumán

A tabela 5.34 sintetiza a análise de todos os dados encontrados no contexto geral de **antepresente** no *corpus* de San Miguel de Tucumán. Além dos valores de *input* e *log-likelihood*, ao fim da tabela, expomos a quantidade e o percentual gerais de ocorrências do PPC (218 casos/59%) na relação com o total de casos do *pretérito perfecto* (199 casos).

Assim como observamos na análise geral do **antepresente** em Buenos Aires, a análise em San Miguel de Tucumán (Tabela 5.34) também apresenta maior consistência ao identificar mais grupos de fatores estatisticamente relevantes para o estudo da variação entre PPS/PPC. De acordo com *range* dos grupos selecionados, a relevância de cada um desses grupos de fatores se organiza na seguinte ordem: “idade > telicidade > pessoa”.

⁴⁰ Não obstante, tendo em vista a deficiência originária do *corpus* de análise em não controlar os fatores extralinguísticos de idade e gênero/sexo no momento de sua compilação, a avaliação dessa tendência exige um estudo futuro mais apurado.

Tabela 5.34: Da análise multivariada na expressão do antepresente geral em San Miguel de Tucumán

GRUPOS DE FATORES				N	% PPC	Total N	Peso
LINGÜÍSTICO	ÂMBITO TEMPORAL	Antepresente	Imediato	23	39%	59	[.38]
			Específico	74	66%	112	[.54]
			Amplio	32	68%	47	[.55]
	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	23	39%	59	[.54]
			Durativo	82	66%	124	[.45]
			Conclusivo	8	73%	11	[.75]
			Indeterminado	16	67%	24	[.56]
		Presença	Explícito	34	62%	55	[.47]
			Implícito	95	58%	163	[.51]
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	72	51%	140	.40
			Atélico	57	73%	78	.67
			<i>range</i>				
		Duração	Pontual	45	56%	80	[.50]
			Durativo	84	61%	138	[.50]
		Modo de ação	<i>Achievement</i>	45	56%	80	[.44]
			<i>Accomplishment</i>	27	45%	60	[.38]
			Atividade	28	74%	38	[.66]
			Estado	29	73%	40	[.66]
		SUJEITO	Pessoa	1ª	34	49%	70
	2ª			9	64%	14	.54
	3ª			83	66%	126	.60
	<i>range</i>					25	
	Número		Singular	70	55%	128	[.48]
		Plural	56	68%	82	[.55]	
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	38	53%	71	[.52]
			Plural	22	65%	34	[.46]
	ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	112	60%	185	[.52]
Negativa			8	42%	19	[.31]	
Interrogativa			9	64%	14	[.49]	
EXTRA LINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino	73	56%	130	[.50]	
		Feminino	56	64%	88	[.50]	
	IDADE	Até 35 anos	59	50%	119	.40	
		36 – 55 anos	59	68%	87	.57	
		Mais de 55 anos	11	92%	12	.91	
		<i>range</i>					51
Input: .59				Log-Likelihood: 130.558 [126.073]		Total N=129/218 (59%)	

Fonte: própria.

Como já discutimos na análise comparativa da incidência do fator **âmbito temporal** sobre o uso das formas do *pretérito perfecto* nas três variedades diatópicas contempladas por este trabalho (Gráfico 5.1), observa-se na variedade tucumana uma acentuação mais abrupta da recorrência da forma composta na passagem do âmbito de **AP imediato** para o **AP específico**, crescimento não identificado, com a mesma proporção, na passagem para o âmbito de **AP ampliado**. A forma simples, por sua vez, encontra apenas no **AP imediato** um

contexto em que é mais recorrente que a composta. Reforçando esse comportamento, a análise estatística demonstra, por meio do peso relativo, que o âmbito de **AP imediato** tem, de fato, menor incidência sobre o uso do PPC e que o **AP específico** e o **AP ampliado** possuem uma significância igual sobre o uso dessa forma.

Ampliando a discussão para os demais grupos de fatores, observamos o *perfecto simple* com uma recorrência mais expressiva que o *perfecto compuesto* apenas junto a marcadores estritamente temporais. Por outro lado, a observação geral da categoria do **antepresente** demonstra que as construções com valor “indeterminado” (67%), “durativo” (66%) e, com especial destaque, “conclusivo” (73%/[.75]) apresentam maior recorrência de uso da forma composta, tal qual se veem representadas nos enunciados (106) a (111).

(106) **Indeterminado**: *Yo pienso que ha llegado un momento [en los últimos días] en que se **ha sentido** acorralado <T6>*.

Eu acho que chegou um momento [nos últimos dias] em que ele se sentiu sem saída.

(107) **Indeterminado**: *[...] todos en algún momento [de la vida] **hemos estado** en una huevada <T9>*.

Todos em algum momento [da vida] estivemos numa pior.

(108) **Durativo**: *En estos diez años se **ha construido** muchísimo. <T7>*

Nestes dez anos se construiu/tem se construído muitíssimo

(109) **Durativo**: *Hoy en día me **ha hablado** mucha gente, felicitándome porque es Plan Magazine <T8>*.

Hoje em dia muita gente tem falado comigo, felicitando-me pelo que é Plan Maganize.

(110) **Conclusivo**: *Porque no solo nos contaminan a nosotros. [A lo largo de la historia] ya han matado especies de peces que no van a volver a existir. Los santiagueños, pobrecitos, están que no pueden más.*

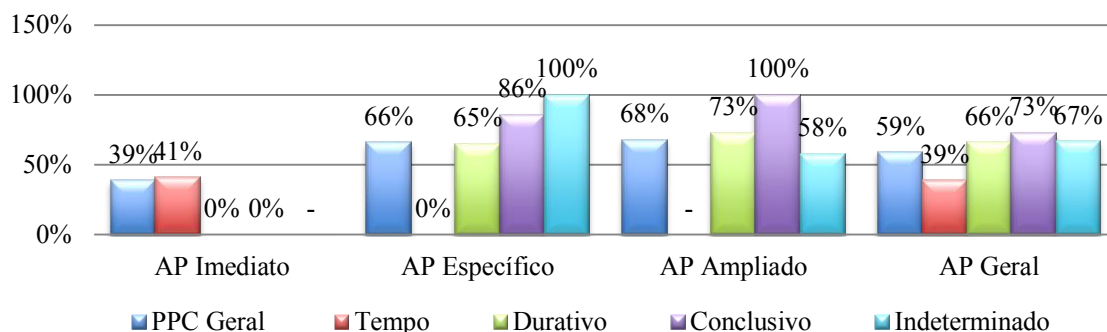
Porque não apenas nos contaminam. [Ao longo da história] já mataram espécies de peixes que não vão voltar a existir. Os santiagueños, coitados, já não podem mais.

(111) **Conclusivo**: *[...] nosotros les pedimos que nos sigan acompañando porque este gobierno ya ha demostrado que puede hacer las cosas y sabe hacerla <T7>*.

[...] nós lhes pedimos que continuem nos acompanhando porque este governo já demonstrou que pode fazer as coisas e sabe fazê-las.

A análise categorizada desse grupo de fatores (Gráfico 5.8) aponta que a única incidência significativa dos marcadores especificamente temporais sobre o uso do PPC restringe-se ao **AP Imediato** – contexto em que nenhum outro marcador temporal atrela-se ao uso da forma composta. A partir do âmbito de **AP específico** identificamos que os demais tipos de marcador temporal apresentam duas maneiras de se relacionar com o PPC.

Gráfico 5.8: Dos “marcadores temporais” mais recorrentes no antepresente, segundo os dados de San Miguel de Tucumán



Fonte: própria.

Por um lado, o uso do PPC junto a marcadores de valor “durativo” e “conclusivo” aumenta na passagem do **AP específico** ao **AP ampliado** – contexto temporal em que esses dois tipos de marcador temporal mostram-se mais relevantes para o uso do PPC. Em contrapartida, as construções que possibilitam a expressão de um tempo “indeterminado” incidem menos sobre o uso do PPC com a passagem do **AP específico** ao **AP ampliado**. Ao considerarmos o peso relativo na análise geral do **AP**, observamos que o marcador “conclusivo” desempenha, nessa variedade, um papel especial no uso do PPC ([.75]).

Tendo em vista que esse tipo de marcador temporal põe em ênfase o término da situação descrita, ao associá-lo com o PPC parece ser possível destacar, no momento de fala, uma espécie mudança de estado, resultante do término dessa situação. Assim, em (110) entende-se que, na atualidade, algumas espécies de peixes não existem devido ao seu prévio extermínio (“*ya han matado*”). Semelhantemente, em (111), conclui-se que os eleitores podem confiar no governo porque ele “*ya ha demostrado*” que sabe e pode fazer coisas boas.

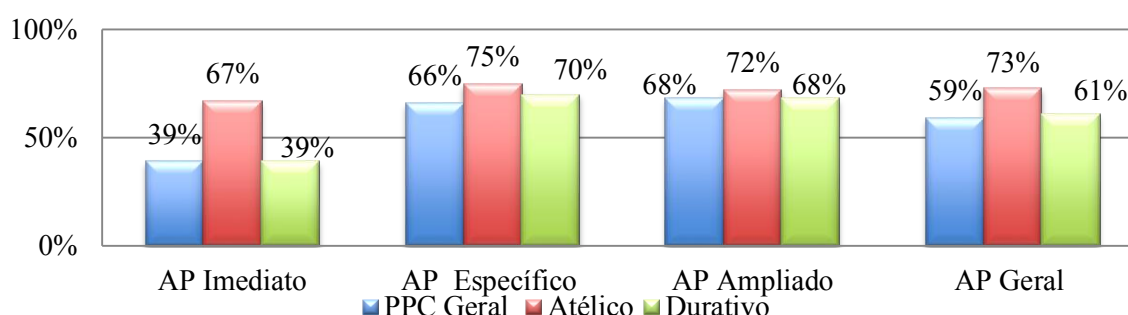
Finalmente, em (112), conseguimos observar, por meio do contraste entre as formas simples e composta, que a primeira (“*se eligió*”) faz referência a uma situação passada que não repercute tanto sobre o momento de fala como a segunda (“*se ha separado*”), que, somada ao advérbio “*ya*”, evidencia uma mudança do posicionamento ideológico inicial do político – passando a mostrar a perda de vínculo com a “oposição”. Tendo visto o desenvolvimento histórico do PPC (HARRIS, 1982; DETGES, 2006), não é difícil entender que a identificação desse valor junto ao funcionamento atual da forma composta, na verdade, corresponde à “persistência” (HOPPER, 1991) de um uso decorrente da origem da perífrase.

(112) *Se habla como se eligió Masa como el candidato de la oposición, que de hecho ya se ha separado* <T7>.

Fala-se como *Masa* se elegeu como candidato da oposição, que, de fato, já se separou.

A fim de melhor avaliar a relação dos sentidos de **continuidade** e **relevância presente** com o uso do PPC nessa variedade diatópica, passemos ao estudo dos demais grupos de fatores. Com esse propósito, começamos por analisar, nas **bases verbais**, os fatores relativos à “duração” e à “atelicidade”.

Gráfico 5.9: Dos factores “durativo” e “atelicidade” no antepresente, segundo os dados de San Miguel de Tucumán



Fonte: própria.

Conforme nos mostra o gráfico 5.9, o traço “durativo” apresenta um percentual de uso do PPC menos expressivo, isto é, igual ou pouco maior que o percentual geral de uso do PPC (coluna azul) em cada um dos contextos de análise. No entanto, o estudo do fator “atelicidade” revela que tanto na análise geral do âmbito de **AP** (73%), como nas análises pontuais dos subâmbitos há uma expressiva recorrência do PPC junto a verbos atélicos.

Característica que, conforme observamos em (113) e (114), permite-nos contemplar a permanência da situação pretérita descrita (“*no he comido*” e “*he tenido la posibilidad*”) ainda no momento da fala – quando o falante até então “não comeu” e “tem a possibilidade” de compartilhar experiências profissionais. Em especial, devido à importância desse grupo de fatores para o estudo do PPC dentro do âmbito de **antepresente**, o *Goldvarb Yosemite* seleciona-o na análise dos dados da variedade tucumana.

(113) *Basta Miguel, no he comido yo [todavía]* <T2>.

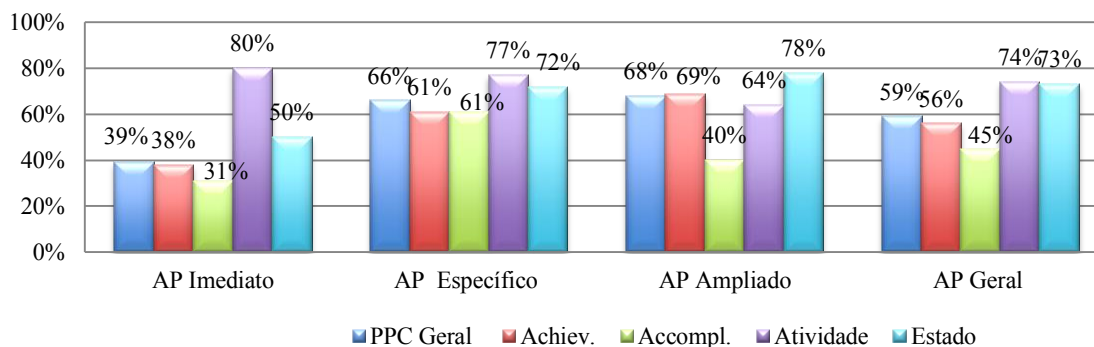
Chega Miguel, eu não comi [ainda].

(114) [...] *los que han tenido la posibilidad de laborar con Pablo, es un tipo obsesivo de la perfección. Yo he tenido la posibilidad [en algunos momentos de la vida] de hacer videos y cosas con él [...] y tiene esta cosa que es difícil de encontrar en Tucumán que es súper generoso* <T8>.

[...] os que tiveram a possibilidade de trabalhar com Pablo, é um cara obsessivo pela perfeição. Eu tive/tenho tido a possibilidade [em alguns momentos da vida] de fazer vídeos e coisas com ele [...] e tem esta coisa que é difícil encontrar em Tucumán, que é supergeneroso.

Reforçando as informações obtidas pela análise do grupo de fatores relativo à “telicidade”, o estudo do **modo de ação** (Gráfico 5.10) revela que os verbos de “atividade” e de “estado” são, no **AP geral**, os que mais incidem sobre o uso do PPC, com o percentual de uso acima de 70%.

Gráfico 5.10: Do grupo de fatores “modo de ação” no antepresente, segundo os dados de San Miguel de Tucumán



Fonte: própria.

Reafirmando essa tendência, os fatores apresentam um valor de peso relativo mais significativo que os demais modos de ação: [.66]. A análise fragmentada dos subâmbitos temporais, no entanto, mostra-nos que a incidência dos verbos de “atividade” sobre o uso do PPC tende a diminuir conforme ampliamos a referência temporal, ao passo que o percentual de ocorrência dos verbos de “estado” tende a aumentar. De todo modo, ambos os fatores mantêm-se como mais relevantes sobre o uso do PPC.

Conforme ilustram os enunciados representativos dos verbos de “atividade” – (113) e (115) – e de “estado” – (114) e (116), esses modos de ação caracterizam-se por apresentarem conjuntamente os traços de duração e atelicidade que, como vimos, permitem que as situações descritas possam ser observadas como uma realidade ainda existente no momento de fala, tanto é assim que em (115), “fazer grandes mudanças sociais” envolve um movimento iterativo (aportado pela pluralidade do sintagma nominal), no qual uma série de mudanças é realizada ao longo do tempo, podendo, inclusive, alcançar o momento da enunciação. Igualmente, em (116), a vivência do enunciador (“*hemos vivido*”) resulta do acúmulo de experiências, as quais ainda poderiam estar se aglomerando quando ocorre a enunciação.

(115) *Coincido en que se han hecho grandes cambios sociales [en este gobierno]. [...] Es sano para este gobierno que las denuncias se hagan en tiempo <T7>.*

Concordo que se fizeram/se têm feito grandes mudanças sociais [neste governo]. [...] É saudável para este governo que as denúncias sejam feitas a tempo.

(116) A: *Diputada, usted conoce el laburo del congreso. Usted es diputada nacional.*

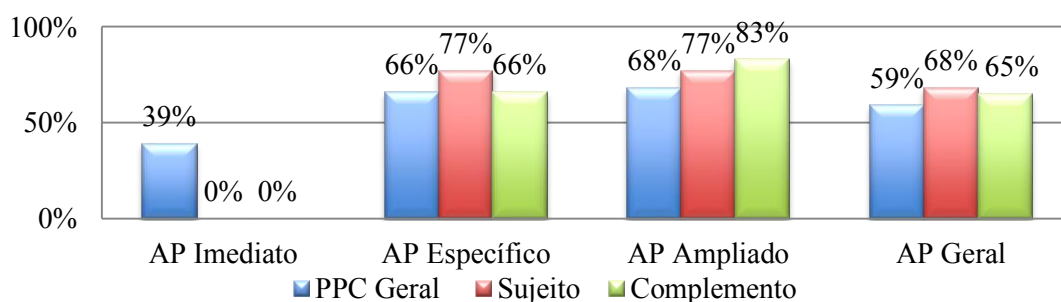
B: [...] *no todos juegan limpio, eh... a veces uno va con esa ingenuidad de que uno va con todas las reglas del juego y allá las cosas no son así, y lo **hemos vivido en carne propia** [en estos años en la legislatura] <T7>.*

A: Deputada, a senhora conhece o trabalho do congresso. A senhora é deputada nacional. /B: [...] *nem todos jogam limpo, é... às vezes se vai com essa ingenuidade de que se conhecem todas as regras do jogo e lá as coisas não são assim, e vivemos isso em carne própria [nestes anos na câmara legislativa].*

Quanto à forma simples, segundo os dados expostos nos gráficos 5.10, é justamente junto aos modos de ação télicos, isto é, de *achievement* e de *accomplishment*, que o PPS é mais recorrente, independentemente do subâmbito temporal analisado. Reforça-se, desse modo, a percepção de que são os contextos menos abertos à leitura continuativa os que favorecem o uso do PPS quando se trata do **antepresente**, em San Miguel de Tucumán.

Outro fator previamente identificado como importante na construção do sentido de duração é o traço de “pluralidade” junto ao sujeito e/ou ao complemento verbal. Conforme revela a observação desse fator na variedade tucumana (Gráfico 5.11), há, de modo geral, uma recorrência maior do PPC junto a ambos os argumentos verbais quando marcados por uma informação referencial de coletividade. Em especial, contudo, observamos um maior peso relativo atribuído à categoria de sujeito plural ([.55]). Consequentemente, observamos que a forma simples tem seu índice mais reduzido precisamente junto a esses fatores.

Gráfico 5.11: Do fator “pluralidade” no contexto antepresente, segundo os dados de San Miguel de Tucumán



Fonte: própria.

Por sua vez, a análise direcionada aos subâmbitos temporais revela que no **AP imediato** o traço de pluralidade não incide sobre o uso do PPC. Comportamento que, em junção à ausência de marcadores temporais com valor durativo (Gráfico 5.8), parece mostrar o debilitamento da leitura de **continuidade** nesse contexto temporal. Por outro lado, notamos uma incidência forte e aparentemente estável do fator pluralidade do sujeito (77%) sobre o uso do PPC tanto no **AP específico** como no **AP ampliado**. No que se refere ao complemento

verbal, observamos que o fator pluralidade incide mais intensamente sobre o uso do PPC no **AP ampliado**. Vejamos nos enunciados (117) e (118) de que maneira a informação semântica de pluralidade pode contribuir para a construção do sentido de continuidade nessa variedade.

(117) *De verdad que es un muy buen programa. Entonces, yo quiero destacar eso. Porque mucha gente ha hablado mal [desde que empezaste] <T9>.*

De verdade que é um programa muito bom. Então, eu quero destacar isso. Porque muitas pessoas tem falado mal [desde quando você começou].

(118) *Creo que en estos diez años Tucumán se ha transformado [...]. Si hablás de profundizar un modelo que ha hecho [en estos diez años] cosas buenas y que tiene cosas por corregir, bueno. Ha hecho cosas buenas y tiene que corregir lo que se hizo mal <T7>.*

Acho que nestes dez anos Tucumán tem se transformado [...]. Si você fala em aprofundar um modelo que fez/tem feito [nestes dez anos] coisas boas e que tem coisas a serem corrigida, ótimo. Fez/tem feito coisas boas e tem que corrigir o que fez de mal.

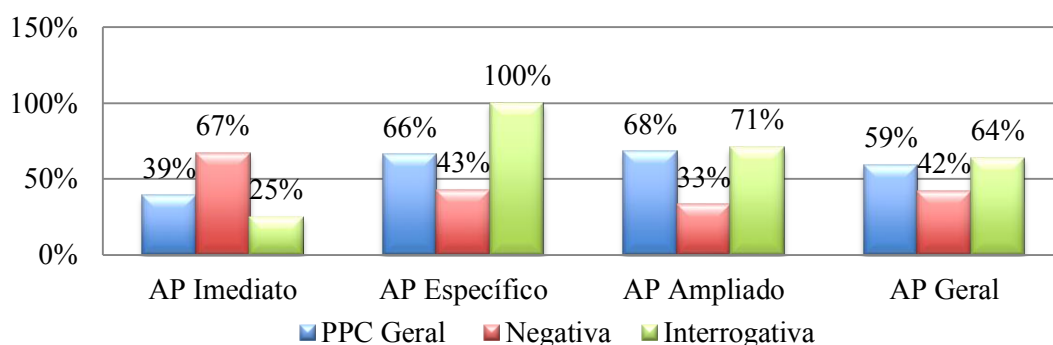
Em (117) o sujeito “*mucha gente*” – morfologicamente singular, mas com informação semântica de pluralidade – faz com que a situação descrita (“*ha hablado mal*”) seja apresentada como uma atividade reiterada, de maneira que sua repetição pelos diferentes pares constrói a ideia de que uma situação iniciada no passado pode se estender até o MF. Na mesma direção, o sentido de **continuidade** é também construído pelo marcador temporal de valor durativo (“*desde que empezaste*”) inferido na entrevista da qual provém o enunciado.

No que concerne ao complemento verbal, em (118) observamos que o complemento plural “*cosas buenas*” permite a expressão de uma situação atélica, isto é, sem fim demarcado, de maneira que a prática de realizar essas “coisas” ainda pode ser efetuada até o momento de enunciação. Novamente, o marcador temporal explicitado em turnos anteriores de fala, reforça a informação de **continuidade** (“*en estos diez años*”). Em oposição, encontramos, no fim do enunciado, o uso isolado de um verbo conjugado no PPS (“*hizo*”), como uma aparente tentativa de restringir ao passado aquilo que caracterizou negativamente o modelo de gestão adotado pelo governo.

De modo mais evidente, a tradução ao português ressalta o valor **continuativo** que pode possuir a situação expressa em PPC, isso porque “*ha hecho cosas buenas*” pode ser traduzido por “tem feito coisas boas”, isto é, valendo-se do passado composto – construção especializada na expressão de duração/iteração (PAIVA BOLÉO, 1936; CASTILHO, 1966; ILARI, 2001). Por outro lado, traduz-se “*hizo*” pela forma perfectiva equivalente em português: “fez” – isto é, valendo-se de um *tempus* que não marca duração. Por tudo isso posto, o enunciado (118) parece deixar ainda mais claro que a informação de **continuidade** não se restringe apenas ao marcador temporal, às características aspectuais da base verbal e ao traço de pluralidade dos argumentos verbais, mas também ao próprio *perfecto compuesto*.

A análise do **tipo de oração** poderia nos oferecer mais um indício do favorecimento do PPC com valor durativo se vinculado a orações negativas. No entanto, conforme expõe indiretamente o gráfico 5.12, é o PPS que apresenta maior recorrência percentual junto a esse fator. Com exceção, contudo, do **AP imediato**, em que o percentual (67%) e peso relativo ([.69]) indicam uma incidência mais significativa das orações negativas sobre o uso do PPC.

Gráfico 5.12: Da incidência do “tipo de oração” no uso do PPC em contexto de antepresente, segundo os dados de San Miguel de Tucumán



Fonte: própria.

Tal qual se observa em (119), ao dizer “no *ha entendido*”, o enunciador instaura a permanência da falta de compreensão e de um estado atual de intolerância – decorrente do desconhecimento. Segundo afirmam Schwenter e Cacoullou (2008, p. 19), essa leitura é também construída pela negação.

(119) *Esto es lo que no ha entendido un grupo, y me atrevo a decirlo con total sinceridad <T5>*.

Isso é o que não entende/tem entendido um grupo e me atrevo a dizer com total sinceridade.

Tendo em vista a limitação, de modo geral, na recorrência do PPC em orações negativas, a interferência da polaridade negativa parece mais relevante para a seleção do PPS.

Tabela 5.35: Do cruzamento do grupo de fatores “tipo de oração” com o grupo de fatores “telicidade” na expressão geral do antepresente San Miguel de Tucumán

		Télico		Atélico		Total
Negativa	PPC	3	30%	5	56%	8
	PPS	7	70%	4	44%	11
Interrogativa	PPC	2	33%	7	88%	9
	PPS	4	67%	1	22%	5

Fonte: própria.

Contudo, se refinamos essa primeira análise por meio do cruzamento do grupo de fatores “tipo de oração” com o grupo de fatores “telicidade” (Tabela 5.35), vemos que o uso

do PPC (56%) junto às orações negativas em que figura um verbo atélico supera o índice do PPS (44%) nesse mesmo contexto. Assim, parece que o sentido de continuidade não é apenas aportado pela negação, mas também pela atelicidade do verbo – conforme o enunciado (119).

Por sua vez, a forma simples, cuja recorrência já era mais acentuada na análise geral das orações negativas (58%), tem seu índice ainda mais incrementado quando observamos a combinação com os verbos télicos, alcançando um percentual de 70%. Nessa direção, o enunciado (120) ilustra que o uso do PPS é especialmente favorecido em contextos com menor abertura à leitura continuativa, posto que a “não aceitação” é vista como algo pontual, que não segue ocorrendo.

(120) *Y fundamentalmente ha sido que esta gente no **aceptó** el diálogo<T5>.*

E fundamentalmente foi que esta gente não aceitou o diálogo.

Quanto às interrogativas, observa-se no **AP** geral (Tabela 5.34) o uso percentualmente maior do PPC nesse contexto (64%) que nos demais tipos de oração. Contudo, a análise dos subâmbitos mostra a baixa incidência percentual desse fator sobre o uso do PPC no contexto de **AP imediato** e põe em destaque o uso exclusivo do PPC junto a orações interrogativas no **AP específico** e a expressiva recorrência no **AP ampliado** (71%) – (Gráfico 5.12).

A maior proporção da forma composta em orações interrogativas – em paralelo à incidência dos marcadores com valor de indeterminação temporal sobre o uso do PPC (Gráfico 5.8) –, parece indicar que, a exemplo de Buenos Aires (RODRÍGUEZ LOURO, 2009, 2011), também é possível atribuir ao PPC, na variedade tucumana, a referência a **situações genéricas em um passado menos definido**. Nessa direção, os enunciados (121) e (122) fazem referência a situações potenciais (“*qué cosas te han hecho o has hecho*” e “*cuál ha sido el más jodido*”) e, por conseguinte, não identificadas concretamente pelo enunciador – devido ao seu desconhecimento total ou parcial sobre a experiência de vida do enunciatário.

(121) *¿Qué cosas te **han hecho** o **has hecho** cuando tenías desconfianza, cuando **has desconfiado** de algo? <T1>*

Que coisas te fizeram ou você fez quando você tinha desconfiança, quando você desconfiou de algo?

(122) *¿Qué se viene por este año? [...] Tenés [...] el piel a piel con los famosos. ¿Cuál **ha sido** el más jodido que te ha tocado [este año]? <T8>.*

O que vem por ai este ano? [...] Você tem o cara a cara com os famosos. Qual foi o mais bacana que você teve [este ano]?

Assim, em (121), o entrevistador pressupõe, pelo conhecimento de mundo de que dispõe, a existência de situações de desconfiança e busca obter informações reais e concretas sobre os comportamentos do entrevistado diante de situações potencialmente vivenciadas. Por sua vez, em (122) o enunciador questiona-se sobre a existência de um contato mais específico

dentro de uma referência temporal pouco definida, que, por envolver toda a experiência profissional do entrevistado, pressupõe a existência de uma grande quantidade de experiências – até então tidas como potenciais/genéricas.

A análise mais refinada alcançada pelo cruzamento dos grupos de fatores “tipo de oração” e “telicidade” (Tabela 5. 35) mostra-nos novamente que a combinação com verbos atélicos – como em (121) e (122) – acarreta um significativo aumento na recorrência da forma composta em frases interrogativas (88%). Por outro lado, o PPS (46%) – inicialmente menos recorrente que o PPC (67%) – tem seu percentual incrementado para 67% quando se associam os fatores “oração interrogativa” e “verbos tólicos” – como em (123). Em outros termos, não negamos o uso do PPS ocorrendo junto às orações interrogativas, no entanto destacamos que, de modo geral, sua ocorrência é menor que a do PPC, podendo ser incrementada se observamos contextos específicos, em que o PPC claramente é desfavorecido.

(123) *¿Se sabe quién fue la persona que **ejecutó** el despido? <T6>*.

Sabe-se quem foi a pessoa que executou a demissão?

Também identificamos, em San Miguel de Tucumán, uma aparente recorrência da forma composta nas orações afirmativas em que se faz referência a **situações genéricas, ocorridas em um passado menos preciso/determinado**. Assim, observamos, em (124) e (125), que o uso de marcadores temporais de valor indeterminado (“*un momento*” e “*en algún momento*”) favorece a referência a um passado pouco determinado, quando as situações descritas (“*se ha sentido*” e “*hemos estado*”) são apresentadas como potenciais – haja vista o conhecimento parcial que dispões o enunciador sobre dada situação. Desse modo, em (124), o informante supõe (“*yo pienso...*”) que, antes de tomar uma decisão extrema (o suicídio), é natural que a pessoa sinta-se sem saída (“*se ha sentido acorralado*”). Na mesma direção, em (125), o enunciador vale-se do senso comum para referir-se a fases prováveis da vida de qualquer um: como passar por períodos ruins (“*hemos estado en una huevada*”).

(124) *Yo pienso que ha llegado un momento [en los últimos días] en que se **ha sentido** acorralado <T6>*.

Eu acho que chegou um momento [nos últimos dias] em que ele se sentiu sem saída.

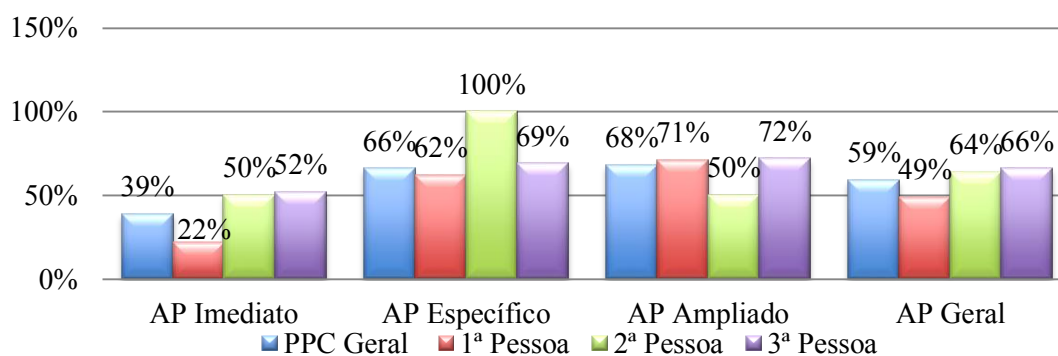
(125) *[...] todos en algún momento [de la vida] **hemos estado** en una huevada <T9>*.

Todos em algum momento [da vida] estivemos numa pior.

Em suma, nota-se nos enunciados (121), (122), (124) e (125) que o traço genérico ocorre dentro de uma percepção temporal mais ampla e menos definida, como se observa no **AP específico** e no **AP ampliado**. Contudo, tendo em vista a impossibilidade de uma análise mais sistemática dos traços linguísticos que corroboram esse valor, este trabalho não

determina, estatisticamente, a relevância do sentido de passado genérico para o uso do PPC na variedade tucumana e tampouco em que medida essa variedade diatópica se parece com a variedade bonaerense no que diz respeito a esse comportamento do PPC⁴¹.

Gráfico 5.13: Das pessoas gramaticais no antepresente, segundo os dados de San Miguel de Tucumán



Fonte: própria.

A análise do grupo de fatores relativo à **pessoa gramatical** (Gráfico 5.13) revela que, da mesma maneira que em Buenos Aires, há, de modo geral, uma recorrência expressiva do PPC junto à terceira pessoa e do PPS junto à primeira. Não obstante, particular à variedade de San Miguel de Tucumán, é a incidência significativa, em alguns contextos específicos, das primeira e segunda pessoas no uso do PPC. Como se observa no gráfico 5.13 e nos enunciados (126) e (127), há uma expressiva recorrência do PPC em verbos de segunda pessoa nos âmbitos de **AP imediato** e **AP específico**.

(126) [...] *así como ustedes se han involucrado en eso, todos tenemos que involucrarnos* <T7>.

[...] assim como vocês se envolveram/têm se envolvido nisso, todos temos que nos envolver.

(127) *¿Qué se viene por este año?* [...] *Te vas. Venís. Por el norte de Argentina también has viajado* <T8>.

O que vem por ai este ano? Você vai. Volta. Pelo norte da Argentina também viajou/tem viajado.

Devido à relativa escassez de ocorrências do PPC em segunda pessoal (9 casos), torna-se difícil identificar alguma razão que justifique o favorecimento da forma composta junto a esse fator. De todo modo, registramos a necessidade de avaliar mais sistematicamente, em investigações futuras, as relações existentes entre a segunda pessoa e o uso do PPC na variedade tucumana.

Finalmente, a observação da primeira pessoa mostra-nos que a incidência percentual desse fator sobre o uso do PPC vai subindo gradualmente, conforme ampliamos a referência

⁴¹ Por outro lado, essa carência, somada aos indícios descritos, aponta para futuros direcionamentos de pesquisa que sanem esse lacuna.

temporal do âmbito de referência. De maneira que se torna especialmente relevante no contexto de **AP ampliado**, quando o percentual de uso (72%) supera tanto o percentual geral (68%) da forma composta nesse mesmo contexto temporal, como o da simples (28%) especificamente junto à primeira pessoa. Tendo em vista a referência temporal mais difusa e menos definida desse âmbito temporal, é possível que o favorecimento da forma composta junto à primeira pessoa se deva a uma tentativa de marcar como mais relevante uma situação específica e concreta, vivenciada pelo enunciador, dentre outras potencialmente existentes nessa concepção temporal mais abrangente (SCHWENTER; CACOULLOS (2008), RODRÍGUEZ LOURO (2009), ÁLVAREZ GARRIGA, 2012).

(128) [...] *a lo largo de estos años también eh... a pesar que me dediqué a la vida política, **he participado** de foros que tienen que ver con mi profesión <T7>*.

[...] ao longo desses anos também é.... apesar de que me dediquei à vida política, participei/tenho participado de foros que tem que ver com minha profissão.

(129) *Nos **hemos creado** tecnicaturas universitarias en agroindustria [...] y todos los egresados de esa carrera fueron absorbidos en nuestra industria [...]. Creo que en estos diez años Tucumán se ha transformado.*

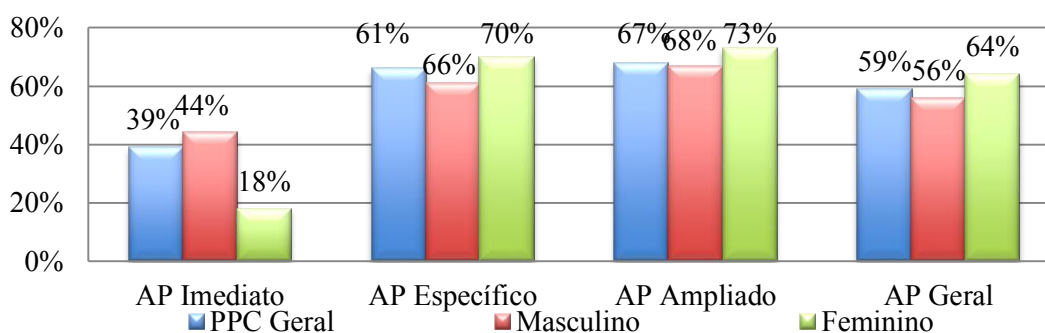
[...] Criamos para nossa comunidade cursos superiores tecnológicos em agroindústria [...] e todos os formandos desse curso foram absorvido em nossa indústria [...]. Acho que nestes dez anos Tucumán se transformou/tem se transformado.

Nesse sentido, observamos, em (128), que o enunciador – um biólogo de formação que, na atualidade, dedica-se à carreira política – vale-se da forma simples para se referir ao comportamento profissional atual (“*me dediqué a la vida política*”). Contudo, usa a forma composta ao fazer referência a uma situação (“*he participado de foros*”) que escapa às obrigações de um político, mas que caracteriza a atuação profissional de um biólogo pesquisador. Ao cumprir um propósito argumentativo que visa à formação da imagem de um político academicamente preparado para os desafios ecológicos, o enunciador avalia como especialmente relevante a situação descrita em *pretérito perfecto compuesto* e a destaca, como tal, por meio do uso dessa forma verbal.

Na mesma direção, em (129) observamos que o uso do PPC (“*hemos creado*”) e do PPS (“*fueron absorbidos*”) permite contrastar aquilo que se refere à prática do enunciador, daquilo que se refere aos outros – respectivamente. Assim, ao avaliar como especialmente relevante a criação de cursos tecnológicos – por pertencer ao projeto político que concebeu a expansão universitária em San Miguel de Tucumán –, o enunciador vale-se da forma composta (“*hemos creado tecnicaturas universitarias*”). No entanto, ao descrever o resultado dessa criação – experimentado pelo “outro” – o enunciador recorre ao PPS.

Isso posto, parece que o uso da forma composta junto à primeira pessoa poder servir ao enunciador como um meio de **ressaltar uma situação especialmente relevante** para ele. Por fim, destacamos que na análise geral do AP em San Miguel de Tucumán (Tabela 5.34), o *Goldvarb Yosemite* seleciona o grupo de fatores relacionado à pessoa gramatical, indicando, assim, a importância da análise desse grupo para compreender o funcionamento da forma composta nessa variedade diatópica.

Gráfico 5.14: Da incidência percentual da variável “gênero/sexo” sobre o uso do PPC no âmbito de antepresente, segundo os dados de San Miguel de Tucumán



Fonte: própria.

Havendo concluído a descrição das contribuições dos grupos de fatores linguísticos para a compreensão do funcionamento do PPS e, especialmente, do PPC, passemos à observação das variáveis extralinguísticas e de sua relação com o uso das formas do *pretérito perfecto*. A primeira delas, relativa ao gênero/sexo do falante (Gráfico 5.14), indica que, de modo geral, o PPC tem maior percentual de ocorrência na fala feminina – comportamento também observável nos subâmbitos de **AP específico** e **AP ampliado** –, ao passo que o PPS tem sua recorrência pouco mais incrementada entre os homens.

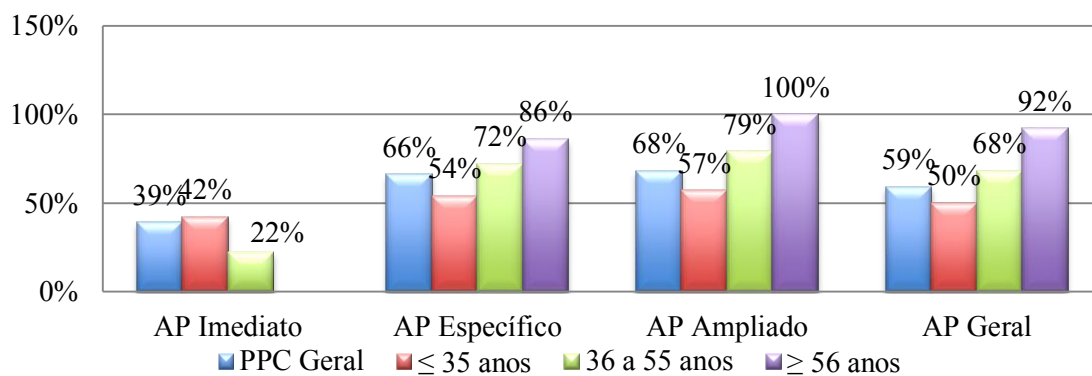
Uma vez que a fala feminina muitas vezes se caracteriza por se aproximar mais da norma avaliada positivamente pela sociedade, o incremento percentual do PPC entre as mulheres pode indicar que, nessa variedade, o PPC recebe uma avaliação positiva, confirmada pelo uso mais estendido que o PPS, sobretudo nos subâmbitos de **AP específico** e **AP ampliado**. No entanto, um desempenho excepcional é encontrado no **AP imediato**, contexto em que o uso do PPC é diminuído na fala feminina, enquanto o PPS tem seu percentual de uso alçado⁴².

O último grupo de fatores, relativo à idade dos informantes (Gráfico 5.15), mostra-se especialmente relevante por ter sido selecionado pelo *Goldvarb Yosemite* na análise geral do

⁴² Conforme temos destaque, devido à limitação de nossos dados em equiparar sistematicamente a quantidade de informantes de ambos os gêneros/sexos, as informações aferidas requerem uma avaliação futura mais estendida.

âmbito de **antepresente**. De modo que, ao observar o âmbito geral de **antepresente**, identificamos um maior percentual de uso do PPC entre os falantes maiores de 56 anos (92%) – valor reforçado pelo peso relativo desse fator (.91). Em seguida, destacam-se os falantes de 36 a 55 anos (68%/.57) e, finalmente, os menores de 35 anos (50%/.40) – com um percentual menor do que o respectivo valor geral de ocorrência do PPC (59%). Apresentando um comportamento inverso, o PPS mostra-se mais recorrente entre os mais jovens (50%), diminuindo gradualmente seu percentual, até encontrar o menor índice entre os falantes maiores de 55 anos (8%).

Gráfico 5.15: Da incidência percentual do grupo de fatores “idade” sobre o uso do PPC no âmbito de antepresente, segundo os dados de San Miguel de Tucumán



Fonte: própria.

Conforme ainda revela o gráfico 5.15, o mesmo comportamento é identificado no **AP específico** e no **AP ampliado**. A exceção, contudo, é identificada no **AP imediato**, contexto em que faltaram dados para o estudo do uso do PPC entre os maiores de 55 anos e o percentual de seu uso entre falantes menores de 35 anos (42%) supera o percentual do segundo grupo etário. Assim, ao contrário do descrito para os demais subâmbitos do **antepresente**, observa-se no **AP imediato** um menor percentual geral de uso da forma composta e um favorecimento do PPC entre os mais jovens (≤ 35 anos) e entre os homens. Tendo em vista que esses traços caracterizam um uso mais inovador, indagamo-nos da possibilidade de considerar a existência de um atual processo de extensão do uso do PPC no âmbito de **AP imediato**. Porém, tendo em vista a limitação de nossos dados nesse contexto, essa hipótese requer um estudo futuro mais cuidadoso, que deverá refutá-la ou assegurá-la.

Mesmo reconhecendo a deficiência originária do *corpus* de análise por não controlar esses fatores extralinguísticos no momento de sua compilação, os dados nos apontam projeções interessantes sobre o funcionamento do PPC na variedade tucumana. Por um lado, tanto a intensificação geral de uso da forma composta (59%, segundo dados da tabela 5.34),

como sua maior recorrência entre o público maior de 36 anos e entre mulheres parecem indicar que o PPC apresenta um uso consolidado e estendido nessa comunidade de fala, recebendo uma avaliação positiva e circulando entre falantes de diferentes faixas-etárias. Não obstante, o aumento na frequência de uso do PPS na fala dos informantes menores de 35 anos parece indicar a possibilidade futura de que essa forma adquira maior espaço na expressão do **antepresente**, em San Miguel de Tucumán, à medida que se efetue uma troca de gerações e a população mais jovem dissemine seu padrão de uso às gerações que lhe sucederem.

A análise dos grupos de fatores linguísticos explicita, de maneira mais sistemática, que a forma composta, nessa variedade diatópica e nesse contexto temporal, relaciona-se fortemente com os sentidos de **continuidade** e **situação passada genérica**. Em acréscimo, observa-se também a pertinência de outros fatores sobre o uso do PPC – tais como a pessoa gramatical e os marcadores temporais com valores aspectual conclusivo –, os quais, como vimos, favorecem uma leitura de **relevância presente**. Finalmente, destacamos que o PPS tem seu uso mais favorecido entre fatores sem marcação aspectual (de duração ou relevância presente), concentrando-se, por isso, em contextos que favorecem uma leitura temporal objetiva de passado, isto é, junto a construções temporais não aspectuais, a verbos télicos e pontuais e a sujeito e a complemento verbal singulares.

5.1.4.3 Síntese contrastiva da contribuição da análise multivariada para o estudo da expressão do antepresente nas variedades de Buenos Aires e San Miguel de Tucumán

De modo sintético, o cotejamento entre as características linguísticas e extralinguísticas que intervêm de modo mais efetivo na seleção de uma das formas do *pretérito perfecto* nas duas variedades diatópicas que apresentaram variação entre o PPS e o PPC no âmbito de **antepresente** mostra que a fragmentação desse âmbito temporal é importante para a compreensão do funcionamento das formas do *pretérito perfecto* (Gráfico 5.1). Conforme se seleciona a análise estatística, o âmbito temporal exerce especial influência sobre a variedade de Buenos Aires, pois permite delinear um comportamento constantemente ascendente, que favorece o uso da forma composta – apesar de ainda assim a forma simples permanecer como a mais recorrente, de modo geral, na expressão do **antepresente** nessa variedade diatópica. Assim, deixa-se o uso categórico do PPS no âmbito do **AP imediato** e se começa a observar um estado de variação a partir do **AP específico**, contexto em há um uso tímido da forma composta (13%). Finalmente, no **AP ampliado** observamos um crescimento percentual mais expressivo do PPC (45%). Por sua vez, em San Miguel de Tucumán, a

recorrência da forma composta já é identificada no **AP imediato** (39%) e substancialmente aumentada na passagem para o **AP específico** (66%), a partir do qual parece se manter estável e superior ao percentual de ocorrências do PPS.

Além da comprovação de que a **abrangência da referência temporal de anterioridade é um fator determinante sobre o funcionamento do PPC e do PPS** em ambas as variedades argentinas, a análise multivariada permite-nos ainda identificar que tanto em Buenos Aires como em San Miguel de Tucumán o PPC é mais recorrente⁴³ junto a contextos linguísticos que favorecem a expressão do valor de **continuidade**, ao passo que o PPS tende a ocorrer com maior frequência junto a fatores que cooperam para uma leitura não continuativa. Desse modo, identificamos em ambas as variedades um maior uso do PPC junto a marcadores temporais durativos, a bases verbais com traço atélico e estativo e a sujeito plural. Em complemento, o *corpus* de Buenos Aires tem o grupo de fatores relativo ao “modo de ação” selecionado pelo *Goldvarb Yosemite*, enquanto que no *corpus* de San Miguel de Tucumán o *software* seleciona o grupo relativo à “telicidade”. Juntos, esses indicadores reafirmam a existência do traço de **continuidade** vinculado ao PPC.

Em especial, identificamos também na variedade tucumana outros fatores que favorecem o uso do PPC e, por conseguinte, apontam para um uso mais estendido da forma composta nessa variedade diatópica. Assim, ainda favorecendo a percepção do sentido de **continuidade**, o PPC também é mais recorrente percentualmente entre verbos de atividade, complemento verbal plural e, especificamente no **AP ampliado**, com orações negativas.

Outro comportamento do PPC exclusivo a San Miguel de Tucumán se deve ao seu favorecimento junto a marcadores temporais com valor conclusivo. O que ressalta, no momento de fala, o **resultado** da situação terminada. Assim, parece ser possível identificar a **persistência** (HOPPER, 1991) de traços semânticos mais primitivos no uso moderno do PPC.

Finalmente, identificamos na variedade tucumana o uso preferencial da forma composta junto à segunda pessoa gramatical, de modo geral, e também junto à primeira pessoa, no **AP ampliado**. A compreensão da relação do uso do PPC com a segunda pessoa requer um estudo futuro, mais apurado, para melhor definir o motivo dessa aproximação. Contudo, como visto, parece que a incidência da primeira pessoa sobre o uso da forma composta especificamente no **AP ampliado** pode ser reflexo de uma tentativa de marcar como mais **relevante** uma situação vivenciada pelo enunciador, dentre outras potencialmente

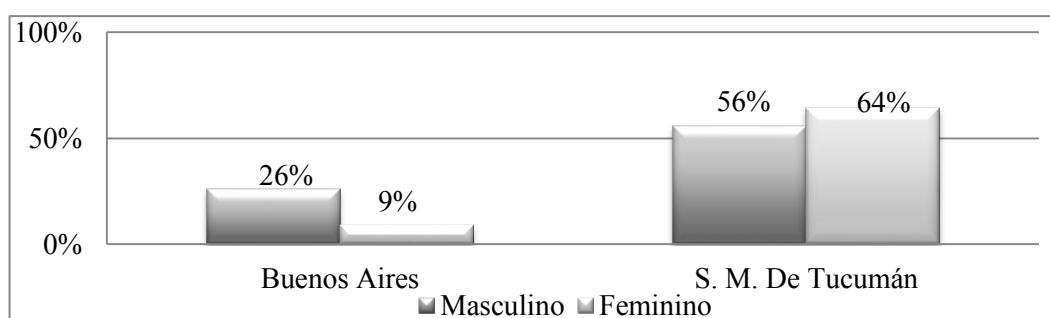
⁴³ Ainda que não, necessariamente, mais recorrente que o PPS, posto que em alguns âmbitos temporais, o percentual de uso do PPC é bem menor que o da forma simples.

existentes nessa concepção temporal mais abrangente (SCHWENTER; CACOULLOS (2008), RODRÍGUEZ LOURO (2009), ÁLVAREZ GARRIGA, 2012).

Tendo em vista que a forma composta é preferencialmente selecionada junto a traços que corroboram a construção do sentido de **continuidade**, parece que, nas variedades argentinas, o *pretérito perfecto* apresenta um uso mais conservador, próprio de fases mais primitivas do processo histórico de sua formação – Alarcos Llorach (1980), Harris (1982) e Detges (2006). Em especial, San Miguel de Tucumán parece apresentar um comportamento ainda mais conservador, posto que, além de se intensificar o uso do PPC junto a outros fatores linguísticos que reforçam o valor aspectual de **continuidade**, a forma composta é também favorecida na expressão do **resultado** de situações descritas (**relevância presente**).

Também comum às duas variedades é a possibilidade de se valer da forma composta para se referir a **situações genéricas potencialmente ocorridas em um passado menos definido**. Conforme vimos, esse uso é especialmente encontrado em orações interrogativas, junto a marcadores temporais indeterminados ou ainda com sujeito ou complemento verbal menos definidos. Além disso, esse uso do PPC não parece relacionado a nenhum dos estágios da mudança e do funcionamento do PPC – conforme descrevem Harris (1982) e Detges (2006) –, levando-nos a identificar traços de uma inovação no funcionamento do PPC tanto em Buenos Aires⁴⁴, como também em San Miguel de Tucumán.

Gráfico 5.16: Do cotejamento da incidência percentual do fator “gênero/sexo” sobre o uso do PPC no âmbito de antepresente, nas variedades de Buenos Aires e San Miguel de Tucumán



Fonte: própria.

Quanto às variáveis extralinguísticas, o gráfico 5.16 ilustra-nos como o fator gênero/sexo incide, de modo geral, sobre o uso das formas do *pretérito perfecto* em ambas as variedades. Se na variedade bonaerense observamos um favorecimento ainda maior do PPS junto a mulheres (91%) e um discreto aumento no uso da forma composta na fala feminina

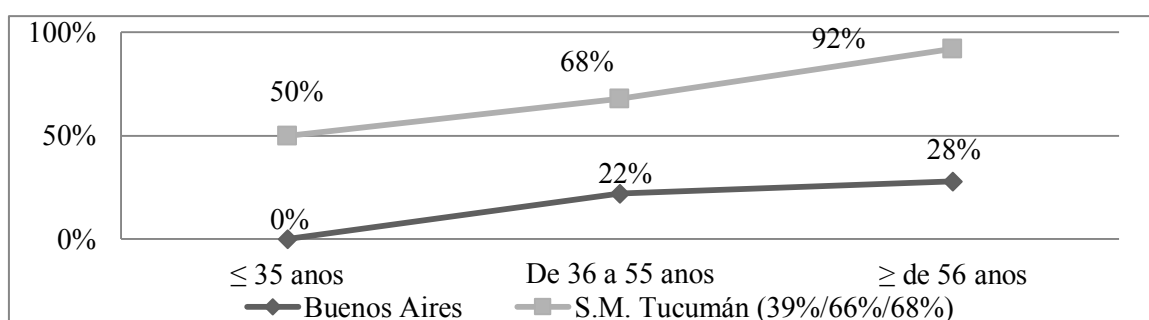
⁴⁴ Como já havia observado Rodríguez Louro (RODRÍGUEZ LOURO, 2009, 2011) na variedade bonaerense.

(26%)⁴⁵, na variedade tucumana verificamos uma tendência inversa, isto é, a fala feminina apresenta maior uso da forma composta (64%) e a forma simples tende a se tornar um pouco mais frequente na fala feminina (44%) – embora a forma composta ainda se mantenha como mais recorrente também junto a esse fator (56%).

Esse comportamento distintivo parece mostrar que, na variedade tucumana, o uso do PPC pode desfrutar de certo prestígio normativo, posto que as mulheres tendem a apresentar maior atenção à norma linguística avaliada positivamente pela sociedade. O alto percentual de uso do PPC nessa variedade diatópica é também um argumento nessa direção. Diante desses dados, parece que em San Miguel de Tucumán o uso do PPC está muito mais consolidado e bem definido que na variedade bonaerense, já que se observa, nesta última variedade, uma maior recorrência, de modo geral, do PPS (inclusive entre as mulheres) e um leve aumento no uso do PPC na fala masculina – apesar de ainda assim o percentual do PPS ser maior. Desse modo, em Buenos Aires, a mudança observada parece ser em direção ao uso do PPS⁴⁶.

Por sua vez, a observação do fator idade, no gráfico 5.17, mostra a existência, em ambas as variedades, de um padrão ascendente no percentual de uso do PPC conforme se aumenta a faixa-etária do grupo de análise. De modo que, tanto em Buenos Aires como em San Miguel de Tucumán, a forma composta é mais recorrente entre os mais velhos (maiores de 56 anos) e o PPS, entre os mais jovens.

Gráfico 5.17: Do cotejamento da incidência percentual do fator “idade” sobre o uso do PPC no âmbito de antepresente, nas variedades de Buenos Aires e San Miguel de Tucumán



No entanto, é pertinente observar que no *corpus* da variedade bonaerense há um uso categórico do PPS entre os informantes mais jovens (menores de 35 anos) e que a curva de ascensão percentual do PPC na passagem do grupo mediano (de 36 a 55 anos) ao mais velho é maior em San Miguel de Tucumán. De modo prático, esse padrão sociolinguístico de uso

⁴⁵ Embora a forma simples ainda se mantenha como mais recorrente (74%).

⁴⁶ Devido à limitação de nossos dados em equiparar sistematicamente a quantidade de informantes de ambos os gêneros/sexos, as informações aferidas requerem uma avaliação futura mais estendida.

reforça nossa afirmação de que nas duas variedades argentinas a forma simples apresenta um uso mais inovador e a composta, um uso mais conservador – tanto é assim que o PPS é mais frequente entre os falantes mais novos e o PPC, entre os mais velhos. Também confirmando essa tendência, em Buenos Aires sequer encontramos o uso do PPC entre os mais jovens e, em San Miguel de Tucumán, o uso do PPC é ainda mais reforçado entre os maiores de 55 anos (92%) – faixa-etária que recebe peso relativo de .89 nessa variedade diatópica⁴⁷.

A julgar pelas informações extralinguísticas, o PPS pode seguir por um processo de expansão em ambas as variedades diatópicas, posto que é especialmente favorecida entre os falantes mais jovens. Uma vez descrito o âmbito de **antepresente** e suas delimitações temporais, passemos à apreciação do âmbito de **passado absoluto**.

⁴⁷ Recordamos que especificamente nos dados referentes ao **AP imediato** do *corpus* compilado para a variedade tucumana encontramos um comportamento diferenciado, posto que, aliado ao menor percentual geral de uso da forma composta, encontramos um favorecimento do PPC entre os mais jovens (≤ 35 anos) e entre os homens. Tendo em vista que esses traços caracterizam um uso mais inovador, indagamo-nos da possibilidade de considerar a existência de um atual processo de extensão do uso do PPC para esse contexto de análise. Contudo, tendo em vista a limitação dos dados, faz-se necessária uma análise futura mais extensa desse contexto.

5.2 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DO PPC E PPS NO PASSADO ABSOLUTO

Conforme estudado na seção I, ao **passado absoluto** se atribui a expressão de situações pretéritas concluídas no passado e que já não mantêm relação temporal direta com o momento de fala (Figuras 1.9 e 1.10). Isso se deve a que os fatos descritos passam a ser contemplados a partir de uma perspectiva (MR/0) de pretérito, isto é, que tem seu término definido anteriormente ao momento em que se enuncia (ME,MR-MF/O-V). Considerando a orientação normativa sobre o uso do *pretérito perfecto* nesse âmbito temporal, verificamos que o PPS é tratado como a forma própria desse contexto (Quadro 1.5). No entanto, há alguns estudos de base mais descritiva que também observam – ainda que menos sistematicamente – a possibilidade de se recorrer ao PPC para expressar o **passado absoluto** (Quadro 1.6).

Os enunciados abaixo, retirados, par a par, de cada um dos *corpora* diatópicos considerados neste estudo, revelam que de fato é possível encontrar ambas as formas coocorrendo nesse âmbito temporal. Em paralelo, observamos também o uso de marcadores temporais que ressaltam a referência temporal terminativa:

- (130) **Madri:** *Pablo Álvarez, que es el editor [sensorial] Alfaguara, vino a ver el año pasado La Gaviota, [...] le gustó mucho la adaptación que había hecho del texto de Tchekhov y me propuso que escribiera algo <M4>.*

Pablo Álvarez, que é o editor [sensorial] Alfaguara, veio ver, no ano passado, *A Gaviota*, [...] Ele gostou muito da adaptação que havia feito do texto de Tchekhov e me propôs que escrevesse algo.

- (131) **Madri:** *Durante los dos años anteriores he tenido una buena relación con el Mister. He trabajado muy bien <M1>.*

Durante os dois anos anteriores, tive uma boa relação com o *Mister*. Trabalhei muito bem.

- (132) **Buenos Aires:** *Con esta misma metodología, hice el monumento al Che, hace dos años y medio. Sí, el catorce de julio de dos mil ocho, se inauguró en Rosario <B2>.*

Com esta mesma metodologia, fiz o monumento ao Che, faz dois anos e meio. Sim, em catorze de julho de dois mil e oito, inaugurou-se em Rosário.

- (133) **Buenos Aires:** *Mi labor específica y la labor de mi grupo es llevar dignidad, por ejemplo, como lo **hemos hecho** el domingo pasado, en el anfiteatro del parque Centenario [...] <B1>.*

Meu trabalho específico e o trabalho do meu grupo é levar dignidade, por exemplo, como o fizemos domingo passado, no anfiteatro do parque Centenário [...].

- (134) **San Miguel de Tucumán:** *Y me dijiste a mi el año pasado: “Quiero estudiar [...] <T9>.*

E você me disse no ano passado: “quero estudar [...].”

- (135) **San Miguel de Tucumán:** *He presentado la renuncia en el día de ayer en forma indeclinable, esto no tiene retroceso <T5>.*

Apresentei a renúncia no dia de ontem de forma indeclinável, isso não tem retrocesso.

Apesar de nem todos os casos de uso das formas do *pretérito perfecto* no *corpus* estarem acompanhados de marcador temporal expresso, propositalmente todos os fragmentos aqui expostos recuperam explicitamente um marcador de tempo (“*el año pasado*”, “*durante los dos años anteriores*”, “*hace dos años y medio*”, “*el catorce de julio de dos mil ocho*”, “*el domingo pasado*”, “*el día de ayer*”) que coloca em evidência a leitura de **passado absoluto**. De fato, de modo geral, apenas 42% das ocorrências dos *pretéritos perfectos* no contexto de **passado absoluto**⁴⁸ estão acompanhadas de uma expressão explícita de tempo, porcentual que além de colocar esse âmbito temporal entre os que mais favorecem o uso de marcadores temporais para especificar o tempo referenciado, também indica a necessidade latente de melhor definir a concepção temporal mais distanciada/separada do momento de fala.

O levantamento das construções temporais mais comuns do **passado absoluto** nos *corpora* compilados resulta na seguinte listagem: “*a principio*”, “*el fin de semana pasado*”, “*en su primer año*”, “*el año/día/mes siguiente/pasado*”, “*un año después*”, “*con apenas ~ años*”, “*mientras...*”, “*desde... hasta...*”, “*la temporada pasada*”, “*antes de*”, “*después de*”, “*en su/un/aquel momento*”, “*hace ~ días/meses/años [atrás]*”, “*hace poquitos días*” “*durante los ~ años/días/meses anteriores*”, “*un momento*”, “*anoche*”, “*con ~ años*”, “*en (año/mes)*”, “*el otro día*”, “*en ese intervalo de tiempo*”, “*ya ~ años/días/meses*”, “*cuando apenas llevaba ~ años/días/semanas/meses*”, “*durante mucho tiempo*”, “*cuando...*”, “*en un primer momento*”, “*cuando tenía ~ años*”, “*cuando era pequeño/adolescente*”, “*en su/aquella época*”, “*hace poquito*”, “*el día que...*”, “*en otra época*”, “*el verano*”, “*el (día) pasado/último*”, “*en aquella oportunidad*”, “*ayer*”, “*un día*”⁴⁹.

Além dessas expressões, nota-se também nesse âmbito uma referência temporal ancorada em fatos históricos específicos do passado, tal como “*durante la dictadura*”, “*durante el debate parlamentario*”, “*en la última elección*”, “*en el último censo*”, “*en los*

⁴⁸ Para a descrição do contexto de **passado absoluto**, analisamos os enunciados em que figuram as 887 ocorrências encontradas de formas do *pretérito perfecto*.

⁴⁹ <Tradução nossa>: “ao princípio”, “no fim de semana passado”, “em seu primeiro ano”, “o ano/dia/mês seguinte/passado”, “um ano depois”, “com apenas ~ anos”, “enquanto...”, “desde... até...”, “a temporada passada”, “antes de”, “depois de”, “em seu/um/aquele momento”, “faz ~ dias/meses/anos [atrás]”, “faz pouquinhos dias” “durante os ~ anos/dias/meses anteriores”, “um momento”, “anoite”, “com ~ anos”, “em (ano/mês)”, “no outro dia”, “nesse intervalo de tempo”, “já ~ anos/dias/meses”, “quando apenas levava ~ anos/dias/semanas/meses”, “durante muito tempo”, “quando...”, “em primeiro momento”, “quando tinha ~ anos”, “quando era pequeno/adolescente”, “em sua/naquela época”, “há pouco”, “o dia que...”, “em outra época”, “o verão”, “a (dia da semana) passada/última”, “naquela oportunidade”, “ontem”, “um dia”.

juegos olímpicos de ochenta y cuatro”, “*el campeonato pasado*”, “*cuando empezaban los blogs*”, “*cuando la oposición tenía mayoría*”, “*en la selección de los ochenta*”⁵⁰, entre outros.

A análise da tipologia de todas essas construções temporais (Tabela 5.36) mostra-nos que há, no **passado absoluto**, uma preferência por marcadores de tempo passado perfectivo (73%) – o que propicia a marcação de uma perspectiva temporal conclusa. Essa propensão é seguida pelo favorecimento de expressões que destacam a informação de duração no passado (26%). Por fim, onze casos com valor de indeterminação no passado (1%) são encontrados especificamente em San Miguel de Tucumán. Vejamos os três tipos de expressões a seguir:

Tabela 5.36: Dos marcadores temporais no passado absoluto

Valor	N	%
Temporal	646	73%
Durativo	230	26%
Indeterminado	11	1%
Total	887	100%

Fonte: própria.

(136) [...] **hemos dejado** una base enorme el año pasado y que ahora le llegaron un montón de jugadores que son de nivel óptimo <B6>.

Deixamos uma base enorme no ano passado e que agora chegou para ele um monte de jogadores que são de ótimo nível.

(137) *De pequeño estaba por las zonas de Ventas y luego **he pasado** el resto de mi infancia en Las Rosas* <M2>.

Quando eu era pequeno, morava pelas zonas de Ventas e depois passei o resto de minha infância em Las Rosas.

(138) *Hola, soy Enzo. Una vez me enteré que mi novia tenía otro* <T2>.

Oi, sou o Enzo. Uma vez descobri que minha namorada tinha outro. ”

Atendo-nos ao estudo dos traços aspectuais próprios das formas verbais, continuamos observando, de modo geral, a maior recorrência de verbos télicos (64% – Tabela 5.37), dado que reforça a existência mais expressiva de uma leitura terminativa junto ao **passado absoluto** – como se percebe nos enunciados (136) e (138), por exemplo. Não obstante, a significativa frequência de verbos atélicos – especialmente em Madri – indica a possibilidade de também expressar duração nesse âmbito temporal. Contudo, conforme se comprova no enunciado (137), essa duração restringe-se à referência de **passado absoluto**.

⁵⁰ <Tradução nossa>: “durante a ditadura”, “durante o debate parlamentar”, “na última eleição”, “no último censo”, “nos jogos olímpicos de oitenta e quatro”, “o campeonato passado”, “quando começavam os blogs”, “quando a oposição tinha maioria”, “na seleção dos anos oitenta”.

Tabela 5.37: Da telicidade no passado absoluto

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán		Total	
Télico	167	58%	235	67%	164	66%	566	64%
Atélico	121	42%	117	33%	83	34%	321	36%
Total	288	100%	352	100%	247	100%	887	100%

Fonte: própria.

O estudo do modo de ação (Tabela 5.38) dos verbos no **passado absoluto** apresenta, de modo geral, o uso mais recorrente de verbo de *achievement*, isto é, pontuais e tólicos em sua concepção – tal como se observa em (136) e (138). Novamente essa preferência pode se relacionar com as características do âmbito temporal, no qual as situações são descritas como terminadas, com menor preferência à marcação de duração.

Tabela 5.38: Dos modos de ação no passado absoluto

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán		Total	
<i>Achievement</i>	112	39%	126	36%	104	42%	342	39%
<i>Accomplishment</i>	57	20%	109	31%	60	24%	226	25%
Atividade	19	6%	29	8%	25	10%	73	8%
Estado	100	35%	88	25%	58	24%	246	28%
Total	288	100%	352	100%	247	100%	887	100%

Fonte: própria.

Também encontramos nesse âmbito a preferência pela terceira pessoa (Tabela 5.39), colocando o **passado absoluto** em situação aparentemente menos favorável para o estudo da relevância da primeira e segunda pessoas no uso das formas do *pretérito perfecto*.

Tabela 5.39: O sujeito gramatical no passado absoluto: pessoas do discurso

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán		Total	
1ª Pessoa	92	32%	92	26%	87	35%	271	31%
2ª Pessoa	37	13%	14	4%	9	4%	60	7%
3ª Pessoa	135	47%	230	65%	149	60%	514	58%
Outros⁵¹	24	8%	16	5%	2	1%	42	5%
Total	288	100%	352	100%	247	100%	887	100%

Fonte: própria.

Uma vez descritos alguns dos traços linguísticos observáveis, de modo geral, no âmbito de **PA** segundo os dados dispostos nos *corpora* compilados, passemos à observação efetiva do comportamento das formas do *pretérito perfecto* nesse contexto temporal.

⁵¹ Incluímos em “outros” os casos de sujeito inexistente ou de sujeitos oracionais.

Conforme nos explicitam os enunciados já expostos e os dados da tabela 5.40, observam-se em todos os *corpora* diatópicos analisados o PPC coocorrendo junto ao PPS no contexto de **PA**, mesmo que com um percentual de frequência sempre menor do que o da forma simples.

Tabela 5.40: Da expressão do passado absoluto nas três variedades diatópicas

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán	
PPC	22	8%	8	2%	28	11%
PPS	266	92%	344	98%	219	89%
Total	288	100%	352	100%	247	100%

Fonte: própria.

Em Madri, notamos que a tendência à seleção categórica de uma das formas do *pretérito perfecto* – a exemplo do que observamos nos subâmbitos de **antepresente** – fragiliza-se na análise dos dados do **passado absoluto**. De maneira que 92% dos casos encontrados nesse contexto de análise pertencem ao PPS e 8% (22 casos) correspondem à forma composta. Assim, pela primeira vez na variedade madrilenha, notamos um cenário mais suscetível ao estudo da variação entre o PPC e o PPS – conforme exemplificaram os enunciados (130) e (131).

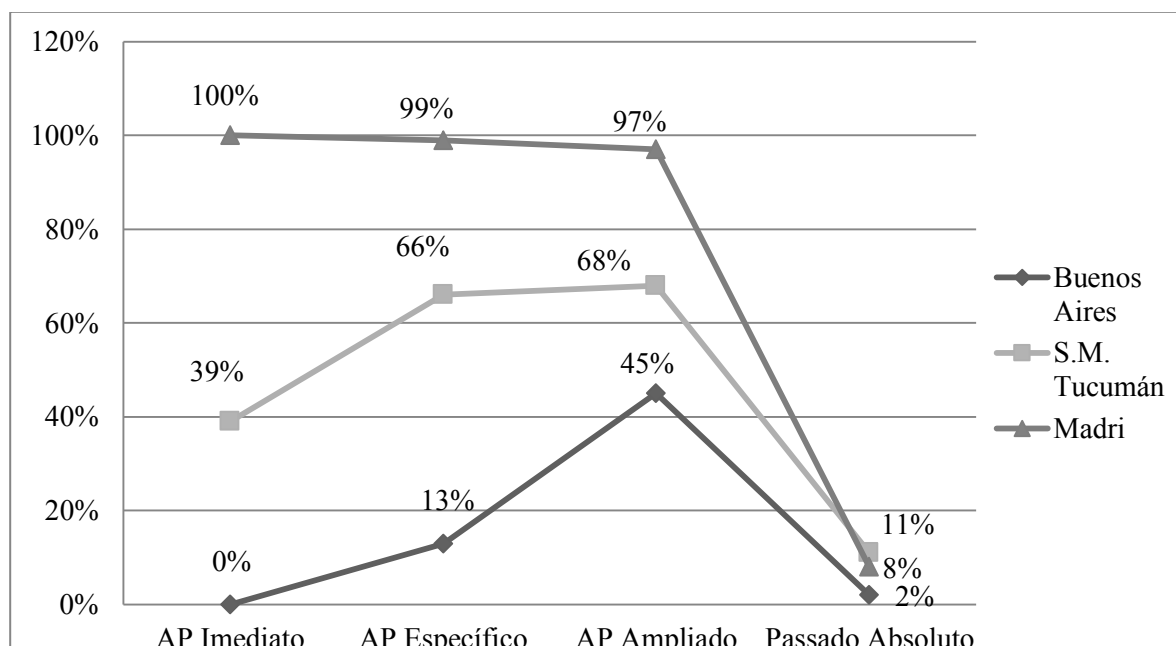
A análise desse panorama deverá oferecer-nos mais informações para a compreensão desse cenário de aparente variação. Contudo, de antemão, sabemos que em algumas variedades peninsulares nota-se a tendência ao avanço do processo de gramaticalização da forma do PPC em direção à quarta etapa de desenvolvimento proposta por Harris (1982) e Detges (2006), isso, é ao **passado absoluto** (SERRANO, 1994; SCHWENTER, 1994; HOWE, SCHWENTER, 2003, 2008; SCHWENTER, CACOULLOS 2008).

Em outros termos, graças à **dessemantização** dos traços aspectuais característicos da origem da construção (**resultado/relevância presente**) foi possível que a forma composta se intensificasse (**especializasse**) com um uso marcadamente temporal, no **antepresente**. É provável que, com o passar dos anos, a referência temporal de anterioridade tenha se ampliado, permitindo que o uso do PPC tenha se estendido a contextos de anterioridade mais abertos e generalizados. Essa acomodação viabilizaria a expressão de situações passadas ocorridas inclusive em âmbitos temporais cuja referência sequer alcança o momento da enunciação (**passado absoluto**). Como vimos, esse parece ter sido o processo de mudança já concretizado no francês e no italiano do norte, por exemplo (PAIVA BOLÉO, 1936; DETGES, 2006; SQUARTINI BERTINETTO, 2000).

A hipótese que considera esse comportamento histórico da forma composta parece ajustar-se às informações reveladas pela análise dos dados de Madri, isso porque, conforme

discutimos e sintetiza o gráfico 5.18, observa-se o uso praticamente categórico da forma composta nos âmbitos de **antepresente** e o discreto avanço do PPC ao contexto de **passado absoluto** – ainda expresso mais reiteradamente pela forma simples.

Gráfico 5.18: Da incidência percentual do grupo de fatores “âmbito temporal” sobre o uso do PPC nas três variedades diatópicas



Fonte: própria.

Em Buenos Aires, por sua vez, observamos um uso quase que categórico da forma simples (98%) no âmbito de **passado absoluto**, o que permite, dessa vez, afirmar a existência de uma maior proximidade entre o uso efetivo nessa variedade diatópica e a norma-padrão. No entanto, ainda que muito escassas, as ocorrências do PPC (2%) no *corpus* diatópico merecem uma atenção especial no interior dos enunciados em que figuram a fim de avaliarmos se é possível identificar, nos casos encontrados, alguma tendência de uso ou apenas um emprego idiossincrático. Os enunciados (132) e (133) exemplificam a expressão do **passado absoluto** na variedade portenha.

Não obstante, diferentemente do que observamos na variedade madrilenha, é importante destacar que não parece possível afirmar, sobre a norma bonaerense, que o uso da forma composta no contexto de **passado absoluto** seria uma evidência da extensão de seu uso a um contexto temporal mais geral de passado. Isso porque, justamente nos contextos definidos historicamente como mais propícios para sua ocorrência – **antepresente “imediato>específico>ampliado”** – também se observa uma baixa frequência do PPC – sempre menor que o percentual do PPS.

Por último, o *corpus* de San Miguel de Tucumán apresenta o índice percentual mais significativo no uso do PPC no âmbito de **passado absoluto**, alcançando 11% (28 casos). No entanto, em comparação com o percentual de uso nos subâmbitos temporais de **antepresente**, observamos uma diminuição brusca no uso do PPC. À semelhança do comportamento observado na variedade bonaerense, também se pode afirmar, sobre os dados de San Miguel de Tucumán, que o uso do PPC no **passado absoluto** não parece ser resultante de sua extensão para um contexto de passado mais amplo, cuja referência já se encontra concluída antes do momento de enunciação. Isso porque a forma composta não parece ter seu uso definido e especializado no âmbito de **antepresente**. A análise multivariada dos dados provenientes dessa variedade deve melhor esclarecer a eventual existência de outros fatores que possam estar por detrás do funcionamento dessas formas verbais. De antemão, contudo, os enunciados (134) e (135) exemplificam a expressão do **PA** na variedade tucumana.

Em síntese, conforme representa o gráfico 5.18, o âmbito de **passado absoluto** rompe, nas variedades argentinas, com a tendência a dar preferência pela forma composta à medida que se distancia do MF. Nesse contexto temporal, o PPS apresenta-se, em ambas as variedades, como forma de uso intensamente privilegiada – em consonância com o que propõe a tradição gramatical. Contudo, ainda assim se nota um uso restrito do PPC, cuja motivação será alvo da seguinte análise multivariada. A exemplo do que revelou o estudo do comportamento da forma composta no âmbito de **antepresente**, é possível que o uso dessa forma no **passado absoluto** possa estar relacionado a algum traço aspectual (**continuidade**), à **relevância informativa** ou ainda à expressão de **situações passadas genéricas**.

Por sua vez, o comportamento do PPC na variedade de Madri indica que o uso da forma composta em contexto de **passado absoluto** resulta do avanço do processo de gramaticalização dessa forma, segundo o *continuum* descrito por Harris (1982) e Detges (2006). No entanto, a análise multivariada aplicada aos dados dessa variedade também deve nos auxiliar a delinear melhor o funcionamento do PPC no âmbito de **passado absoluto**.

5.2.1 Análise multivariada da expressão do passado absoluto em Madri

A tabela 5.41 sintetiza a análise do contexto de **passado absoluto** em Madri. Ao fim da tabela, expomos a quantidade e o percentual gerais de ocorrências do PPC (22 casos/8%) na relação com o total de casos do *pretérito perfecto* (288 casos), além dos valores de *input* e *log-likelihood*.

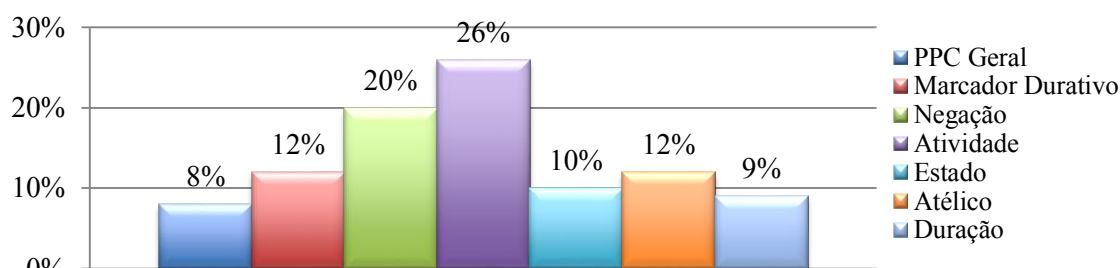
Tabela 5.41: Da análise multivariada na expressão do passado absoluto em Madri

GRUPOS DE FATORES				N	% PPC	Total N	Peso
LINGÜÍSTICO	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	10	5%	188	[.44]
			Durativo	12	12%	99	[.60]
			Conclusivo	0	0%	1	–
		Presença	Explícito	15	12%	122	.64
			Implícito	7	4%	159	.38
			<i>range</i>				
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	7	4%	167	.37
			Atélico	15	12%	121	.68
			<i>range</i>				
		Duração	Pontual	6	5%	112	[.49]
			Durativo	16	9%	176	[.51]
		Modo de ação	<i>Achievement</i>	6	5%	112	[.45]
			<i>Accomplishment</i>	1	2%	57	[.23]
			Atividade	5	26%	19	[.91]
			Estado	10	10%	100	[.58]
		SUJEITO	Pessoa	1 ^a	8	9%	92
	2 ^a			5	14%	37	[.87]
	3 ^a			7	5%	137	[.43]
	Número		Singular	19	8%	226	[.09]
			Plural	1	2%	40	[.60]
<i>range</i>					20		
COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	7	5%	128	[.45]	
		Plural	1	6%	17	[.30]	
ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	21	8%	259	[.49]	
		Negativa	1	20%	5	[.82]	
		Interrogativa	0	0%	24	–	
EXTRA LINGÜÍST.	SEXO	Masculino	17	9%	194	[.53]	
		Feminino	5	5%	94	[.43]	
	IDADE	Até 35 anos	13	13%	102	[.73]	
		36 – 55 anos	8	5%	157	[.42]	
		Mais de 55 anos	1	3%	29	[.17]	
	Input: .10				Log-Likelihood: 64.995 [51.416]		Total N=22/288 (8%)

Fonte: própria.

De modo muito semelhante ao comportamento identificado na análise dos subâmbitos de **antepresente** nas variedades argentinas, observamos, em Madri, que ao se estender ao contexto de **passado absoluto**, o PPC tem seu percentual de ocorrência incrementado junto aos fatores linguísticos que evidenciam uma leitura durativa. Tanto é assim que o uso dessa forma é maior que o seu percentual geral no âmbito de **passado absoluto** (8%) em contextos em que se observam (i) marcadores temporais de valor durativo (12%), (ii) orações negativas (20%) e (iii) verbos de atividade (26%) e de estado (10%) – definidos, como é sabido, pelos traços de atelicidade (12%) e duração (9%) – conforme sintetiza o gráfico 5.19.

Gráfico 5.19: Da incidência percentual dos grupos de fatores que favorecem a leitura de continuidade no âmbito de passado absoluto, segundo os dados de Madri



Fonte: própria.

No entanto, conforme lemos nos enunciados (139) e (140), as expressões “*durante dos años*” e “*de infancia*” ressaltam que as atividades (“*hemos trabajado*”, “*he crecido*”) e o estado (“*he pasado*”) descritos prolongam-se no tempo, mas que, por pertencerem à perspectiva de **passado absoluto**, já se encontram terminados quando ocorre o momento de enunciação⁵². Em complemento, ressaltamos a relevância que tem o grupo de fatores relativos ao **modo de ação** do verbo, posto que apresenta uma *range* de [.68]. Com especial destaque, os verbos de atividade recebem maior percentual (26%) e peso relativo ([.91]) no uso do PPC.

(139) A: [...] *me da la impresión de que ese último galardón lo consideras un poquito especial, José María, ¿verdad?*

B: [...] *Sí, efectivamente. [...] la verdad que **hemos trabajado** durante dos años el guionista y yo [...] y bueno es una obra que significa mucho para mí. <M2>*.

A: José Maria, tenho a impressão de que você considera esse último prêmio um pouquinho especial. É verdade? /B: Sim, efetivamente. [...] a verdade [é] que trabalhamos durante dois anos o roteirista e eu [...] e, bem, é uma obra que significa muito para mim.

(140) *Es un paraíso de infancia donde **he crecido**. Donde **he pasado** largas temporadas <M9>*.

É um paraíso de infância onde cresci. Onde passei longas temporadas.

Quanto aos traços de duração e atelicidade, conforme também verificamos em (141) e (142), esses fatores favorecem a descrição de situações que persistem no tempo. Assim, sabemos que tanto “*ha vivido*” como “*ha sido um placer*” são estados que necessariamente demandam um tempo mais estendido para se efetivarem. Nessa direção, é válido destacar a especial relevância da atelicidade para o estudo do PPC no âmbito de **passado absoluto**, isso porque, além da maior recorrência percentual do PPC junto a esse fator, o *Goldvarb Yosemite* seleciona o grupo de fatores referente à “telicidade” como mais relevante estatisticamente

⁵² Tanto é assim que é inviável recorrer, na tradução ao português, à forma do pretérito composto dessa língua (“temos trabalhado”, “tenho crescido” e “tenho passado”), tal qual se fazia possível na análise de algumas ocorrências do **antepresente**. Essa diferenciação entre os dois tipos de âmbito de anterioridade deve-se a que o momento de referência no **passado absoluto** não alcança o momento de fala, ao passo que no **antepresente**, alcança – permitindo, às vezes, a explicitação de uma leitura continuativa.

para o estudo da variação entre o PPS e o PPC na expressão do **passado absoluto**, atribuindo o peso relativo de .68 para os verbos atélicos.

(141) [...] *de su época coreana, porque usted **ha vivido** allí, supongo que por motivos laborales* <M8>.

[...] sobre sua época coreana, porque você viveu ali suponho que por motivos de trabalhos.

(142) *La verdad que en este caso **ha sido** un placer dibujar por eso, porque había una base tan buena sobre que trabajar* [...] <M2>.

A verdade que nesse caso foi um prazer desenhar para isso, porque havia uma base tão boa sobre a que trabalhar [...]

Evidentemente, também é possível encontrar a forma composta ocorrendo junto a traços linguísticos que não favorecem a leitura de persistência, isto é, com verbos télicos e pontuais – como no enunciado (143) –, além, é claro, da forma simples ocorrendo em contextos que favorecem a leitura de **continuidade** – enunciado (144). Contudo, o que nos interessa mostrar é que, conforme indicam as informações estatísticas (Tabela 5.41), a forma composta tende a ser favorecida, na variedade madrilenha, junto à veiculação do sentido de **continuidade**⁵³, ao passo que a simples tem seu índice ainda mais incrementando quando junto a traços que desfavorecem o valor de duração (marcadores temporais não durativos e verbos télicos, pontuais, de *achievement* e de *accomplishment*).

(143) *Así que en diciembre **ha llegado** un momento en el que, supongo, llega Mourinho y te dice “Antonio, vas a jugar tú”* <M1>.

Assim que em dezembro chegou um momento em que, suponho, chega Mourinho e diz para você: “Antônio, você vai jogar”.

(144) [...] *la verdad es que cuando yo **viví** en Nueva York, pues era otra época [...] eran los 90* <M8>.

[...] a verdade é que quando eu vivi em Nova Iorque era outra época [...] era a década de 90.

Quanto ao estudo dos **tipos de oração**, além do uso categórico do PPS junto a orações interrogativas, verificamos a relevância da negação para o estudo do PPC não apenas pelo percentual (20%), mas também pelo peso relativo atribuído ao fator: [.82]. Apesar da dificuldade em avaliar as implicações efetivas do contexto negativo para o uso do PPC devido à escassez de ocorrências dessa forma nesse contexto, o único caso encontrado do PPC parece mostrar que nem sempre esse fator opera favorecendo uma leitura durativa (conforme indicam, por exemplo, SCHWENTER; CACOULLOS, 2008; HOWE; RODRÍGUEZ LOURO, 2013). Conforme lemos em (145), ao menos em conjunto com verbos pontuais (*achievement*), a informação de duração não parece ser favorecida em orações negativas.

⁵³ Mesmo havendo, no âmbito de **passado absoluto**, a preferência por uma descrição temporal menos durativa, isso é, que favorece uma leitura perfectiva (conforme os dados das tabelas 5.37, 5.38 e 5.39).

(145) [...] *es la típica historia de la nota de selectividad, pues que no me **ha llegado** para hacer veterinaria, terminé haciendo un año de ingeniería informática [...] y de ahí salté a hacer la carrera de ciencias químicas [...]* <M6>.

[...] é a típica história da nota de vestibular, pois não foi suficiente para fazer medicina veterinária, terminei fazendo um ano de engenharia da computação [...] e daí pulei para a graduação em química.

Contudo, é importante salientar a coocorrência da forma composta (“*ha llegado*”) com a simples (“*terminé*”, “*salté*”) nesse enunciado. Se por um lado esse cenário evidencia uma situação da variação entre as duas formas, por outro, permite verificar o uso do PPC com função de **relevância presente**, posto que a situação descrita em PPC (“*no me ha llegado*”) implica uma série de **resultados** (indicados, em seguida, nas situações expressas em PPS), que determinarão a atual profissão da entrevistada: apresentadora de um programa de televisão sobre curiosidades científicas.

Em outros termos, devido à ausência da pontuação necessária para ingressar no curso superior de medicina veterinária (“*no me ha llegado*”), a enunciadora passou por outros cursos superiores (“*terminé haciendo un año de ingeniería informática*”, “*de ahí salté a hacer la carrera de ciencias químicas*”) até, por fim, dedicar-se a uma profissão que lhe permitisse fazer o que mais gostava: divulgação científica. Paralelamente, o uso do dativo ético⁵⁴ “*me*” pode auxiliar-nos na percepção dessa leitura, posto que ajuda a enaltecer a intensidade do envolvimento emocional do falante em relação ao que está sendo dito, isto é, o quanto ele é “afetado” pela situação descrita (BERLINCK, 1996, p. 147), marcando, por conseguinte, os resultados decorrentes desse fato passado.

Conduzindo a análise dos dados para os demais grupos de fatores, verificamos que o traço de **pluralidade** tanto junto ao sujeito como ao complemento verbal parece favorecer ainda mais o uso da forma simples, de modo que se mostra irrelevante na intensificação do uso do PPC. Quanto à presença ou ausência explícita de um **marcador temporal** junto ao verbo no contexto de **passado absoluto**, observamos que, no *corpus* de Madri, há um favorecimento ao uso do PPC quando se explicita uma construção temporal (12%/.64). Essa informação auxilia na desambiguação do contexto temporal de análise, evidenciando o uso da forma composta em contexto de **passado absoluto**.

Por fim, a análise da **pessoa gramatical** demonstra um incremento maior no índice do PPS junto à terceira pessoa, ao passo que notamos um favorecimento do PPC junto à segunda pessoa (14%), o que é evidenciado pelo peso relativo atribuído a esse fator: [.87].

⁵⁴ Segundo explica a RAE (2009, p.2657), os dativos éticos permitem integrar no verbo um elemento distante a ele, mas que é afetado, em alguma medida, pela noção expressa no predicado. Em complemento, Campos (1999, p.1547) diz que o dativo ético é o complemento que se interessa vivamente na relação da ação expressa pelo verbo.

Paralelamente, nota-se também uma recorrência significativa do PPC junto à primeira pessoa (9%). Cumpre destacar que o favorecimento da forma composta em primeira e segunda pessoas revela um comportamento contrário às características gerais descritas no âmbito de **passado absoluto**, que, como sintetiza a tabela 5.39, tende a apresentar maior recorrência de verbos conjugados em terceira pessoa.

Tabela 5.42: Do cruzamento do grupo de fatores “pessoa gramatical” com o grupo de fatores “telicidade” na expressão do passado absoluto em Madri

		1ª pes.		2ª pes.		3ª pes.	
Atélico	PPC	8	19%	3	38%	2	4%
	PPS	35	81%	5	62%	51	96%
Télico	PPC	0	-	2	7%	5	6%
	PPS	49	100%	27	93%	79	94%
Total		92		37		137	

Fonte: própria.

Uma análise mais refinada desse grupo de fatores, proveniente do cruzamento desses dados com os referentes à “telicidade” (Tabela 5.42), indica-nos que o percentual de uso do PPC junto à primeira pessoa e à segunda pessoas é alçado um pouco mais se observamos a combinação dos fatores “atélico” e “primeira” (19%) ou “segunda” (38%) pessoas. Inversamente, a recorrência da forma simples se acentua na combinação dessas pessoas com o fator “télico” – apresentando inclusive um uso categórico junto à primeira. A soma de um verbo atélico ao sujeito de primeira e segunda pessoas reforça, mais uma vez, o valor durativo que parece acompanhar a forma composta reiteradamente – como já tivemos a oportunidade de observar nos enunciados (139) e (140).

Conforme temos defendido, o uso do PPC junto à primeira pessoa pode ser um indício de que essa forma verbal carrega consigo alguma informação que permite marcar como especialmente relevante uma experiência passada vivenciada pelo próprio enunciador, a qual, sob ótica do falante, recebe uma valoração diferenciada das demais experiências que acumulou ao longo da vida. De maneira que, em (146), o enunciador – que atualmente reside no Japão, país de que tem descendência – poderia ressaltar, por meio do uso do PPC, uma maior ligação com Madri, já que descreve sua infância em bairros da capital espanhola.

(146) *De pequeño estaba por las zonas de Ventas y luego **he pasado el resto de mi infancia** en Las Rosas <M2>.*

Quando era pequeno, morava pelas zonas de *Ventas* e logo passei o resto de minha infância em *Las Rosas*.

Tendo em vista, contudo, a limitação dos dados encontrados nesse contexto temporal na variedade madrilenha e o baixo peso relativo desse fator, torna-se mais difícil verificar a

efetiva aplicabilidade dessa hipótese à análise qualitativa das ocorrências. De maneira que identificamos a necessidade de avaliar mais extensivamente, em trabalhos futuros, o encaixamento do PPC na primeira pessoa.

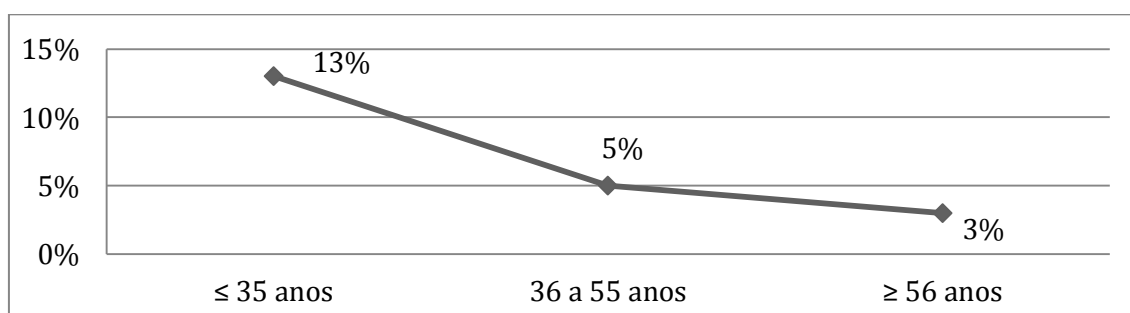
Por sua vez, o uso da forma composta de modo ainda mais consistente (14%/[.87]) junto à segunda pessoa também leva-nos a indagar sobre a existência de algum traço mais subjetivo no uso do PPC nesse contexto. No entanto, faz-se também necessária uma avaliação mais extensiva e sistematizada, em trabalhos futuros, da interferência da segunda pessoa no uso do PPC. De antemão, em (147), parece possível que o enunciador esteja se reportando, por meio do PPC, a uma experiência vivenciada pelo enunciatário, durante sua adolescência – a qual, ainda hoje, estaria repercutindo em sua vida profissional (**relevância presente**) – quando destaca-se como cantor com forte influência de ritmos estadunidenses.

(147) [*durante*] *tus años de estancia en Nueva York, donde **has vivido** varios años y en plena adolescencia además* <M8>.

[durante] seus anos de estância em Nova Iorque, onde você viveu vários anos e em plena adolescência, inclusive.

Dirigindo-nos às variáveis extralinguísticas, os dados coletados no *corpus* de Madri indicam uma recorrência do PPC um pouco mais significativa entre os homens (9%), ao passo que a recorrência do PPS é incrementada entre as mulheres. Aliado ao alto percentual geral de uso do PPS, o comportamento das formas do *pretérito perfecto* orientado pela variável **gênero/sexo** põe em evidência que, em Madri, a forma simples é efetivamente a forma de prestígio na expressão do **passado absoluto**. Contudo, recordamos que, devido à limitação do *corpus* de análise na equalização de falantes de ambos os gênero/sexo, esses dados apenas indicam possíveis tendências, exigindo uma análise mais refinada a fim de comprova-las.

Gráfico 5.20: Da incidência percentual do grupo de fatores “idade” sobre o uso do PPC no âmbito de **passado absoluto**, segundo os dados de Madri



Fonte: própria.

Aparentemente mais relevante para o estudo da variação entre o PPS e o PPC no âmbito de **passado absoluto**, o fator **idade** (Gráfico 5.20) mostra-nos que o uso da forma

composta é sensivelmente mais comum entre os mais jovens (menos de 35 anos) e que sua recorrência tende a diminuir à medida que se aumenta a idade do grupo analisado – culminando no aumento no uso do PPS. O peso relativo reforça tanto a relevância do fator idade – haja a vista o *range* de [.57] – como também a tendência descrita, atribuindo o valor [.73] aos mais jovens e [.17] aos mais velhos.

Em conjunto, os dois fatores parecem indicar que a inserção do PPC no contexto de **passado absoluto** é um fenômeno relativamente novo na variedade de Madri, já que é menos privilegiado na fala feminina – mais atenta à norma de prestígio – e também entre os grupos etários mais velhos – os quais tendem a apresentar um comportamento linguístico mais conservador. Essa informação, por sua vez, vai ao encontro do que temos afirmado sobre o comportamento histórico do PPC na variedade de Madri, isso porque demonstra que, uma vez consolidada no **AP**, a essa forma estende-se gradualmente à expressão do **PA**, demonstrando, desse modo, o início do estágio de transição na expressão dessa concepção temporal.

Em síntese, a contribuição da análise multivariada para a sustentação dessa hipótese reside no fato de apontar como se inicia a transferência do PPC para o âmbito de **passado absoluto**. Em termos práticos, observamos um uso da forma composta com características aspectuais de **duração** e **relevância presente**. Fundamentalmente, o PPS segue sendo especialmente favorecido em contextos menos marcados aspectualmente pelo traço de duração. Contudo, ainda desfruta de um *status* de prestígio nesse contexto de análise, haja vista sua maior recorrência, de modo geral, e uma maior incidência junto à fala feminina e entre falantes mais velhos. Uma vez delineada um pouco mais a expressão do **passado absoluto** em Madri, passemos à análise do mesmo contexto temporal em Buenos Aires.

5.2.2 Análise multivariada da expressão do passado absoluto em Buenos Aires

A tabela 5.43 sintetiza a análise dos dados encontrados no contexto de **passado absoluto** no *corpus* compilado de Buenos Aires. Ao fim da tabela, dispomos os valores de *input* e *log-likelihood*, além da quantidade e do percentual gerais de ocorrências do PPC (8 casos/2%) na relação com o total de casos do *pretérito perfecto* (352 casos).

Tabela 5.43: Da análise multivariada na expressão do passado absoluto em Buenos Aires

GRUPOS DE FATORES				N	% PPC	Total N	Peso
LINGÜÍSTICO	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	8	3%	265	–
			Durativo	0	0%	87	–
		Presença	Explícito	5	3%	151	[.59]
			Implícito	3	1%	201	[.41]
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	8	3%	235	–
			Atélico	0	0%	117	–
		Duração	Pontual	5	4%	127	[.52]
			Durativo	3	1%	225	[.49]
		Modo de ação	<i>Achievement</i>	5	4%	127	[.59]
			<i>Accomplishment</i>	3	3%	108	[.42]
			Atividade	0	0%	29	–
			Estado	0	0%	88	–
	SUJEITO	Pessoa	1ª	4	4%	92	[.46]
			2ª	1	7%	14	[.90]
			3ª	3	1%	230	[.47]
		Número	Singular	3	1%	267	.39
			Plural	5	7%	69	.81
							range
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	6	5%	130	[.49]
			Plural	2	7%	27	[.56]
ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	8	3%	306	–	
		Negativa	0	0%	20	–	
		Interrogativa	0	0%	26	–	
EXTRALINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino	7	2%	305	[.50]	
		Feminino	1	2%	47	[.51]	
	IDADE	Até 35 anos	0	0%	23	–	
		36 – 55 anos	7	3%	258	[.55]	
		Mais de 55 anos	1	1%	71	[.33]	
Input: .08				Log-Likelihood: 25.341 [23.135]		Total N=8/352 (2%)	

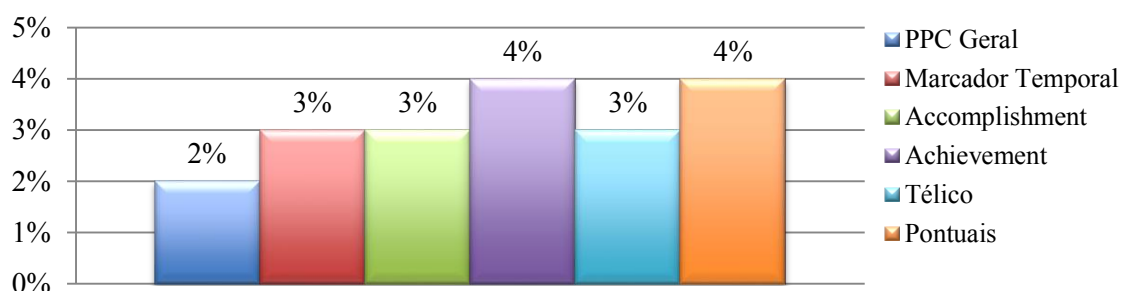
Fonte: própria.

Tendo em vista que o uso quase categórico do PPS (98%) nesse contexto de análise implica uma sobreposição massiva da forma simples sobre o uso do PPC (2%) – tanto de modo geral, como no exame de cada um dos fatores envolvidos na análise multivariada – a discussão seguinte irá se restringir apenas em apontar os fatores que, de alguma maneira, contribuem para que a forma composta ainda mantenha uma ocorrência, mesmo que discreta.

Assim, a análise multivariada dos dados indica uma tendência diferente do que descrevemos até aqui. Isso porque, no **passado absoluto**, a forma composta deixa de ser percentualmente mais recorrente junto aos fatores linguísticos que evidenciam uma leitura de **continuidade** e passa a ser mais recorrente em contextos com uma leitura **perfectiva**. Conforme se observa no gráfico 5.21, o PPC tem o uso concentrado junto a marcadores

temporais sem informação aspectual de duração (3%) e a verbos télicos (3%) – do tipo *accomplishment* (3%) ou *achievement* (4%). Também se identifica um percentual maior do PPC junto a verbos pontuais (4%).

Gráfico 5.21: Da incidência percentual dos grupos de fatores que favorecem a leitura de perfectividade no âmbito de passado absoluto, segundo os dados de Buenos Aires



Fonte: própria.

A fim de melhor avaliar esses dados, expomos, a seguir, os enunciados encontrados nesse contexto de análise:

(148) *Mi labor específica y la labor de mi grupo es llevar dignidad, por ejemplo, como lo **hemos hecho** el domingo pasado, en el anfiteatro del parque Centenario [...] <B1>.*

Meu trabalho específico e o trabalho do meu grupo é levar dignidade, por exemplo, como o fizemos domingo passado, no anfiteatro do parque Centenário [...].

(149) *Hace unos días atrás **hemos recibido**, desde la legislatura porteña [...] una invitación a un recital por el monumento a la mujer originaria. [...] Que se realizó el sábado, veinticinco de septiembre, en diagonal sur y Perú <B2>.*

Há uns dias atrás, recebemos, da câmara portenha [...] um convite para o recital pelo monumento à mulher originária. [...] Que se realizou no sábado, vinte e cinco de setembro, na avenida diagonal sul, com a rua Peru.

(150) *[...] esto **ha generado** en su momento mucha polémica. A ver, yo entiendo que a una figura como la de Roca se le premia con el billete más caro o de más valor en nuestro país ¿no? Eh... con los cien pesos. Y a otras figuras, como San Martín, se lo ponen en los billetes de cinco ¿no? <B2>*

[...] isso gerou, no seu momento, muita polêmica. Olha, eu entendo que uma figura como a de Roca é reconhecida coercitivamente com a nota mais cara ou de mais valor em nosso país, né? É... com os cem pesos. E outras figuras, como San Martín, são colocadas nas notas de cinco, né?

(151) *Tati siempre nos dice que es la tarea de los organismos de derechos humanos. Nosotros **hemos constituido** uno [en diciembre]. El archivo de la memoria de la diversidad sexual. Tienen la tarea de mantener vivo esto, porque si la gente se olvida, mira lo que pasa <B4>.*

Tati sempre nos diz qual é a tarefa dos organismos de direitos humanos. Nós constituímos um [em dezembro]. O arquivo da memória da diversidade sexual. Têm a tarefa de manter vivo isso, porque se as pessoas se esquecem, olha o que acontece.

(152) *Habría que ir por el título de algún profesional que **ha dicho** esas cosas [en aquella ocasión], porque **han violado** leyes, diciendo esas mentiras, barbaridades obscurantistas <B4>.*

Deveriam cassar o título de algum profissional que disse essas coisas [naquela ocasião], porque violaram leis, dizendo essas mentiras, barbaridades obscuras.

(153) ***Has terminado** un estudio... un sondeo, hace poquitos días ¿no? <B5>*

Você concluiu um estudo... uma pesquisa de intenção de votos há poucos dias, não é?

(154) *[...] **hemos dejado** una base enorme el año pasado y que ahora le llegaron un montón de jugadores que son de nivel óptimo <B6>.*

Deixamos uma base enorme no ano passado e que agora chegou pra ele um monte de jogadores que são de ótimo nível.

Observamos nos enunciados (149), (151), (153) e (154) situações (“*hemos recibido una invitación*”, “*hemos constituido uno*”, “*has terminado un estudio*”, “*hemos dejado una base enorme*”, respectivamente) pontuais e téticas (*achievement*) que não só descrevem ações perfectivas, mas parecem repercutir, de alguma maneira, no momento presente. De modo mais pontual, em (149) o contraste entre o PPC (“*hemos recibido*”) e o PPS (“*realizó*”) permite-nos observar, respectivamente, o enunciador destacar aquilo que lhe confere e que lhe dá lugar de destaque (“receber o convite do próprio poder legislativo”), daquilo que objetivamente ocorreu no tempo e espaço (“recital pelo monumento à mulher originária”).

Na mesma direção, em (151) e (154), os enunciadores parecem enfatizar, por meio da forma composta, que seu trabalho (“*hemos constituido uno*” e “*hemos dejado una base*”) não apenas é relevante, mas ainda traz consequências ao momento da enunciação. Assim, apresenta, de maneira explícita, qual é o **resultado** presente de sua intervenção no passado (“*mantener vivo*” e “*le llegaron un montón de jugadores*”). Em especial, em (154), observa-se mais uma vez a contribuição da oposição entre as formas composta e simples para a argumentação desenvolvida pelo enunciador, de maneira que, com o PPC (“*hemos dejado*”), trata-se como especialmente relevante a ação realizada por ele e, com o PPS (“*llegaron*”), apresenta-se o resultado, mais recente, da situação previamente desenvolvida.

Finalmente, em (153), parece ser possível inferir, com o uso da forma composta (“*has terminado*”), a valoração de uma informação nova, a qual deve contribuir para um maior esclarecimento sobre o posicionamento do eleitorado sobre o cenário político em discussão.

Nesse ponto, é válido estabelecer também um paralelo com os dados relativos ao estudo da interferência das **personas gramaticais**. Conforme expõe a tabela 5.43, o percentual de uso do PPC junto à primeira pessoa é duplicado (4%), em comparação ao seu percentual geral no âmbito de **pasado absoluto** (2%), e mais que triplicado junto à segunda pessoa (7%) – significância que é reforçada pelo peso relativo atribuído a esse fator [.90].

Apesar da pouca quantidade de dados que viabilizam a análise do fator “pessoa do discurso”, esses números, reforçados pela discussão apresentada na análise dos enunciados (149), (151), (153) e (154), parecem indicar a possibilidade de marcar como mais **relevante** uma situação específica e concreta que foi vivenciada pelo enunciador ou pelo enunciatário. Não obstante, a comprovação desse comportamento requer uma análise mais sistemática e ampliada desse fator, em estudos futuros.

Voltando-nos ao estudo das informações pertencentes à base verbal, observamos que, devido ao valor de duração que os verbos de *accomplishment* também apresentam, verifica-se a presença discreta desse valor nos enunciados (148), (150) e (152), já que “*hacer algo*”, “*generar mucha polémica*”, “*decir esas cosas*” – respectivamente –, demandam certo período de desenvolvimento antes de chegar a sua conclusão. Apesar dessa característica, é importante também destacar que se soma aos verbos de *accomplishment* o traço de “telicidade”, o que nos permite observar as referidas ações como perfectivas, isto é, terminadas. Em complemento, a exclusiva recorrência de marcadores temporais de passado, sem informação durativa, corrobora a leitura perfectiva identificada, de modo geral, nos dados expostos.

Dentre os fatores que favorecem a construção do valor de duração, apenas o relativo ao **número** do sujeito (7%) – grupo de fatores selecionado – e do complemento verbal (7%) apresenta um discreto incremento percentual no uso do PPC. A observação desses fatores, por exemplo, no enunciado (152) mostra que, aliados a um verbo télico e pontual – como é o caso de “*violar*” –, favorecem uma leitura iterativa, segundo a qual entendemos que o desrespeito a diferentes leis por vários profissionais foi realizado muitas vezes no passado descrito.

Tendo em vista que é possível encontrar na norma bonaerense o uso do PPC também fazendo referências a **situações genéricas ocorridas em um passado menos preciso/determinado** (RODRÍGUEZ LOURO, 2009, 2011), os dados encontrados do PPC parecem indicar que esse comportamento não é tão evidente no contexto de **passado absoluto**, posto que, com exceção do enunciado (152), as demais ocorrências do PPC fazem referência a fatos pontuais efetivamente identificados pelo enunciador (“*lo hemos hecho*”, “*hemos recibido una invitación*”, “*ha generado mucha polémica*”, “*hemos constituido uno*”, “*has terminado un estudio*”, “*hemos dejado una base*”) como pertencente a um momento definido do passado (“*el domingo pasado*”, “*hace unos días atrás*”, “*en su momento*”, “*en diciembre*”, “*hace poquitos días*”).

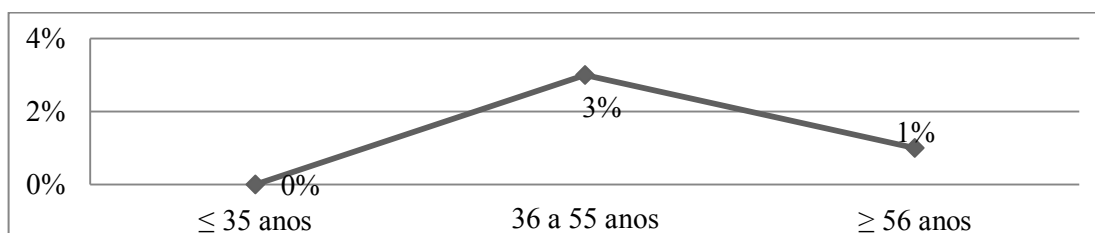
Contudo, a observação do enunciado (152) revela que o uso do PPC fazendo referência a **situações genéricas em uma envoltura temporal menos definida** ocorre justamente em um contexto linguístico em que o sujeito é menos determinado. Tanto é que,

no enunciado em questão, ele é modificado por um adjetivo indefinido (“*algún*”) ou está ausente – em um verbo conjugado na terceira pessoa do plural e com o agente indeterminado (“*han violado leyes*”). Ademais, a soma de um complemento verbal plural corrobora a imprecisão informativa (“*esas cosas/leyes*”), haja vista que não se sabe exatamente o número de vezes ou quando as coisas foram ditas/leis foram violadas.

Finalmente, por não haver casos do PPC ocorrendo em orações interrogativas ou negativas, torna-se impossível avaliar a pertinência desses fatores para o estudo do comportamento da forma composta. Quanto à presença ou ausência explícita de um marcador temporal junto ao verbo no contexto de **passado absoluto**, observamos que, no *corpus* de Buenos Aires, há uma recorrência um pouco maior do PPC quando se explicita uma construção temporal (3%). Essa informação auxilia-nos na desambiguação do contexto temporal em análise, evidenciando o uso da forma composta nesse âmbito.

Dirigindo-nos ao estudo dos grupos de fatores extralinguísticos, aparentemente, a análise do **gênero/sexo** dos falantes apresenta um padrão equilibrado do uso do PPC nos dados coletados de Buenos Aires – tanto é assim que o percentual e peso relativo atribuído a ambos os gêneros/sexos são praticamente iguais⁵⁵. Por sua vez, o estudo da **faixa-etária** aponta, no gráfico 5.22, que a forma composta apresenta um padrão de uso mais conservador, posto que não é encontrado entre os mais jovens, sendo que os poucos dados se concentram entre falantes de idade entre 36 e 55 anos – grupo seguido pelos mais velhos (maiores de 55 anos).

Gráfico 5.22: Da incidência percentual do grupo de fatores “idade” sobre o uso do PPC no âmbito de passado absoluto, segundo os dados de Buenos Aires



Fonte: própria.

Em suma, o estudo do PPC no âmbito de **PA** em Buenos Aires revela que, na contramão do funcionamento descrito no **AP**, essa forma aparentemente deixa de ser mais recorrente em contextos que exprimem um sentido de duração, ao passo que é discretamente mais recorrente junto a traços linguísticos que operam na construção de situações perfectivas.

⁵⁵ Devido à limitação de nossos dados em equiparar sistematicamente a quantidade de informantes de ambos os gêneros/sexos, as informações aferidas requerem uma avaliação futura mais estendida.

Característica que, em combinação com o percentual mais elevado na primeira e segunda pessoas do discurso, parece indicar um uso com valor de **relevância presente**. Além disso, é provável que a referenciação a **situações genéricas ocorridas em um passado menos definido** também se realize por meio do uso do PPC – sobretudo quando junto a traços que favorecem a descrição situações menos definidas, tais como a marcação de plural e marcadores de tempo indeterminado. Sobre o aspecto extralinguístico, os dados parecem reproduzir a tendência já identificada no contexto de **AP**, isto é, a concentração de seu uso entre os mais velhos. Uma vez que o PPS apresenta um uso quase que categórico nesse contexto temporal e que os jovens recorrem apenas a ele para expressar o **PA**, parece haver uma tendência à intensificação do desuso do PPC nesse âmbito.

Por fim, tendo em vista a escassez dos dados, as tendências delineadas requerem um estudo mais estendido e apurado, em pesquisas futuras, do funcionamento do PPC no **passado absoluto**. Por outro lado, a expressiva recorrência da forma simples em todos os cenários contemplados pelas variáveis independentes e dependentes evidencia não apenas a vitalidade dessa forma em Buenos Aires, mas também seu prestígio na expressão do **passado absoluto**.

5.2.3 Análise multivariada da expressão do passado absoluto em San Miguel de Tucumán

A tabela 5.44 sintetiza a análise multivariada dos dados encontrados no contexto de **passado absoluto** no *corpus* tucumano. Ao fim da tabela, dispomos os valores de *input* e *log-likelihood*, além da quantidade e do percentual gerais de ocorrências do PPC (28 casos/11%) na relação com o total de casos do *pretérito perfecto* (247 casos).

Além do uso muito mais expressivo da forma simples (89%) que o da composta nesse contexto de análise, um exame mais cuidadoso dos fatores que, de algum modo, exercem influência sobre o uso do PPC e do PPS, indica-nos novamente que a forma simples tem seu índice levemente incrementado junto a fatores menos suscetíveis à expressão de duração, especialmente com verbos télicos e pontuais (91%). Em movimento inverso, apesar da menor recorrência da forma composta junto a marcadores temporais com valor durativo (6%), o percentual de uso do PPC é levemente favorecido junto a outros traços linguísticos que veiculam a informação de duração, indicando que essa forma verbal também é privilegiada em contextos que favorecem uma leitura de **continuidade**.

Tabela 5.44: Da análise multivariada na expressão do passado absoluto em San Miguel de Tucumán

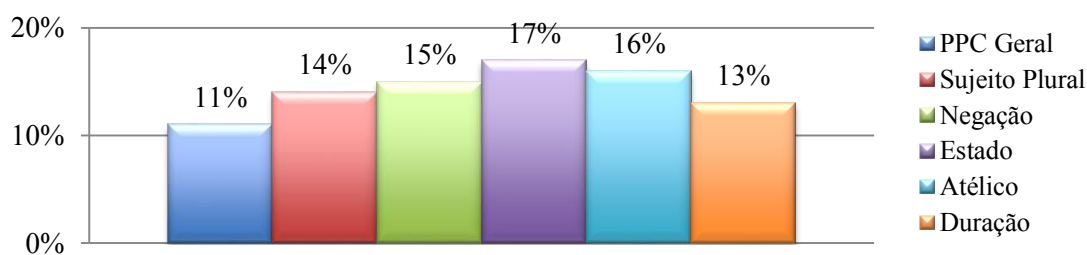
GRUPOS DE FATORES				N	% PPC	Total N	Peso
LINGÜÍSTICO	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	26	13%	205	[.53]
			Durativo	2	6%	31	[.31]
			Indeterminado	0	0%	11	–
		Presença	Explícito	13	13%	99	[.54]
			Implícito	15	10%	148	[.48]
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	15	9%	164	[.49]
			Atélico	13	16%	83	[.51]
		Duração	Pontual	9	9%	105	[.50]
			Durativo	19	13%	143	[.50]
		Modo de ação	<i>Achievement</i>	9	9%	104	[.44]
			<i>Accomplishment</i>	6	10%	60	[.50]
			Atividade	3	12%	25	[.48]
			Estado	10	17%	58	[.60]
	SUJEITO	Pessoa	1ª	6	7%	87	[.41]
			2ª	2	22%	9	[.88]
			3ª	19	13%	149	[.53]
		Número	Singular	18	10%	182	[.47]
			Plural	9	14%	63	[.58]
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	10	11%	89	[.52]
			Plural	2	10%	20	[.41]
ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	26	12%	223	[.49]	
		Negativa	2	15%	13	[.56]	
		Interrogativa	0	0%	11	–	
EXTRALINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino	28	14%	199	–	
		Feminino	0	0%	48	–	
	IDADE	Até 35 anos	15	9%	173	.44	
		36 – 55 anos	13	19%	68	.64	
		Mais de 55 anos	0	0%	6	–	
			<i>range</i>			20	
Input: .13				Log-Likelihood: 81.704 [78.034]		Total N=28/247 (11%)	

Fonte: própria.

Nessa direção, o gráfico 5.23 indica o percentual mais elevado de ocorrência do PPC junto a verbos atélicos (16%) e durativos (13%) – especialmente, com os estativos (17%) –, bem como junto a sujeito plural (14%) e orações negativas (15%)⁵⁶.

⁵⁶ Conforme temos esclarecido, apesar dos fatores que abrem precedentes para uma leitura durativa reiteradamente contribuírem para uma acentuação na recorrência da forma composta, também podemos encontrar o uso do PPS junto a eles – inclusive, com maior frequência que o PPC em muitas conjunturas de análise. O que merece especial atenção, contudo, é o fato de sistematicamente a forma composta ter uma relativa maior consistência de uso junto a esses traços, enquanto a simples recebe um favorecimento especial junto a fatores menos abertos à leitura continuativa.

Gráfico 5.23: Da incidência percentual dos grupos de fatores que favorecem a leitura de continuidade no âmbito de passado absoluto, segundo os dados de San Miguel de Tucumán



Fonte: própria.

Conforme observamos nos enunciados (155) e (156), os verbos de atividade (“*han estado haciendo aguante*”) e estado (“*ha sido*”) – marcados pelos traços de duração e atelicidade – favorecem uma leitura durativa da situação descrita. No entanto, por se inserir em uma perspectiva temporal já concluída no momento de fala, essas situações são vistas em sua completude. Assim, por exemplo, sabemos pelo conhecimento de mundo que dispomos que a torcida (“*nos han estado haciendo aguante*”) descrita em (155) já não está presente.

(155) *Besos, chicas. Muy divinas todas que nos han saludado, nos **han estado haciendo aguante** [en el show del último sábado] <T2>.*

Beijos meninas. Muito maravilhosas todas que nos cumprimentaram, estiveram torcendo por nós [no show do sábado passado].

(156) [...] *nos vamos a abocar al show del sábado que **ha sido** espectacular <T2>.*

Vamos nos dirigir ao show de sábado, que foi espetacular.

A observação das ocorrências do PPC em **orações negativas** – enunciados (157) e (158) – mostra-nos que, no âmbito de **passado absoluto**, a polaridade negativa não contribui para uma leitura de **continuidade**, mas aparentemente serve para destacar, em uma relação contrastiva, as implicações de uma situação passada específica no momento de fala. Assim é que em (157), o enunciador **B** se contrapõe a **A** ao afirmar, por meio do PPC, que não foi fotografado nenhuma vez com “Cecy” (“*no se ha sacado*”), sentindo-se, por isso, desprestigiado e menos importante quando enuncia.

(157) *A: ¡Qué lindas que está nuestra foto, Cecy! Nos sacó una foto [el sábado].*

*B: Conmigo no se **ha sacado** [el sábado] <T2>.*

A: Que lindas que está nossa foto, Cecy. Tirou uma foto nossa [no sábado]. /B: Comigo não tirou [no sábado].

(158) *Ni yo **he nacido** hablando bien <T9>.*

Nem eu nasci falando bem.

Na mesma direção, em (158), a entrevistadora discorre sobre o desafio que envolve a formação profissional do jornalista. Com esse fio argumentativo, mostra que, mesmo ocupando atualmente uma profissão (locutora de rádio) em que a voz e a retórica são ferramentas de trabalho importantes, passou por um árduo processo de transformação, de um estado em que não “falava bem”, ao estado atual, em que é uma boa comunicadora. Essa transformação é implicada também por meio do uso da forma composta, posto que, ao ser usada para se referir a uma ação no **passado absoluto** (“*he nacido*”), evidencia o esforço pessoal em sair do estado inicial de despreparo (quando não era uma boa locutora) para se transformar, por fim, em uma profissional reconhecida.

O uso do PPC com função contrastiva em orações negativas parece ser resultante do valor de **relevância presente** associado ao PPC (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p.3), posto que esse uso estabelece relação – ainda que subjetiva – entre situações passadas e o momento de fala. Como vimos, esse sentido se constroi a partir do valor aspectual de **perfeito**, o qual, segundo Comrie (1976), volta-se ao momento posterior ao da situação descrita, mostrando-nos seus **resultados**, isto é, a **relevância presente** de uma situação concluída.

Por sua vez, conforme observamos em (159) e (160) a análise do traço de **pluralidade** junto ao sujeito permite aferir, em alguns contextos, o maior prolongamento da situação descrita. Assim é que a locomoção de um grupo de pessoas (“*la gente que ha ido*”) e o cumprimento oferecido por todas elas (“*me han saludado*”) demandam naturalmente um maior período para se efetivar. Contudo, percebe-se novamente que, por se inserir em uma perspectiva temporal já concluída no momento de fala (**PA**), identificamos que, mesmo tomando um maior tempo para se realizar em sua completude, toda a situação descrita encontra-se concluída quando enunciada. Ou seja, não há a possibilidade dessas situações descritas persistirem até o momento de fala, como verificamos, por exemplo, em algumas situações durativas pertencentes ao âmbito de **antepresente**.

(159) *Gracias a toda la gente ha ido a Los Arcos a vernos [el sábado] <T1>*.

Obrigado a todas as pessoas que foram a *Los Arcos* para nos ver [no sábado].

(160) [...] *dicen que en Leales nos escucha un montón de gente. Han estado y me han saludado después del show [del sábado] <T1>*.

[...] dizem que em *Leales* nos escuta um montão de pessoas. Estiveram e nos cumprimentam depois do show do sábado.

A análise do grupo de fatores relativo à **pessoa gramatical** indica um uso percentualmente maior junto à segunda pessoa (22%/[.88]). Apesar do alto valor de peso relativo, esse dado equivale apenas aos dois casos expostos a seguir. Como temos defendido, tendo em vista a maior restrição de dados junto à segunda pessoa, faz-se necessário estender

futuramente o estudo a uma análise mais ampliada, sistematizada e focada nesse fator a fim de avaliar sua real contribuição no uso do PPC.

(161) *Usted, creo, **ha vuelto** a ser el sexy symbol que era antes del Sábado <T2>*.

Você, acho, voltou a ser o sexy symbol que era antes do Sábado.

(162) *A: He presentado la renuncia en el día de ayer en forma indeclinable.*

*B: [...] usted **ha decidido** [ayer] esta renuncia porque el grupo menor no estaba de acuerdo con su forma de trabajo <T5>*.

A: Apresentei a renúncia no dia de ontem, de forma indeclinável. /B:[...] você decidiu [ontem] essa renúncia porque o grupo menor não estava de acordo com sua forma de trabalho.

Observando o enunciado (161), em paralelo ao que também observamos em (163) e (164), parece haver uma preferência pela forma composta sempre que esteja em uma oração subordinada substantiva, encabeçada pelo verbo “*creer*”, expressando, portanto, a opinião pessoal do enunciador diante do fato observado por ele.

(163) *Creo que [el show de sábado] **ha sido** el mejor que hemos hecho <T2>*.

Acho que [o show de sábado] foi o melhor que fizemos.

(164) *Yo creo que ustedes mismos **han sido** el termómetro de lo que ha ocurrido con el cambio prestacional en aquel momento <T5>*.

Acho que vocês mesmos foram o termômetro do que ocorreu com a mudança de benefício naquele momento.

A relevância desse contexto sintático é tamanha que tanto no **passado absoluto**, como no **antepresente**, todas as ocorrências de orações subordinadas aos verbos de opinião (“*creer/pensar*”) no *corpus* de San Miguel de Tucumán são da forma composta. Os enunciados (165) a (168) mostram os demais casos encontrados no âmbito de **antepresente** e permite-nos verificar, mais uma vez, que, ao expor sua opinião, o enunciador vale-se da forma composta para apresentar uma situação segundo seu ponto de vista. Em complemento, destacamos que esse comportamento da forma composta não é identificado em nenhuma das outras duas variedades diatópicas contempladas nesta pesquisa.

(165) *Creo que la federación está trabajando en cada uno de los ámbitos que se **han creado** en el último año <T3>*.

Acho que a federação está trabalhando em cada um dos âmbitos que se criou neste último ano.

(166) *Yo pienso que **ha llegado** un momento [en los últimos días] en que se **ha sentido** acorralado <T6>*.

Eu acho que chegou um momento [nos últimos dias] em que ele se sentiu sem saída.

(167) *Entonces, creo que lo **han acorralado** y sí, es así. Lo **han acorralado** y lo **han llevado** al suicidio <T6>*.

Então, acho que o sufocaram e sim, é assim. Sufocaram-no e o levaram ao suicídio.

(168) *Creo que en estos diez años Tucumán se **ha transformado** <T7>*.

Acho que nestes dez anos Tucumán se transformou/tem se transformado.

Finalmente, voltando-nos à análise do **passado absoluto**, um único caso parece escapar a essa tendência descrita. Conforme verificamos em (169), a oração subordinada constrói-se com uma forma simples (“*se sintieron*”). Apesar da aparente exceção, encontramos logo em seguida o uso da forma composta (“*se han detectado*”), dessa vez fazendo referência a uma ação que, segundo o enunciador, é presumível (*presunta*), mais genérica – conforme ressaltam o adjetivo indefinido “*algunas*” e o complemento plural – e desenvolvida em um passado menos definido. Por outro lado, quando o enunciador assume uma postura mais assertiva e menos modalizada para fazer referência à mesma situação descrita – conforme se lê em (170) –, ele vale-se da forma simples (“*dije concretamente que detectaron irregularidades*”). Parece, portanto, que a forma composta pode funcionar, nessa variedade diatópica, também com uma espécie de **modalizador do discurso**, à medida que apresenta um fato como menos concreto e pressumível.

(169) *Yo creo que en el fondo se sintieron molestos porque se han detectado algunas irregularidades o presuntas irregularidades en un área del PAMI que se llama Relación con beneficiario <T5>.*

Eu acho que no fundo se sentiram incomodados porque se identificaram algumas irregularidades ou pressupostas irregularidades em uma área do PAMI que se chama relação com beneficiário.

(170) *Yo lo que dije concretamente que se detectaron irregularidades en un área llamada Relación con Beneficiario <T5>.*

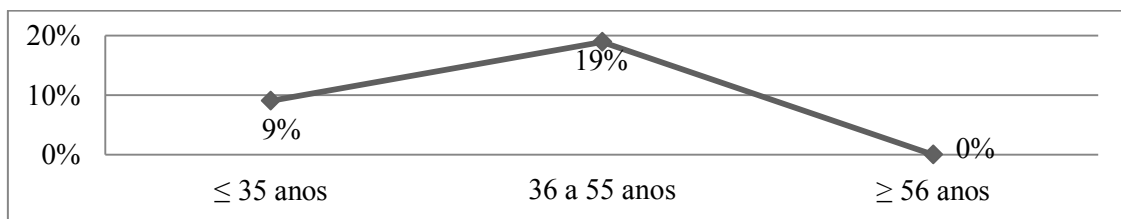
O que eu disse concretamente é que se detectaram irregularidades em uma área chamada relação com o beneficiário.

Conduzindo a análise para os fatores extralinguísticos, observamos um comportamento diferente do descrito nos subâmbitos de **antepresente** dessa mesma variedade diatópica, isso porque todos os casos encontrados são observados na fala masculina, já que a fala feminina apenas apresenta casos do PPS⁵⁷. Além disso, conforme observamos no gráfico 5.24, o estudo da variável **idade** revela a ausência de casos do PPC entre os mais velhos (acima de 55 anos), um uso mais retraído entre menores de 35 anos e uma preferência maior entre adultos de 36 a 55 anos. Juntos, os dois grupos de fatores parecem indicar que o uso da forma composta no contexto de **passado absoluto** é relativamente recente na variedade tucumana, posto que ainda não é identificado na fala feminina, nem entre os falantes maiores de 55 anos e, por isso, tendendo a um incremento caso se torne bem avaliado socialmente e seja transmitido às gerações vindouras. Contudo, chamamos atenção à evidente maior

⁵⁷ Devido à limitação do *corpus* de análise na equalização de falantes de ambos os gênero/sexo, esses dados apenas indicam possíveis tendências, exigindo uma análise mais refinada a fim de comprova-las.

recorrência, de modo geral, do PPC nesse contexto de análise, o que enfatiza o papel singular dessa forma na expressão do **passado absoluto**.

Gráfico 5.24: Da incidência percentual do grupo de fatores “idade” sobre o uso do PPC no âmbito de passado absoluto, segundo os dados de San Miguel de Tucumán



Fonte: própria.

5.2.4 Síntese contrastiva da contribuição da análise multivariada para o estudo da expressão do passado absoluto nas três variedades diatópicas

Comum a todas as variedades é a inquestionável preferência dada, de modo geral, à forma simples sobre a composta, quando se trata da expressão do **passado absoluto**. No entanto, a análise multivariada indicou-nos que, conforme a variedade diatópica, há especificidades dentro desse padrão geral.

Além de um percentual mais elevado de recorrência do PPC, as variedades de San Miguel de Tucumán e Madri compartilham o favorecimento por essa forma junto a traços linguísticos que operam na construção do sentido de duração, especialmente junto a verbos atéticos. Em especial, Madri ainda tem esse sentido favorecido devido à maior porcentagem do PPC junto a marcadores temporais de valor durativo. Como vimos, mesmo ocorrendo em contextos de marcação aspectual durativa, por se incluir em uma referência temporal concluída no momento da enunciação, a situação durativa descrita não persiste até o momento da fala. Assim, em (171) e (172) percebemos que, apesar de durativas, as situações descritas (“*passar el resto de mi infancia*”, “*estar haciendo aguante*”) são apresentadas como concluídas. Por outro lado, em (173), observamos uma ação durativa (“*demonstrar que es el mejor portero*”) que pode permanecer até o momento de fala, isso porque pertence a uma perspectiva temporal ainda aberta – de **antepresente**.

(171) *De pequeño estaba por las zonas de Ventas y luego **he pasado el resto de mi infancia en Las Rosas** <M2>.*

Quando era pequeno, morava pelas zonas de *Ventas* e logo passei o resto de minha infância em *Las Rosas*.

(172) *Besos, chicas. Muy divinas todas que nos han saludado, nos **han estado haciendo** aguante [el sábado pasado] <T1>.*

Beijos meninas. Muito maravilhosas todas que nos cumprimentaram, estiveram torcendo por nós [o sábado passado].

(173) *Para mí él **ha demostrado** en los últimos cinco años que es el mejor portero del mundo <MI>.*

Para mim, ele demonstrou/tem demonstrado nos últimos cinco anos que é o melhor goleiro do mundo.

No que concerne a Buenos Aires, identificamos a ausência do PPC junto a verbos atélícos. De maneira que, ao ser favorecido junto a verbos de *achievement* e *accomplishment*, os dados de Buenos Aires parecem indicar o uso do PPC como marcador de uma situação **relevante no presente**. Essa mesma função parece ser reforçada na variedade bonaerense pelo uso mais intensificado da forma composta junto à primeira e à segunda pessoas do discurso. Por exemplo, observamos em (174) o enunciador enfatizar, por meio do uso do PPC, que seu trabalho (“*hemos dejado una base*”) não apenas é relevante, mas ainda repercute no presente da enunciação. Desse modo, apresenta, por meio do PPS, qual é o resultado de sua intervenção no passado (“*le llegaron un montón de jugadores*”).

(174) *[...] **hemos dejado** una base enorme el año pasado y que ahora le llegaron un montón de jugadores que son de nivel óptimo <B6>.*

Deixamos uma base enorme o ano passado e que agora chegou pra ele um monte de jogadores que são de ótimo nível.

Apesar de não conseguirmos identificar o uso do valor de **relevância presente** junto às primeira e segunda pessoas nas variedades de Madri e San Miguel de Tucumán, a análise da ocorrência do PPC em orações negativas nessas duas variedades demonstra a possibilidade do uso da forma composta com essa função. Assim, ao invés de favorecer uma leitura de **continuidade** (como propuseram Schwenter; Cacoulios (2008) e Howe; Rodríguez Louro (2013)), as orações negativas, em associação ao PPC, permitem destacar, em uma relação contrastiva, as implicações de uma situação específica passada, no momento de fala. Assim é que em (175), o enunciador **B** se contrapõe a **A** ao afirmar que não foi fotografado nenhuma vez com “Cecy”, sentindo-se, por isso, desprestigiado e menos importante quando enuncia.

(175) *A: ¡Qué lindas que está nuestra foto, Cecy! Nos sacó una foto [el sábado].*

*B: Conmigo no se **ha sacado** [el sábado] <T2>.*

A: Que lindas que está nossa foto, Cecy. Você tirou uma foto nossa [no sábado]. / B: Comigo não tirou [no sábado].

Em especial, na variedade tucumana, encontramos também o uso intenso da forma composta em orações subordinadas a verbos de opinião, isto é, em contextos de maior posicionamento subjetivo do enunciador sobre um fato descrito – tal como em (176).

Finalmente, em ambas as variedades argentinas, identificamos uma leve tendência a fazer referência a **situações genéricas ocorridas em um contexto passado menos definido** – como em (177).

(176) *Yo pienso que **ha llegado un momento** [en los últimos días] en que se **ha sentido** acorralado <T6>.*

Eu acho que chegou um momento [nos últimos dias] em que ele se sentiu sem saída.

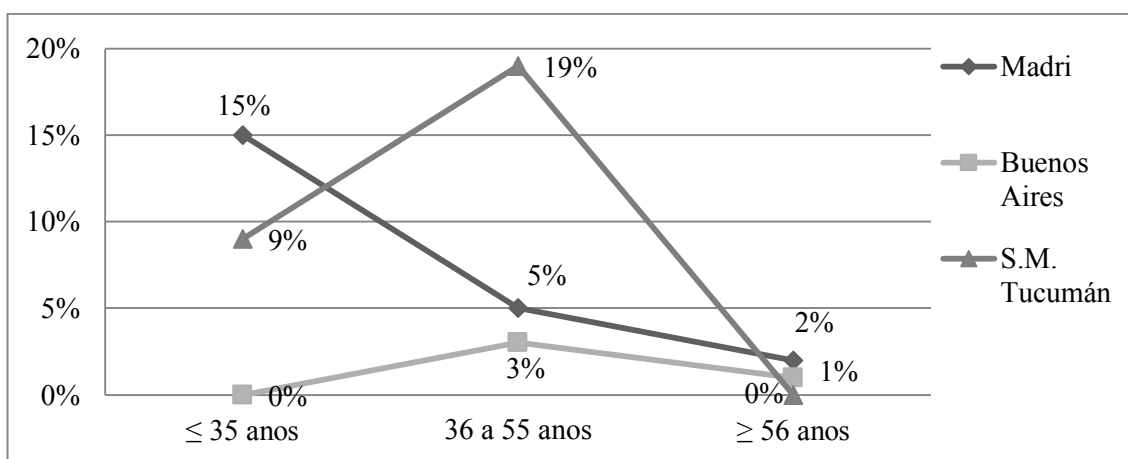
(177) *Gabriela Michetti **habilitó la llegada al recinto de esos psicólogos que decían** “yo los voy a curar [...]”. **Habría que ir por el título de algún profesional que ha dicho esas cosas** [en aquella ocasión], porque **han violado** leyes, diciendo esas mentiras, barbaridades obscurantistas <B4>*

Gabriel Michetti autorizou a chegada ao recinto desses psicólogos que diziam “eu vou curá-los”. Deveriam cassar o título de algum profissional que disse essas coisas [naquela ocasião], porque violaram leis, dizendo essas mentiras, barbaridades obscuras.

Tudo isso exposto, parece que nas três variedades diatópicas esconde-se por detrás do uso do PPC no âmbito de **passado absoluto** um uso ainda marcado por alguma questão aspectual (duração) ou por uma avaliação subjetiva das situações apresentadas (**relevância presente** ou **passado genérico**).

Finalmente, a análise das variáveis extralinguísticas mantém a aproximação entre as variedades de Madri e de San Miguel de Tucumán e as contrapõe à variedade de Buenos Aires, isso porque, nas duas primeiras identificamos o uso do PPC concentrado na fala masculina e o uso do PPS, na fala feminina. Em Buenos Aires, por sua vez, o fator gênero/sexo revela uma tendência equilibrada entre homens e mulheres. Novamente, lembramos que os dados referentes ao gênero/sexo apenas nos apontam direcionamentos que demandam futuras investigações a fim de comprová-los ou refutá-los

Gráfico 5.25: Da incidência percentual do grupo de fatores “idade” sobre o uso do PPC no âmbito de passado absoluto, nas três variedades diatópicas



Fonte: própria.

Por sua vez, conforme observamos no gráfico 5.25, o estudo do fator idade no uso do PPC parece indicar que em Madri a extensão da forma composta ao contexto de **PA** é um fenômeno mais recente, já que é mais frequente entre jovens (menos de 35 anos) e se reduz à medida que aumenta a idade do informante – aumentando ainda mais o índice de ocorrência do PPS. De modo semelhante, em San Miguel de Tucumán, também parece haver um uso mais inovador do PPC nesse contexto temporal, já que apenas o PPS é encontrado entre os maiores de 55 anos, havendo recorrência da forma composta nos dois primeiros grupos etários investigados, com especial destaque para o segundo, com falantes entre 36 e 55 anos. Finalmente, a norma bonaerense mantém o padrão de uso já observado no âmbito de **AP**, segundo o qual apenas a forma simples é encontrada entre falantes com menos de 35 anos, ao passo que se encontram casos do PPC entre falantes maiores de 36 anos. Esse comportamento nos revela que o PPC caracteriza um uso mais antigo nessa variedade diatópica.

Em suma, funcionalmente, o PPC guarda em todas as variedades traços aspectuais e pragmáticos quando usado no contexto de **passado absoluto**. Em acréscimo, o que nos revela o estudo das variáveis extralinguísticas é que, tanto em Madri como em San Miguel de Tucumán, essa forma pode vir a se desenvolver nesse **âmbito temporal**, estendendo seu uso e, quem sabe, ajustando-se a outros valores. Por outro lado, haja vista a restrição de ocorrências e o uso entre a população mais idosa em Buenos Aires, a história do PPC não parece indicar, por hora, uma tendência à extensão e inovação no uso, nessa variedade.

Finalmente, a observação indireta do uso do PPS demonstra que, quando se trata da expressão do **passado absoluto**, a forma simples apresenta uma inquestionável vitalidade em todas as variedades diatópicas – sobretudo em Buenos Aires –, tanto é assim que detém um percentual substancialmente maior de ocorrência na análise geral dos dados e no exame pontual de cada um dos fatores. Em especial, em Madri e San Miguel de Tucumán, identificam-se tanto um uso ligeiramente favorecido entre fatores menos suscetíveis à leitura de duração (verbos télicos e pontuais, por exemplo), como uma tendência, ainda que sutil, a um possível debilitamento futuro de seu emprego, tendo em vista que seu uso é um pouco menor nos dados referentes à população mais jovem.

5.3 CONCLUSÕES SOBRE A EXPRESSÃO DO ANTEPRESENTE E PASSADO ABSOLUTO NAS VARIEDADES DA ARGENTINA E ESPANHA

5.3.1 Da incidência do “tempo” e do “espaço” sobre o uso do PPC e do PPS

Tabela 5.45: Da distribuição das formas do *pretérito perfecto* segundo o fator “âmbito temporal” nas três variedades diatópicas

		ANTEPRESENTE						PASSADO ABSOLUTO	
		Imediato		Específico		Ampliado			
Madri	PPC	38	100%	124	99%	126	97%	22	8%
			–		.99		.96		.04
	PPS	0	0%	1	1%	4	3%	266	92%
	Total	38	100%	125	100%	130	100%	288	100%
Buenos Aires	PPC	0	0%	11	13%	33	45%	8	2%
			–		.68		.91	8	.29
	PPS	42	100%	72	87%	41	55%	344	98%
	Total	42	100%	83	100%	74	100%	352	100%
S. M. Tucumán	PPC	23	39%	74	66%	32	68%	28	11%
			.71		.81		.82	28	.24
	PPS	36	61%	38	34%	15	32%	219	89%
	Total	59	100%	112	100%	47	100%	247	100%

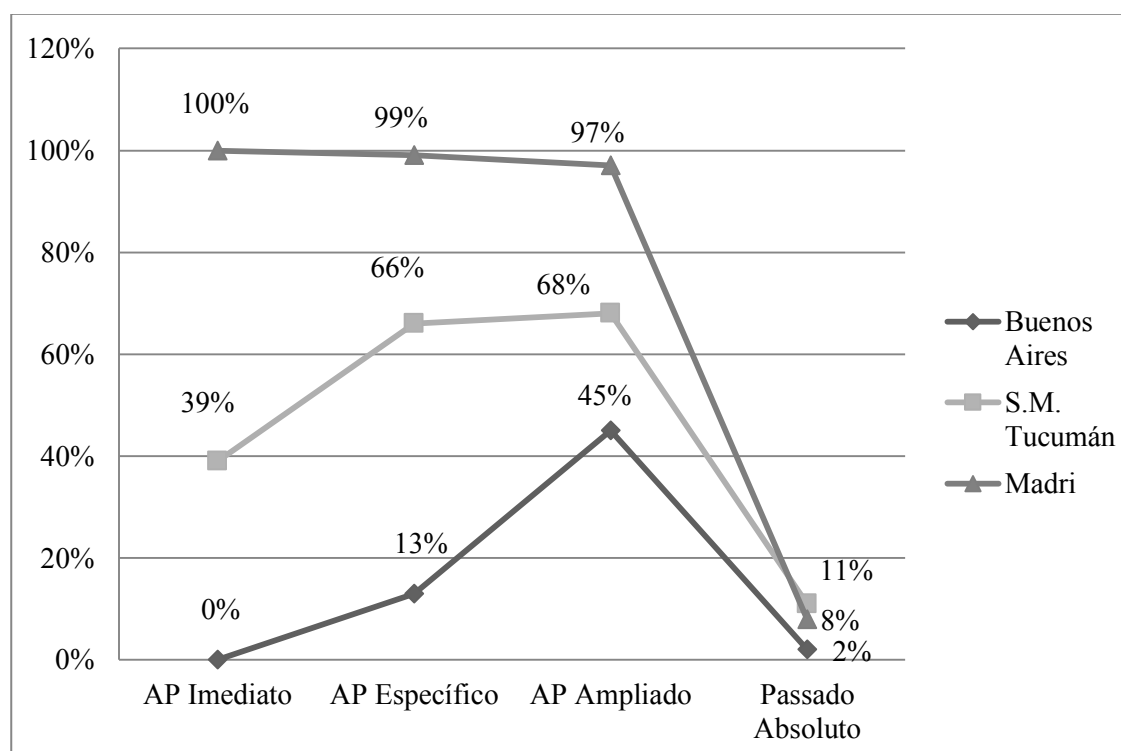
Fonte: própria.

Diante da extensiva discussão realizada nesta seção e dos dados resumidamente apresentados pela tabela 5.45, é possível afirmar que o “**tipo e/ou abrangência da referência temporal de anterioridade é um fator determinante no comportamento das formas do *pretérito perfecto*” nas variedades de Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán**” – conforme indicou a hipótese inicial de pesquisa. Em complemento, o *Goldvarb Yosemite* reafirma esse comportamento ao selecionar, nas três variedades diatópicas, o grupo de fatores referente aos âmbitos e subâmbitos temporais como estatisticamente relevante⁵⁸ para a compreensão do estudo da variação entre o PPS e o PPC. Contudo, conforme sintetiza o gráfico 5.26⁵⁹, também observamos que o grau de pertinência do grupo de fatores “âmbito temporal” tem uma avaliação diferenciada conforme a variedade diatópica.

⁵⁸ Essa informação foi obtida por meio do processamento conjunto de todos os dados que dispomos por cada região. Ou seja, submetemos, em três rodadas diferentes, ao *Goldvarb Yosemite* todas as ocorrências encontradas em cada um dos três *corpora* diatópicos. Uma vez que apenas nos interessa aferir o peso relativo que recebe o PPC junto ao grupo de fatores “referência temporal”, apenas esse dado é apresentado na tabela 5.45.

⁵⁹ Esse gráfico já foi apresentado anteriormente (gráfico 5.18) e o retomamos para cumprir a síntese conclusiva dessa subseção.

Gráfico 5.26: Da incidência percentual do grupo de fatores “âmbito temporal” sobre o uso do PPC nas três variedades diatópicas



Fonte: própria.

Em Madri, notamos uma distribuição complementar no uso do PPC e do PPS, configurando, de tal modo, um uso muito próximo ao prescrito pela norma-padrão, posto que a forma composta parece ser usada categoricamente nos subâmbitos de **antepresente**. Por outro lado, no âmbito de **passado absoluto**, a forma simples apresenta-se como a mais expressivamente recorrente. Apesar da diminuição brusca no percentual de ocorrência do PPC no âmbito de **passado absoluto**, cumpre-nos destacar o uso dessa forma expressando **passado absoluto** na variedade madrilenha (8%). Apesar de baixo, consideramos esse índice significativo, já que esse âmbito temporal é reservado normativamente e historicamente ao uso da forma simples.

Conforme discutiremos mais adiante, esse comportamento parece ser um indício de que o PPC passa por um processo de expansão para o âmbito de **passado absoluto**. Isso porque tem um uso categórico no **antepresente** e, num movimento de extensão, passa a expressar também **passado absoluto** – aparentemente impulsionado pelos mais jovens, pois, conforme apresentam os dados da tabela 5.41 e do gráfico 5.20, é justamente esse grupo de falantes que mais favorece o uso da forma composta ([.73]), nesse contexto temporal. No entanto, assumindo como referência o “mapeamento percentual da progressão gradual da mudança” (NEVALAINEN; RAUMOLIN-BRUNBERG, 2014, p.55) – Quadro 2.1 –, o

percentual de uso do PPC identificado no contexto de **passado absoluto** em Madri apenas indica o início desse processo de expansão.

Quanto às variedades argentinas, encontramos, nos dados de Buenos Aires, uma recorrência muito mais expressiva do PPS que do PPC em todos os âmbitos temporais de análise. Contudo, é possível delinear uma tendência crescente da forma composta no âmbito de **antepresente** à medida que se dilata a amplitude da referência temporal dos subâmbitos. Assim, o uso categórico da forma simples no contexto de **AP imediato** vai debilitando-se com o aumento no percentual do PPC no **AP específico** (13%/.70) e, de maneira ainda mais intensa, no **AP ampliado** (45%/.92), quando se identifica um percentual de uso de ambas as formas equivalente a um estado de mudança “a meio caminho” – Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014, p.55). Uma vez que, de modo geral, a forma composta é mais recorrente entre a população mais velha e o PPS, entre os mais jovens (Gráfico 5.7), o avançar do processo de mudança na expressão do **antepresente** e de seus subâmbitos deve culminar na acentuação da diminuição no uso do PPC, em favor do PPS.

Por outro lado, a observação do comportamento do PPC no âmbito de **passado absoluto** revela uma diminuição brusca no uso do PPC (2%/.24) ao devolver, de modo quase categórico, ao PPS a expressão do **passado absoluto** – conforme prevê a norma-padrão. Em suma, notamos que nessa variedade diatópica, os subâmbitos de **AP específico** e de **AP ampliado** são os que mais favorecem o estudo da variação entre as duas formas do *pretérito perfecto*, posto que neles o PPC tem um percentual de uso incrementado.

Finalmente, o corpus de San Miguel de Tucumán apresenta uma recorrência do PPC nos subâmbitos de **antepresente** maior que o padrão identificado no corpus de Buenos Aires, porém menor que o de Madri. De modo que é possível identificar um cenário de variação claro e uma recorrência significativa de ambas as formas em todos os contextos temporais de análise. Apesar de haver um desencontro entre os dados dessa variedade e a prescrição da norma-padrão – ao desfavorecer, por exemplo, o uso do PPC no **AP imediato** (39%/.68) –, observamos que a forma composta passa a ser mais favorecida com a passagem para o subâmbito de **AP específico** (66%/.81), mantendo-se aparentemente na mesma taxa de recorrência no **AP ampliado** (68%/.82). Conforme também nos indica o peso relativo desses fatores, são, de fato, esses dois últimos âmbitos temporais os que mais contribuem para o uso do PPC em San Miguel de Tucumán.

Contudo, é destacável que em todos os subâmbitos do **antepresente** nota-se uma recorrência significativa da forma simples – que vai de 61%, no **AP imediato**, até 32%, no **AP ampliado**. Considerando as informações aportadas pela análise do grupo de fatores

“idade”, parece que é a forma simples a que apresenta maior tendência ao crescimento nessa variedade diatópica, posto que, na expressão do **antepresente**, ela tem seu índice incrementado entre os falantes menores de 35 anos, ao passo que a forma composta tem maior recorrência junto a informantes mais velhos (Gráfico 5.15).

Segundo indica o “mapeamento percentual da progressão gradual da mudança”, de Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014, p.55) – sintetizado no quadro 2.1 –, por ter um percentual de 41% na análise geral do **antepresente**, a forma simples parece já estar “a meio caminho” na efetivação da mudança na expressão do **antepresente**. Contudo, considerando aqueles subâmbitos temporais em que o PPS é menos recorrente que o PPC, isto é, o **AP específico** (34%) e **AP ampliado** (32%), observa-se um processo de mudança “novo e vigoroso”, marcado pela significância dos fatores sociais (Quadro 2.1).

Na mesma direção do que observamos nas demais variedades diatópicas, há uma diminuição brusca na recorrência da forma do PPC no âmbito de **passado absoluto** – como determinado inclusive pela norma-padrão. Contudo, em especial, identifica-se na variedade tucumana um percentual do PPC (11%) que inclusive supera sua recorrência em Madri.

A fim de destacar um pouco mais a relevância do tipo e/ou abrangência da referência temporal do âmbito de anterioridade no comportamento das formas do *pretérito perfecto* é válido observar que um tratamento meramente quantitativo das duas formas verbais, que desconsidere a subcategorização da anterioridade, pode apresentar dados menos significativos e até enviesados. Tanto que o contraste de toda a descrição até aqui realizada com os dados da tabela 5.46 mostra-nos a necessidade de refinar esse tipo análise meramente quantitativa, que apenas compara a frequência geral de uso do PPC e do PPS. Em outros termos, apesar de termos acesso, por meio dessa abordagem generalizadora, à percepção de que em Madri há uma recorrência mais expressiva da forma composta – variedade que é seguida por San Miguel de Tucumán e, mais atrás, por Buenos Aires –, não dispomos de nenhum outro dado que nos auxilia a compreender as razões que estão por detrás das diferentes proporções de uso da forma composta nas variedades diatópicas.

Tabela 5.46: Da relação entre o PPS e o PPC desconsiderando os contextos temporais

	Madri		Buenos Aires		S.M. Tucumán	
PPC	310	53%	52	9%	157	34%
PPS	271	47%	499	91%	308	66%
Total	581	100%	551	100%	465	100%

Fonte: própria

Uma vez comprovada a hipótese de que, de fato, “o tipo/abrangência da referência temporal de anterioridade é um fator determinante no comportamento das formas do *pretérito perfecto*, não apenas confirmamos a hipótese de que “conforme a variedade diatópica, o PPS e o PPC estão em variação em um ou mais contextos temporais analisados”, mas conseguimos direcionar um melhor delineamento dessa variação em Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán.

Tabela 5.47: Do peso relativo do grupo de fatores “variedade diatópica”

Madri	Buenos Aires	S.M. Tucumán
.82	.19	.63

Fonte: própria

Finalmente, submetemos uma última análise ao *Goldvarb Yosemite* a fim de evidenciar a relevância do grupo de fatores “variedade diatópica” para a análise da variação entre o uso do PPS e do PPC. Nesse exame, o *software* não apenas seleciona esse grupo de fatores, mais ainda afere o peso relativo atribuído ao PPC⁶⁰ (Tabela 5.47) em cada variedade, de maneira que confirmamos as tendências já apontadas, de modo geral, pela análise percentual dos dados. Isto é, salvas as especificidades descritas ao longo deste trabalho, há um favorecimento da forma composta em Madri, ao passo que é a simples que detém maior espaço em Buenos Aires. Por sua vez, em San Miguel de Tucumán a variação entre PPS e PPC encontra-se, por hora, mais equilibrada, tendendo para uma ou outra forma, conforme os fatores envolvidos na análise.

A seguir, consideraremos os diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos em nossa análise a fim de ampliarmos um pouco mais nosso conhecimento sobre a realidade heterogênea da expressão do **antepresente** e **passado absoluto** nas três variedades diatópicas e de como esse comportamento se encaixa ordenadamente no sistema (sócio)linguístico dessas variedades.

⁶⁰ Esse dado foi obtido por meio do processamento conjunto de todos os dados que dispomos. Ou seja, submetemos, em uma única rodada, ao *Goldvarb Yosemite* todas as ocorrências encontradas nos três *corpora* diatópicos. Uma vez que apenas nos interessa aferir o peso relativo que recebe o PPC tendo em vista a origem diatópica, apenas essa informação é apresentada na tabela 5.47

5.3.2 Da incidência dos demais grupos de fatores sobre o uso das formas do *pretérito perfecto*

A fim de delinear ainda mais a dimensão da variação descrita nas três variedades diatópicas, a análise multivariada dos âmbitos temporais em que se identificaram o PPC e o PPS coocorrendo também desempenhou um importante papel neste trabalho, expondo-nos melhor como essa heterogeneidade se encaixa nas três variedades diatópicas.

Tabela 5.48: Da síntese da incidência dos grupos de fatores sobre o uso do PPS e do PPC em cada variedade diatópica e nos quatro âmbitos temporais analisados

GRUPOS DE FATORES		MADRI				BUENOS AIRES				S.M. de TUCUMÁN			
		I	E	A	P	I	E	A	P	I	E	A	P
GERAL					S					S	S	S	S
MARCADOR TEMPORAL	Tempo				S	=		=		C	S		=
	Durativo				C	=	=	S		S	=	C	S
	Conclusivo				S					S	C	C	
	Indeterm.					S	S				C	S	S
BASE VERBAL	Télico				S	S	=	=		S	S	S	S
	Atélico				C	C	C	S		C	C	C	C
	Pontual				S	S	S	C		=	S	=	S
	Durativo				=	C	C	=		=	C	=	=
	Achievem.				S	S	S	C		=	S	=	=
	Accompl.				S	=	=	=		S	S	S	=
	Atividade				C	S	S	S		C	C	=	=
	Estado				=	C	C	S		C	C	C	C
SUJEITO	1ª pessoa				=	S	S	=		S	S	C	S
	2ª pessoa				C	C	S	C		C	C	S	C
	Singular				=	=	S	=		C	S	S	=
	Plural				S	=	C	C		S	C	C	C
COMPLEM. VERBAL	Singular				S	=	C	=		=	S	=	=
	Plural				=	C	=	C		S	=	C	=
ORAÇÃO	Negativa				C	S	S	S		C	S	S	C
	Interrogat.				S	C	C	S		S	C	C	S
SEXO	Masculino				=	C	=	S		C	S	S	C
	Feminino				S	S	S	S		S	C	C	S
IDADE	≤ 35				C	S	S	S		C	S	S	=
	36 – 55				S	=	C	=		S	C	C	C
	≥ 56				S	C	=	=			C	C	S

USO CATEGÓRICO DO PPC (vertical, left of table)
USO CATEGÓRICO DO PPS (vertical, right of table)

I: AP Imediato; E: AP Específico; A: AP Ampliado; P: Passado Absoluto
C: % do PPC incrementado; S: % do PPS incrementado; (=) não altera % geral

Fonte: própria.

A tabela 5.48 sintetiza todos os dados apresentados nas análises multivariadas promovidas pelo *Goldvarb Yosemite*, mostrando-nos qual forma verbal tem seu índice de uso aumentado diante de um fator linguístico ou extralinguístico específico. Assim, expomos ao

lado da coluna “grupos de fatores” as informações referentes às três variedades diatópicas, subcategorizadas em 4 grupos correspondentes aos contextos temporais analisados neste trabalho: **AP Imediato (I)**, **AP Específico (E)**, **AP Ampliado (A)** e **Passado Absoluto (P)**. Indicamos com “S”, quando o *pretérito perfecto simple* tem seu percentual de uso incrementado diante do fator considerado e com “C”, quando a recorrência do *perfecto compuesto* é alçada. Quando não há alteração significativa no índice de ocorrência de ambas as formas em relação ao índice geral, marcamos com o sinal de igual (“=”).

Saltando os subâmbitos de **antepresente** de Madri e o de **AP imediato** de Buenos Aires – contextos em que as formas composta e a simples, respectivamente, ocorrem de modo categórico –, chama-nos atenção:

- A maior recorrência, de modo **geral**, da forma composta sobre a simples apenas nos **AP específico** e **AP ampliado** de San Miguel de Tucumán.
- No que se relaciona aos **marcadores temporais**, observamos que os tipos “durativos” e “conclusivos” são os que mais favorecem o uso da forma composta.
- Quanto aos traços aspectuais da **base verbal**, verificamos que, com exceção do contexto de **Passado Absoluto** em Buenos Aires, em todos os demais âmbitos temporais há um incremento no uso do PPC quando junto a verbos “atéticos”. Na mesma direção, os verbos “durativos” favorecem o uso da forma composta ou não demonstram alteração no padrão-geral. A forma simples, por sua vez, tem seu uso expandido quando junto a verbos “téticos” e “pontuais” – a única exceção ocorre novamente no **Passado Absoluto**, em Buenos Aires. Por conseguinte, os modos de ação de “*achievement*” e “*accomplishment*” são os que mais acarretam aumento no índice do PPS e os modos de ação de “atividade” e de “estado”, no índice do PPC.
- A análise da **pessoa** gramatical indica o aumento no índice do PPS, de modo geral, junto à “primeira pessoa”. A exceção ocorre no **AP ampliado**, em San Miguel de Tucumán, contexto em que a forma composta tem seu percentual alçado. Por sua vez, a “segunda pessoa” tende a apresentar incremento no uso do *perfecto compuesto* – com duas únicas exceções: no **AP ampliado** de Buenos Aires e de San Miguel de Tucumán.
- Em relação ao **número** do sujeito e do complemento verbal, parece que há uma maior tendência da forma composta ter seu índice alçado junto ao “plural”

e da simples, junto ao “singular”. No entanto, há alguns âmbitos temporais com comportamento diferenciado frente a esses fatores.

- A tipologia das **orações** também apresenta uma tendência não muito regular, posto que, apesar da forma simples ser mais recorrente em “orações negativas”, ainda assim, há casos em que o uso do PPC é incrementado junto a esse fator. De modo mais equilibrado, o PPS e o PPC têm, cada um, quatro contextos em que sua recorrência é expandida junto ao fator “orações interrogativas”. Isto é, o percentual de uso do PPC é aumentado junto ao **AP específico** e **AP ampliado**, e o PPS junto aos demais âmbitos.
- As **variáveis extralinguísticas**, por sua vez, indicam que, em todos os contextos temporais das variedades de Madri e Buenos Aires, apenas a forma simples é mais recorrente entre as “mulheres” – **gênero/sexo** mais atento ao uso prestigioso. Por sua vez, a variedade de San Miguel de Tucumán tem o percentual do PPC incrementado junto às “mulheres” nos âmbitos de **AP específico** e **AP ampliado**, enquanto, nos demais contextos temporais, é a forma simples que tem seu uso mais acentuado na fala feminina. Contudo, com o avançar das discussões, apontamos que esses dados são apenas tendências que, devido à limitação dos *corpora* em equalizar a quantidade de informantes de ambos os sexos, devem ser melhor avaliadas em trabalhos futuros.
- Por último, a observação da **idade** mostra-nos, em Madri, que a forma composta tem seu índice incrementado entre os falantes de “até 35 anos”, ao passo que a simples é incrementada junto às demais idades. Em Buenos Aires, a forma simples tem seu percentual de ocorrência mais elevado na fala de informantes “menores de 35 anos” e, a partir dessa idade, observamos que ou o uso da forma composta é acentuado ou o padrão de uso geral de ambas as formas não é alterado. Finalmente, em San Miguel de Tucumán, observa-se, com exceções pontuais, a tendência ao aumento na frequência de uso do PPS entre os mais jovens e o da forma composta na população “maior de 35 anos”.

Frente aos dados descritos, a síntese do comportamento das formas do *pretérito perfecto* no âmbito de **antepresente** e em seus subâmbitos indica que, em Madri, a forma composta se generalizou e se tornou categórica na expressão dessa(s) concepção(ões) temporal(is), independente da incidência de fatores linguísticos ou extralinguísticos. Por outro lado, nas duas variedades da Argentina, conseguimos identificar não apenas uma evidente

variação entre o PPC e o PPS na expressão do **antepresente** e seus subâmbitos⁶¹, mas também apurar o encaixamento dessa variação por meio da análise multivariada.

Desse modo, pudemos aferir que em ambas as variedades argentinas o uso do PPC é favorecido, no **antepresente**, junto a traços linguísticos que corroboram uma leitura de **continuidade** (verbos atélicos e durativos – especialmente os estativos – e sujeito/complemento verbal plural), de **relevância presente** (marcadores de tempo conclusivo e primeira/segunda pessoas do discurso) e, ainda, de um **passado menos definido**, no qual as **situações descritas são apresentadas como potenciais/genéricas** (em orações interrogativas, por exemplo). Por outro lado, destacamos que a forma simples, no **antepresente**, tende a ter sua recorrência acentuada principalmente junto a fatores menos facilitadores da leitura continuativa, ou seja, com verbos tólicos e/ou pontuais (de *achievement/accomplishment*), sujeito e complemento verbal no singular, etc.

Neste ponto, é pertinente destacarmos que não se trata de dizer que a forma composta e a simples sejam usadas exclusivamente para expressar os respectivos sentidos assinalados, nem que essas formas não possam ocorrer junto a fatores que viabilizem a construção de outro sentido, mas de mostrar como o favorecimento de uma ou outra forma dá-se, de modo aparentemente sistemático, justamente nos contextos que delimitamos.

Isso posto, parece que os valores de **relevância presente** e **continuidade**, marcados por um forte traço aspectual de **resultado** e **duração**, respectivamente, indicam que em ambas as variedades argentinas **persistem** alguns sentidos identificados, de modo mais categórico, em etapas passadas da formação do PPC na língua espanhola – conforme discutimos na seção que abordou a história do *pretérito perfecto* (seção III) –, enquanto o PPS se encaixou melhor em contextos menos marcados pela história do uso do PPC.

Em complemento, a observação dos grupos de fatores extralinguísticos, nos subâmbitos do **antepresente**, mostrou-nos que em ambas as variedades diatópicas o uso do PPC apresenta um comportamento mais conservador e propenso à diminuição, já que ocorre mais frequentemente entre a população maior de 56 anos e com menor frequência entre a população mais jovem. Em especial, em Buenos Aires sequer encontramos o uso do PPC na fala de informantes menores de 35 anos – independentemente da especificação da referencial temporal. Em movimento inverso, a forma simples parece estar em processo de expansão em ambas as variedades, isso porque tem seu índice elevado justamente entre os falantes mais jovens. Particularmente, os dados de Buenos Aires parecem indicar que esse processo

⁶¹ Conforme pontuamos, uma única exceção é identificada no **AP imediato** em Buenos Aires, contexto em que não há variação, posto que o PPS apresenta um uso exclusivo na expressão dessa concepção do **antepresente**.

encontra-se em estágio mais avançado, já que há maior recorrência, de modo geral, da forma simples, ao passo que, em San Miguel de Tucumán, essa mudança parece estar em etapas anteriores, posto que ainda é a forma composta a mais recorrente, de modo geral.

Se consideramos o “mapeamento percentual da progressão gradual da mudança”, de Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014, p.55) (Quadro 2.1), encontramos que os índices de ocorrência do PPS apresentados nos subâmbitos do **antepresente**, em Buenos Aires, indicam, de fato, uma mudança que está “próxima à conclusão”, na expressão do **AP específico** (86%) e do **AP ampliado** (65%), e “já concluída”, na expressão do **AP imediato** (100%). Por sua vez, os dados de San Miguel de Tucumán informam-nos que a mudança na expressão dos subâmbitos de **antepresente** em favor da forma simples ainda se encontra “a meio caminho” (**AP imediato** (61%), **AP específico** (44%) e **AP ampliado** (42%)).

Quanto à variável **gênero/sexo**, a variedade bonaerense indica que quando uma das formas tem seu índice alçado na fala masculina, essa forma é a composta, enquanto a fala das mulheres sempre apresenta um aumento no percentual de uso do PPS. Em San Miguel de Tucumán, por sua vez, identificamos um alçamento no índice do PPC entre as mulheres e do PPS, entre os homens – com exceção única do **AP imediato**, que, devida à restrição dos dados, não nos permite delinear um cenário mais consistente.

Tendo em vista a proximidade da fala feminina com a norma social de prestígio, esses dados reforçam que, em Buenos Aires, o PPS é a forma socialmente estabelecida como preferencial na expressão do **antepresente** e seus subâmbitos – conforme indica o alto percentual geral de uso do PPS. Em contrapartida, os dados de San Miguel de Tucumán mostram que, apesar do aparente processo de expansão do PPS, a forma composta ainda pode ser atrelada à norma de prestígio tucumana na expressão do **antepresente**, especialmente do **AP específico** e do **AP ampliado**. Situação que já havia sido indicada pela recorrência um pouco mais expressiva do PPC, no **antepresente**.

Estendendo a análise do comportamento das formas do *pretérito perfecto* ao âmbito de **passado absoluto**, advertimos que encontramos, nas três variedades diatópicas, uma relativa dificuldade em proceder à análise dos dados, proveniente da baixa recorrência da forma composta nesse âmbito temporal. Ainda assim, a síntese do comportamento observado no âmbito de **passado absoluto** nas três variedades diatópicas, em complemento ao que já discutimos sobre o **antepresente**, permite-nos delinear, com maior riqueza de informação, a dimensão desse cenário heterogêneo na expressão do **antepresente** e **passado absoluto** em Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán.

Em Madri, encontramos, pela primeira vez, um cenário de efetiva variação entre o PPS e o PPC, comportamento que, frente ao uso categórico do PPC no **antepresente**, indica que o início da aparente implementação da forma composta no âmbito de **passado absoluto** pode ser resultado de um processo de extensão de seu uso, já consolidado, no **antepresente**. Contudo, a análise multivariada mostra-nos que essa expansão é relativamente recente, por se concentrar na fala de informantes menores de 35 anos, enquanto a forma simples, além do alto percentual geral do PPS, tem sua recorrência intensificada entre falantes maiores de 36 anos. O “mapeamento percentual da progressão gradual da mudança”, de Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014, p.55), indica que a implementação da mudança na expressão do **passado absoluto** por meio da forma composta (8%) é ainda muito incipiente. Funcionalmente, o uso do PPC também parece marcado por traços aspectuais, haja vista que, nesse contexto de análise, seu índice é incrementado junto a fatores que permitem uma leitura **durativa** (marcador temporal durativo e verbos atéticos, especialmente de atividade) ou de **relevância presente** (primeira e segunda pessoas).

Sobre Buenos Aires, o padrão social de uso da forma composta identificado reforça ainda mais a tendência já descrita no **antepresente**, isso porque o índice muito baixo de uso do PPC (2%) aliado ao fato de apenas a forma simples ser identificada na fala dos mais jovens revelam-nos que o PPC tende a diminuir ainda mais sua participação na expressão do **passado absoluto**, à medida que o PPS conquiste o completo domínio desse âmbito temporal. Nessa direção é que “mapeamento percentual da progressão gradual da mudança” aponta que o processo de mudança na expressão do **passado absoluto** em favor do PPS já está praticamente “concluído” em Buenos Aires.

Contudo, os poucos registros do PPC nesse âmbito temporal parecem mostrar um funcionamento particular dessa forma, posto que, no **passado absoluto**, a forma composta tem seu índice discretamente aumentado em contextos de valor **perfectivo**, ou seja, com verbos tólicos (*achievement* e *accomplishment*) e marcadores estritamente temporais. Por conseguinte, o valor de **relevância presente** parece ser especialmente acentuado nesse último âmbito temporal por meio do uso do PPC – comportamento que é evidenciado também pela maior recorrência percentual dessa forma junto à primeira e segunda pessoas gramaticais. Finalmente, a exemplo do que identificamos no **antepresente**, também parece ser possível o uso do PPC para se referir a **situações genéricas ocorridas em um passado menos definido**. No entanto, talvez pela restrição de dados nesse âmbito temporal, esse último sentido não é tão facilmente identificado como foi no **antepresente**, nessa mesma variedade diatópica.

Por último, a análise da variedade tucumana apresenta o uso recorrente do PPC em contextos que favorecem o valor de **continuidade** (verbos atéticos, especialmente estativos, e sujeito plural) e de **relevância presente** (segunda pessoa gramatical) nos dois âmbitos temporais. A alta recorrência geral da forma simples e seu incremento entre as mulheres caracterizam o uso do PPS, no âmbito de **passado absoluto**, como pertencente à norma de prestígio dessa variedade diatópica. Por sua vez, a forma composta tem sua recorrência elevada entre os falantes de 36 a 55 anos, deixando de ser encontrada na fala de indivíduos maiores de 55 anos. Sua recorrência relativamente baixa, de modo geral, somada ao fato de apenas ser encontrado na fala masculina e entre falantes de até 55 anos podem ser um indício de que o uso da PPC no contexto de **passado absoluto** é relativamente recente na variedade tucumana, podendo, por isso, ter seu uso incremento caso se torne bem avaliado socialmente e seja transmitido às gerações vindouras.

Com a conclusão da análise multivariada, não apenas reafirmamos que “**conforme a variedade diatópica, o PPS e o PPC estão em variação em um ou mais contextos temporais analisados**”, mas avaliamos a dimensão desse comportamento heterogêneo, indicando com maior propriedade o encaixamento dessa variação nas variedades diatópicas em questão. Por conseguinte, podemos observar que o uso da forma composta parece avançar (em Madri) ou resistir (nas variedades Argentinas) privilegiando alguns valores aspectuais que recuperam um funcionamento de fases anteriores do processo de formação do *pretérito perfecto compuesto*, tais como o **valor de continuidade e relevância presente**. Especificamente, nas variedades da Argentina, é possível identificar ainda a referência à expressão de **situações genéricas ocorridas em um passado menos definido** – um uso que não parece estar relacionado diretamente com as etapas de formação do PPC, tal qual propõem Alarcos Llorach (1980), Harris (1982) e Detges (2006).

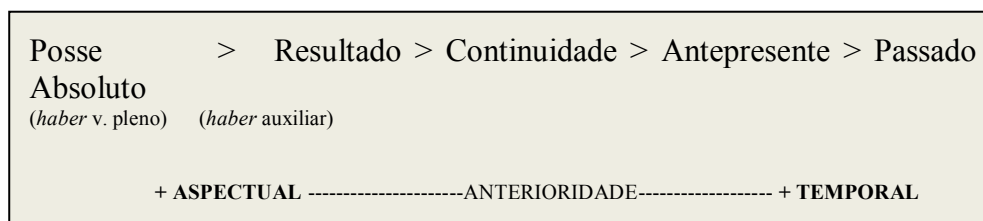
5.3.3 Sobre os estágios do processo de mudança das formas do *pretérito perfecto* nas variedades diatópicas investigadas

A informação suscitada pela análise multivariada contribuiu para a discussão referente à terceira hipótese desta tese, segundo a qual afirmamos que “**o estado de uso do PPS e do PPC descrito em cada uma das variedades corresponde a diferentes estágios de um processo de gramaticalização das formas do *pretérito perfecto* na língua espanhola**”. Em outros termos, interessa-nos avaliar o grau de implementação da mudança que prevê o uso

do *pretérito perfecto compuesto* na expressão dos valores de **antepresente** e **passado absoluto** em Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán.

Com vistas à avaliação dessa última hipótese, observamos, no *corpus* de **Madri**, que o comportamento da forma composta parece se orientar pelo **princípio de mudança gradual de função** (LICHTENBERK, 1991), já que, segundo esse princípio, as funções mais próximas do comportamento original da perífrase são adquiridas antes daquelas mais distantes do funcionamento inicial. Em termos práticos, o uso categórico da forma composta nos subâmbitos de **antepresente** evidencia que, em Madri, o PPC **especializou-se** e se consolidou na expressão desse valor temporal – em parte, por ter começado a expressar, segundo Alarcos Llorach (1980), Harris (1982), Detges (2006), esse valor primeiramente e, por conseguinte, ter tido mais tempo para se firmar como única forma na expressão do **antepresente**.

Figura 5.1: Saltos associativos do PPC: a mudança funcional



Fonte: própria.

A figura 5.1 – já discutida extensivamente na seção III e aqui retomada – sintetiza o percurso de desenvolvimento do PPC até se consolidar na expressão do **antepresente** e, por conseguinte, estender-se ao âmbito de **passado absoluto**. Com base nos dados de que dispomos sobre a variedade de Madri, o uso do PPC no âmbito de **passado absoluto** – mesmo que com um percentual relativamente baixo (8%) – parece resultar de um processo de **extensão** no uso da forma composta, posto que ela deixa de estar limitada à expressão específica do **antepresente** (ME-MF,MR/(0oV)-V) e começa a se ocupar da expressão de uma anterioridade mais geral, que, como tal, envolveria tanto a expressão do **antepresente** como o **passado absoluto** (ME,MR-MF/0-V). Assim, observa-se o início de uma mudança que deverá culminar, no nível semântico, na generalização da referência ao passado (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 86).

A alta frequência percentual do PPC no âmbito de **AP** em Madri não é apenas um importante indicador de que o processo, de fato, tenha se desenvolvido nessa ordem, mas, conforme alertam Hopper e Traugott (2003), é provável que ela também tenha sido um agente propagador do PPC para os novos contextos de uso, isso porque o aumento na frequência do

emprego de uma forma pode conduzir a sua emancipação do contexto discursivo original e aumentar sua liberdade para se associar com uma variedade maior de âmbitos.

Desse modo, o percentual de uso ainda baixo do PPC no âmbito de **passado absoluto**, em contraste com o uso categórico dessa forma no **antepresente**, coloca em evidência a progressão da mudança funcional da forma composta em direção ao último estágio de mudança descrito por Harris (1982) e Detges (2006) – quando o PPC passa a fazer referência a toda anterioridade ao momento de fala. Na mesma direção, a observação do grupo de fatores “idade” corrobora essa tendência e demonstra ser um processo mais recente na língua, posto que o percentual do PPC no âmbito de **passado absoluto** é alçado entre os falantes menores de 35 anos e diminui à medida que se aumenta a faixa etária dos informantes (Gráfico 5.20).

Os trabalhos de Schwenter (SCHWENTER, 1994; HOWE; SCHWENTER, 2003, 2008; SCHWENTER; CACOULOS 2008) e Serrano (1994, 1995), também demonstram que o incremento no uso da forma composta, inclusive em contexto de **passado absoluto**, é uma clara evidência de que em Madri o *pretérito perfecto compuesto* tem avançado no *continuum* de gramaticalização, perdendo mais e mais os traços específicos de ordem aspectual e de **antepresente** e, por conseguinte, adquirindo um comportamento mais generalizado, que possibilita a veiculação do **passado absoluto**. Em outros termos, a alteração de significado visando à expressão de um valor mais genérico e abstrato caracteriza um processo de **dessemantização** pelo qual passa a forma composta.

Não obstante, é importante destacar que, conforme revelou a análise multivariada dos dados de Madri, nesse estágio de expansão funcional, a forma composta é especialmente condicionada pelos contextos que favorecem uma leitura **durativa** (marcador temporal durativo, verbos atéticos, de atividade e estado) e de **relevância presente** (primeira e segunda pessoas gramaticais). Comportamento que demonstra uma aparente **persistência** (HOPPER, 1991) de traços aspectuais – próprios de etapas iniciais de formação do PPC (resultado/duração) – encabeçando sua extensão ao estágio mais avançado na implementação do *continuum* de mudança do PPC.

Por sua vez, as variedades da Argentina não parecem seguir a tendência observada em Madri, isso porque há um estado de variação mais evidente na maioria dos contextos temporais examinados em Buenos Aires e San Miguel de Tucumán, favorecendo, muitas vezes, a forma simples em detrimento da composta. Além disso, o estudo de alguns fatores extralinguísticos demonstram que, nessas duas variedades, é o PPS que apresenta maior tendência à expansão, e não o PPC.

De maneira mais pontual, em **Buenos Aires**, além do uso categórico do PPS no **AP imediato** e seu maior percentual geral nos demais subâmbitos do **antepresente** e no **passado absoluto**, a análise dos grupos de fatores relativos ao “gênero/sexo” e à “idade” indicou-nos que a forma simples tem seu índice ainda mais incrementado junto às mulheres e aos jovens, menores de 35 anos – grupo em que o PPC sequer foi encontrado. Esse comportamento não apenas enfatiza a posição de destaque que já detém a forma simples na expressão de todos os contextos de anterioridade que examinamos em Buenos Aires, mas também alerta para um possível processo de expansão do PPS e, por conseguinte, de retração do PPC, à medida que se efetue uma troca nas gerações e a população mais jovem passe o uso que faz da língua às gerações subsequentes. Podendo, desse modo, estender aos demais (sub)âmbitos temporais o uso categórico do PPS já observado no **AP imediato**. Conforme constatamos ao considerarmos o “mapeamento percentual da progressão gradual da mudança” (Figura 2.1), os índices do PPS nos (sub)âmbitos temporais analisados, evidenciam uma mudança que, se não está concluída (como no **AP imediato**), está muito “próxima à conclusão”.

Em outros termos, o comportamento da forma composta na variedade portenha não parece ter forças para prosseguir o percurso de mudança tal qual delineado pelo *continuum* de gramaticalização do PPC proposto por Alarcos Llorach (1980), Harris (1982) e Detges (2006). Isso porque, ao ter seu índice incrementado entre os maiores de 55 anos e estar ausente na fala da população menor de 35 anos, a forma composta demonstra um comportamento propenso ao desuso. Tendência que é reforçada pela baixa frequência geral de uso do PPC nessa variedade diatópica. Contudo, a observação sincrônica, desprovida de conjecturas sobre comportamentos futuros, mostra-nos que atualmente o uso da forma composta tende a ser mais favorecido à medida que se dilata a referência temporal dos subâmbitos de **antepresente**, até encontrar sua maior recorrência no **AP ampliado** (45%) – contexto em que o PPC tem maior **especialização**.

Isso posto, não é possível identificar, a exemplo de Madri, a implementação consolidada do PPC no contexto geral de **antepresente** em Buenos Aires, nem afirmar que o pequeno percentual de uso da forma composta no **passado absoluto** decorre da extensão de seu uso no **antepresente**. Porém, esse cenário de variação, em complemento ao comportamento da forma composta descrito a partir da análise multivariada, permite-nos identificar em Buenos Aires a ocorrência do PPC marcada por valores aspectuais e pragmáticos, já que seu índice é incrementando quando junto a fatores que favorecem uma leitura de **relevância presente** (marcador temporal conclusivo, primeira e segunda pessoas gramaticais), **continuidade** (marcador temporal durativo, verbos atéticos, de atividade e

estado) e **referência a situações genéricas ocorridas em um passado menos definido** (orações interrogativas, marcador de tempo indeterminado, plural, etc).

Como temos defendido, com exceção do terceiro sentido, o favorecimento da forma composta junto a contextos que permitem os dois primeiros valores parece decorrer da **persistência** de traços próprios das etapas iniciais de formação do *pretérito perfecto compuesto*, quando expressava fundamentalmente o sentido de **resultado** e de **continuidade**. Assim, o uso da forma composta, em Buenos Aires, não explicita a efetivação do processo de **dessemantização** que lhe permitiria a alteração do seu significado em favor da expressão **especializada** de traços especificamente temporais. Procedimento que conduziria o PPC a uma maior ampliação de seu uso para o domínio temporal de **antepresente** e, mais adiante, para o **passado absoluto** – como se observou em Madri. Por outro lado, parece que é a forma simples que gradualmente ganha mais espaço na referência à anterioridade, seja ela de **antepresente** ou de **passado absoluto**. Também é pertinente destacar que o uso do PPC, na variedade portenha, pode fugir às limitações impostas pelo *continuum* de mudança funcional proposto por Alarcos Llorach (1980), Harris (1982) e Detges (2006), haja vista que também é usado para fazer referência a **situações genéricas ocorridas em um passado menos definido** em ambos os contextos temporais.

Diante das particularidades funcionais identificadas no uso do PPC em Buenos Aires e do padrão de uso marcado socialmente como mais conservador (já que é recorrente apenas entre os mais velhos), indagamo-nos da possibilidade de que, na verdade, a forma composta tenha definido, nessa variedade diatópica, outro *continuum* de mudança funcional, o qual não incluiria a completa perda dos traços aspectuais em favor dos traços temporais e estenderia o seu uso para a expressão de **situações genéricas ocorridas em um passado menos definido**.

Por último, em San Miguel de Tucumán identificamos, de modo geral, uma variação mais equilibrada entre formas do *pretérito perfecto* na expressão de **antepresente** e **passado absoluto**. Apesar da recorrência da forma composta nessa variedade ser bem maior que em Buenos Aires e aparentemente haver uma avaliação positiva do PPC nas variedades diatópicas vizinhas (KEMPAS, 2002, 2006, 2009), também não é possível afirmar que o percentual de uso da forma composta no **passado absoluto** decorre da extensão de seu uso no **antepresente**. Isso porque, à semelhança do comportamento observado em Buenos Aires, a forma composta também não dá indícios claros, em San Miguel de Tucumán, de um total avanço no processo de **dessemantização** que lhe facultaria a alteração do seu significado em favor da expressão **especializada** de traços especificamente temporais. Processo que lhe

permitiria a ampliação do uso no domínio temporal de **antepresente** e, mais adiante, a extensão ao **passado absoluto** – a exemplo de Madri.

Ao contrário, mesmo havendo uma recorrência geral maior do PPC no **antepresente** e o incremento de seu uso na fala feminina (Gráfico 5.14), o estudo do grupo de fatores relativo à “idade” indica que é a forma simples a que tende a ter seu uso expandido na expressão do **antepresente** (Gráfico 5.15), posto que seu percentual de uso tende a ser alçado junto à população de até 35 anos. Evidentemente, a propensa extensão no uso do PPS deverá acarretar um gradual deslocamento da forma composta, o que, de algum modo, já pode ser observado na comparação dos dados do **AP imediato**, com os dados do **AP específico** e do **AP ampliado**. Isso porque o **AP imediato** já indica um estágio mais avançado do uso do PPS (61%) que no **AP específico** (44%) e no **AP ampliado** (42%). De todo modo, esses índices apontam que a mudança na expressão do **antepresente**, em San Miguel de Tucumán, ainda está “a meio caminho” (NEVALAINEN, RAUMOLIN-BRUNBERG, 2014), dificultando, por isso, prever exatamente o direcionamento futuro desse processo.

Como também observado nas demais variedades diatópicas, há nos dados de San Miguel de Tucumán uma diminuição brusca na recorrência percentual do PPC com a passagem para o **passado absoluto** (11%). Em paralelo, a análise dos fatores extralinguísticos demonstra que, nesse âmbito temporal, a forma composta não ocorre na fala das mulheres, nem entre os falantes maiores de 55 anos, o que parece indicar um comportamento inverso do observado, de modo geral, no **antepresente**. Assim, apesar de aparentemente não receber, na expressão do **passado absoluto**, o mesmo prestígio que identificamos no **antepresente**, encontramos uma leve tendência ao crescimento do PPC no **passado absoluto**, posto que está vinculado preferencialmente à fala da população entre 35 e 55 anos. Contudo, ainda assim, destaca-se o uso mais expressivo do PPS nesse âmbito temporal, em San Miguel de Tucumán.

Todo esse cenário de variação, em acréscimo ao comportamento da forma composta descrito a partir da análise multivariada, permite-nos novamente identificar o uso do PPC marcado por valores aspectuais e pragmáticos, já que sua recorrência é aumentada quando condicionada por fatores que favorecem uma leitura de **relevância presente** (marcador temporal conclusivo, primeira e segunda pessoas gramaticais), **continuidade** (marcador temporal durativo, verbos atéticos, pluralidade, de atividade e de estado) e **referência a situações genéricas ocorridas em um passado menos definido** (marcadores de tempo indeterminado e orações interrogativas). Com exceção do terceiro valor, os dois primeiros sentidos parecem decorrer da **persistência** dos valores próprios de etapas iniciais de formação do *perfecto compuesto*, quando expressava um valor de **resultado** e **continuidade**.

Em suma, tendo em vista o uso ainda estratificado no âmbito de **antepresente**, não se pode afirmar que a forma composta tenha implementado efetivamente o terceiro estágio de sua gradual mudança funcional – conforme o *continuum* de Harris (1982) e Detges (2006). Mas, segundo indicam os dados da análise multivariada, parece se concentrar nas fases iniciais, quando apresentava um uso marcado por valores aspectuais. Na mesma direção, as ocorrências do PPC no contexto de **passado absoluto** demonstram a preferência pelo uso da forma composta com um valor de **relevância presente** e **duração**. Diante da preferência por valores aspectuais próximos aos de estágios iniciais de formação do PPC, parece que essa forma apresenta, em San Miguel de Tucumán, um comportamento mais conservador. Também é pertinente destacar que o uso do PPC, na variedade tucumana, pode fugir às limitações impostas pelo *continuum* de mudança funcional proposto por Harris (1982) e Detges (2006), haja vista que é usado para fazer referência a **situações genéricas ocorridas em um passado menos definido no antepresente**.

A síntese da análise das três variedades diatópicas mostra-nos, portanto, um uso menos **estratificado** das formas do *pretérito perfecto* na variedade madrilenha, posto que, no âmbito de **antepresente** identifica-se o uso **especializado** (categórico) da forma composta e uma **gradual extensão** para o âmbito de **passado absoluto** – contexto em que se observa a forma composta sendo favorecida entre os falantes mais jovens e com valores de **duração** e **relevância presente**, ou seja, com a **persistência** de traços aspectuais próprios de fases anteriores de sua formação. Assim, considerando o *continuum* descrito por Harris (1982) e Detges (2006), a variedade madrilenha apresentaria um uso mais inovador, já que o uso do PPC tende a se expandir efetivamente à expressão do **passado absoluto**, aproximando-se mais da implementação total da mudança que circunda a história do *pretérito perfecto compuesto* nas línguas românicas – estágio em que o PPC expressa valor temporal de passado, independentemente da distância e relação com o momento de fala (Figura 3.1).

Por sua vez, em Buenos Aires, observa-se a **estratificação** das formas do *pretérito perfecto* favorecendo o uso do PPS, em diferentes proporções conforme o âmbito temporal analisado. No que se refere ao PPC, identificamos em seu uso a **persistência** de traços aspectuais próprios de etapas iniciais de formação da forma composta (**continuidade** e **relevância presente**) e a **extensão** de seu significado à expressão de **situações genéricas ocorridas em um passado menos definido**. Uma vez que o PPC não se **especializou** na expressão de nenhum âmbito temporal analisado, não parece haver um processo efetivo de extensão de seu uso à expressão estrita de traços temporais de anterioridade.

Assim, pode-se afirmar que, em Buenos Aires, a forma composta apresenta um uso mais **conservador** ao se vincular preferencialmente a falantes mais velhos e à expressão de valores aspectuais próprios de etapas iniciais de sua construção. Contudo, poderíamos pensar ainda na possibilidade dessa variedade diatópica ter desenvolvido seu *continuum* próprio de mudança funcional, no qual, além dos valores de **relevância presente** e **continuidade**, a forma composta também se vincularia à expressão do valor de **passado genérico**, tendendo a deixar a cargo do PPS a expressão específica do valores temporais **antepresente** e **passado absoluto** – hipótese que demandaria um estudo mais direcionado, em trabalhos futuros.

Finalmente, apesar da variedade de San Miguel de Tucumán apresentar uma recorrência mais significativa da forma composta quando comparada com Buenos Aires, continuamos identificando um uso **estratificado** e mais **conservador** do PPC, já que também está marcado pela **persistência** de traços aspectuais próprios de etapas iniciais de formação da forma composta (**continuidade** e **relevância presente**) e pela **extensão** de seu significado à expressão de **situações genéricas ocorridas em um passado menos definido**.

Em especial, paralelamente ao leve incremento no uso do PPS entre os falantes mais jovens, ainda se nota um uso do PPC mais vívido e expansivo nessa variedade diatópica, marcado tanto pela maior recorrência do PPC, como pela avaliação prestigiosa que parece receber socialmente. Esse comportamento pode conduzir a que o PPC se **especialize** na expressão do **antepresente** ou ainda na definição de outro caminho de mudança funcional – o qual eventualmente não incluiria a completa perda dos **traços aspectuais** em favor dos traços temporais e **estenderia** o uso do PPC para a expressão de **situações genéricas ocorridas em um passado menos definido**. Contudo, parece que a comprovação de uma ou outra hipótese requereria um estudo longitudinal dessa variedade diatópica.

Diante dos dados mais concretamente obtidos, é possível afirmar que a inovação identificada em Madri resulta de um processo de mudança diferenciado daquele existente nas duas variedades da Argentina. Isso porque, em Madri, observa-se não apenas a **extensão** do uso do PPC ao âmbito de **passado absoluto**, mas também se identifica que nos contextos de **antepresente** a preferência dada à forma verbal já é tida como consolidada (**especializada**). Desse modo, ao apontar o avanço no uso da forma composta no estágio mais distante do processo prototípico de mudança funcional do PPC nas línguas românicas (HARRIS, 1982; DETGES, 2006) é possível caracterizar a variedade madrilenha como a mais inovadora entre as três. Por sua vez, por centrar o uso do PPC nos valor **continuativo** e de **relevância presente**, as variedades argentinas apresentam um uso mais conservador, característico das primeiras fases de formação do PPC – considerando como referência o *continuum* de

mudança funcional proposto por Alarcos Llorach (1980), Harris (1982) e Detges (2006). Contudo, ao também marcar no uso do PPC a referência a **passados genéricos** e uma aparente tendência ao incremento no uso do PPS na expressão dos valores de **antepresente** e/ou **passado absoluto**, parece-nos também possível afirmar que as duas variedades argentinas podem ter assumido direcionamentos particulares na mudança no uso das formas do *pretérito perfecto*, de tal modo que não poderíamos tratar o uso descrito como mais conservador, mas sim, como diferenciado/particular.

Parece-nos prudente também considerar que, mesmo sofrendo o **processo metonímico** que possibilitou que a **perífrase resultativa** de origem latina adquirisse o *status* de tempo composto de anterioridade, o uso atual do PPC não descarta por completo o valor aspectual original da perífrase, mas o transforma em um sentido de fundo, possibilitando seu ressurgimento conforme o estágio de desenvolvimento da mudança na variedade linguística (DETGES, 2000). Tanto é assim que os sentidos de **relevância presente** e **continuidade** parecem ser explorados nas variedades argentinas e retomados, apenas no âmbito de **passado absoluto**, na variedade madrilenha. Cabe dizer que, devido à **persistência**, também em Madri, desses traços aspectuais de base do PPC no **passado absoluto**, parece que esses sentidos seguem atuando como uma espécie de função de arranque que auxilia a extensão gradual do PPC a estágios mais avançados de seu processo de mudança.

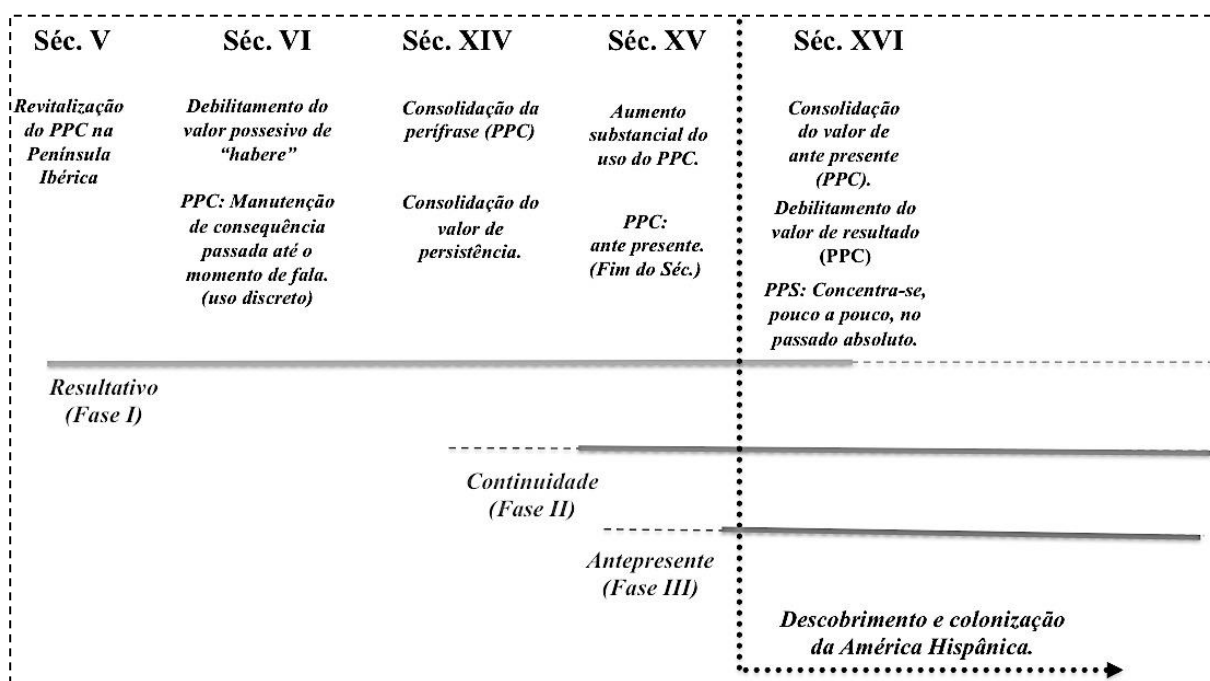
Ainda sobre o comportamento do PPC com valor aspectual, parece-nos razoável buscar amparo nas propostas de Moreno de Alba (2006) e Company Company (2002) para a compreensão do comportamento mutável das formas do *pretérito perfecto* nas variedades do espanhol aqui investigadas. Isso porque, conforme defendem os autores, as variedades da língua espanhola na América e na Península tomaram diferentes caminhos no processo de acomodação do funcionamento das formas do *pretérito perfecto* (COMPANY COMPANY, 2002). Assim, na península, a forma composta expressaria, de modo geral, um passado considerado pelo falante como inserido no *agora* da enunciação (**antepresente**), enquanto que a forma simples, um passado considerado fora do *agora* da enunciação (**passado absoluto**) (Figura 3.6). Guardadas as devidas ressalvas, essa tendência pode ser aplicada à descrição do funcionamento do *pretérito perfecto* em Madri, porque identificamos o uso do PPC concentrado no **AP** e o PPS, no **PA**. Contudo, as ressalvas ficariam por conta do início de um aparente processo de extensão do uso da forma composta para o âmbito de **PA**.

Por outro lado, Moreno de Alba (2006) delinea a possibilidade de encontramos na América um sistema que privilegia o uso do PPS para referência de qualquer situação passada, restringindo o uso do PPC para se referir a passados considerados especialmente

relevantes no momento de fala. Nessa direção, nossos dados reafirmam que, de fato, por detrás da forma composta, pode se esconder um uso marcado por traços aspectuais de **continuidade** e de **relevância presente** – além da referência a **passados genéricos**.

Finalmente, parece possível relacionar o comportamento identificado nas variedades argentinas com a variedade histórica da língua trazida à América, no seu período de descobrimento e colonização. Conforme demonstra a figura 5.2, quando introduzido na América, o uso do PPC era fundamentalmente definido por seus valores aspectuais (**resultado/continuidade**). Foi depois desse contato ultramarino que a forma composta deu início a um processo de **dessemantização** que culminou na alteração do valor atribuído a ela, passando a expressar mais e mais uma informação exclusivamente temporal (**antepresente > passado absoluto**). Tendo em vista o contexto histórico e social das comunidades hispânicas presentes em ambos os lados do atlântico, é possível que cada variedade diatópica tenha gerado sua própria gramática, perfilando uma das possibilidades do sistema antigo e minimizando a outra possibilidade (COMPANY COMPANY, 2002, p. 63).

Figura 5.2: Síntese do percurso da mudança funcional da forma composta



Fonte: própria.

Assim, orientando-nos por essa hipótese, as variedades argentinas teriam concentrado a mudança do PPC nos padrões funcionais de uso mais consistentes quando a língua espanhola foi transplantada à América – isto é, preservando os valores de **resultado (relevância presente)** e **continuidade** –, enquanto que a forma do PPS manteve-se

especializada na expressão objetiva da anterioridade ao momento de fala, seja ela de **antepresente** ou **passado absoluto**. Em Madri, por outro lado, a forma composta teria incorporado e acelerado, ainda mais, o processo que culminou na atribuição da função de **antepresente** ao PPC, limitando, por conseguinte, o contexto de uso do PPS à expressão do **passado absoluto**. Não obstante, conforme revelam os dados deste estudo, esse âmbito temporal, a princípio reservado à forma simples, também começa a ter o PPC como variante competindo com o PPS – comportamento que parece decorrer da especialização da forma composta na expressão de valores temporais de anterioridade, sem marcação aspectual.

Em outros termos, enquanto a variedade madrilenha mostra ter levado adiante o processo de mudança na expressão do **antepresente** e **passado absoluto**, nas variedades argentinas, esse mesmo processo encontra-se em estágios mais embrionários, conservando formas e funcionamentos mais antigos e encontrando forças impulsionadoras que conduziram ainda a algumas vias particulares de mudança (como a expressão do **passado genérico**, por exemplo). A fim de justificar esse comportamento, Chambers, Trudgill (1994), Tagliamonte (2012) e Bagno (2012) explicam que variedades diatópicas mais isoladas dos grandes centros urbanos – como as variedades americanas, sobretudo até o século XIX⁶², quando ainda eram colônias, sem qualquer hegemonia política e econômica – mantêm em funcionamento formas e normas linguísticas mais antigas e menos avançadas em seu processo de mudança. Isso ocorre porque essas comunidades experimentam uma situação de maior restrição às interações comunicativas mais intensas e inovadoras, próprias dos grandes centros.

Diante desse comportamento mais conservador, entendemos porque nas variedades de Buenos Aires e San Miguel de Tucumán emprega-se um uso do PPC ainda com forte marcação aspectual (de **continuidade** ou **relevância presente**) ou, tendo em vista as demandas e experiências específicas dessas regiões afastadas, também se recorra ao PPC para expressar um novo valor, que escape ao *continuum* prototípico de mudança da forma composta nas línguas românicas (HARRIS, 1982; DETGES, 2006).

Visando ao cotejamento do padrão de uso descrito especificamente nas duas normas linguísticas da Argentina, observamos que, apesar de uma relativa proximidade funcional no que se relaciona à marcação de valores aspectuais e de **passado genérico**, encontramos uma significativa diferenciação quanto à frequência de uso e aos contextos temporais em que

⁶² Conforme explica Fanjul (2011), é apenas a partir da segunda metade do século XIX, juntamente com a formação dos Estados nacionais na América Latina, que se configura a formação das normas nacionais de uso da língua considerando as variedades de prestígio de cada um desses países (fase policêntrica de normatização). No entanto, conforme ainda observa o autor, o amadurecimento dessa “etapa policêntrica não anula a potencialidade centralizadora da ex-metrópole, que se mantém latente” (FANJUL, 2011, p.329).

ocorre a variação entre as formas do *pretérito perfecto*. Isso porque, além de mais frequente que em Buenos Aires, em San Miguel de Tucumán o PPC apresenta um inquestionável estágio de variação com a forma simples nos quatro contextos temporais analisados.

Aplicando à análise da dicotomia “inovação” x “conservação” os pressupostos de que (i) a variedade tucumana caracteriza-se, de modo geral, por apresentar comportamentos linguísticos mais conservadores, ao passo que a norma bonaerense apresenta um padrão mais inovador (FONTANELLA DE WEINBERG, 1992; MONTES GIRALDO, 1995) e de que (ii) o uso linguístico da capital argentina repercute de modo intenso sobre a norma de prestígio geral do país (ROJAS MAYER, 2001; FANJUL, 2011), podemos pensar na possibilidade de que o uso mais restrito do PPC na variedade bonaerense corresponda, na verdade, a uma tendência “inovadora” para a norma argentina. Segundo a qual se acentuaria a especialização, pouco a pouco, da forma composta na expressão exclusiva de algumas informações aspectuais/pragmáticas – atribuindo, por conseguinte, a informação de anterioridade objetiva à forma simples, apenas. No entanto, qualquer afirmação nessa direção, demandaria um estudo mais cuidadoso, que envolvesse uma análise comparativa das duas variedades, observando a mudança gradual do comportamento do PPC/PPS no tempo e no espaço (isto é, ao longo da extensão territorial que vai desde Buenos Aires até San Miguel de Tucumán). Ademais, seria pertinente avaliar futuramente até que ponto a norma bonaerense – de prestígio nacional – intervém na norma tucumana, influenciando, quem sabe, o uso do PPC e do PPS.

Para concluirmos, a análise realizada permitiu-nos vislumbrar o comportamento atual das formas do *pretérito perfecto* como parte de um cenário histórico maior e mais complexo. De maneira que os dados contribuíram para uma descrição mais real do funcionamento do PPC e do PPS nas três variedades consideradas e permitiu-nos afirmar que **“o estado de uso do PPS e do PPC descrito em cada uma das variedades corresponde a diferentes estágios de um (ou mais) processo(s) de gramaticalização das formas do *pretérito perfecto* na língua espanhola”**. Em outros termos, conforme havíamos objetivado, conseguimos avaliar, com a conclusão deste trabalho, de que modo o “PPS e o PPC atuam na expressão dos valores temporais de AP e do PA nas variedades espaciais observadas”, além, é claro, de “observar, por meio dessa informação, o *continuum* de mudança funcional do PPC”.

5.3.4 Diálogos com o estado da arte

Por fim, os dados finais deste trabalho, em comparação com os estudos já existentes sobre o tema, permitem que nossas conclusões avancem um pouco mais, conduzindo-nos, inclusive, a novos direcionamentos de pesquisa. Assim, sobre a norma **madrilenha**, é possível confirmar uma importante variação diamésica⁶³ no uso das formas do *pretérito perfecto*, posto que, segundo os dados de Hurtado González (1998) e Oliveira (2007), a forma simples tende a apresentar, em Madri, um uso mais recorrente tanto no contexto de **antepresente**, como no contexto de **passado absoluto**, quando observamos a modalidade escrita da língua. No entanto, conforme mostra nosso estudo – a exemplo do que indicavam os trabalhos de Hurtado González (1998) e Santos (2009) –, na modalidade oral, o PPC não apenas é a forma categoricamente usada no âmbito de **antepresente**, mas também é encontrada, ainda com menor percentual de ocorrência, no **passado absoluto**.

Nessa direção, os dados apresentados por Kempas (2006) revelam que, quando submetido a uma situação de monitoramento mais reforçado, a formação acadêmica do enunciador pode acarretar, ainda mais, a redução do percentual de uso do PPC com valor de **passado absoluto**, alcançando um percentual de ocorrência quase insignificativo (< de 1%), em Madri. Isso posto, parece que não apenas o estudo “diamésico”, mas também o “diafásico” e o “diastrático”⁶⁴ podem revelar informações importantes sobre o encaixamento do PPC na norma madrilenha.

Conforme já pontuamos, a exemplo dos trabalhos conduzidos por Schwenter (1994; HOWE; SCHWENTER, 2003, 2008; SCHWENTER; CACOULLOS, 2008), nosso estudo também identificou que a extensão funcional do PPC na Espanha é regulada fortemente por fatores temporais, especialmente no que se refere ao tipo de referência temporal assumido (HOWE, SCHWENTER, 2003, p. 63), podendo inclusive alcançar a expressão do **passado absoluto**. Contudo, particular à presente proposta foi a possibilidade de monitorar o uso do *pretérito perfecto* na gradual ampliação da referência temporal de **antepresente (imediatos>específicos>ampliados)**, evitando, desse modo, o tratamento de todos os dados não pertencente ao “hodierno” (**AP imediato**) como necessariamente pertencentes ao **Passado Absoluto** – tal qual se procedeu nos estudos conduzidos por Schwenter. Ao agirmos assim,

⁶³ Do grego, DIA- (“através”) + -MESO (“meio”), trata-se da variação da língua conforme o meio, isto é, conforme a modalidade escrita ou falada.

⁶⁴ Referentes, respectivamente, à variação verificada na comparação dos usos que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento e na comparação do modo de falar das diferentes classes sociais.

conseguimos nos aproximar mais efetivamente da real dimensão da variação das formas do *pretérito perfecto* na expressão do **passado absoluto**.

Finalmente, ao identificamos o uso do PPC também expressando resquícios de um uso mais embrionário, marcado por um valor aspectual (**continuidade e relevância presente**), alinhamos nossos resultados aos estudos de Serrano (1994, 1995), Oliveira (2010) e RAE (2010). No entanto, contrariando os resultados apontados por Serrano (1994, 1995), observamos também que, no âmbito de **passado absoluto**, a forma composta é especialmente favorecida entre os menores de 35 anos – enquanto que a autora identificou um favorecimento maior no grupo etário II (35 a 55 anos).

Quanto às variedades argentinas, o contraste do estado da arte com os resultados desta tese indicam que é inviável afirmar (i) a existência de um único padrão de uso das formas do *pretérito perfecto* em todo o país – como fazem equivocadamente RAE (1986), Lamiquiz Ibañez (1969), Moreno Fernández (2000) e Oliveira (2007) – ou (ii) que ambas as formas compartilham exatamente o mesmo significado – como afirmaram Vidal de Battini (1964) e Múgica (2007). Conforme vimos, a observação do funcionamento das formas do *pretérito perfecto* indica um complexo uso que envolve não apenas especificidades quantitativas no cotejamento diatópico, mas também questões de ordem semântica. Tanto que registramos o uso do PPC marcado (i) por informações aspectuais (**continuidade e relevância presente**), (ii) pelo conhecimento sobre a efetivação de uma dada situação (**passado genérico**) ou ainda (iii) pelo maior favorecimento, em San Miguel de Tucumán, em alguns âmbitos temporais que a variedade bonaerense não prevê.

Especificamente em relação à variedade bonaerense, nosso trabalho concorda com os estudos de Kubarth (1992), García Negroni (1999), Rodríguez Louro (2008, 2009, 2010 e 2011), Oliveira (2010), posto que identificam os valores de **continuidade** e/ou **relevância presente** sendo atribuído ao PPC. Em especial, orientando-nos por Rodríguez Louro (2009, 2010 e 2011), identificamos também o valor de **passado genérico** atrelado ao uso da forma composta, em Buenos Aires.

O contraste com os estudos sobre a modalidade escrita – realizados por Oliveira (2007) e Santos (2009) –, permite-nos concluir que a modalidade falada da língua tende a favorecer a forma composta em Buenos Aires, já que encontramos o PPC tanto no **antepresente**, como no **passado absoluto**. A exceção, contudo, se deve ao subâmbito de **AP imediato**, em que, como vimos, apenas o PPS foi documentado. Vale recordar que, segundo as autoras, observa-se na modalidade escrita a redução no uso do PPC (SANTOS, 2009) e a completa ausência dessa forma no âmbito de **passado absoluto** (OLIVEIRA, 2007).

Por sua vez, a observação já feita por outros investigadores sobre a interferência do fator idade sobre o uso do PPC (KUBARTH, 1992; RODRÍGUEZ LOURO, 2009) confirma as conclusões deste trabalho, já que há uma unanimidade em observar a forma composta ocorrendo quase que exclusivamente entre a população maior de 55 anos. Comportamento que, conforme temos defendido, pode ser uma evidência de uma tendência ao desuso do *perfecto compuesto* nessa variedade diatópica.

Ainda segundo Kubarth (1992), o fator âmbito temporal não incide na seleção de uma das formas na modalidade falada, em Buenos Aires. Porém, os dados apresentados nesta pesquisa demonstram que, apesar da incidência do fator temporal não ser tão marcada como nas demais variedades estudadas, ainda assim é possível observar um incremento no uso do PPC à medida que ampliamos a dimensão temporal, dentro do âmbito de AP. Dessa maneira, uma afirmação como a defendida por Kubarth (1992) requer um melhor refinamento.

Por último, a partir da análise da variedade portenha, Rodríguez Louro (2009, 2010) não concorda com a afirmação de que as variedades hispano-americanas estão localizadas em um estágio semelhante de mudança linguística – o qual corresponderia a etapas anteriores do desenvolvimento observável nas variedades peninsulares. Estamos de acordo com a autora, posto que nosso estudo revela comportamentos diferenciados para as variedades americanas aqui contempladas. Ademais, apesar de registrar um funcionamento marcado por características aspectuais mais antigas no processo de mudança do PPC descrito por Harris (1982) e Detges (2006), o encaixamento dessa forma verbal no interior do sistema de cada variedade diatópica da Argentina somado à possibilidade de expressar valores como o de **passado genérico** indicam a possibilidade de encontrarmos um *continuum* próprio de mudança das formas do *pretérito perfecto* na Argentina.

Voltando-nos a San Miguel de Tucumán, nossos dados aproximam-se do estado da arte ao identificarmos, de modo geral, o substancial incremento percentual no uso do PPC nessa variedade diatópica. Em especial, traçamos paralelos com os trabalhos de Terlera de Nanni (1981), Rojas Mayer (1985, 2004), Kempas (2002, 2006, 2009), RAE (2009), Araujo (2012a, 2013, 2015) ao identificarmos a recorrência da forma composta no âmbito de **passado absoluto**, além do seu favorecimento em contextos que ressaltam o valor de **relevância presente e continuidade**.

Uma vez que os escassos estudos variacionistas desenvolvidos sobre essa variedade concentram-se na análise das diferentes classes sociais (TERLERA DE NANNI, 1981; ROJAS MAYER, 1985, 2004), nosso trabalho contribuiu com o estudo do encaixamento do PPC tendo em vista os fatores “idade” e “gênero/sexo”. Dados que, de alguma maneira,

permitem aproximar nossas conclusões às considerações apresentadas por Kempas (2002, 2006, 2009) – sobre a província vizinha, de Santiago del Estero –, as quais apontam para um apreço social pelo uso do PPC no noroeste argentino.

Tudo isso exposto, ressaltamos, mais uma vez, uma similaridade relativa entre a expressão do **antepresente** e do **passado absoluto** em Madri com a realidade normativa descrita nos manuais gramaticais. Proximidade que, ao menos no que se relaciona ao uso do PPC/PPS, coloca em evidência o prestígio dessa variedade linguística e, conseqüentemente, uma congruência entre uma norma-padrão (apregoadada por esses materiais descritivos) e a variedade peninsular consultada. Por outro lado, a disparidade registrada entre o uso normativo e as realidades linguísticas descritas no contexto argentino demonstra o distanciamento que ainda mantém a norma-padrão do uso efetivamente realizado nessas variedades hispano-americanas.

Desse modo, concluímos que, de certa maneira, não há tanto desacordo, mas limitação no que **se descreve/prescreve sobre o funcionamento das formas do *pretérito perfecto* e o uso que efetivamente observamos nas três variedades diatópicas**. Por último, ressaltamos que nosso trabalho se diferencia dos demais estudos resenhados na seção II já a partir de sua delimitação metodológica, posto que (i) partimos de uma prévia análise semasiológica que evita eventuais análises enviesadas, (ii) debruçamo-nos sobre um material de análise autêntico, rico em dados, do domínio oral, (iii) que permite registrar as informações linguísticas e extralinguísticas necessárias para o cumprimento da (iv) análise multivariada. Em acréscimo, o interesse em (v) estabelecer relações históricas sobre a expressão do **antepresente** e do **passado absoluto** a partir da observação de dados diatópicos e sincrônicos é outra característica que também individualiza os resultados deste trabalho.

CONCLUSÃO

Conforme mencionado ao estabelecermos os propósitos deste trabalho, os dados conclusivos permitiram-nos esclarecer como as formas do *pretérito perfecto compuesto* (PPC) e *simple* (PPS) operam na expressão do **antepresente (AP)** e do **passado absoluto (PA)** nas variedades de Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán. Apesar de procedermos a uma análise sincrônica, não ignoramos, contudo, que os estados descritos em cada uma das variedades diatópicas constituem um estágio do amplo processo de implementação de uma série de mudanças que envolve a história das formas do *pretérito perfecto*.

O caminho percorrido até a culminação deste estudo iniciou (seção I) na conceituação teórica dos dois tipos de âmbitos temporais: o **passado absoluto** e o **antepresente** e na identificação da possibilidade de subcategorização dessa última concepção temporal em **AP imediato**, **AP específico** e **AP ampliado**, conforme a abrangência da referência temporal desses subâmbitos. De modo sintético, definidos quanto à manutenção ou não da referência temporal que envolve tanto o momento de fala como o momento do evento, o **AP** e o **PA**, respectivamente, encontram, segundo a norma-padrão da língua, sua principal expressão nas formas do *pretérito perfecto compuesto* (PPC) e *simple* (PPS) – na ordem referida. Conforme ainda observamos na seção inicial, outros valores ainda podem se associar às formas do *pretérito perfecto*, sobretudo ao PPC – construção que se apresenta na língua espanhola como potencialmente polissêmica, capaz de expressar 9 valores – conforme sintetizou o quadro 1.6.

Aprofundando o estudo do funcionamento das duas formas temporais nas variedades diatópicas do espanhol (seção II), pudemos identificar, a partir da breve revisão da literatura sobre a questão, que essas formas apresentam um funcionamento verdadeiramente heterogêneo, compondo uma variável linguística na expressão do **antepresente** e do **passado absoluto** em muitas variedades diatópicas da língua castelhana. Ainda segundo essa revisão bibliográfica, foi possível identificar que a variação entre as duas formas organiza-se na língua tendo em vista diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos. De maneira que para proceder ao estudo de como ambas as formas operam na expressão do **AP** e do **PA** faz-se necessário identificar esses fatores e delimitar os contextos em que o PPC e o PPS operam efetivamente em variação. Paralelamente, desenvolvemos ainda uma reflexão baseada no quadro teórico da Sociolinguística, a fim de apresentar a visão de língua que permeou este trabalho e orientou o tratamento dado ao estudo do comportamento do PPS e do PPC.

Antes de procedermos às delimitações metodológicas para o cumprimento de nossos objetivos, tivemos a oportunidade de mostrar como se constitui historicamente esse panorama heterogêneo no comportamento das duas formas do *pretérito perfecto* (seção III). Assim, a partir do estudo das línguas românicas, observamos que é possível delinear um *continuum* de mudança da forma composta, tanto sincronicamente (com a comparação do estágio atual das línguas e de suas variedades) como diacronicamente (com o estudo histórico, especialmente, das línguas que apresentam estágio mais avançado de mudança – como o francês e o italiano).

Diante dessa percepção, Harris (1982) e Detges (2006) defendem que o *continuum* prototípico de mudança do PPC nas línguas românicas prevê a sucessão de pelo menos quatro estágios, nos quais a forma composta expressaria **resultado**, **continuidade**, **antepresente** e **passado absoluto** – necessariamente nessa ordem. Evidentemente que esse processo de implementação da mudança funcional do PPC envolveu uma junção de mecanismos morfossintáticos e semânticos que, em última análise, permitiram que a forma se movesse de um eixo menos gramaticalizado e marcado por um valor aspectual para um eixo mais gramaticalizado, em que, paralelamente, a forma passa a expressar gradualmente uma informação mais temporal, de anterioridade absoluta e sem informação aspectual marcada. É consciente desse processo que Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 86) afirmam que:

The change of an anterior [resultative] to a past or perfective is typical of grammaticization changes. On the semantic level, the change is clearly a generalization of meaning, or the loss of a specific component of meaning: the anterior (resultative) signals a past action that is relevant to the current moment, while the past and perfective signal only a past action. The specification of current relevance is lost (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p.86).¹

Segundo descreve Alarcos LLorach (1980), esse processo repetiu-se quase que identicamente no espanhol. Tanto é assim que foi possível observar, ao longo da história da língua castelhana, que o *continuum* na mudança funcional do PPC percorreu quatro fases: **resultado**, **continuidade**, **antepresente** e **AP ampliado**, sem alcançar, segundo Alarcos LLorach (1980), o âmbito de **passado absoluto** – posicionamento questionado com os dados que apresentamos. Ainda segundo as informações apresentadas por esse autor, percebemos que com a língua trazida à América hispânica (Sec. XV), a forma composta ainda não se havia nutrido substancialmente do valor de **antepresente**, de maneira que ainda se

¹ A mudança de um anterior (resultativo) para um passado ou perfectivo é típico de mudanças de gramaticalização. No nível semântico, a mudança é claramente uma generalização de significado, ou a alteração de um componente específico do significado: o anterior (resultativo) sinaliza uma ação do passado que é relevante para o momento atual, enquanto o passado e o perfectivo sinalizam apenas uma ação passada. Perde-se especificação de relevância presente (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p.86).

caracterizava pela expressão dos valores iniciais de seu funcionamento – quando ainda apresentava contundentemente os valores de **resultado** e **continuidade** (Figura 5.2).

Paralelamente, destacamos que à medida que a forma composta avançava sobre a expressão dos sentidos marcadamente temporais (**antepresente/passado absoluto**), estabeleceu-se um processo de competição com a forma simples – historicamente constituída como forma de expressão de anterioridade à enunciação. Isso exposto, torna-se mais claro porque nos deparamos, atualmente, com a variação entre o PPS e o PPC na expressão do **antepresente** e **passado absoluto**. Isto é, entendemos que esse estado heterogêneo possivelmente resulte do rearranjo do sistema temporal espanhol frente à gradual implementação da mudança funcional da forma composta.

A fim de proceder à descrição da expressão do **antepresente** e **passado absoluto** considerando todos esses pressupostos diacrônicos e de variação sincrônica, partimos finalmente para o delineamento das condições de pesquisa (seção IV). Momento em que explicamos a necessidade de que nossa análise – caracterizada por uma abordagem onomasiológica – origine-se de uma prévia análise semasiológica, que permita identificar os casos em que, de fato, o PPC e o PPS expressem **antepresente** ou **passado absoluto**. Desse modo, viabilizamos um estudo não enviesado por uma abordagem meramente quantitativa e aglutinadora que, como tal, procede à análise de todas as formas do *pretérito perfecto* como se fossem variantes, quando, na verdade, podem operar expressando valores diferentes. Em síntese, defendemos que, para os propósitos deste trabalho, é necessário um tratamento voltado apenas aos dados que compõem a variável linguística de **antepresente** e de **passado absoluto** – contextos que permitem uma comparabilidade funcional entre PPS/PPC.

Tendo em vista o interesse em examinar a realidade linguística de três variedades da língua espanhola separadas no espaço, nosso estudo demandou a compilação de um *corpus* que favorecesse a análise da expressão da anterioridade, em um contexto real de interação verbal com grau de monitoramento linguístico relativamente baixo e que, ademais, permitisse-nos a extração das informações extralinguísticas dos falantes e do contexto de enunciação. Encontramos o cumprimento de todas essas exigências em enunciados de entrevistas radiofônicas difundidas por rádios das respectivas localidades e cuja transmissão também fosse disponibilizada via *web*. Em acréscimo, o trabalho com esse material também permitiu o contato com diferentes vozes das variedades diatópicas, além de evitar o deslocamento do investigador.

Por recorrermos ao aparato teórico-metodológico da sociolinguística variacionista, paralelamente à transcrição das entrevistas radiofônicas e identificação das ocorrências das

formas do *pretérito perfecto simple* e *compuesto* que se ajustavam aos âmbitos de **antepresente** e **passado absoluto**, nosso estudo demandou ainda a delimitação dos grupos de fatores (condicionantes) linguísticos e extralinguísticos que nos auxiliassem na descrição desse cenário heterogêneo que envolve a implementação de uma mudança na expressão do **AP** e do **PA**. Em outros termos, foram esses fatores que nos auxiliaram na compreensão do encaixamento do PPS e do PPC no interior do sistema de cada uma das variedades diatópicas.

Assim, delimitamos os grupos de fatores linguísticos tendo em vista (i) a concepção temporal, (ii) os marcadores temporais, (iii) as formas verbais de base (telicidade/duração/modo de ação), (iv) o sujeito (pessoa e número), (v) o complemento verbal (número) e o (vi) tipo de oração. Quanto aos fatores extralinguísticos, consideramos o (i) local de origem, (ii) o gênero/sexo e a (iii) idade dos falantes. Finalmente, essa análise multivariada demandou uma análise estatística – conduzida pelo *Godvarb Yosemite* – que nos apontou a relevância quantitativa de cada um desses fatores para a escolha de uma ou outra forma do *pretérito perfecto*.

Uma vez estabelecidos os pressupostos teóricos e metodológicos para avaliarmos (i) “como o PPS e o PPC atuam na expressão dos valores temporais de **antepresente** e do **passado absoluto** nas variedades espaciais observadas” e (ii) “como os estados descritos sobre o uso do PPS e do PPC na expressão do **AP** e do **PA** nas três variedades espaciais observadas permitem-nos verificar, de alguma maneira, o *continuum* de mudança do PPC”, passamos à análise efetiva dos dados a fim de comprovar as hipóteses iniciais desta pesquisa.

Desse modo, o exame dos dados – sintetizados na tabela 5.45 –, mostrou-nos que o fator “âmbito temporal” tem uma incidência diferenciada sobre o uso do PPC/PPS conforme a variedade diatópica. Assim, em Madri, observamos um uso categórico da forma composta nos subâmbitos de **antepresente** e, por outro lado, a maior recorrência da forma simples no âmbito de **passado absoluto**. Contudo, é importante destacar o percentual (8%) de ocorrência do PPC também nessa última concepção temporal. Comportamento que, aliado ao favorecimento do PPC na fala dos mais jovens, indica a existência de um processo de expansão da forma composta para o âmbito de **passado absoluto**.

Por sua vez, apesar de notarmos, em Buenos Aires, uma menor recorrência do PPC em todos os âmbitos temporais de análise, é possível delinear uma tendência crescente ao uso dessa forma no âmbito de **antepresente** à medida que se aumenta a abrangência da referência temporal dos subâmbitos. Por outro lado, a observação do âmbito de **passado absoluto** expõe uma diminuição brusca no uso do PPC (2%) ao devolver, de modo (quase) absoluto, ao PPS a expressão do **passado absoluto**. De modo sintético, notamos que nessa variedade os

subâmbitos de **AP específico** e de **AP imediato** são os que mais favorecem o estudo da variação entre as duas formas do *pretérito perfecto*, posto que neles o PPC tem um percentual mais significativo de uso (de 13% e 45%, respectivamente). Paralelamente, o alto índice geral de ocorrências do PPS juntamente com o incremento de sua recorrência entre as mulheres e entre a população menor de 35 anos (grupo em que sequer observamos o PPC) indicam-nos não apenas a vitalidade dessa forma na expressão do **AP** e do **PA** em Buenos Aires, mas também a tendência futura de que o PPS se torne categórico (como já é no **AP imediato**) na expressão desses valores – restringindo, por conseguinte, mais e mais o uso do PPC.

Por último, em San Miguel de Tucumán foi possível identificar variação entre o PPS e o PPC em todos os contextos temporais investigados. À semelhança de Buenos Aires, também foi possível marcar um gradual aumento no uso do PPC à medida que se amplia a referência temporal do **antepresente**, de maneira que o menor índice no **AP imediato** (39%) sobe com a passagem para o subâmbito de **AP específico** (66%), mantendo-se aparentemente estável no **AP ampliado** (68%). Quanto ao **passado absoluto**, observamos uma diminuição brusca na recorrência da forma do PPC, mantendo, contudo, um percentual de uso do PPC (11%) que inclusive supera a recorrência da forma composta em Madri. No entanto, o incremento do índice do PPS junto à população de até 35 anos na expressão do **antepresente** parece-nos indicar que futuramente a forma simples pode ganhar mais espaço nessa variedade diatópica. Não obstante, tendo em vista a situação relativamente mais equilibrada da variação entre as duas formas do *pretérito perfecto*, é mais difícil conjecturar sobre os comportamentos futuros de ambas as formas em San Miguel de Tucumán.

Foi diante dessas informações que conseguimos avaliar as duas primeiras hipóteses de pesquisa, demonstrando que “**o tipo e a abrangência da referência temporal de anterioridade é um fator determinante no comportamento das formas do pretérito perfecto**”, operando, contudo, de diferentes maneiras nas três variedades. Por conseguinte, foi ainda possível afirmar que “**conforme a variedade diatópica, o PPS e o PPC estão em variação em um ou mais contextos temporais analisados**”.

Sobre a hipótese que versa sobre os estágios de mudança do *pretérito perfecto*, concluímos que, em Madri, o uso categórico da forma composta nos subâmbitos de **antepresente** põe em evidência que o PPC especializou-se e se consolidou na expressão desse valor temporal, de modo que o uso dessa forma no **passado absoluto** pode ser resultado do início do processo de extensão no uso PPC, deixando de estar limitado à expressão específica do **antepresente** (ME-MF,MR/(0oV)-V), para se ocupar da expressão de uma anterioridade absoluta e geral, envolvendo, assim, tanto o **AP** como o **PA**. Na mesma direção, a observação

do grupo de fatores “idade” reafirma que essa tendência é ainda recente na língua, posto que o percentual de uso do PPC no âmbito de **passado absoluto** é maior entre os falantes menores de 35 anos, diminuindo à medida que se aumenta a faixa etária dos informantes. Por fim, destacamos que, conforme revelou a análise multivariada, nesse estágio de expansão funcional, a forma composta é especialmente condicionada pelos contextos que favorecem uma leitura **durativa** e de **relevância presente**.

Em Buenos Aires, por sua vez, observamos um baixo uso geral do PPC, ocorrências que ainda se mostram marcadas por valores aspectuais e pragmáticos, já que é mais recorrente em contextos que favorecem uma leitura de **relevância presente**, **continuidade** e **referência a situações genéricas ocorridas em um passado menos definido**. Isso posto, parece que, em Buenos Aires, a forma composta não progrediu muito no processo de dessemantização que lhe permite alterar o seu significado em favor da expressão especializada de traços mais temporais – conforme observamos em Madri. A informação proveniente da análise fator “idade” indicou que o comportamento da forma composta na variedade bonaerense não parece ter forças para prosseguir o percurso de desenvolvimento delineado Harris (1982) e Detges (2006), já que é favorecida entre os maiores de 55 anos e ausente na fala da população menor de 35 anos. Por conseguinte, parece ser a forma simples a mais pujante nessa variedade diatópica, tanto na expressão do **passado absoluto**, como do **antepresente** e seus subâmbitos. Finalmente, é pertinente destacar que o uso do PPC, nessa variedade, pode fugir às limitações desse *continuum* de mudança funcional, posto que também é usado sistematicamente para fazer referência a **situações genéricas ocorridas em um passado menos definido**.

Por último, identificamos, em San Miguel de Tucumán um uso quantitativamente mais próximo entre o PPS e o PPC. Em especial, o PPC mostra-se mais conservador, já que favorece a expressão de valores marcados por traços aspectuais (**continuidade** e **relevância presente**). Por outro lado, identificamos também a extensão de seu significado à expressão de **situações genéricas ocorridas em um passado menos definido**. Assim, a exemplo de Buenos Aires, cabe pensar na existência de um *continuum* de mudança funcional próprio do PPC também em San Miguel de Tucumán. Finalmente, destacou-se também um uso do PPC mais vívido e expansivo do que em Buenos Aires, marcado tanto pela maior recorrência do PPC, como pela avaliação prestigiosa que parece receber socialmente, já que é mais recorrente na fala feminina. No entanto, tendo em vista o maior equilíbrio na variação com o PPS – forma que inclusive recebe maior favorecimento entre os mais jovens –, é possível pensar na possibilidade de que o PPS ganhe gradualmente mais espaço nessa variedade, restringindo o uso do PPC a contextos mais específicos – como já ocorre em Buenos Aires.

Diante desses três comportamentos diatópicos, foi possível afirmar que a inovação identificada em Madri resulta de um processo de mudança diferenciado daquele existente nas variedades da Argentina. Ou seja, enquanto as variedades argentinas teriam concentrado o desenvolvimento da forma composta nos padrões funcionais de uso de quando a língua espanhola foi trazida à América – mantendo os valores de **resultado (relevância presente)** e **continuidade** –; em Madri, acelerou-se, ainda mais, o processo que culminou na atribuição dos valores estritamente temporais ao PPC. Por conseguinte, estabeleceu-se um contexto de competição com o PPS, no qual a forma composta vem se mostrando mais forte. Baseando-nos, portanto, nesse conhecimento, pudemos comprovar que, de fato, **“o estado de uso do PPS e do PPC descrito em cada uma das variedades corresponde a diferentes estágios de um (ou mais) processo(s) de gramaticalização das formas do *pretérito perfecto* na língua espanhola”**.

Em complemento, os resultados dos dados adquiridos com a análise da expressão do **antepresente** e **passado absoluto** permitiram-nos ainda um diálogo com o estado da arte, mostrando que, de certo modo, **não há tanto desacordo, mas limitação entre o que se descreve sobre o funcionamento das formas do *pretérito perfecto* e o uso que efetivamente observamos nas três variedades diatópicas**. Desse modo, nosso trabalho contribuiu para a ampliação do conhecimento que se têm não só sobre a expressão desses dois valores temporais, mas também sobre o funcionamento da forma simples e composta, de modo geral. De maneira ainda mais pontual, com a observação do comportamento do PPC e do PPS nas três zonas diatópicas não apenas descrevemos, reavaliamos e corrigimos – quando necessário – as descrições já realizadas sobre o comportamento de ambas as formas verbais nas três zonas, mas também inserimos, de forma mais consistente, a variedade de San Miguel de Tucumán no estado da arte do estudo do uso das formas do *pretérito perfecto*, possibilitando, assim, o cotejo com as demais variedades da língua e uma maior divulgação dessa variedade.

Por fim, tendo em vista a riqueza dos dados conclusivos apresentados, somos naturalmente impulsionados a proceder, futuramente, a novas propostas de pesquisas que visem a esclarecer questões pendentes. Desse modo, os encaminhamentos futuros deste trabalho poderão exigir-nos (i) um estudo histórico que investigue o comportamento dessas formas verbais ao longo do tempo nas três variedades da língua, isso para sabermos, com maior propriedade e quantidade de dados, qual foi o caminho efetivamente realizado até o estado descrito. Também são pertinentes estudos voltados à ampliação do conhecimento sobre o encaixamento da variação do PPS e do PPC nos sistemas diatópicos. O que exigiria, por

exemplo, uma análise mais sistemática e ampliada de fatores relativos (ii) à primeira e segunda pessoas do discurso, (iii) às diferentes classes sociais, (iv) às diferentes modalidades da língua, bem como (v) aos contextos temporais não contemplados neste trabalho – como o **antepretérito**, em que além do uso do *pluscuamperfecto* (mais-que-perfeito), eventualmente também se observa o PPS e o PPC, como se observa em (1) e (2):

(1) *Eso dijo Gabriela Michetti, de los niños, de nosotros, de los hijos que mi esposo **adoptó** antes de conocerme <B4>.*

Isso disse Gabriela Michetti, dos filhos, de nós, dos filhos que meu esposo havia adotado antes de me conhecer.

(2) *Ese tema se **ha politizado** y yo que tuve que hacer en aquel momento como responsable de la obra social, poner en funcionamiento los mecanismos naturales [...] <T5>.*

Esse assunto havia sido politizado e eu que tive que fazer naquele momento, como responsável da obra social, pôr em funcionamento os mecanismos naturais [...].

Outra demanda refere-se a necessidade de (vi) avaliar se, de alguma maneira, a norma bonaerense – de prestígio nacional – intervém no uso feito do *pretérito perfecto* nas demais variedades argentinas. Igualmente relevante, (vii) a ampliação dos estudos diatópicos, não apenas das variedades espanholas e argentinas, poderiam explicitar, ainda mais, de que modo o espaço pode ser um fator que aponta graus diferentes de mudança da língua. Por fim, (viii) destacamos ainda a necessidade de refletir sobre a contribuição de trabalhos deste perfil para repensar a norma-padrão de uma língua, estendendo essas reflexões para o contexto de ensino do espanhol, tanto como língua materna, como língua estrangeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACERO FERNÁNDEZ, Juan José. Las ideas de Reichenbach acerca del tiempo verbal. In: BOSQUE, Ignacio. (Org.) **Tiempo y aspecto en español**. Madrid: Cátedra, 1990. p.44-75.
- ALARCOS LLORACH, Emilio. Perfecto simple y compuesto. In: ALARCOS LLORACH, Emilio. **Estudios de gramática funcional del español**. 3 ed. Madrid: Gredos, 1980. p.13-49.
- ALARCOS LLORACH, Emilio. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2005.
- ALÉONG, Stanley. Normas lingüísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, Marcos. (Org.). **Norma Linguística**. 2 ed. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2011. p.9-21.
- ALMEIDA, Manuel. Perfecto simple y perfecto compuesto en el español de Canarias. **Revista de filología de la Universidad de La Laguna**, La Lagunas, n. 6 e 7, p.69-77, 1987.
- ALVAR, Manuel. **Manual de dialectología hispánica: el español de España**. Barcelona: Ariel, 2012.
- ÁLVAREZ GARRIGA, Dolores. Perfecto Simple y Perfecto Compuesto: Un análisis de su variación en los discursos de asunción a la Presidencia de Néstor Kirchner y Evo Morales. In: COLOQUIO ARGENTINO DE LA IADA: “DIÁLOGO Y DIÁLOGOS”, 4, 2009, La Plata. **Coloquio Argentino de la IADA: “Diálogo y diálogos”**. La Plata: Universidad Nacional de la Plata, 2009.
- ÁLVAREZ GARRIGA, Dolores. Estudio sobre la variación perfecto simple y perfecto compuesto en los discursos presidenciales de Evo Morales: marcas del contacto lingüístico, **Cuadernos de la Alfal**, Buenos Aires, n. 4, p. 30-44. 2012.
- ANDRÉS-SUÁREZ, Irene. **El verbo español: sistemas medievales y sistemas clásicos**. Madrid: Gredos, 1994.
- APAZA APAZA, Ignacio. Diferencias sociales entre el habla masculina y el habla femenina. **Estudios Bolivianos**, La Paz, n. 21, 2014, p. 67-77.
- ARAUJO, Leandro Silveira. “**La gramática lo propuso, pero he escuchado...**”: um estudo comparativo sobre o uso dos pretéritos indefinido e perfecto segundo a perspectiva da gramática normativa e a impressão de uso efetivo de hispanofalantes. 2009. 70 f. Monografia de Conclusão de Curso (Bacharel em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2009.
- ARAUJO, Leandro Silveira de. **Os valores atribuídos ao pretérito perfecto compuesto espanhol nas regiões dialetais da argentina**. 2012. 212 f. Dissertação (Mestrado em linguística e língua portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2012a.
- ARAUJO, Leandro Silveira. A elaboração de um corpus dialetal da língua espanhola falada na Argentina: contribuições dos gêneros discursivos e da análise textual automática. **Estudos Linguísticos**, n.41, v.1, p. 246-261, 2012b.
- ARAUJO, Leandro Silveira de. **O pretérito em espanhol: usos e valores do perfecto compuesto nas regiões dialetais argentinas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

- ARAUJO, Leandro Silveira. O estudo da temporalidade verbal na língua espanhola: contribuições à dialetologia argentina. In: COSTA, Daniel Soares da. (Org). **Pesquisas linguísticas pautadas em corpora**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015. p. 111-152.
- ARAUJO, Leandro Silveira de; BERLINCK, Rosane de Andrade. Localizando o pretérito perfecto compuesto na linha do tempo: o estágio da gramaticalização do ppc nas variedades diatópicas argentinas. **Revista Linguística**, v. 9, p. 62-74, 2013.
- ARAUJO, Leandro Silveira; BUENO, Rafaela Giacomini. Posicionado-se frente à diversidade linguística: o caso do espanhol como língua estrangeira. **Revista do SELL**, Uberaba, v 4, p. 1-18, 2014.
- ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: ASSIS, Machado. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm07.pdf>. Acesso em 10/03/20016.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. Introdução: norma linguística e outras normas. In: BAGNO, Marcos. (Org.). **Norma Linguística**. 2 ed. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2011. p.141-170.
- BAGNO, Marcos. Gramática pedagógica do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAKHTIN, Michael. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BALDINGER, Kurt. Semasiologia e onomasiología. **Alfa**, Marília, v. 9, p. 7-36, 1966.
- BARBOSA, Juliana Bertucci. **Tenho feito/fiz a tese: uma proposta de caracterização do pretérito perfeito no português**. 2008. 277 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2008.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística: Objetos teóricos**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 121-140.
- BELLO, Andrés. **Análisis ideológico de la conjugación castellana**. Caracas: Plan Cultural Caracas, 1972.
- BELLO, Andrés. **Gramática de la lengua castellana**. Madrid: EDAF, 2004.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. 5 ed. Tradutores Maria da Gloria Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes. 2005. 1 v.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. 2 ed. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 2006. 2 v.
- BERBER SARDINHA, Tony. Linguística de *corpus*: histórico e problemática. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 16, p.323-367, 2000. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2016.
- BERLINCK, Rosane de Andrade. The Portuguese dative. In: W Van Belle; W Van Langendonck. (Org.). **The dative. Descriptive Studies**. Amsterdam, John Benjamins. 1 v. 1996. p. 119-151.
- BERMÚDEZ, Fernando. Los tiempos verbales como marcadores evidenciales: El caso del pretérito perfecto compuesto. **Estudios filológicos**. 40, p.165-188, 2005.

- BÍBLIA. *Eclesiastes. Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2016.
- BULL, William Emerson. **Time, Tense, and the Verb: A Study in Theoretical and Applied Linguistics, with Particular Attention to Spanish**. Berkeley: University of California Press, 1971.
- BYBEE, Joan. From Usage to Grammar: The Mind's Response to Repetition. **Language**. v. 82/4, p. 711-733, 2006.
- BYBEE, Joan; DAHL, Östen. The creation of tense and aspect systems in the languages of the world. **Studies in language**, v.13, n.1, p.51-103, 1989.
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. **The evolution of grammar: Tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque ao modelo fonêmico**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. 2 ed. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística. **DELTA**, São Paulo, v. 26, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502010000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 dez. 2016.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. Parábola: 2013.
- CAMPOS, Héctor. Transitividad e intransitividad. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999. 2 v. p.1521-1574.
- CARAVEDO, Rocío. Dialectología y sociolingüística: propuesta integradora. **La torre**, Puerto Rico, v 7-8, p.75-87, 1998.
- CARRASCO GUTIÉRREZ, Ángeles. Reichenbach y los tiempos verbales del español. **DICENDA Cuaderno de Filología Hispánica**, Madrid, n.12, p.69-86, 1994.
- CARRICABURO, Norma. **Las fórmulas de tratamiento en el español actual**. Madrid: Arco Libros, 1997.
- CARTAGENA, Nelson. Los tiempos compuestos. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999. 2 v. p. 2933-2975.
- CARTAGENA, Nelson. Conservación y variación como factores de divergencia del verbo español en América: Posibilidades y límites de convergencias normativas. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2º, 2001, Valladolid. **Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española**. Madrid: Centro Virtual Cervantes, 2001. Disponível em: <http://congresosdelalengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/2_el_espanol_de_america/cartagena_n.htm>. Acesso em: 15 nov. 2016.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira. A sintaxe do verbo e os tempos do passado em português. **Alfa**, Marília, v.9, p.105-153, 1966.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira. Introdução ao estudo do aspecto na língua portuguesa. **Alfa**, Marília, v.12, p. 7-135, 1967.

- CELERI, Waniston Coelho. **A composicionalidade aspectual revisada**. 2008. 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- CHAMBERS, Jack. K.; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Trad. Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros. 1994
- CHAMBERS, Jack. K. **Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance**. Oxford: Blackwell Publishers, 2003.
- COMPANY COMPANY, Concepción. Sintaxis y valores de los tiempos compuestos en el español medieval, **Nueva Revista de Filología Hispánica**. v. 32/2, p. 235-257. 1983.
- COMPANY COMPANY, Concepción. Gramaticalización y dialectología comparada. Una Isoglosa sintáctico-semántica del español. **Dicenda: Cuadernos de filología hispánica**. Madrid, v.20, p.39-71, 2002. Disponível em: < <http://revistas.ucm.es/index.php/DICE/article/view/DICE0202110039A/12293>>. Acessado em 26 abr. 2016.
- COMPANY COMPANY, Concepción. La gramaticalización en la historia del español, **Medievalia**. v. 35, p. 3-61, 2003.
- COMPANY COMPANY, Concepción. Tiempos de formación romance II. Los futuros y condicionales. In: COMPANY COMPANY, Concepción (coord.). **Sintaxis histórica de la lengua española. Primera parte: La frase verbal**. Ciudad de México: FCE/UNAM, 2006. v. 1. p 349-418.
- COMPANY COMPANY, Concepción; CUÉTARA PRIDE, Javier. **Manual de gramáticas histórica**. 2 ed. Ciudad de México: UNAM, 2011.
- COMRIE, Bernard. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COMRIE, Bernard. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O tempo nos verbos do português**. São Paulo: Parábola, 2005.
- COSERIU, Eugenio. Sistema, norma y habla. In: COSERIU, Eugenio. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. 3 ed. Madrid: Gredos, 1962.
- COSERIU, Eugenio. Geografía lingüística. In: COSERIU, Eugenio. **El hombre y su lenguaje**. Madrid: Gredos, 1977. p.103–158.
- COSERIU, Eugenio. El español de américa y la unidad del idioma. In: SIMPOSIO DE FILOLOGÍA IBEROAMERICANA, 1, 1990, Sevilla. **Separata del I Simposio de filología iberoamericana**. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1990. p.43-75.
- DAHL, Östen; HEDIN, Eva. Current Relevance and Event Reference. In: DAHL, Östen (ed.). **Tense and aspect in the languages of Europe**. Berlin: de Gruyter, 2000. p. 385-402.
- DE GRANDA, Germán. **Estudios lingüísticos hispanoamericanos: historia, sociedades y contactos**. Frankfurt: Peter Lang, 2003.
- DE MIGUEL, Elena. El Aspecto Léxico. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999. 2 v. p.2977-3060.
- DETGES, Ulrich. Time and Truth: The grammaticalization of resultatives and perfects within a theory of subjectification. **Studies in Language**. v. 24/2, p. 345-377, 2000.

- DETGES, Ulrich. Aspects and pragmatics. The passé composé in Old French and the Old Spanish perfecto compuesto. In: EKSELL, Kerstin; VINTHER, Thora (Org.). **Change in Verbal Systems. Issues on Explanation**. Frankfurt: Lang, S, 2006. p. 47-72.
- DION, Celine. Je sais pas. Jean-Jacques Goldman e Jill Kapler [Compositores]. In: DION, Celine. **D'eux**. Paris: Méga, 1995.
- DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- ELVIRA, Javier. **Lingüística histórica y cambio gramatical**. Madrid: Síntesis, 2015
- ESCOBAR, Ana María. Contrastive and innovative uses of the present perfect and the preterite in Spanish in contact Quechua. **Hispania**, n. 80, p. 859-870, 1997.
- FANJUL, Adrián Pablo. “Policentrismo” e “Pan-hispânico”: deslocamentos na vida política da língua espanhola. In: LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos. **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011.
- FARACO, Carlos Alberto. Apresentação de um clássico. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.
- FARNEDA, Eliete Sampaio. Perguntas e Respostas na Entrevista Radiofônica. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura Letra Magna**, São Paulo, v. 6, p.1-18, 2007. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/entrevistaradio.pdf>>. Acesso em 01 abr. 2015.
- FERRER, María Cristina; SANCHEZ LANZA, Carmen. **Discurso Coloquial: El verbo**. Rosario: Universidad Nacional de Rosario, 2000.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996.
- FIORIN, José Luiz. Tempo e Temporalização. In: CAGLIARI, Luiz Carlos. (Org.) **O tempo e a linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p.9-39.
- FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. Variedades conservadoras e inovadoras del español en américa durante el periodo colonial. **Revista de filología española**, v. 72, n. 3/4, p. 361-377, 1992.
- FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz (Coord.). **El español de la Argentina y sus variedades regionales**. 2 ed. Bahía Blanca: Asociación Bernardino Rivadavia, 2004.
- GALEANO, Eduardo. **El libro de los abrazos**. 12 ed. Buenos Aires: Catálogo, 2003.
- GARCÍA DE DIEGO, Vicente. **Gramática histórica española**. Madrid: Gredos, 1951.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. **El aspecto gramatical en la conjugación**. 2 ed. Madrid: Arco Libros, 2008.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. **El tiempo en la gramática**. Madrid: Arco Libros, 2013.
- GARCÍA NEGRONI, María Marta. La distinción pretérito perfecto simple/preterito perfecto compuesto. Un enfoque discursivo, **Revista iberoamericana de discurso y sociedad**, Barcelona, v. 1, n. 2, p. 45-60, 1999.
- GILI GAYA, Samuel. **Curso superior de sintaxis española**. 9 ed. Barcelona: Biblograf, 1970.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2001.1v.

- GODOI, Elena. **Aspectos do Aspecto**. 1992. 294f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.
- GONÇALVES, Sebastião C Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; CARVALHO, Cristina dos Santos. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião C Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. (Orgs). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola, 2007. p.15-66.
- GUTIÉRREZ ARAUS, María Luz. **Formas temporales del pasado de indicativo**. 2 ed. Madrid: Arco Libros, 1997
- GUTIÉRREZ ARAUS, María Luz. Caracterización de las funciones del pretérito perfecto en el español de América. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2º, 2001, Valladolid. **Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española**. Madrid: Centro Virtual Cervantes, 2001. Disponível em: <http://congresosdelengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/2_el_espanol_de_america/gutierrez_m.htm>. Acesso em: 17 mar. 2016.
- GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.
- HARRIS, Alice C.; CAMPBELL, Lyle. **Historical Syntax in Cross-Linguistic Perspective**, Cambridge, Cambridge University Press. 1995.
- HARRIS, Martin. The ‘past simple’ and the ‘present perfect’ in Romance. In: HARRIS, Martin; NIGEL, Vicent. (Org). **Studies in the Romance Verb**. Londres: Croom Helm, 1982. p. 42-70.
- HEINE, Bernd. **Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 1993.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D; JANDA, Richard D (eds.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601.
- HEINE, Bernd; ULRIKE, Claudi; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HERNÁNDEZ, José Esteban. Focus on speaker subjective involvement in Present Perfect grammaticalization: Evidence from two Spanish varieties. **Borealis: An International Journal of Hispanic Linguistics**, Tromsø, 2013, v. 2, n. 2. p. 261-284, 2013.
- HERNÁNDEZ ALONSO, César. **Gramática funcional del español**. 3 ed. Madrid: Gredos, 1996.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elisabeth Closs, HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1991. 1 v. p. 17-35.
- HOPPER, Paul J., TRAUGOTT, Elisabeth Closs. **Grammaticalization**. 2ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0**. São Paulo: Objetiva, 2000.

HOWE, Chad; RODRÍGUEZ LOURO, Celeste. Peripheral Envelopes: Spanish Perfects in the Variable Context. In: CARVALHO, Ana Maria; BEAUDRIE, Sara (Eds). **Selected Proceedings of the 6th Workshop on Spanish Sociolinguistics**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2013. p. 41-52.

HOWE, Chad; SCHWENTER, Scott A. Present Perfect for Preterite across Spanish Dialects. **Penn working papers in linguistics: Selected Papers from NWA V-31**. Pennsylvania, v.9.2, p.61-75, 2003.

HOWE, Chad; SCHWENTER, Scott A. Variable constraints on past reference in dialects of Spanish. In: WESTMORELAND, Maurice; THOMAS, Juan Antonio (Eds). **Selected Proceedings of the 4th Workshop on Spanish Sociolinguistics**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2008. p. 100-108.

HURTADO GONZÁLEZ, Silvia. El perfecto simple y el perfecto compuesto en el español actual: estado de la cuestión. **EPOS**, n.15, p.51-67, 1998.

ILARI, Rodolfo. Notas sobre o passado composto em português. **Revista Letras**. Curitiba, n. 55, p.129-152, 2001.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2007.

JARA YUPANQUI, Ileana Margarita. **The use of the preterite and the present perfect in the Spanish of Lima**. 2006. 237f. Tese. (Doutorado em Filosofia) - University of Pittsburgh, Pittsburgh, 2006.

JARA YUPANQUI, Ileana Margarita. El pretérito perfecto simple y el pretérito perfecto compuesto en las variedades del español peninsular y americano. **Signo e Seña**. Buenos Aires, n. 20, p.255-281, 2009.

JESÚS FERNÁNDEZ, Francisco. **Anglicismos en el español urbano de Salta**. In: TORRES TORRES, Antonio (Org). **Confines culturales y mestizaje: perspectiva histórico-geográfica**, 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/filhis/culturele/salta.html>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

KANY, Charles Emil. **Sintaxis hispanoamericana**. Trad. Martín Blanco Álvarez. Madrid: Gredos, 1970.

KEMPAS, Ilpo. Sobre las actitudes de estudiantes españoles hacia el uso del pretérito perfecto prehodiernal en comparación con las de estudiantes santiagueños (Argentina). **Neophilologische Mitteilungen**. v. 103, n. 4, p. 435-447, 2002.

KEMPAS, Ilpo. **Estudio sobre el uso del pretérito perfecto prehodiernal en el español peninsular y en comparación con la variedad del español argentino hablada en Santiago del Estero**. 2006. 335f. Tese. (Doutorado em Letras) - Universidade de Helsinki, Helsinki, 2006.

KEMPAS, Ilpo. “Me alegro de que por fin hayas visto a Rafa ayer”. Acerca del uso del pretérito perfecto en los contextos prehodiernales: El caso de Santiago del Estero, Argentina. **Trabajo y Sociedad**, Santiago del Estero, v. 12, n.13, p. 1-10, 2009

KOVACCI, Ofelia. **El comentario gramatical: teoría y práctica**. Madrid: Arco Libros, 1992. 2 v.

KUBARTH, Hugo. El uso del pretérito simple y compuesto en el español hablado de Buenos Aires. LUNA TRAILL, Elizabeth Guadalupe (Coord). **Scripta philologica: in honorem Juan M. Lope Blanch**. Ciudad de México, 1992. 2 v. p.553-566.

- KURYLOWICZ, Jerzy. The evolution of grammatical categories. **Diogenes**, 55, p. 55-71, 1978.
- LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**. Austin, n. 44, p. 6-22, 1978
- LABOV, William. **Principios del cambio lingüístico: factores internos**. Trad. Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 1996. 1 v.
- LABOV, William. **Principios del cambio lingüístico: factores sociales**. Trad. Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 2006. 2 v.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, William; WEINER, Judith. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistic**. Cambridge, v.19, p. 29-58, 1983.
- LAMIQUIZ IBAÑEZ, Vidal. El sistema verbal del español actual. **Revista de la Universidad de Madrid: Homenaje a Menéndez Pidal**. Madrid, v. 18, p.242-267, 1969.
- LANGACKER, Ronald W. Syntactic reanalysis. In: Charles N. Li (ed.): **Mechanims of Syntactic Change**. Austin and London: University of Texas Press. 1977. p. 57-139.
- LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**, Cambridge, v. 7, p. 171-182, 1978.
- LEDGEWAY, Adam. Grammaticalization from Latin to Romance. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernard. **The oxford handbook of grammaticalization**. New York: Oxford University Press. 2011. p. 717- 736.
- LEHMANN, Christian. **Thoughts on grammaticalization**. 2ed. Erfurt: Seminar für Sprachwissenschaft der Universität. 2002.
- LEHMANN, Christian. Gramática funcional. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA FUNCIONAL, 1, 2011, Três Lagoas. Funcionalismo: princípios, metas e métodos. Atas do I Simpósio Internacional de Linguística Funcional. Três Lagoas: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2011. p. 1-17. Disponível em: http://www.christianlehmann.eu/publ/gramatica_funcional.pdf. Acessado em 20 de maio de 2015.
- LENZ, Rodolfo. **La oración y sus partes**. Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1920.
- LICHTENBERK, Frantisek. On the Gradualness of Grammaticalization. In: TRAUOGOTT, Elisabeth Closs, HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. 1 v. p. 37-80.
- LIPSKI, John M. **El español de América**. 7 ed. Trad. Silvia Iglesias Recuero. Madrid: Cátedra, 2011.
- LOPE BLANCH, Juan Miguel. Sobre el uso del pretérito en el español de México. In: LOPE BLANCH, Juan Miguel. **Estudios sobre el español de México**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1983. p.131-159.
- LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 2015.
- MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Elisabeth (Org.). **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto. 2006. p.115-131.

- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARTÍNEZ GARCÍA, Hortensia. **Construcciones temporales**. Madrid: Arco Libros, 2003.
- MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique general**. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.
- MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MONTES GIRALDO, José Joaquín. **Dialectología general e hispanoamericana: orientación teórica, metodología y bibliografía**. 3 ed. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo. 1995.
- MORENO DE ALBA, José Guadalupe. **Valores de las formas verbales en el español de México**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1978.
- MORENO DE ALBA, José Guadalupe. **El español en América**. Ciudad de México: FCE, 2000.
- MORENO DE ALBA, José Guadalupe. Valores verbales de los tiempos pasados de indicativo y su evolución. In: COMPANY COMPANY, Concepción (coord.). **Sintaxis histórica de la lengua española. Primera parte: La frase verbal**. Ciudad de México: FCE/UNAM, 2006. v. 1. p 5-92.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Qué español enseñar**. Madrid: Arco Libros, 2000.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **La lengua española en su geografía: manual de dialectología hispánica**. 2 ed. Madrid: Arco Libros, 2014.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. 4 ed. Barcelona: Ariel, 2015.
- MORIMOTO, Yuko. **El aspecto léxico: delimitación**. Madrid: Arco libros, 1998.
- MÚGICA, Nora. Acerca de la tensión norma – variación lingüística. Sintaxis, morfología, léxico. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. v. 5, n. 9, 2007. Disponível em: < www.revel.inf.br/downloadFile.php?local=artigos&id=101&lang=pt>. Acesso em: 16 de nov. de 2016.
- NEBRIJA, Antonio de. **Gramática de la lengua castellana**. Edición de Antonio Quilis. Madrid: Editora Nacional, 1980.
- NEVALAINEN, Terttu; RAUMOLIN-BRUNBERG, Helena. **Historical sociolinguistics: language change in Tudor and Stuart England**. Abingdon: Routledge, 2014
- OLIVEIRA, Leandra Cristina de. **As duas formas do pretérito perfeito em espanhol: análise de corpus**. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- OLIVEIRA, Leandra Cristina de. **Estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto no espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes**. 2010. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PAIVA BOLÉO, Manuel de. **O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas: estudo de caráter sintático-estilístico**. Coimbra: Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1936.

PENNY, Ralph. **Variación y cambio en español**. Trad. Juan Sánchez Méndez. Madrid: Gredos, 2004.

PENNY, Ralph. **Gramática histórica del español**. Trad. José Ignacio Pérez Pacual e Maria Eugenia Pérez Pascual. Barcelona: Ariel, 2014.

PÉREZ COTTEN, Marcelo; TELLO, Nerio. **La entrevista radial**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

PÉREZ HERNÁNDEZ, María Chantal. Explotación de los corpórea textuales informatizados para la creación de bases de datos terminológicas basadas en el conocimiento. **Estudios de Lingüística del Español**. Barcelona, v. 18, p.1 –75, 2002. Disponível em: <<http://elies.rediris.es/elies18/>>. Acesso em 31 mar. 2016.

PFÄNDER, Stefan; PALACIOS, Azucena. Evidencialidad y validación en los pretéritos del español andino ecuatoriano. **Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación**, Madrid, v. 54, p.65-98, 2013.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. A língua como objeto da linguística. In: FIORIN, José Luiz. (Org). **Introdução à linguística: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002. 1 v. p.75-94.

PINHO, José Ricardo Dordron de. **Fenômenos dialectales del español**. Rio de Janeiro: GREI, 2005.

PIÑERO PIÑERO, Gracia. El uso del perfecto simple y compuesto en combinación con unidades de tiempo que incluyen el *ahora* de la enunciación en la norma culta de Las Palmas de Gran Canaria. **Lingüística española actual**, Madrid, v. 20, p.109-127, 1998.

PIÑERO PIÑERO, Gracia. **Perfecto simple y perfecto compuesto en la norma culta de las Palmas de Gran Canaria**. Madrid: Iberoamericana, 2000.

POISSON-QUINTON, Sylvie; MIMRAN, Reine; COADIC, Michèle Mahéo-Le. **Grammaire expliquee du français: niveau intermediaire**. Paris: CLE internacional, 2007.

PONTE, Andrea Silva. A variação linguística na sala de aula. In: BARROS, Cristiano Silva de; COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins (Org). **Espanhol: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 157-174. 16 v. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7836-2011-espanhol-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192. Acessado em 29 de março de 2016.

PORTO DAPENA, José Alvaro. **Tiempos y formas no personales del verbo**. Madrid: Arco Libros, 1989

PORTUGAL, Mario; YUDCHAK, Héctor. **Hacer radio: guía integral**. Buenos Aires: Galerna, 2008.

QUESADA PACHECO, Miguel Ángel. El sistema verbal del español de América: de la temporalidad a la espectralidad. **Español Actual**, Madrid, n. 75, p.5-26, 2001.

QUILIS, Antonio. **Principios de fonología y fonética españolas**. 11 ed. Madrid: Arco Libros, 2012.

RAE. **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1986.

- RAE. **Nueva gramática de la lengua española: Morfología y Sintaxis I**. Madrid: Espasa, 2009. 1 v.
- RAE. **Manual de la nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2010.
- RAE. **Nueva gramática de la lengua española: fonética y fonología**. Madrid: Espasa, 2011. 3 v.
- REICHENBACH, Hans. The tenses of verbs. In: STEVEN, Davis; GILLON, Brenda S. (Orgs.). **Semantics: a reader**. New York: Oxford University Press, 2004. p.526-533.
- RIEMER, Nick. **Introducing semantics**. New York: Cambridge University Press, 2010.
- RISSEL, Dorothy A. Diferencias entre el habla femenina y la masculina en español. **Thesaurus: Boletín del Intituto Caro y Cuervo**. v. 36. n. 2, 1981, p. 305-322
- RODRIGUES, Angélica Terezinha Carmo. **“Eu fui e fiz esta tese”: as construções do tipo foi fez no português do Brasil**. 2006. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- RODRÍGUEZ LOURO, Celeste. Usos del Presente Perfecto y el Pretérito en el español rioplatense argentino. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE ALFAL, 15, 2008, Montevideo. **Actas del XV Congreso Internacional de ALFAL**. Montevideo: Alfal, 2008. Disponível em: <http://alfal.easyplanners.info/programa/programaExtendido.php?casillero=612083000&sala_=Sala%20404&dia_=Jueves%2021%20de%20agosto#>. Acesso em: 13 de mar. 2016.
- RODRÍGUEZ LOURO, Celeste. **A sociolinguistic study of Preterit and Present Perfect usage in contemporary and earlier Argentina**. 2009. 288 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - School of Languages and Linguistics, Faculty of Arts , University of Melbourne. Melbourne, 2009.
- RODRÍGUEZ LOURO, Celeste. Past Time reference and Present Perfect in Argentinian Spanish. In: TREIS, Yvonne; DE BUSSER, Rik (Eds). **Selected Papers from 2009 Conference of the Australian Linguistic Society**. Melbourne: La Trobe University, 2010. p. 1-24. Disponível em: www.als.asn.au/proceedings/als2009/rodriguezlouro.pdf. Acesso em 10/11/2016.
- RODRÍGUEZ LOURO, Celeste; JARA YUPANKI, Margarita. Otra mirada a los procesos de gramaticalización del presente perfecto en español: Perú y Argentina. **Studies in hispanic and lusophone linguistics**. Minnesota, v. 4.1, p.55-80, 2011.
- RODRÍGUEZ MOLINA, Javier. **La gramaticalización de los tiempos compuestos en español antiguo: cinco cambios diacrónicos**. 2010. 2277 f. Tese (Doctorado en Filología Española) – Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2010.
- ROJAS MAYER, Elena Malvina. **Evolución histórica del español en Tucumán entre los siglos XVI y XIX**. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1985.
- ROJAS MAYER, Elena Malvina. La norma hispánica: prejuicios y actitudes de los argentinos en el siglo XX. . In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2º, 2001, Valladolid. **Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española**. Madrid: Centro Virtual Cervantes, 2001. Disponível em: <http://congresosdelalengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/1_la_norma_hispanica/rojas_e.htm>. Acesso em: 10 jan. 2017.

- ROJAS MAYER, Elena Malvina. El español en el Noroeste. In: FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. (Coord.). **El Español de la Argentina y sus variedades regionales**. 2. ed. Bahía Blanca: Asociación Bernardino Rivadavia, 2004. P.161-187.
- ROJO, Guillermo. La temporalidad verbal en español. **Verba: Anuário Gallego de Filología**, Santiago de Compostela, v. 1, p.69-149, 1974.
- ROJO, Guillermo. Temporalidad y aspecto en el verbo español. **LEA Lingüística española actual**, Madrid, n.10/2, p.195-216, 1988.
- ROJO, Guilhermo. Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español. In: BOSQUE, Ignacio (Org.). **Tiempo y aspecto en español**. Madrid: Cátedra, 1990. p.17-43.
- ROJO, Guillermo; VEIGA, Alexandre. El tiempo verbal: los tiempos simples. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999. 2 v. p.2867-2934.
- ROMANI, Patrizia. Tiempos de formación romance I. Los tiempos compuestos. In: COMPANY COMPANY, Concepción (coord.). **Sintaxis histórica de la lengua española. Primera parte: La frase verbal**. Ciudad de México: FCE/UNAM, 2006. v. 1. p 5-92.
- SANCHEZ, Aquilino (Org.). **CUMBRE – Corpus Lingüístico del Español Contemporáneo – Fundamentos, Metodología, y Aplicaciones**. Madrid: SGEL, 1995.
- SANKOFF, David. Sociolinguistic method and linguistic theory. In: COHEN, J.J. et al (eds.) **Logic, Methodology and Philosophy of Science**. Amsterdam: North-Holland, p. 677-689, 1982.
- SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. In: NEWMeyer, Frederick. **Linguistics: The Cambridge survey**. Cambridge: Cambridge University, 1988.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A; SMITH, Eric. **Goldvarb Yosemite: a variable rule application for Macintosh**. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto. 2015.
- SANTOS, Abílio de Jesus dos. O tempo e o aspecto verbal no indicativo em português, **Littera**, São Luis, n.10, p.55-74, 1974.
- SANTOS, Cíntia Ferreira dos. **Variação e mudança linguística dos pretéritos simples e composto, uma perspectiva sociolinguística e discursiva: amostras de Madrid, Cidade do México e Buenos Aires**. 2009. 259 f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. 27 ed. Trad. Antonio Chelini, Jose Paulo Paes e Izidro Bliktein. São Paulo: Cutrix, 2006.
- SCHWENTER, Scott A. The grammaticalization of an anterior progress: evidence from a Peninsular Spanish dialect. **Studies in Language**. v.18. p. 71-111. 1994.
- SCHWENTER, Scott A., CACOULLOS, Rena Torres. Defaults and indeterminacy in temporal grammaticalization: The ‘perfect’ road to perfective. **Language variation and Change**, v 20, p. 1-39, 2008.
- SERRANO, María José. Del pretérito indefinido al pretérito perfecto: un caso de cambio y gramaticalización en el español de Canarias y Madrid. **Lingüística Española Actual**, Madrid, v.16, p. 37-57, 1994.

- SERRANO, María José. Sobre el uso del pretérito perfecto y pretérito indefinido en el español de Canarias: pragmática y variación. **Boletín de Filología de la Universidad de Chile**, Santiago de Chile, v. 35, p. 533-566, 1995.
- SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.
- SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Análise de Gênero Textual: Conceção Sócio-Retórica**. Maceió: EDUFAL, 2005.
- SOSA, Mercedes. Mi unicornio azul. Silvio Rodríguez [Compositor]. In Mercedes Sosa. **Mercedes Sosa: 30 años**, S.I., Universal, 2004.
- SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Outline of Relevance Theory. **LinksLetters**, n. 1, p. 35-56, 1994.
- SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevance: Communication and Cognition**. 2 Ed. Oxford: Blackwell, 1995.
- SQUARTINI, Mario; BERTINETTO, Pier Marco. The simple and compound past in Romance Languages. In: DAHL, Östen. **Tense and aspect in the languages of Europe**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 403-439.
- TAGLIAMONTE, SALI A. **Analysing sociolinguistic variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.
- TAGLIAMONTE, SALI A. **Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012.
- TERLERA DE NANNI, Irene; et al. **El verbo y el adverbio: su uso en Tucumán**. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1981.
- THÉORET, Michel; MAREUIL, André. **Grammaire du français actuel: pour les niveaux collégial et universitaire**. Anjou: Les éditions CEC, 1991.
- TORREGO, Leonardo Gómez. **Gramática didáctica del español**. 8 ed. Madrid: SM, 2002.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- TRAVAGLIA, Luis Carlos. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 4 ed. Uberlândia: ADUFU, 2006.
- VENDLER, Zano. **Linguistics in philosophy**. Nova York: Cornell University Press, 1967.
- VERKUL, Henk J. **On the compositional nature of the aspects**. Dordrecht: Reidel, 1972.
- VET, Co. The descriptive inadequacy of Reichenbach's tense system: A new proposal. In: SAUSSURE, Loius; MOESCHLER, Jacques; PUSKAS, Genoveva. **Tense, mood and aspect: theoretical and descriptive issues**. New York: Rodopi, 2007. p.7-26.
- VIDAL DE BATTINI, Berta Elena. **El español de la Argentina: Estudio destinado a los maestros de las escuelas primarias**. Buenos Aires: Consejo Nacional de Educación, 1964.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.